

# ATLAS ETNOLINGUÍSTICO DO ACRE – ALAC

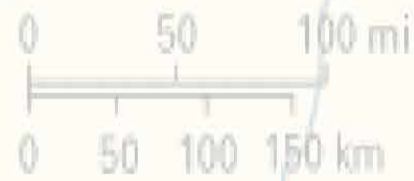
## FRONTEIRAS LÉXICAS



Luísa Galvão Lessa Karlberg



Eudafac



Edufac 2018

Direitos exclusivos para esta edição:

Editores da Universidade Federal do Acre (Edufac),

Campus Rio Branco, BR 364, Km 4,

Distrito Industrial — Rio Branco-AC, CEP 69920-900

68. 3901 2568 — e-mail [edufac.ufac@gmail.com](mailto:edufac.ufac@gmail.com)

Editores Afiliados: Feito Depósito Legal

# **ATLAS ETNOLINGUÍSTICO DO ACRE – ALAC**

## **FRONTEIRAS LÉXICAS**

Luísa Galvão Lessa Karlberg

1ª Edição

2018



**ATLAS ETNOLINGUÍSTICO DO ACRE – ALAC  
FRONTEIRAS LÉXICAS**

ISBN: 978-85-98499-96-3

Copyright © Edufac 2018, Luísa Galvão Lessa Karlberg

Editora da Universidade Federal do Acre - Edufac

Rod. BR 364, Km 04 • Distrito Industrial

69920-900 • Rio Branco • Acre

**Diretor**

José Ivan da Silva Ramos

**CONSELHO EDITORIAL**

Carromberth Carioca Fernandes, Délcio Dias Marques, Esperidião Fecury Pinheiro de Lima, Humberto Sanches Chocair, José Ivan da Silva Ramos (Pres.), José Porfiro da Silva (V. Pres.), José Sávio da Costa Maia, Leandra Bordignon, Lucas Araújo Carvalho, Manoel Limeira de Lima Júnior Almeida, Maria Aldecy Rodrigues de Lima, Rafael Marques Gonçalves, Rodrigo Medeiros de Souza, Rozilaine Redi Lago, Selmo Azevedo Apontes, Sérgio Roberto Gomes de Souza, Silvane da Cruz Chaves, Simone de Souza Lima.

**Secretária Geral**

Ormifran Pessoa Cavalcante

**Editora de Publicações**

Jocília Oliveira da Silva

**Revisão de Texto**

Luísa Galvão Lessa Karlberg

**Design Editorial**

Edil Gomes (edil2003@bol.com.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

K185a Karlberg, Luísa Galvão Lessa  
Atlas etnolinguístico do Acre – ALAC: fronteiras léxicas / Luísa Galvão Lessa Karlberg. – Rio Branco: Edufac, 2018.  
623 p.: il. col.  
Inclui bibliografia.  
ISBN: 978-85-98499-96-3

1. Linguagem. 2. Língua e linguagem. 3. Atlas linguístico – Acre.  
4. Geografia linguística – Acre. I. Título.

CDD 22. ed. 410

A vida experimenta através da Cultura uma configuração humana. A Cultura se origina onde e na medida em que o meio ambiente natural é dominado pelo ser humano, submetido por sua determinação criadora e, assim, transformado por ele. Cultivar significa enobrecer, aperfeiçoar, diferenciar, organizar, cuidar. Os anseios e aptidões naturais do ser humano trazem em si a essência de suas aspirações pelo que é superior e por um significado.]

**Hermann Mathias Görger**

A compreensão do homem - não sei se do homem atual ou antes do homem simplesmente - deve começar pela compreensão da linguagem, pois o humano começa precisamente pela linguagem.

**Eugenio Coseriu**

A magia da linguagem é o mais perigoso dos encantos.

**Edward Bulwer-Lytton**<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>Edward George Bulwer-Lytton (Londres, 25 de maio de 1803 — Torquay, 18 de janeiro de 1873) foi um escritor, romancista, poeta, dramaturgo e político inglês. Ele era imensamente popular entre os leitores e escreveu uma série de Best-Sellers que lhe renderam uma fortuna considerável. Também foi rosa-cruz. Ele está enterrado na Abadia de Westminster.

# AGRADECIMENTOS

- À comunidade do Vale do Acre, Vale do Juruá e Vale do Purus, por possibilitar as entrevistas que resultam neste Atlas Etnolinguístico;
- À Universidade Federal do Acre, Campus Floresta, Centro de Letras e Artes - CEL, pelo apoio e acolhida acadêmica, nesta última década, sempre permeada de afeto;
- Ao Professor Doutor Celso Ferreira da Cunha (*in memoriam*), pelo incentivo inicial da construção desse atlas regional;
- À Professora Doutora Cilene da Cunha Pereira, por incentivar e orientar, sempre, esta caminhada nas trilhas dialetais;
- Ao CNPq/FAPAC, pela concessão da bolsa DCR, 2015-2018;
- Às inquiridoras Márcia Verônica Ramos de Macêdo e Meirylene Ramos de Macedo, pela grandiosa colaboração;
- Aos bolsistas PIBIC que estiveram conosco entre os anos de 1991-2003;
- Às filhas, Silvana Maria Lessa e Anny Rose Lessa, pelo sentimento de amor maior;
- Aos netos, Stefano Lessa de Mattos e Iago Lessa de Mattos, pela ternura de sempre;
- Aos colegas professores do Campus Floresta, em Cruzeiro do Sul, pelo diálogo acadêmico e amigo;
- Aos estudiosos da Dialectologia Social, por fornecerem bases teóricas sólidas, por meio de suas experiências com atlas regionais, à confecção desse estudo na região do Acre;
- Aos Professores Doutores Antonio Martins de Araújo e Manoel Pinto Ribeiro, por acolherem, com louvor, na REVISTA ABRAFIL, os artigos decorrentes desta pesquisa dialetal, no decorrer dos anos;
- Aos confrades e confreriras da Academia Acreana de Letras - AAL, pela confiança nesta atividade de pesquisadora e estudiosa da linguagem;
- À comunidade do Acre, pelo respeito aos estudos empreendidos sobre a linguagem regional;
- Aos dialectólogos brasileiros, que percorrem as trilhas da unidade e da variedade linguística num país continental e com tanta diversidade cultural.

# SINOPSE

Estudo dialectológico no Estado do Acre e constituição do primeiro atlas linguístico da região, com 220 Cartas Léxicas a apontar fronteiras léxicas nas três Áreas de Pesquisa que recobrem o Acre, em nove Zonas e dezoito Pontos de Inquérito, propiciando a descrição da variável diatópica nas localidades pesquisadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dialectologia Social. Geolinguística. Linguagem



# SUMÁRIO

1- APRESENTAÇÃO.....	10
2- MATERIAS E MÉTODOS .....	16
3 - ESTADO DO ACRE .....	21
4 - DIALECTOLOGIA SOCIAL .....	24
4.1- Nascimento da ciência .....	24
4.2 - Fases da Dialectologia no Brasil .....	26
4.3 - Dialectologia no Estado do Acre .....	28
5 - QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO LEXICAL (QSL) .....	30
6 - REDE DE PESQUISA DO ALAC .....	60
7 - PERFIL DOS INFORMANTES .....	62
8 - CORPUS DA PESQUISA .....	63
9 - DELIMITAÇÃO DOS CAMPUS SEMÂNTICOS .....	66
10 - REGISTRO DOS INQUÉRITOS .....	68
11 - DIMENSÃO DO CORPUS ALAC .....	69
11.1 - Da rede de pontos de pesquisa .....	69
12 - QUESTIONÁRIOS - ESPECÍFICO (QFF) E QUESTIONÁRIO GERAL (QSL) – E OS PROGRAMAS COMPUTACIONAIS .....	71
13 - DESCRIÇÃO DAS ÁREAS, ZONAS DE PESQUISA E RESPECTIVOS PONTOS DE INQUÉRITO .....	72
14 - COLETA E TRANSCRIÇÃO DOS DADOS .....	73
15 - IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DE NATUREZA LEXICAL .....	75
16 - CARTAS LÉXICAS .....	79
17 - ATLAS ETNOLINGUÍSTICO DO ACRE – ALAC .....	80
18 - ALAC - ANÁLISE LINGUÍSTICA DAS CARTAS LÉXICAS .....	300
19 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	520
20 - REFERÊNCIAS .....	523
21 - ANEXOS .....	530
21.1- Questionários .....	530
21.2 - Questionário Semântico Lexical (QSL) .....	530
21.3 - Questionário Fonético/Fonológico (QFF) .....	535
21.4 - Tabela para confecção de cartas lexicais do ALAC .....	565
21.5 - Modelo de inquérito na região do Vale do Acre.....	579
21.6 - Sobre a Autora .....	622

# 1 - APRESENTAÇÃO

Este Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC<sup>1</sup> é fruto de um sonho acalentado no Curso de Doutorado, na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, precisamente no ano de 1988, a partir das idéias do Prof. Dr. Celso Ferreira da Cunha. Ganhou estímulo e vitalidade com o auxílio da Prof.<sup>a</sup> Dra. Cilene da Cunha Pereira, orientadora da Tese de Doutorado “Glossário do Vale do Acre: látex e agricultura de subsistência”, em quatro volumes, no ano de 1991. Dali em diante a tarefa de elaboração do Atlas Etnolinguístico do Acre passou a ser uma proposta real.

E a idéia ganhou corpo quando, em visita de pesquisa ao Acre, naquele ano de 1991, tempo em que cursava o Doutorado, a autora, considerando a riqueza de dados coletados na pesquisa em campo, para confecção da Tese, sobre a oralidade acreana, e com os encantos da Dialectologia Social, criou, na Universidade Federal do Acre, UFAC, o “Centro de Estudos Dialectológicos do Acre – CEDAC”. Nesta visita ministrou um curso sobre a Dialectologia Social, com duração de doze dias, no sentido de despertar nos estudantes e professores do Curso de Letras, *Campus* Rio Branco, o interesse pela Dialectologia Social.

Nascia, naquele ano de 1991, um projeto desafiador, que recebeu o apoio do CNPq<sup>2</sup>, com as primeiras cotas de bolsas IC<sup>3</sup> e AP<sup>4</sup>, via balcão, que recebeu, pela primeira vez, a Universidade Federal do Acre – UFAC. Desse curso foram selecionados três bolsistas de Iniciação Científica e dois de Aperfeiçoamento. Essa iniciativa ganhou o apoio do então Reitor Professor Sansão Ribeiro de Sousa, que disponibilizou sala e computador para que se pudesse armazenar o grande banco de dados colhido para a Tese de Doutorado. Esse acervo comportava: 72 horas de gravação com a fala urbana culta de Rio Branco; 1.175 horas com o falar regional rural; 12 horas com a língua indígena kaxinawá; 12 horas com a língua arara do Riozinho Cruzeiro do Vale.

No decorrer dos anos, 1993-2015, o banco de dados foi consideravelmente ampliado, alcançando 4.025 horas de gravações, seguindo uma Rede de Pontos de Pesquisa traçada pelo modelo de questionário elaborado por Maria do Socorro Aragão, para a confecção do Atlas Linguístico da Paraíba. Também foi fundamental entender como se construíram os atlas linguísticos já existentes no Brasil, incluindo a proposta do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. Nela Cardoso (2009) mostrava alguns estudos anteriores ao então ALiB que, de

---

<sup>1</sup>Atlas Linguístico é um conjunto de mapas onde se registram traços fonéticos, lexicais e/ou morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico. Aqui, os traços evidenciados são os lexicais, no espaço geográfico do Estado do Acre. A construção de um atlas linguístico exige muitas outras providências, obviamente, mesmo pensando em um atlas de pequeno domínio, com apenas um entrevistador. O pesquisador não passará à coleta de dados sem munir-se, previamente, das ferramentas de pesquisa que possibilitem o máximo de aproveitamento dos dados, coletados nas localidades e estudos sobre a região, em especialmente, no processo de realização das entrevistas simples e de elite, para compilar dados fidedignos e alcançar análises competentes.

<sup>2</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

<sup>3</sup> Bolsas de Iniciação Científica.

<sup>4</sup> Bolsas de Aperfeiçoamento.

alguma forma, estavam ligados aos ramos de pesquisa referentes aos estudos da Dialetoлогия e da Geografia Linguística ou Geolinguística<sup>5</sup>.

Foi com Suzana Alice Cardoso que nasceu o ALiB. E, na esteira dele, vieram muitos outros atlas regionais, com traços análogos e estilos individuais. Observa-se, então, nesse cenário, não haver um padrão uniforme de construção de atlas linguístico, porquanto cada pesquisador tem um modo singular de produção. Mas, de modo geral, cada atlas carrega, consigo, um pedaço do falar brasileiro e, portanto, um pouco da alma da população do país, na linguagem, nos costumes, tradições e cultura.

A importância dos atlas linguísticos para o estudo da variação linguística é grande, pois podem ser utilizados pelo público especializado da Linguística e de áreas afins. Podem auxiliar os dialetólogos na definição de áreas dialetais ou de falares; oferecer subsídios para os pedagogos aprimorarem seus materiais didáticos, levando em consideração as diversas realidades linguísticas de uma comunidade. Podem, também, auxiliar os lexicógrafos na produção de dicionários, principalmente no acréscimo ou na validação de algum termo de uso regional.

E, na elaboração de um atlas linguístico, não se pode deixar de mencionar o caráter didático que eles possuem, fazendo com que usuários não especializados os leiam por curiosidade ou deleite. Atualmente, existem atlas dos mais variados tipos, relativos à extensão territorial – de pequenas cidades a atlas continentais e de família de línguas. Há, ainda, atlas que contemplam, apenas, um aspecto da linguagem, como o fonético ou o lexical. Por outra parte, há aqueles que congregam muitos níveis, como o fonético, lexical, morfossintático, dentre outros. Há, também, atlas impressos e eletrônicos, como em formato de e-book.

No Acre, muito auxiliou na solidificação de uma mentalidade dialetológica, na Universidade Federal do Acre, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cilene da Cunha Pereira. Ela visitou a região, no ano de 2001, ministrou consultoria para auxiliar na elaboração de Questionários, tanto o Fonético/Fonológico (QFF) quanto o Semântico/Lexical (QSL). E, naquela ocasião, elaborou-se o Questionário palavra e coisa ou Fonético-Fonológico (QFF), que se denominou de Questionário Específico, contendo 1.265 perguntas, distribuídas em três grandes campos Semânticos (Natureza, Homem, Trabalho); e o Questionário Semântico-lexical que se denominou de Questionário Geral (QSL), com 1.265 perguntas, que resultou, inicialmente, em 1.730 horas de gravação. Os dois questionários, anos mais tarde, um pouco modificados, quando aplicados, totalizariam 3.755 horas de gravação.

Nesta década atual a pesquisa foi ampliada e alcançou 4.025 horas. No entanto, nesta etapa de agora, trabalhou-se, somente, com 1.872 horas, o que corresponde 1.205 inquéritos. Dados suficientes para responder as metas do projeto e apresentar resultados significativos

---

<sup>5</sup> Geolinguística, segundo Coseriu (1987, p. 79), “designa exclusivamente um método dialetológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária, numa rede de pontos de um determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados”.

no que diz respeito às fronteiras lexicais no Estado do Acre, nas 220 Cartas Léxicas que se apresentam neste Volume do Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC.

O desafio maior e delongado foi à transcrição desses dados. Para a definição de uma metodologia de transcrição, o Projeto ALAC contou com os conhecimentos das professoras Cilene da Cunha Pereira<sup>6</sup> e Miriam Terezinha da Matta Machado<sup>7</sup>. Com o auxílio dessas renomadas profissionais, foram definidos os critérios de transcrição dos inquéritos, para elaboração de Cartas Léxicas e Fonéticas.

Essa metodologia elaborada para o ALAC foi apresentada no Congresso, em Salvador, no ano de 1991, por ocasião da Carta de Salvador (intenção de elaborar o Atlas Linguístico do Brasil), onde, no evento, se encontravam presentes vários dialetólogos renomados; Suzana Alice Cardoso (propôs “A Carta de Salvador”, para elaboração do Projeto ALiB); Vanderci de Andrade Aguilera (Atlas Linguístico do Paraná); Socorro Aragão (Atlas Linguístico da Paraíba); Walter Kock (Atlas Linguístico da região Sul do Brasil); Mário Roberto Lobuglio Zágari (Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais); Michel Contini (Directeur de l’Atlas Linguistique Roman); Sílvia Brandão (Geografia Linguística); Carlota Ferreira e Jacira Mota (Atlas Linguístico de Sergipe).

Nesta altura, a concepção do Atlas Etnolinguístico do Acre foi brindada com elogio e entendida como uma desafiadora tarefa, considerando as dificuldades de uma região tão inóspita quanto a Amazônia. Estavam presentes outros importantes pesquisadores, de várias universidades brasileiras, todos envolvidos em projetos iniciais sobre falares regionais. Um evento grandioso por importância e conteúdos ali discutidos. Anos mais tarde surgem relevantes estudos e atlas motivados por esse promissor encontro.

De regresso ao Acre, após o término do Curso de Doutorado, mais um desafio, realizar a coleta complementar de dados, acervo que se somaria aqueles então colhidos para a Tese. Também instigante a tarefa de recrutar bolsistas, motivar professores e angariar meios financeiros para a árdua tarefa, que não poderia ser solitária. As dificuldades logo se avizinharam: não havia dinheiro e também não se encontravam profissionais dispostos a enfrentar às dificuldades inerentes de uma pesquisa dialetal, ainda mais na Amazônia. Quem entrava na pesquisa logo desistia pelo tamanho dos problemas e do volume de trabalho.

Uma pesquisa dialetal, da natureza desta, por mais bem planejada que seja, apresenta, sempre, na sua realização, inúmeras surpresas decorrentes da riqueza do relato de vida de cada informante. Essas surpresas, especialmente no campo lexical, no que se refere às denominações do universo vivencial das pessoas, longe de invalidarem o projeto inicial, enriquecem-no com as novas visões e perspectivas de leitura das experiências de vida contadas. A surpresa maior desta

---

<sup>6</sup> Integrante do Projeto Atlas Linguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro e docente do Curso de Doutorado na UFRJ, área de Letras Vernáculas. Essa professora herdou do pai, Celso Ferreira da Cunha, o gosto pelo estudo da linguagem brasileira.

<sup>7</sup> Docente com larga formação em fonética experimental pela Sorbonne, Paris, e Presidente da Sociedade Brasileira de Fonética. Pertence a várias associações científicas, entre elas, a International Phonetic Association, (IPA), a Société Linguistique de Paris, e a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN).

pesquisa, a título de ilustração, foi observar, no seu *corpus*, numerosos traços conservadores da língua portuguesa da primeira metade do século XVI, como as formas “entonces”; “u’a”; “siñora”; “cousa”; dentre outros usos. Esse conservantismo, detectado no português popular acreano, corrobora com o que diz Fernão de Oliveira<sup>8</sup>, na sua gramática de 1536, ao dividir as lições em:

- nossas - alheias - comuns;
- apartadas - juntas;
- velhas - novas - usadas;
- próprias - mudadas;
- primeiras - tiradas.

No respeitante às *lições velhas*<sup>9</sup>, é possível verificar que, frequentemente, palavras velhas da língua comum sobrevivem nos dialetos ou falares regionais. O fenômeno foi verificado já por Oliveira (1536, p.22, *in* Maria Leonor Carvalhão Buescu, 1975)<sup>10</sup>, que assim o descreve: “E não desconfiemos da nossa língua porque os homês fazem a língua e não a língoa os *homês*”.

Retomando a história da pesquisa dialetal no Acre, diz-se que foi despendido grande esforço para se conseguir algumas cotas de bolsa de Iniciação científica e de Aperfeiçoamento, junto ao CNPq. Mediante a possibilidade da formação de uma equipe de cinco bolsistas, passou-se à coleta complementar e à transcrição dos dados coletados em campo. Uma tarefa lenta, porque quando um bolsista estava treinado já devia se ausentar do projeto pela conclusão da graduação. Entravam novos bolsistas, começava-se novo treinamento. Isso tudo atrasava as tarefas que se tinham pela frente. Ademais, havia um grupo de pessoas no Departamento de Letras que fazia oposição ao trabalho, dificultava todas as ações. Houve até invasão na sala do ALAC, furto de material e ameaças de morte. Algo delicado, difícil, quando foi preciso solicitar auxílio da Polícia Federal.

Em meio aos desafios, a tarefa continuou, a pesquisa avançou bastante, o *corpus* foi transcrito, glossários elaborados, muitos trabalhos confeccionados. Todavia, não se conseguiu recursos para publicação. Assim, no ano de 2001, ausente da UFAC para cursar Pós-Doutorado, no Canadá, a pesquisa ficou parada. No regresso, em 2003, quando contava com 123 títulos para publicação, ocorreu a Reforma da Previdência, que propunha perdas salariais aos trabalhadores brasileiros. Como já contava a autora com o tempo de serviço exigido, não houve outra saída exceto à aposentadoria.

Naquela ocasião, deixou-se todo o acervo, banco de dados magnetofônicos e produção científica na sala do CEDAC, sob a responsabilidade do Departamento de Letras. Este, numa

<sup>8</sup> Fernão de Oliveira. In Infopédia. Porto: Porto Editora: 2003-2012. [http://www.infopedia.pt/\\$fernao-de-oliveira](http://www.infopedia.pt/$fernao-de-oliveira).

<sup>9</sup> As *dições velhas* são as que foram usadas, mas agora são esquecidas.

<sup>10</sup> OLIVEIRA, Fernão de. A Gramática da Linguagem Portuguesa Introdução, leitura atualizada e notas de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1975.

ação política, logo nomeou uma nova Coordenadora para um projeto alheio. E esta coordenadora, por sua vez, proibiu esta autora de ter acesso à sala do CEDAC, por considerá-la inimiga. Passaram-se anos sem se poder trabalhar com os dados da pesquisa ALAC.

Entende-se, em casos assim, ser urgente recuperar a dignidade dos professores e pesquisadores, tarefa-desafio para os governantes, porque para os profissionais de Letras e outras áreas científicas, isso significa, também, recuperar a capacidade de pensar e amar, de atuar criticamente na sociedade e nas escolas. Urge resgatar os múltiplos valores, entre os quais o da língua nacional, porque, como afirma o escritor mexicano Carlos Fuentes (1978, p.71), ela “é à base da cultura, a porta da experiência, o teto da imaginação, o porão da memória, o quarto do amor e, acima de tudo, a janela aberta para o ar da dúvida, incerteza e questionamento.” Professor é isso tudo, e muito mais. É profissional que instiga e, ao instigar, constrói junto o mundo e, aprendendo a vida, sobre o tempo, cujas lições perduram no decorrer dos ciclos da vida cotidiana e futura do alunado.

O tempo ordena todas as coisas. E o valor delas não está na estação de dificuldades, mas na intensidade como acontecem as dádivas alcançadas. Em toda esta labuta houve momentos inesquecíveis e pessoas incomparáveis. Aconteceu, que no de 2011, com o auxílio da CAPES, na qualidade de Professora Nacional Sênior CAPES, o Diretor de Pós-Graduação da UFAC, Prof. Dr. Adailton de Sousa Galvão, por meio de uma ação administrativa, em nome do Programa CAPES, conseguiu resgatar parte do acervo, porque alguns dados importantes não foram recuperados. Felizmente, o tempo de trevas de uma longa noite escura chegou ao final. Com o raiar do sol sobreveio esperança de resultados relevantes aos estudos dialetais acreanos.

Sabe-se que nada é eterno e, nesta década, como Pesquisadora Sênior, CAPES e, mais tarde, Pesquisadora CNPq/FAPAC – DCR, parte do banco de dados foi recuperado, a pesquisa avançou, mas, agora, de modo solitário. Fizeram-se novas coletas, porquanto muito foi perdido. Foi necessário acrescentar dados colhidos junto a informantes de nível médio e universitário, no Vale do Juruá, Acre e Purus. Esses dados foram transcritos e digitalizados, ocasião em que se elaboraram tabelas e gráficos sobre variação diatópica, diastrática e diafásica. Trabalhou-se na busca de identificar fronteiras dialetais, tanto léxicas quanto fonéticas. Contudo, considerando o volume de trabalho, essas últimas farão parte de um segundo volume, num momento posterior.

Importante dizer que em meio ao pesadelo dos anos sem acesso aos dados, antes desse tempo, houve pessoas extraordinárias, dignas de menção, tais como as professoras: Dinah de Araújo Rodrigues, Raimunda Coelho de Carvalho, Edinir Jardim Rodrigues, Glória Benício da Silva Dias e o professor Luciano Peres Levy, que sempre estiveram abertos ao diálogo e a auxiliar com quotas de bolsa CNPq. Essa ajuda foi fundamental à transcrição e catalogação de parte significativa dos dados coligidos entre os anos de 1991-2003.

É importante mencionar os trabalhos de mestrado com o material do ALAC das professoras Márcia Verônica Ramos de Macêdo, Jane de Castro Nogueira, Edinir Jardim Rodrigues, bem como monografias de estudantes da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nível *Lato Sensu*, Campus Floresta, em Cruzeiro do Sul, Acre. Estudos importantes para se conhecer melhor a

realidade linguística do Estado do Acre.

Decorridos alguns anos, depois de aguerrida luta, gastando força, energia, recursos financeiros próprios, retoma-se a tarefa do Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC. Isso ocorreu exatamente no ano de 2015, agora com uma bolsa DCR do CNPq, para a elaboração deste primeiro volume, na certeza de haver removido – em figuração drummondiana – muitas pedras do caminho, vista a ocorrência de muitos entraves *sui generis*, superados pela consciência de que o mal não persiste *ad eternum*. *Ab auditione mala non timebit*. (A pessoa honrada não teme murmúrios).

## 2 - MATERIAIS E MÉTODOS

O banco de dados foi coletado seguindo a vitalidade do método cartográfico de Gilliéron<sup>11</sup>, ao entender que “o segredo da língua está encerrado no falar”. Utilizou-se, na recolha, dois modelos de questionários: um Geral (QSL) e outro Específico (QFF). O primeiro, voltado para o ser humano e o meio físico social, história de vida, com 1.265 perguntas; o segundo, constituído por 1.235 perguntas, englobando três grandes Campos Semânticos: A - NATUREZA - com duzentas e oitenta perguntas; B – HOMEM - com duzentas e cinquenta e oito perguntas; C – TRABALHO – com duzentas e noventa e sete perguntas.

Para a recolha dos dados, o Estado do Acre foi dividido em três Áreas, 9 Zonas de Pesquisa e 18 Pontos de Inquérito. Em cada Ponto, na primeira fase, tomaram-se 6 informantes, em três faixas etárias, sexo masculino e feminino, analfabetos, totalizando 1.225 horas de gravação. Anos mais tarde, esse *corpus* foi bastante ampliado, aplicado a informantes alfabetizados, nível médio e superior, no intuito de se alcançar os variados níveis de escolaridade e neles olhar a linguagem, nos aspectos léxicos, fonéticos, semânticos e morfossintáticos. Para tanto, voltou-se a utilizar o Questionário Fonético Fonológico (QFF), bem como o Questionário Semântico Lexical (QSL) e a pesquisa alcançou 4.025 horas de gravação.

Para o desenvolvimento da pesquisa, de modo geral, foram observados os pressupostos teórico-metodológicos da Geografia Linguística ou Geolinguística e da Sociolinguística Variacionista. Ressalte-se, todavia, como afirmam Ferreira e Cardoso (1994), a Geografia Linguística ou Geolinguística é um método utilizado pela Dialectologia e não é uma ciência. E esse método é ajustado aos meios que dispõe o pesquisador no desenvolvimento de tão importante empreitada, segundo as especificidades da região estudada, bem como os recursos tecnológicos que dispõe para cruzamento e análise dos dados. São muitas informações e variáveis que não comportam serem mensuradas manualmente. É importante o uso de softwares capazes de atender as especificidades dos fenômenos linguísticos.

Os mapas do ALAC, muito embora sigam modelos brasileiros, também se assemelham aos estudos do Atlas Linguístico da Península Ibérica – ALPI<sup>12</sup>, tais como aqueles de Cartas Léxicas, em Portugal. Esses mapas recobrem uma rede de localidade – aqui são três Áreas, nove Zonas de Pesquisa e 18 Pontos de Inquérito – onde se fazem incursões léxicas, no caso de «sentidos» ou «significados», representados por um grande número de vocábulos. Nesse fazer, considerando a grandeza dos dados, não é impossível que se deixe escapar, entre as suas malhas, alguns itens vocabulares que certamente irão figurar numa próxima etapa.

<sup>11</sup> Jules Gilliéron, autor do Atlas Linguístico da França. Ele consolidou a ciência Dialectologia como nova linha de investigação e solidificou o estudo da variação, no caso, tomando como contexto um espaço geográfico e buscando elucidar a relação entre língua e meio social.

<sup>12</sup> Atlas Linguístico de la Península Ibérica (ALPI) es un proyecto de Atlas lingüístico concebido en 1914 por Ramón Menéndez Pidal.



De todo modo, por meio dos dados aqui apresentados, será possível traçar um perfil geossociolinguístico do falar acreano, podendo, posteriormente, por meio de livros-textos, como foram elaborados um número de cinco, em duas coletâneas, fornecer dados reais aos professores de educação básica e superior, no intuito de que eles possam desenvolver pesquisas e trabalhar, em sala de aula, com os alunos, a ocorrência da variação linguística, estimulando, assim, o interesse pela pesquisa de caráter dialetológico, bem como compreender que as palavras podem mudar de uma localidade para outra, conservando o mesmo significado.

Para se elaborar um atlas linguístico<sup>13</sup> é necessário gerenciar diversos fatores e estabelecer parâmetros para variáveis intra e extralinguísticas. A variável inicial com que um autor de atlas deve trabalhar é a geográfica, ainda que o objetivo do atlas seja estudar uma dada comunidade de fala, em vez de estabelecer uma região geográfica *a priori*, porque um atlas linguístico constitui-se, essencialmente, de uma série de mapas da mesma região, nos quais são marcados os pontos de recolha dos dados. Essa série de mapas deve ser, como exige a pesquisa geolinguística, comparáveis.

Assim, na confecção deste atlas, houve um trabalho deserto, porquanto não há, na região, profissionais interessados em pesquisa não remunerada. Ademais, aquelas pessoas que poderiam auxiliar não mediram esforços para atrapalhar. Por tudo isso este estudo tem o mérito de vencer obstáculos, os mais diversos, até chegar a esta etapa de conclusão de 220 Cartas Léxicas, que apontam a unidade e a diversidade linguística no Estado do Acre e, por conseguinte, as fronteiras léxicas.

Para o desenvolvimento da pesquisa, aqui apresentada, trabalhou-se em três grandes áreas: Vale do Acre, Vale do Juruá, Vale do Purus; nove Zonas de Pesquisa: Cruzeiro do Sul, Tarauacá, Feijó (VJ)<sup>14</sup>; Rio Branco, Plácido de Castro e Xapuri (VA)<sup>15</sup>; Sena Madureira, Manuel Urbano e Assis Brasil (VP)<sup>16</sup>; dezoito Pontos de Inquérito: Miritizal, Remanso (CZS)<sup>17</sup>; Bairro da Praia e Porto de Tarauacá (TA)<sup>18</sup>; Porto de Feijó e Bairro São Francisco (FE)<sup>19</sup>; Porto Acre e Seringal Nova Califórnia (RB)<sup>20</sup>; Porto de Plácido e Seringal Triunfo (PC)<sup>21</sup>; Seringal Sibéria e Porto de Xapuri (XA); Seringal Cascata e Bairro Plácido de Castro (MU)<sup>22</sup>; Bairro São Francisco e Bairro Palheiral (SM)<sup>23</sup>; Bairro do Centro e Beira do Rio (AB)<sup>24</sup>. Como as tabelas e as análises

---

<sup>13</sup> Um conjunto de mapas linguísticos constituirá um atlas. O atlas apresenta vantagens de clareza e evidência imediata dos fenômenos e garantias de unidade técnica, de homogeneidade do material, e de densidade de pontos estudados, que as simples investigações pontuais não podem reunir.

<sup>14</sup> VJ é a sigla utilizada para a área de pesquisa Vale do Juruá.

<sup>15</sup> VA é a sigla utilizada para a área de pesquisa Vale do Acre.

<sup>16</sup> VP é a sigla utilizada para a área de pesquisa Vale do Purus.

<sup>17</sup> CZS é a sigla utilizada para a Zona de Pesquisa da cidade de Cruzeiro do Sul.

<sup>18</sup> TA é a sigla utilizada para a Zona de Pesquisada cidade de Tarauacá.

<sup>19</sup> FE é a sigla utilizada para a Zona de Pesquisa da cidade de Feijó.

<sup>20</sup> RB é a sigla utilizada para a Zona de Pesquisa da cidade de Rio Branco.

<sup>21</sup> PC é a sigla utilizada para a Zona de Pesquisa da cidade de Plácido de Castro, fronteira com a Bolívia.

<sup>22</sup> MU é a sigla utilizada para a Zona de Pesquisa da cidade de Manuel Urbano.

<sup>23</sup> SM é a sigla utilizada para a Zona de Pesquisada cidade de Sena Madureira.

<sup>24</sup> AB é a sigla utilizada para a Zona de Pesquisa da cidade de Assis Brasil, região de tripla fronteira: Brasil, Peru, Bolívia.

estão centradas nas três grandes áreas, deixa-se de colocar, no momento, as siglas nos Pontos de Inquéritos. Nomeiam-se as cidades para noticiar quais serviram como Zonas de Pesquisa para este fazer dialectológico.

Priorizaram-se, assim, para delimitação das Áreas, Zonas de Pesquisa e Pontos de Inquérito, aspectos julgados essenciais no contexto Amazônico:

- ✓ A história do povoamento;
- ✓ O grau de isolamento das comunidades ou mesmo proximidade com o centro jurídico da cidade;
- ✓ A possibilidade dos pontos apresentarem uma fisionomia própria;
- ✓ A possibilidade de resgate de fatos históricos, linguísticos, culturais e econômicos.

E para que essa tarefa de confecção do Atlas Etnolinguístico do Acre - ALAC não ficasse tão distanciada dos demais trabalhos brasileiros, buscou-se um software da Cartografia denominado ArcGIS, que foi utilizado numa fase do ALiB. Trata-se de um programa de Geoprocessamento, que abarca, em sua lógica, princípios computacionais, matemáticos e geográficos, no intuito de propiciar a análise, o manuseio e a geração de projetos na Área da Cartografia, entre outras finalidades. O termo Geoprocessamento é aqui utilizado como sendo um campo de atuação dentro da Geografia, que relaciona software (programa), hardware (aparatos físicos computacionais) e peopleware (profissionais capacitados para o exercício da função), no objetivo de aprimorar a Cartografia como um todo e atender ao advento do Sensoriamento Remoto (campo de estudo responsável pelo imageamento de satélite e sua consequente utilização dos produtos aí gerados).

O ArcGIS é um sistema de informações geográficas (SIG), que trabalha e/ou assimila, em suas funcionalidades, tanto dados espaciais (os mapas, cartas e plantas propriamente ditos) quanto os dados alfanuméricos (os atributos do banco de dados do programa utilizados para a construção cartográfica). Assim, há o cruzamento e interligação desses dois tipos de dados, o que proporciona a espacialização de pontos, linhas e polígonos, ou seja, o georreferenciamento das três matrizes básicas utilizadas em qualquer mapeamento temático. No caso, utiliza-se o ArcGIS para demarcar, por meio de mapas cartográficos, as fronteiras dialetais no Estado do Acre, nas Áreas de Pesquisa do Vale do Juruá, Vale do Purus, Vale do Acre, apontando, inicialmente, fronteiras léxicas entre as Áreas de Pesquisa (VA, VP, VJ).

O SIG, em questão, é aceito, hoje, como o mais indicado para a Cartografia Temática, pois consegue abarcar várias funcionalidades em si essenciais para a Cartografia, que vão desde a inserção de informações para a elaboração de mapas -- no caso dados linguísticos -- até a proposição do layout do mapa, já no estágio final do projeto. Além disso, o ArcGIS proporciona uma maior gama de possibilidades no que concerne à formalidade das produções, isto é, esse programa dispõe de bases estatísticas e matemáticas fundamentais para a geração de mapas temáticos, com resultados seguros, precisos, definidores.

Quanto à fonte dos dados, considera-se que todo e qualquer SIG necessita, para a sua prática, de uma base de dados, no caso específico trabalha-se com a base cartográfica do

IBGE (bCIMd – IBGE) e foi assim sobreposto a tais informações os parâmetros linguísticos específicos do Estado do Acre. No que se refere à sua utilização, afiança-se que esse é um programa de acesso restrito, uma vez que para o seu manuseio deve-se, primeiramente, entender, consideravelmente, a lógica do sistema, ou seja, como esse sistema “pensa”. Além disso, a dificuldade para a aquisição do mesmo se caracteriza, também, como uma barreira forte para a sua proliferação e entendimento dentro desse lato campo de estudo, porque é um software que está sendo manuseado pelo especialista Weldon Ribeiro Santos, oriundo da Universidade Federal da Bahia. É uma das pessoas que trabalhou nas Cartas do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, sob a responsabilidade da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suzana Alice Cardoso.

Quanto ao Pacote UTIL, adquirido na UFRJ, ele possibilita organizar os itens lexicais, por forma e frequência, a partir dos dados digitalizados em Computador. Por meio dele foi possível, por exemplo, localizar, nos inquéritos, os itens lexicais desejados e, ainda, contar quantas vezes esses itens lexicais aparecem em determinado inquérito, ou seja, a frequência de uso das palavras por cada informante. Esse Pacote UTIL auxiliou, sobremaneira, para marcar e sistematizar os itens lexicais por Área de Pesquisa. Igualmente, será utilizado, oportunamente, para demarcar as variáveis linguísticas e extralinguísticas nos *corpora* ALAC, quando da feitura de outras cartas.

A confecção das cartas léxicas, aqui apresentadas, num total de 220, resulta da catalogação das palavras utilizadas, pelos informantes acreanos, no espaço geográfico do Estado do Acre, que foi dividido em três grandes regiões: Vale do Juruá (VJ), Vale do Purus (VP), Vale do Acre (VA). Olham-se a unidade e a diversidade linguística entre essas três regionais, seguindo as respostas obtidas por meio de Questionários.

É fato conhecido, entre os estudiosos, que uma língua não é regida por normas fixas e imutáveis, muito pelo contrário: assim como a sociedade é totalmente mutável, a língua pode transformar-se através do tempo, em razão de vários fatores advindos da própria sociedade, tais como classe social, escolaridade, faixa-etária, gênero masculino e feminino. Também uma língua se modifica no tempo, no espaço geográfico e no estilo de falar de cada falante.

O estudo apresenta uma análise da unidade e da variedade lexical<sup>25</sup> ou variedades geográficas, nas áreas de pesquisa do ALAC, ou seja, no Vale do Acre, Vale do Juruá, Vale do Purus, numa perspectiva sociodialetoal, focalizando os itens lexicais do Questionário Semântico Lexical (QSL) e do Questionário Fonético Fonológico (QFF), denominados variação diatópica<sup>26</sup>, observada por campos semânticos. Descrevem-se as diferentes variações de 220 itens lexicais que irão corresponder 220 Cartas Léxicas, sob a perspectiva espacial, no intuito de apontar a unidade e a variedade linguística, como variação diatópica, nas três grandes áreas da pesquisa. Logicamente essa variação diatópica irá apontar traços de conservação e de inovação linguística.

Diz-se haver unidade linguística quando uma palavra aparece nas diversas localidades

<sup>25</sup> As variedades geográficas se referem aos regionalismos, os quais caracterizam, entre outros, a maneira de falar dos falantes de cada região de um país, assim como distingue o falar urbano do falar rural.

<sup>26</sup> Representa a variação que ocorre pelas diferenças regionais. As variações regionais, também algumas vezes conhecidas por dialetos, são as variações referentes a diferentes regiões geográficas, de acordo com a cultura local.

de estudo com o mesmo sentido. Exemplo: poronga, seringa, saco, defumador, seringueiro, patrão, estrada, cortar, defumar, colher etc. Aqui, todos os falantes conhecem dada palavra por um único sentido.

Enquanto na diversidade, uma palavra aparece em localidades diversas, com nomes diferentes: Ex: caçar/pastorar; tomar café/quebrar-jejum; jamaxim/saco de cortar; fornalha/buião etc.

Observa-se, também, que dentro dessa unidade/variedade poderá haver traços de conservantismo linguístico, quando uma palavra se conserva no curso do tempo, em toda área de pesquisa. Ex. patrão, seringueiro, comboeiro, mateiro, defumador, cortar, caçar, pescar etc. Também poderá acontecer o processo da inovação linguística, quando ocorre o fato de palavras novas entrarem na língua, para substituir outras: Jamaxim/Estopa/Saco de cortar; Estrada/ramal/caminho; Faca/faca de seringa; Forró/festa/dança; Defumar/coagular etc. Aqui, a palavra nova substitui a antiga. É a linguagem se renovando por força de novos costumes ou traços de modernidade.

### 3 - ESTADO DO ACRE

O Acre é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Localiza-se no Sudoeste da Região Norte e faz divisa com duas unidades federativas: Amazonas ao norte e Rondônia a leste; e faz fronteira com dois países: a Bolívia, a sudeste, o Peru ao sul e a oeste. Sua área é de 164 123.040 km<sup>2</sup>, que equivale, aproximadamente, ao Nepal. Essa área responde inferiormente a 2% de todo o país. De acordo com os geógrafos, se trata de um dos estados com menor densidade demográfica do Brasil e foi o mais recente que os brasileiros povoaram, de maneira afetiva. Nele localiza-se a extremidade ocidental do Brasil. A cidade onde estão sediados os poderes executivo, legislativo e judiciário estaduais é a capital Rio Branco. Outros municípios, com população superior a trinta mil habitantes são: Cruzeiro do Sul, Feijó, Sena Madureira e Tarauacá.

Somente em 1877 teve início, no Acre — que naquela época pertencia à Bolívia — a chegada da quase totalidade dos migrantes que, oriundos do Nordeste do Brasil, mais precisamente do Ceará, colonizaram a região para buscar a borracha que se encontrava na Floresta Amazônica. Nas últimas décadas do século XIX, moravam cinquenta mil brasileiros na região. Os seringueiros lutaram com as tropas bolivianas para realizar a ocupação da região e, em 1903, ao lado do último líder da Revolução Acreana, o gaúcho Plácido de Castro, houve a proclamação do Estado Independente do Acre. Então, a região foi ocupada militarmente pelo governo brasileiro e, depois, o Brasil estabeleceu diálogo diplomático com a Bolívia. Em consequência, o Brasil assumiria o controle do Acre.

O governo brasileiro decidiu criar o Território Federal do Acre em 1904. Por força da Lei Federal nº 4.070, o presidente do Brasil, João Goulart, elevou o Território Federal do Acre à categoria de Estado, em 1962. Foi em decorrência da produção do látex que o Estado foi ocupado e desenvolvido. A produção de borracha declinou desde 1913. Porém, ainda, em tempos atuais, o Acre é um dos Estados brasileiros que mais produz e exporta borracha (hévea-latex coagulado).

O Acre possui uma altitude média de 200 metros, sendo uma forma de relevo com definição de planalto, que domina a maioria do Estado. Juruá, Tarauacá, Muru, Envira e Xapuri são os rios de maior importância na região. As principais atividades econômicas do Estado são o trabalho de extrair borracha e castanha, a pecuária e a agricultura.

Com duas horas anteriores ao fuso horário de Brasília (DF), nele está localizada a última localidade brasileira a ter visão do sol nascente, na serra da Moa, na fronteira com a República do Peru. A intensidade do extrativismo vegetal, que tem atingido o ponto mais alto no século XX, constituiu-se em atração para os brasileiros que, vindos de uma variedade de regiões, chegaram ao Estado. Misturando tradições vindas da Região Sul do Brasil, de São Paulo, da Região Nordeste do Brasil e dos grupos étnicos indígenas, deu-se o surgimento de uma culinária com muitas diversidades, que põe junto à carne de sol com o pirarucu, peixe característico da



região, pratos que se acompanham com tucupi, molho cujo ingrediente é a mandioca.

O transporte fluvial, que se concentra nos rios Juruá e Moa, no oeste do Estado, e Tarauacá e Envira, no noroeste, é um dos mais importantes meios de transporte, junto à BR-364, que faz a ligação de Rio Branco até Cruzeiro do Sul, e que o governo brasileiro, em tempo recente, asfaltou e construiu as pontes onde antigamente era preciso atravessar por meio de balsas. Mas em decorrência do forte inverno amazônico, essa estrada está em péssimas condições de tráfego.

Os habitantes naturais do Acre são denominados acreanos pela Lei Estadual de nº 3.148, de 27 de julho de 2016. Essa nova legislação determina que a palavra “acreano” passa a ser um dos símbolos do Estado. Essa foi a forma encontrada pelo Governo do Acre para preservar o gentílico em uso desde o ano de 1878 e que o Acordo Ortográfico dos países da lusofonia mudou para “acriano”.

Assim, embora o Acordo Ortográfico defina a grafia como *acriano*, antes do ingresso dele o correto era escrever *acreano*, no singular, e no plural *acreanos*. A partir de 2009, com o Acordo Ortográfico em vigor, a mudança do gentílico gerou polêmica entre a Academia Acreana de Letras e a Academia Brasileira de Letras, sob a alegação de que a mudança significava a negação das raízes históricas e culturais do Estado, mudando a última letra do topônimo de “E” para “I”. A mudança gerou discussões sobre o assunto, e é inegável que a imensa maioria da população do Estado não gostou e não adotou o “novo” gentílico, continuou a se autodenominar *acreana*, e então foi oficializada, localmente, a grafia com “E”, pelo Governo do Estado do Acre, como patrimônio histórico e cultural. (Fonte: Wikipédia, em 30/11/2016).

A **mesorregião do Vale do Juruá** é uma das três mesorregiões do Estado brasileiro do Acre. É formada pela união de oito municípios e está localizada no extremo noroeste do Estado e no extremo oeste do Brasil. As localidades que foram tomadas como pontos de pesquisa são as cidades de Tarauacá, Feijó e Cruzeiro do Sul.

A **mesorregião do Vale do Acre** é uma das três mesorregiões do Estado brasileiro do Acre, sendo a maior delas. É formada pela união de quatorze municípios, agrupados em três microrregiões. A maior, a Microrregião de Rio Branco, é onde vive a maior parte da população do Estado. Aqui, tomaram-se três cidades: Rio Branco (capital do Estado), Plácido de Castro (fronteira com a Bolívia) e Xapuri (terra de Chico Mendes).

A **microrregião do Purus** é banhada pelo rio Purus, Iaco e rio Acre. Na pesquisa ALAC tomam-se três cidades: Sena Madureira (banhada pelo rio Iaco), Manoel Urbano (banhada pelo rio Purus); Assis Brasil (banhada pelo rio Acre, na fronteira com o Peru).

Nesses três Vales (Zonas de pesquisa), totalizam-se 9 municípios que foram tomados como pontos de pesquisa: Cruzeiro do Sul, Feijó, Tarauacá (Vale do Juruá); Rio Branco, Plácido de Castro e Xapuri (Vale do Acre); Sena Madureira, Manoel Urbano e Assis Brasil (Vale do Purus).

Nessas localidades foram inquiridas 6 homens e 6 mulheres por faixa-etária: 16-25 anos (faixa A); 26-35 anos (faixa B); 36-80 anos (faixa C). Informantes nascidos no lugar e que nunca empreenderam viagens para fora da localidade. Pessoas analfabetas (primeira fase), alfabetizadas, ensino médio e universitário (segunda fase). Assim, nesse estudo, trabalha-se com 1.205 informantes. Têm-se, no total, 2.179 informantes, perfazendo 4.025 horas de gravação, inquéritos transcritos, a maioria digitalizados, e muitos diálogos publicados em três livros que trazem os seguintes títulos: A Linguagem falada no Vale do Acre; A Linguagem falada no Vale do Purus; A Linguagem falada no Vale do Acre.

## 4 - DIALECTOLOGIA SOCIAL

### 4.1. Nascimento da ciência

A Dialectologia, ciência desenvolvida pelo genial italiano Isaia Graziadio Ascoli (1829-1907), foi talvez a corrente que mais fundos abalos provocaram nos conceitos linguísticos até hoje. Por algum tempo andou a novel ciência à busca de um método. Inicialmente foi a Dialectologia uma ocupação para as férias. Saía o “dialetólogo” a passear e trazia de volta à casa um bocado de anotações colhidas a esmo. Anos mais tarde surgiu a Geografia Linguística, o verdadeiro método da Dialectologia e, com ela, a necessidade dos atlas linguísticos que então começaram a surgir em vários lugares do mundo.

Avalia-se, então, que a preocupação com o conhecimento das variedades regionais, de uma determinada língua natural, data de longo tempo. Todavia, foi somente com a instituição da disciplina de Dialectologia no currículo regular da École Pratique des Hautes Études de Paris e do surgimento do Atlas Linguístico da França, expondo à realidade dialetal do país, que foram fixadas as bases da Geolinguística como método essencial para a pesquisa dos dialetos de uma língua.

O novo método registrava, em mapas especiais, um número relativamente elevado de formas linguísticas, fossem elas fônicas, léxicas ou gramaticais, comprovadas mediante pesquisa direta e unitária, “numa rede de pontos de determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados” (BRANDÃO, 1991, p.12), de forma que se tentava, assim, adquirir um melhor conhecimento dos mecanismos com que opera uma língua e os possíveis fatores que determinam sua evolução. É dentro do objetivo de conhecer melhor os mecanismos da língua portuguesa do Brasil que este volume do Atlas Etnolinguístico do Acre está sendo publicado.

Entende-se por Dialectologia, conforme Cardoso (2010), um ramo dos estudos linguísticos que assume a tarefa de identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Esse trabalho procura observar as relações entre espaço geográfico e fatos linguísticos, na tentativa de apontar, por meio de Cartas Léxicas, o fenômeno da variação diatópica, a partir de coletas feitas em campo (*in loco*).

A Dialectologia, seja assinalando para uma perspectiva pluridimensional, seja mantendo-se fiel ao preconizado pelos dialetólogos tradicionais, foi, no correr do tempo, ganhando espaço no âmbito das pesquisas sobre os falares regionais, os dialetos, ora recebendo severas críticas (sobretudo quanto ao número e ao perfil dos informantes selecionados para a coleta de dados) de linguistas estruturalistas e em especial dos sociolinguistas que implantaram uma



metodologia calcada em variáveis sociais que interferem no uso da língua. Todavia, a despeito disso, a Dialectologia apresenta-se, no curso da história, como uma disciplina

(...) que assume por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Dois aspectos fundamentais estão, pois, na sua gênese: o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas ou entre elas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades pré-fixados (CARDOSO, 2002, p.1).

Historicamente, a Dialectologia é uma ciência que brotou nos fins do século XIX, que demonstrou e demonstra, até os dias atuais, grande interesse pelos falares regionais, rurais e a sua distribuição e intercomparação. Assim, há muito tempo, antes mesmo de a Sociolinguística ter se firmado como um ramo da ciência e da linguagem, a Dialectologia já se utilizava de recursos interpretativos que passaram a ser, posteriormente, definidos como da Sociolinguística. Assim, entende-se, que as ciências se completam, uma não exclui a outra.

Destarte, entre as ciências que mais se assemelham à Dialectologia, nos estudos da Linguística moderna, está a Sociolinguística. Dialectologia e Sociolinguística ficaram muito próximas, tornando-se difícil distinguir uma da outra. Na prática, observa-se que os conteúdos da Dialectologia moderna se confundem com os da Sociolinguística e que há uma separação, muito mais de objetivos do que de cunho metodológico. Assim, ao se estabelecer discussões sobre Dialectologia e Sociolinguística surge, sempre, a questão que diz respeito ao campo de abrangência de ambas as disciplinas.

Essa é uma questão que tem causado problemas. Para a compreensão do que é Dialectologia, conceitos como os de língua, dialeto e falar, são fundamentais. Contudo, há autores que, algumas vezes, não estabelecem distinção entre dialeto e falar, utilizando-os indiferentemente. Pela imprecisão nas definições, outro problema crucial para a Dialectologia é estabelecer a distinção entre língua e dialeto. Há autores que não reconhecem essa diferença, assim como há os que a admitem como uma questão de prestígio. Conforme Coseriu (1982, p.11), a diferença entre língua e dialeto é uma questão de status histórico:

Um dialeto, sem deixar de ser intrinsecamente uma língua, se considera subordinado à outra língua, de ordem superior. Ou, dizendo-se de outra maneira: o termo dialeto, enquanto oposto a língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica (ou idioma).

Desta forma, quando se fala em Dialectologia e Sociolinguística, entendem-se, ambas, como o estudo da diversidade da língua dentro de uma perspectiva sincrônica e concretizada nos atos da fala. Ainda é afirmado por Ferreira e Cardoso (1994, apud SILVA-CORVALÁN, 1988) que a Sociolinguística e a Dialectologia são consideradas, até certo ponto, sinônimas, uma vez que ambas as disciplinas estudam a língua falada. Todavia, é indiscutível que a

Dialetologia apresenta importantes contribuições à Sociolinguística e à Linguística Geral, na melhor compreensão de uma língua falada, como exemplo disso são os numerosos trabalhos dialectológicos empreendidos no Brasil.

Feitas essas breves considerações, diz-se ser a Dialectologia uma ciência que pertence ao ramo da Linguística, cuja preocupação centra-se nas diferenças dialetais marcadas, geograficamente, numa dada língua. E a representação desses traços dialetais, tanto fonéticos, lexicais ou morfossintáticos, é apresentada em mapas. E estes constituem os atlas linguísticos.

Para concluir essa parte, não se poderia deixar de enfatizar a importância desse modelo de pesquisa, porquanto nos questionários aplicados o estudioso encontra não somente relatos de experiência pessoal, mas textos com reações as mais diversas. Há textos discursivos bastante ricos na fala distensa, cujos relatos não servem apenas como material discursivo, pois funcionam, também, como ponto de referência para classificar o tipo de linguagem empregada pelo informante de determinado contexto, lugar, classe social, nível de escolaridade, faixa-etária, espaço geográfico, rural ou urbano.

## 4.2 – Fases da Dialectologia no Brasil

Os estudos dialetológicos têm início, no Brasil, em 1920, com a obra *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral<sup>27</sup>. Todavia a primeira manifestação que se pode caracterizar, numa visão ampla, de natureza dialetal, sobre o português do Brasil, ocorreu no ano de 1826, e deve-se a Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca que, a serviço de Adrien Balbi<sup>28</sup>, anotou algumas peculiaridades do português brasileiro para integrar o *Atlas Ethnographique du Globe* (1924-1925). Callou (2010, p.33), ao discorrer sobre as inter-relações entre Dialectologia e Sociolinguística no Brasil, assegura:

Não se pode negar que o conhecimento sobre a realidade linguística brasileira teve início no âmbito da Dialectologia e atingiu o ápice com a Sociolinguística, mais especificamente, com a sociolinguística variacionista laboviana e os sofisticados métodos de análise estatística, um modelo de análise seguido em centenas de estudos na área.

---

<sup>27</sup> Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteadado (Capivari, hoje Monte-Mor, 6 de novembro de 1875 — São Paulo, 24 de outubro de 1929) foi um poeta, folclorista, filólogo e ensaísta brasileiro. Autodidata, surpreendeu a todos por sua extraordinária erudição, num tempo em que não havia, em São Paulo, os estudos acadêmicos e os cursos especializados que se especializariam pouco depois. Dedicou-se paralelamente à poesia aos estudos folclóricos e, sobretudo, à Dialectologia. No Brasil, foi o primeiro a estudar cientificamente um dialeto regional. *O Dialeto Caipira*, publicado em 1920, escrito à luz da linguística, estuda o linguajar do caipira paulista da área do vale do rio Paraíba, analisando suas formas e esmiuçando-lhe sistematicamente o vocabulário. Esta obra é considerada como sua melhor contribuição às Letras.

<sup>28</sup> Adriano Balbi - Foi um geógrafo e estatístico italiano, autor de valiosos estudos geográficos, incluindo uma obra seminal sobre a situação socioeconômica de Portugal no primeiro quartel do século XIX. É autor da obra *Abrégé de géographie*, que teve múltiplas edições e foi traduzida nas principais línguas europeias.

Mota e Cardoso (2006, p.15-26), numa abordagem de caráter histórico, propõem uma divisão de quatro fases para os estudos dialetais no Brasil. Para tanto, tomam como parâmetro a proposta de Nascentes (1952-1953) que estabelece duas fases para os estudos dialetológicos no Brasil, e apresentada por Ferreira e Cardoso (1994) que, ampliando a periodicidade do dialetólogo brasileiro, dividem os estudos dialetais em três momentos. Essa periodicidade coincide com àquela estabelecida por Nascentes, no que diz respeito às duas primeiras fases, ou seja:

A primeira fase - recobre aproximadamente um século, estendendo-se de 1826-1920, período caracterizado por estudos acerca do léxico, com ênfase na elaboração de glossários e de dicionários.

A segunda fase - vai de 1920 a 1952 e caracteriza-se, basicamente, como os primeiros passos da Dialetologia Brasileira, em que se destacam os seguintes trabalhos monográficos: O Dialeto Caipira, de Amadeu Amaral (1920), O Linguajar Carioca, de Antenor Nascentes (1922/53), A língua do nordeste, de Mário Marroquim (1934). Ainda, nessa fase, desenvolveram-se trabalhos que podem ser classificados em quatro grupos diferenciados, conforme o enfoque: glossários regionais; obras de caráter geral que tratam de questões mais abrangentes da língua portuguesa no Brasil; estudos monográficos de caráter regional que abordam, particularmente, fenômenos específicos de dada região e estudos acerca da contribuição do elemento africano à língua.

A terceira fase - estabelecida por Ferreira e Cardoso (1994), tem seu início em 20 de março de 1952, data em que o governo brasileiro publicou o Decreto 30.643, que definia as finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, dentre as quais, a primordial era a elaboração de Atlas linguístico do Brasil. Nessa fase, segundo Mota e Cardoso (2006, p.19):

(...) não só se sedimenta a mentalidade dialectológica preconizada por Serafim da Silva Neto no seu Guia para estudos dialectológicos no Brasil (1957), mas, também, se dá início aos trabalhos de natureza geolinguística, com as pesquisas para o Atlas Prévio dos Falares Baianos e com a sua publicação em 1963. A esse primeiro atlas, seguem-se-lhe outros de caráter regional o que consolida, na opinião das autoras (Ferreira e Cardoso) uma terceira fase, cuja ênfase está no desenvolvimento dos estudos geolinguísticos.

A quarta fase - considerando o novo momento vivido pela Dialetologia no Brasil, a partir de 1996, com a retomada do projeto do Atlas Linguístico do Brasil, Mota e Cardoso propõem essa quarta fase, apresentando as seguintes justificativas:

i) O crescimento de pesquisas nessa área, em sua maioria, direta ou indiretamente, relacionadas ao projeto ALiB;

ii) As discussões acerca de questões metodológicas nas reuniões nacionais do Comitê Nacional de coordenação do projeto ALiB e nos workshops nacionais organizados pelo projeto;

iii) O aumento do número de atlas regionais e início de outros projetos de atlas regionais (MOTA; CARDOSO, 2006, p.20-21).

Nesse contexto, é relevante o papel do projeto ALiB nas pesquisas linguísticas no país, representando um divisor de águas nas pesquisas na área de Dialectologia e Geolinguística. Esse divisor não é somente pelo que representa em termos de empreendimento, um projeto nacional de grandes dimensões, mas, também, por ter estabelecido e consolidado uma diretriz metodológica que tem orientado as pesquisas na área. Há para considerar, também, a questão da sintonia com as pesquisas dialetológicas e geolinguísticas na contemporaneidade, levando-se em consideração que:

Do ponto de vista metodológico, essa nova fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística a partir da década de 60 do século passado, abandonando-se a visão monodimensional – monoestrática, monogeracional, monogenérica, monofásica, etc. – que predominou na geolinguística hoje rotulada de “tradicional” (MOTA; CARDOSO, 2006, p.21).

Ademais, sabe-se que um idioma não é um todo homogêneo, composto de partes heterogêneas que, reunidas, constituem a estrutura de um conjunto linguístico: o idioma. E nesse conjunto linguístico e lexical reside o princípio da variedade na unidade, que é uma realidade inegável, porquanto uma língua viva muda de um lugar para o outro, por forças internas e externas. Tanto verdadeiras essas assertivas que os avançados estudos dialetológicos e sociolinguísticos têm mostrado o quanto o conhecimento dessas variações pode ajudar, num maior aprofundamento, das análises linguísticas e no melhor conhecimento das línguas no mundo.

### 4.3 – A Dialectologia no Estado do Acre

A equação: dialectologia = linguística diatópica; sociolinguística = linguística diastrática não é pacífica. Lope Blanche (1978), sobre o tema, assim se expressou:

Se a dialectologia tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais como das sociais, tanto no eixo horizontal como do vertical. (1978, p.38)

Diz, ainda, o estudioso (1978, p.40) que o fato de a Dialectologia

haver dedicado o melhor do seu esforço ao estudo das falas regionais, especialmente rurais, isso não pode ser interpretado como um fato definidor, mas uma circunstância transitória.

Dessa compreensão, deduz-se que à Dialectologia interessa não apenas a variedade rural, mas, também, a urbana, podendo então se falar em uma Dialectologia rural e em Dialectologia urbana, como aqui se faz, informantes urbanos e rurais, escolarizados e não escolarizados.

Fez-se, inicialmente, no Acre, uma Dialectologia urbana, coletando-se um *corpus* de 10 horas de gravação, com informantes de nível superior completo, profissões diversas, níveis sociais também, faixas etárias e variação de sexo, isso em 1988, tomando o modelo idealizado por Lope Blanche.

Paralelamente, faz-se, desde 1991-2010, Dialectologia rural, seguindo-se o modelo preconizado por Nascentes e aplicado, com sucesso, por pesquisadores brasileiros. A partir do ano de 2003-2015 se retomou o estudo da Dialectologia urbana, com inquéritos aplicados a informantes moradores dos municípios, com famílias advindas dos seringais do Acre. O resultado desses esforços estão refletidos em 123 CADERNOS, elaborados por Lessa (1999-2014) sobre a Linguagem Falada no Vale do Acre, Vale do Juruá e Vale do Purus. Neles estão presentes os traços diferenciadores, por força do conservantismo ou da absorção do novo, ou traços de modernidade que chegam aos locais longínquos do Acre, tais como televisão e telefonia, via torre.

Além do volume de trabalhos acima mencionados, há estudos significativos de bolsistas de Iniciação Científica, Aperfeiçoamento, Dissertações de Mestrado e Doutorado. E todo esse acervo, 70% dele está armazenado em microcomputador. Outros estão em fitas cassetes, no Arquivo Geral da UFAC. Não houve recursos para passá-los para mídias modernas.

Desse modo, essa pesquisa dialetal, na região do Acre, deixa um legado a várias ciências, pois a Dialectologia Social é uma disciplina com larga tradição, com uma metodologia bem estabelecida e uma rica e valiosa literatura. É indiscutível, pois, que a Dialectologia trouxe e traz contribuições de importância à Sociolinguística e à Linguística Geral. É como diz Silva-Corvalán (1994, p.88):

Sociolinguística e dialectologia se têm considerado até certo ponto sinônimas, uma vez que ambas estudam a língua falada, o uso linguístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços linguísticos e certos grupos de indivíduos. Assim como a sociolinguística, a dialectologia desde cedo percebeu a coexistência da heterogeneidade linguística.

Os *corpora* do ALAC dão imensa contribuição à Dialectologia Acreana, sobretudo com o Atlas Etnolinguístico do Acre - ALAC. Na realidade, a publicação do Atlas, ainda que com resultados parciais, como já se está dando ao Brasil, significa o final de um estágio e o início de uma obra aberta aos estudos dialetais, os mais distintos; é documento irrefutável de uma realidade da língua diversificada nos seus vários níveis. Diversidade essa que não anula a unidade, apenas lhe dá a verdadeira dimensão, tornando-a menos esplêndida ou menos notável como, inadvertidamente, alguns a defendiam ou ainda defendem. Contudo, unidade e diversidade linguística não se defende, constata-se.

## **5 - QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL (QSL)**

### **A - NATUREZA**

#### **I - ASTROS E FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS**

1. Céu

1.1. Claro

1.2. Nublado

2. Sol

2.1. Quente

2.2. Frio

3. Lua

3.1. Nova

3.2. Cheia

3.3. Crescente

3.4. Minguante

4. Luar

5. Eclipse

6. Estrela

6.1. Cruzeiro do Sul

6.2. Três Marias

6.3. Estrela d'Alva

7. Nuvens

7.1. Clara

7.2. Escura

7.3. Baixa

- 7.4. Alta
- 7.5. Pesada
- 7.6. Carregada
- 8. Arco-íris
- 9. Ar
  - 9.1. Frio
  - 9.2. Quente
- 10. Vento
- 11. Ventania
- 12. Redemoinho
- 13. Brisa
- 14. Garoa
- 15. Neblina
- 16. Sereno
- 17. Nevoeiro
- 18. Cerração
- 19. Chuva
  - 19.1. Fina (fraca)
  - 19.2. Grossa (forte)
- 20. Chuvisco
- 21. Chuvoeiro
- 22. Tempestade
- 23. Relâmpago
- 24. Relampejar
- 25. Trovão
- 26. Trovoada
- 27. Estiada (estio, estiagem)

28. Tempo
  - 28.1. Bom
  - 28.2. Ruim
29. Calor
30. Frio
31. Friagem
32. Verão
33. Inverno
34. Primavera
35. Outono
36. Mês
  37. Janeiro
  38. Fevereiro
  39. Março
  40. Abril
  41. Maio
  42. Junho
  43. Julho
  44. Agosto
  45. Setembro
  46. Outubro
  47. Novembro
  48. Dezembro
49. Semana
  50. Segunda-feira
  51. Terça-feira
  52. Quarta-feira



53. Quinta-feira
54. Sexta-feira
55. Sábado
56. Domingo
57. Hoje
58. Ontem
59. Anteontem (antes de ontem)
60. Trás ante ontem (ternantiontem)
61. Amanhã
62. Depois de amanhã
63. Dia
64. Madrugada
65. Amanhecer (quando o galo canta)
66. Manhã
67. Meio-dia
68. Tarde
69. Entardecer (crepúsculo)
70. Boca da noite (anoitecer)
71. Noite
72. Por do sol
73. Meia noite
74. Hora

## **A - NATUREZA**

### **II - FLORA**

#### **1. GUMÍFERAS**

75. Seringueira

- 76. Caucho
- 77. Gameleira
- 78. Caxinguba
- 79. Açacu

## 2. HABITAÇÃO

- 80. Paxiúba
- 81. Ouricuri
- 82. Jaci
- 83. Palheira
- 84. Embira (Envira)
- 85. Cipó
- 86. Timbaúba
- 87. Samaúma
- 88. Cumaru de ferro
- 89. Mulateiro
- 90. Canarana

## 3. ALIMENTAÇÃO

- 91. Mamão
- 92. Manga
  - 92.1. Espada
  - 92.2. Rosa
  - 92.3. Manguita
  - 92.4. Cavalo
- 93. Limão
- 94. Tangerina

95. Laranja
96. Abacaxi
97. Pupunha
98. Patoá
99. Cana
100. Banana
- 100.1. Prata
- 100.2. Comprida
- 100.3. Baié
- 100.4. Najá (nanica)
- 100.5. Maçã
- 100.6. Sapo
- 100.7. Roxa
- 100.8. Peruá
101. Maracujá
102. Cocão (coco jaci)
103. Abiu
104. Castanha
105. Açaí
106. Buriti
106. Abacaba
108. Jenipapo
109. Cubiu
110. Jatobá
111. Ingá
112. Arroz
113. Feijão

114. Mandioca
115. Batata doce
116. Taioba
117. Cará (inhame)
118. Jerimum
119. Milho
120. Urucu
121. Cebola
122. Coentro
123. Maxixe
124. Quiabo
125. Couve
126. Chicória
127. Jambu
128. Pimenta
- 128.1. Cheiro
- 128.2. Malagueta
- 128.3. Olho de peixe

#### 4. ERVAS

129. Capim santo
130. Cidreira
131. Melhoral
132. Mastruz
133. Vassourinha
134. Malvarisco
135. Hortelã

- 136. Cravo de defunto
- 137. Arruda
- 138. Pluma
- 139. Pião roxo
- 140. Capeba
- 141. Copaíba
- 142. Pau d'arco (ipê)
- 143. Mulungu
- 144. Jucá
- 145. Cedro roxo
- 146. Cabacinha

#### **A - NATUREZA**

#### **III - FAUNA**

- 147. Tatu
- 148. Mucura
- 149. Paca
- 150. Cutia
- 151. Cutiara
- 152. Porco do mato
- 153. Veado
- 154. Anta
- 155. Capivara
- 156. Macaco
- 156.1. Capelão
- 156.2. Guariba
- 156.3. Prego

156.4. Macaco da noite

156.5. Sauim (soim)

157. Quati

158. Gato maracajá

159. Onça

160. Tamanduá

161. Preguiça

162. Mambira

163. Jabuti

164. Tracajá

165. Cobra

165.1. Sucuri

165.2. Jararaca

165.3. Jibóia

165.4. Surucucu

166. Jacaré

167. Peixe

168. Papagaio

169. Periquito

170. Cachorro

171. Galinha

172. Galo

173. Gato

174. Porco

175. Pato

176. Burro

177. Besouro

178. Formiga
179. Carapanã
180. Abelha
181. Caba
182. Barata
183. Pium
184. Mucuim
185. Lagarta
186. Lesma
187. Mosca
188. Mutuca
189. Cupim
190. Borboleta
191. Cigarra
192. Vaga-lume

## **B - FAMÍLIA**

### **IV - HABITAÇÃO**

193. Casa
194. Colocação
195. Cozinha
196. Quarto
197. Sala
198. Jirau
199. Alpendre
200. Cepo (banco)
201. Mourão (estaca, barroto)

202. Caibro
203. Parede (divisão)
204. Assoalho
205. Escada
206. Degrau
207. Oitão
208. Cumieira
209. Cobertura
210. Terreiro (quintal)
211. Cacimba
212. Cintina
213. Canteiro
214. Paiol
215. Chiqueiro
216. Galinheiro
217. Poleiro
218. Porteira
219. Tranela
220. Utensílios
221. Varrer
222. Vassoura
223. Bater roupa
224. Quarar
225. Enxaguar
226. Pote
227. Bilha
228. Cuia



- 229. Cabaça
- 230. Coité
- 231. Lamparina
- 232. Candeeiro (lâmpião)
- 233. Facho
- 234. Penico
- 235. Pilão
- 236. Fogão
- 237. Caeira
- 238. Lenha
- 239. Carvão

## **B - FAMÍLIA**

### **V - RELAÇÕES DE PARENTESCO**

- 240. Pai
- 241. Mãe
- 242. Filho
- 243. Irmão
- 244. Cunhada
- 245. Avô
- 246. Sogro
- 247. Genro
- 248. Nora
- 249. Sobrinho
- 250. Tio
- 251. Primo
- 252. Neto

**B - FAMÍLIA****VI - RELAÇÕES DE AMIZADE**

253. Compadre

254. Comadre

255. Padrinho

256. Madrinha

257. Afilhado

258. Padrasto

259. Madrasta

260. Enteadado

261. Viúva

262. Benzedeira

263. Curandeiro

264. Professor

265. Parteira

**B - FAMÍLIA****VII - ALIMENTAÇÃO**

266. Cozinhar

267. Debulhar

268. Pilar

269. Cessar

270. Catar

271. Quebra-jejum

272. Almoço

273. Janta
274. Farinha
275. Farofa
276. Chibé
277. Jacuba
278. Angu
279. Cambica
280. Cabeça de galo
281. Pirão
282. Beiju
283. Tapioca
284. Pé-de-moleque
285. Canjica
286. Mugunzá
287. Pamonha
288. Cuscuz
289. Aluá
290. Garapa
291. Rapadura
292. Gramichó
293. Mingau
294. Café
295. Leite
296. Arabu
297. Paçoca
298. Baião-de-dois
299. Carne

300. Jabá (charque)

301. Carne seca (carne de sol)

302. Cachaça

## **B - FAMÍLIA**

### **VIII - VESTUÁRIO**

303. Sapato

304. Bota

305. Sandália

306. Alpercata

307. Meia

308. Cueca

309. Bermuda

310. Calça

311. Calção

312. Cinto

313. Camisa

314. Blusa

315. Vestido

316. Saia

317. Calcinha

318. Pano de bode

319. Sutiã

320. Anágua

321. Combinação

322. Avental

323. Lenço

- 324. Chapéu
- 325. Boné
- 326. Óculus
- 327. Navalha
- 328. Dentadura
- 329. Cueiro
- 330. Umbigueiro
- 331. Camisinha
- 332. Babadouro
- 333. Agasalho
- 334. Broche
- 335. Rede

## **B - FAMÍLIA**

### **IX - SAÚDE**

- 336. Dor
  - 336.1. Dor de barriga
  - 336.2. Dor de dente
  - 336.3. Dor de ouvido
  - 336.4. Dor de veado
  - 336.5. Dor de urina
- 337. Cezão (malária)
- 338. Curuba
- 339. Pereba
- 340. Ferida braba (*leishmaniose*)
- 341. Opilação
- 342. Impinge

343. Pano branco
344. Lepra
345. Dor d'olho
346. Remela
347. Terçol
348. Cobreiro
349. Ferrada (mordida)
350. Estrepada
351. Bicho de pé
352. Olho de peixe
353. Frieira
354. Maria preta (tumor)
355. Sarampo
356. Catapora
357. Unheiro
358. Panariço
359. Bicheira
360. Piolho
361. Lêndea
362. Coceira
363. Entojo
364. Enjoo
365. Provocar
366. Caganeira
367. Lombriga
368. Papeira
369. Mal de sete dias (tétano)

- 370. Mal de ramo
- 371. Grupe (difteria)
- 372. Coqueluche
- 373. Paralisia infantil
- 374. Reumatismo
- 375. Bronquite
- 376. Gripe
- 377. Tuberculose
- 378. Pneumonia
- 379. Doença do mundo
- 380. Indigestão (empanzinado, ofendido)
- 381. Febre (morrinha)
- 383. Ataque
- 384. Doido
- 385. Estrábico
- 386. Caolho
- 387. Aleijado
- 388. Gago
- 389. Gagueira
- 390. Hemorragia
- 391. Anemia
- 392. Hemorroida
- 393. Espinhela caída
- 394. Quebranto
- 395. Fratura
- 396. Acidente
- 397. Sarar

398. Curar

399. Operação

400. Remédio

401. Medicamento

402. Unguento

403. Injeção

## **B - FAMÍLIA**

## **X - RELIGIÃO E CRENDICES**

404. Deus

405. Jesus

406. Virgem Maria

407. Anjo

408. Santo

409. Demônio

410. Católico

411. Crente

412. Espírito

413. Macumba

414. Igreja

415. Missa

416. Culto

417. Imagem

418. Promessa

419. Milagre

420. Medalha

421. Terço



- 422. Rezar
- 423. Reza
- 424. Orar
- 425. Oração
- 426. Padre
- 427. Pastor
- 428. Macumbeiro
- 429. Bruxa
- 430. Desobriga
- 431. Batismo
- 432. Batizado
- 433. Pagão
- 434. Casamento
- 435. Catequese
- 436. Religião
- 437. Religioso
- 438. Confissão
- 439. Comunhão
- 440. Penitência
- 441. Céu (paraíso)
- 442. Inferno
- 443. Alma
- 444. Devoção
- 445. Devoto
- 446. Temente
- 447. Assombração
- 448. Entidades da floresta

449. Encantamento

## **C - ATIVIDADES**

### **XI - LOCAL DE PRODUÇÃO**

450. Mata

450.1. Virgem

450.2. Bruta

451. Seringal

452. Seringa

452.1. De várzea

452.1. De terra firme

453. Colocação

454. Colônia

455. Estrada

455.1. De centro

455.2. De porta

455.3. De boca

455.4. De seringa

455.5. De rodagem

456. Caminho

457. Picada

458. Pique

459. Local

460. Varadouro

461. Ramal

462. Estirão

463. Varação

464. Espigão
465. Oito
466. Manga
467. Rodo
468. Atalho
469. Perna direita (às direitas)
470. Perna esquerda (às esquerdas)
471. Centro
472. Boca da mata
473. Boca da estrada
474. Fecho
475. Mato
476. Capoeira
477. Defumador
478. Rio
479. Margem
480. Beira do rio
481. Igarapé
482. Terra
483. Roça
484. Roçado
485. Plantação
486. Cova
487. Fileira (carreira)
488. Barranco
489. Praia

**C - ATIVIDADES****XII - PROCESSOS E IMPLEMENTOS**

490. Facão

491. Faca de seringa

492. Terçado

493. Peixeira

494. Machadinha

495. Cabrita

496. Raspar

497. Raspagem

498. Casca

499. Descascar

500. Limpar

501. Bandeira

501.1. Cabeça da estrada

502. Pano

502.1. Descansando

502.2. Trabalhando

502.3. Solto

503. Pestana

504. Riscar

505. Risco

506. Cortar

507. Corte

508. Arriar

509. Arriação

510. Folgar (descansar)

- 511. Embutir a tigela
- 512. Embicar
- 513. Tigela (tanci de seringa)
- 514. Entigelar
- 515. Cabide
- 516. Cabilho
- 517. Sentar
- 518. Látex
- 519. Arriar o leite (pingar)
- 520. Colher
- 521. Desembutir
- 522. Balde
- 523. Biscoito
- 524. Saco
  - 524.1. Encauchado
  - 524.2. Defumado
  - 524.3. De seringa
  - 524.4. De estopa
- 525. Piçoco
- 526. Bujão de barro
- 527. Lata
- 528. Jamaxi
- 529. Arreata
- 530. Tipóia
- 531. Caixa
  - 531.1. Caixão
  - 531.2. Caixote

- 532. Caxinguba
- 533. Coalhar
- 534. Coagular
- 535. Lâminas
- 536. Imprensar
- 537. Prensa
- 538. Prancha
- 539. Fornalha
- 540. Bacia
- 541. Fazer o fogo
- 542. Cavalete
- 543. Cavador
- 544. Cordas-manilhas
- 545. Bolar (rolar)
- 546. Renovar
- 547. Princípio
- 548. Péla
- 549. Pelota (bola, bolota)
- 550. Borracha
- 551. Cernambi
- 552. Entranchar
- 553. Derrubar
- 554. Derrubada
- 555. Queima
- 556. Queimada
- 557. Coivara
- 558. Encoivarar

- 559. Enxada
- 560. Cavador
- 561. Boca de lobo
- 562. Semeadora
- 563. Espeque
- 564. Enxadeco
- 565. Foice
- 566. Ciscador
- 567. Cambito
- 568. Cova
- 569. Leira
- 570. Moita
- 571. Brocar
- 572. Cavar
- 573. Plantar
- 574. Semente
- 575. Carçoço
- 576. Cereal
- 577. Muda
- 578. Maniva
- 579. Semeadura
- 580. Semear
- 581. Cultivar
- 582. Vigiar
- 583. Espantalho
- 584. Brotar
- 585. Florar

- 586. Flora
- 587. Crescer
- 588. Amadurecer
- 589. Colher
- 590. Apanhar
- 591. Arrancar
- 592. Ensacar
- 593. Encaixotar
- 594. Empencar
- 595. Entrouzar
- 596. Carregar
- 597. Transportar
- 598. Descascar
- 599. Armazenar
- 600. Pragas

## **C - ATIVIDADES**

### **XIII - RELAÇÕES DE TRABALHO**

- 601. Seringueiro
- 602. Meeiro
- 603. Mateiro
- 604. Toqueiro
- 605. Comboieiro
- 606. Patrão
- 607. Gerente
- 608. Apontador
- 609. Seringalista



- 610. Regatão
- 611. Aviador
- 612. Marreteiro
- 613. Capataz
- 614. Capanga
- 615. Agricultor
- 616. Plantador
- 617. Atravessador

## **C - ATIVIDADES**

### **XIV - COMERCIALIZAÇÃO**

- 618. Transportar
- 619. Transporte
- 620. Carroça
- 621. Canga
- 622. Cangalha
- 623. Abrochar
- 624. Batelão
- 625. Balsa
- 626. Canoa
- 627. Rosário
- 628. Remar
- 629. Remo
- 630. Rebocar
- 631. Rebocador
- 632. Barracão (casa de aviação, sede, aviamento)
- 633. Pesar

- 634. Roubar
- 635. Quilo
- 636. Vender
- 637. Comprar
- 638. Preço
- 639. Trocar
- 640. Renda
- 641. Dever
- 642. Saldar
- 643. Saldo
- 644. Fiar
- 645. Fiado
- 646. Marcar
- 647. Lucro
- 648. Perda
- 649. Cobrar
- 650. Cobrança
- 651. Juros
- 652. Porcentagem
- 653. Dívida
- 654. Explorar
- 655. Exploração
- 656. Mercadoria
- 657. Produto
- 658. Economia
- 659. Poupar
- 660. Recibo

661. Fatura

662. Vale

663. Nota

664. Cooperativa

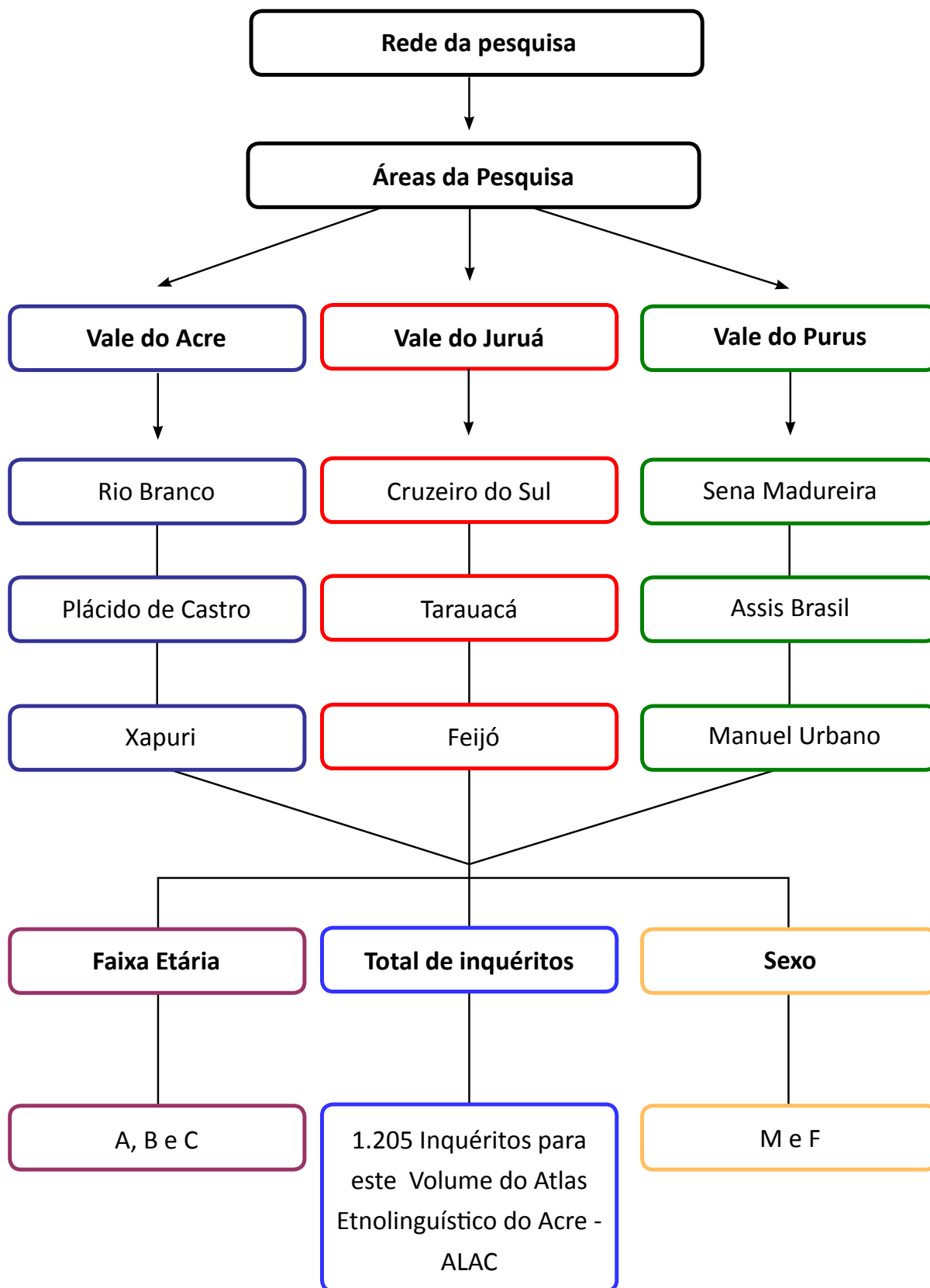
665. Sindicato

666. Sindicalismo.

## 6 - REDE DE PESQUISA DO ALAC

Três áreas de pesquisa: Vale do Acre (VA); Vale do Purus (VP); Vale do Juruá (VJ); Nove zonas de pesquisa: Rio Branco (RB), Plácido de Castro (PC), Xapuri (XA); Assis Brasil (AB), Manuel Urbano (MU), Sena Madureira (SM); Cruzeiro do Sul (CS), Tarauacá (TC), Feijó (FJ); Dezoito pontos de inquéritos: RB = 1. Porto Acre (PA) e 2. Seringal Nova Califórnia (AC); PC = 3. Seringal Triunfo (ST) e 4. Porto de Plácido; XA = 5. Seringal Sibéria (SS) e 6. Porto de Xapuri (PX); AB = 7. Seringal Cascata e 8. Bairro Plácido de Castro; MU = 9. Bairro São Francisco e 10. Bairro Palheiral; SM = 11. Bairro São Francisco e 12. Porto de Sena; CS = 13. Bairro Miritizal 14. Bairro Remanso; TA = 15. Bairro da Praia e 16. Porto de Tarauacá; FE = 17. Porto de Feijó e 18. Bairro São Francisco, que correspondem, respectivamente, às Zonas de Pesquisa descritas acima. Tem-se a visualização gráfica a seguir.

Gráfico 1 – Rede de Pesquisa ALAC



## 7 - PERFIL DOS INFORMANTES

Tomaram-se, em cada localidade, seis homens e seis mulheres por faixa-etária: A – 16-25 anos; B – 26 a 36 anos; C – 36 a 80 anos. Considerou a pesquisa quatro variáveis sociolinguísticas: idade, sexo, escolaridade e naturalidade.

No decorrer do trabalho, sentiu-se a necessidade de ampliação dos *corpora* e catalogaram-se mais inquéritos com informantes da faixa A (16 a 25 anos), iniciantes na atividade extrativista, difíceis de encontrar, sobretudo os do sexo feminino; falam pouco, inovam no vocabulário, usam os utensílios mais modernos, como a lanterna e o candeeiro, ao invés da poronga, sonham em estudar, aprender a ler e deixar aquela vida difícil para trás; os da faixa B (26 a 35 anos) são os mais numerosos e os mais produtivos, dispõem-se a aprender com os mais velhos, conservam parte do vocabulário e mantém a maioria dos objetos de trabalho. Assim, as faixas A e B enriqueceram este estudo e possibilitam a análise dos traços de unidade e diversidade, conservação e inovação.

Os informantes selecionados, inicialmente, foram seringueiros acreanos, analfabetos e aqueles que grafam o nome, que possuíssem o aparelho fonador sem defeitos visíveis, nascidos no Acre, filhos de pais também acreanos e que sobrevivem da atividade extrativista (cortar seringa) desde tenra idade e que tivessem o cultivo da agricultura como uma atividade de subsistência. Devem residir, modo geral, no interior da floresta e/ou às margens dos rios, em casebres feitos de paxiúba, cobertos de palha de jarina ou ouricuri. De família numerosa, os filhos são continuadores da atividade extrativista exercida pelo pai. Outro fator considerado importante foi à presença da arcada dentária. Considerou-se suficiente o informante possuir os principais dentes (da frente), uma vez que a ausência destes influenciaria no processo da fonação (articulação dos sons).

Posteriormente, entre os anos de 2010-2015 aplicou-se o questionário a estudantes do ensino fundamental e universitário, homens e mulheres (18-35 anos, zona urbana), totalizando 121 informantes, 243 horas de gravação. As perguntas recobriram três grandes campos semânticos: Natureza; Homem; Trabalho, como virá especificado no tópico a seguir.

## 8 - CORPUS DA PESQUISA

*Corpus*, segundo John Sinclair (1996, p.4), é “uma coleção de dados linguageiros que são selecionados e organizados segundo critérios linguísticos explícitos, a fim de servir de amostra da linguagem”. Atualmente, a maioria dos *corpora* eletrônicos é constituída de textos cuja origem é a língua escrita. Os *corpora* orais são raros porque é necessário passar pelos processos de coleta e de transcrição, o que torna mais lenta a constituição desses documentos.

A tarefa de organizar e armazenar grandes *corpora* oferece a possibilidade de tratamento de extraordinários volumes de dados linguísticos, por parte de muitos estudiosos. É tarefa difícil e delicada, que demanda tempo, dinheiro, dificuldades e gigantesco trabalho. Mesmo assim foi uma atividade que ganhou vulto a partir da década de 1990, quando ressurgiu uma renovação de interesse pelos tratamentos estatísticos e probabilísticos que, mais ou menos diretamente, questionam a Geolinguística sobre seu objeto, seus métodos e seus fundamentos. Esse interesse adquiriu uma importância crescente e ganhou, na contemporaneidade, o nome de *corpus linguisti*, um campo de pesquisa dominante nas ciências da linguagem e que muito contribui para uma melhor compreensão da sociedade, da linguagem, da vida humana.

A tarefa que aqui se executou nasceu, exatamente, na década de 80, na UFRJ e, em seguida, 1991, no Acre. Procedeu-se uma coleta significativa da oralidade regional, que servirá de fonte de pesquisa para numerosos estudiosos, em múltiplos campos científicos. Isso porque a linguagem traduz a vida humana, promove a paz e a guerra.

Os dados aqui estudados estão armazenados em fitas cassetes e CD-ROM, à disposição dos pesquisadores interessados, e fazem parte do acervo do Questionário Específico - **Fonético/Fonológico** (QFF- numa relação palavra e coisa) e do Questionário Geral ou **Questionário Semântico Lexical** (QSL) Cada entrevista do primeiro questionário tem, em média, 2h30min de duração e consta de 1.235 questões que abordam os seguintes campos semânticos: A – Natureza; B – Homem/Família; C – Trabalho/Atividades. Para o campo semântico, Natureza, há duzentas e oitenta perguntas; o campo semântico, Homem, possui seiscentas e oito perguntas e o campo semântico Trabalho, contém duzentas e noventa e sete perguntas.

Por outro lado, o Questionário Geral subdivide-se em dez campos semânticos, abordando questões acerca de: 1. O seringueiro e o lugar (onde vive, como vive e sobrevive); 2. O seringueiro e a produção (o trabalho e a produção, os utensílios usados, a colheita do látex, o transporte da borracha, entre outros); 3. O seringueiro e a estrada de seringa (como delimita, como conserva, partes da estrada); 4. O seringueiro e o patrão (a relação produção, compra e venda de produtos); 5. O seringueiro e a família (o namoro, o casamento, os filhos, a educação, o lazer); 6. O seringueiro e a alimentação (a quantidade, a qualidade, nomes dos alimentos, horários da alimentação); 7. O seringueiro e a plantação (tipos, forma de preparar a terra, como conservar a plantação, o cultivo, a colheita, o armazenamento, as doenças); 8. O seringueiro e a saúde (cuidados e precauções, curas e reza, ervas medicinais usadas, a fé nos espíritos, as

entidades da floresta: Mapinguari, Mãe da Mata, Mãe da Seringueira). Caboquinho da Mata; 9. O seringueiro e a natureza (chuvas, enchentes, fases da lua, estações do ano); e 10. O seringueiro e a casa (onde vive, tipo de construção, divisão, objetos e utensílios).

Os questionários descritos foram elaborados e testados pela equipe do projeto ALAC nos anos de 1991 e 1992 e reaplicados entre 1993-1997, e 2010-2013, 2014-2015, sempre sob responsabilidade da autora do Atlas, Professora Doutora Luísa Galvão Lessa, idealizadora e coordenadora do projeto, perfazendo, inicialmente, 1.730; depois, 3.755 horas.

Anos mais tarde, muito se acrescentou a esse acervo sonoro, com novos informantes para atender às variáveis sociais e linguísticas então analisadas por especialistas da linguagem. Assim, a pesquisa atingiu 4.025 horas de gravação. Mas, neste Atlas Etnolinguístico – Cartas Léxicas, trabalhou-se com 1.872 horas e 1.205 inquéritos.

Participou-se de todas as etapas da pesquisa, sendo responsável pela coleta de dados coletadas nos três Vales: Acre, Juruá e Purus. Houve um período em que se contou com o auxílio de bolsistas PIBIC. Ao final, a pesquisa foi muito solitária, não havia mais meios de conseguir bolsas e pessoas voluntárias.

De toda essa atividade de recolha oral, ressalte-se que o emprego de coleções de textos, transcrições ou gravações, nos trabalhos concernentes à linguagem, não é recente. De fato, a criação de concordâncias (concondances) é anterior à aparição e à utilização generalizada do computador, do gravador ou da máquina de escrever. As primeiras concordâncias foram realizadas com a Bíblia Sagrada. O objetivo era comparar as diversas versões desse texto, a fim de constituir uma versão editorial normatizada (GARRIGUES, 1994, p.77).

Esse árduo trabalho era, evidentemente, efetuado à mão. A partir de um olhar retrospectivo, observa-se que essa tarefa manual, recentemente, foi deixada de lado. Mas, aqui, no ALAC, não havia recursos financeiros para acompanhar os avanços tecnológicos. Toda tarefa de transcrição foi manual, ouvindo, atentamente, cada diálogo e, depois passando a outro pesquisador para reafirmar ou refutar dados seguimentos orais.

Hoje, com o advento do computador e dos modernos programas computacionais, é possível abandonar essa tarefa artesanal tão demorada, cansativa e difícil. Mas foi assim que se fez na transcrição desses *corpora* ALAC que, hoje, digitalizado, poderá responder às variadas possibilidades de softwares computacionais à disposição dos pesquisadores para estudos da linguagem.

Alguém haverá de interrogar a validade dos dados recolhidos há alguns anos e outros coletados mais recentemente. Mas o fato é que eles vêm apontar que o Acre mudou muito pouco. Embora a população urbana seja grande, a rural está bem dimensionada, igualmente no passado. E essa última população permanece sem telefone, sem Internet e sem estradas, como era há cinquenta anos. A modernidade que muitas unidades da federação alcançaram o Acre não conseguiu acompanhar. Mas o tempo é veloz e esse cenário poderá se modificar em curto prazo. Daí decorre a urgência de trabalhos dialetais na região.



Por isso tudo, e sem desconhecer a importância de outros ramos dos estudos linguísticos, e sem querer minimizar o papel de cada um deles, considera-se que, nesse momento da história acreana, é urgente que se enfrente a descrição de sua realidade linguística, como propõe a Dialectologia, concebida não como um ramo dos estudos linguísticos voltado exclusivamente para as questões diatópicas, mas partindo-se do princípio, como bem assinalou Lope Blanch (1978, p. 53-4), de que

**La dialectología puede, evidentemente, beneficiarse mucho con las aportaciones de la sociolingüística**, como de hecho ya se há estado beneficiando. El progreso metodológico que há establecido la sociolingüística com su rigurosa y detenida consideración de factores sociológicos antes sólo superficialmente atendidos por la dialectología, es aportación de primera magnitud, que la actividad dialectológica habrá de tener ahora muy en consideración (grifo nosso).

Por toda essa realidade, diz-se que os meios decorrentes da modernidade não invalidam uma pesquisa dialetal realizada com muito zelo e rigorosa metodologia de coleta e de transcrição. Nesse momento é que se apontam resultados, eles vêm demonstrar que a Dialectologia é uma ciência capaz de descrever a linguagem rural e urbana, das classes sociais e faixas-etárias, bem como apresentar realidades linguísticas que sem uma pesquisa dessa natureza nunca seria possível conhecer.

## 9 - DELIMITAÇÃO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS

Inicialmente, deve-se definir o que é o Léxico e a Semântica, no sentido de facilitar o entendimento de campo lexical e campo semântico.

**Léxico:** é o conjunto de palavras usadas em uma língua ou em um texto. Quanto à língua, não existe um falante que domine por completo seu léxico, pois o idioma é vivo e muitos vocábulos vão desaparecendo, enquanto outros novos surgem. Quanto ao texto, o léxico corresponde às palavras utilizadas na escrita do mesmo.

**Semântica:** é o estudo das significações das palavras, ou seja, do significado de cada vocábulo existente na língua.

Dessa forma, **campo lexical** é formado pelas palavras que derivam de um mesmo radical. Assim, o campo lexical ou a família da palavra “pedra”, seria: pedregulho, pedraria, pedreira, pedrinha, dentre outros. Campo lexical compreende ainda as palavras que pertencem à mesma área de conhecimento:

- a) **Escola:** professor, caderno, aula, livro, apostila, material escolar, diretor, etc.
- b) **Internet:** web, página, link, internauta, portal, blog, site, etc.
- c) **Informática:** pen-drive, software, hardware, programas, gigabite, memória RAM, etc.
- d) **Linguagem bíblica:** mandamentos, Jesus, Novo Testamento, Apocalipse, Céus, Inferno, discípulos, etc.
- e) **Alimentos regionais à base de milho:** cuscuz, pamonha, canjica, mucunzá, baixaria.

Enquanto o campo semântico é o conjunto dos significados, dos conceitos que uma palavra possui, o campo lexical decorre de palavras formadas pelo mesmo radical. Um mesmo termo tem ou pode ter vários sentidos, os quais são escolhidos de acordo com o contexto abordado. Assim, são exemplos de campos semânticos:

- a) **levar:** transportar, carregar, retirar, guiar, transmitir, passar, receber.
- b) **natureza:** seres que constituem o universo, temperamento, espécie, qualidade.
- c) **nota:** anotação, breve comunicação escrita, comunicação escrita e oficial do governo, cédula, som musical, atenção.
- d) **breve:** de pouca duração, ligeiro, resumido.

Foi assim que, em função da riqueza de dados, o que tornaria o trabalho bastante extenso, optou-se, neste primeiro volume, por preparar as CARTAS LÉXICAS, num total de 220, confeccionadas a partir dos Grandes Campos Semânticos: NATUREZA, HOMEM, TRABALHO.

Trabalham-se, ao todo, nesta etapa, com mil, duzentos e cinco inquéritos, nas três faixas etárias, no sentido de observar a unidade e a diversidade linguística nas três Áreas de Pesquisa, nove Zonas de Pesquisa e dezoito Pontos de Inquérito.

Dos mil e duzentos e cinco inquéritos selecionados, cento e quarenta e cinco estão publicados em três volumes<sup>29</sup> disponíveis na biblioteca da UFAC – Campus de Rio Branco e Cruzeiro do Sul. Os demais livros, num total de 123 títulos, estão no prelo. Nunca se obteve recursos para essas publicações. Há trabalhos muitos interessantes sobre cada ponto de inquérito, que traduzem hábitos e culturas peculiares aos povos amazônicos.

---

<sup>29</sup> Os três volumes foram organizados pela professora doutora Luisa Galvão Lessa, idealizadora e coordenadora do ALAC. São eles: 1. A linguagem falada no Vale do Acre; 2. A linguagem falada no Vale do Purus; 3. A linguagem falada no Vale do Juruá. Constan de entrevistas do questionário geral. Ano da publicação: 2002; ISBN: 85-902549-1-7, Local: Rio de Janeiro.

## 10 - REGISTRO DOS INQUÉRITOS

Todo o banco de dados, armazenado no ALAC, que serve como objeto deste estudo, está catalogado com a seguinte metodologia: as duas primeiras letras, todas em maiúsculas, correspondem às zonas da pesquisa; os números identificam os inquéritos, seguido de uma barra oblíqua e os números 1, 2 ou 3 indicam em qual fita cassete foi gravada; a penúltima letra indica a faixa-etária do informante; a última letra a variante de sexo. Por exemplo: PC025/2CM, a Zona de Pesquisa foi Plácido de Castro, a entrevista de número vinte e cinco, segunda fita (60 minutos cada), faixa C (sexo masculino).

## 11 - DIMENSÃO DO *CORPUS* ALAC

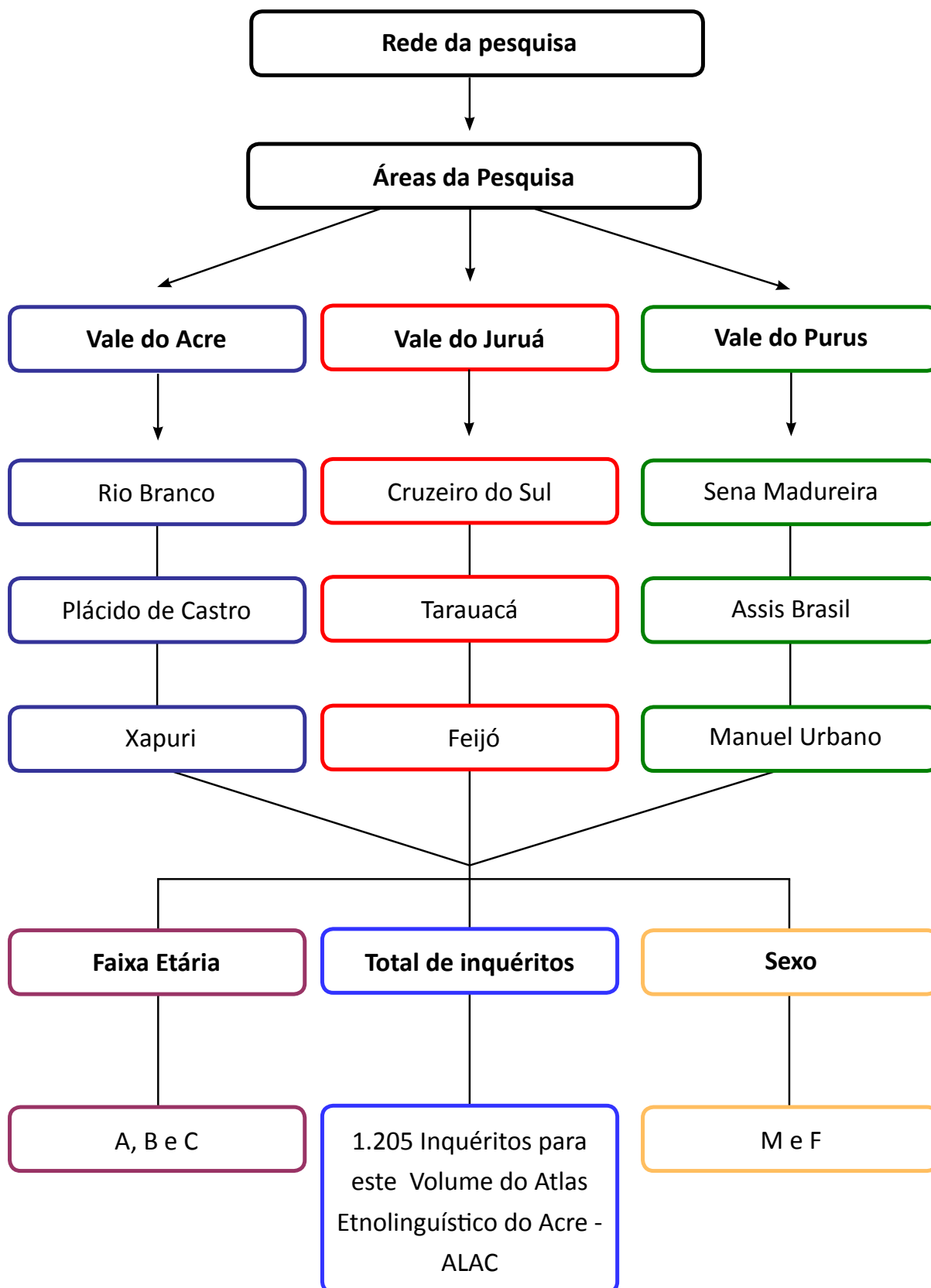
### 11.1 - Da rede de pontos de pesquisa

A rede de pontos de pesquisa do Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC está assim delimitada:

➤Três áreas de pesquisa: Vale do Acre (VA); Vale do Purus (VP); Vale do Juruá (VJ);

➤Nove zonas de pesquisa: Rio Branco (RB), Plácido de Castro (PC), Xapuri (XA); Assis Brasil (AB), Manuel Urbano (MU), Sena Madureira (SM); Cruzeiro do Sul (CS), Tarauacá (TC), Feijó (FJ);

➤Dezoito pontos de inquéritos: RB = 1. Porto Acre (PA) e 2. Seringal Nova Califórnia (AC); PC = 3. Seringal Triunfo (ST) e 4. Porto de Plácido; XA = 5. Seringal Sibéria (SS) e 6. Porto de Xapuri (PX); AB = 7. Seringal Cascata e 8. Bairro Plácido de Castro; MU = 9. Bairro São Francisco e 10. Bairro Palheiral; SM = 11. Bairro São Francisco e 12. Porto de Sena; CS = 13. Bairro Miritizal 14. Seringal Remanso; TA = 15. Bairro da Praia e 16. Porto de Tarauacá; FE = 17. Porto de Feijó e 18. Bairro São Francisco, que correspondem, respectivamente, às zonas de pesquisa descritas acima. Tem-se a visualização gráfica abaixo (Gráfico 2):

**Gráfico 2** – Rede de Áreas e Zonas de Pesquisa do ALAC neste Volume de Cartas Léxicas

## 12 - OS QUESTIONÁRIOS - ESPECÍFICO (QFF)<sup>30</sup> E QUESTIONÁRIO GERAL (QSL)<sup>31</sup> - E OS PROGRAMAS COMPUTACIONAIS

Tem-se, assim, um *corpus* com 4.025 horas de gravação, com entrevistas entre documentador (D) e locutor (L), no Questionário Palavra e Coisa (QFF) e Questionário Semântico Lexical (QSL), nos três Vales da pesquisa: Acre, Juruá e Purus. Mas, aqui, tomam-se 1.205 Questionários para elaborar 220 Cartas Léxicas.

Na análise e tratamento dos dados, seguir-se-ão os caminhos da Geolinguística Brasileira, em especial dos Atlas Linguísticos já publicados e daqueles em andamento, com aproveitamento de programas computacionais aplicados à Geografia Linguística, como o Pacote UTIL, o AUTOCAD, o arcGIS, dentre outros. Este último utilizado à elaboração das Cartas Léxicas.

Ressalte-se que esse conjunto de programas responde aos interesses da pesquisa nas Áreas, Zonas e Pontos de Inquéritos, seja do ponto de vista fonético, assim como da unidade e da diversidade, da conservação e da inovação, dos fenômenos linguísticos, pois através dos dados dos informantes, por faixa etária, sexo, escolaridade, é possível à elaboração das cartas léxicas e a descrição fonética, de modo geral, e o estabelecimento de isoglossas<sup>32</sup>, isófonas<sup>33</sup> e isoléxicas<sup>34</sup>.

Observa-se, para maior compreensão do feito, não se haver procedido a nenhuma alteração na transcrição dos dados. A forma como foram efetuadas as transcrições, por pesquisadores do ALAC, objetiva tornar a leitura fidedigna ao pronunciado pelos informantes.

---

<sup>30</sup> Questionário Fonético Fonológico.

<sup>31</sup> Questionário Semântico Lexical.

<sup>32</sup> Unindo-se os pontos reveladores de traços comuns, obtêm-se as isoglossas, que indicam, objetivamente, a área dialetal.

<sup>33</sup> Cartas que apontam timbres iguais entre regiões de pesquisa.

<sup>34</sup> Linhas imaginárias que marcam uma fronteira linguística entre duas variantes regionais. Com base num traço de natureza lexical.

## 13 - DESCRIÇÃO DAS ÁREAS DE PESQUISA, ZONAS DE PESQUISA E DE SEUS RESPECTIVOS PONTOS DE INQUÉRITOS

As Áreas de Pesquisa ALAC foram divididas em consonância com as características dos lugares, definidas pela coordenadora do projeto, Professora Doutora Luísa Galvão Lessa Karlberg, no ano de 1991/1995, em viagens de sondagens. Reunidas às informações, a Rede da Pesquisa ficou assim definida: no Vale do Acre, mais próximo da capital, cerca de 200 km, pesquisou-se nos municípios de Porto Acre, Plácido de Castro e Xapuri. O Vale do Purus, que constitui o centro do Estado, aproximadamente 300 km, ficou assim: Assis Brasil, Manuel Urbano e Sena Madureira. O Vale do Juruá, localizado mais longe, cerca de 800 km da capital, tem-se os municípios de Cruzeiro do Sul, Tarauacá e Feijó.

A **mesorregião do Vale do Acre** é uma das duas mesorregiões do Estado brasileiro do Acre, sendo a maior delas. É formada pela união de quatorze municípios, agrupados em três micro-regiões. A maior, a Microrregião de Rio Branco, é onde vive a maior parte da população do Estado.

A **mesorregião do Vale do Juruá** é uma das duas mesorregiões do Estado brasileiro do Acre. É formada pela união de oito municípios agrupados em duas microrregiões. Esta localizada no extremo noroeste do Estado e no extremo oeste do Brasil.

A **mesorregião do Vale do Purus** é uma delimitação do ALAC, abraça quatro cidades no interior do Acre, em espaços geográficos mais isolados: Manoel Urbano, Sena Madureira, Santa Rosa do Purus e Assis Brasil.



## 14 - COLETA DE DADOS E TRANSCRIÇÃO

A coleta da oralidade regional foi realizada por etapas, porquanto nunca se obteve um agente financiador. Além do mais a região amazônica possui características imensuráveis de dificuldade de acesso. Assim, os dados foram coletados nos anos de 1991, 1992, 1994, 1995, 2010, 2013, 2015. Igualmente, os dados são rurais e urbanos, numa interação entre a floresta, os seringais, os ribeirinhos e moradores das cidades que servem de pontos inquiridos. Todo esse cenário pode fazer a diferença nos resultados alcançados na pesquisa. Afinal, ela deve responder ao problema que suscitou e, além do referencial teórico, foi imprescindível a escolha do método, em todas as etapas.

Nota-se, numa pesquisa de oralidade como esta, que o pesquisador necessita prever problemas metodológicos e teóricos adicionais. Eles surgem o tempo todo. E, no Acre, não foi possível dialogar com especialistas da linguagem, porque nenhum reside na região. Para melhor compreender o grau de dificuldades é fundamental, ao curioso ou crítico, adentrar nas localidades, efetuar uma coleta de dados, fazer uma transcrição, digitá-la para, depois, submetê-la aos programas computacionais. Graças às novas tecnologias, essas tarefas tornaram-se menos trabalhosas e o oral conquistou um espaço importante e credível dentro dos estudos sobre a linguagem.

Neste *Corpus* do ALAC trabalhou-se com muitas dificuldades, nunca houve dinheiro para adquirir equipamentos tecnológicos, empreender viagens, comprar algum material. Assim, trabalhou-se com gravações, ouvindo cada entrevista e transcrevendo-a, seguindo uma metodologia previamente elaborada para tratar dos fenômenos linguísticos. Como marca de nasalidade, por exemplo, optou-se por um /N/ maiúsculo, quando essa consoante palatal desaparece. Assim quando o informante não pronunciava galinha, sem o NH, fez-se uma transcrição de galiNa. Isso conduziu ao equívoco de uma pessoa, ao utilizar os dados transcritos do ALAC, a afirmar, em Congressos, que o falante do Acre pronunciava /galina/, cometendo o erro grosseiro de quem não foi ao campo, não conhecia a metodologia de transcrição e, logicamente, os dados que utilizava. Foi uma gafe sem tamanho e também uma falta de ética utilizar dados alheios sem mencionar a fonte. Isso aconteceu no Acre por quase uma década.

Também se deve esclarecer, que trabalhar com dados orais é muito difícil e demorado. Observa-se, por exemplo, no cenário científico, que os *corpora* orais transcritos ainda são raros. No caso das transcrições propriamente ditas, as escolhas e os custos que elas demandam freiam o seu desenvolvimento, mesmo se ele parece mais acelerado nesses últimos anos. Ressalte-se, ainda, que o oral impõe níveis descritivos e ferramentas teóricas parcialmente distantes daqueles tradicionalmente utilizados para a escrita. Tudo isso são elementos que tornam a tarefa dispendiosa, custosa e lenta.

De tudo, é importante dizer que uma pesquisa baseada em *corpus* de campo consiste em utilizar e analisar dados que comprovem e legitimem a investigação científica. É claro

que alguns pesquisadores, ainda nos dias de hoje, e por diversas razões, preferem não utilizar *corpus gravado*. Essa escolha de *corpus gravado* demanda muito trabalho e consome uma fortuna em dinheiro, além do cansaço decorrente de numerosas viagens ao campo da pesquisa. Entretanto, entende-se que, ao optar pela pesquisa baseada na análise de um determinado *corpus*, o pesquisador acredita que a língua exerce uma função social dentro dos contextos situacionais e que o significado se confirma nos momentos da fala. É por esta razão que se conduz o presente estudo, fundamentado na análise de um *corpus* coletado em campo, com falantes regionais.

Sob esse olhar, a *Linguística de Corpus*<sup>35</sup> postula que a identificação, a análise e a discussão dos dados se desenvolvam a partir de um *corpus* que seja: autêntico, considerando que os usos da linguagem sejam de ordem comunicativa, natural, porque devem conferir os usos de falantes nativos. Deve, ainda, ser criterioso, tendo em vista que seja pertinente à pesquisa desenvolvida.

No que diz respeito à transcrição do material, e relação a outros tipos de produção, o texto oral é abundante, variável e, conseqüentemente, mais difícil de ser conservado, representado e manipulado. Habitualmente, quando se realiza uma transcrição, se suprimem informações ou se acrescentam elementos ao texto original, fato que não ocorreu aqui. As transcrições são fidedignas, tais quais ocorreram.

Sob essa ótica, duas dificuldades devem ser destacadas em relação a essa tarefa: a) problemas que se têm na origem e na percepção, pois “escutar é uma atividade complexa e a pessoa está sempre pronta a “escutar aquilo que acredita plausível” (BLANCHE-BENVENISTE e JEANJEAN, 2000, p. 6), e problemas relativos à legibilidade da transcrição, ou melhor, ao modo como ela será realizada, a fim de que o pesquisador possa trabalhar, confortavelmente, e o leitor possa ter acesso rápido aos dados. Por esse motivo, a transposição da produção oral para o papel merece atenção e cuidados especiais.

O transcritor ingênuo será vítima de sua ignorância e de todos os fenômenos ligados à reconstrução; ouvinte não advertido, ele arrisca a entender mal, mesmo tendo boa vontade (GOFFMAN, 1981, p. 214). É preciso lhe dar uma formação mínima [...]. Ele deve ter uma ideia referente ao objetivo da transcrição e deve poder centrar sua atenção nos aspectos que deseja particularmente estudar. Coletar uma quantidade de dados e identificar somente depois o que será utilizado [e analisado] não é uma boa maneira de começar o trabalho (BLANCHE-BENVENISTE e JEANJEAN, 2000, p. 98)

Por isso tudo, para diminuir o máximo possível de falhas ou equívocos, na transcrição dos dados, adotou-se uma metodologia própria no tratamento dos fenômenos linguísticos. Elaborada e concluída essa metodologia, uns poucos transcritores, bolsistas PIBIC, passaram por rigoroso treinamento. Mesmo assim, todos os inquéritos foram submetidos à criteriosa revisão. Não se produziram novos textos, porquanto se procurou ser o mais fielmente possível à fala do Informante e, assim, poder representar, com fidedignidade, a sua linguagem.

---

<sup>35</sup> É uma área da Linguística que se ocupa da coleta e análise de corpus, que é um conjunto de dados linguísticos coletados criteriosamente para serem objeto de pesquisa linguística. Fonte: Wikipédia.

## 15 - IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DE NATUREZA LEXICAL

O nível lexical de uma língua é olhado como o retrato da cultura de um povo. Nele estão refletidos aspectos vinculados às experiências sociais e culturais de uma comunidade, pois, ao escolher formas linguísticas para nomear os referentes do mundo físico e do universo simbólico, o indivíduo revela não somente a sua percepção da realidade, mas compartilha valores, práticas culturais e crenças do grupo social em que se enquadra.

Em estudo de natureza lexical, como este que aqui se empreende, objetiva-se apresentar, por meio da análise linguística ou análise das Cartas Léxicas, a presença de *fronteiras léxicas*<sup>36</sup> ou mesmo de isoglossas no Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC. E, à luz dos teóricos da Geolinguística, uma *isoglossa*<sup>37</sup> pode ser delineada com base em elementos lexicais, ou seja, na variação presente no uso das palavras para designar um mesmo objeto, ou ideia, ou ação. Nesse caso, chama-se *isoléxica* e demarca as regiões em que determinada palavra é preferida em detrimento de outra para denominar o mesmo objeto.

Sendo assim, o léxico é o nível da língua mais influenciado por fatores socioculturais. Segundo Biderman (2001, p.12):

(...) o léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos léxicos herdados e de uma série de modelos e categorias para gerar novas palavras.

Considera-se a herança linguística o maior patrimônio que um povo possui, muito embora devido às mudanças, fatos, acontecimentos e diversidades culturais, as linguagens estão mudando, outras estão ganhando novos sentidos. Assim, não se deve continuar a ensinar a língua portuguesa como era no passado, isso porque não é mais possível ignorar as modificações multiculturais, as quais influenciam no valor lexical. Para ensinar línguas é necessário contextualizar as expressões, respeitar os aspectos geográficos, culturais, históricos e linguísticos de cada povo.

<sup>36</sup> Entende-se por *fronteira léxica* o espaço geográfico que abriga formas linguísticas que não apresentam unidade nos espaços em que determinadas palavras foram pesquisadas.

<sup>37</sup> Uma *isoglossa* é a fronteira geográfica de certa característica linguística, por exemplo, a pronúncia de uma vogal, o significado de uma palavra ou o uso de uma característica sintática. Consideram-se, na presente pesquisa, isoglossas nitidamente demarcadas por palavras diferentes para designar o mesmo objeto, porquanto o estudo prende-se às Cartas Lexicais em três grandes regiões do Estado do ACRE (VA, VP, VJ) e nove Zonas de Pesquisa: Rio Branco, Plácido de Castro, Xapuri (VA); Sena Madureira, Manoel Urbano, Assis Brasil (VP); Cruzeiro do Sul, Tarauacá, Feijó (VJ).

O léxico é entendido como “conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc.(DUBOIS et al., 2006, p. 364). Ainda, segundo Biderman (2001, p. 179),

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua.

Desde há bastante tempo o léxico das línguas vêm sendo estudados sob variadas perspectivas. Há, de um lado, pesquisas que se voltam para o estudo histórico desse léxico, descrevendo-o e analisando-o com base numa abordagem diacrônica. De outra parte, existem aqueles estudos que, por meio de pesquisa de campo, registram o falar de determinadas comunidades linguísticas, num plano sincrônico, ou que fazem, também, um estudo léxico-comparativo entre o estado atual da fala e os documentos escritos em épocas anteriores, com base, por exemplo, nas correspondências trocadas entre familiares, amigos etc.

Em verdade, o ato de nomear constitui, em si só, uma apropriação da cultura. Muitos são os exemplos que se poderia arrolar sobre a nomeação como ato de apropriação pela linguagem, mas dois são evidentes. Em Gênese, a criação do mundo faz-se pela palavra, pela nomeação de cada uma das partes criadas para a constituição desse mundo. Outro exemplo revelador é o da aquisição da linguagem pelas crianças. A necessidade da comunicação, associada à limitada dominação da língua, determina escolhas, relegando a um segundo momento a aquisição e o domínio de estruturas complexas e centrando o esforço de comunicação na nomeação do mundo que as cerca. Posteriormente, as escolhas léxicas serão reveladoras dos valores que cultuam, das influências sofridas, da história pessoal e coletiva.

Considera-se relevante que um estudo da dimensão lexical tem, ainda, por alvo colimado, a elaboração de dicionários de língua geral, estudo que contribuiu para a instituição de disciplinas como a Lexicologia e a Lexicografia, que são responsáveis por estudos de dimensão lexical, tais como à elaboração de glossários, dicionários técnico-científicos e bancos de dados terminológicos que proporcionaram o desenvolvimento de disciplinas como a Terminologia e a Socioterminologia.

Depreende-se, então, que dessa evolução teórico-metodológica dos estudos sobre o léxico, a Dialectologia e a Geografia Linguística estiveram sempre interessadas em registrar o patrimônio lexical de um passado recente e as mudanças léxicas ocorridas graças às transformações sociopolíticas e geopolíticas ocorridas numa dada língua, em qualquer parte do planeta. Por isso, certamente, essas duas disciplinas se mantiveram vivas do final do século XVIII até os dias atuais.

Interessante observar que no Brasil o estudo das palavras já despertava interesse desde aquele trabalho de Visconde de Pedra Branca<sup>38</sup>. Todavia, a partir de 1996, a Dialectologia e Geografia Linguística tiveram um considerável avanço, que pode ser verificado pelo número de publicações científicas de grande porte representadas pelos atlas linguísticos regionais e pelo projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB – cujos frutos já se verificam em teses de doutorado, dissertações de mestrado e artigos científicos publicados em revistas nacionais e internacionais, bem como em encontros dedicados à Geografia Linguística. Muito tem sido feito nesse campo do conhecimento.

Ademais, sendo as palavras os elementos mais importantes de uma língua, o estudo do léxico tem caracterizado os estudos em Dialectologia que sempre demonstraram a urgência que há no registro da diversidade lexical do português, como afirma Couto (2009, p. 146):

Ao lamentar o desaparecimento dos dialetos rurais, não estou propugnando por um iletramento, um não-acesso ao DE [dialeto estatal]. Pelo contrário, estou lamentando a perda de todo um conhecimento que se vai com o desaparecimento de uma variante do português. Isso porque, quando uma palavra desaparece, o fato se dá porque a coisa designada por esta também desapareceu ou, pelo menos, o conhecimento que a comunidade tinha da coisa, como sabiam os membros da escola dialetológica *Wörter und Sachen* (palavras e coisas). O que estou defendendo é a variedade, a diversidade de dialetos, inclusive o dialeto estatal. Como nos ensina a natureza, diversidade representa riqueza, no caso riqueza de meios expressivos, o que não é algo ruim que deve ser extirpado, como querem os normativistas para as variedades não padrão, não estatais.

O projeto ALiB corrobora toda uma história de estudos dialetológicos voltados para o registro, entre outros, da variação lexical. Trata-se de um marco divisório entre estudos dialetológicos voltados para metodologias que focalizavam o espaço rural e estudos voltados para o contínuo rural-urbano, em razão das mudanças sociopolíticas e econômicas. Os estudos do léxico têm se beneficiado desse passo importante na história da Dialectologia Brasileira.

No Brasil, os estudos de cunho dialetológico tiveram início, segundo Cardoso (1997), no final do século XIX e início do século XX. Com publicações como o Dicionário da Língua Brasileira (PINTO, 1832), o Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da Língua Portuguesa (RUBIM, 1853), o *Popularium sulriograndense* e o dialeto nacional (ALEGRE, 1872), A linguagem popular amazônica (VERÍSSIMO, 1884), O dialeto caipira (AMARAL, 1920) e A língua do Nordeste (MARROQUIM, 1934), O linguajar carioca (NASCENTES, 1953), desenvolveram-se estudos que, ao lado dos glossários regionais, caracterizaram os rumos dos estudos dialetais no país.

Para resumir as tarefas dos estudos dialetais, auxilia citar Cardoso (2010), que destaca o ponto de vista incontornável de Nelson Rossi (1967, p. 104, apud CARDOSO, 2010, p. 141):

---

<sup>38</sup> Domingos Borges de Barros, primeiro e único barão e visconde de Pedra Branca, (Salvador, 10 de outubro de 1780 - 20 de março de 1855) foi um advogado, escritor, diplomata, político e principalmente senhor de engenho. Ele anotou, pela primeira vez, algumas peculiaridades do português brasileiro para integrar o Atlas Ethnographique du Globe (1924-1925).

Convirá, porém, nunca esquecer que a dialetologia é essencialmente contextual: o fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao confronto com o fato correspondente – ainda que por ausência – em outro ponto ou outra área.

Embora alguns pesquisadores ainda vejam a Dialetologia, unicamente, na pesquisa diatópica (horizontal), a grande maioria busca experimentar novos métodos, novos meios técnicos e acrescentar à Dialetologia novos parâmetros, ampliando, assim, a sua dimensão monodimensional para uma Dialetologia bidimensional.

## 16 - CARTAS LÉXICAS

As 220 Cartas Léxicas que compõem o Volume do Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC recobrem três grandes campos semânticos: NATUREZA, HOMEM, TRABALHO. Alcançam três Áreas de Pesquisa: Vale do Acre (VA); Vale do Purus (VP); Vale do Juruá (VJ); Nove Zonas de Pesquisa: Rio Branco (RB), Plácido de Castro (PC), Xapuri (XA); Assis Brasil (AB), Manuel Urbano (MU), Sena Madureira (SM); Cruzeiro do Sul (CS), Tarauacá (TC), Feijó (FJ); Dezoito Pontos de Inquérito: RB = 1. Porto Acre (PA) e 2. Seringal Nova Califórnia (NC); PC = 3. Seringal Triunfo (ST) e 4. Porto de Plácido; XA = 5. Seringal Sibéria (SS) e 6. Porto de Xapuri (PX); AB = 7. Seringal Cascata e 8. Bairro Plácido de Castro; MU = 9. Bairro São Francisco e 10. Bairro Palheiral; SM = 11. Bairro São Francisco e 12. Porto de Sena; CS = 13. Bairro Miritizal 14. Bairro Remanso; TA = 15. Bairro da Praia e 16. Porto de Tarauacá; FE = 17. Porto de Feijó e 18. Bairro São Francisco, que correspondem, respectivamente, às nove zonas de pesquisa selecionadas para esta pesquisa dialetal.

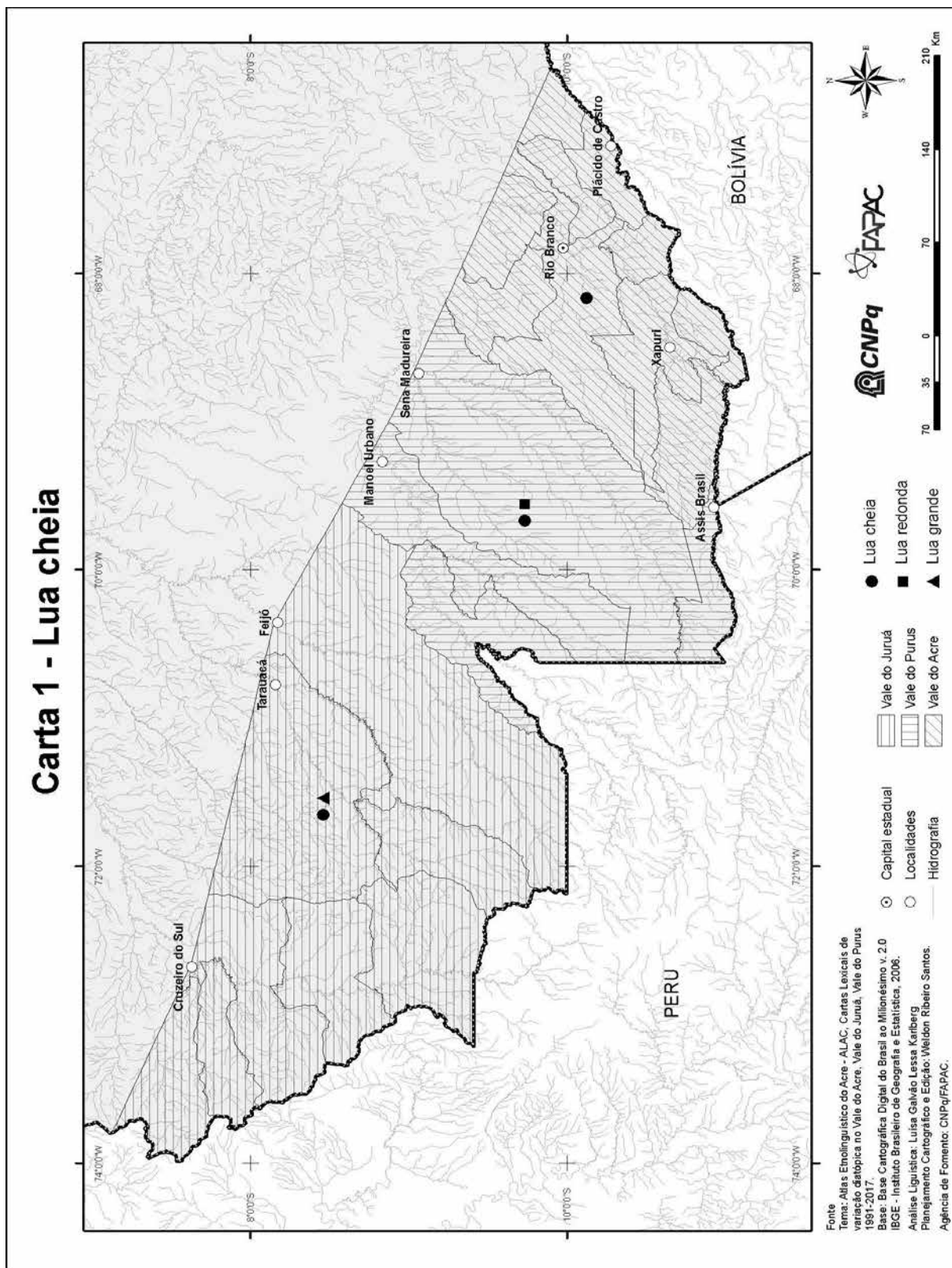
Procurou-se buscar nessa rede de pesquisa, as diferenciações entre as três grandes regiões do Estado do Acre: Vale do Acre, Vale do Purus e Vale do Juruá, nas respectivas Zonas de Pesquisa e nos Pontos de Inquérito. Verificam-se, haver nestas cartas, aqui apresentadas, alterações sócio-históricas e culturais bem acentuadas na região do Estado do Acre.

Compreende-se, nesse fazer, que buscar as diferenciações regionais, verificando as alterações sócio-históricas que cada comunidade apresenta, e averiguar as unidades e diversidades geográficas, na busca do retrato linguístico, desta região, são metas que devem nortear a tarefa de um dialetólogo. Esses objetivos devem estar presentes não só nos atlas nacionais, mas, principalmente, nos regionais, por possibilitarem o estudo da língua por meio de um inventário linguístico verticalizado, no qual se espelhem algumas mudanças sociais, oferecendo, assim, subsídios para a constituição de um quadro sinótico da língua nacional.

# 17- ATLAS ETNOLINGUÍSTICO DO ACRE -ALAC

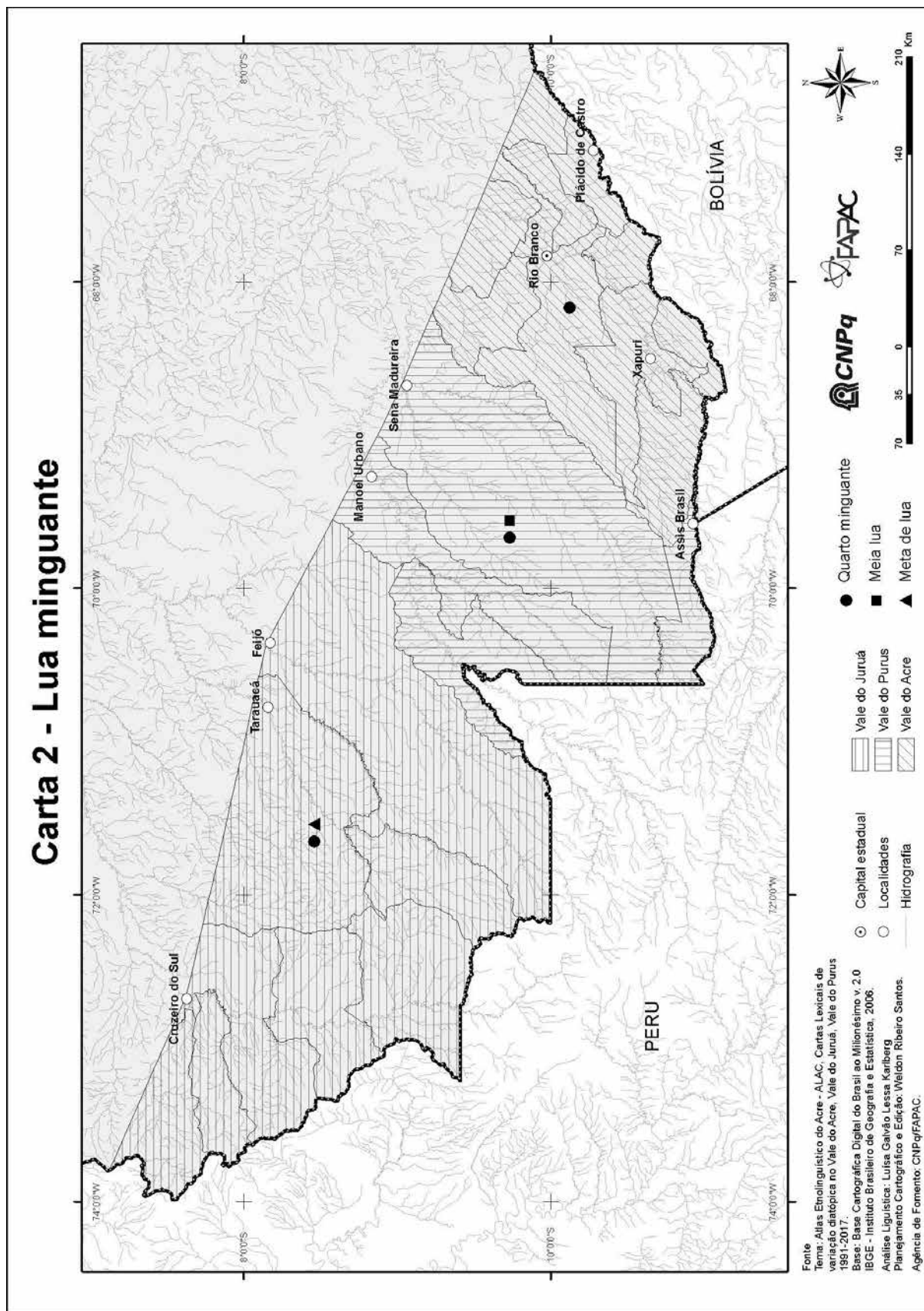
## I – ASTROS E FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

Carta 1 – Lua Cheia

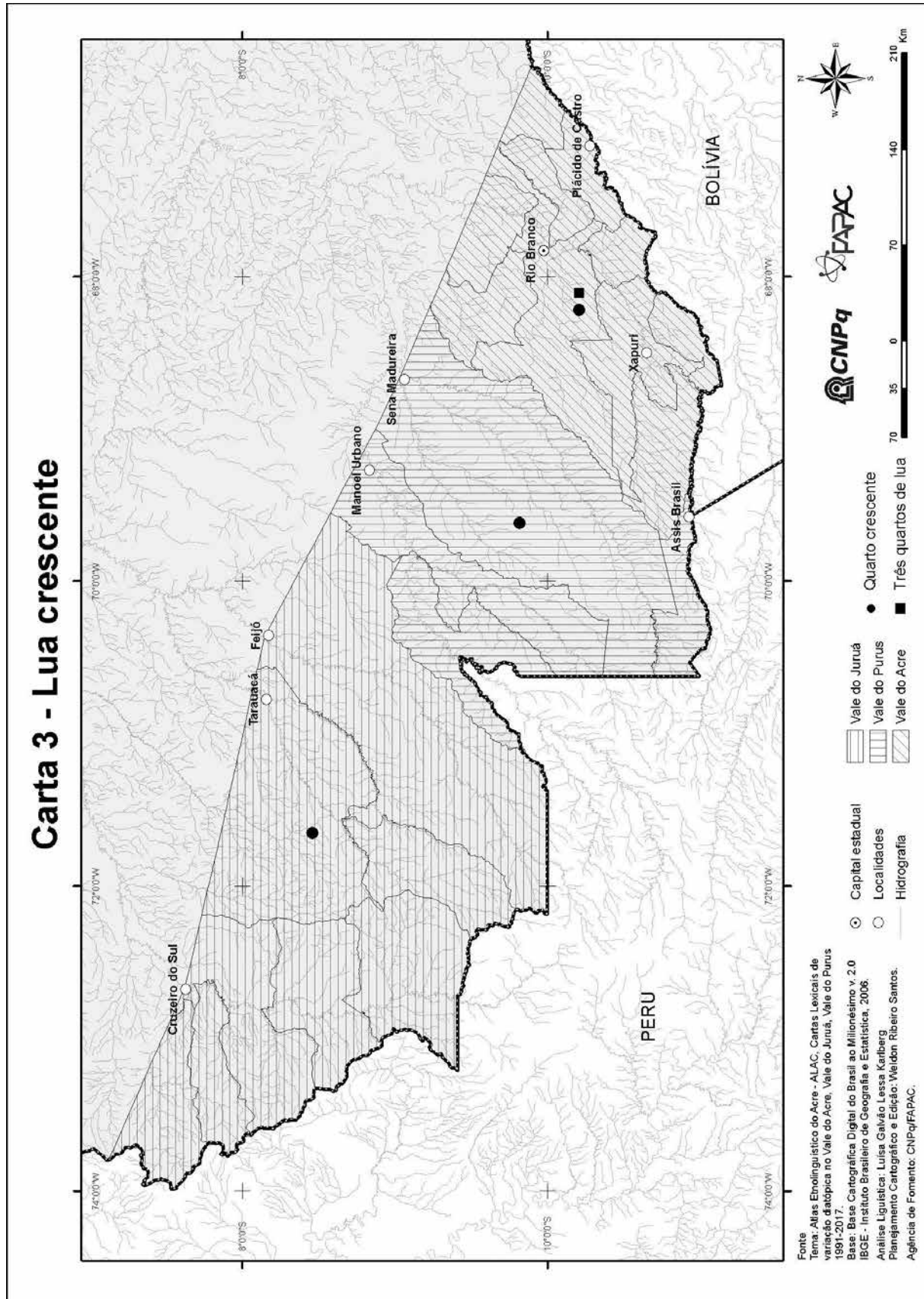




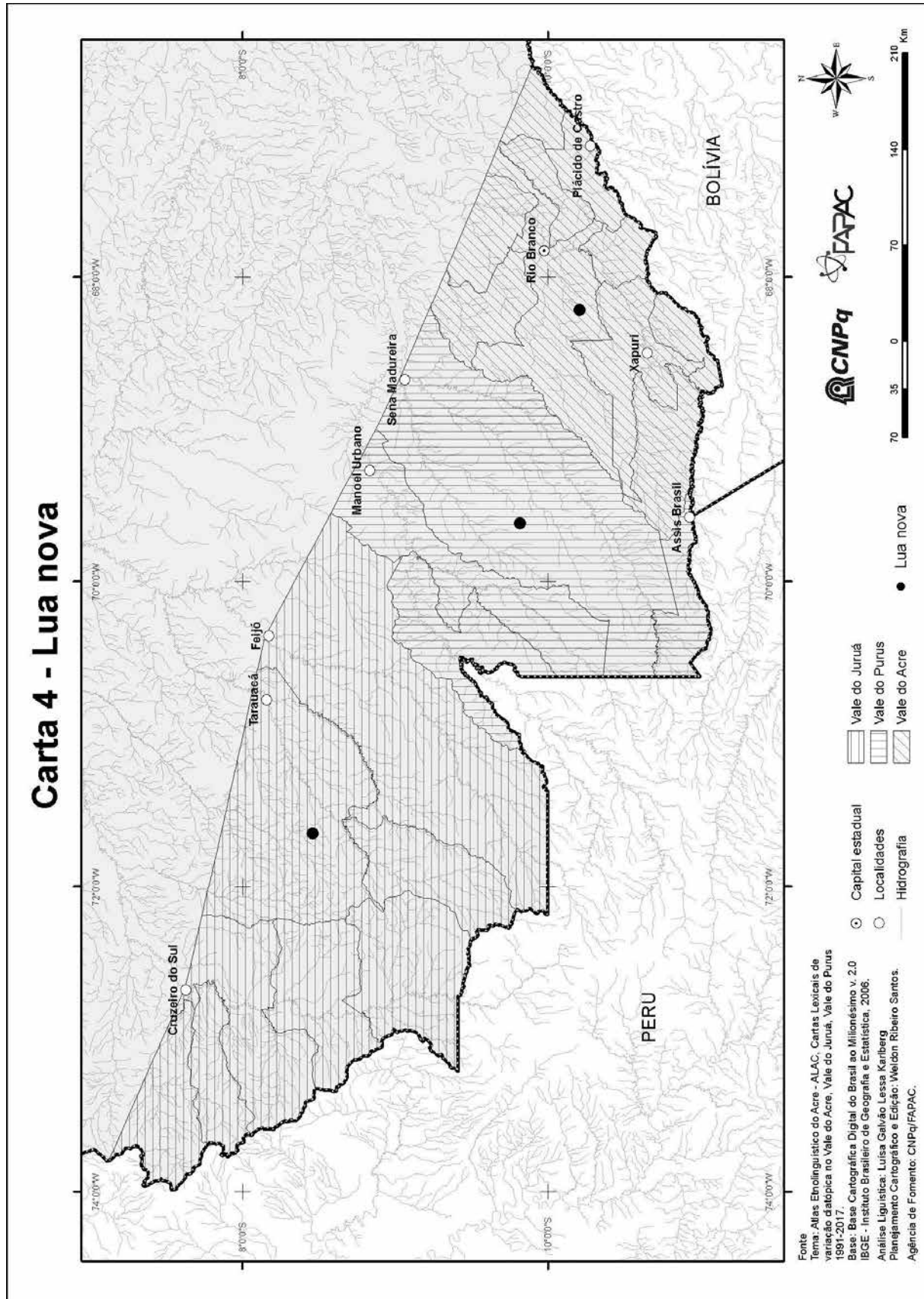
Carta 2 – Lua Minguante



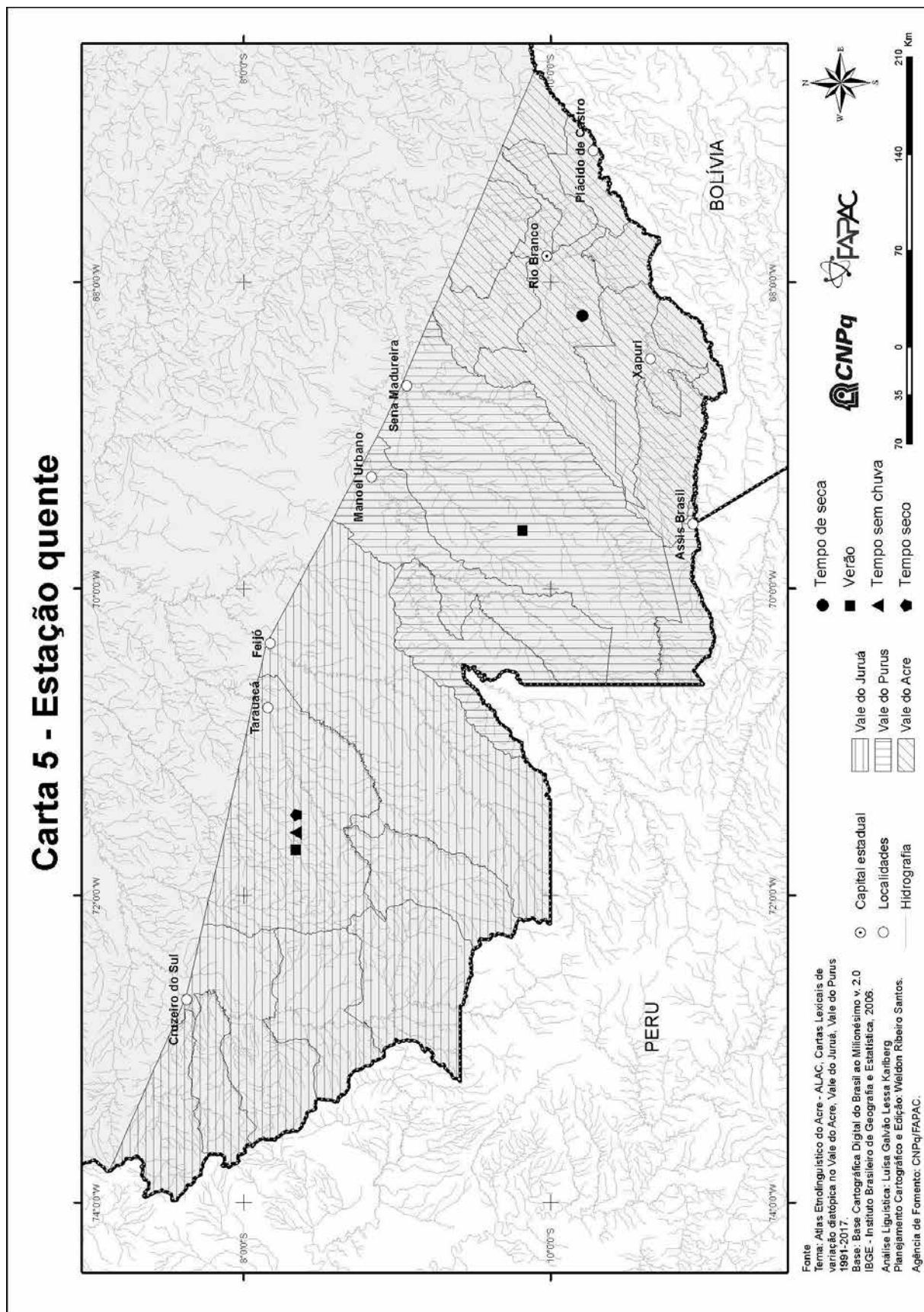
Carta 3 – Lua Crescente



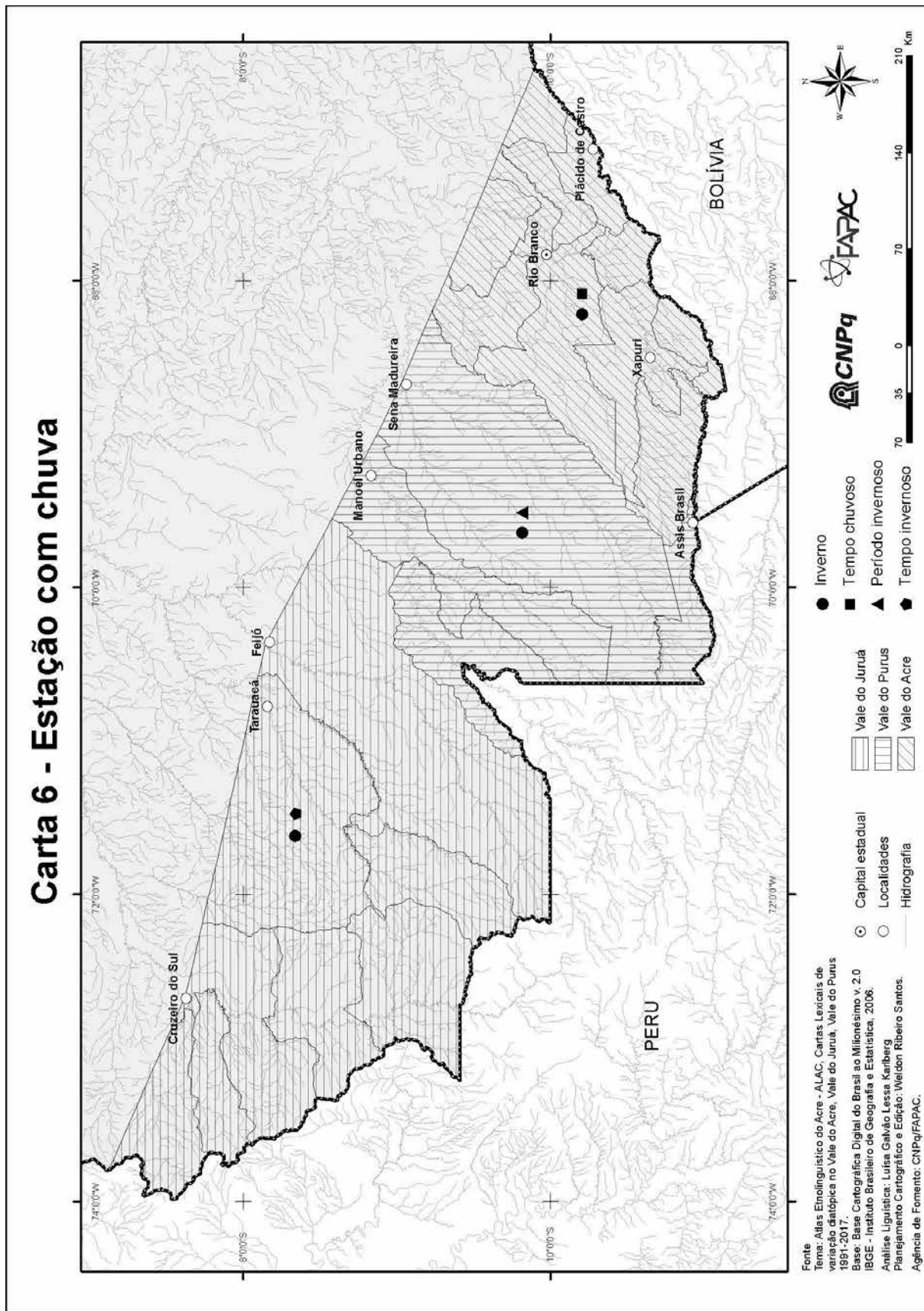
Carta 4 – Lua Nova



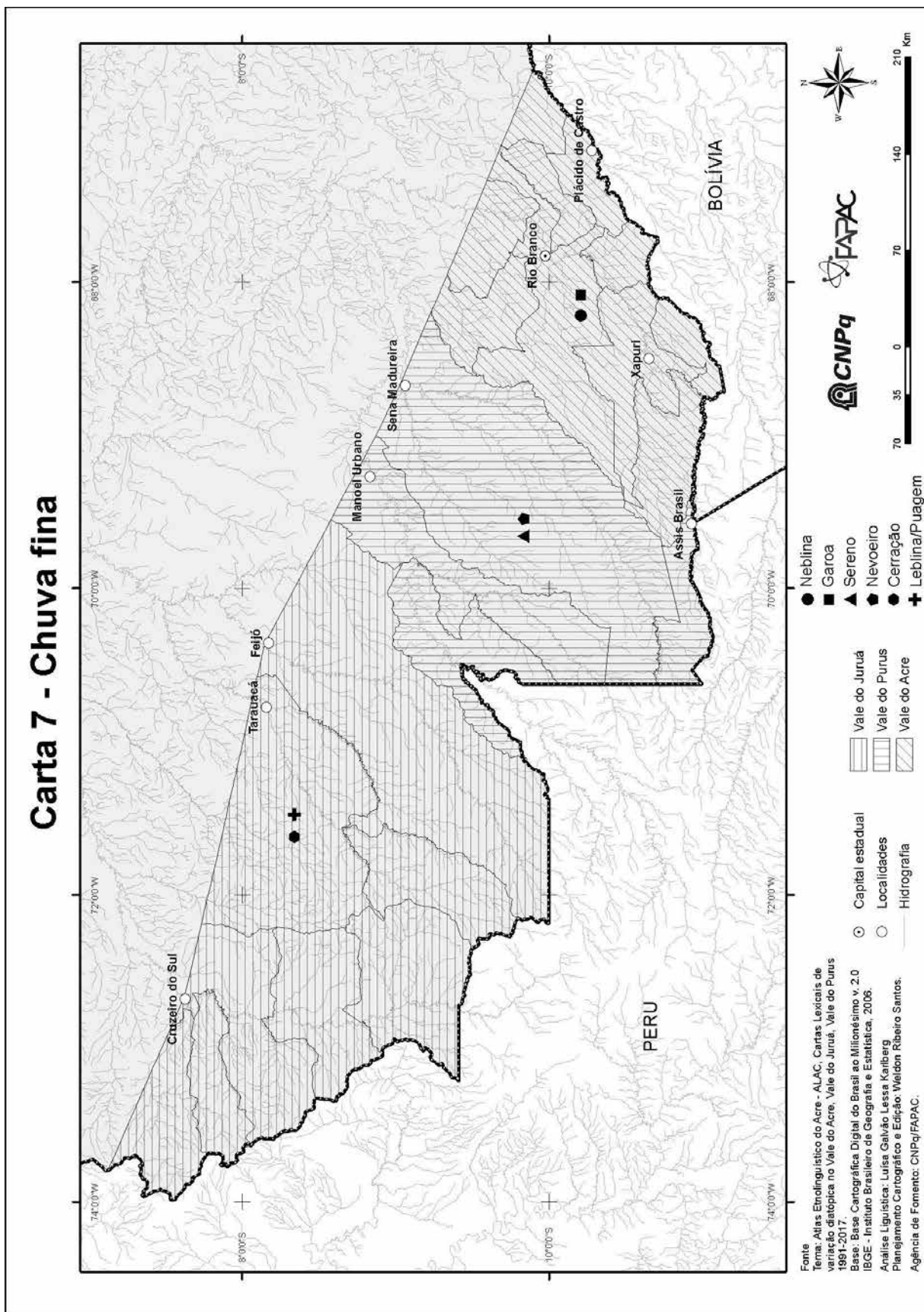
Carta 5 – Estação Quente



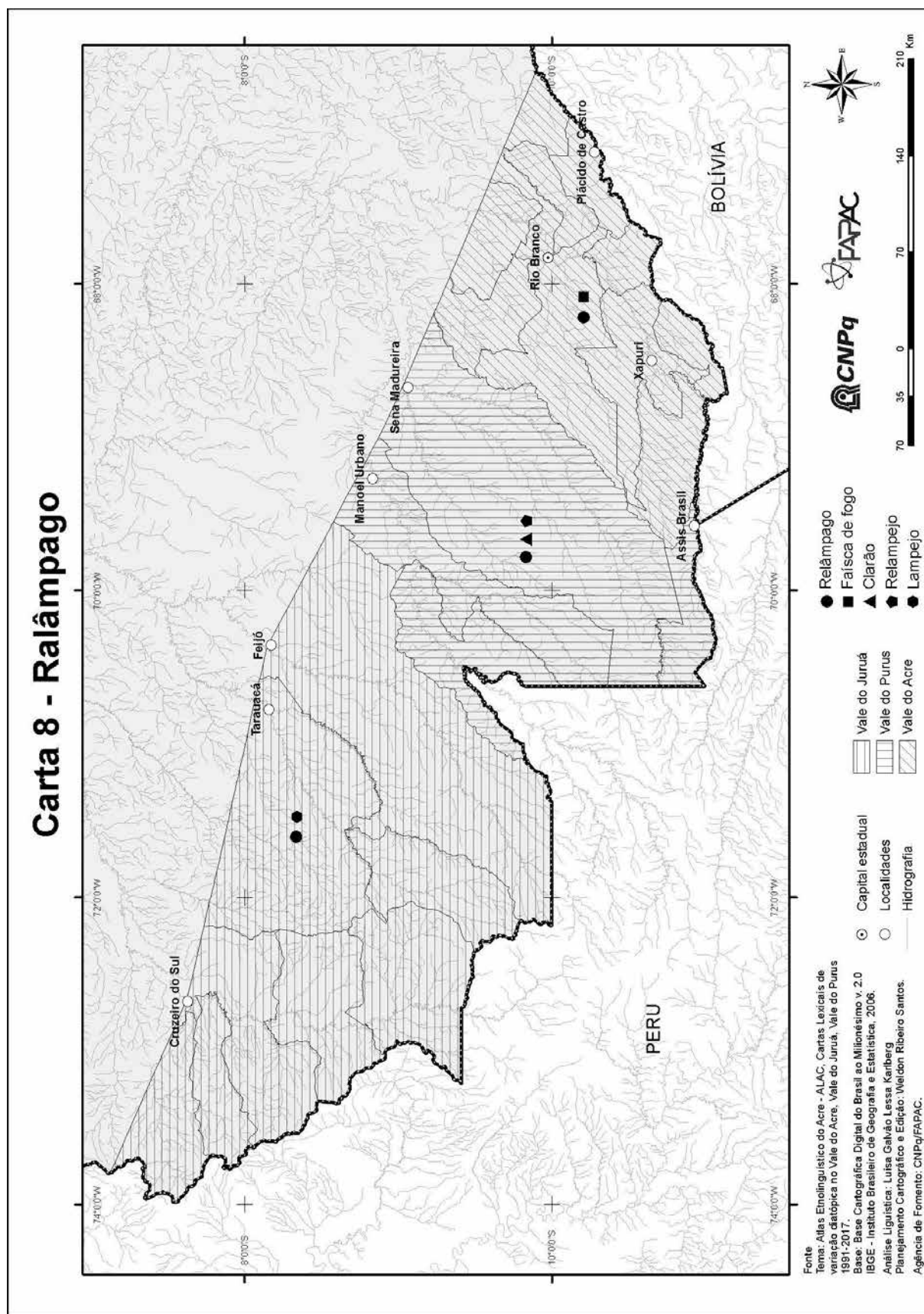
Carta 6 – Estação com Chuva



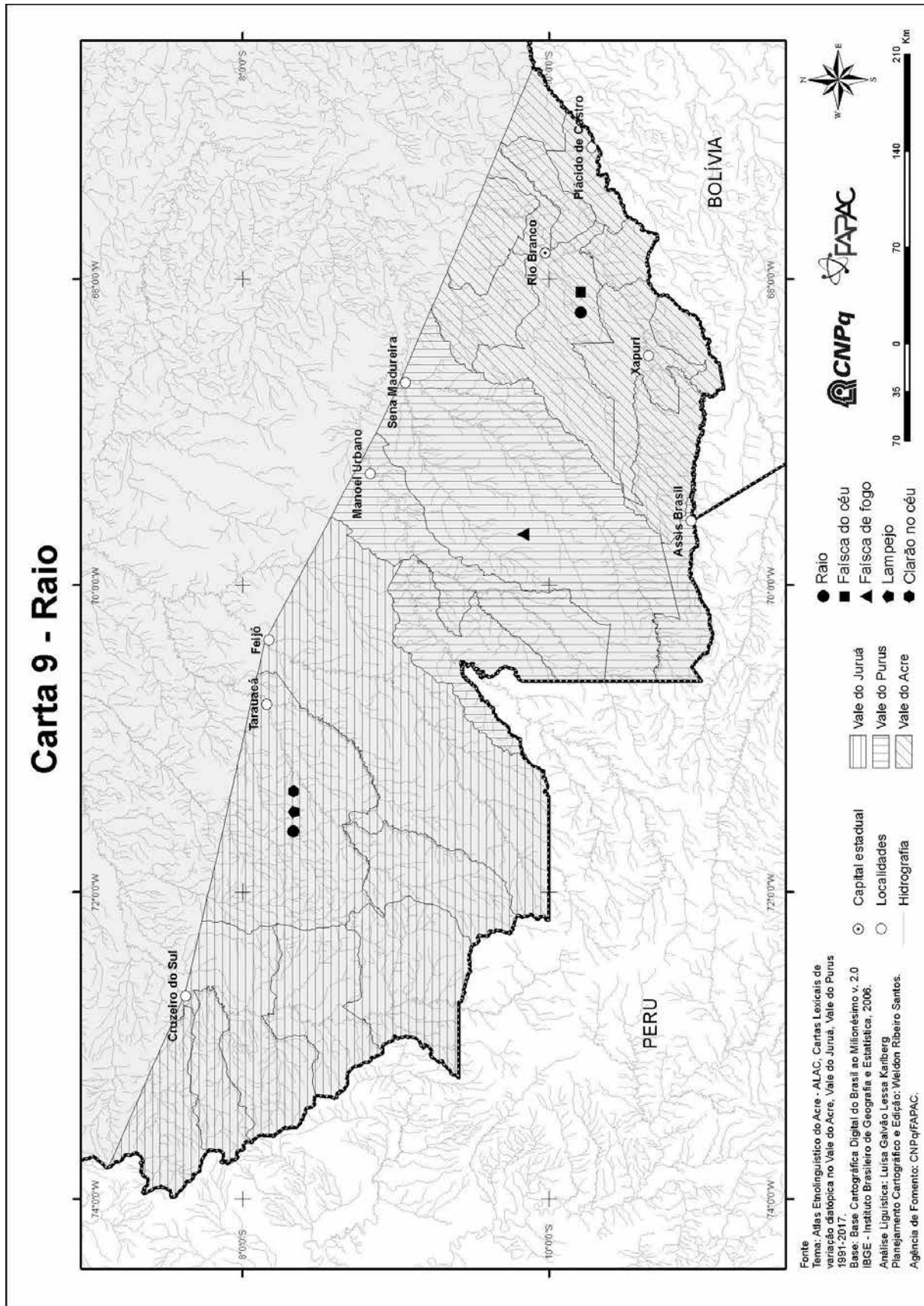
Carta 7 – Chuva Fina



Cata 8 - Relâmpago

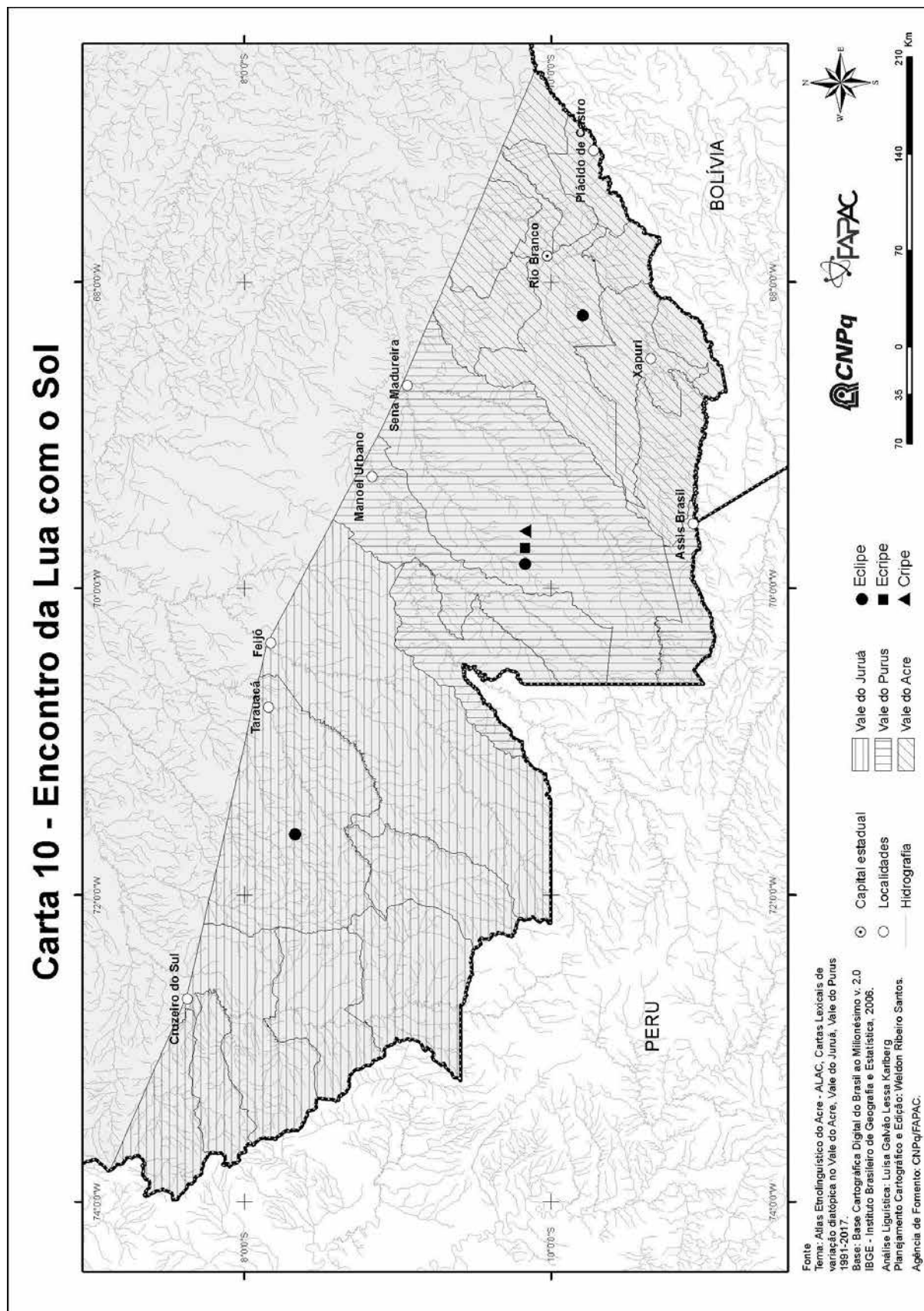


Carta 9 – Raio

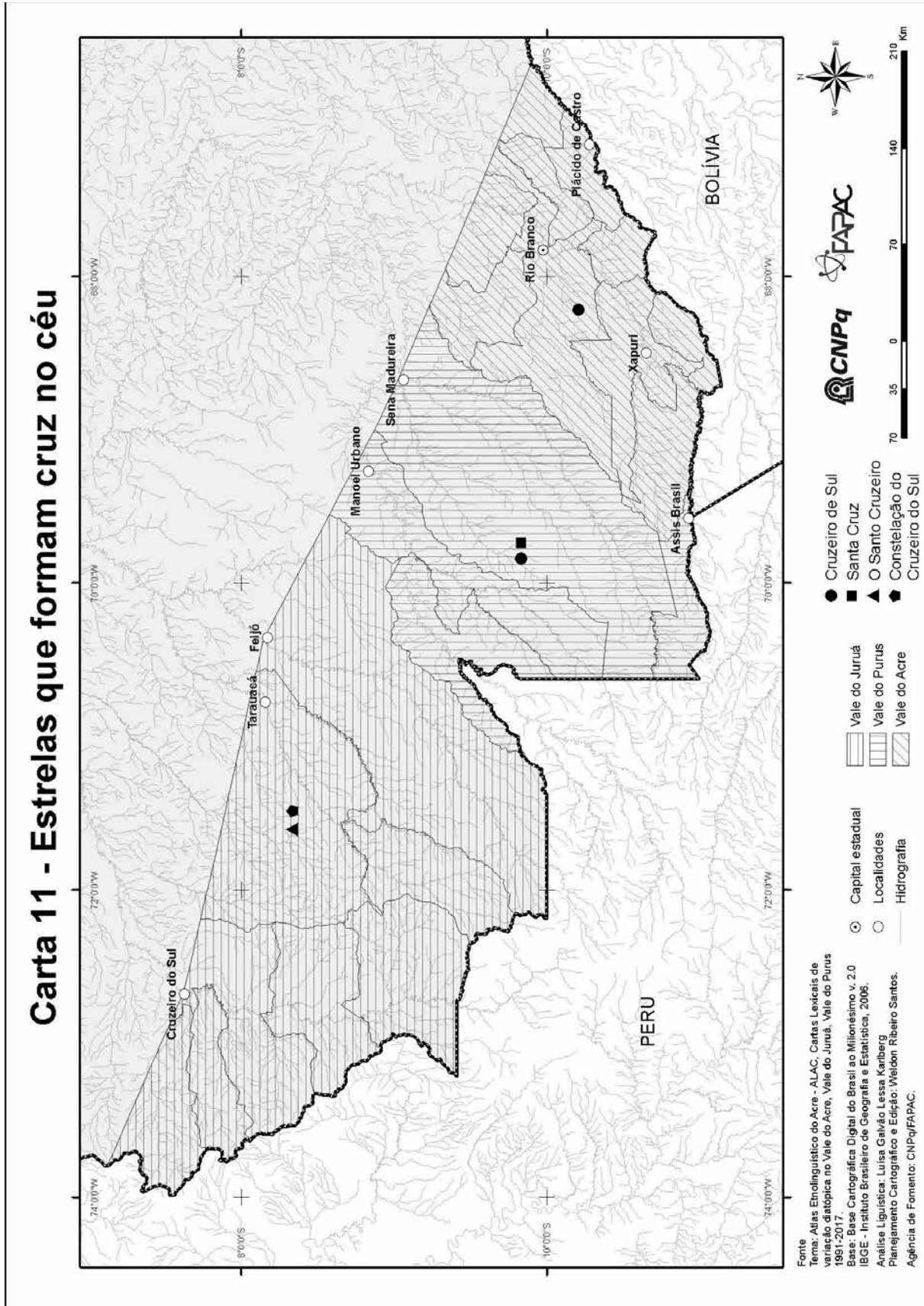




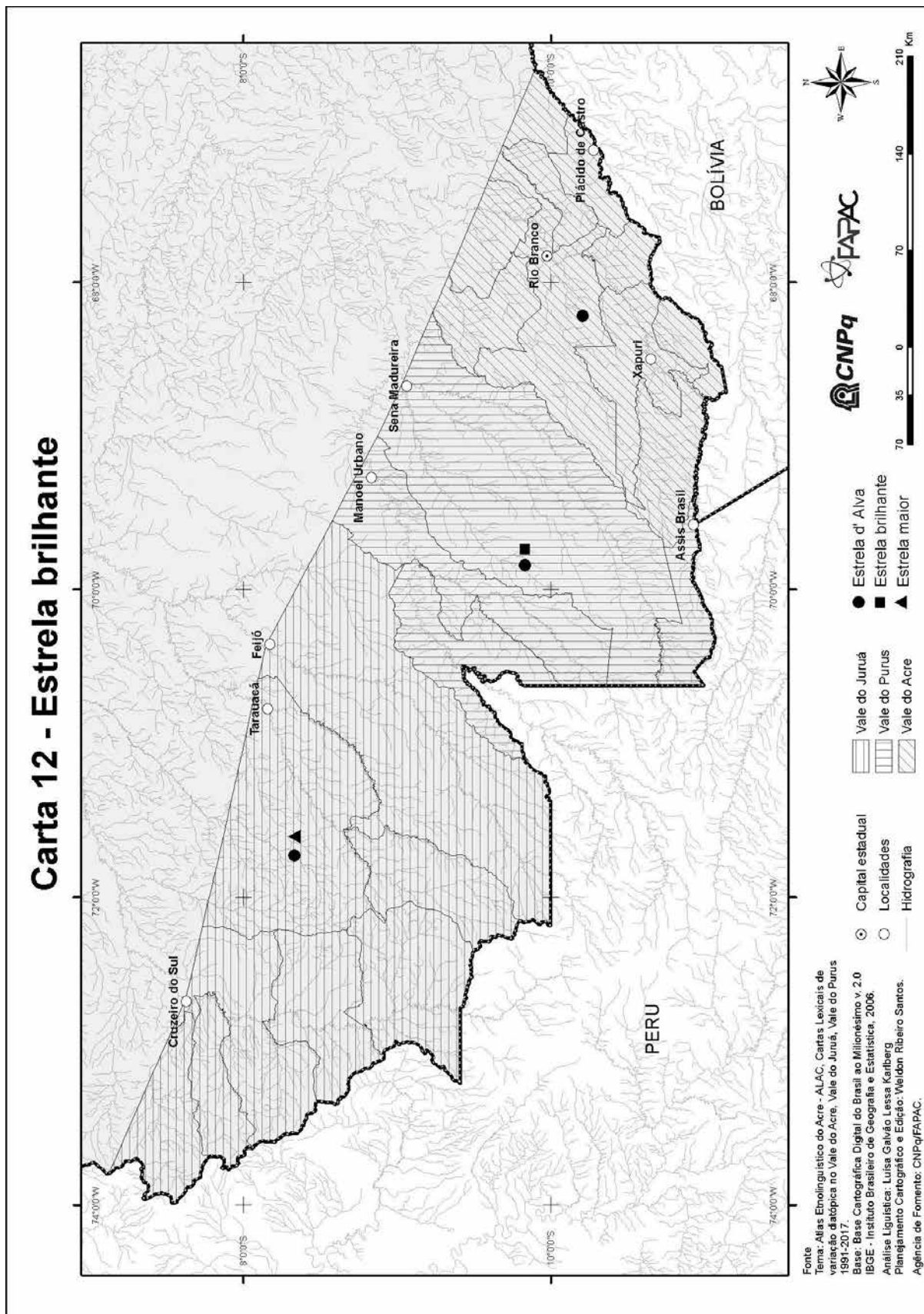
Carta 10 – Encontro da Lua com o Sol



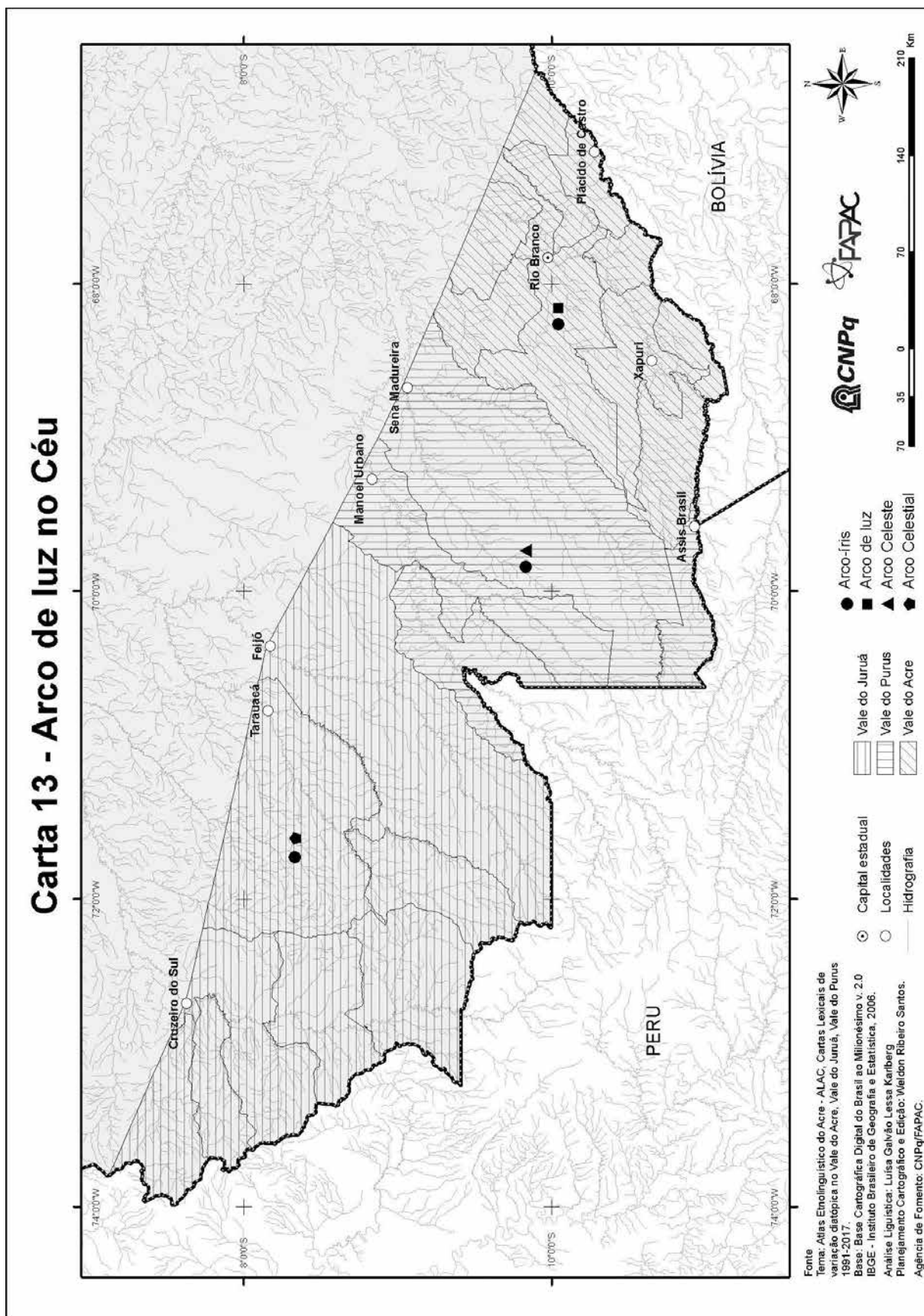
Carta 11 – Estrelas que formam cruz no céu



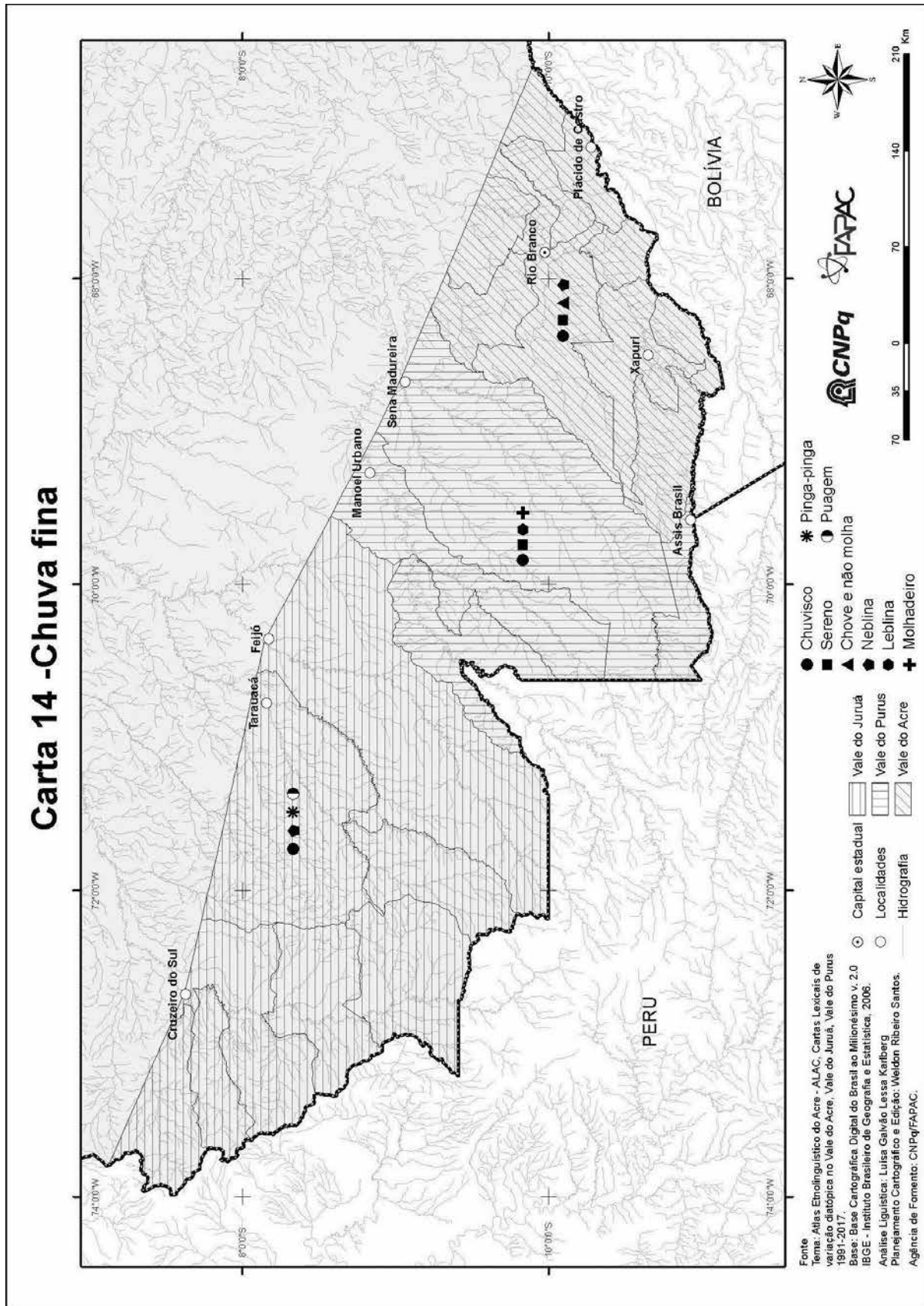
Carta 12 – Estrela brilhante



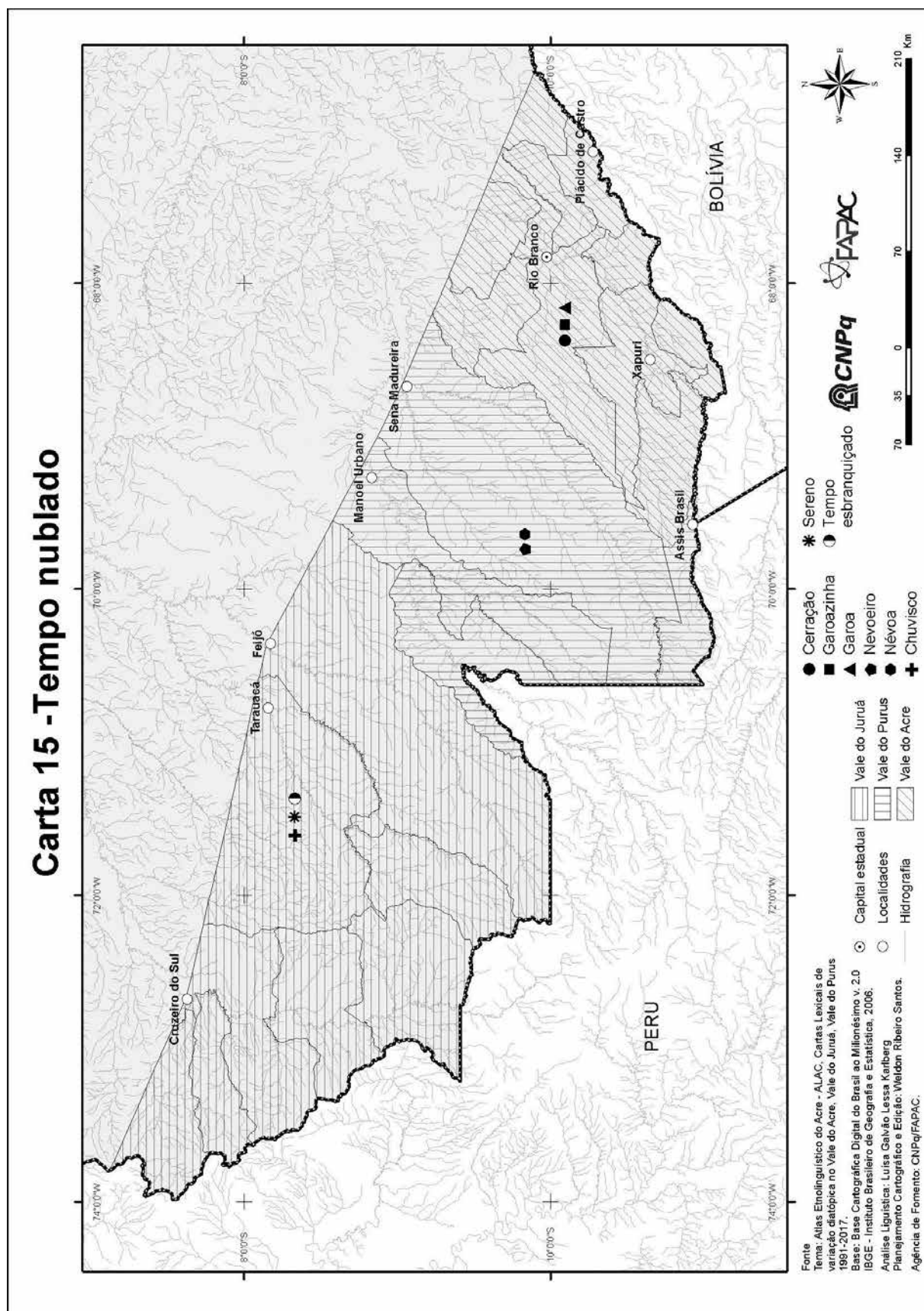
Carta 13 – Arco de luz no céu



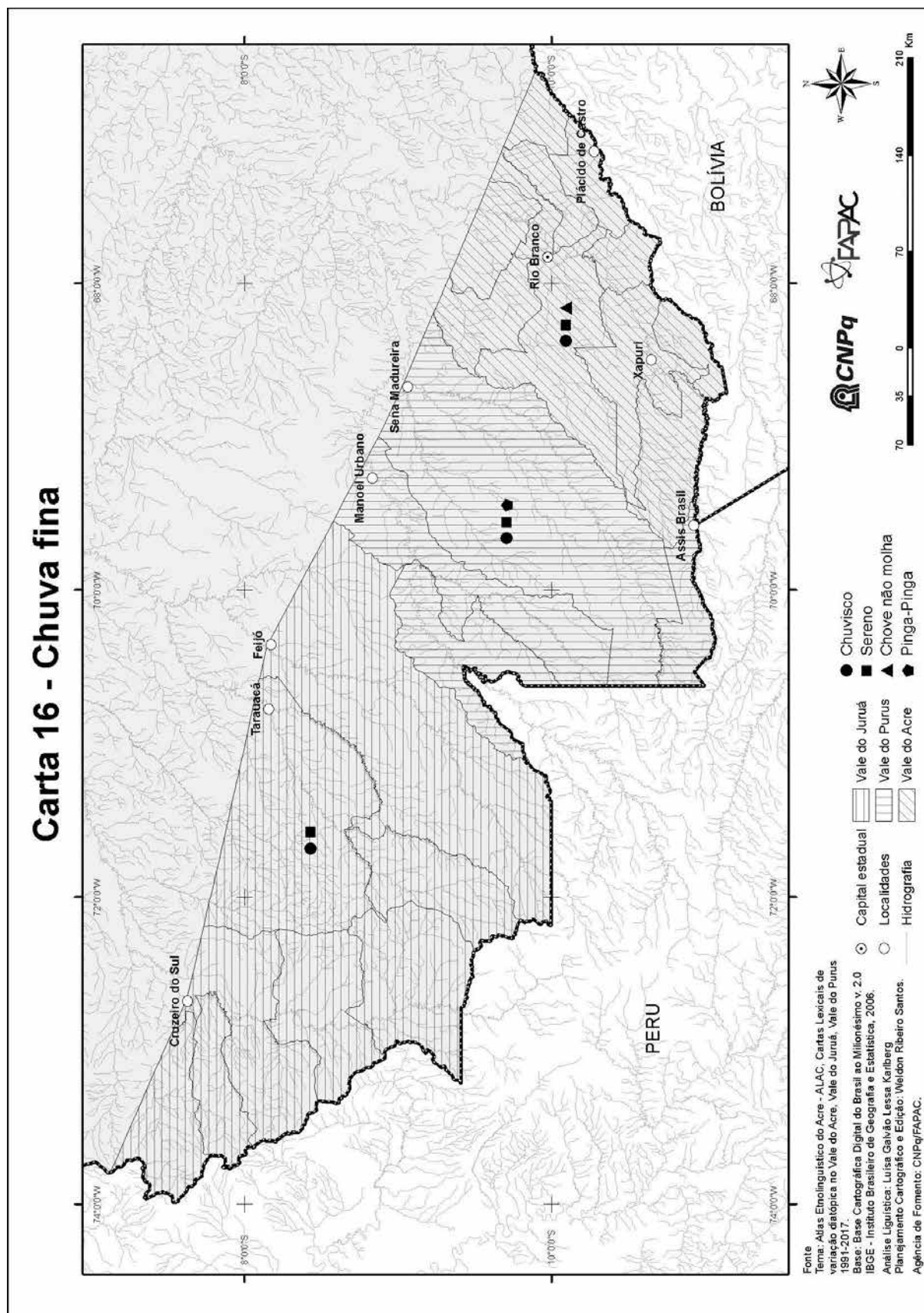
Carta 14 – Chuva fina



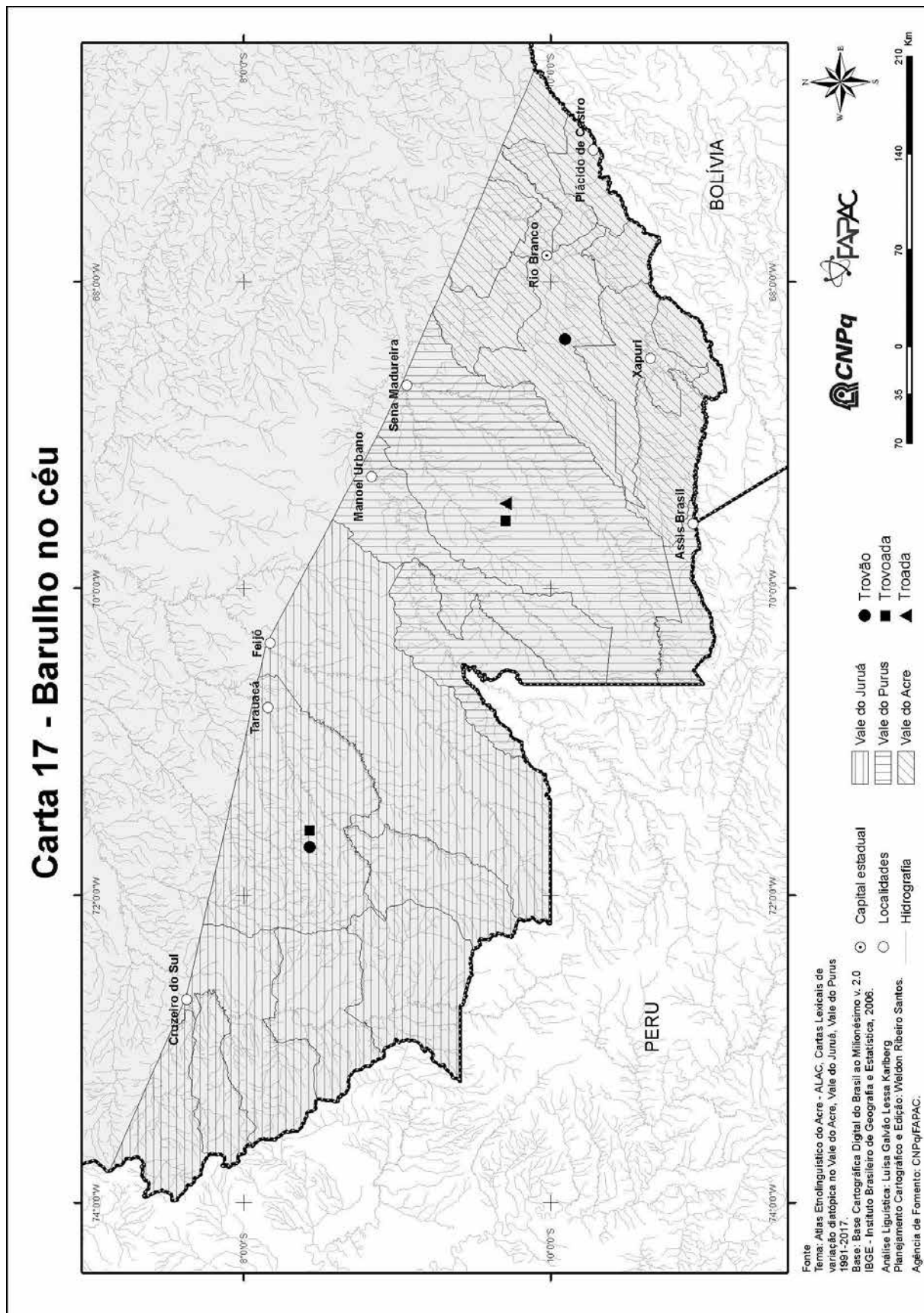
Carta 15 – Tempo nublado



Carta 16 – Chuva fina

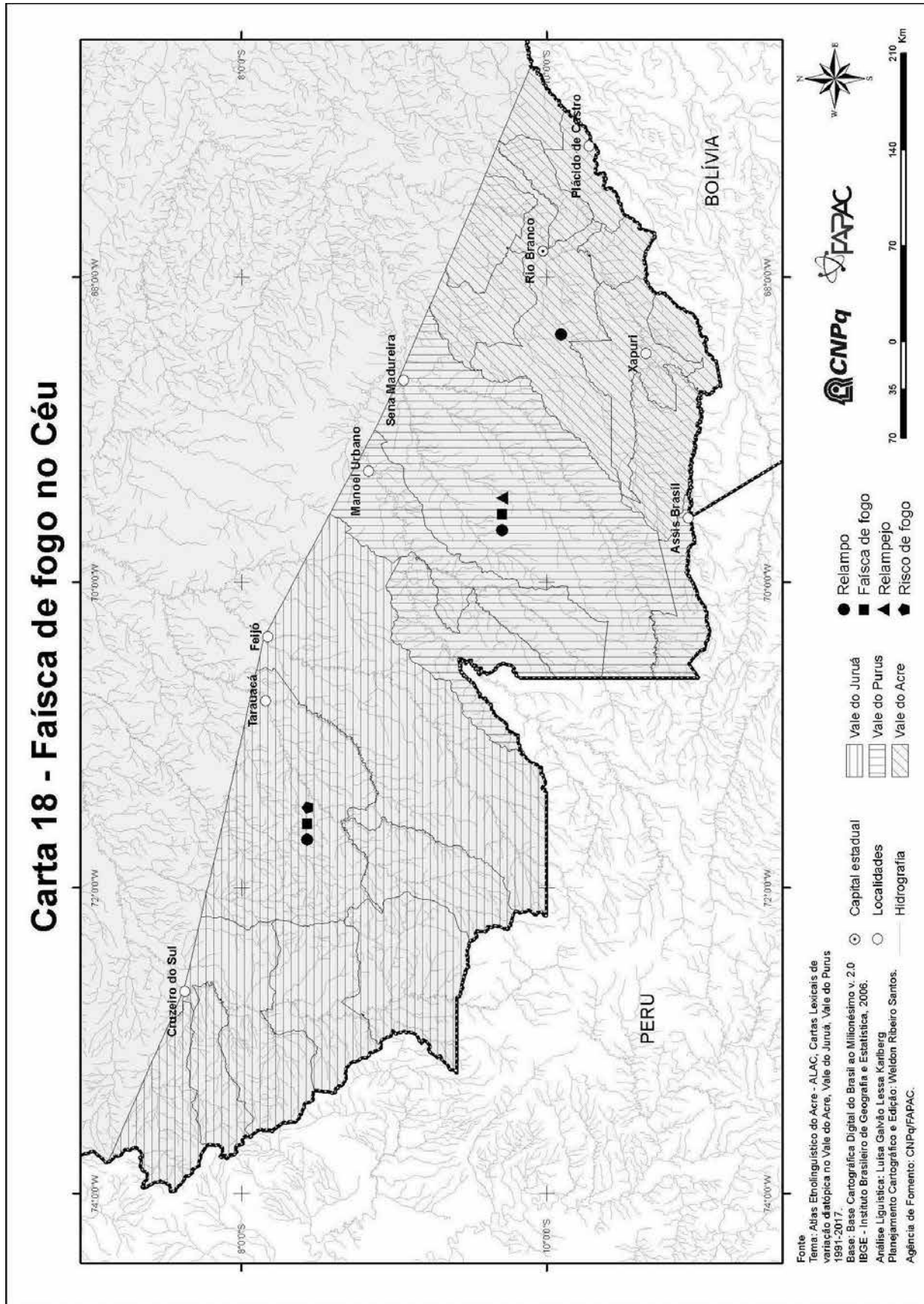


Carta 17 – Barulho no céu

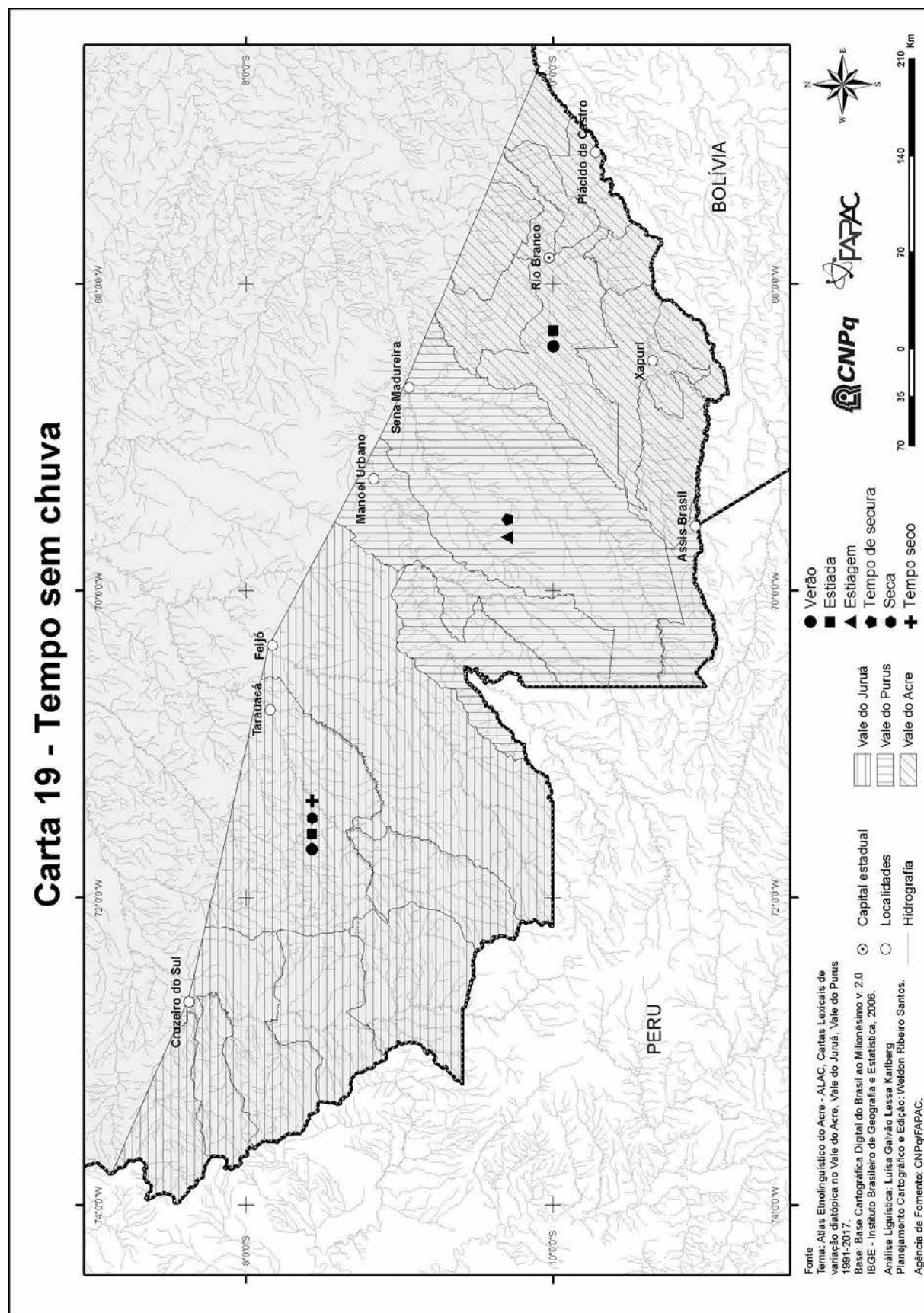




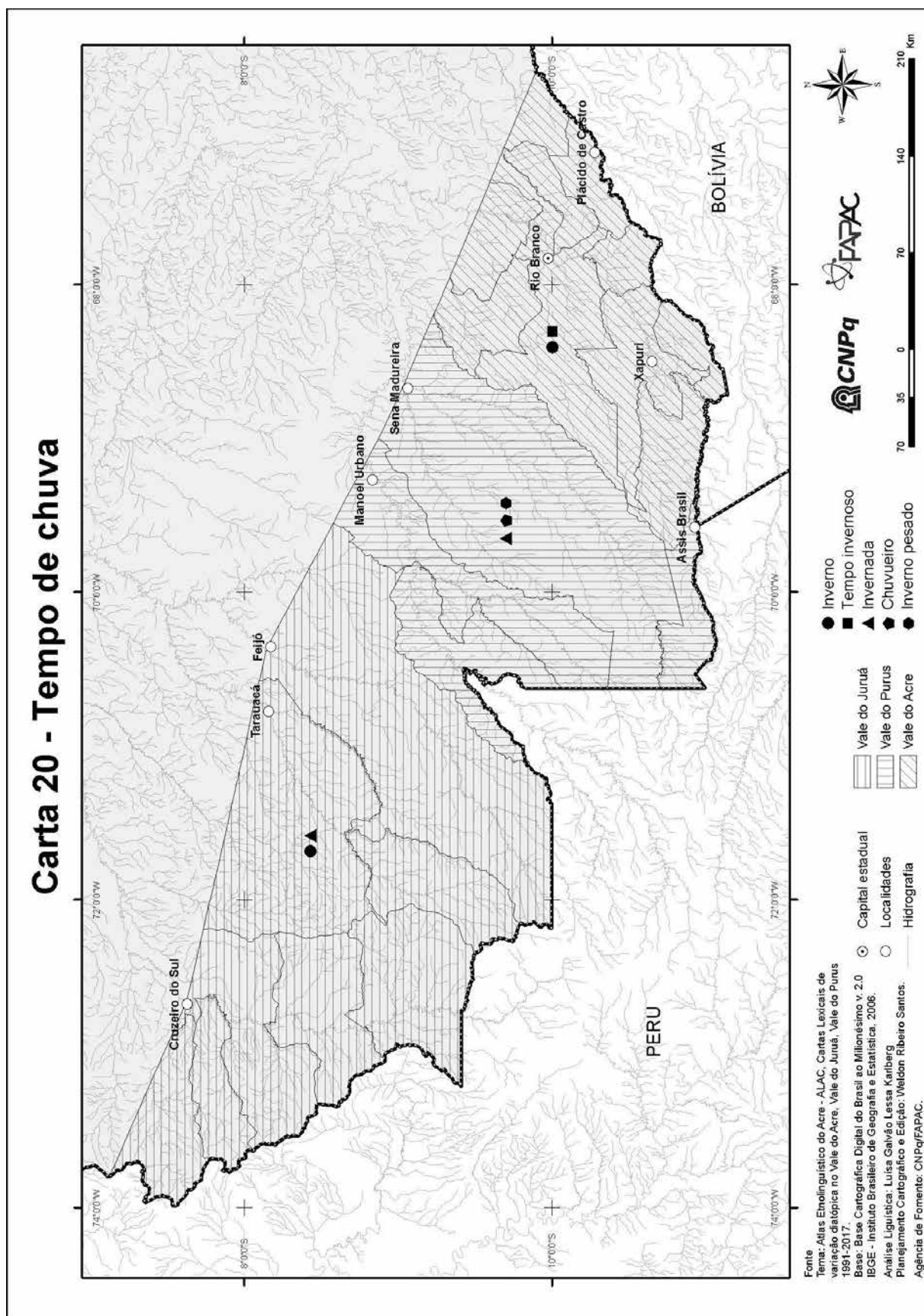
Carta 18 – Faísca de fogo no céu



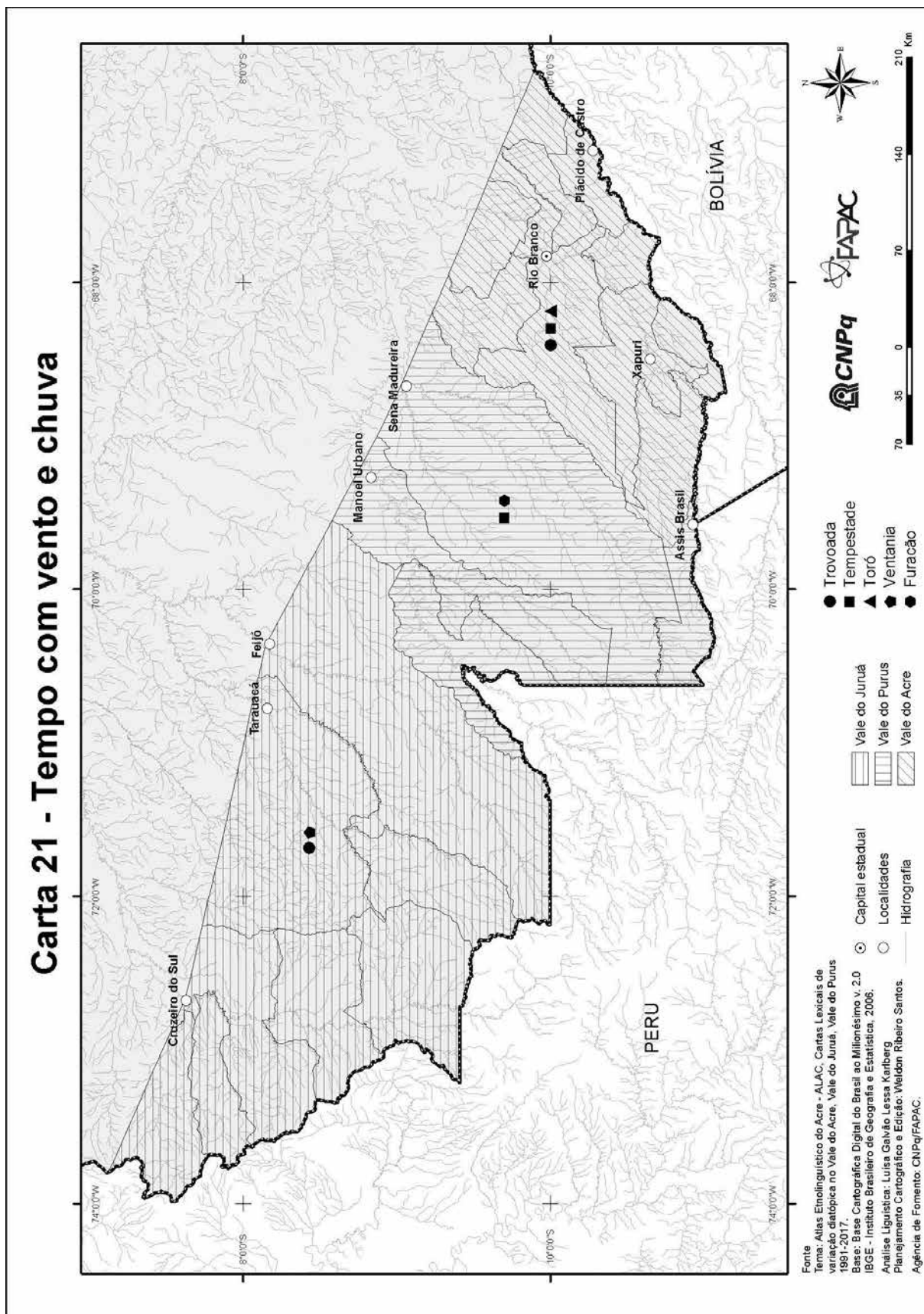
Carta 19 – Tempo sem chuva



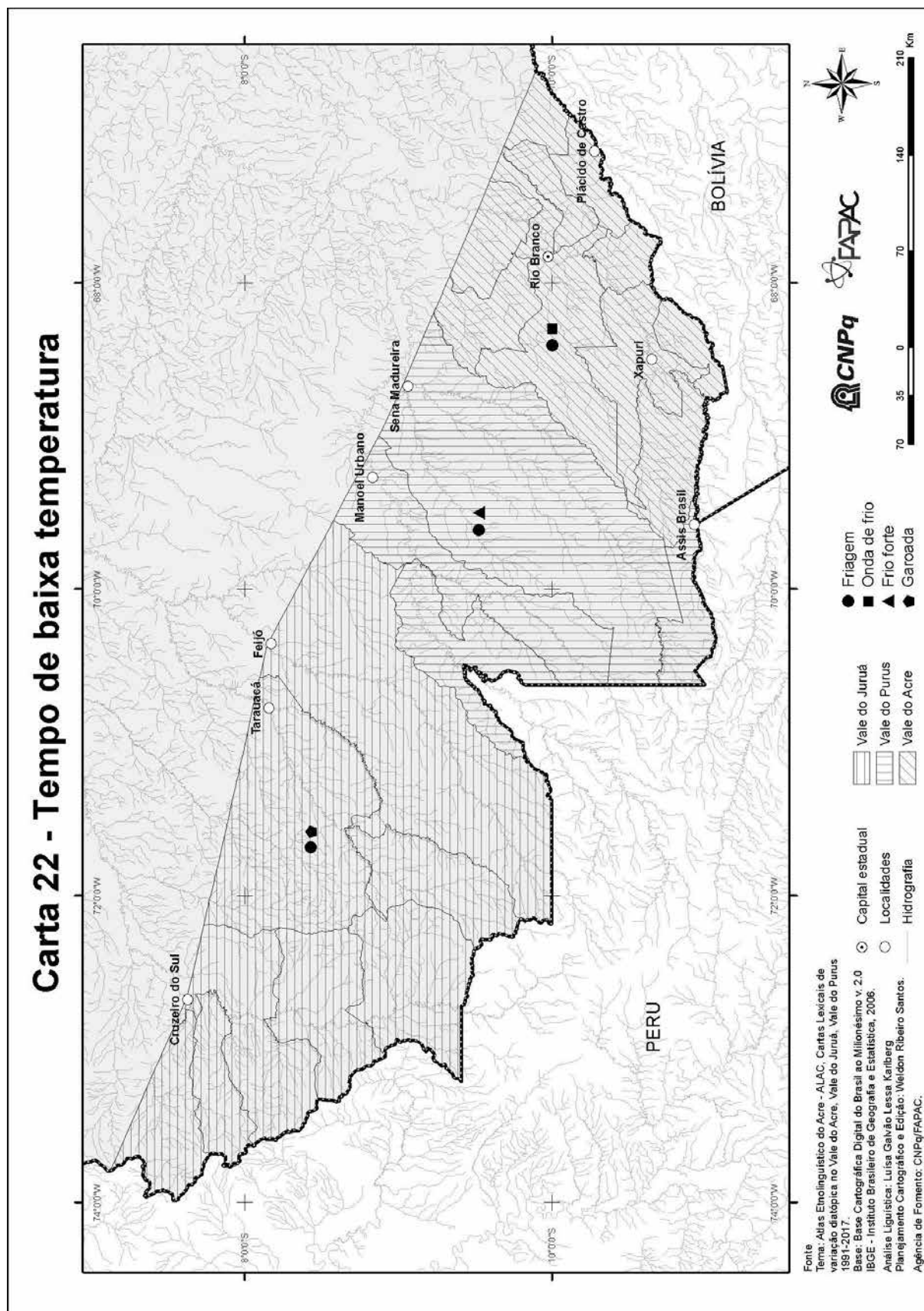
Carta 20 – Tempo de chuva



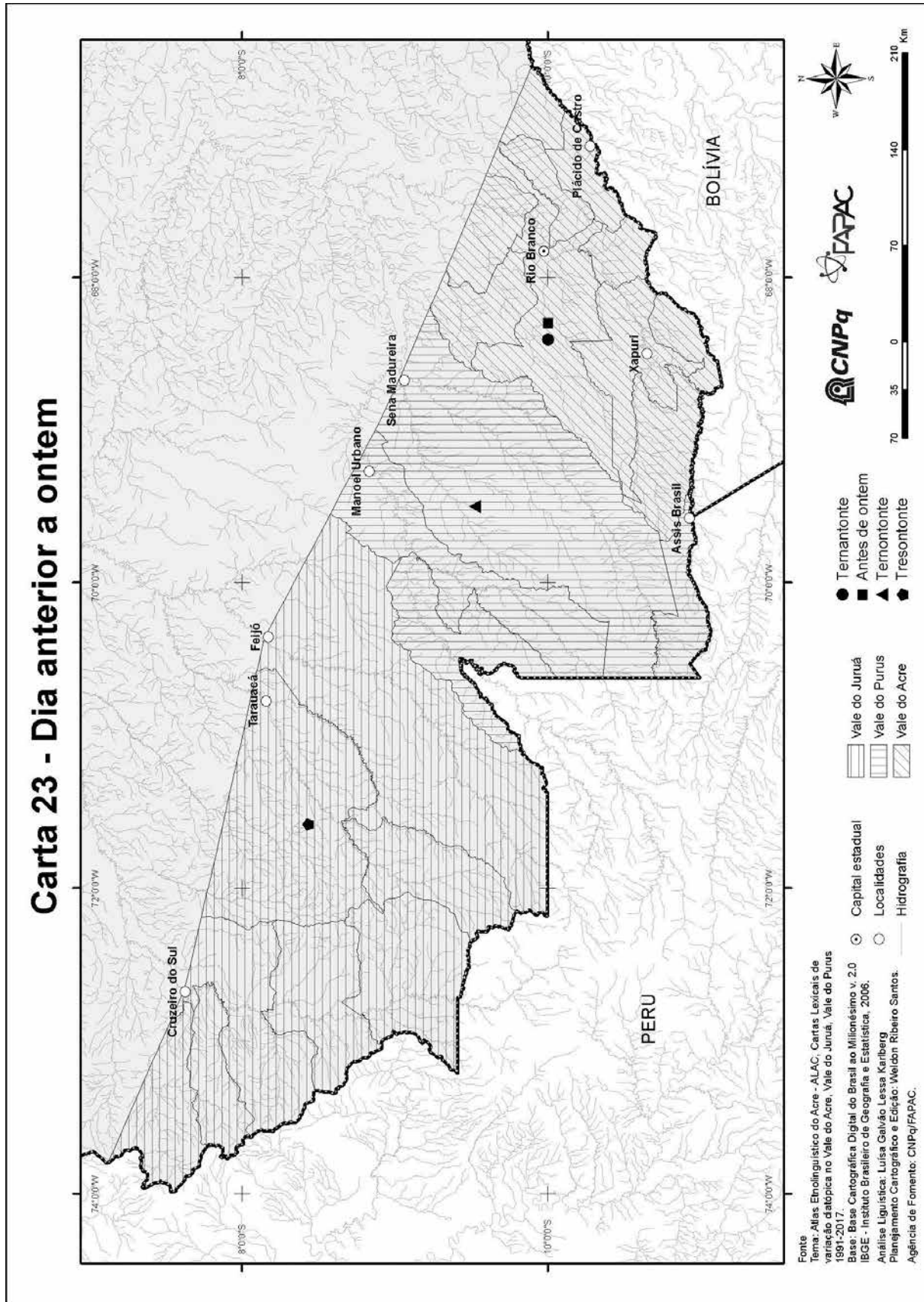
Carta 21 – Tempo com vento e chuva



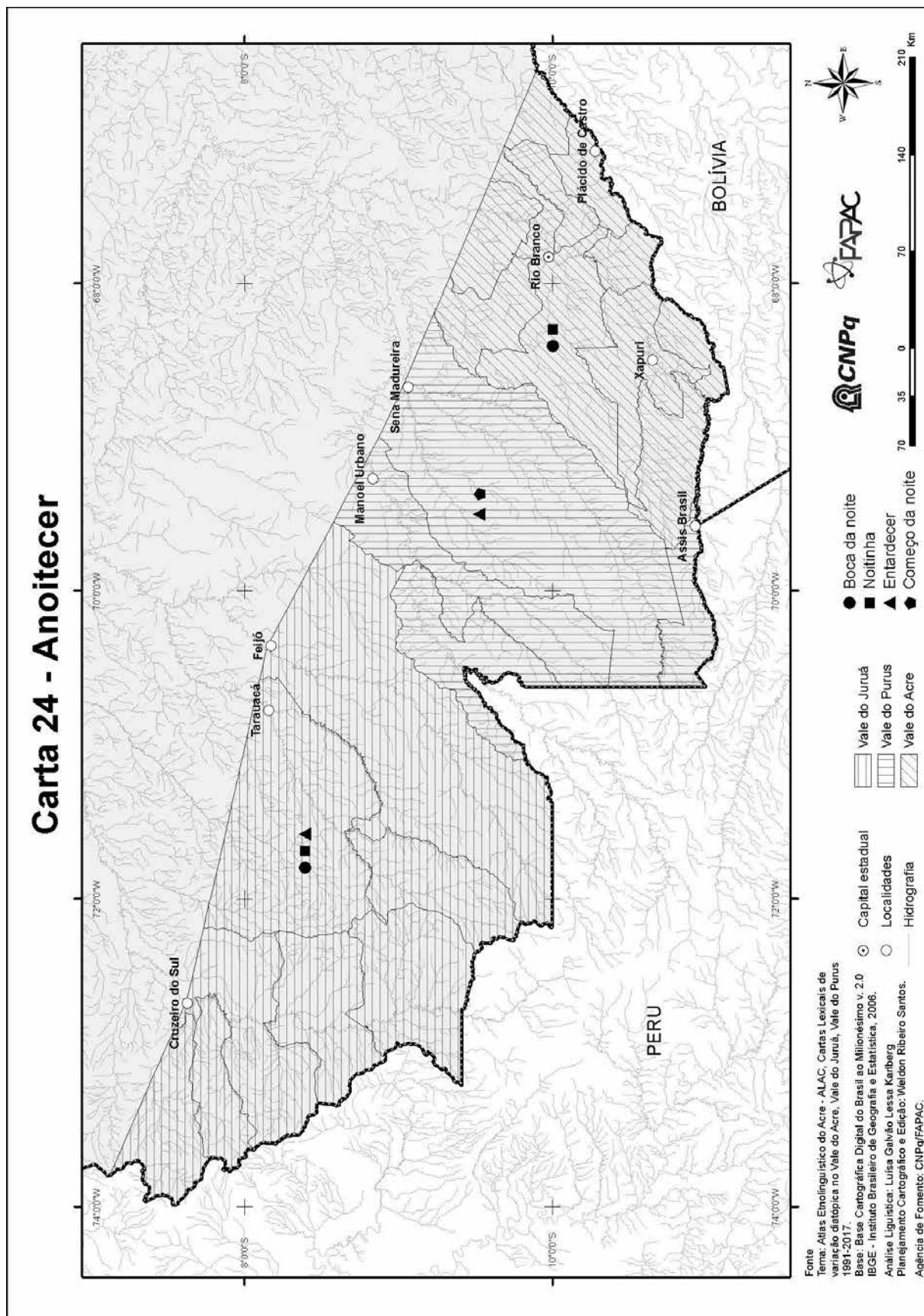
Carta 22 – Tempo de baixa temperatura



Carta 23 – Dia anterior a ontem

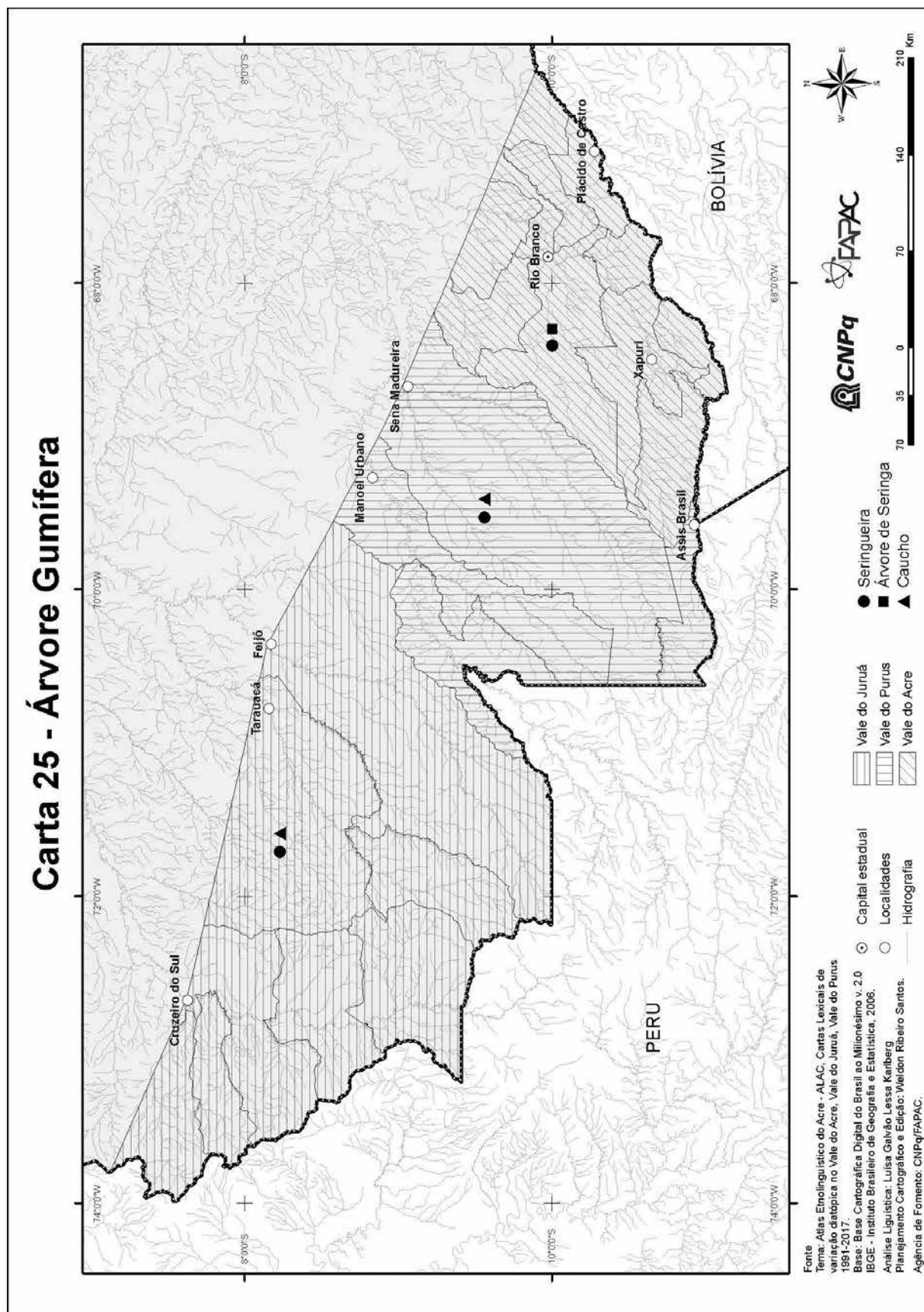


Carta 24 - Anoteecer



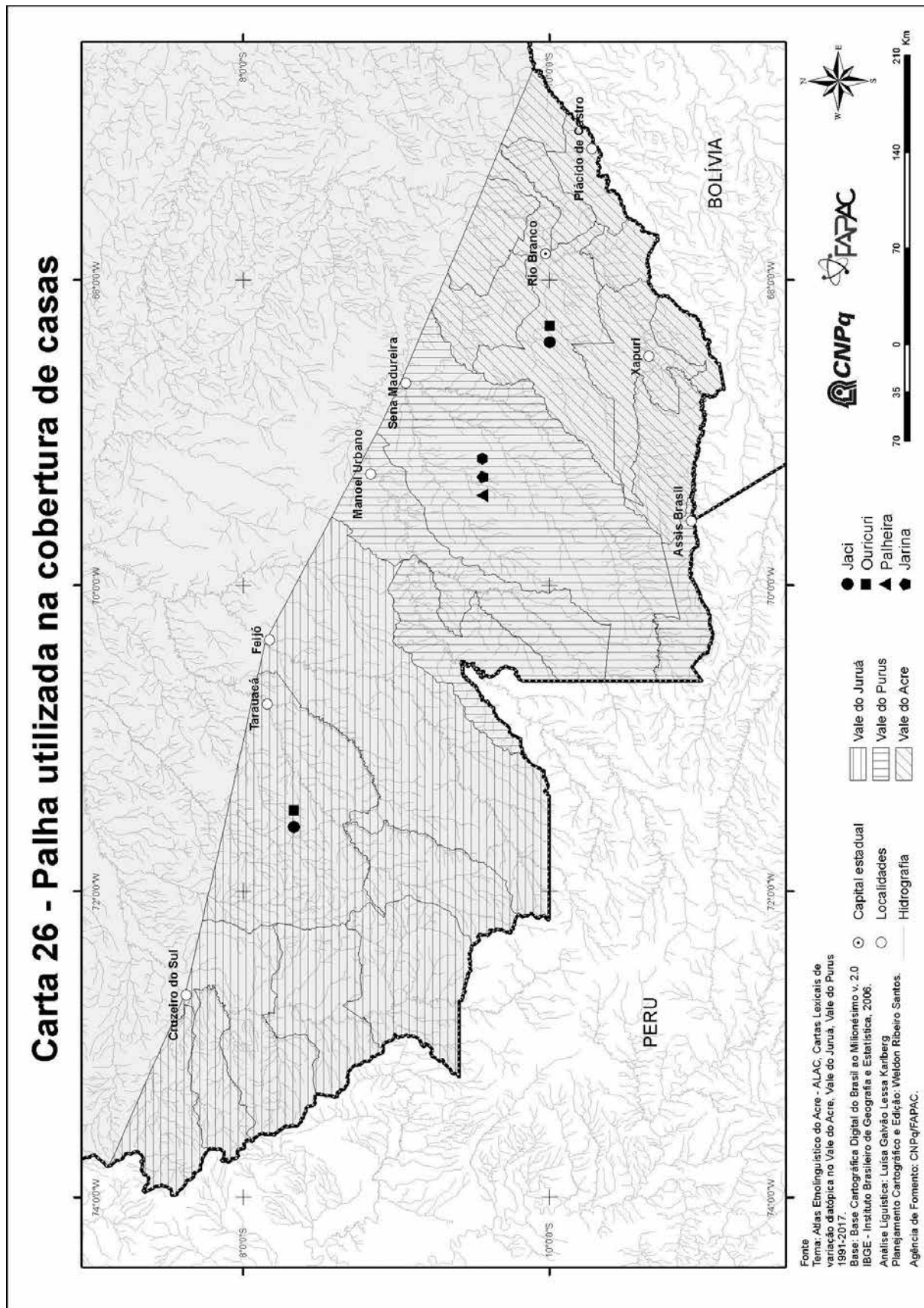
**CAMPO SEMÂNTICO: A – NATUREZA**  
**II – FLORA**

Carta 25 – Árvore Gumífera

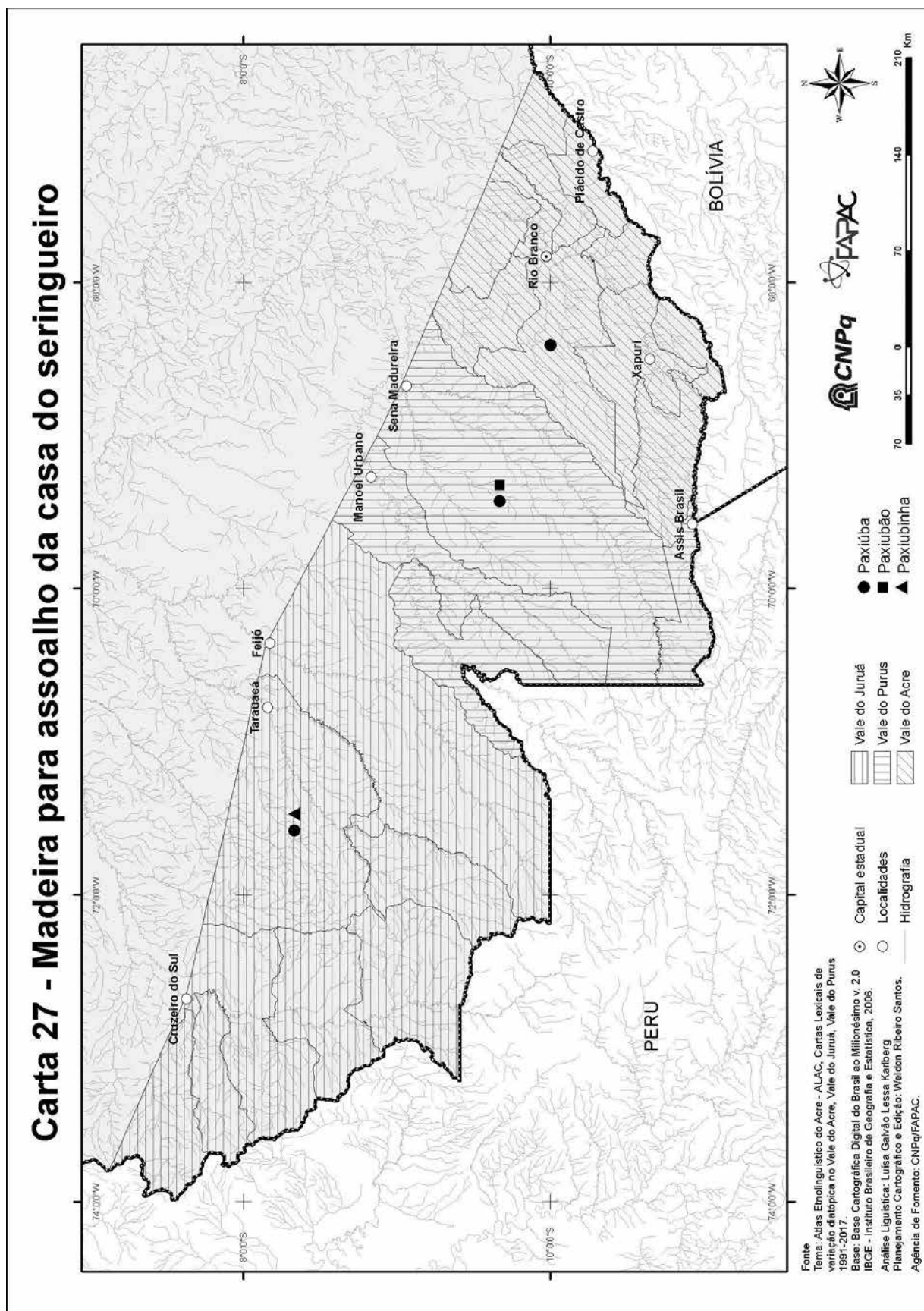




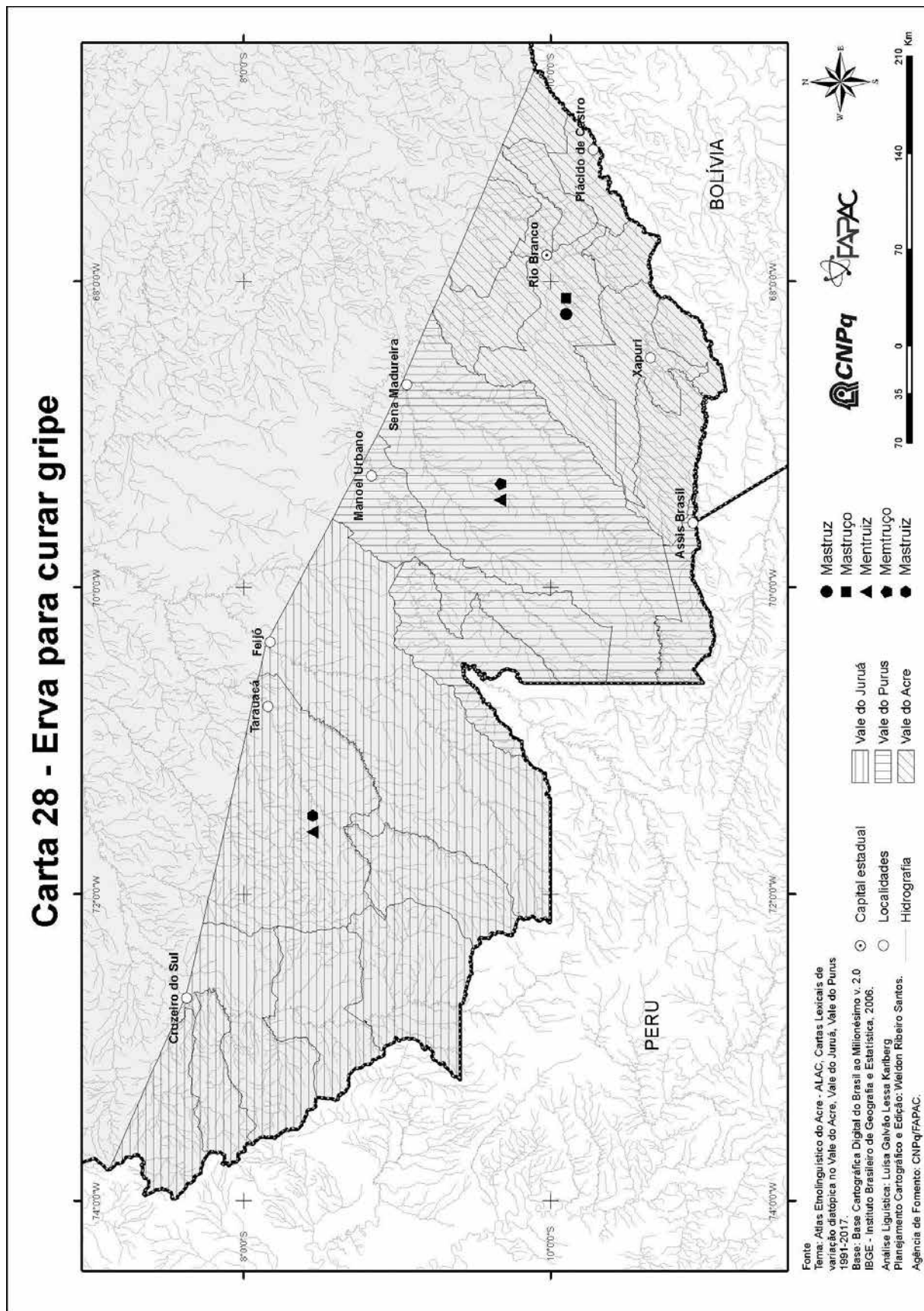
Carta 26 – Palha utilizada na cobertura de casas



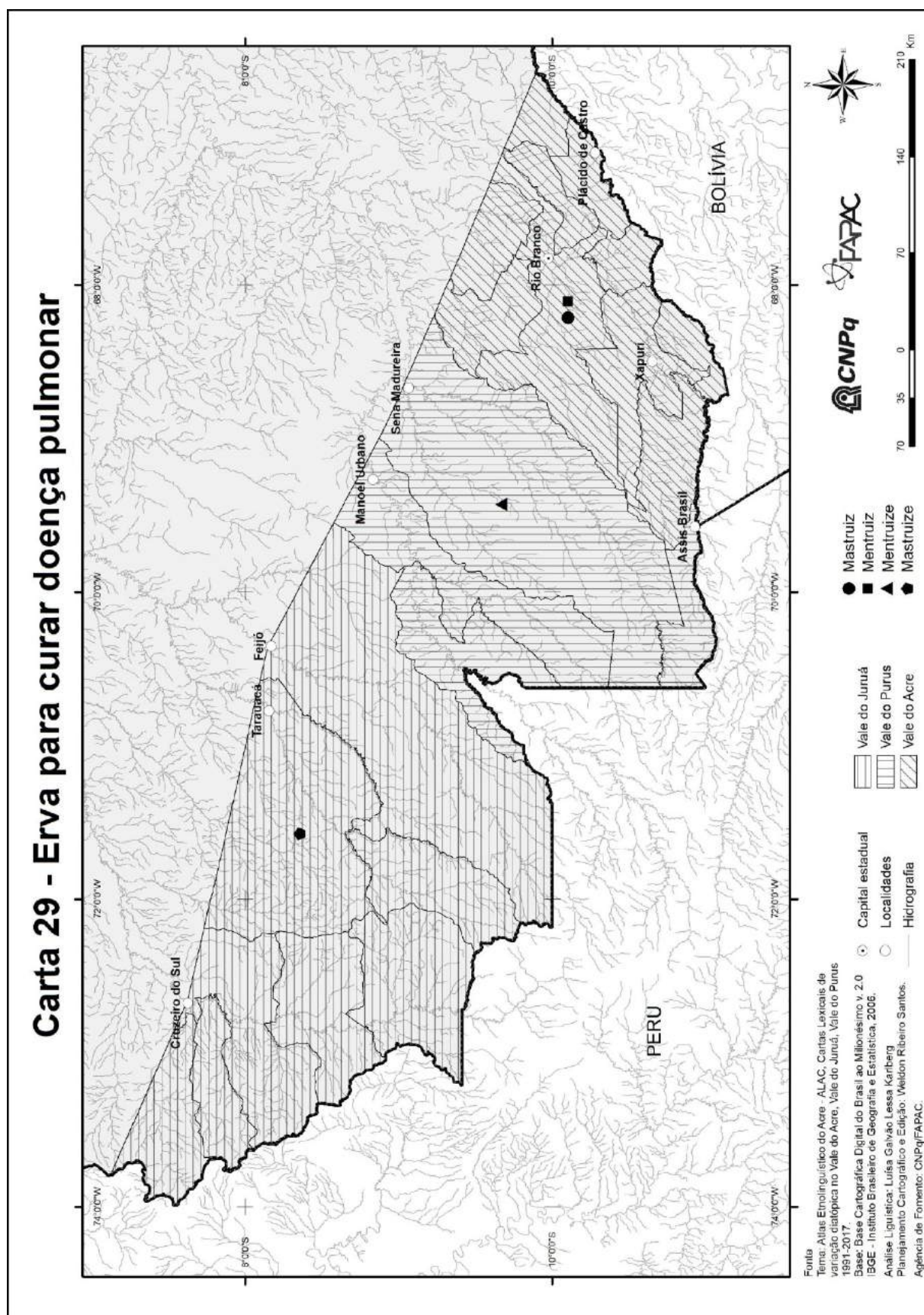
Carta 27 – Madeira para assoalho da casa do seringueiro



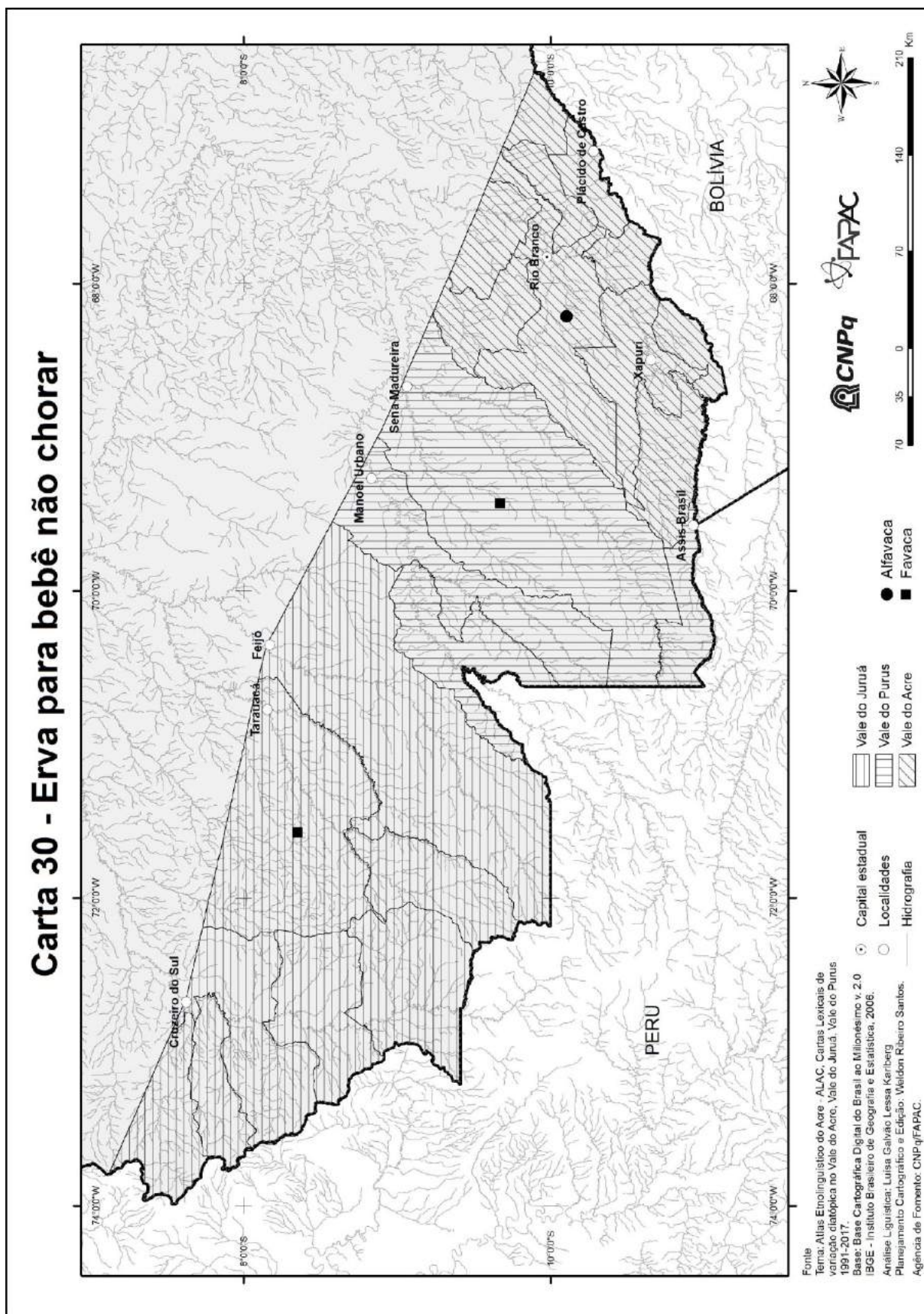
Carta 28 – Erva para curar gripe



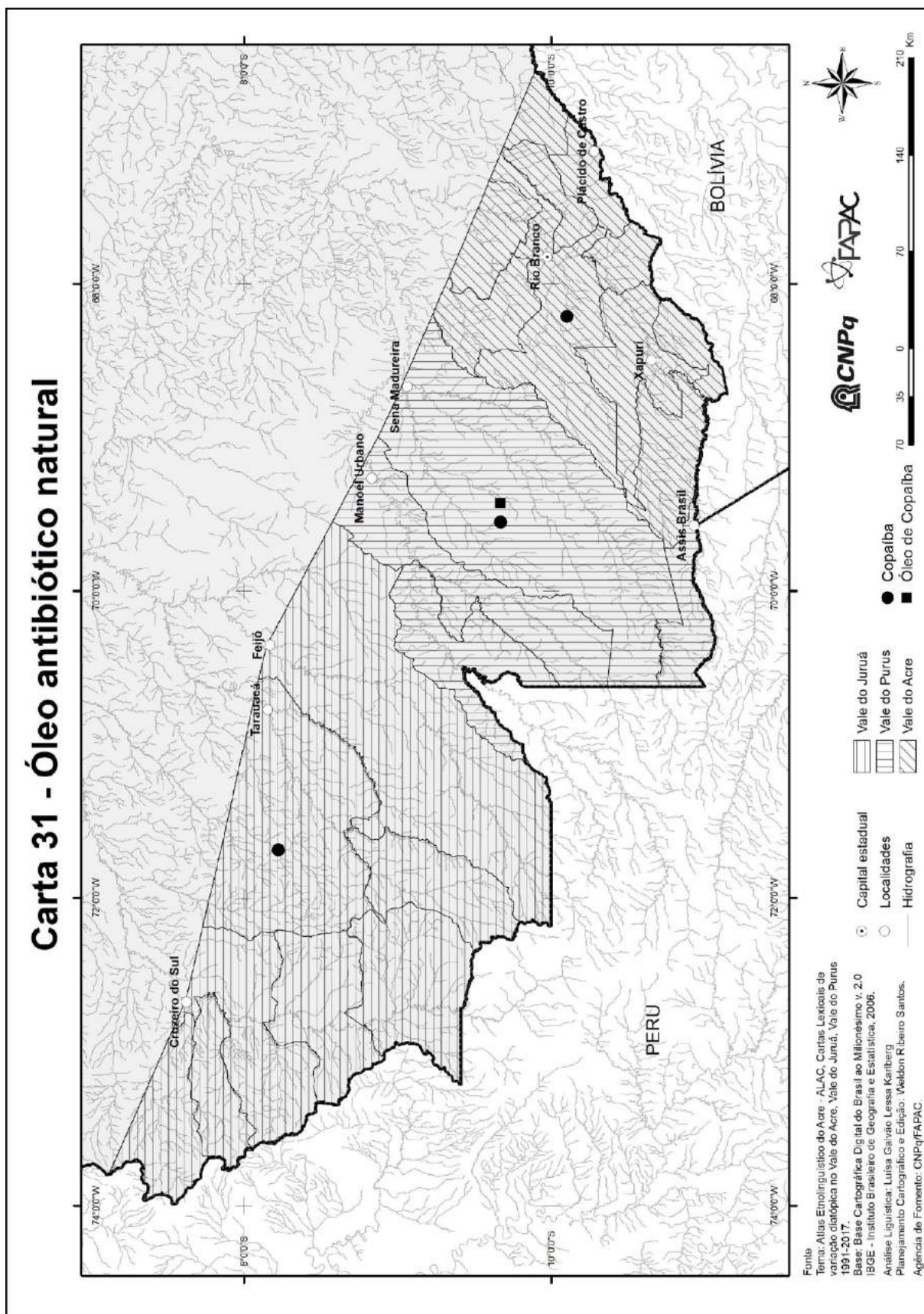
Carta 29 – Erva para curar doença pulmonar



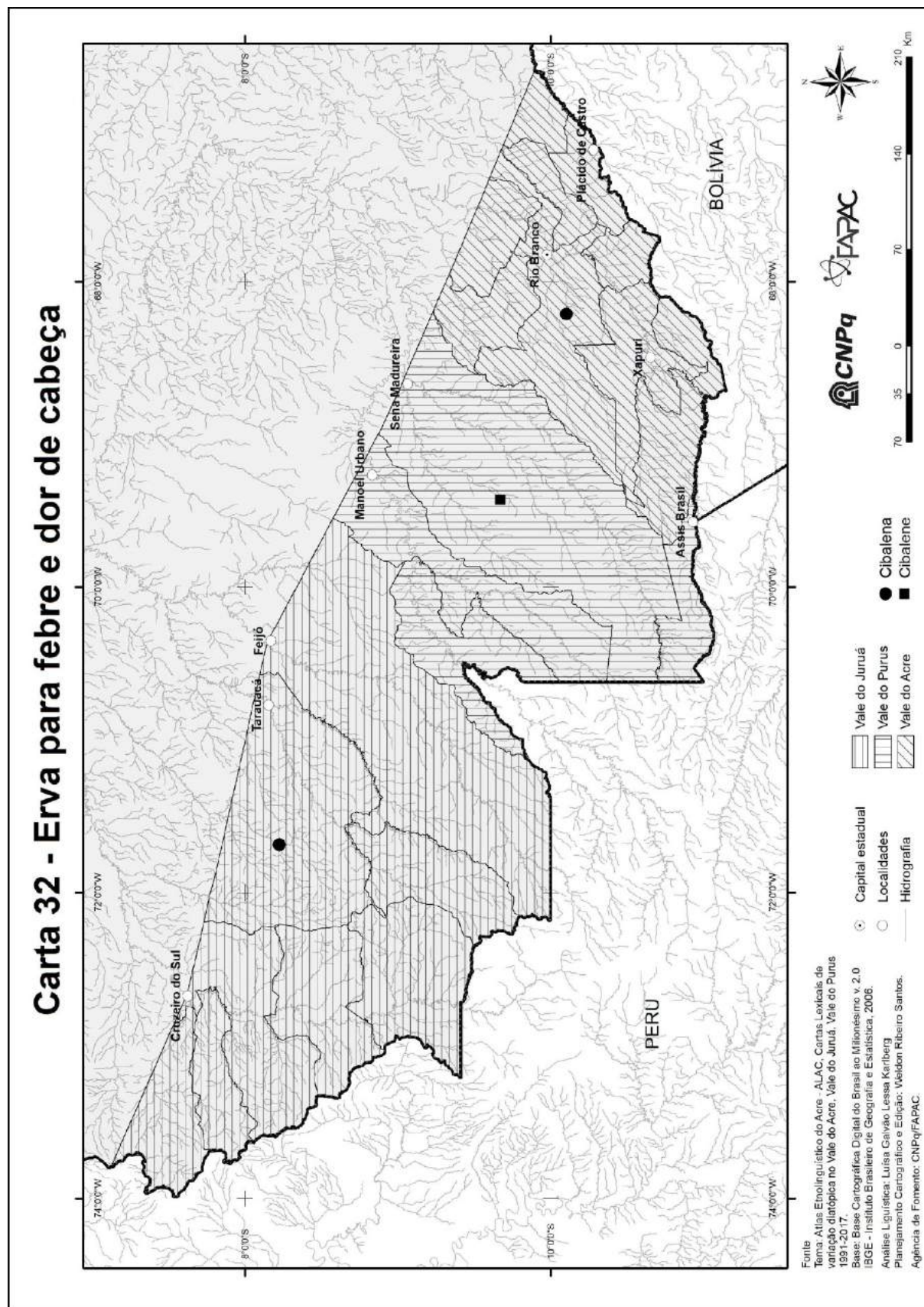
Carta 30 – Erva para bebê não chorar



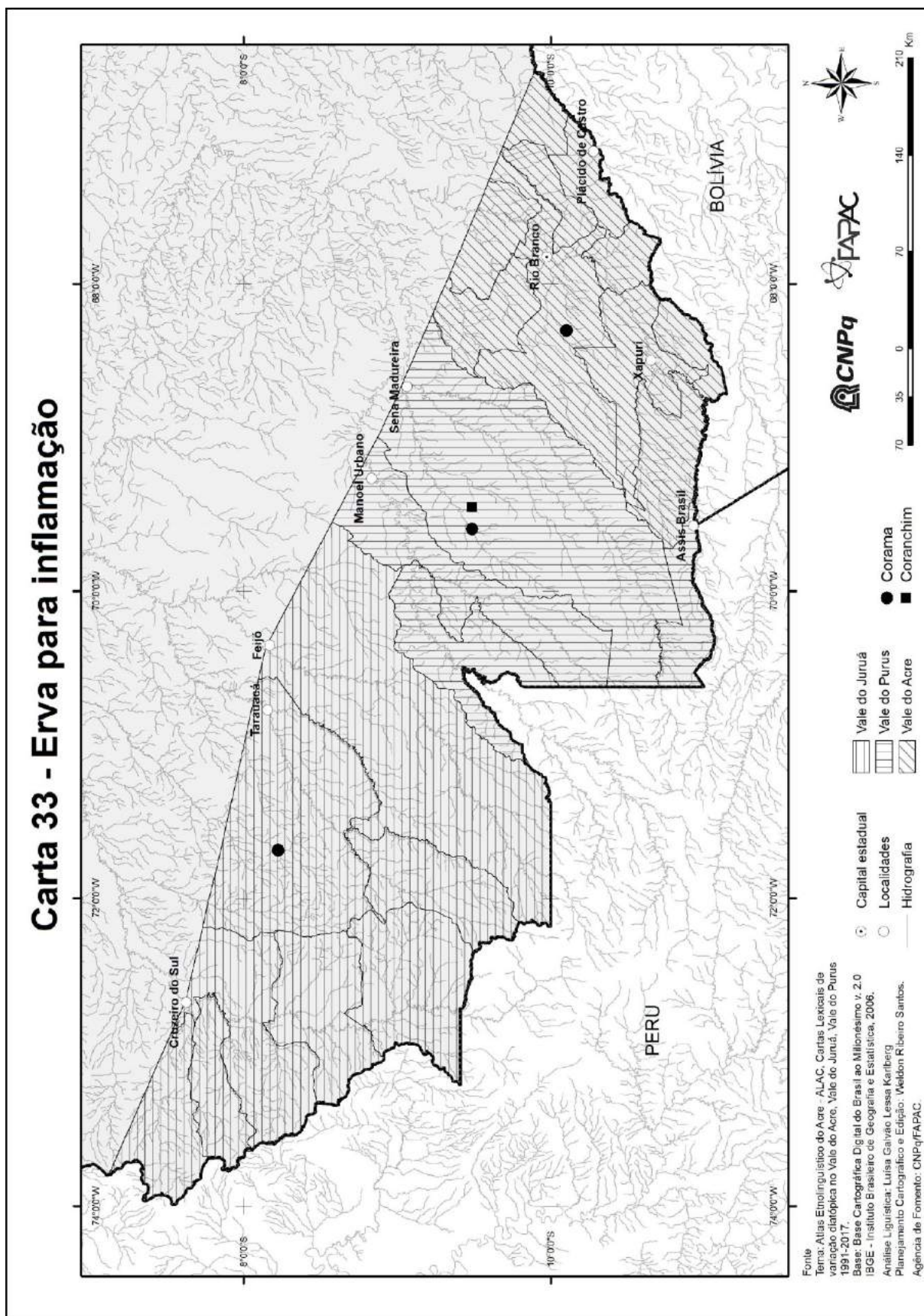
Carta 31 – Óleo antibiótico natural



Carta 32 – Erva para febre e dor de cabeça

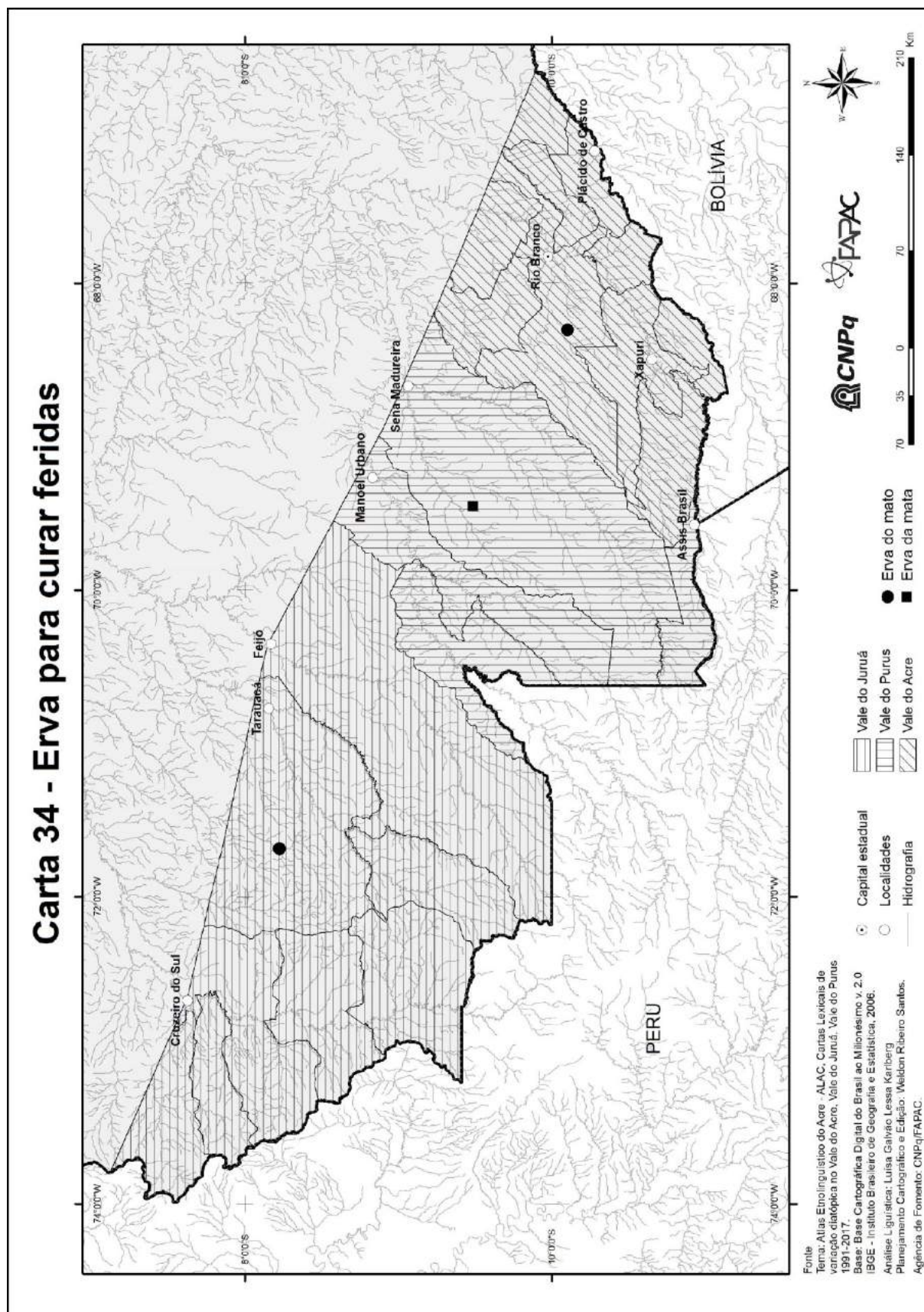


Carta 33 – Erva para inflamação

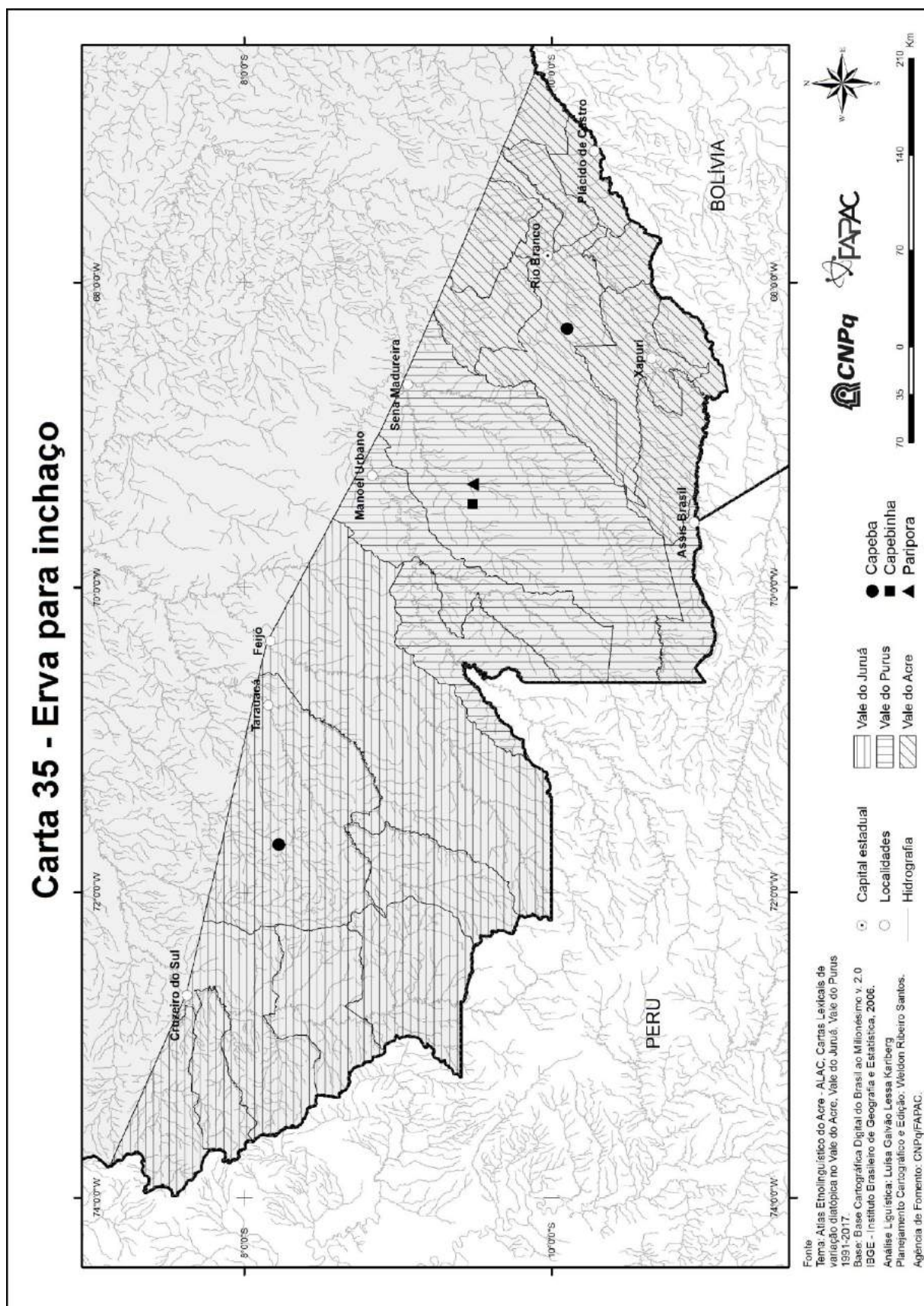




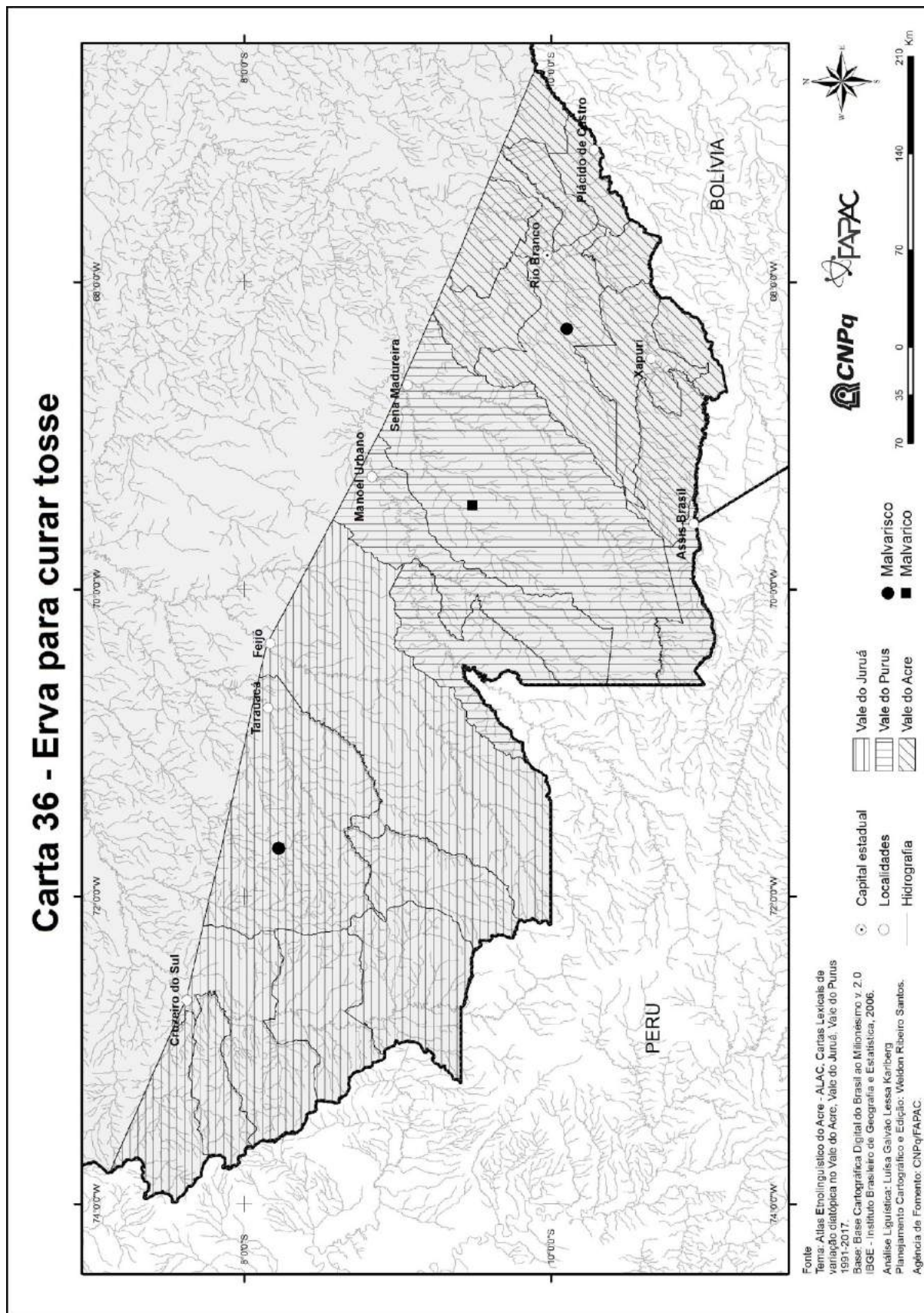
Carta 34 – Erva para curar feridas



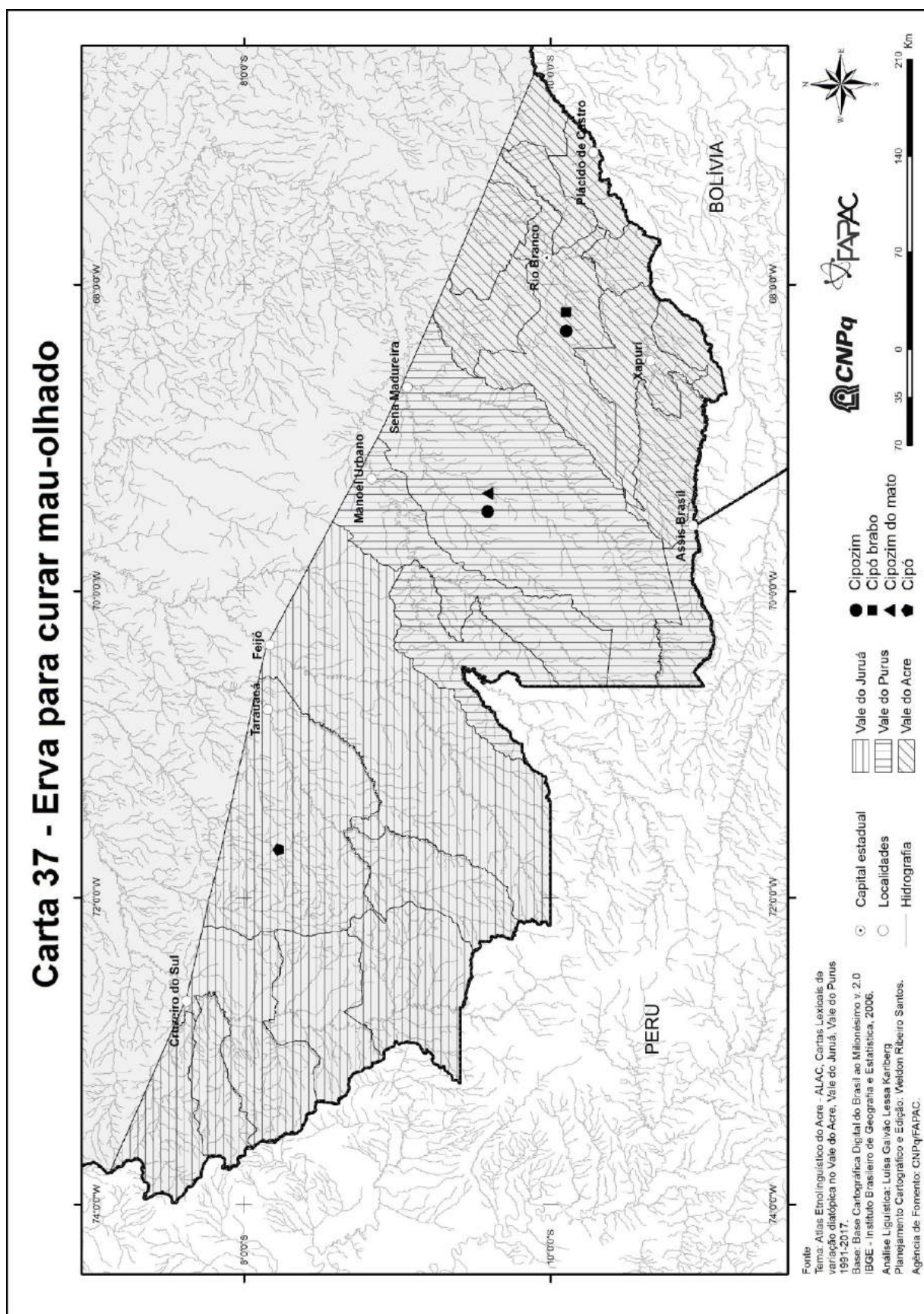
Carta 35 – Erva para inchaço



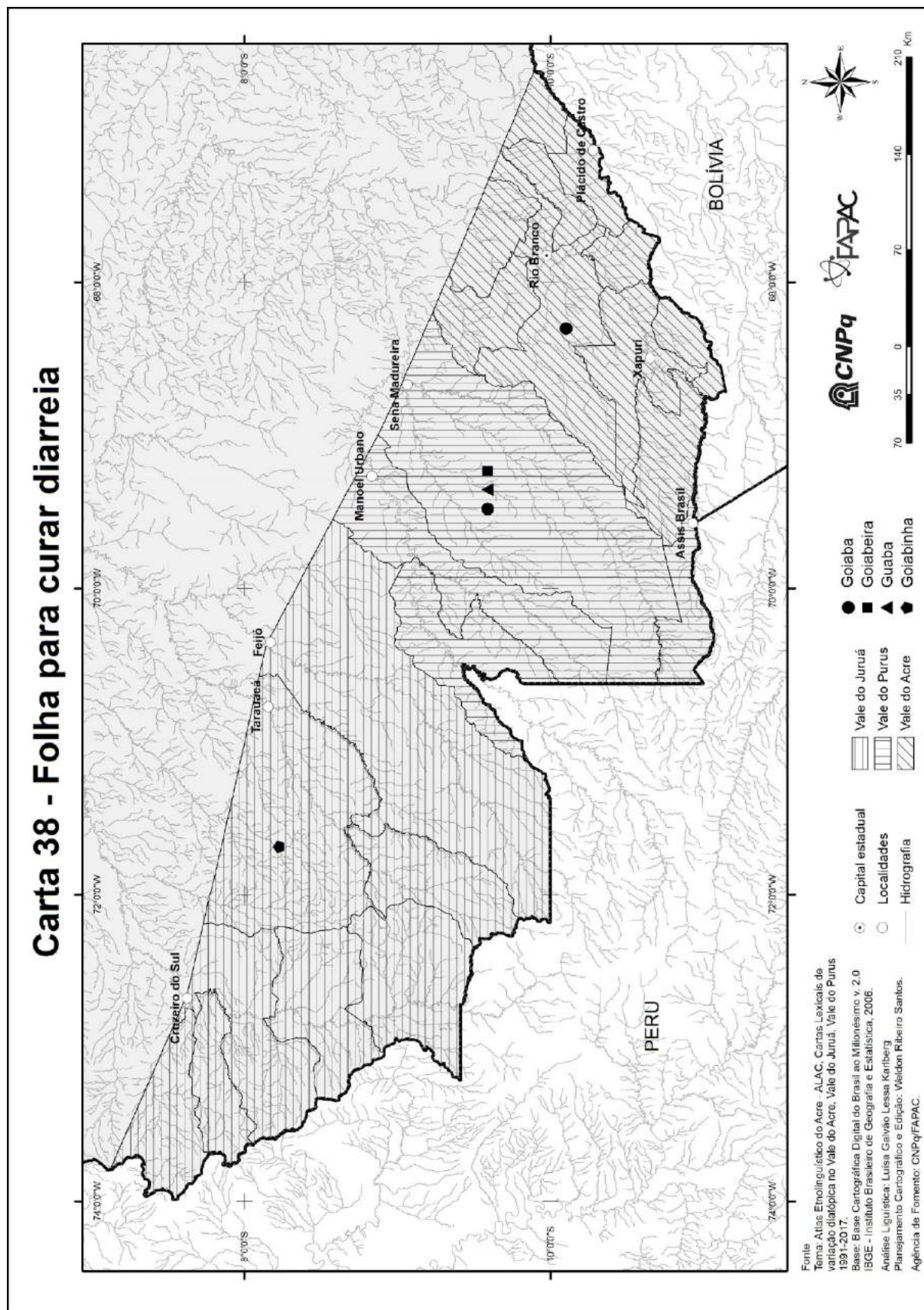
Carta 36 – Erva para curar tosse



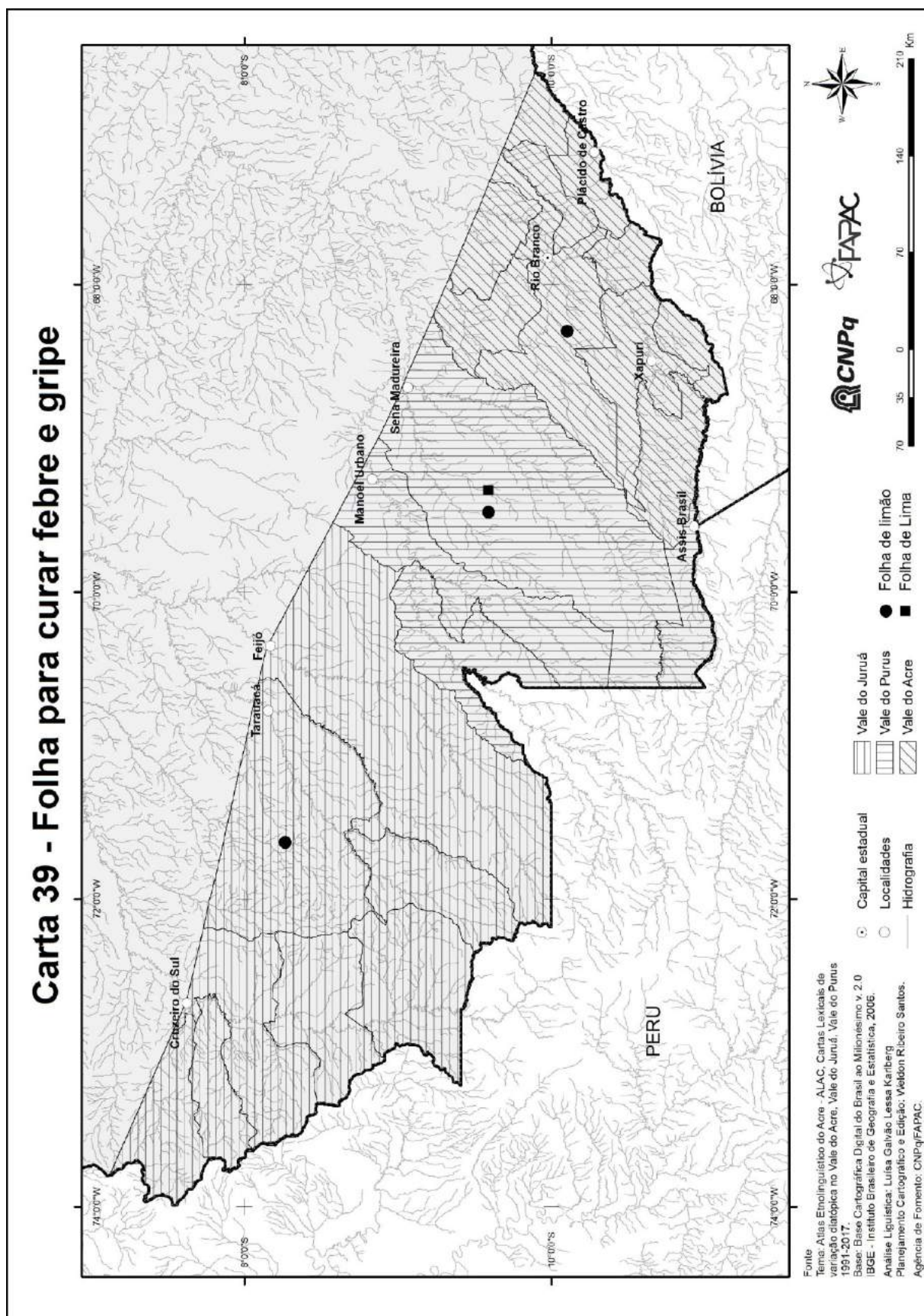
Carta 37 – Erva para curar mau-olhado



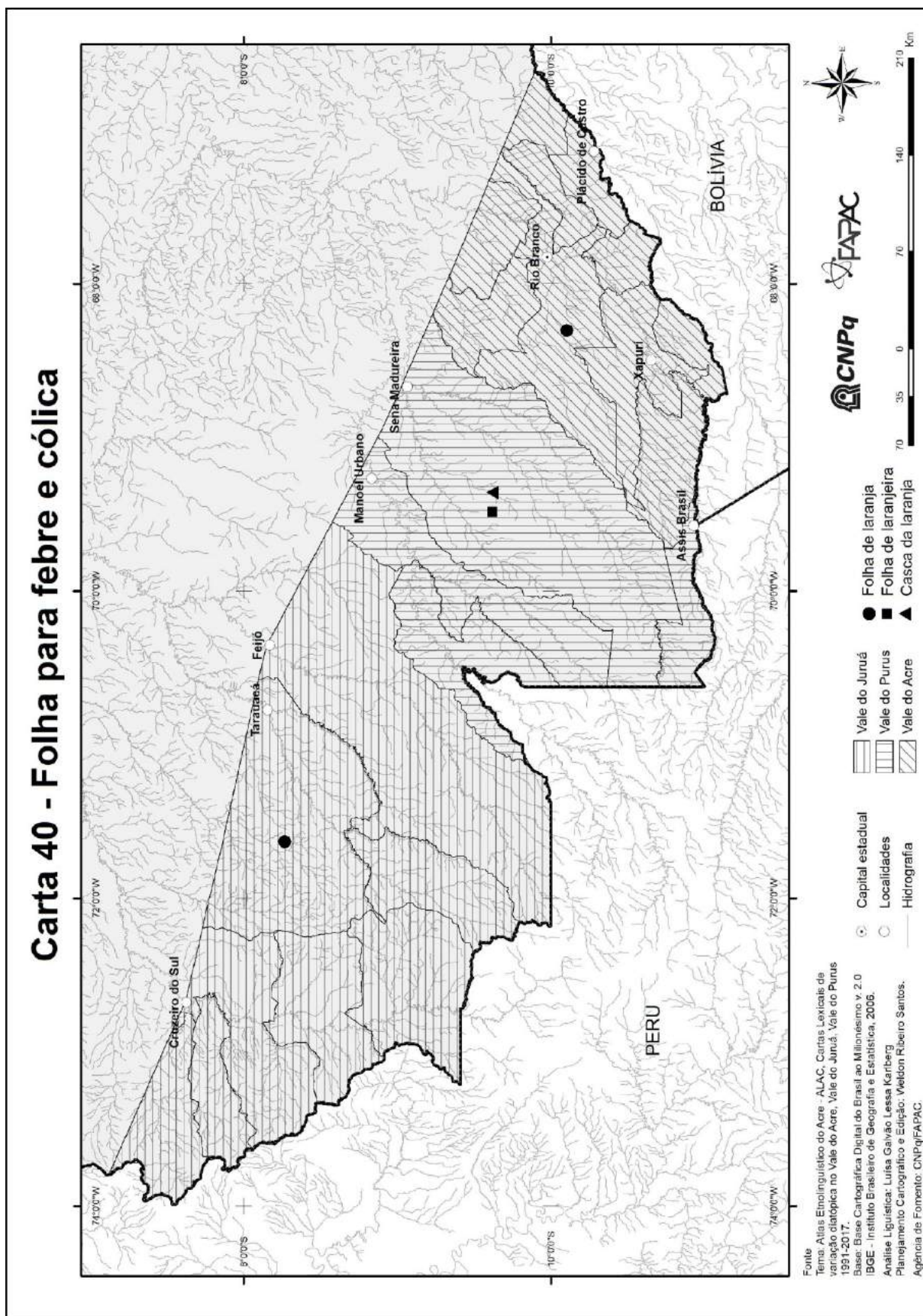
Carta 38 – Folha para curar diarreia



Carta 39 – Folha para curar febre e gripe



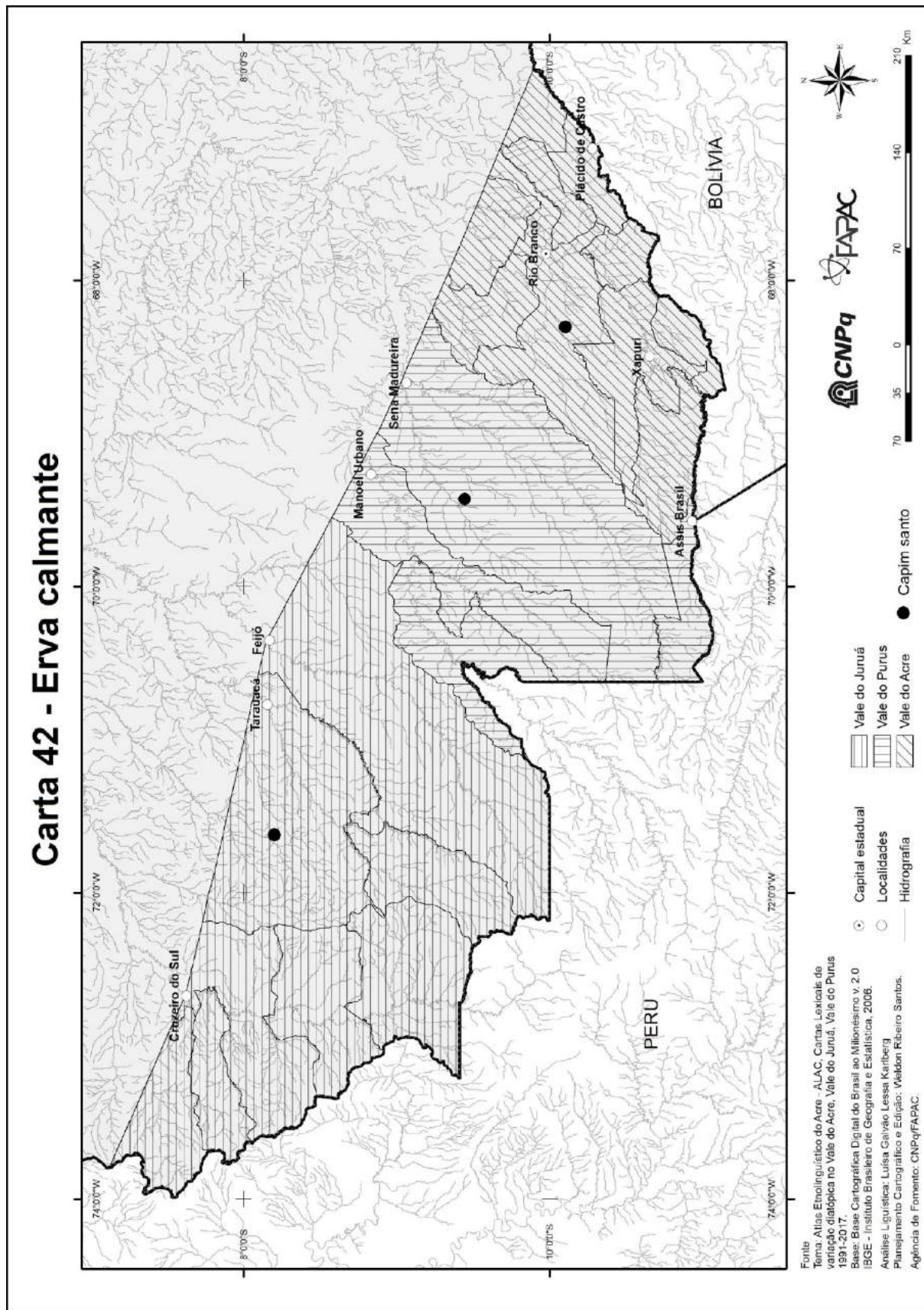
Carta 40 – Folha para febre e cólica



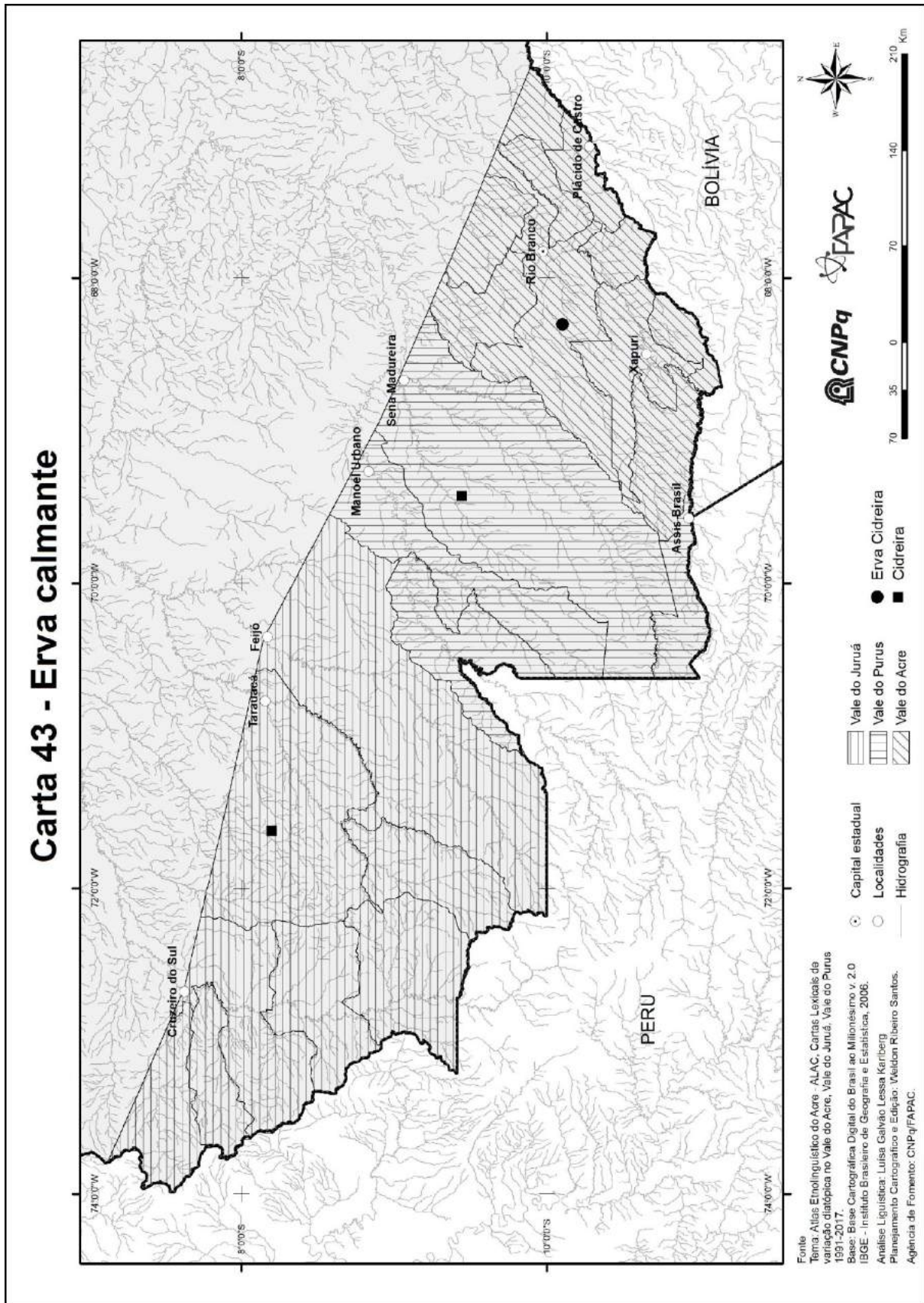




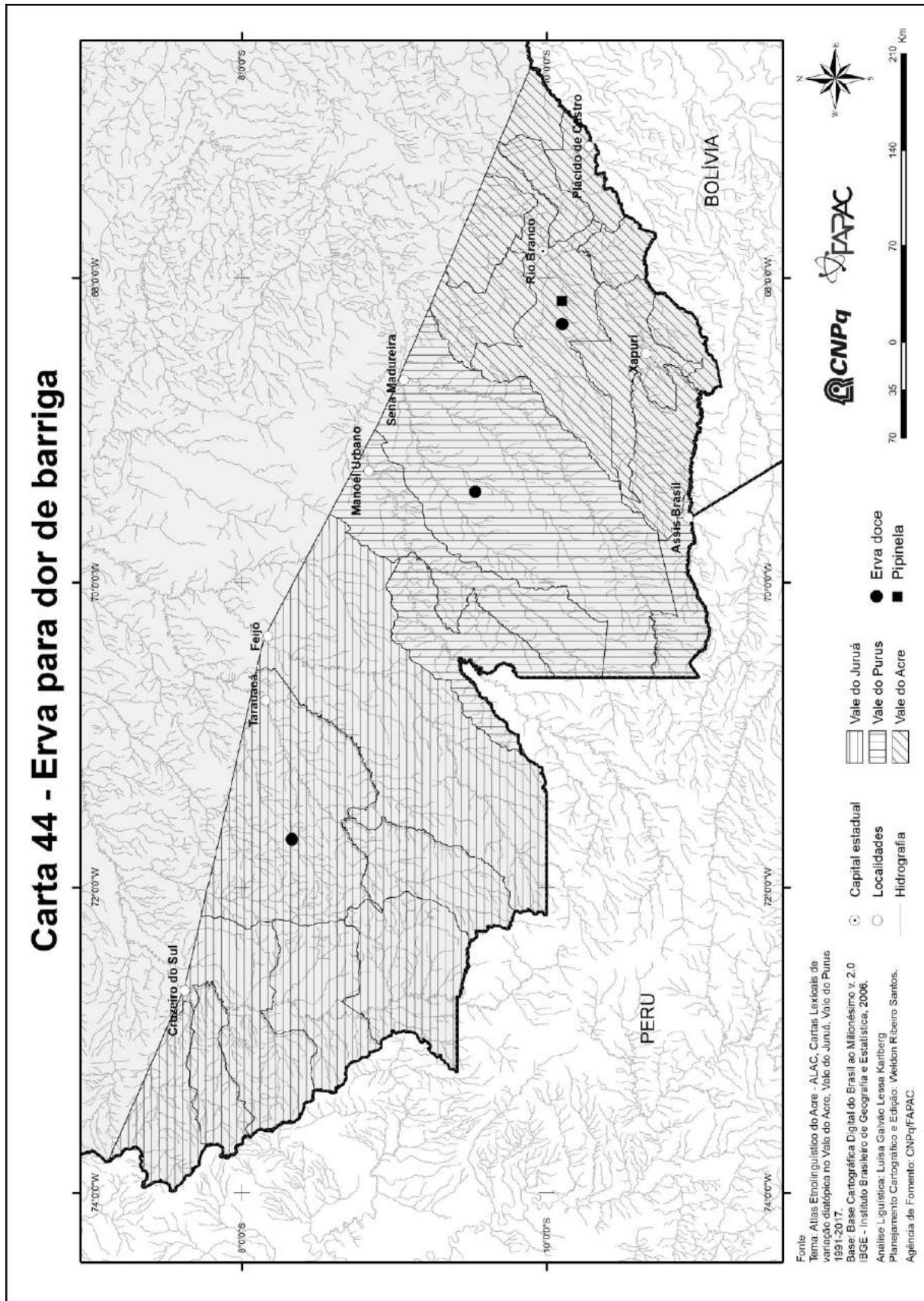
Carta 42 – Erva calmante



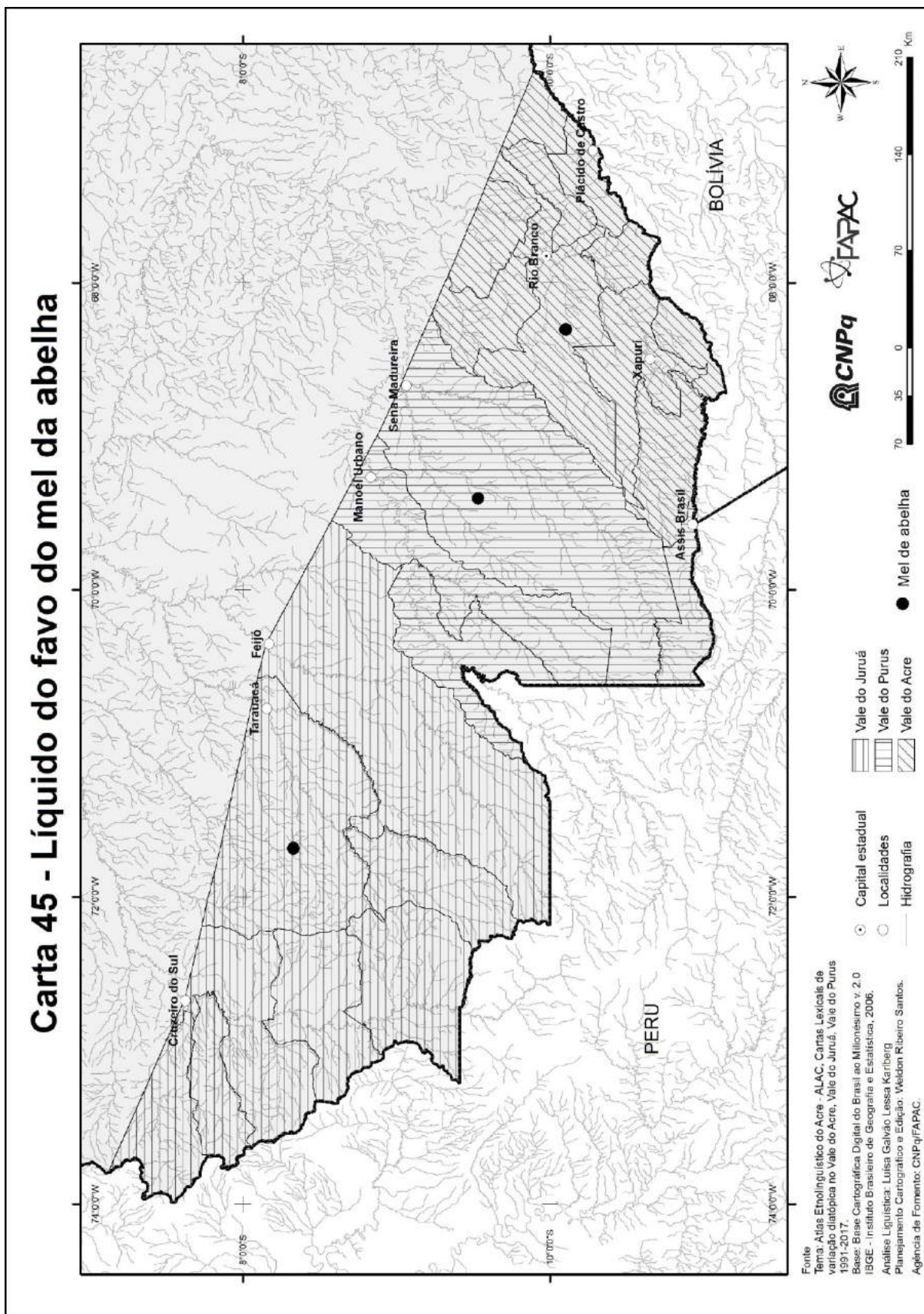
Carta 43 – Erva calmante



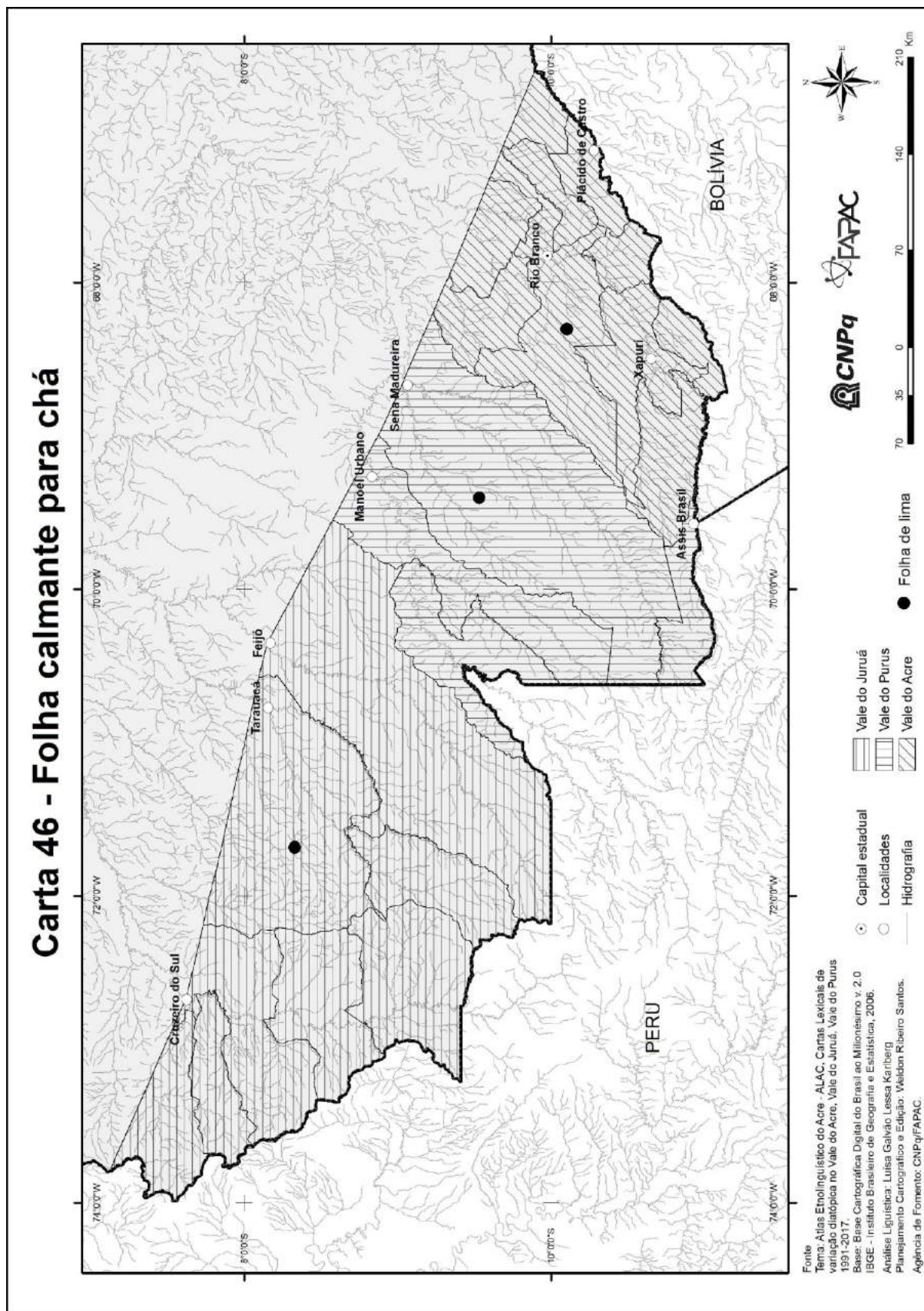
Carta 44 – Erva para dor de barriga



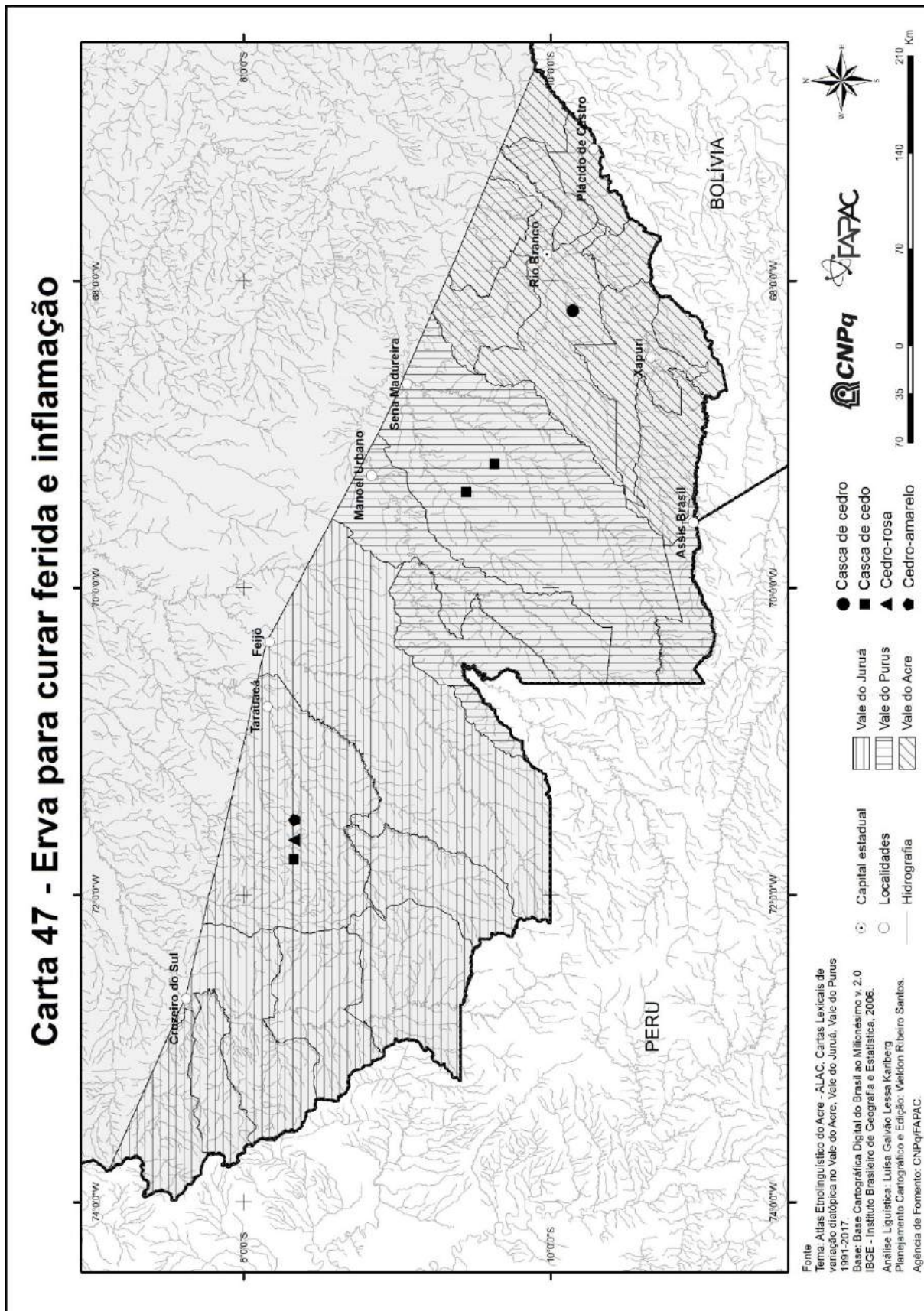
Carta 45 – Líquido do favo do mel da abelha



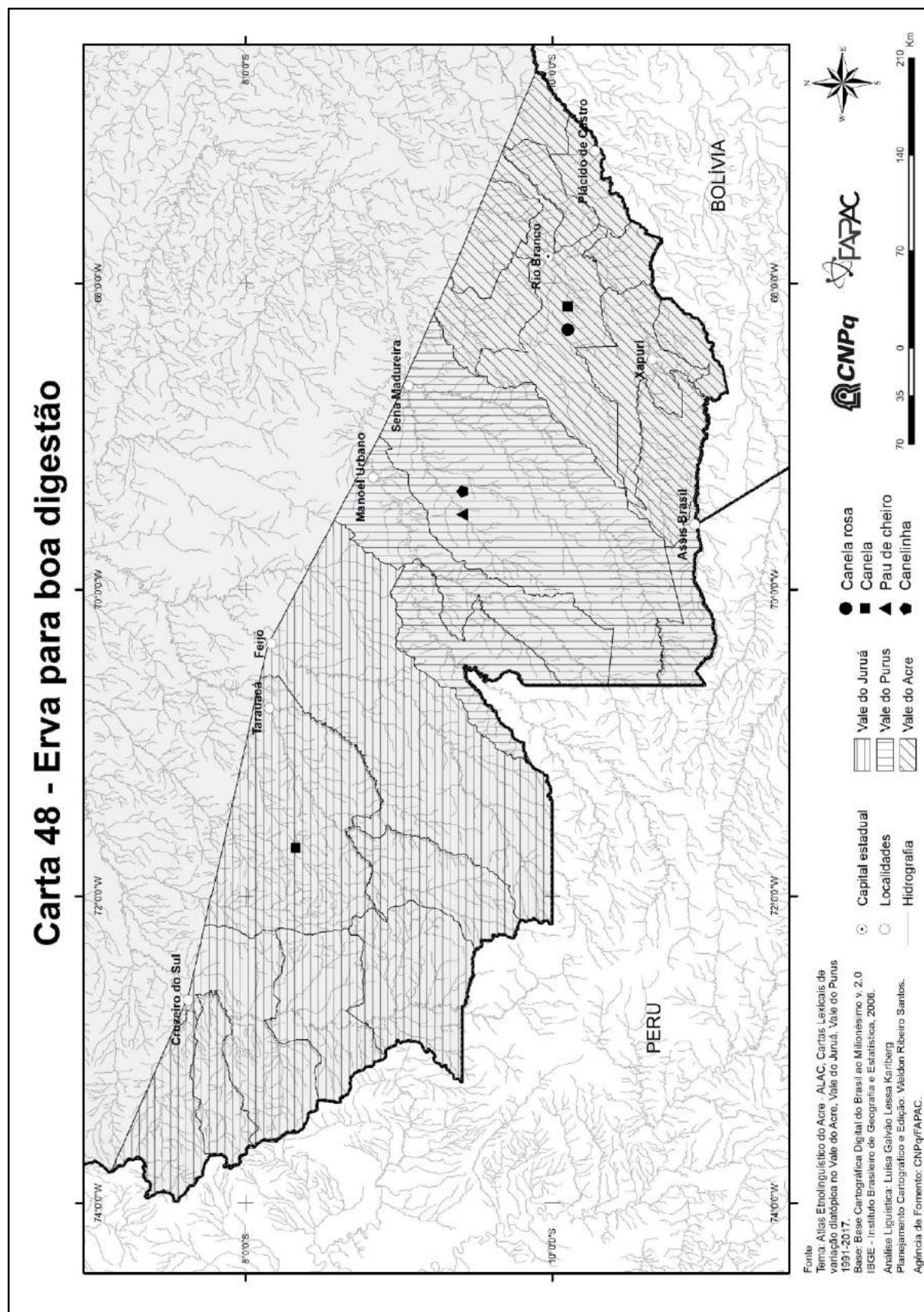
Carta 46 – Folha calmante para chá



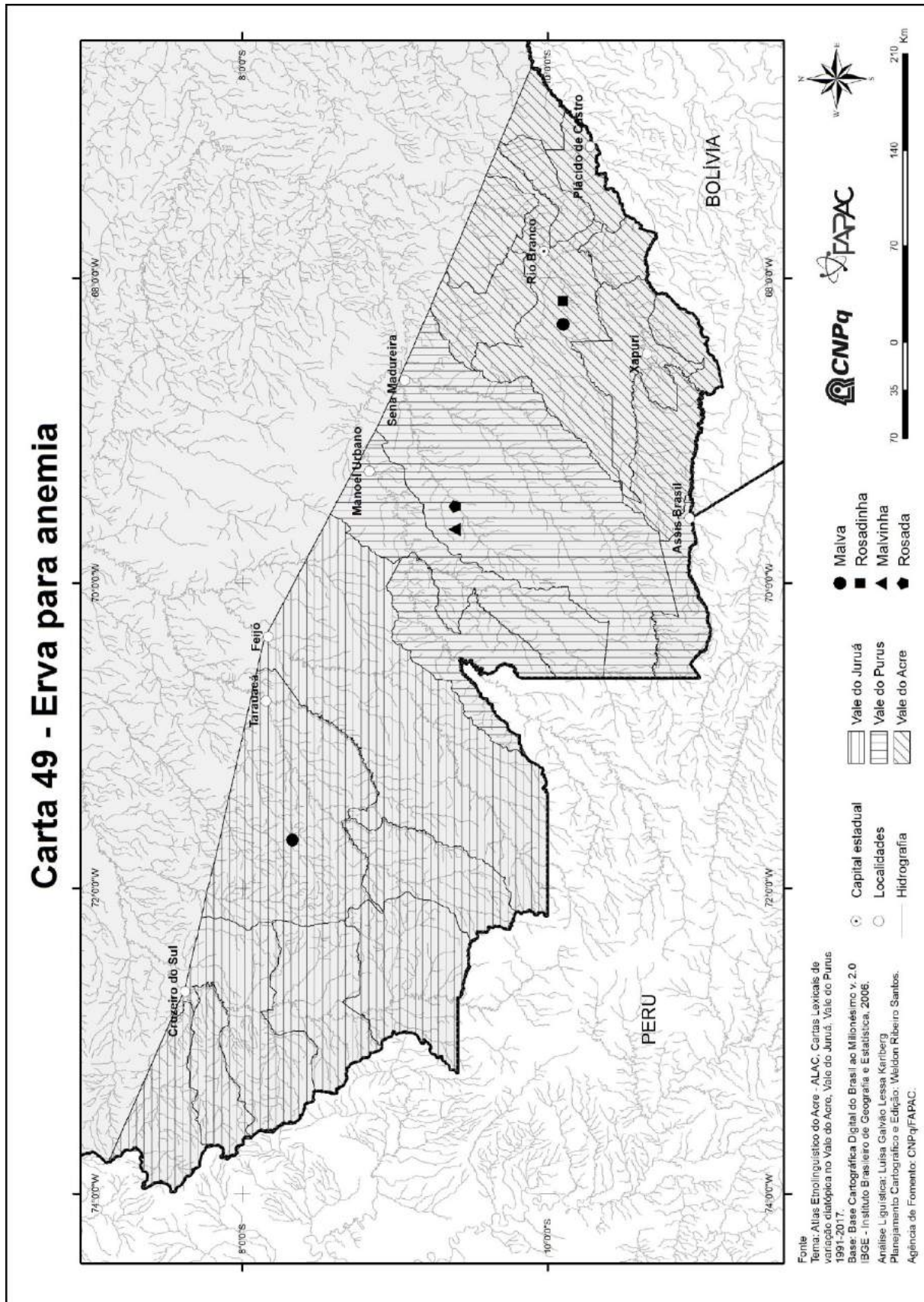
Carta 47 – Erva para curar ferida e inflamação



Carta 48 – Erva para boa digestão

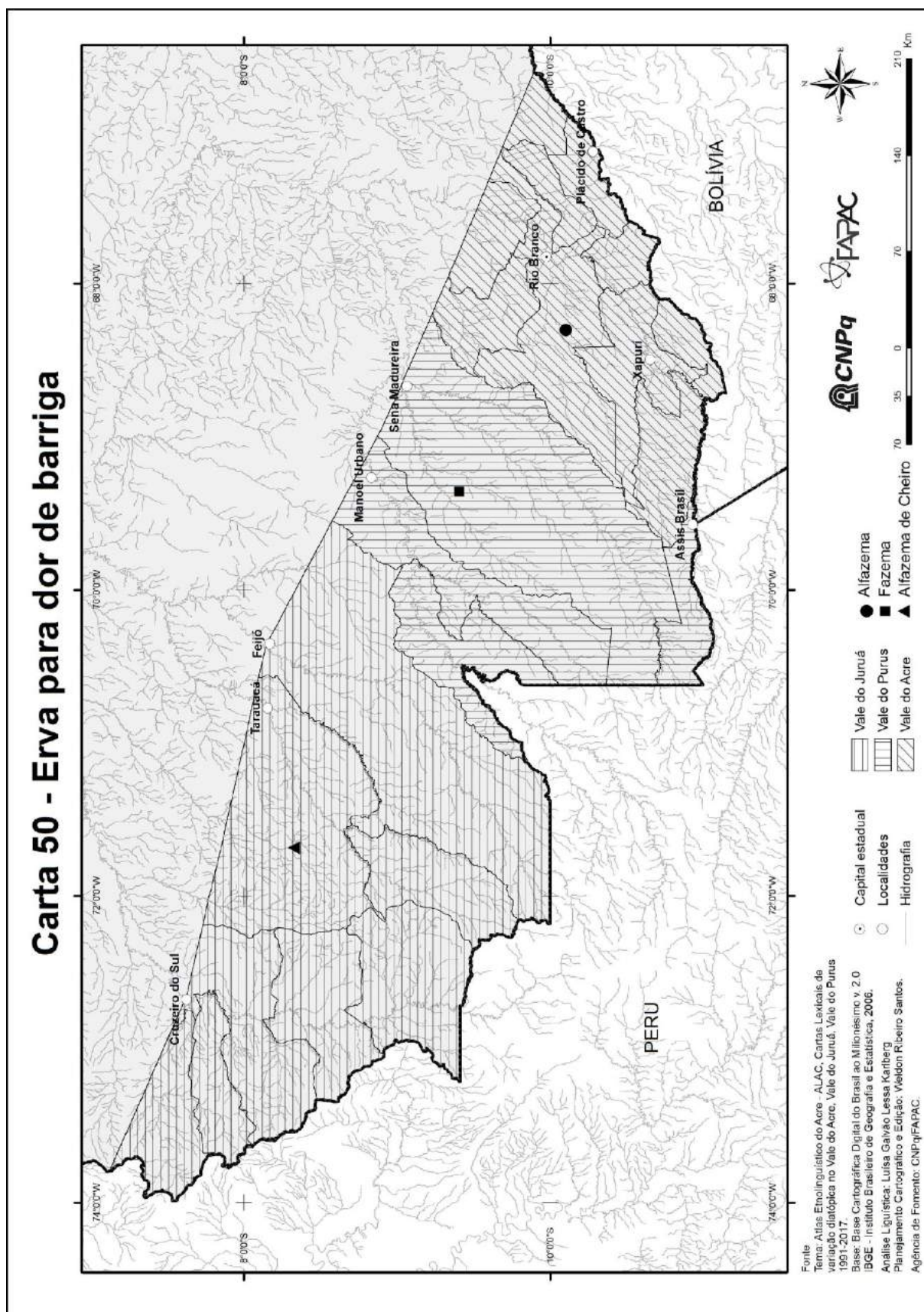


Carta 49 – Erva para anemia



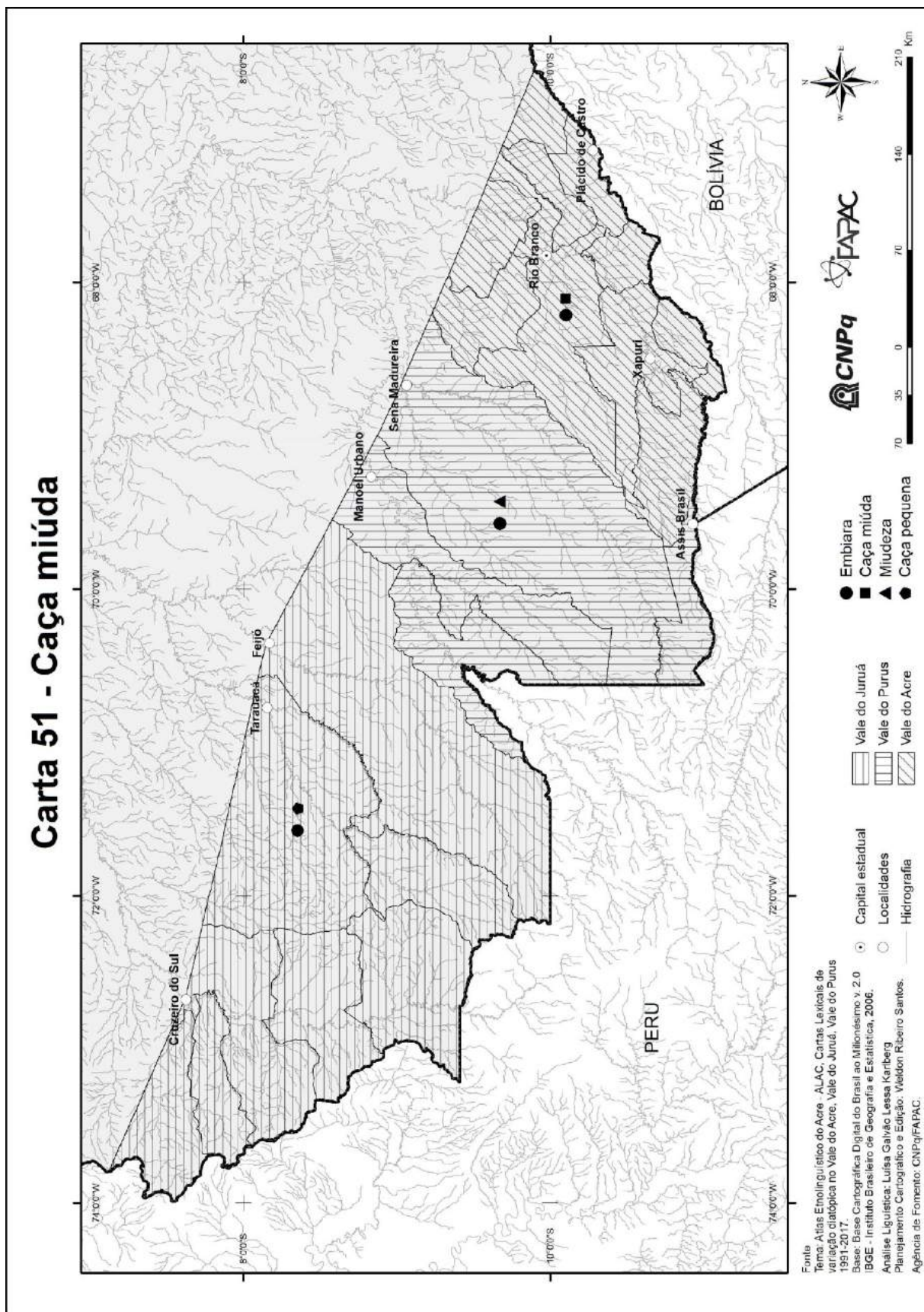


Carta 50 – Erva para dor de barriga

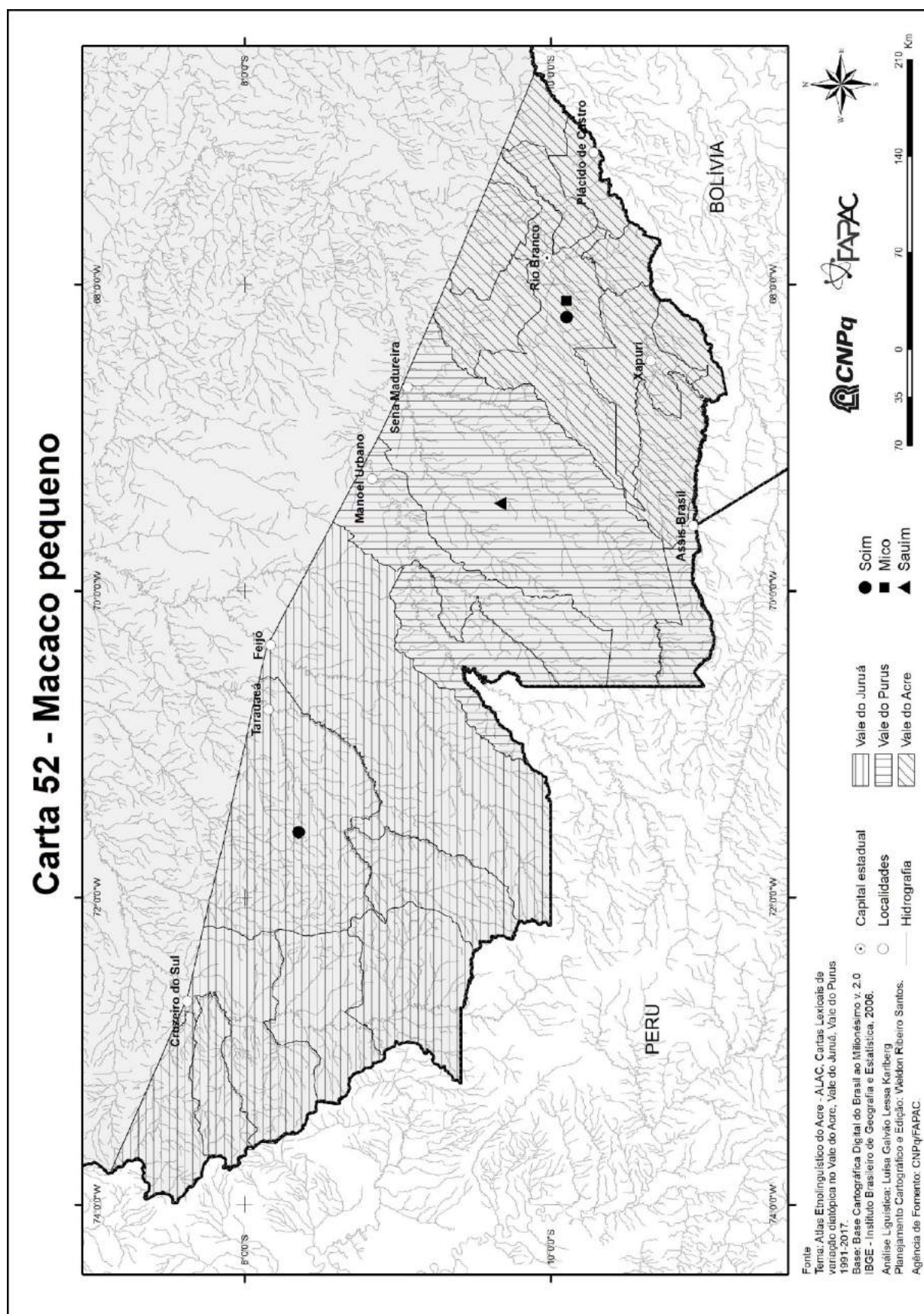


**CAMPO SEMÂNTICO: A – NATUREZA**  
**III – FAUNA**

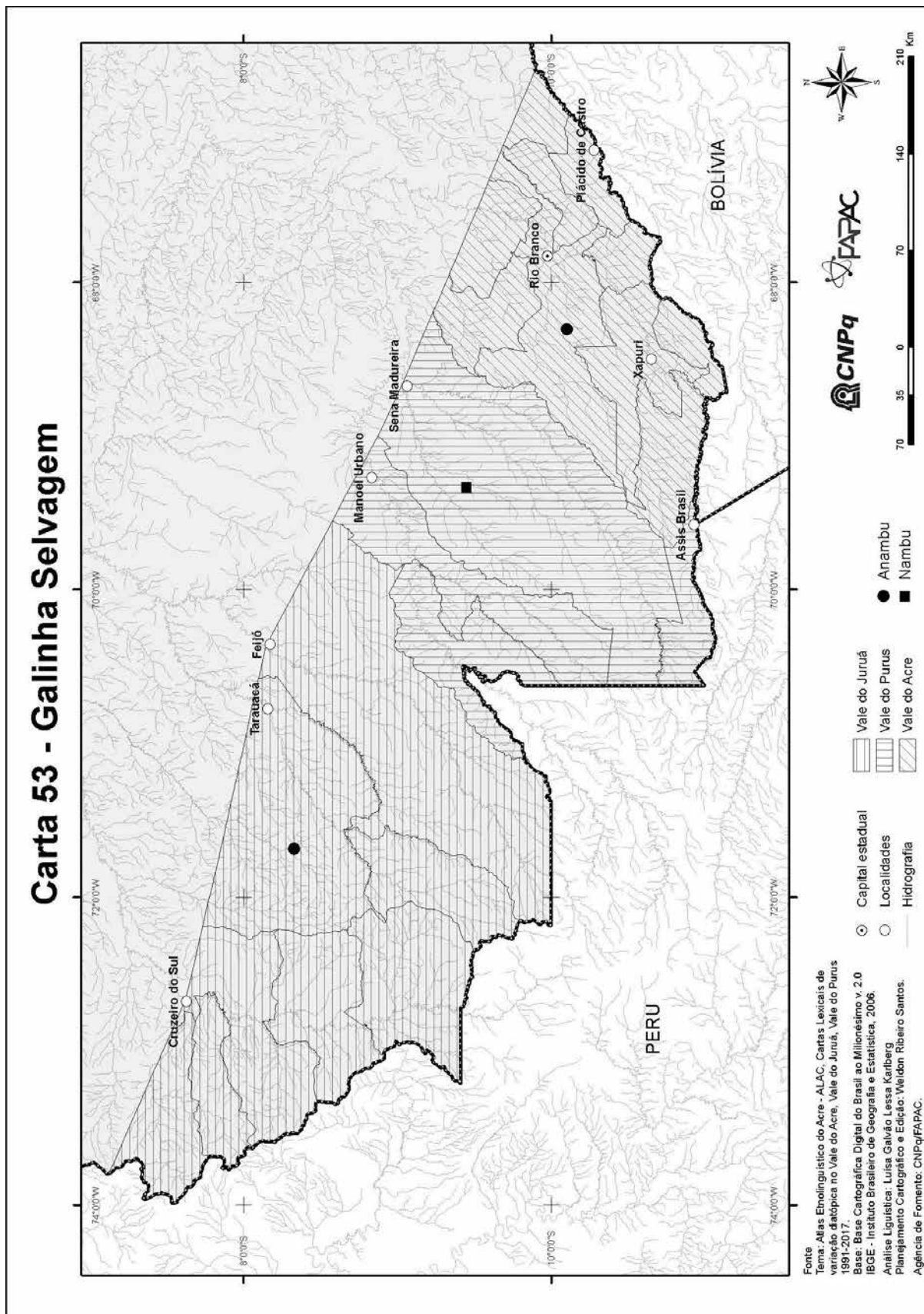
Carta 51 – Caça miúda



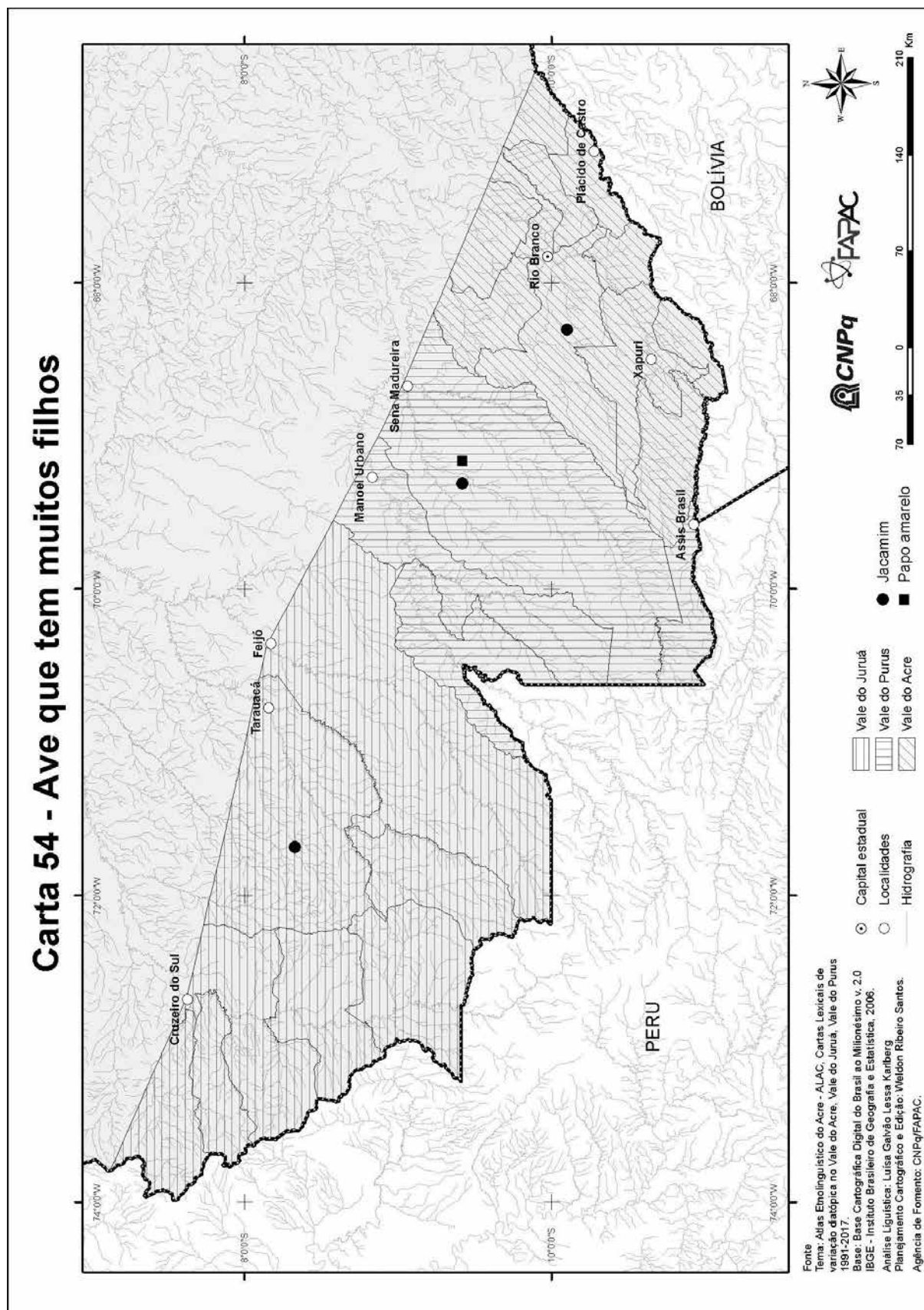
Carta 52 – Macaco pequeno



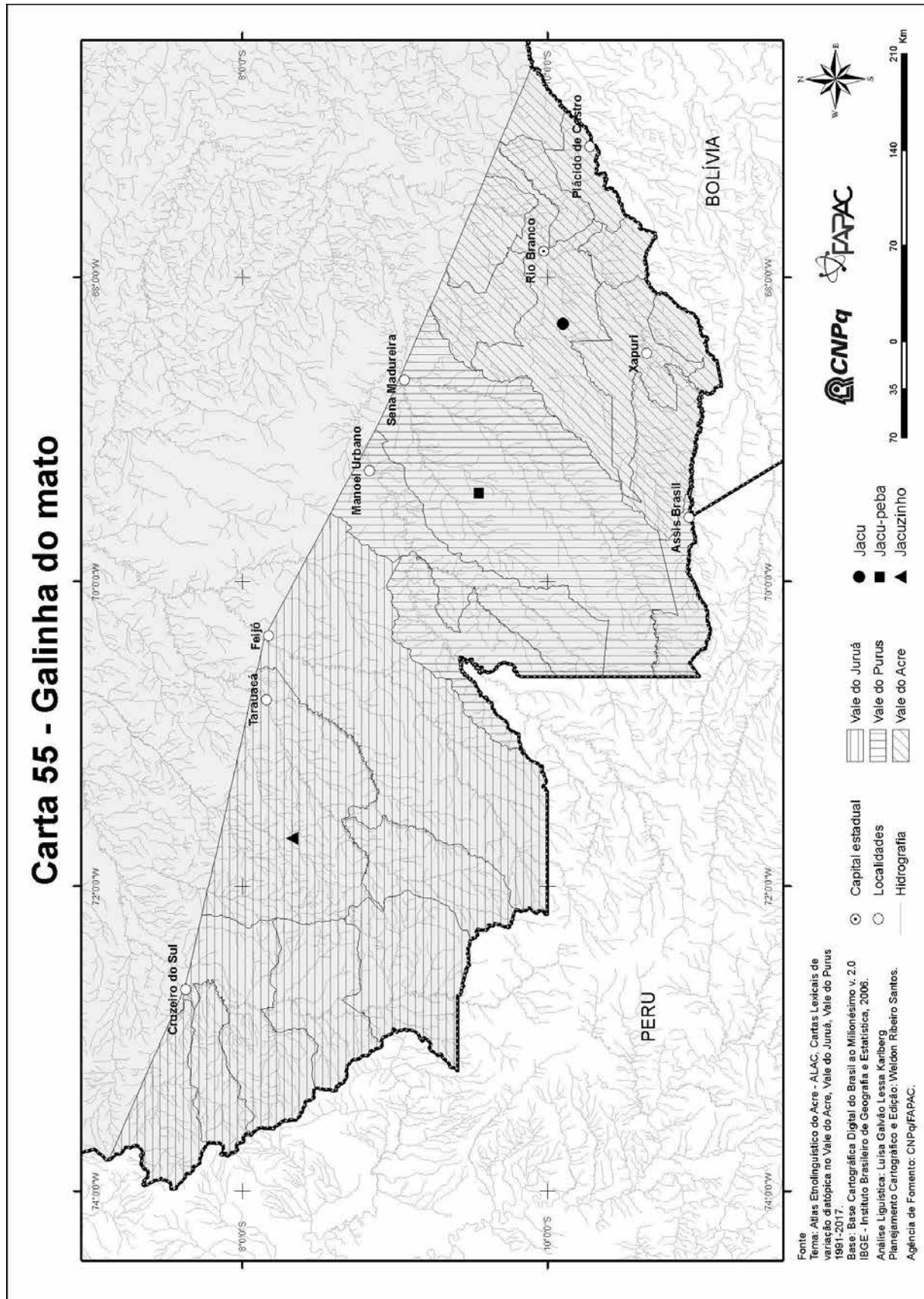
Carta 53 – Galinha Selvagem



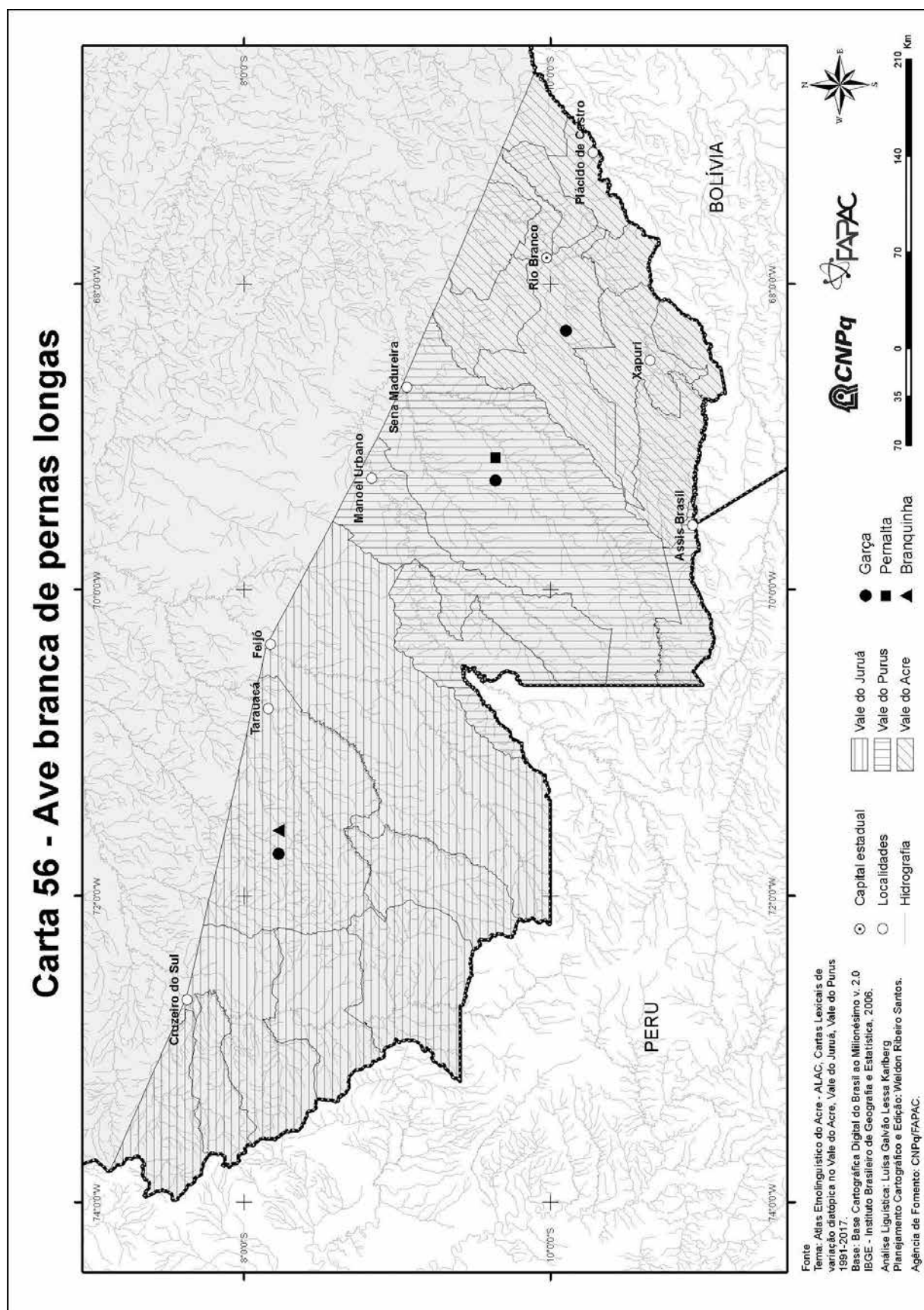
Carta 54 – Ave que tem muitos filhos



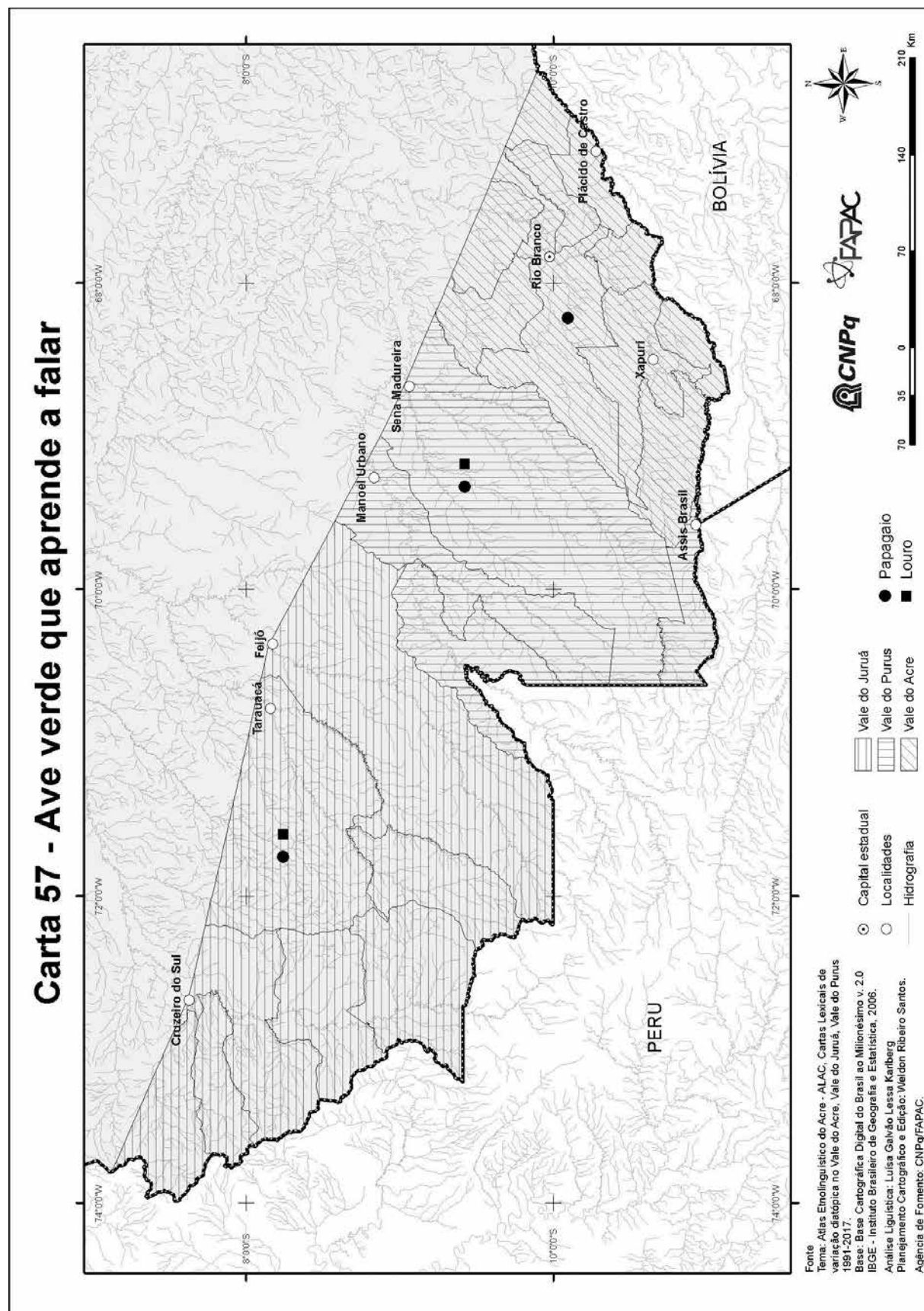
Carta 55 – Galinha do mato



Carta 56 – Ave branca de pernas longas

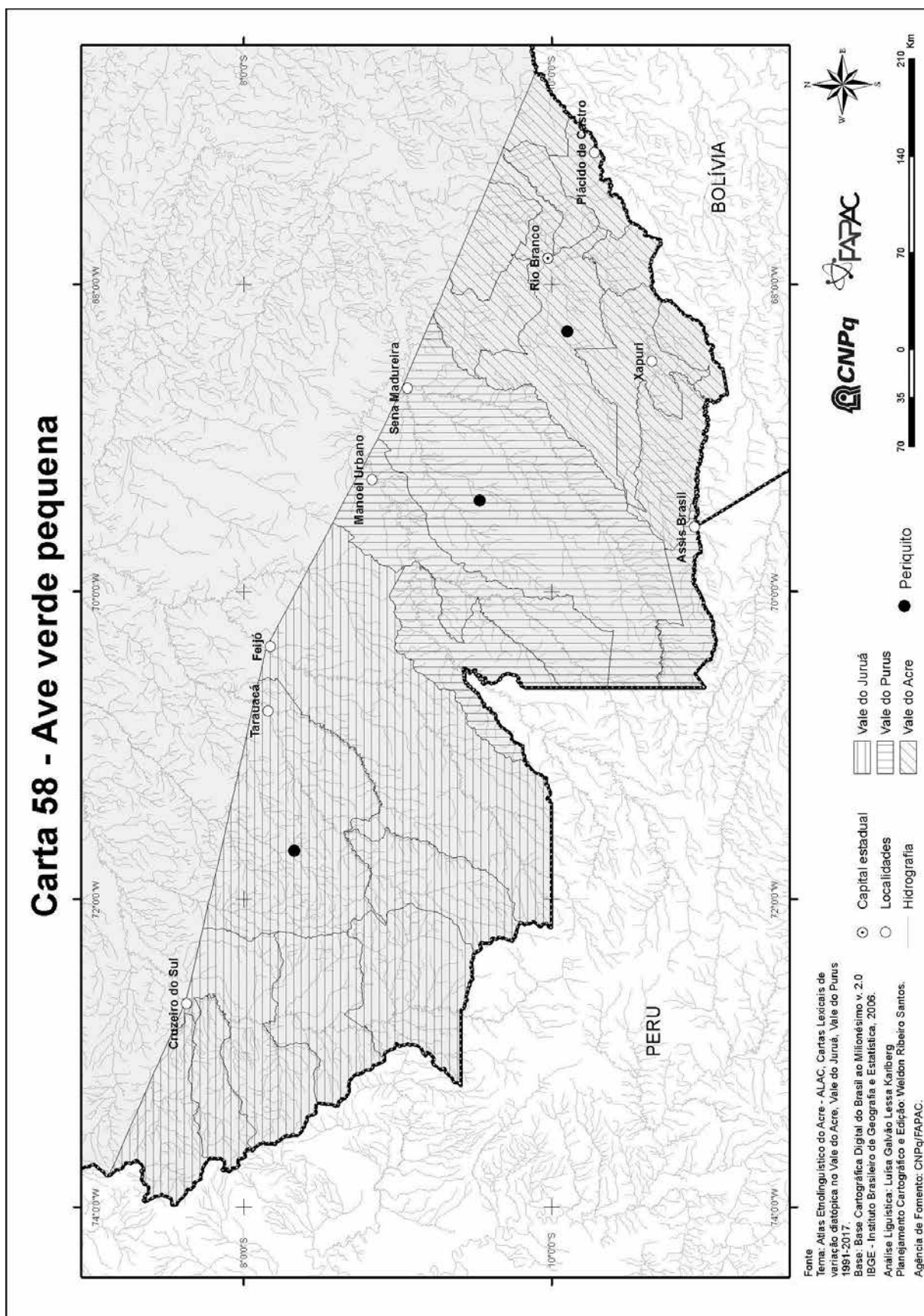


Carta 57 – Ave verde que aprende a falar

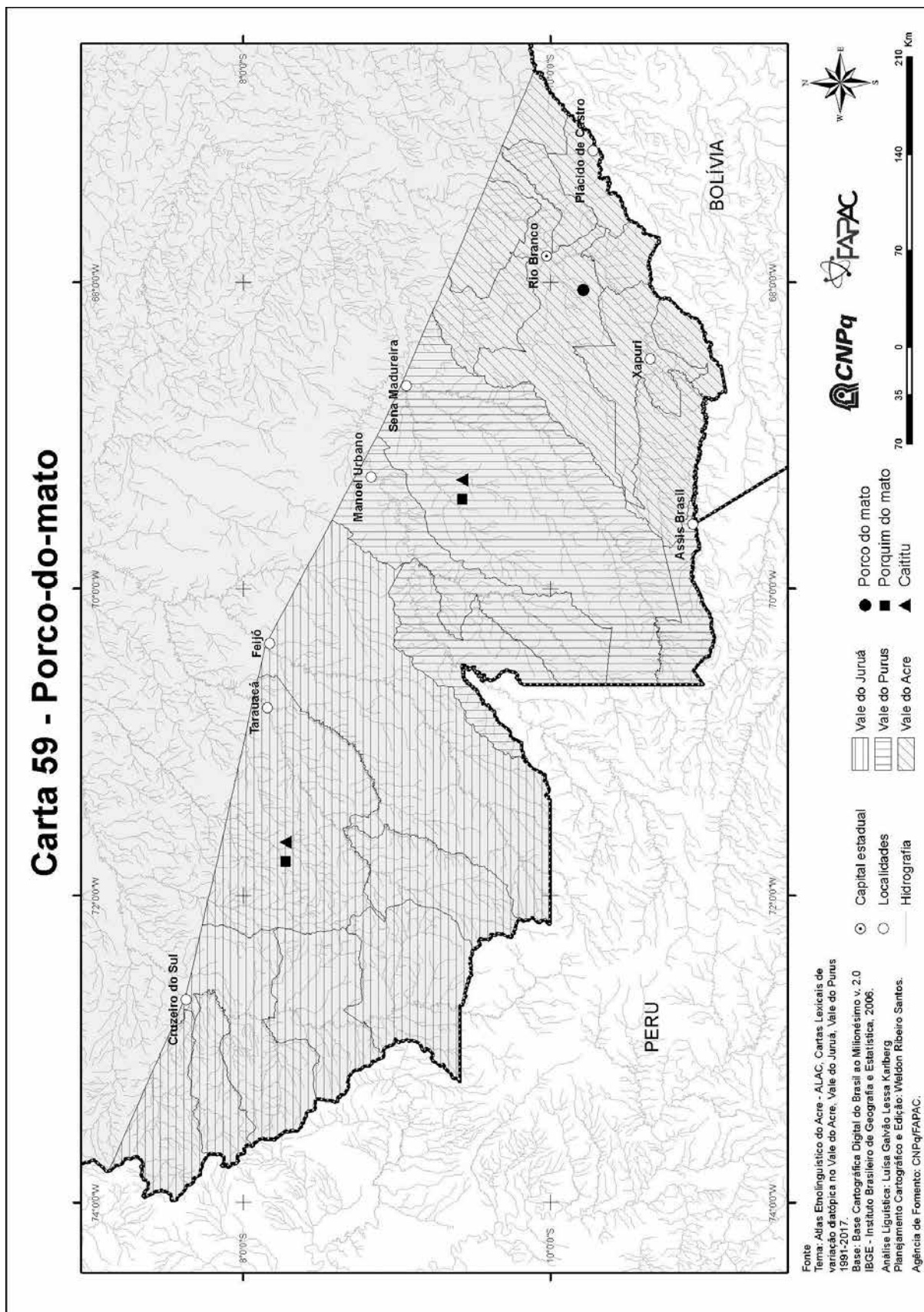




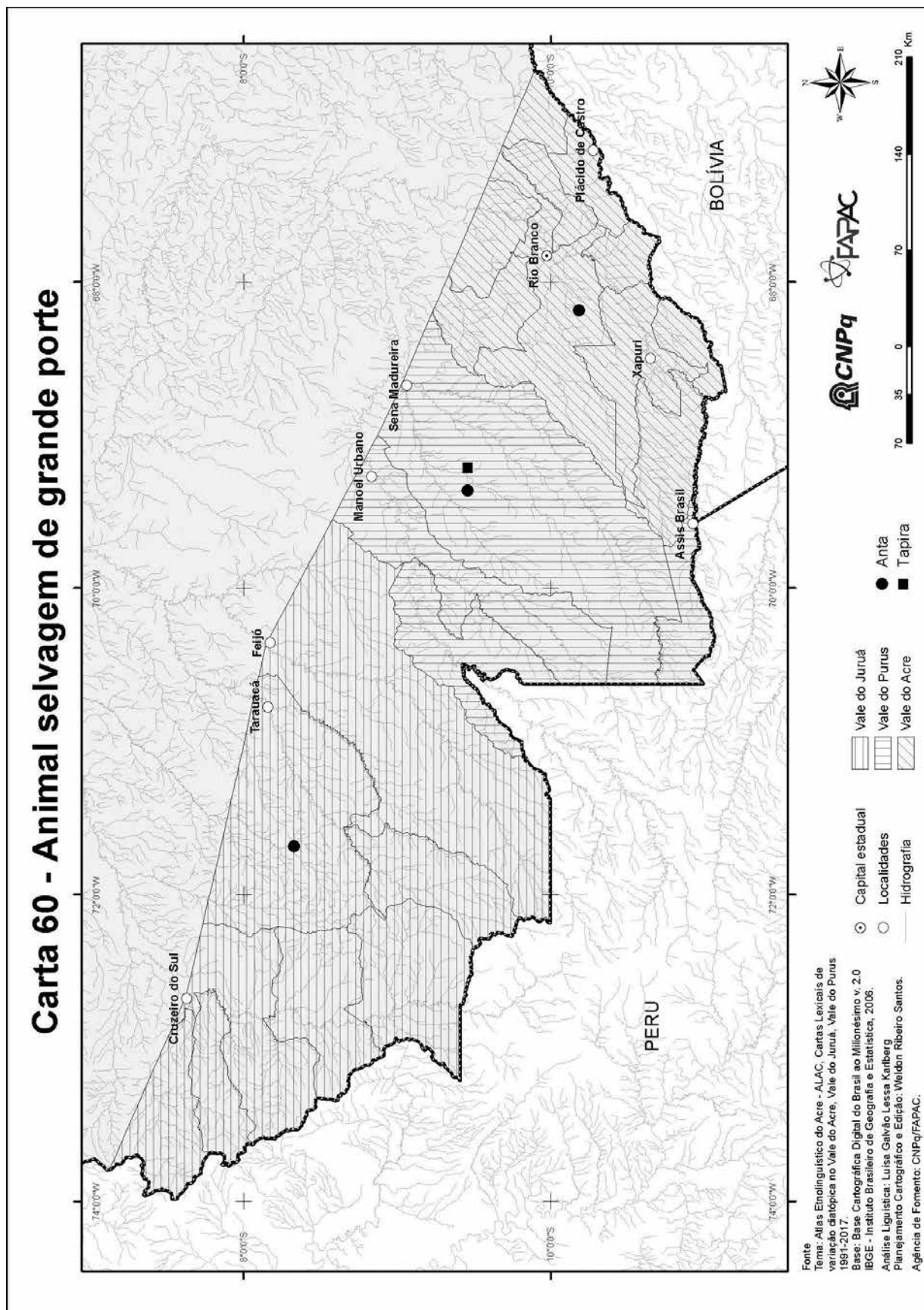
Carta 58 – Ave verde pequena



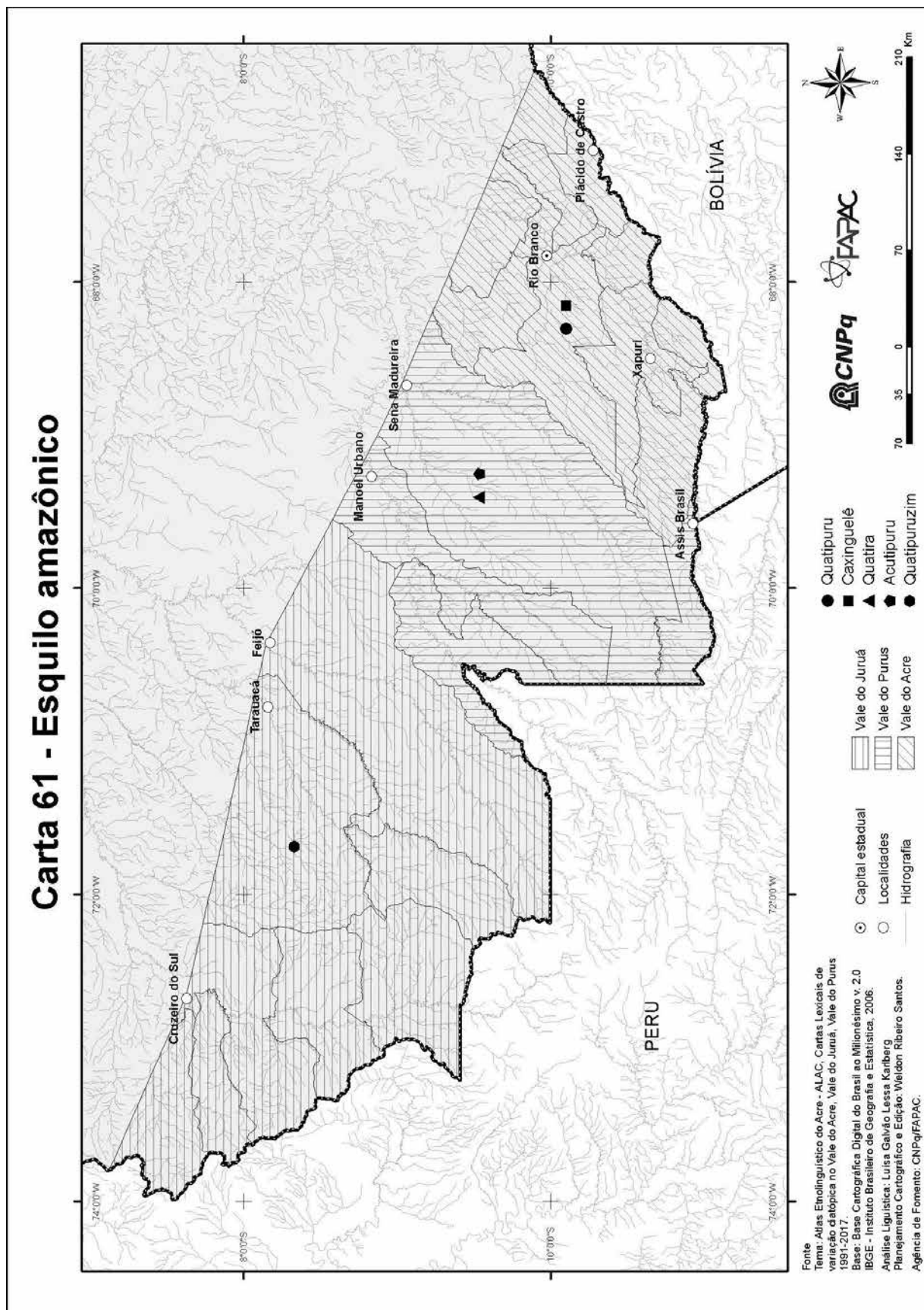
Carta 59 – Porco-do-mato



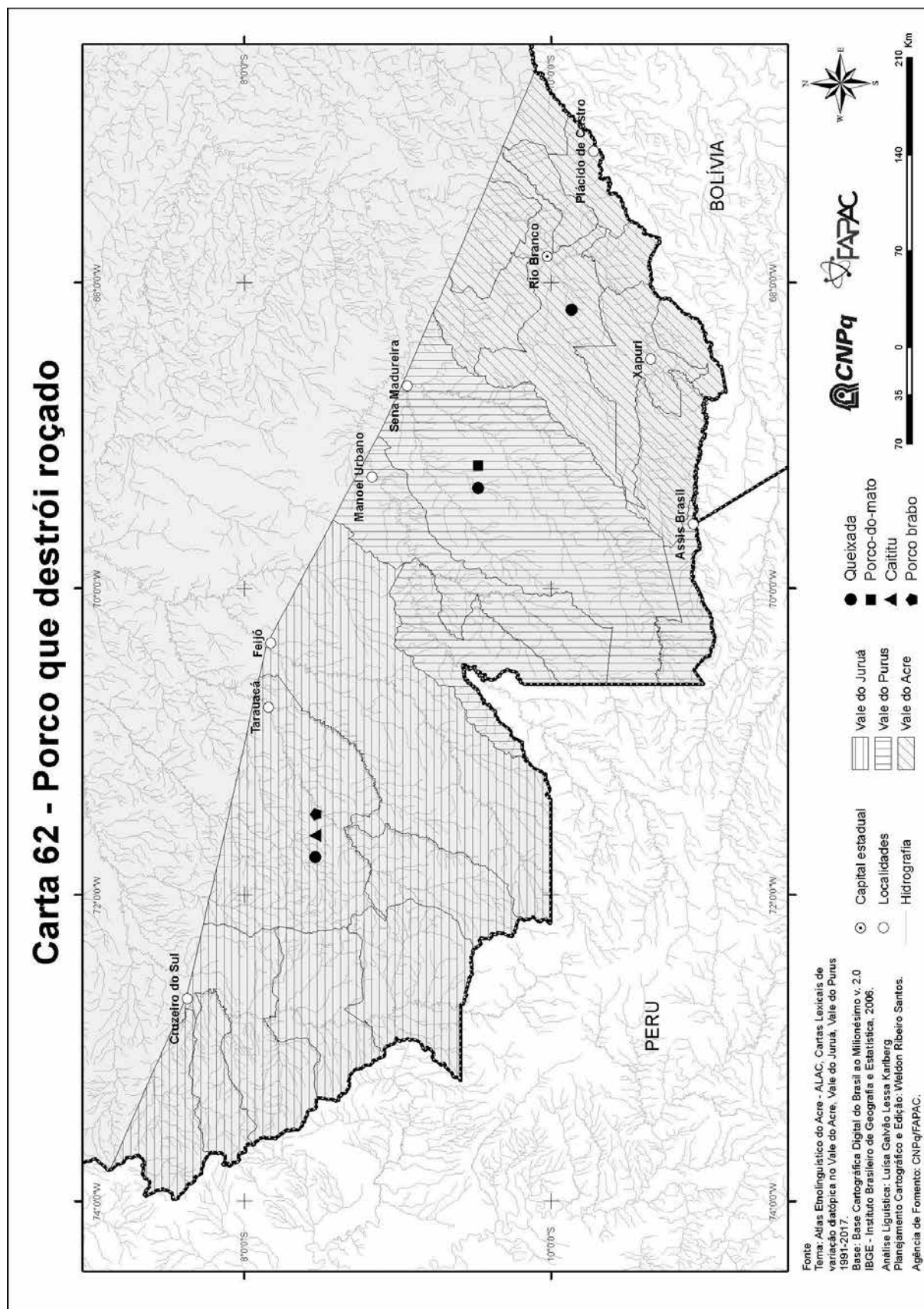
Carta 60 – Animal selvagem de grande porte



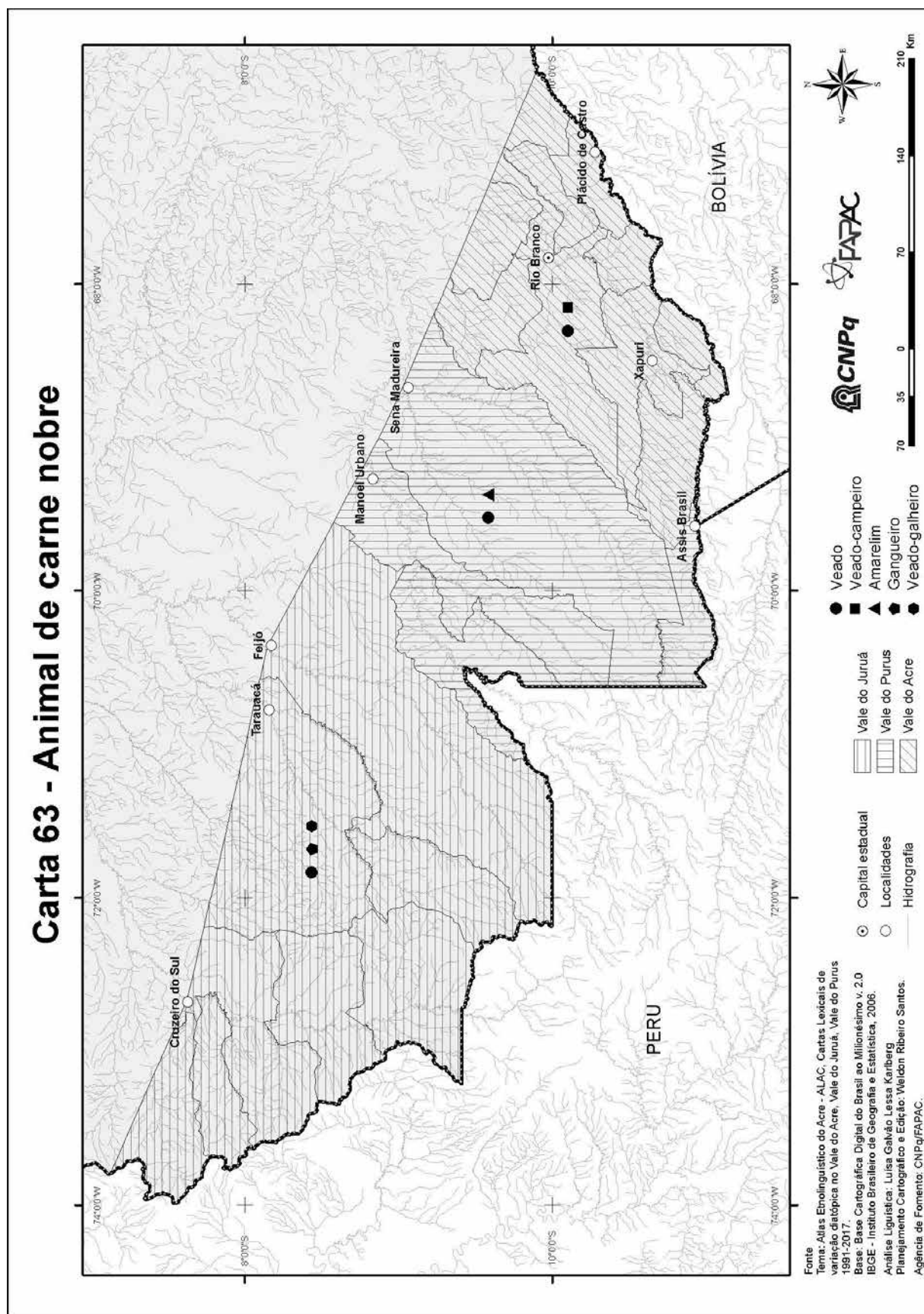
Carta 61 – Esquilo amazônico



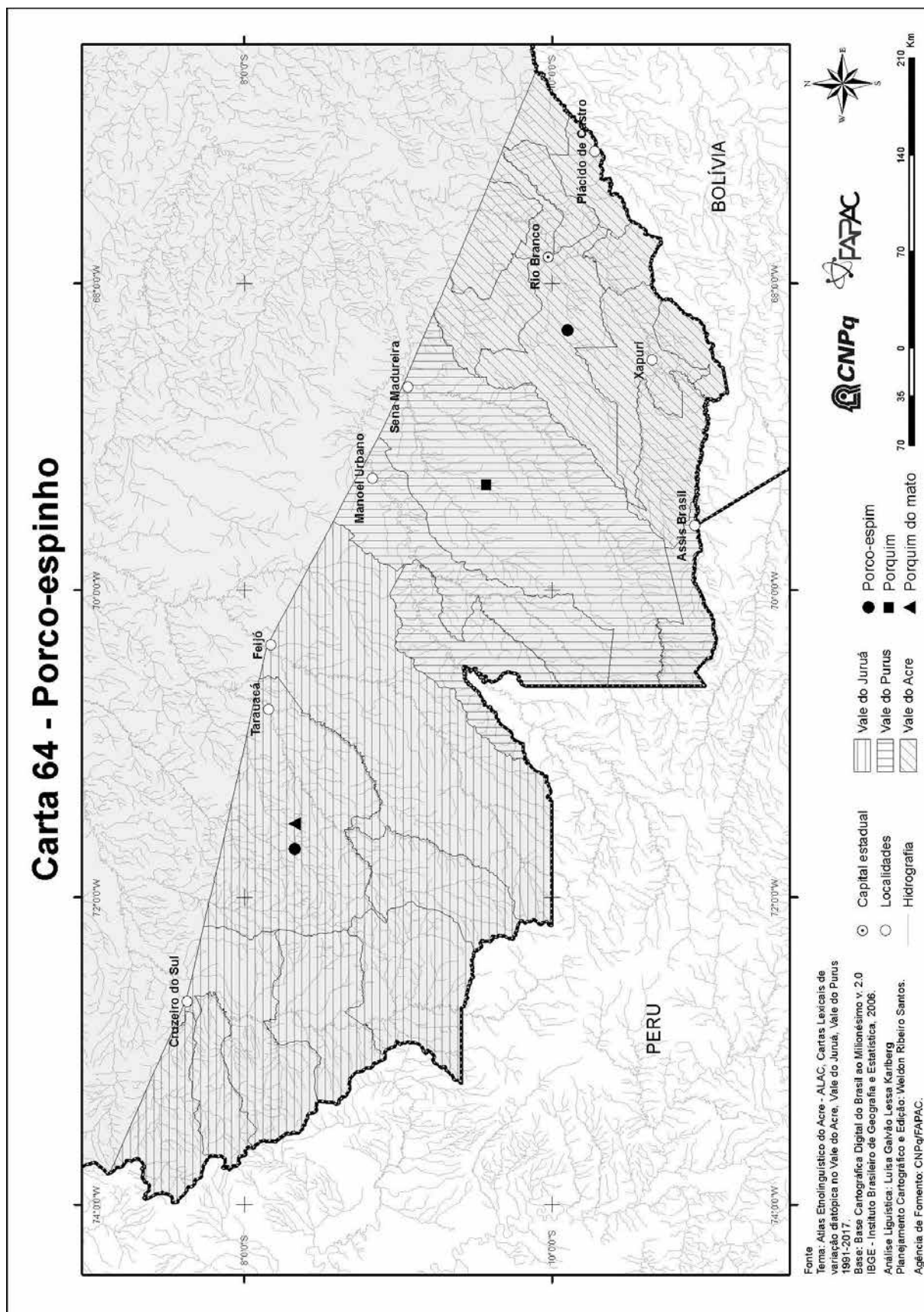
Carta 62 – Porco que destrói roçado



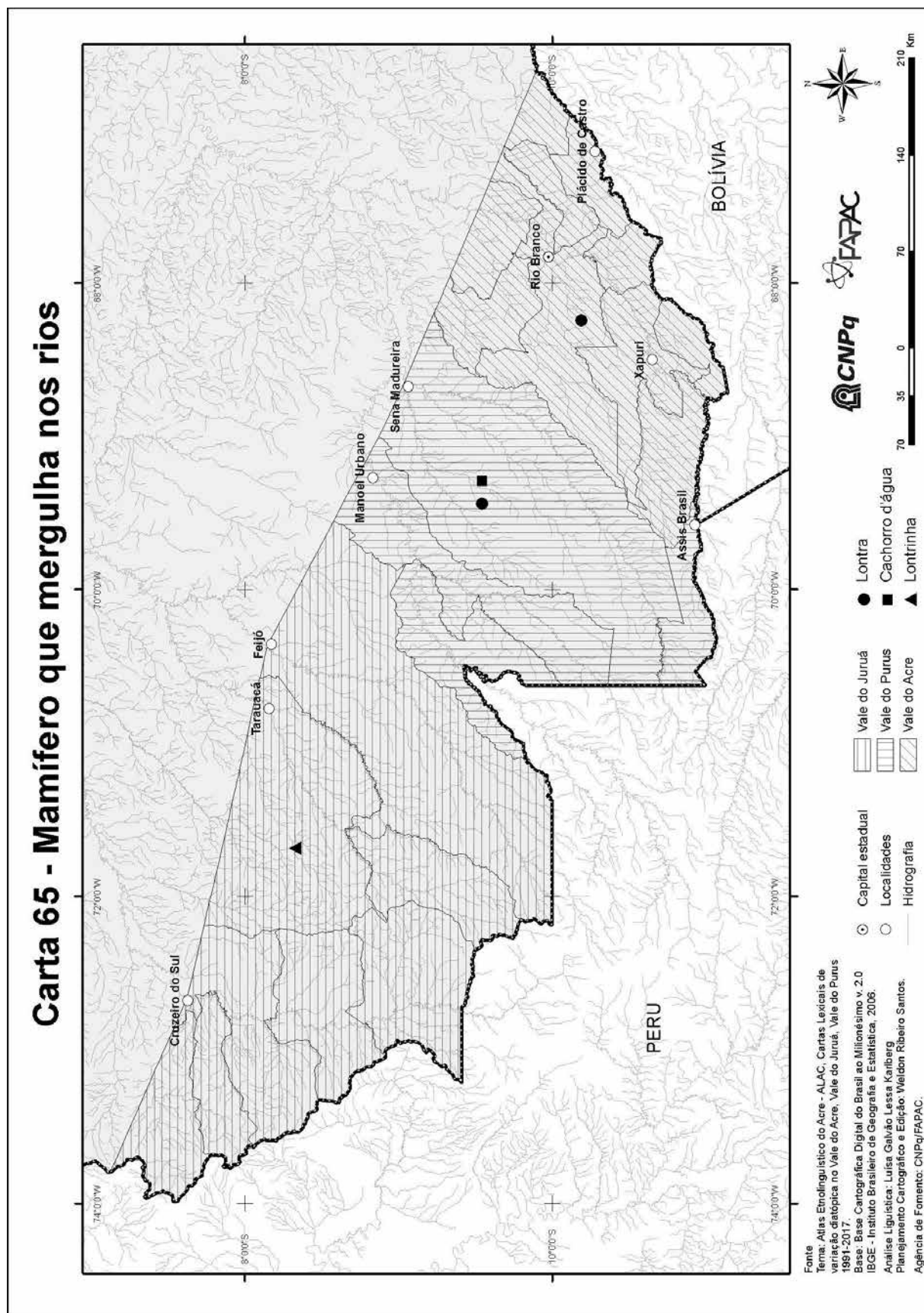
Carta 63 – Animal de carne nobre



Carta 64 – Porco-espinho

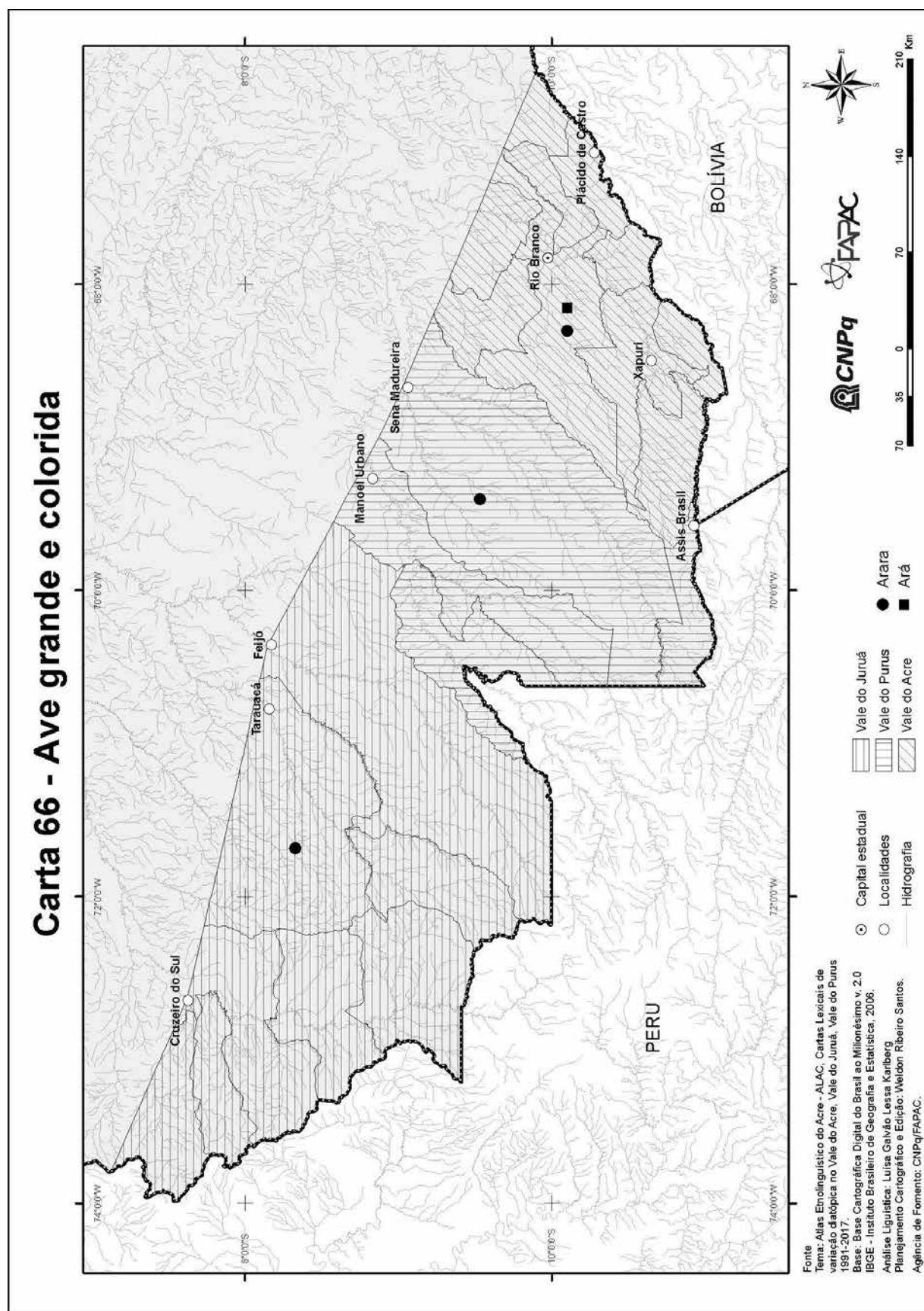


Carta 65 – Mamífero que mergulha nos rios

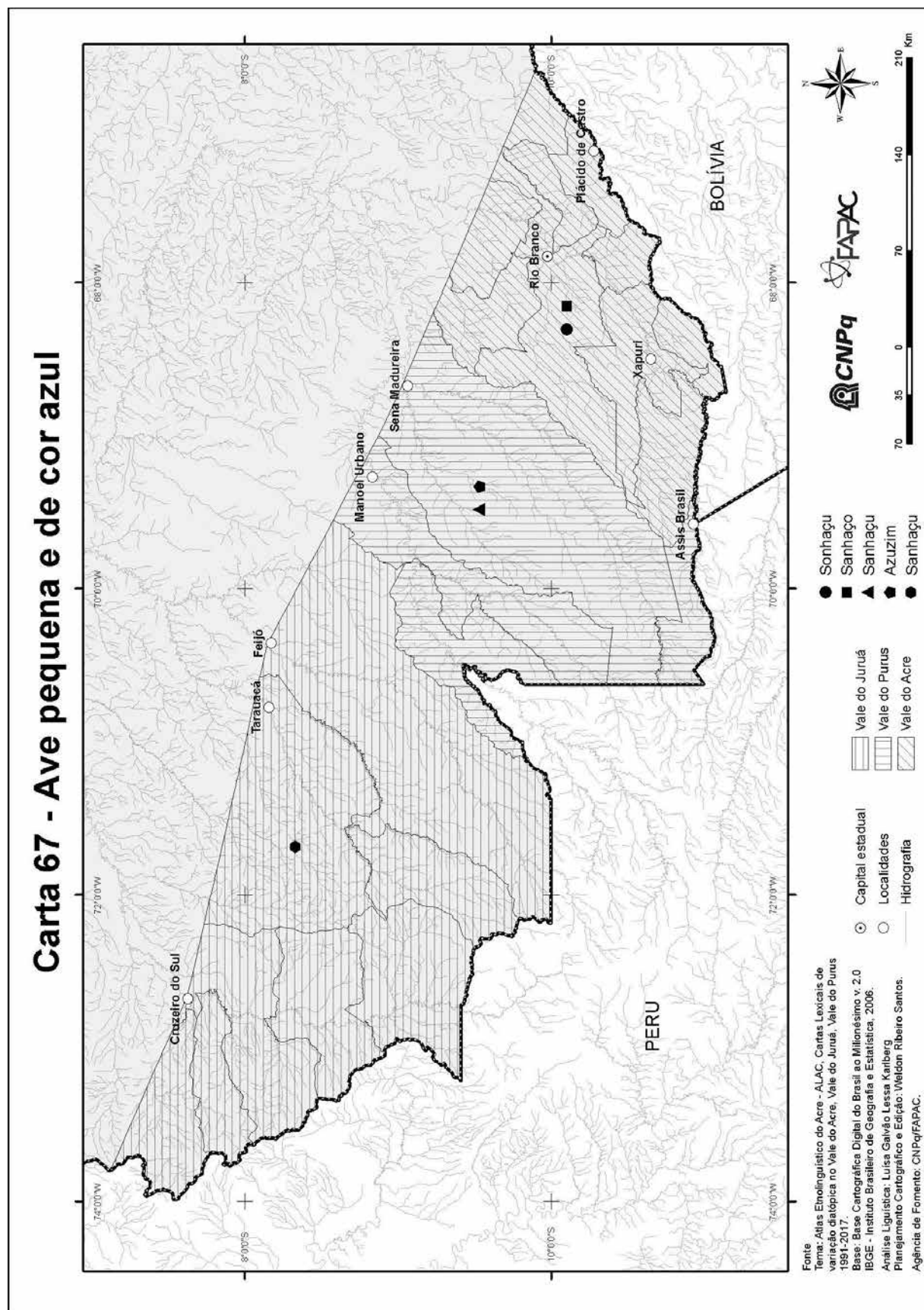




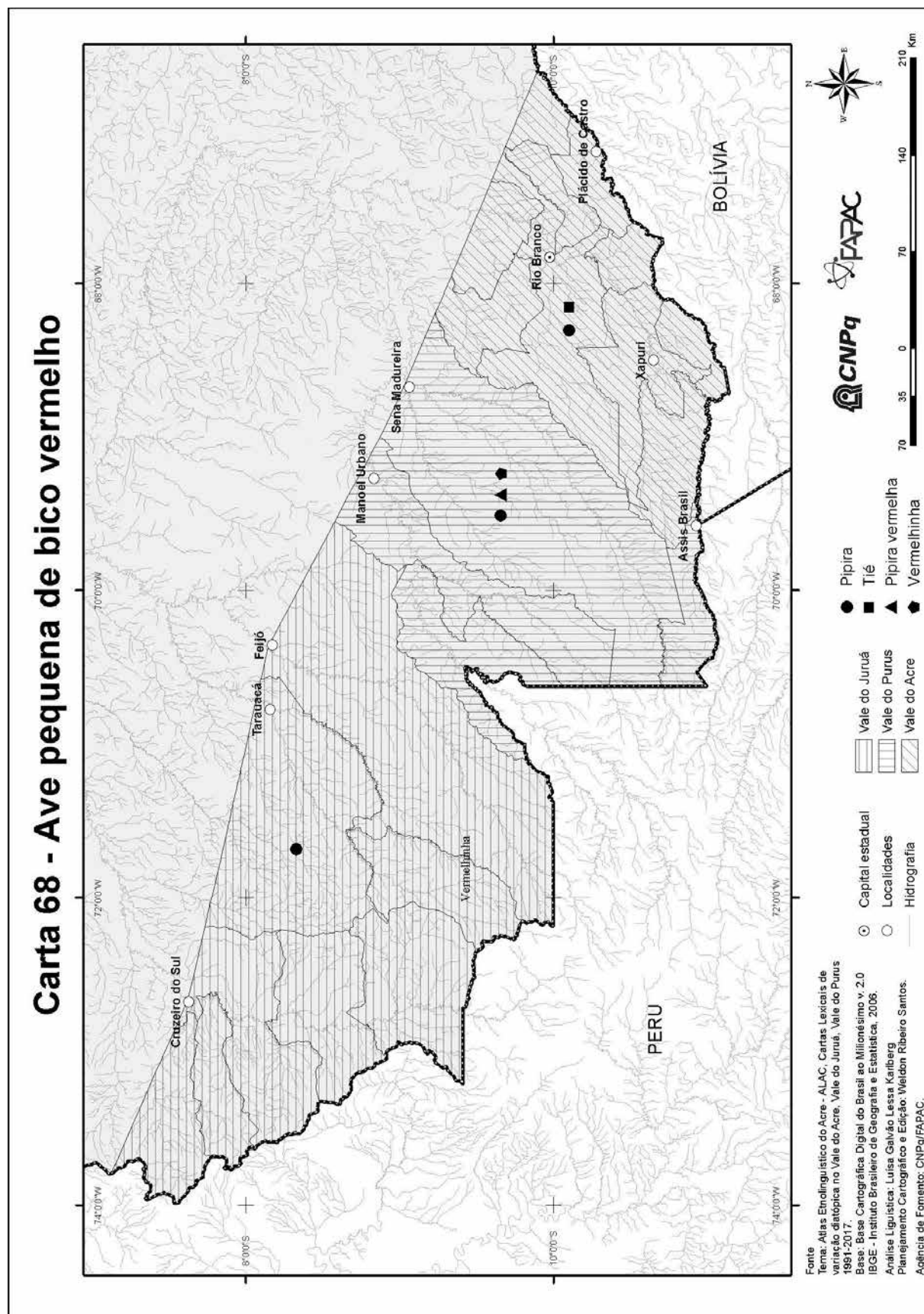
Carta 66 – Ave grande e colorida



Carta 67 – Ave pequena e de cor azul

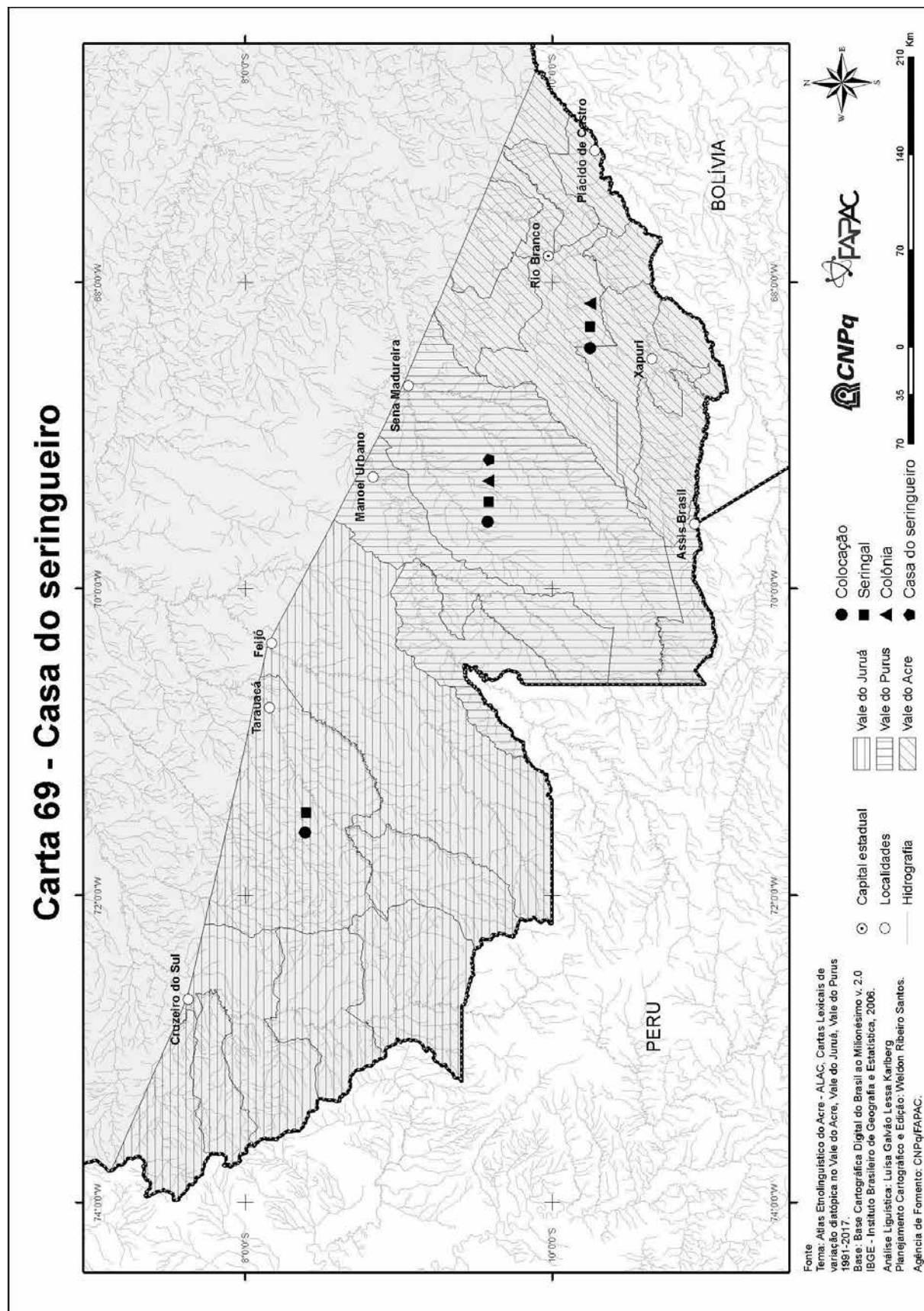


Carta 68 – Ave pequena de bico vermelho

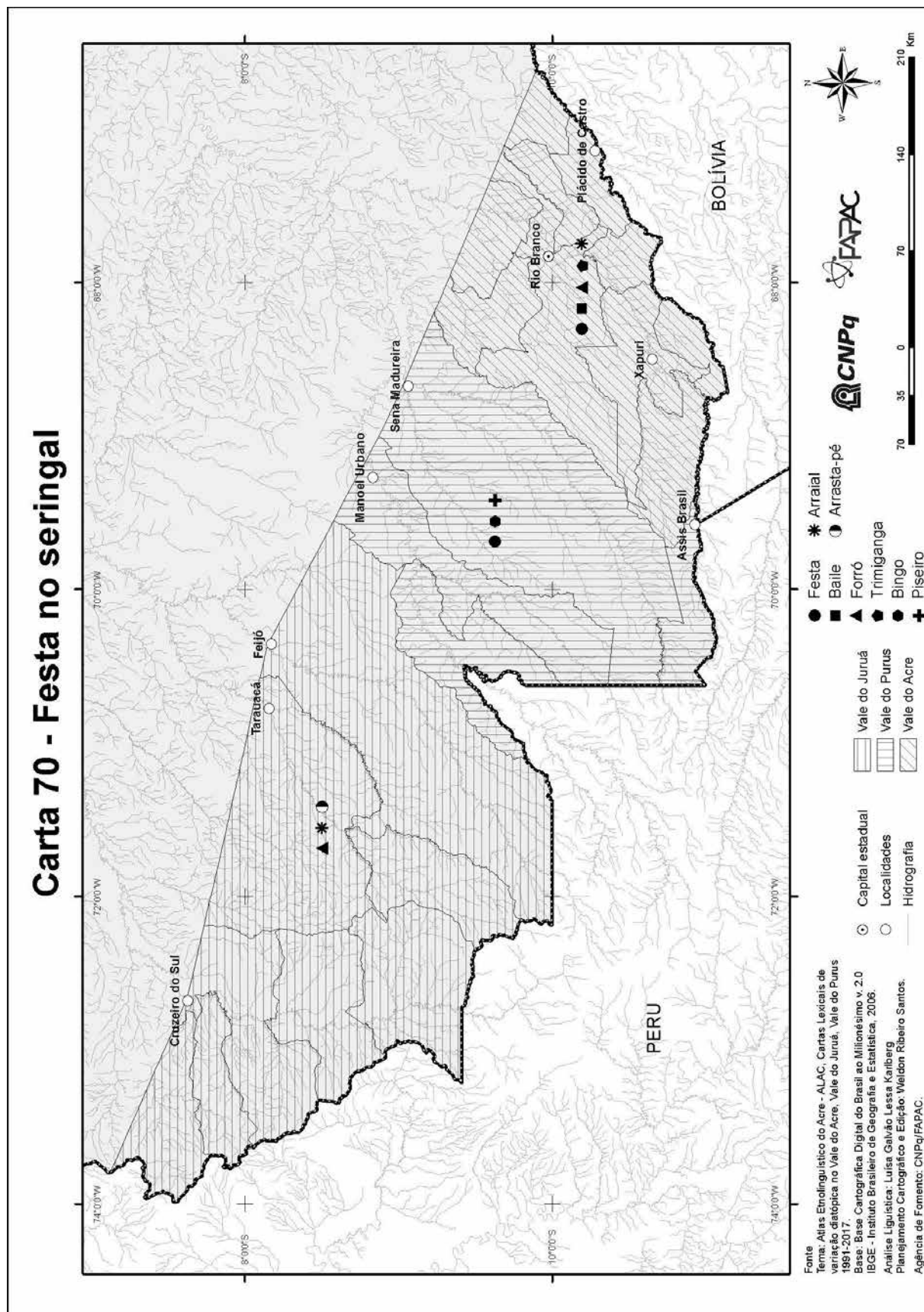


**CAMPO SEMÂNTICO: B – HOMEM**  
**B – FAMÍLIA**  
**IV – HABITAÇÃO**

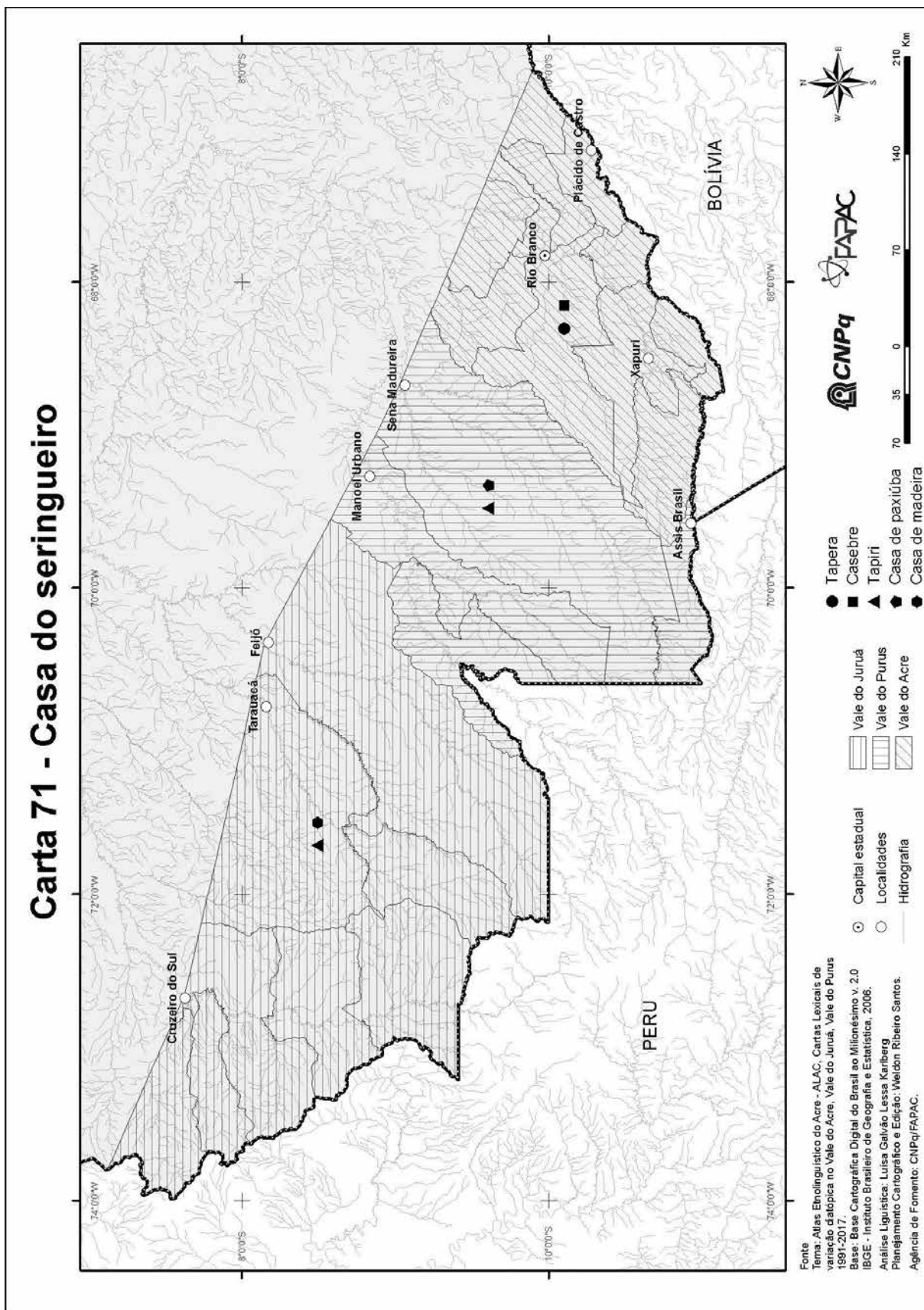
Carta 69 – Casa do seringueiro



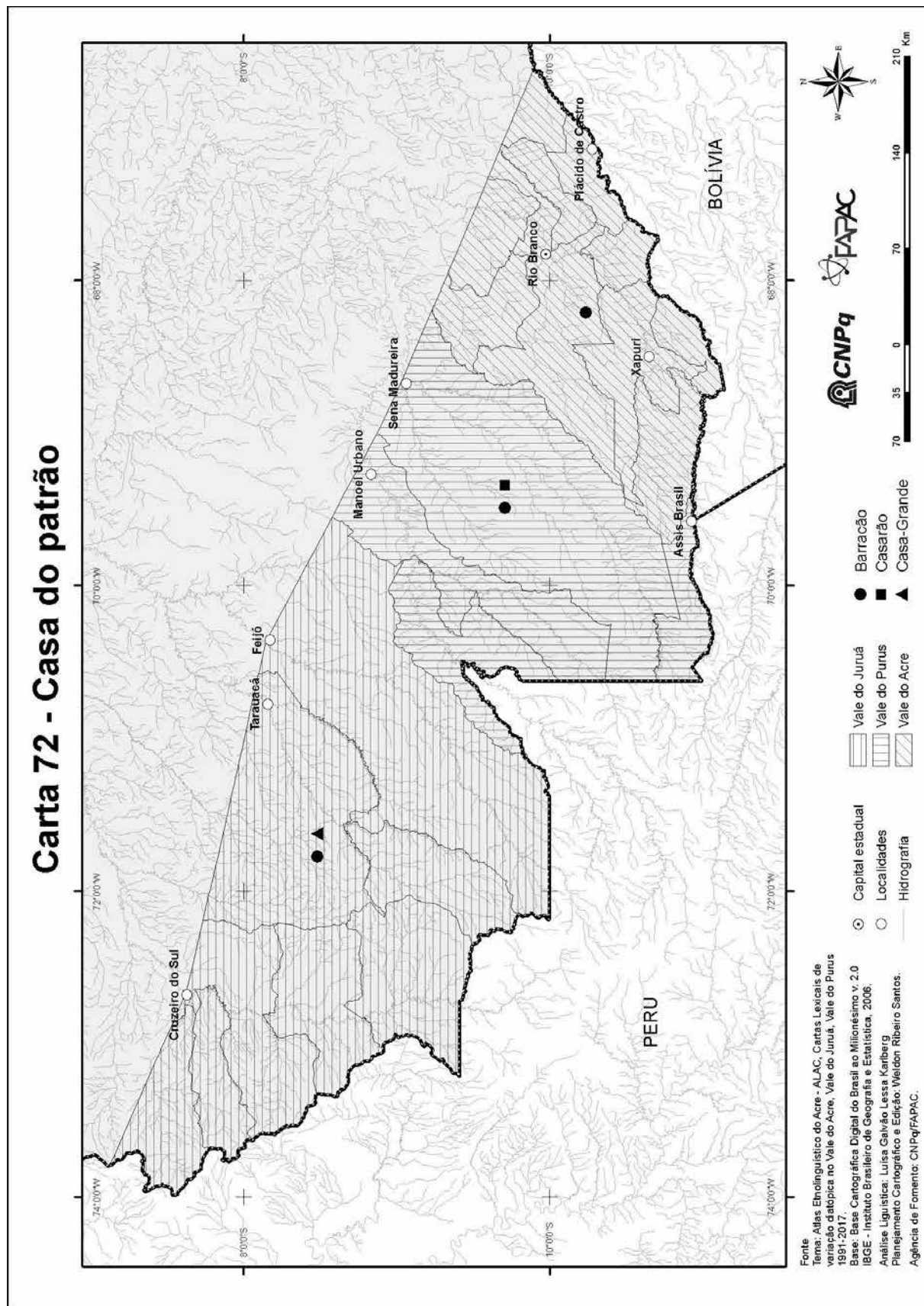
Carta 70 – Festa no Seringal



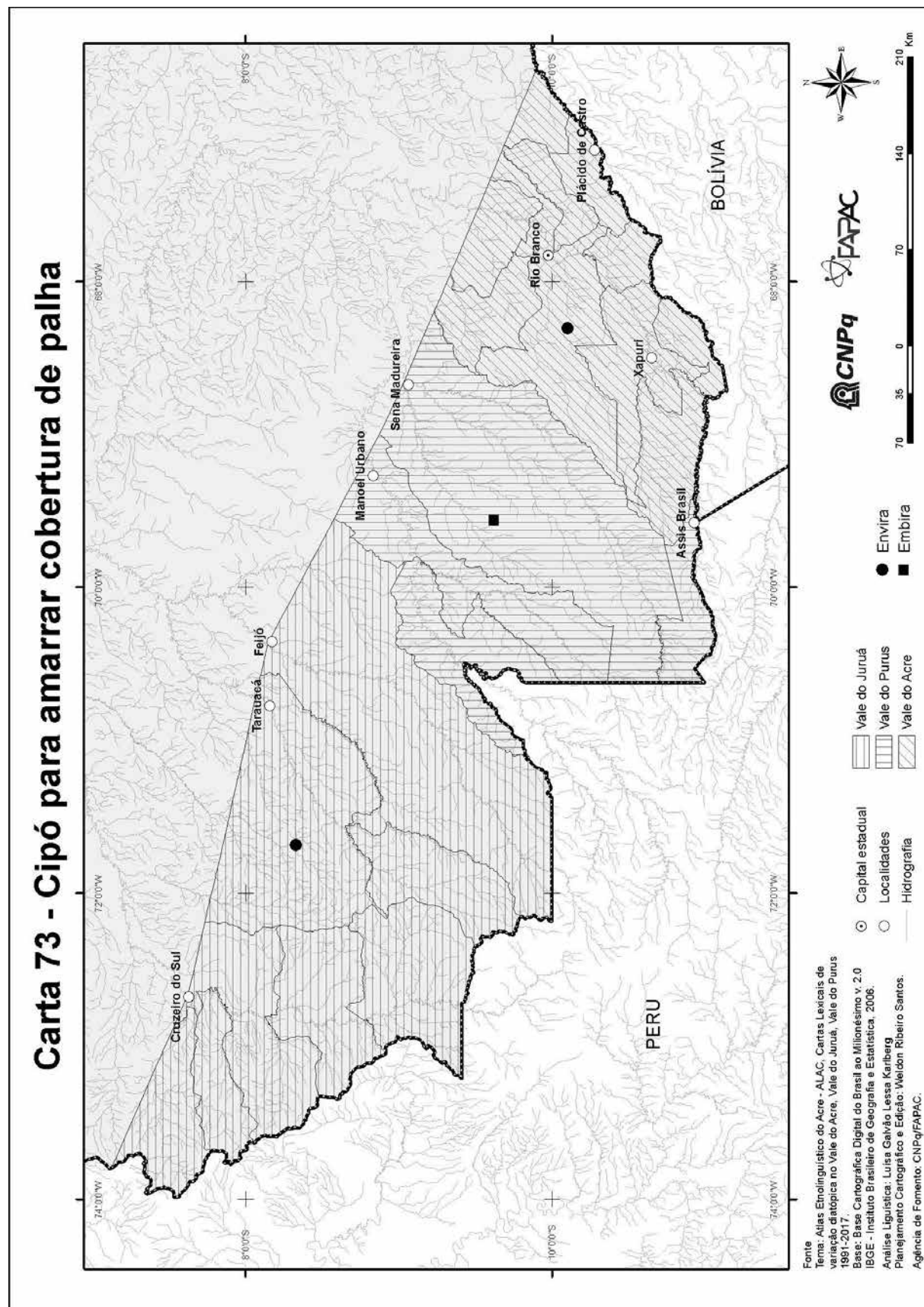
Carta 71 – Casa do seringueiro



Carta 72 – Casa do Patrão

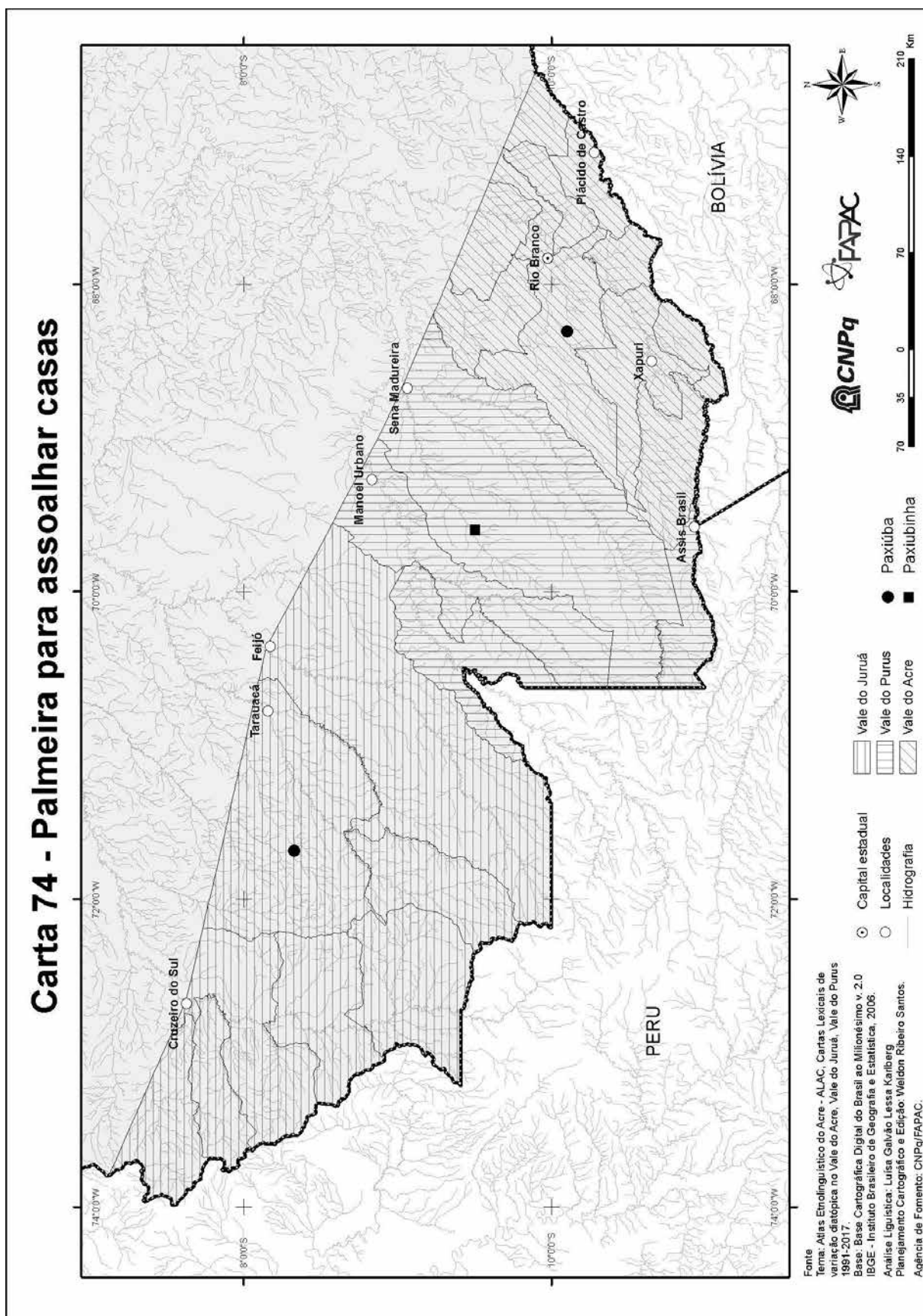


Carta 73 – Cipó para amarrar cobertura de palha

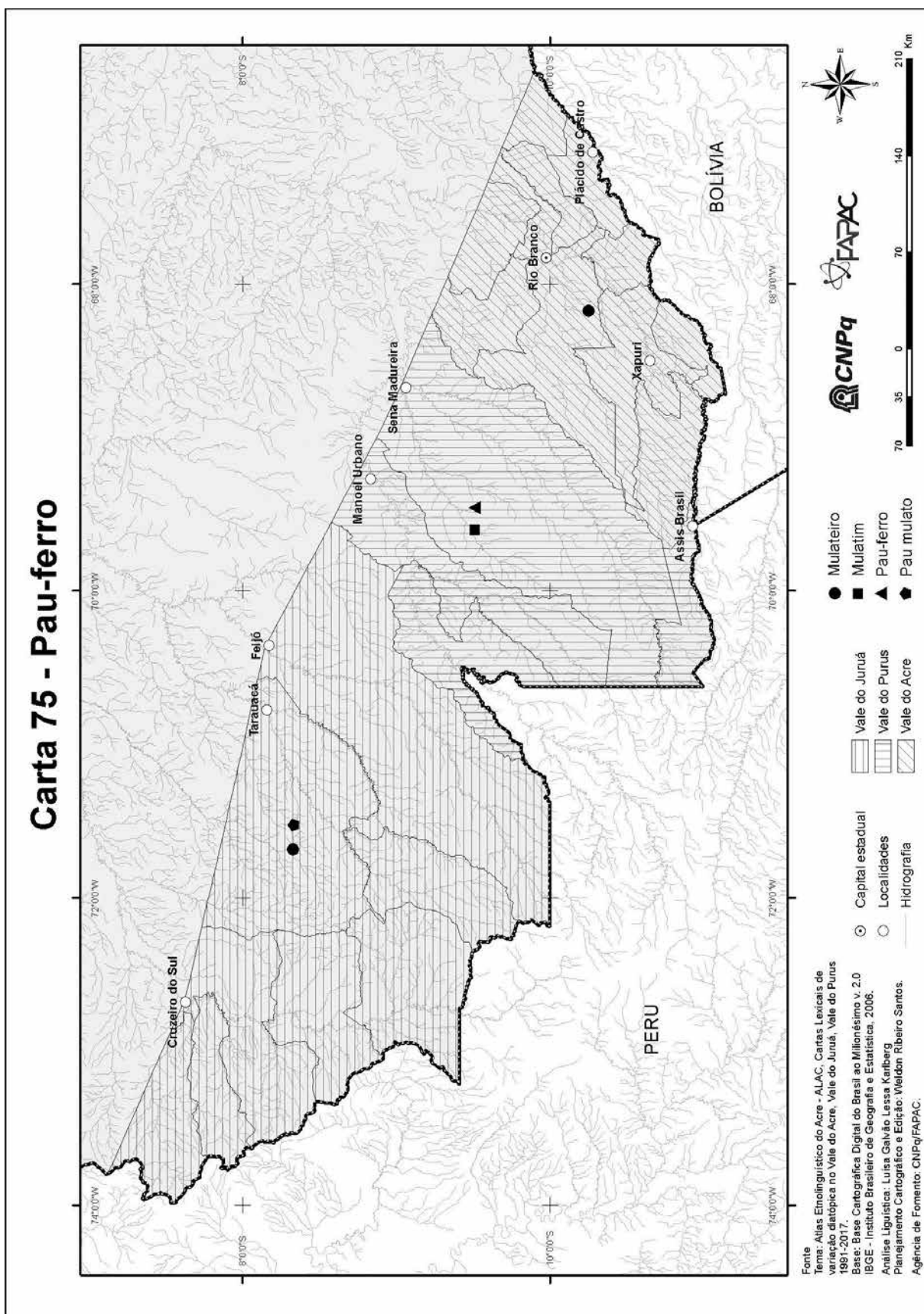




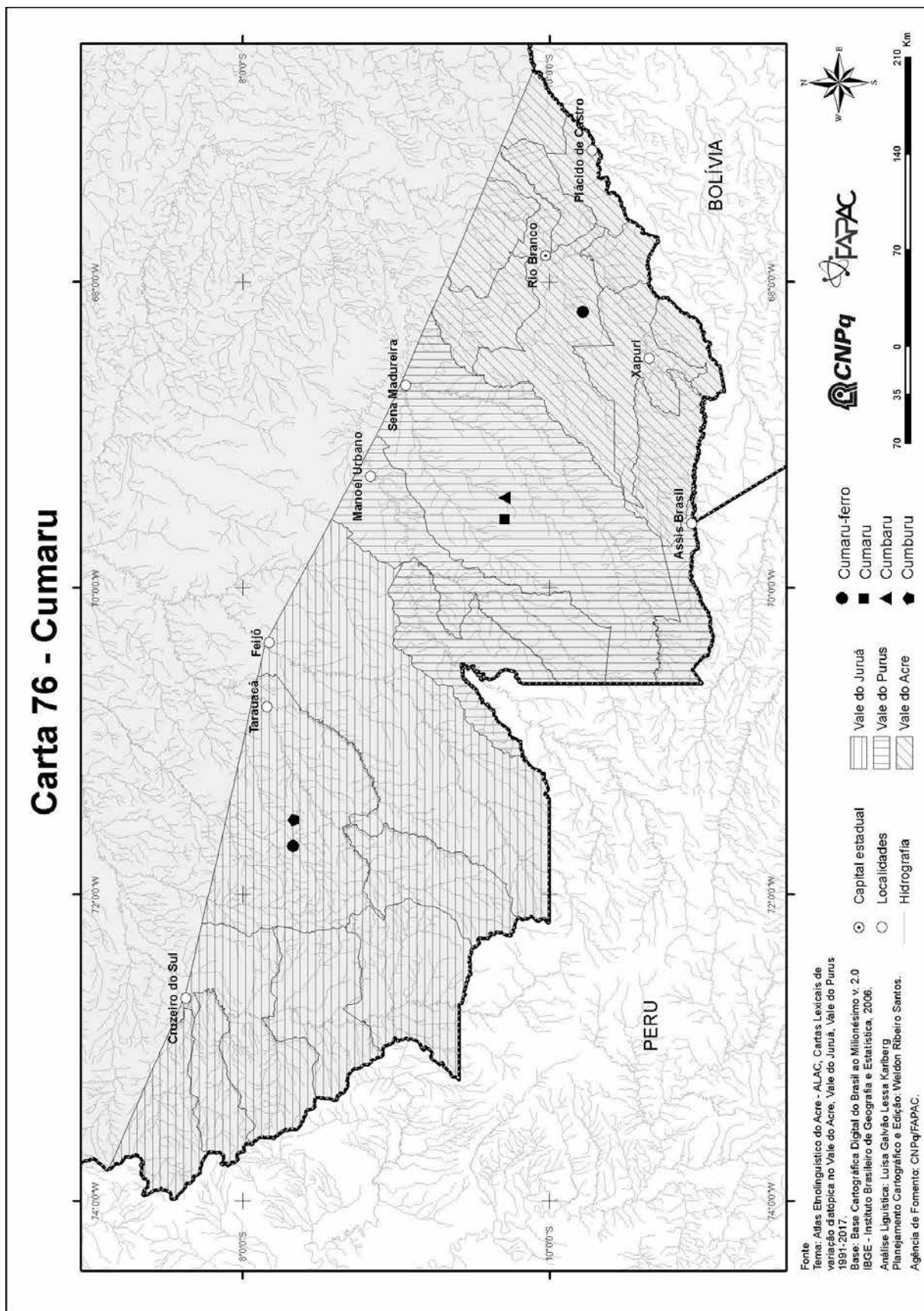
Carta 74 – Palmeira para assoalhar casa



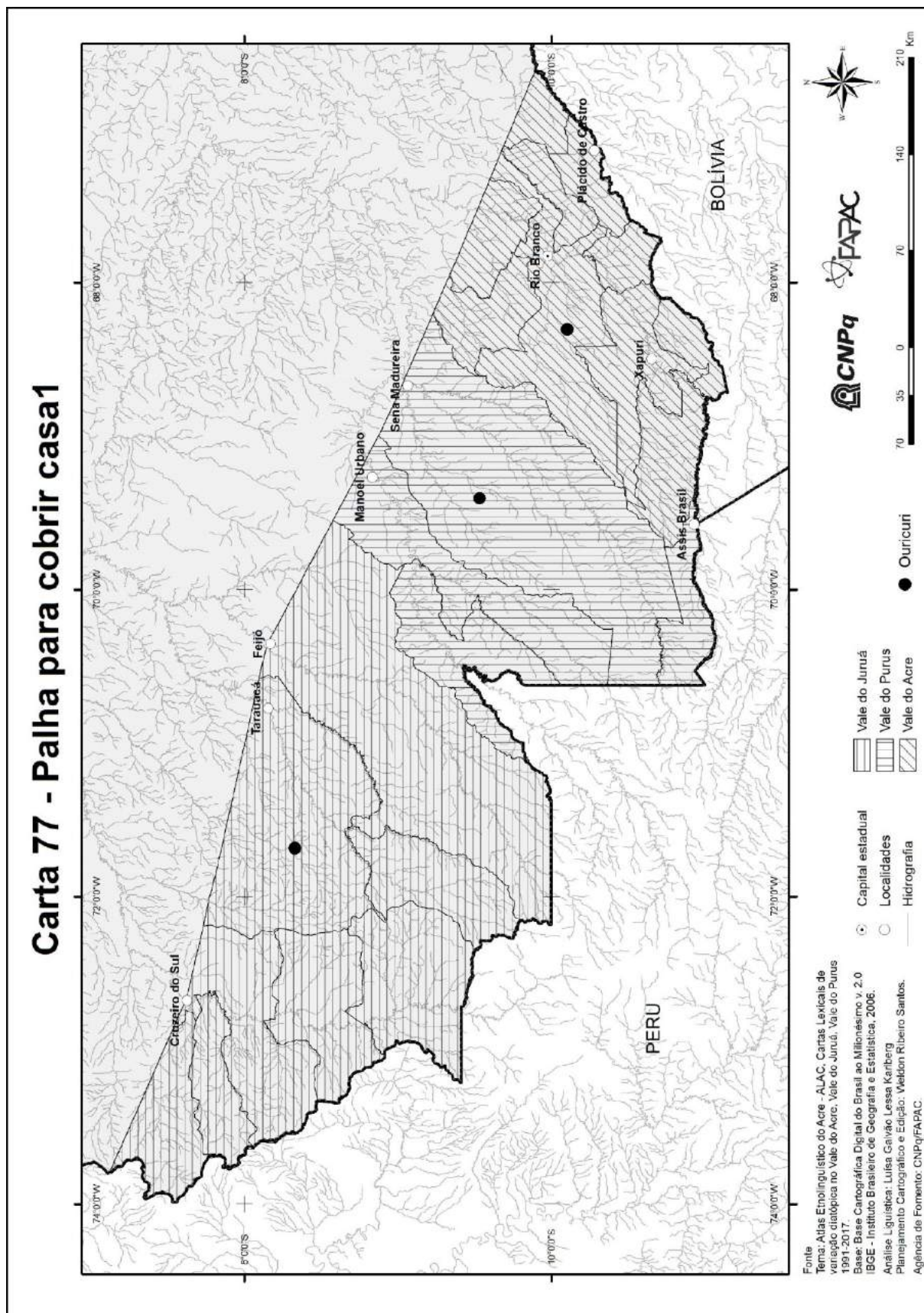
Carta 75 – Pau-ferro



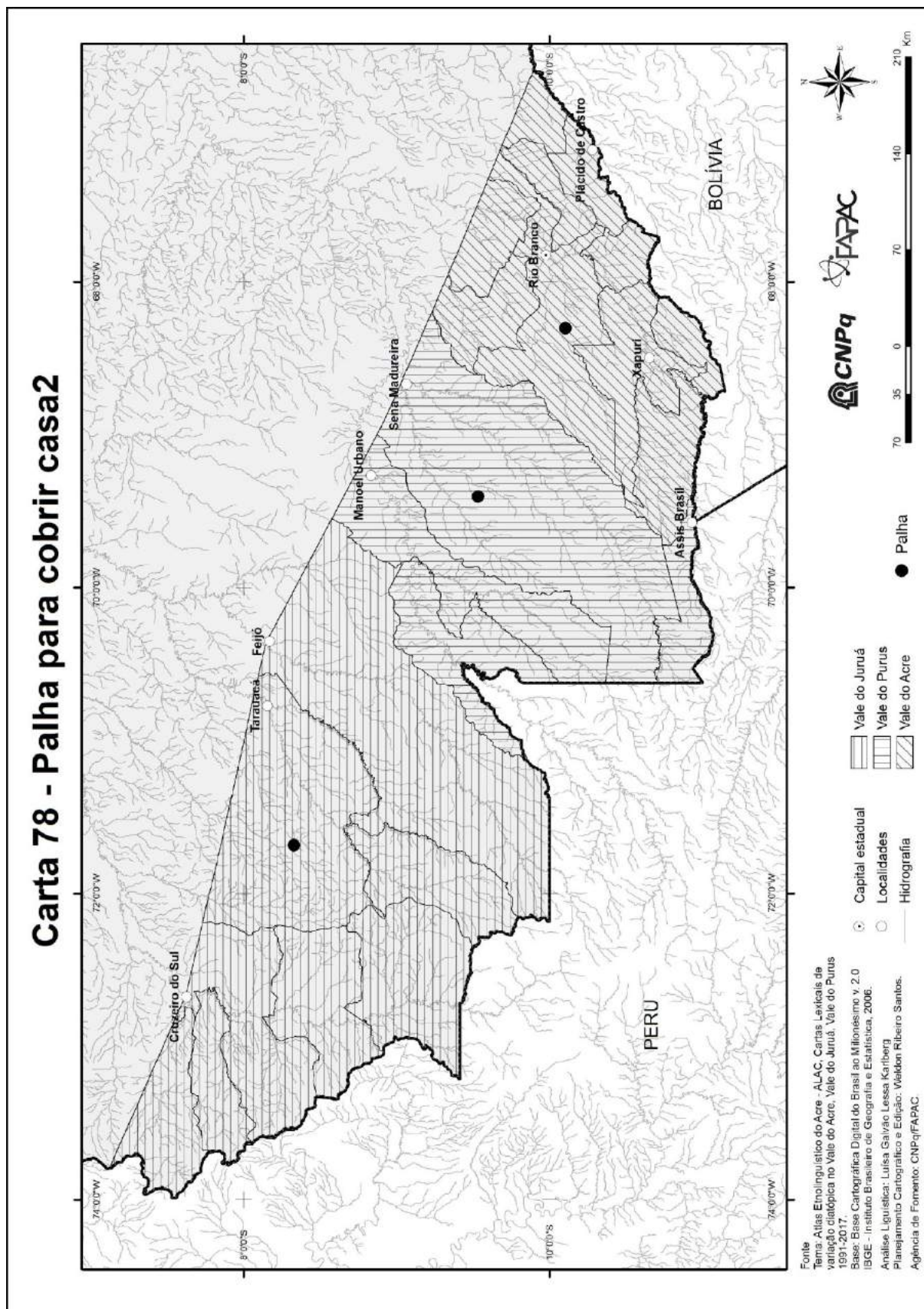
Carta 76 – Cumaru



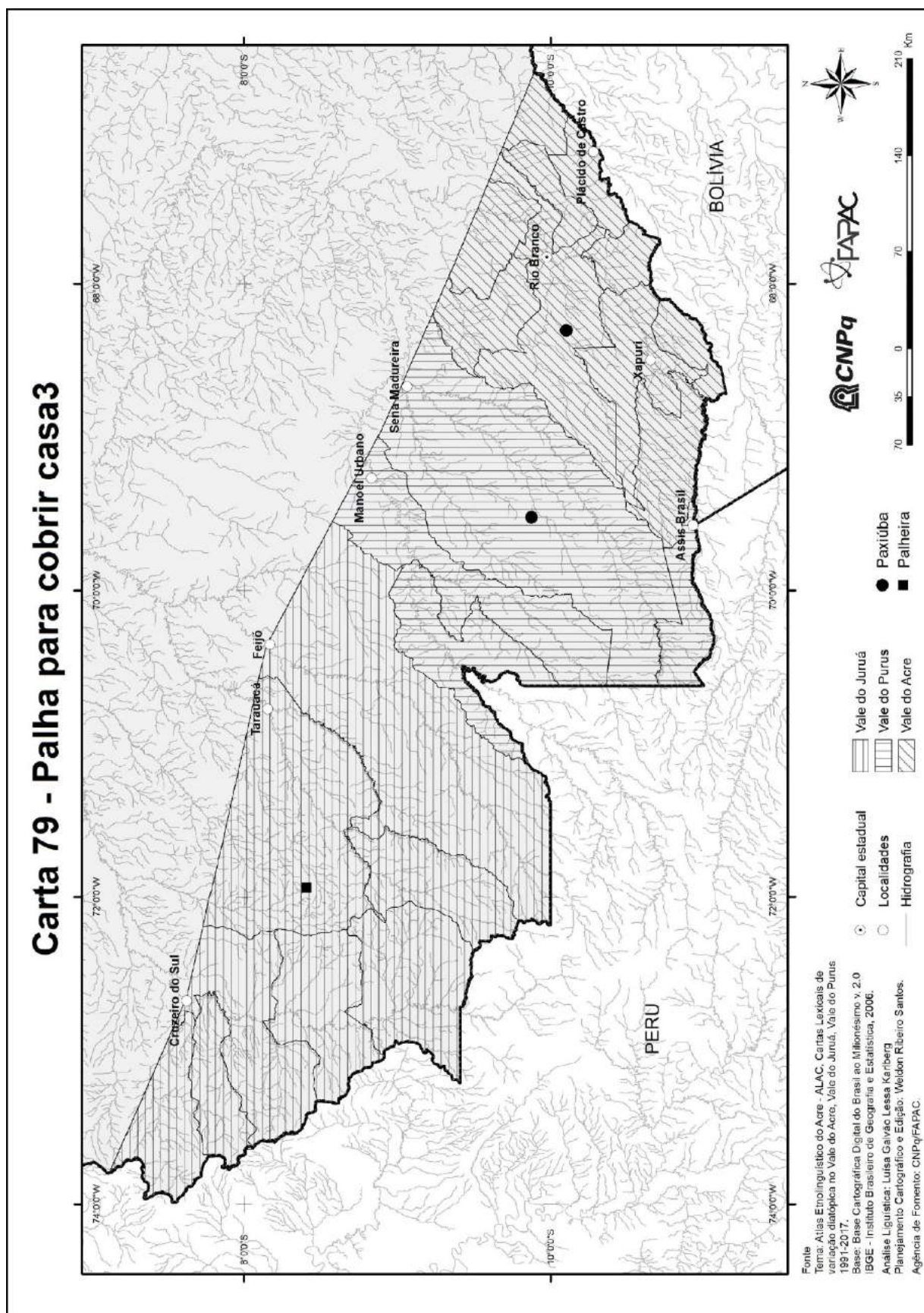
Carta 77 – Palha para cobri casa1



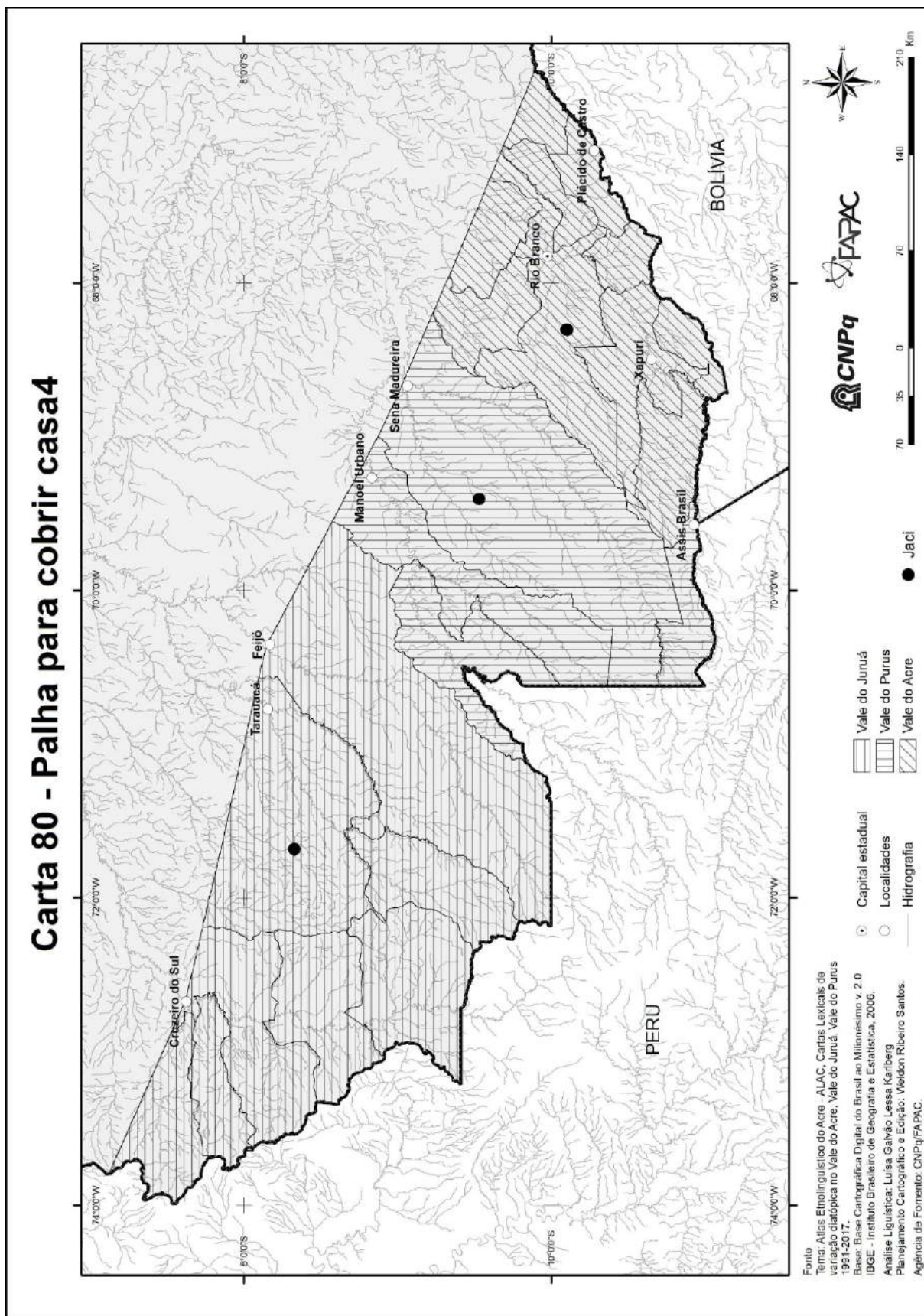
Carta 78 – Palha para cobrir casa2



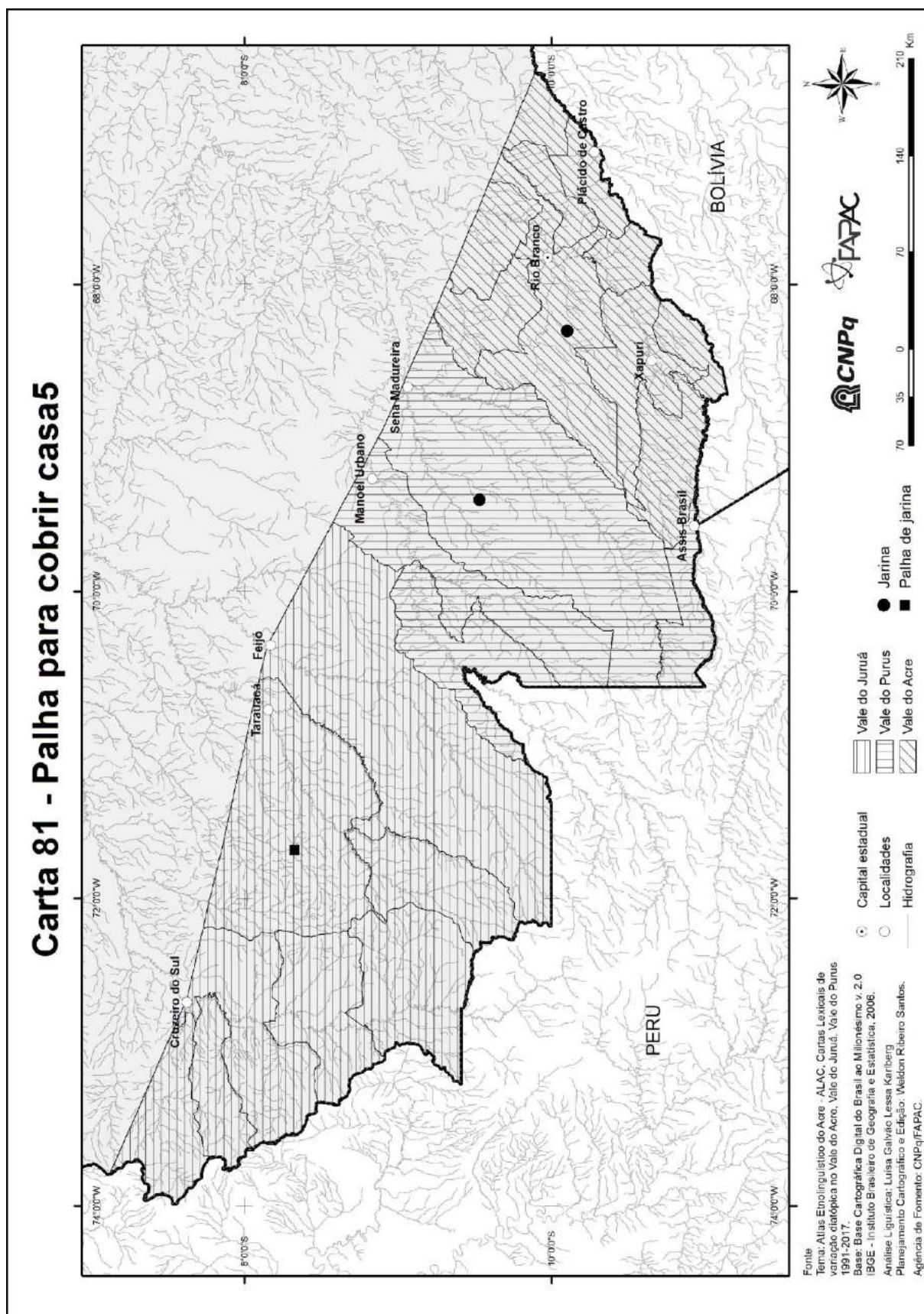
Carta 79 – Palha para cobrir casa3



Carta 80 – Palha para cobrir casa4



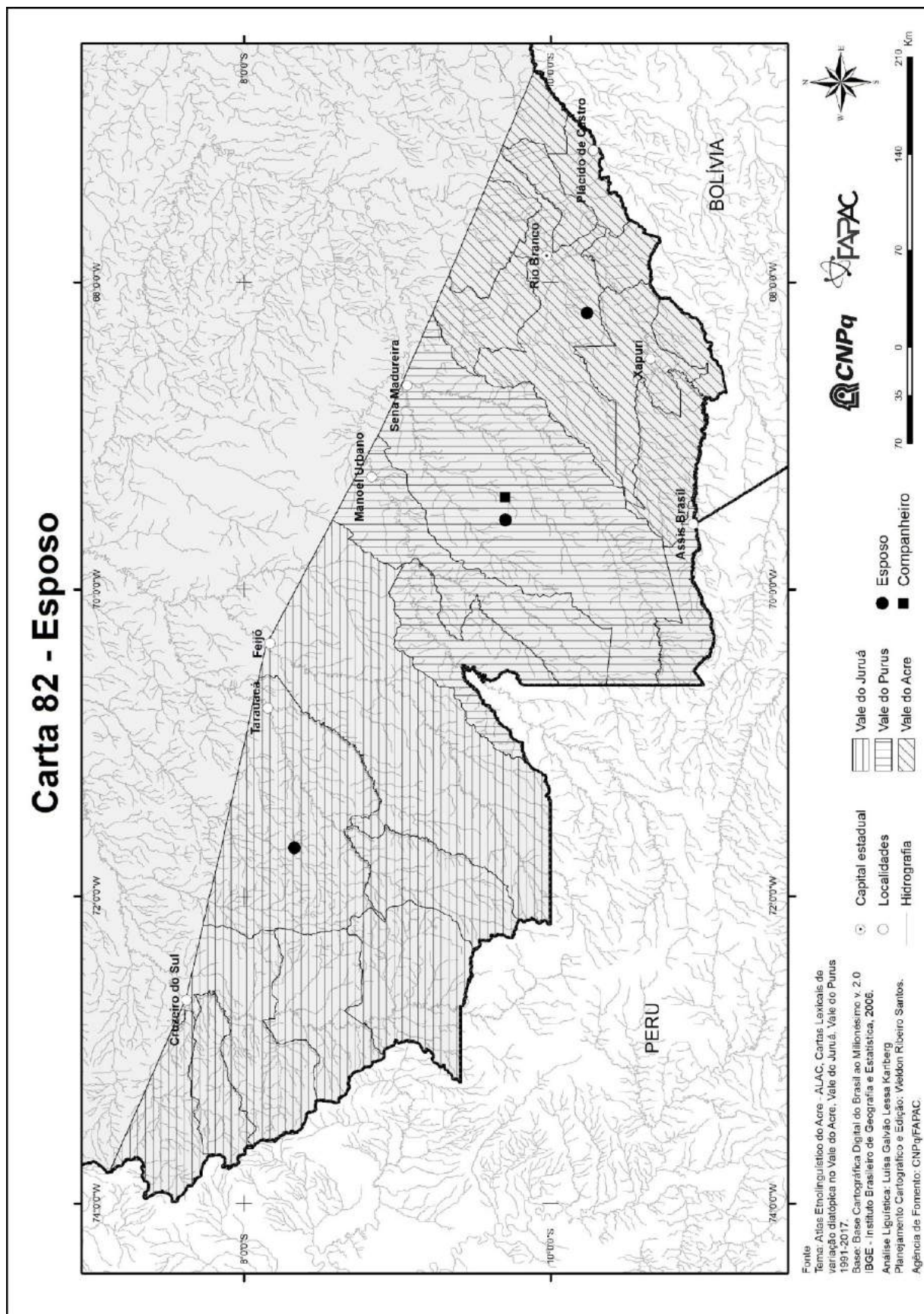
Carta 81 – Palha para cobrir casa5



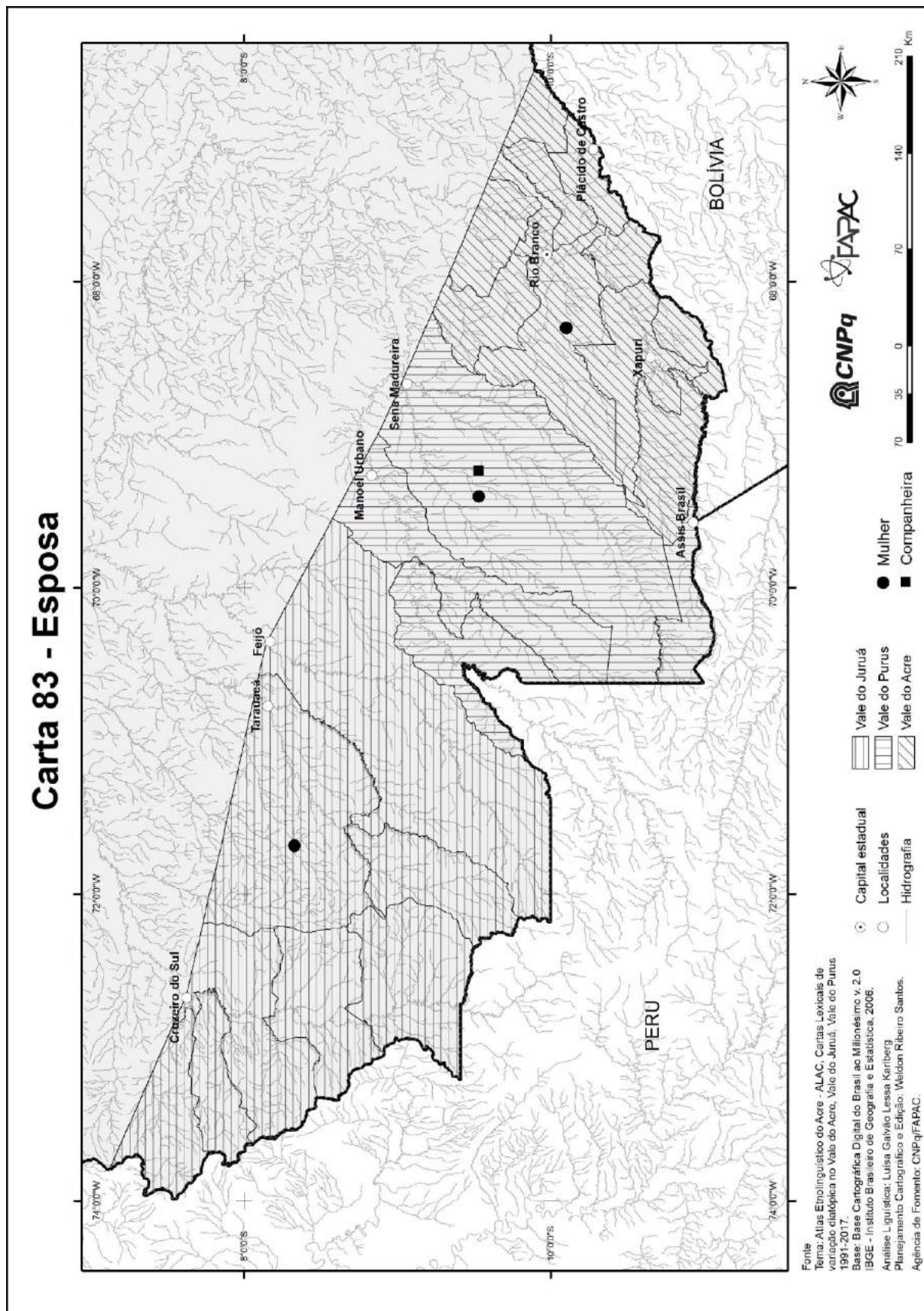


**CAMPO SEMÂNTICO: B – HOMEM**  
**B – FAMÍLIA**  
**V – RELAÇÕES DE PARENTESCO**

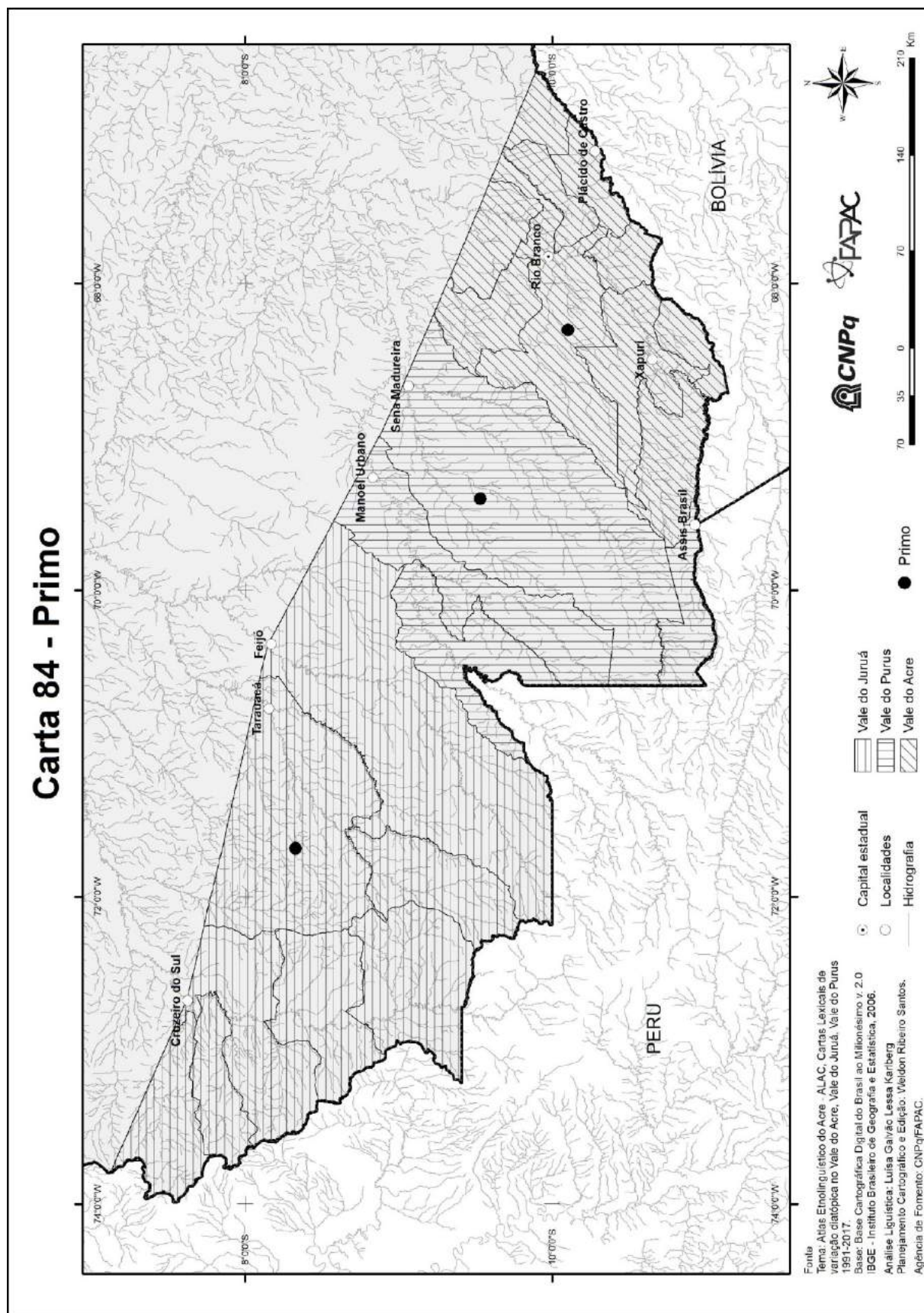
Carta 82 – Esposo



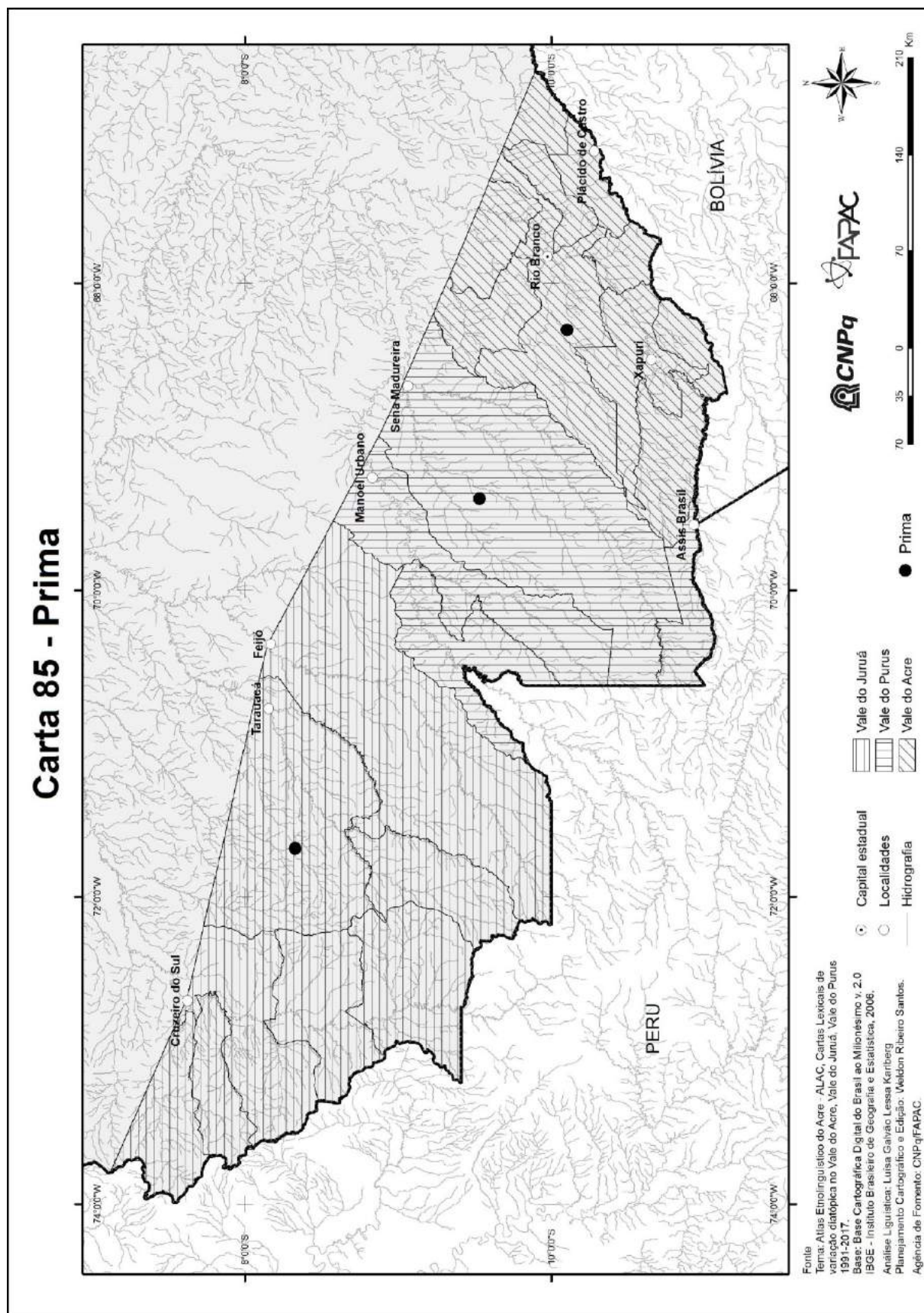
Cartas 83 – Esposa



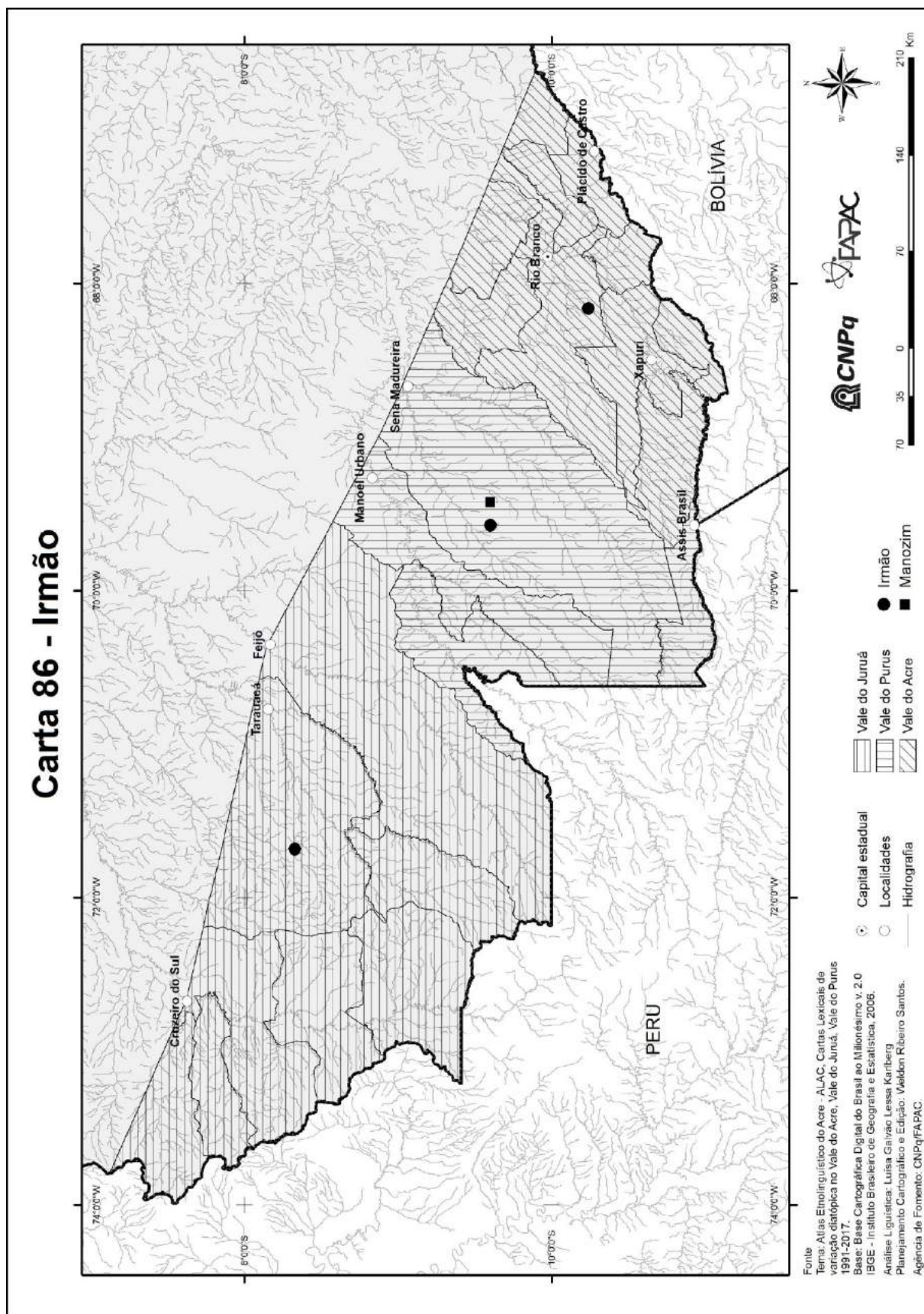
Carta 84 – Primo



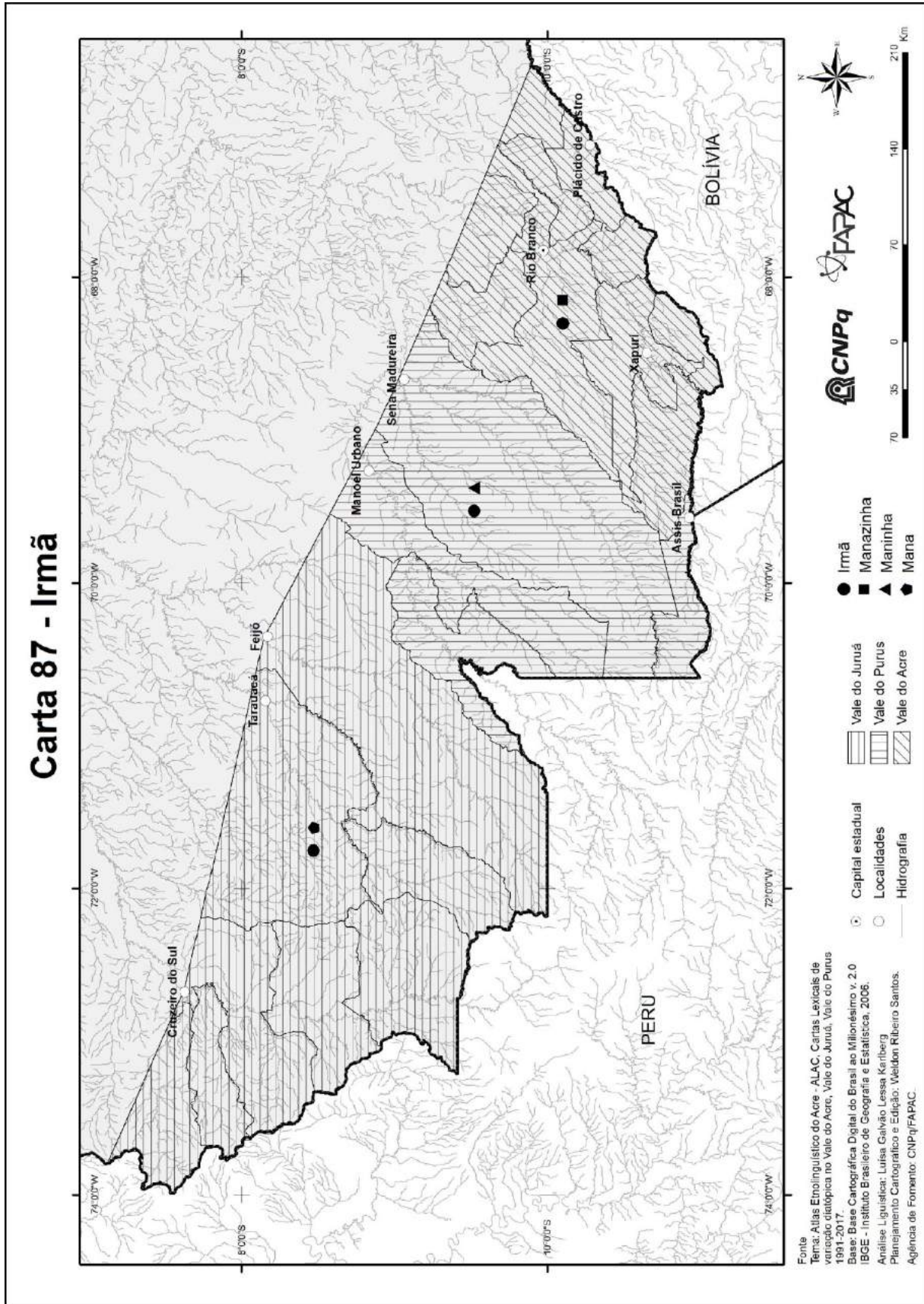
Carta 85 – Prima



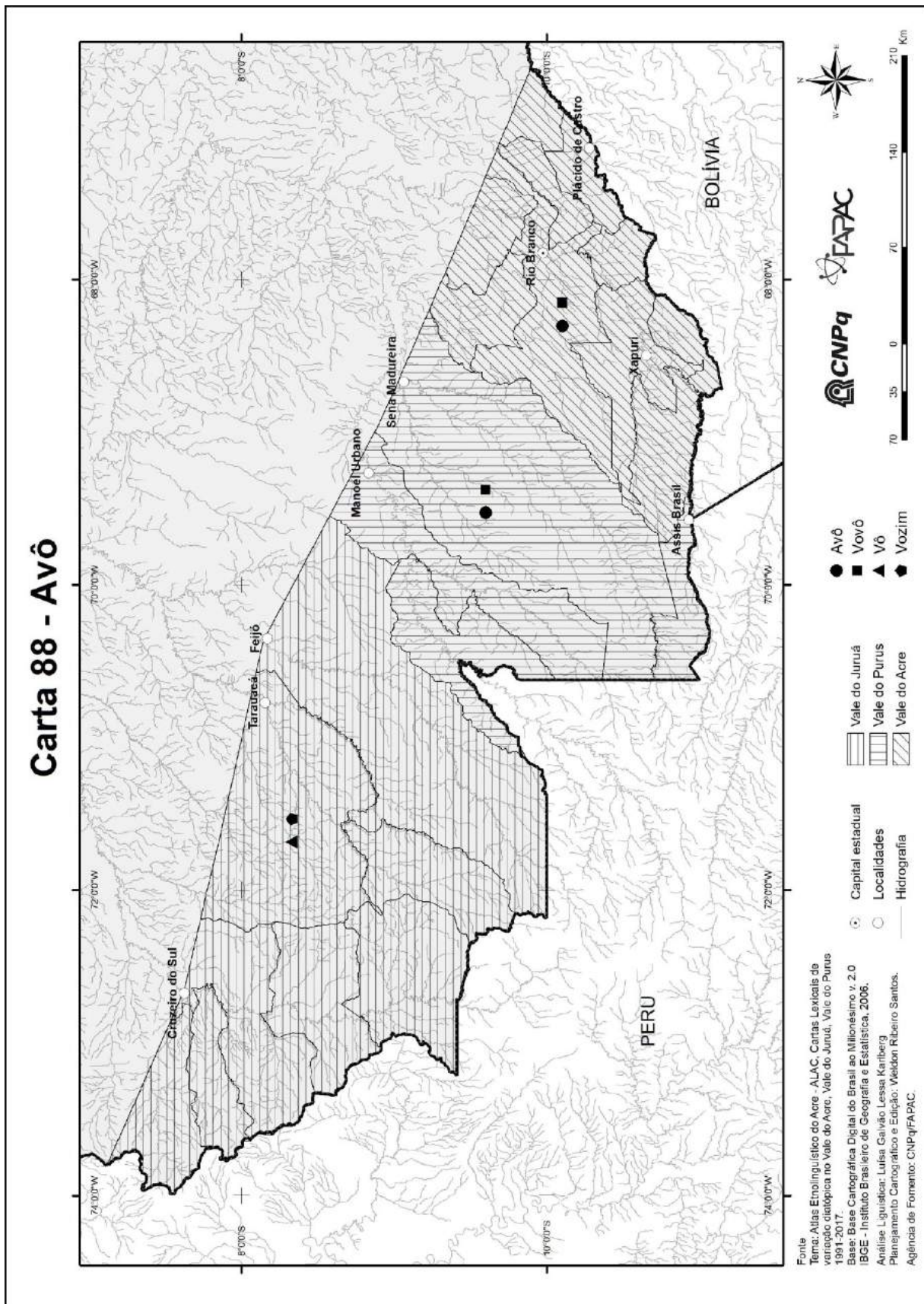
Carta 86 – Irmão



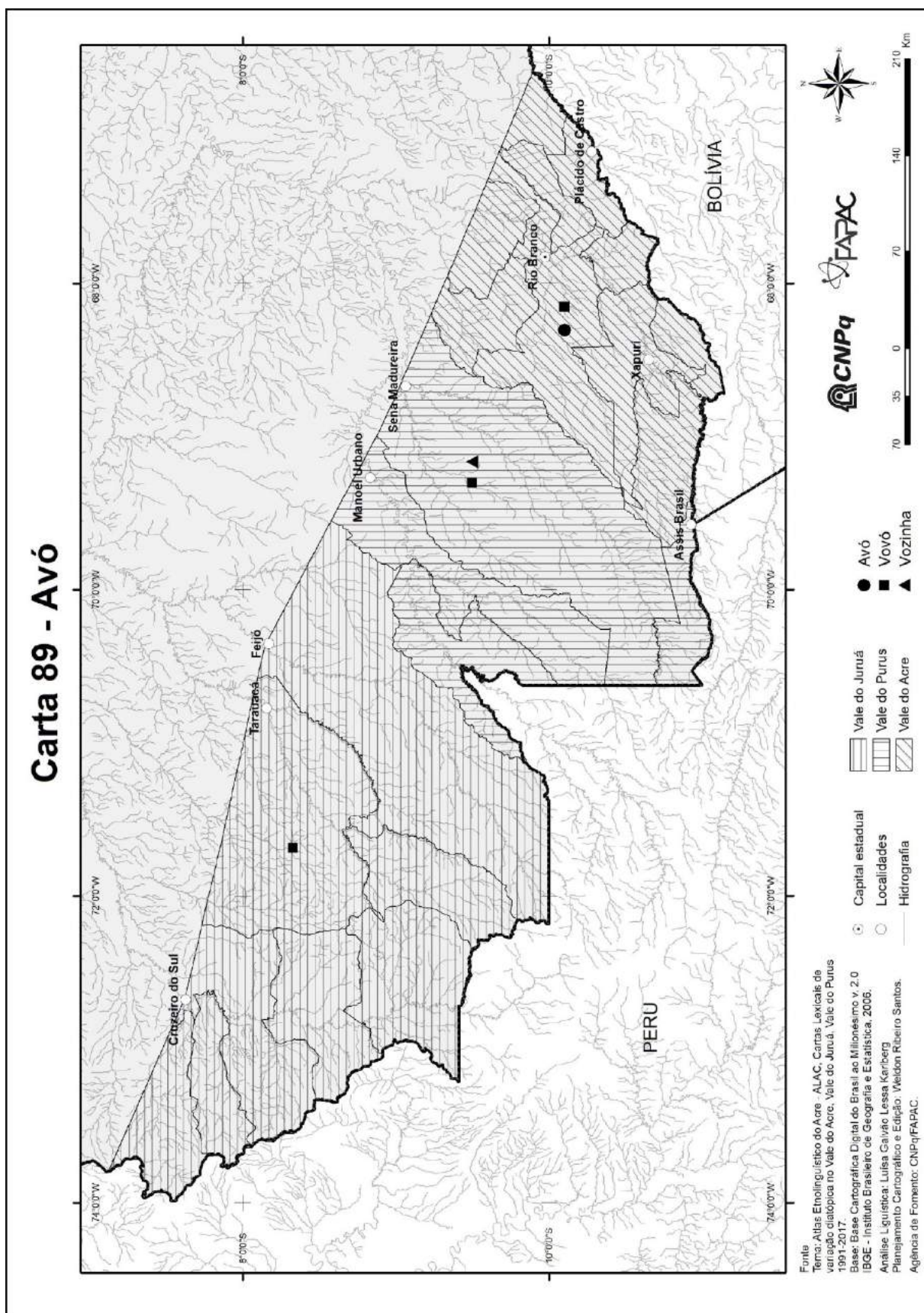
Carta 87 – Irmã



Carta 88 – Avô

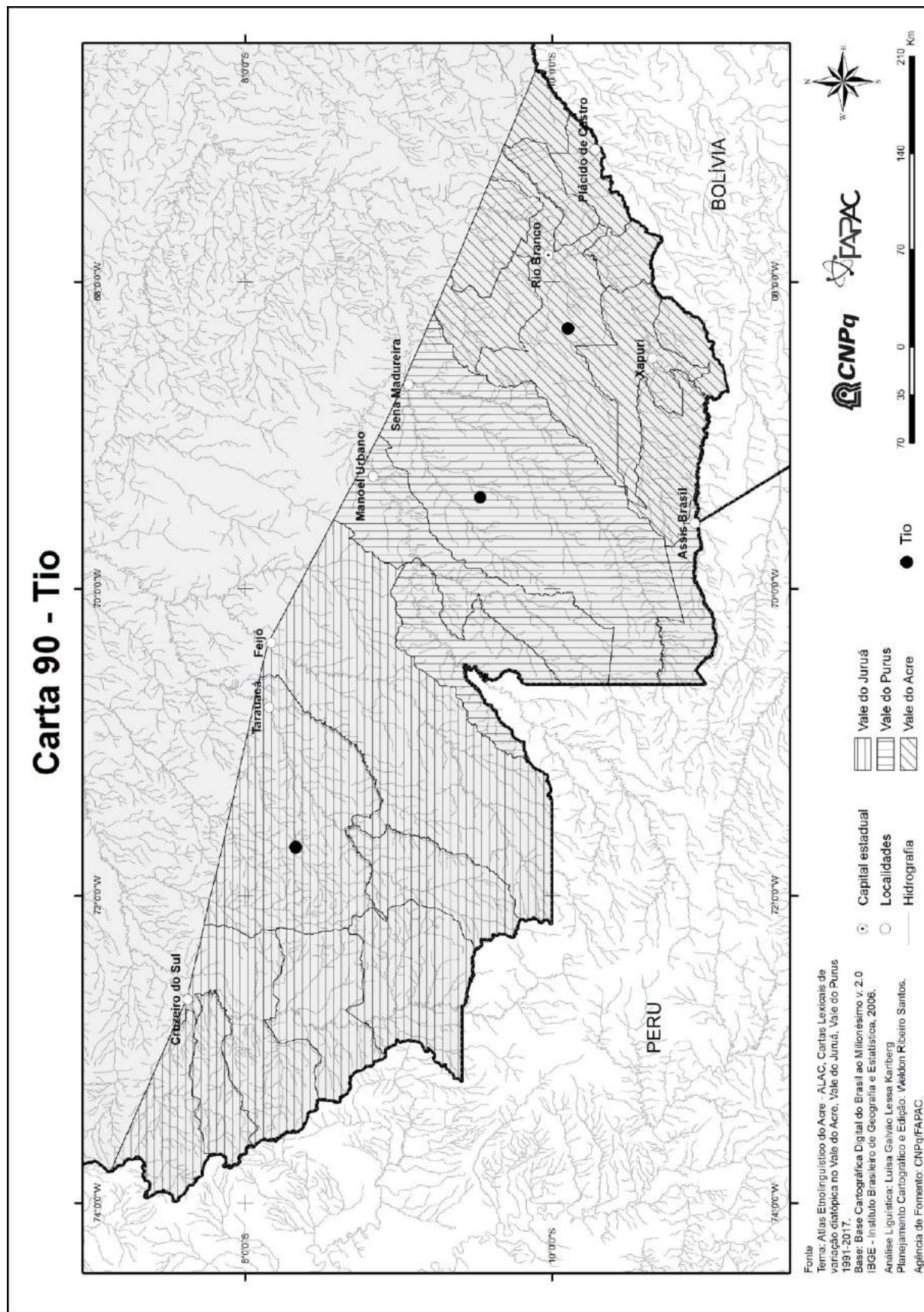


Carta 89 – Avó

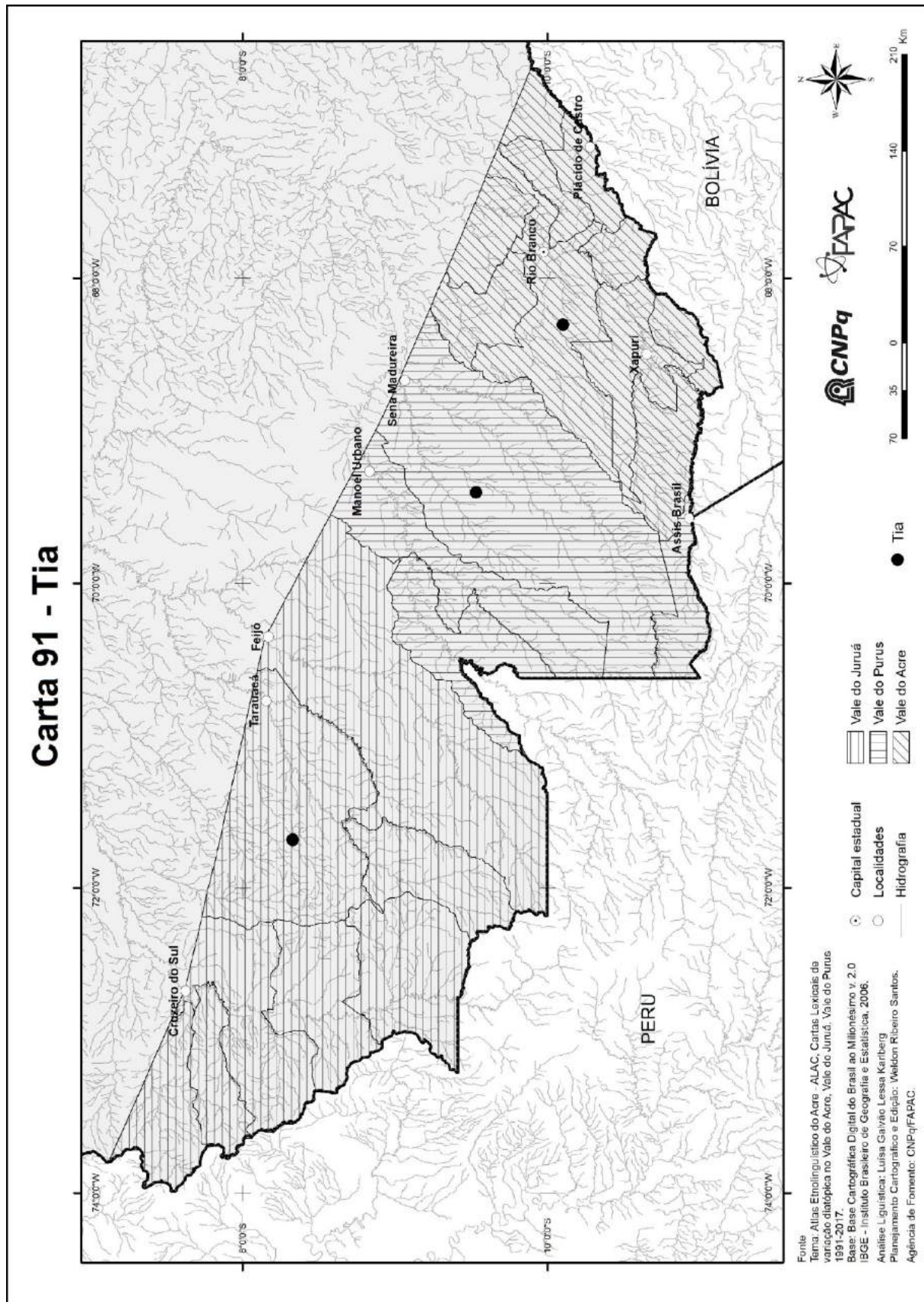




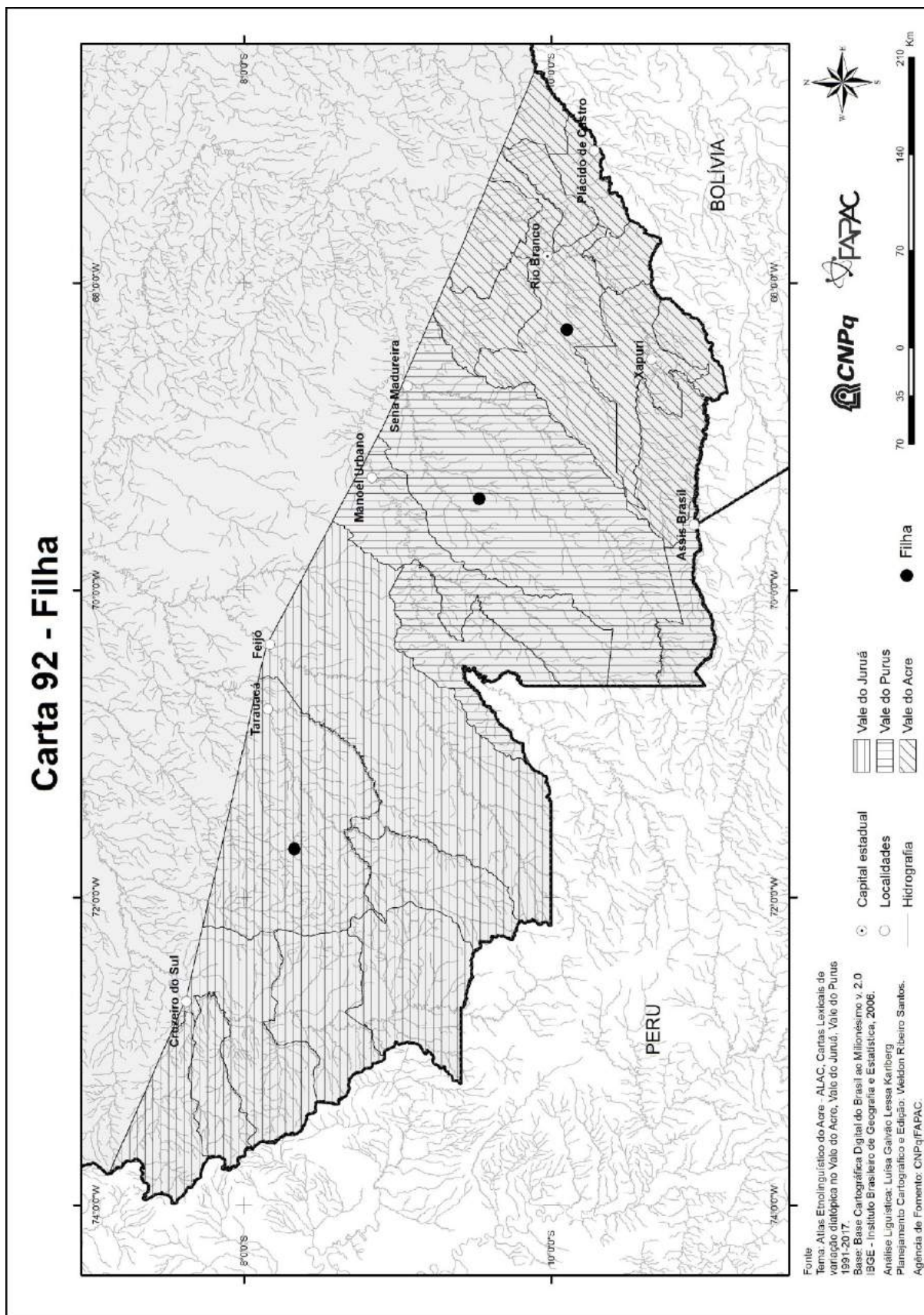
Carta 90 – Tio



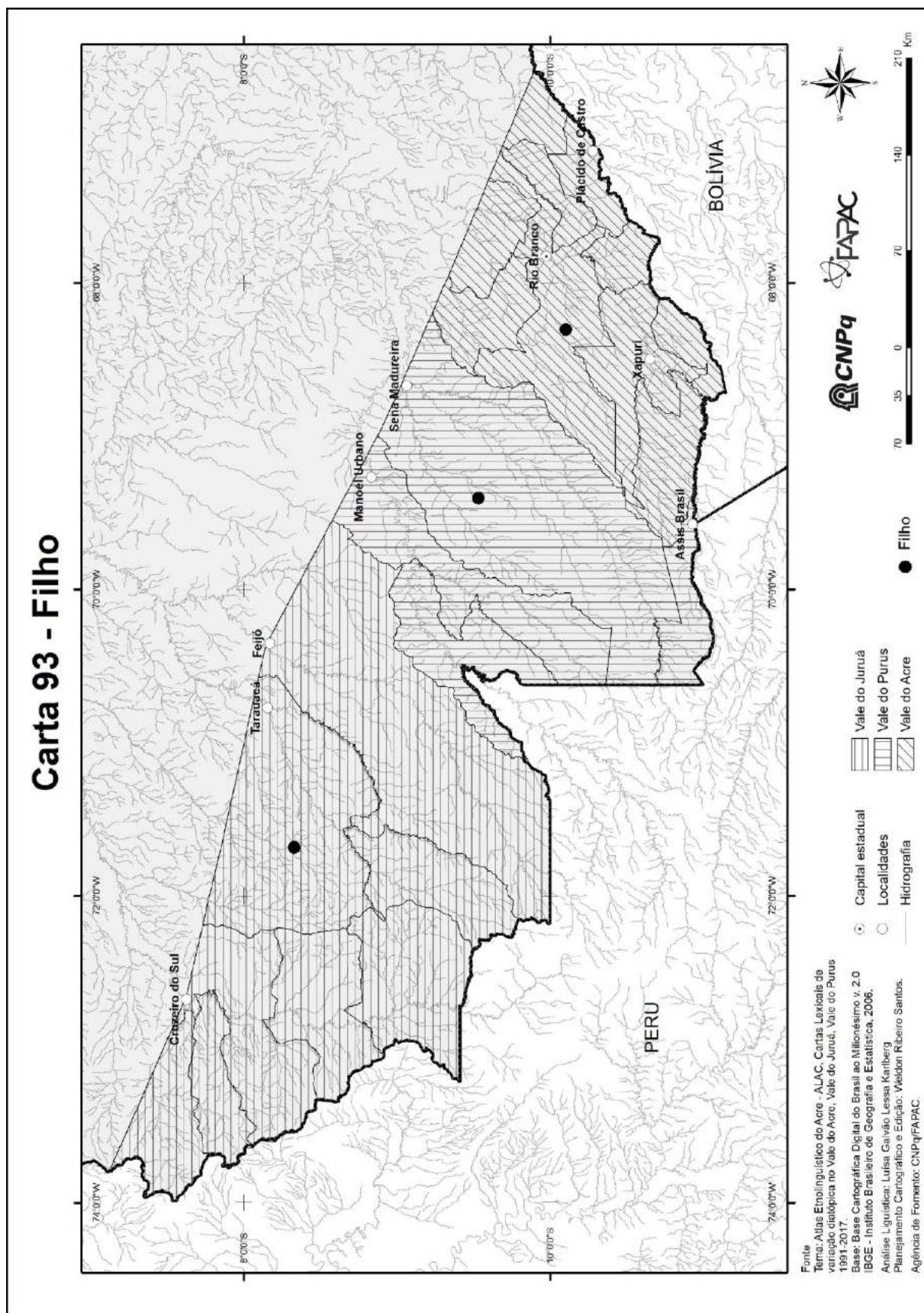
Carta 91 – Tia



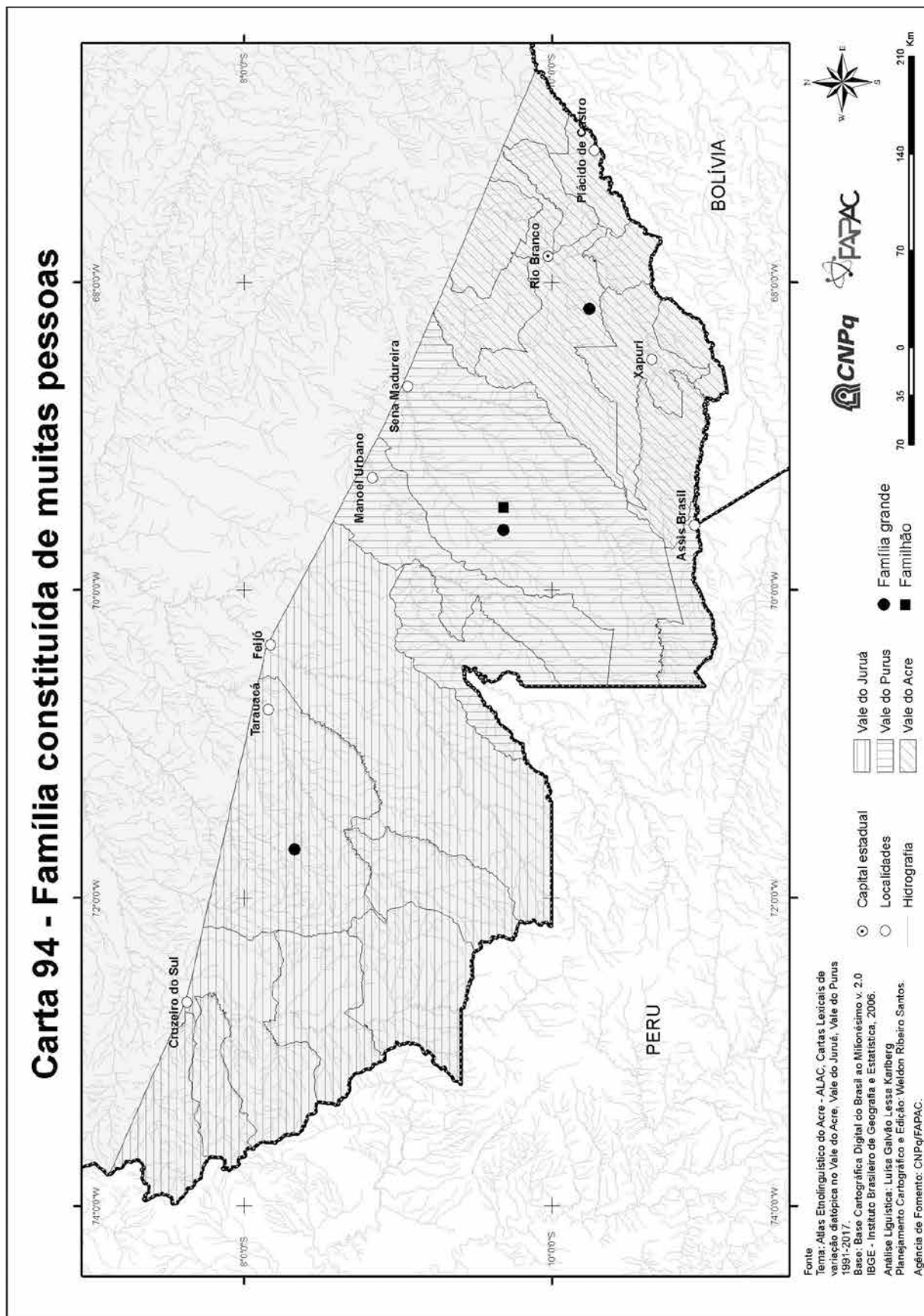
Carta 92 – Filha



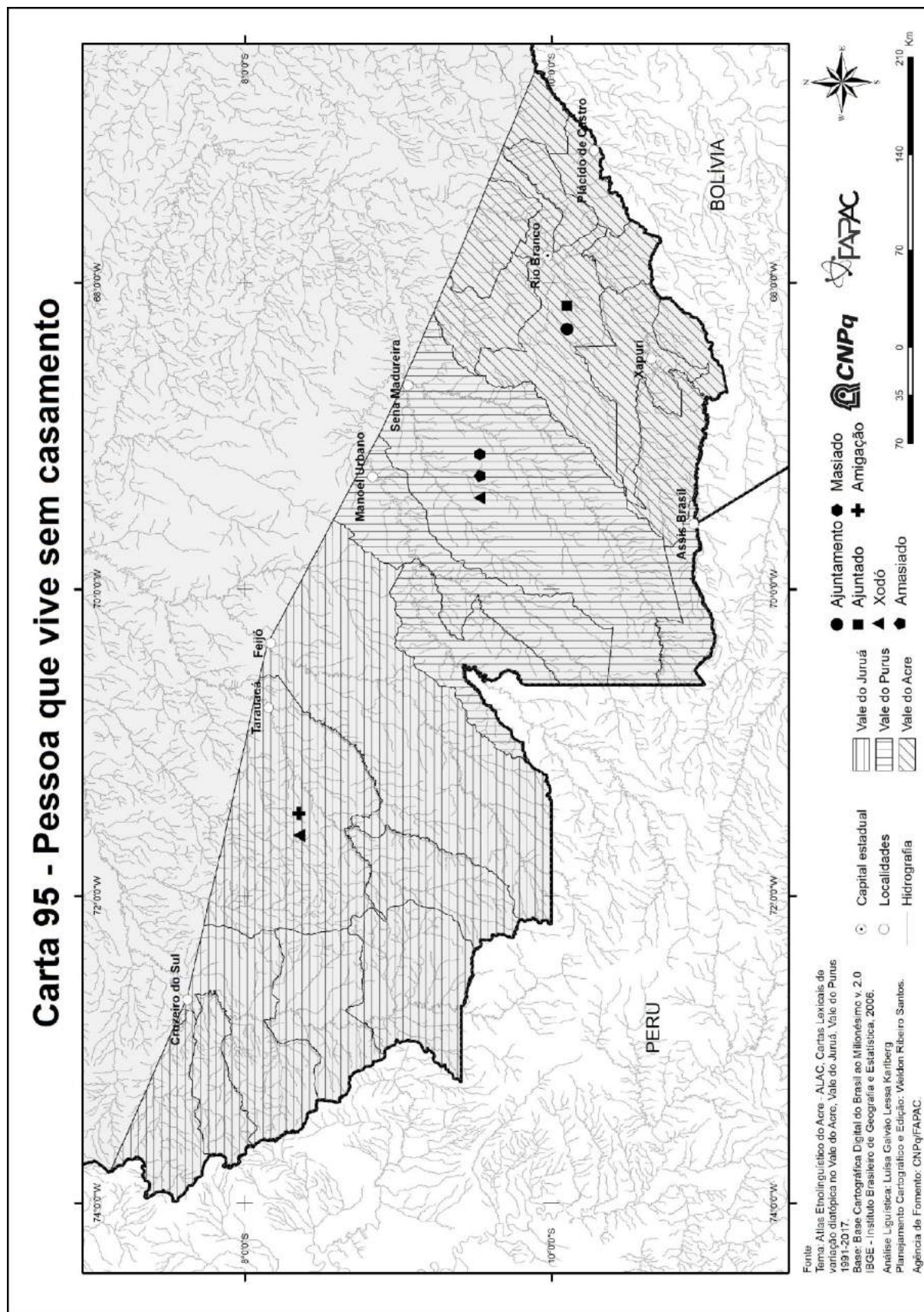
Carta 93 – Filho



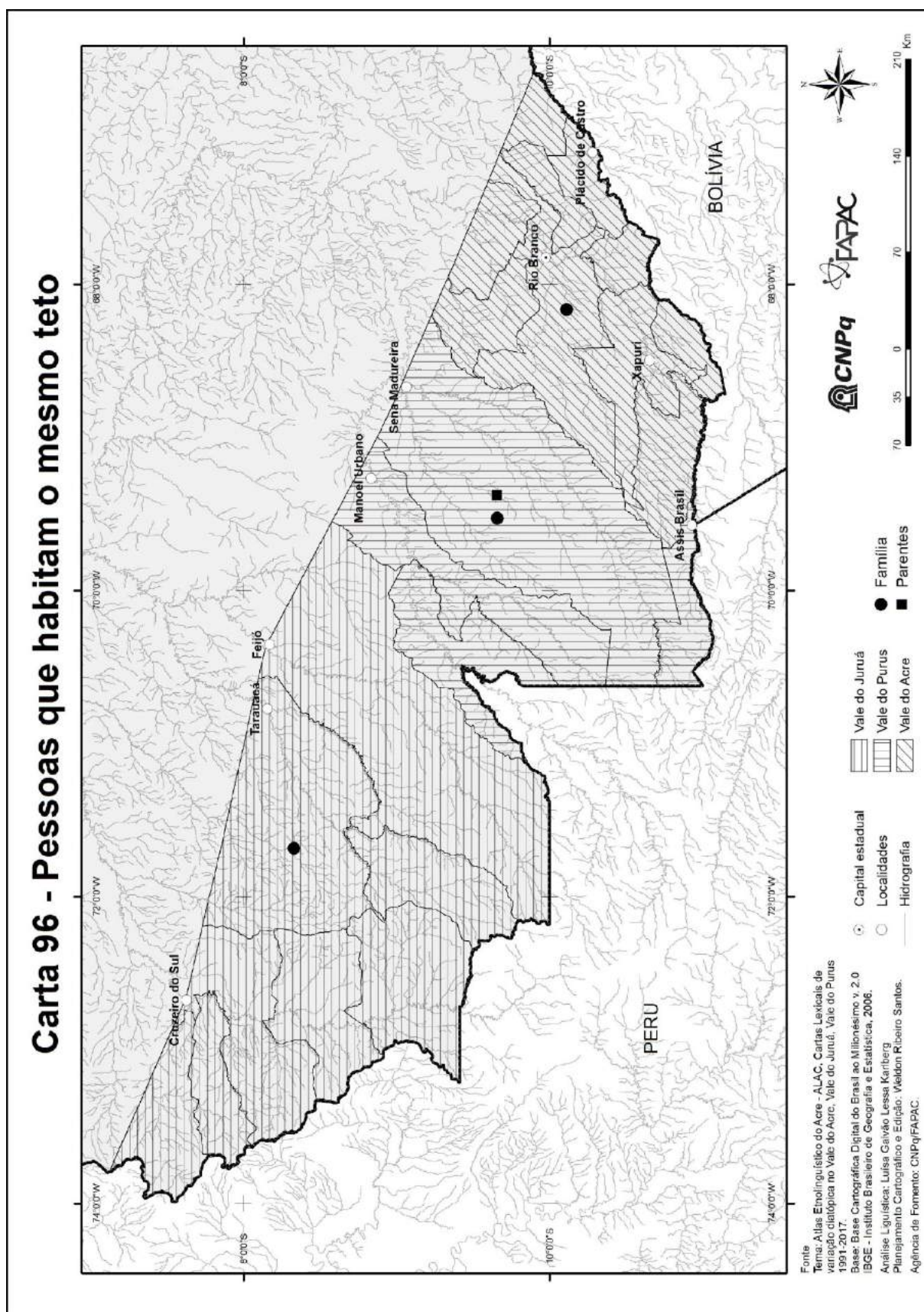
Carta 94 – Família constituída de muitas pessoas



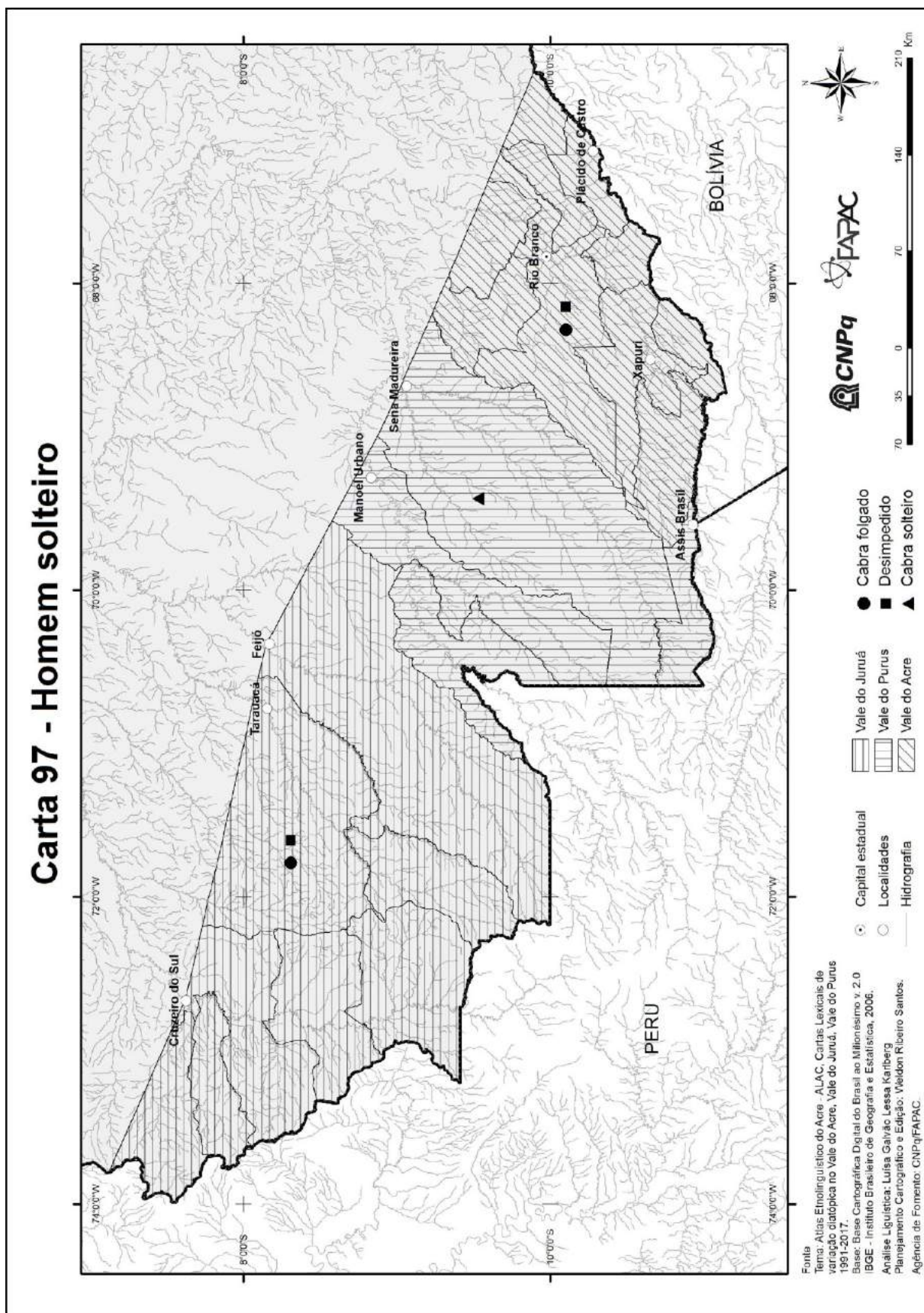
Carta 95 – Pessoa que vive sem casamento



Carta 96 – Pessoas que habitam o mesmo teto

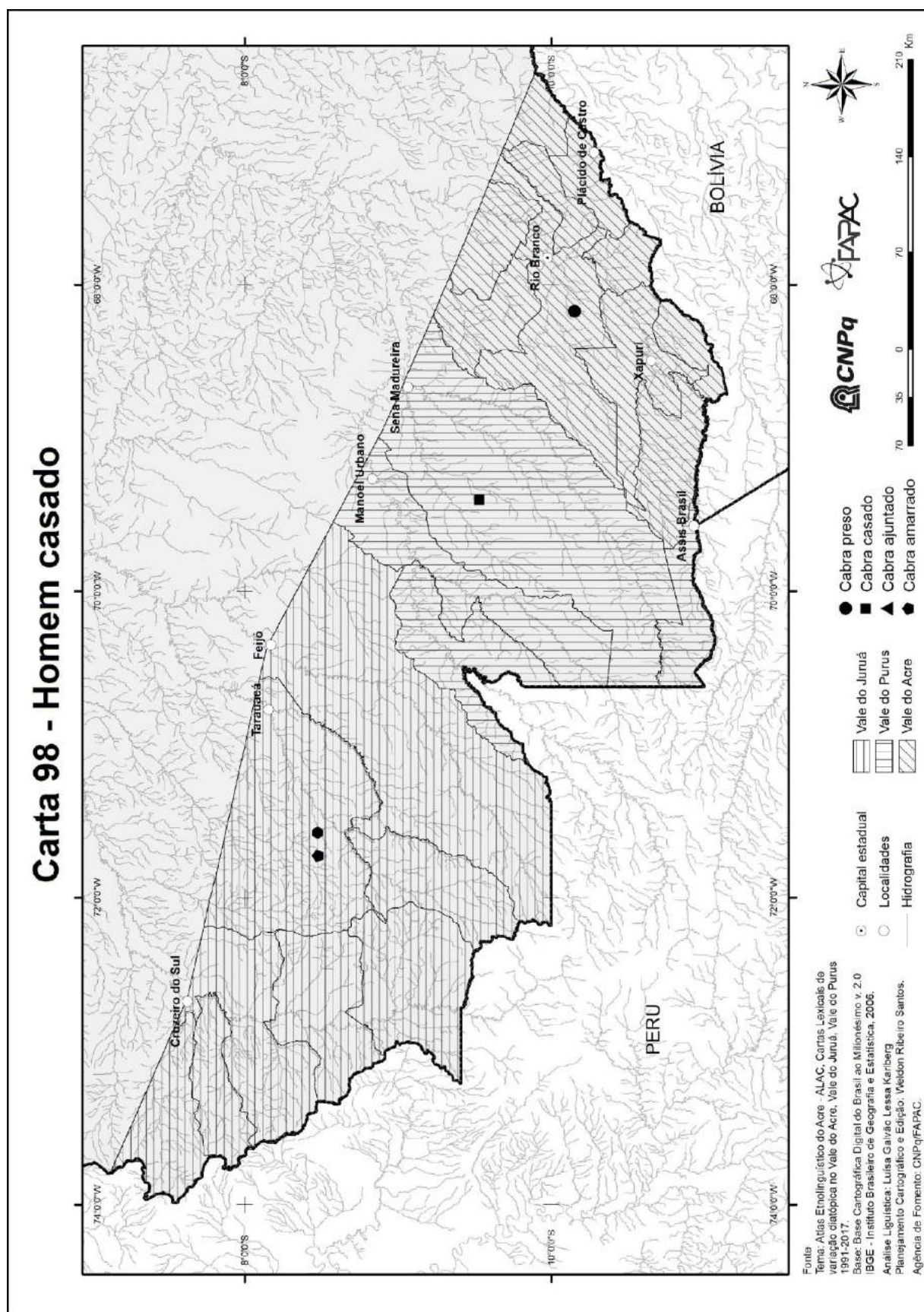


Carta 97 – Homem solteiro

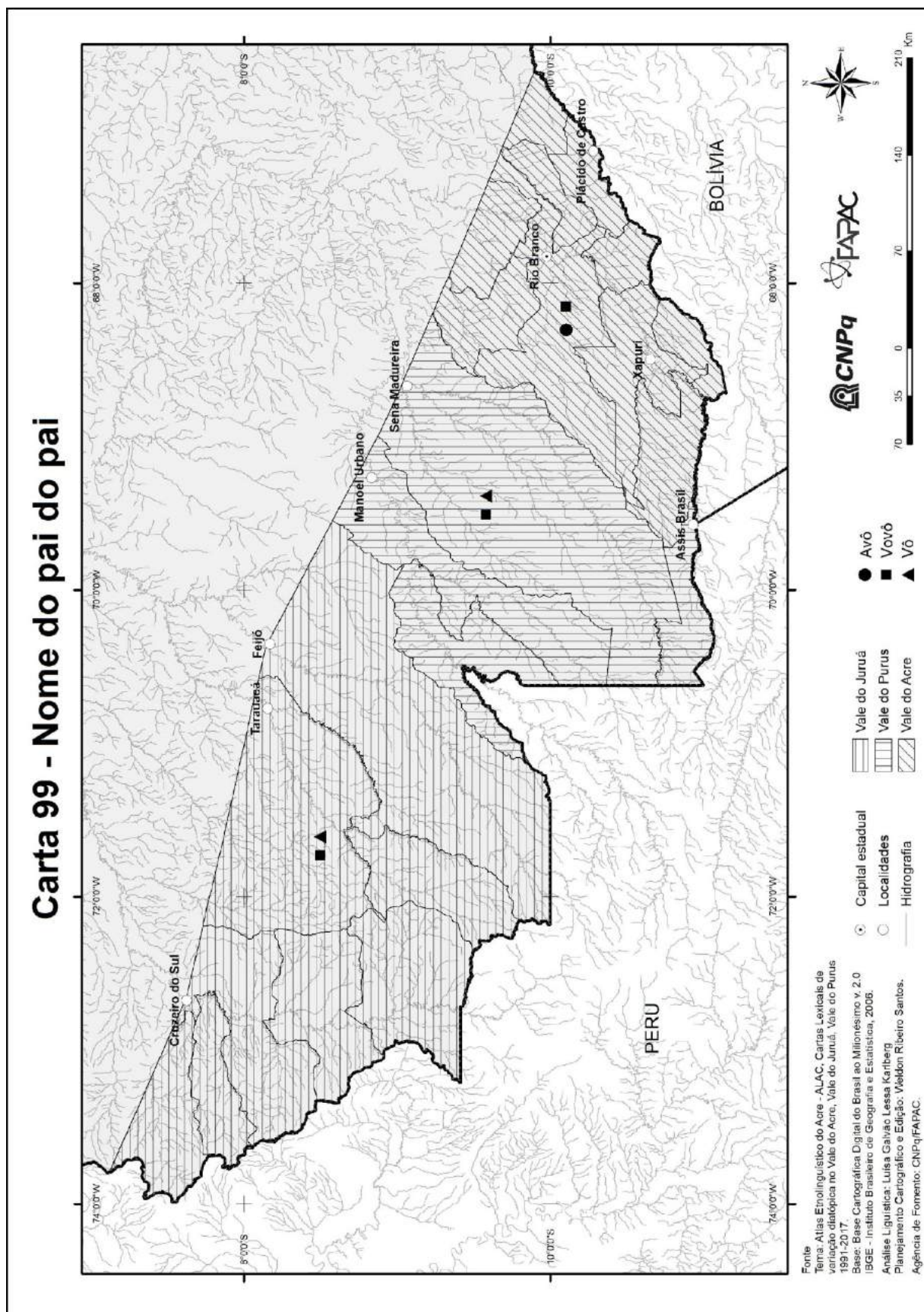




Carta 98 – Homem casado

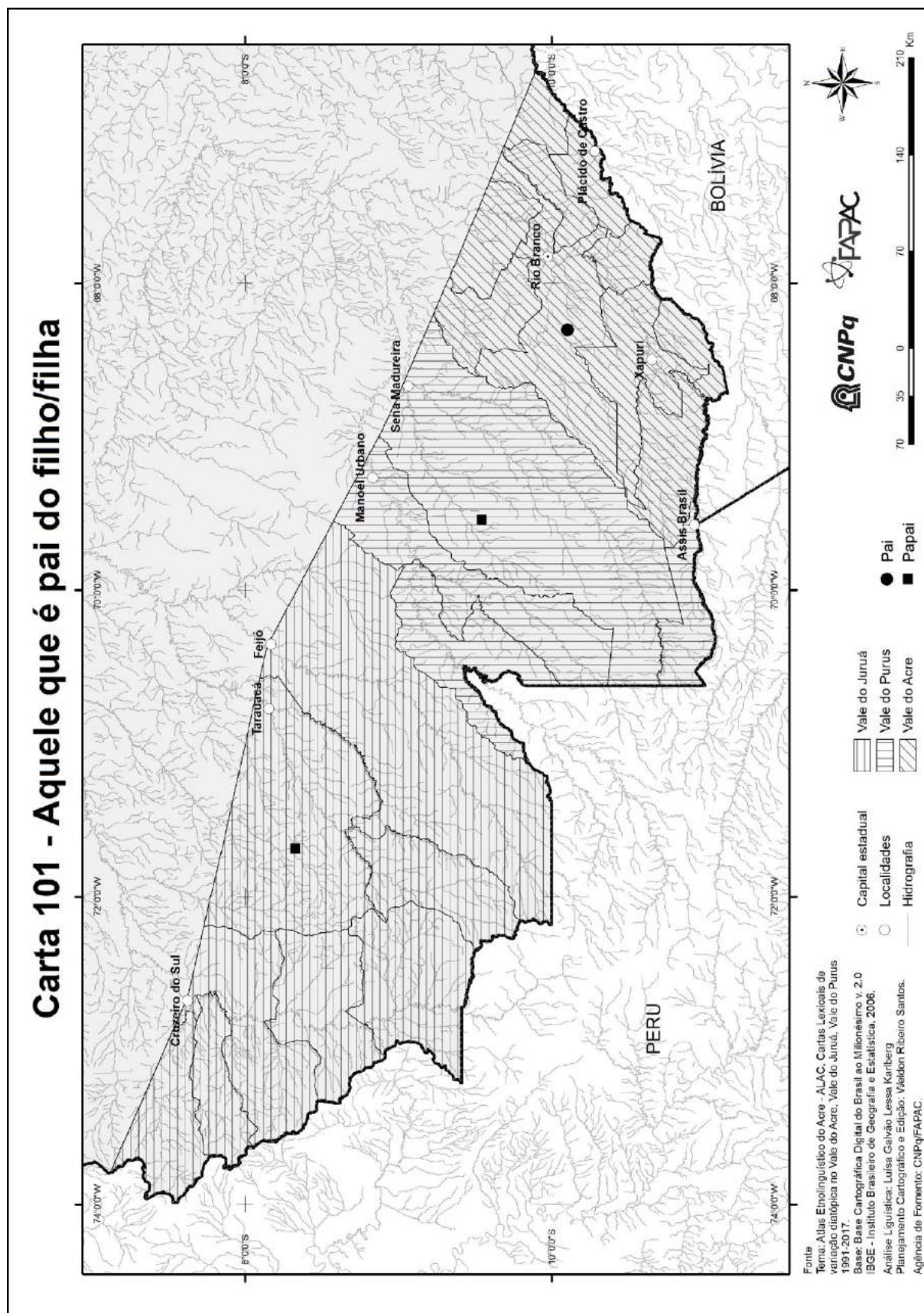


Carta 99 – Nome do pai do pai

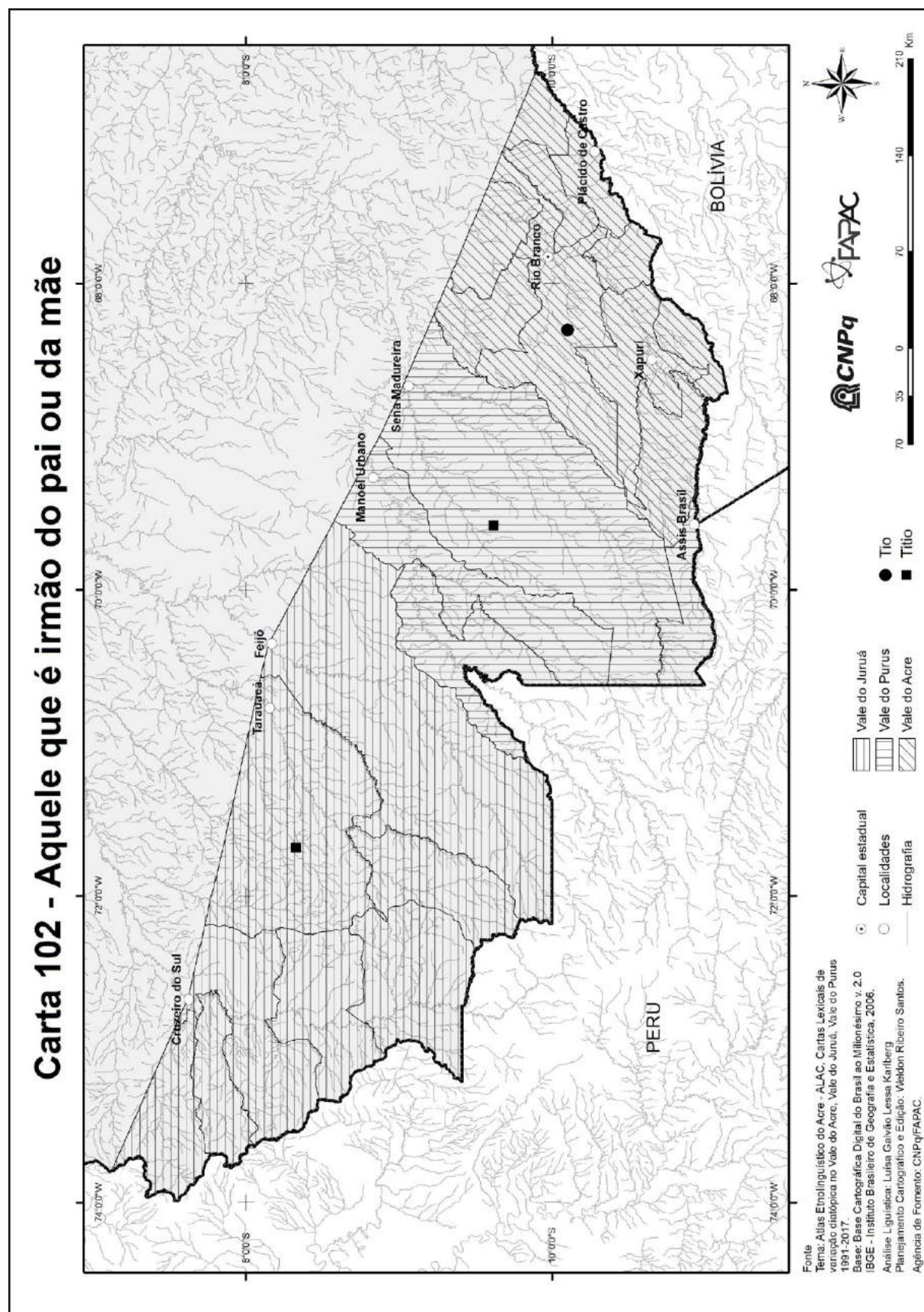




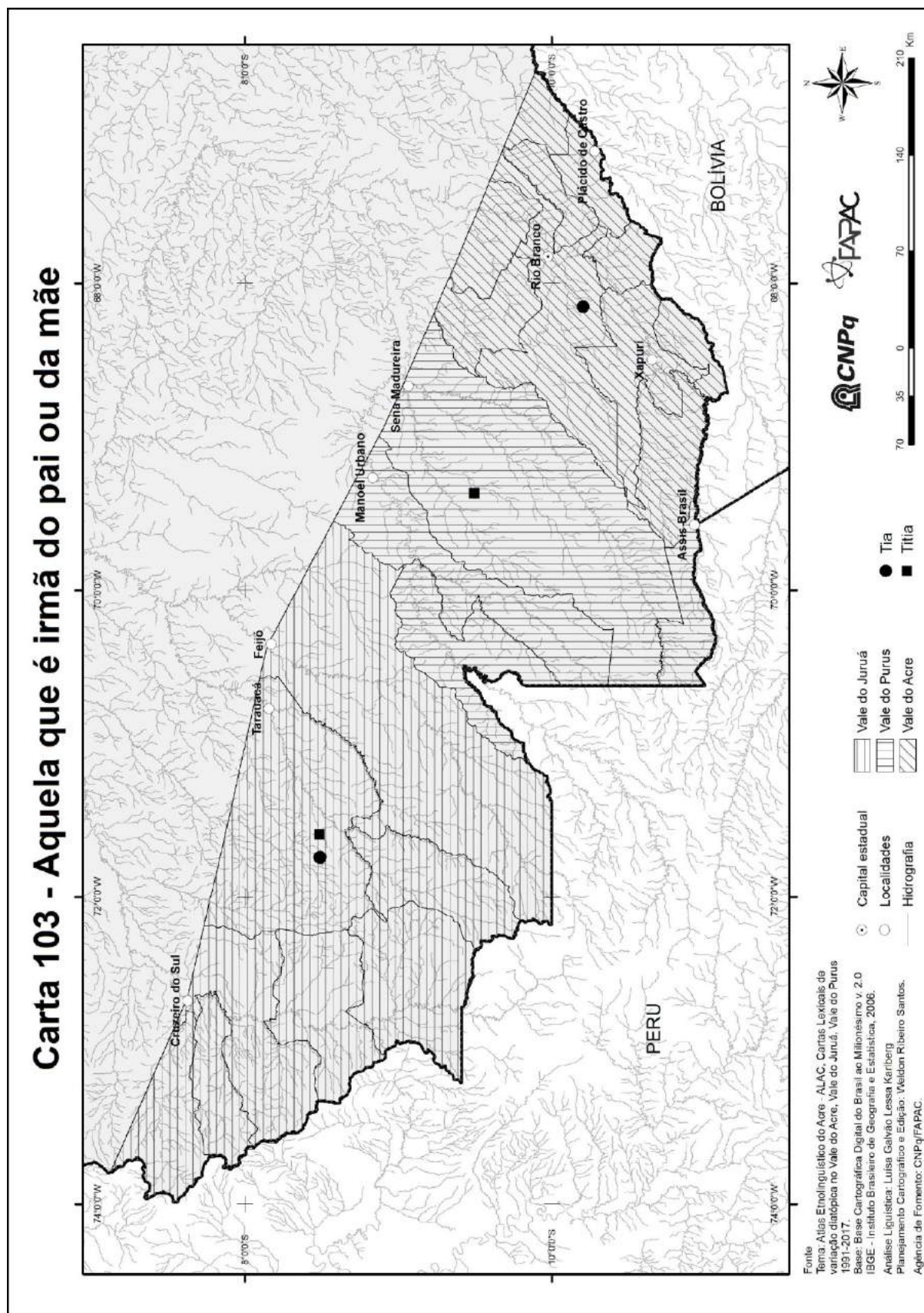
Carta 101 – Aquele que é pai do filho/filha



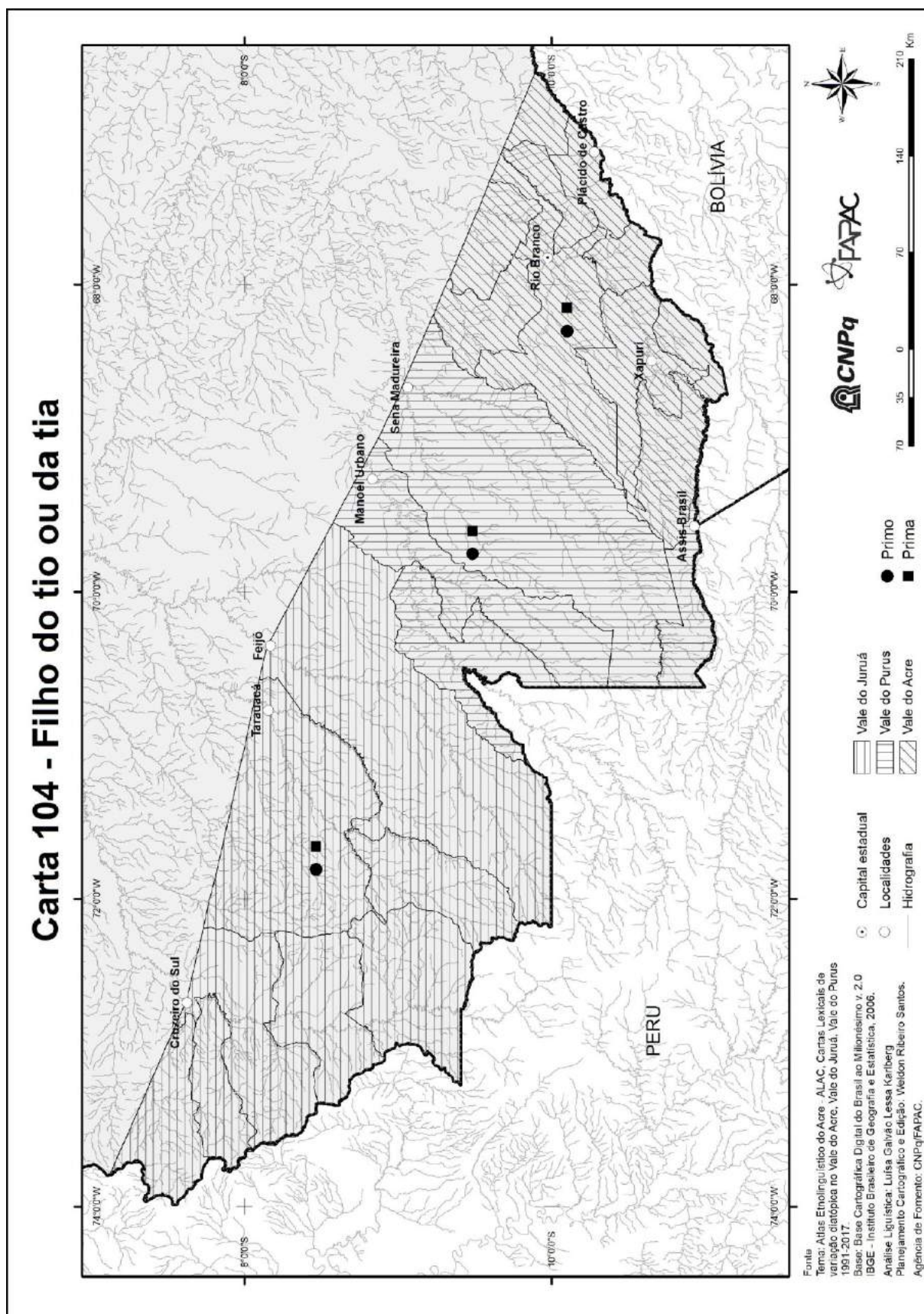
Carta 102 – Aquele que é irmão do pai ou da mãe



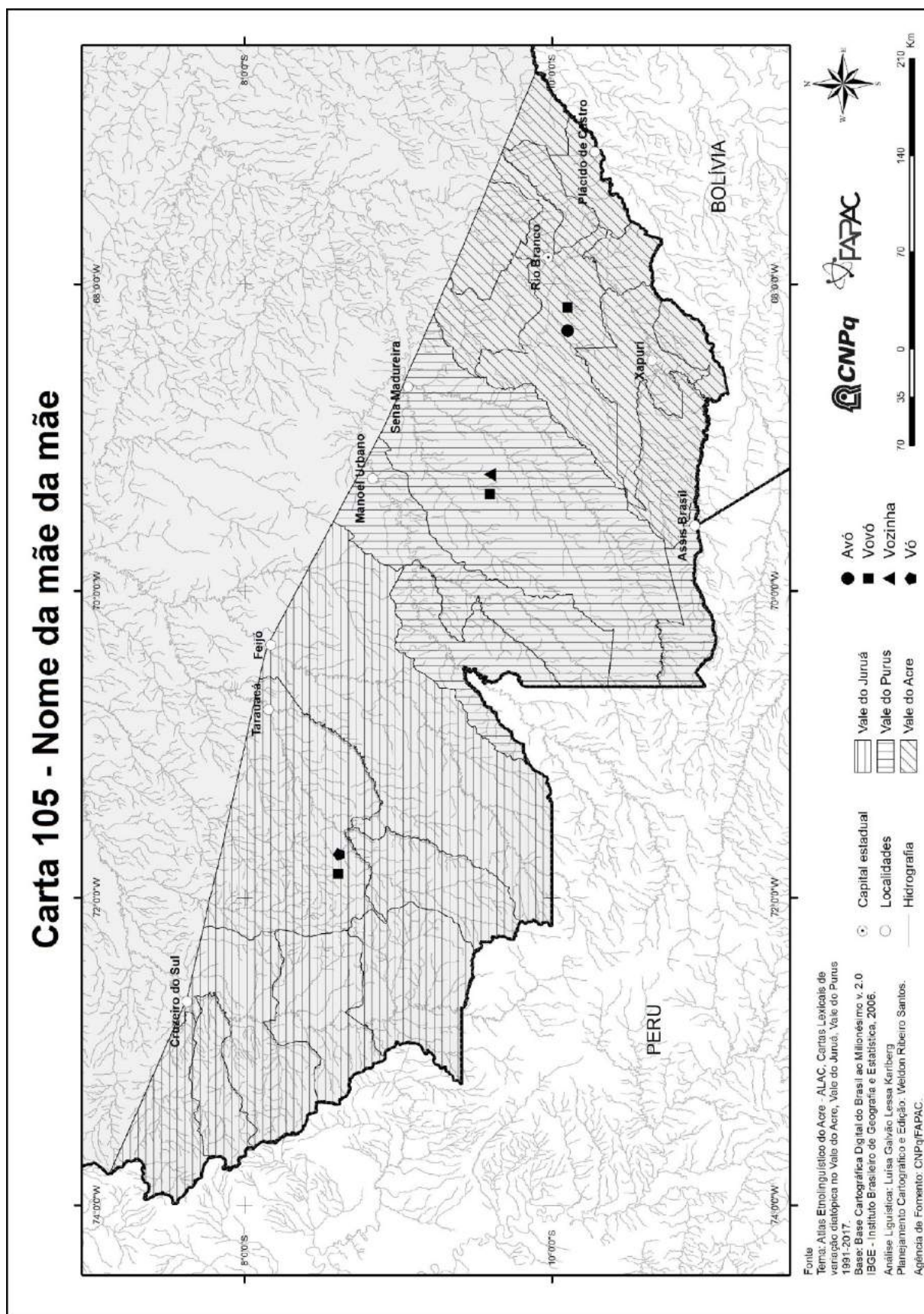
Carta 103 – Aquela que é irmã do pai ou da mãe



Carta 104 – Filho do tio ou da tia



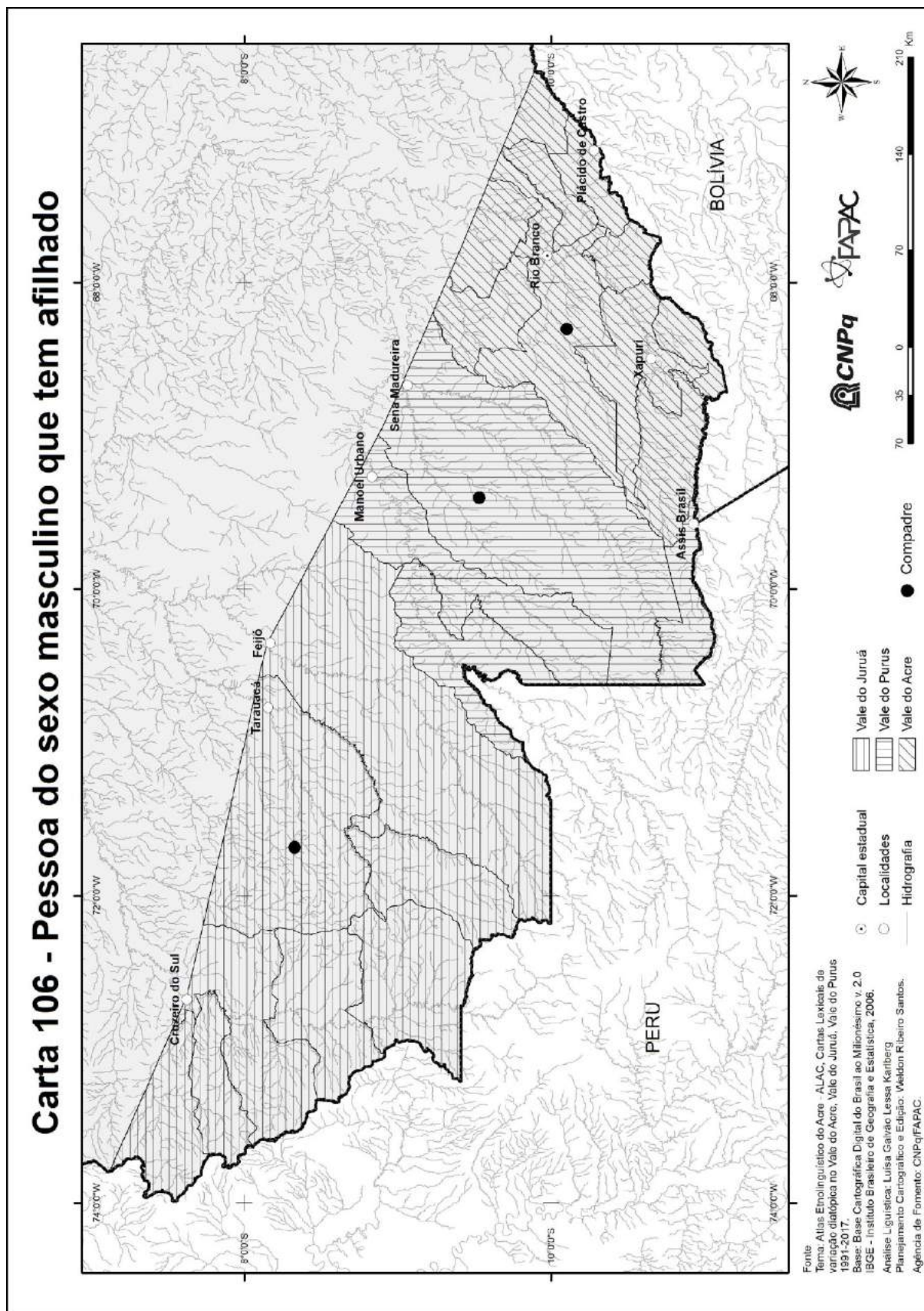
Carta 105 – Nome da mãe da mãe



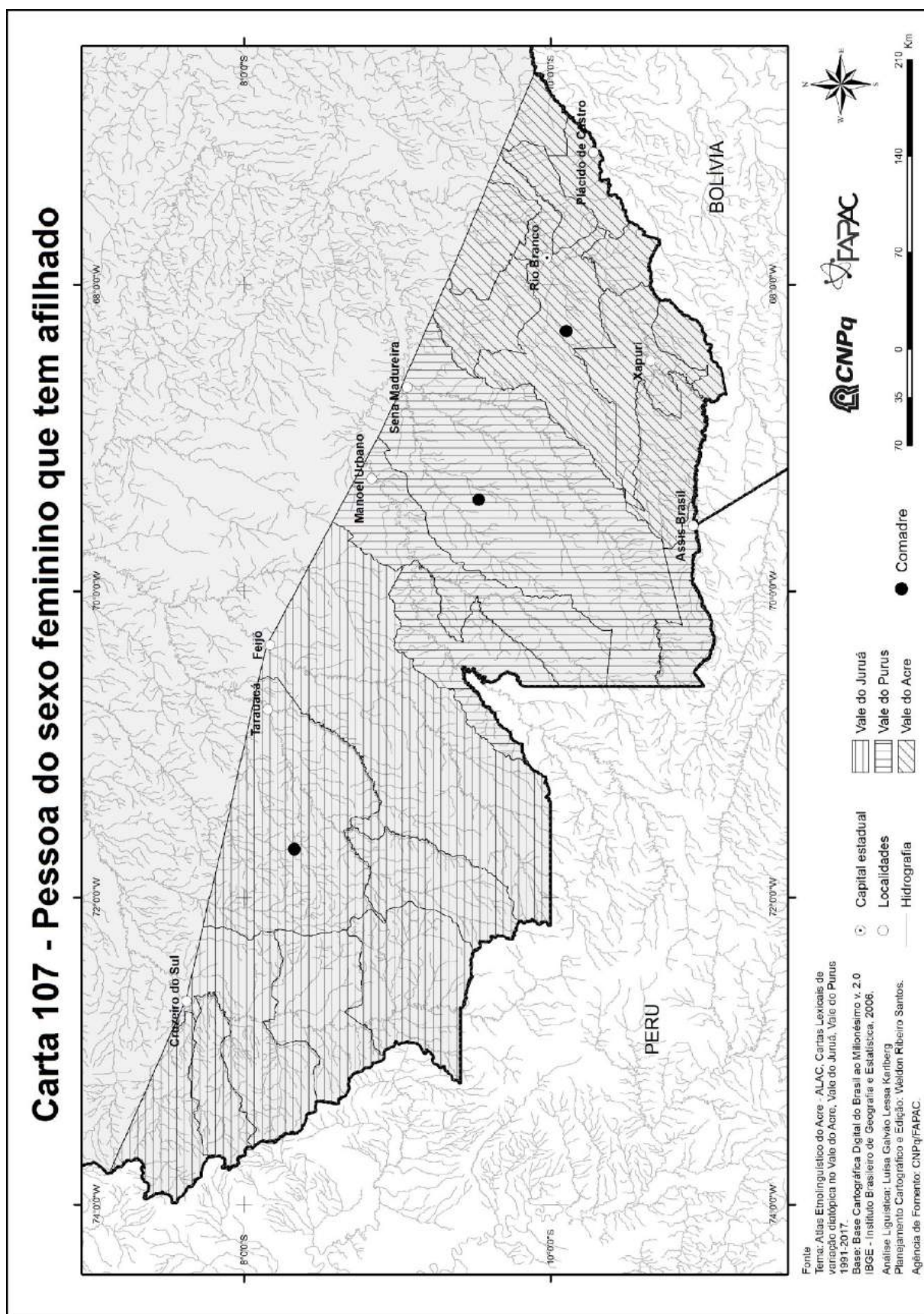


**CAMPO SEMÂNTICO: B – HOMEM**  
**B – FAMÍLIA**  
**VI – RELAÇÕES DE AMIZADE**

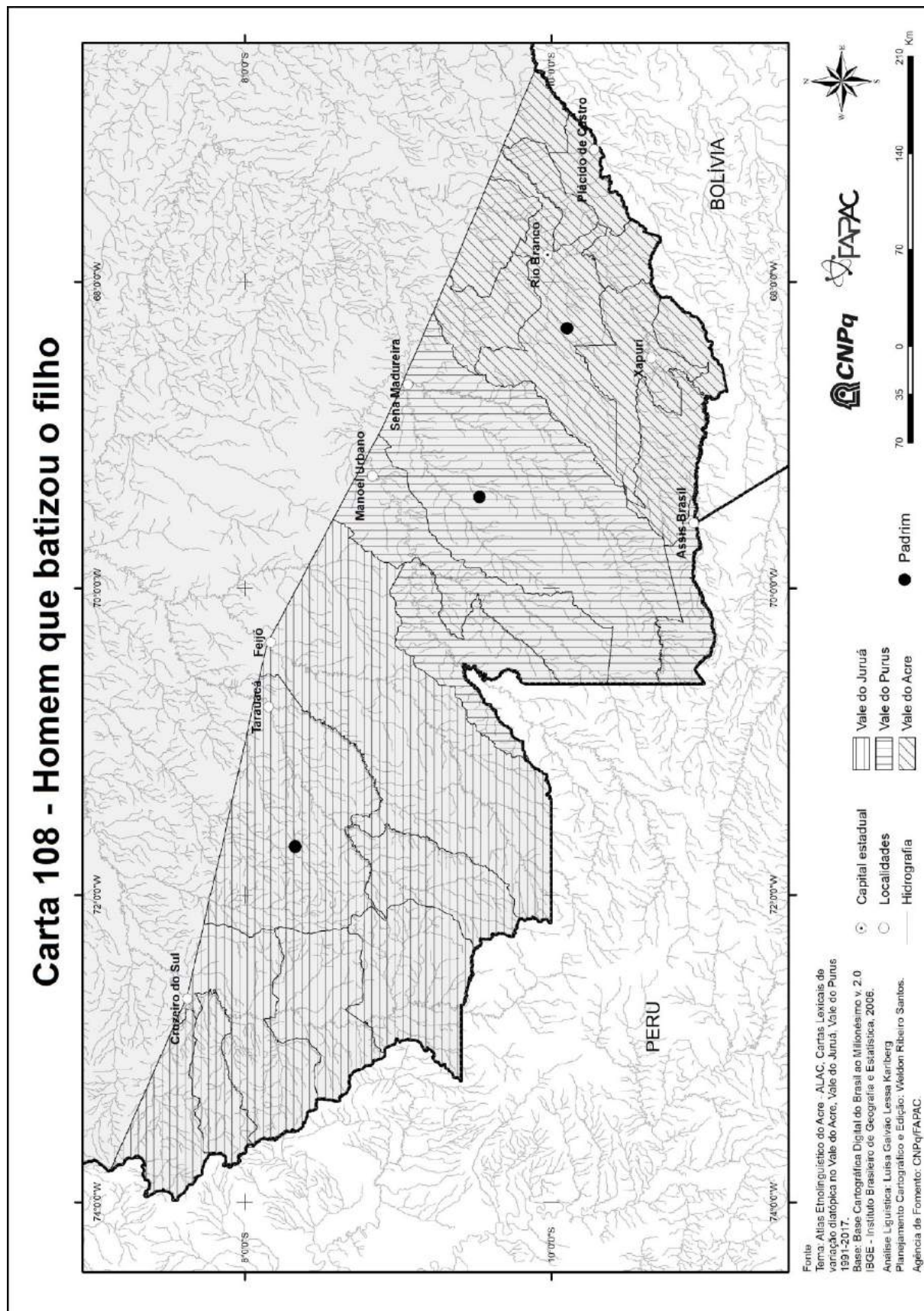
Carta 106 – Pessoa do sexo masculino que tem afilhado



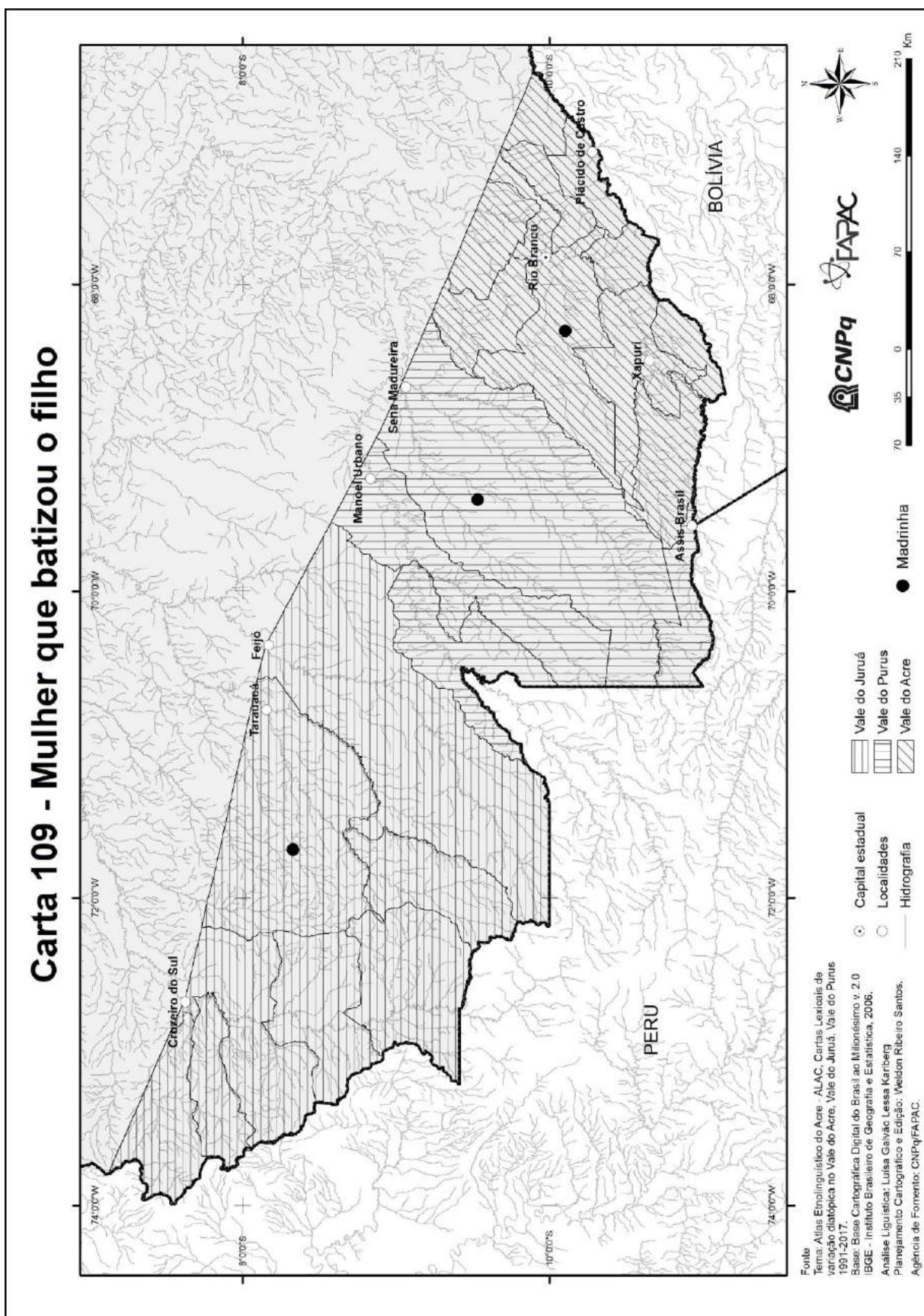
Carta 107 – Pessoa do sexo feminino que tem afilhado



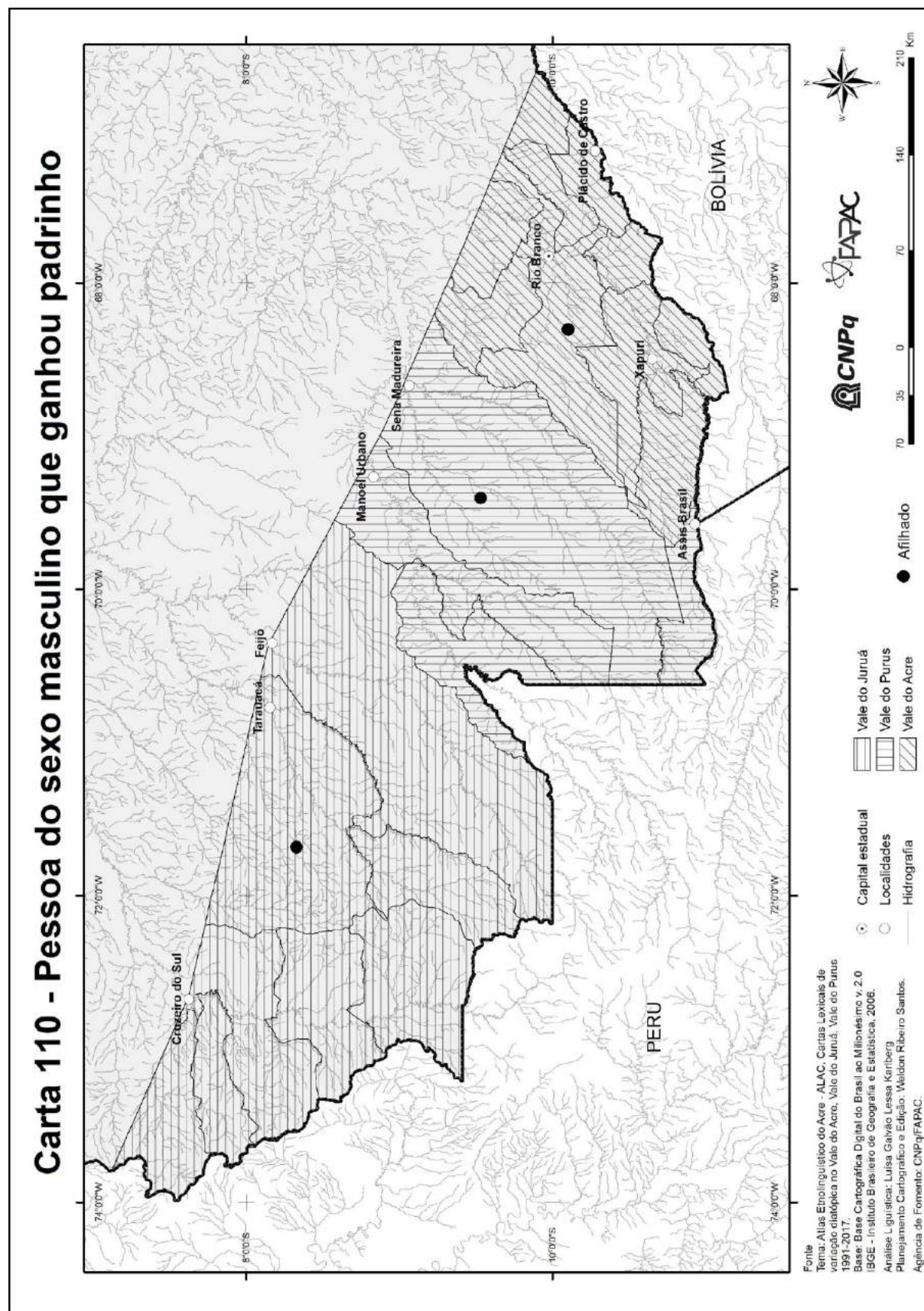
Carta 108 – Homem que batizou o filho



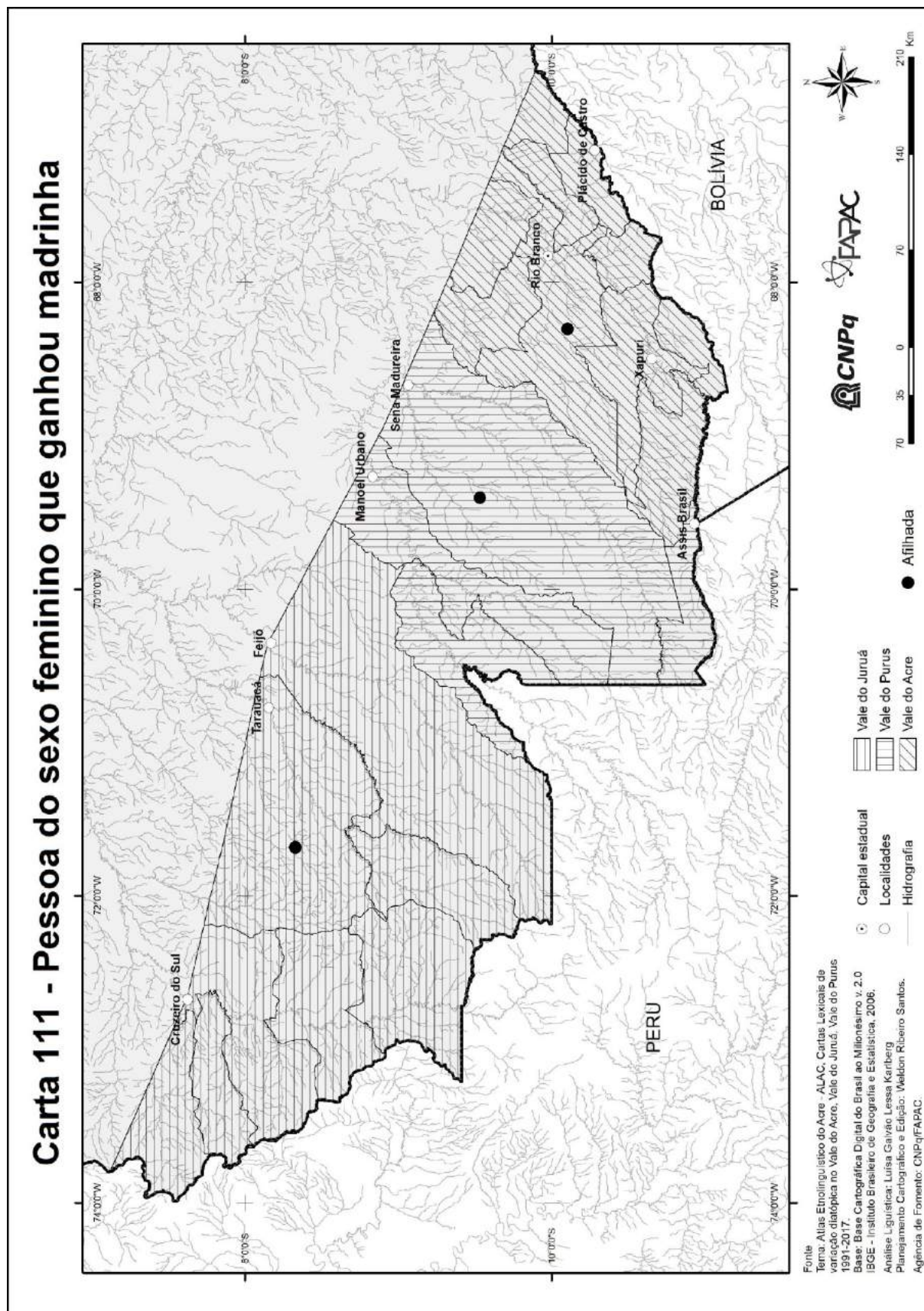
Carta 109 – Mulher que batizou o filho



Carta 110 – Pessoa do sexo masculino que ganhou padrinho

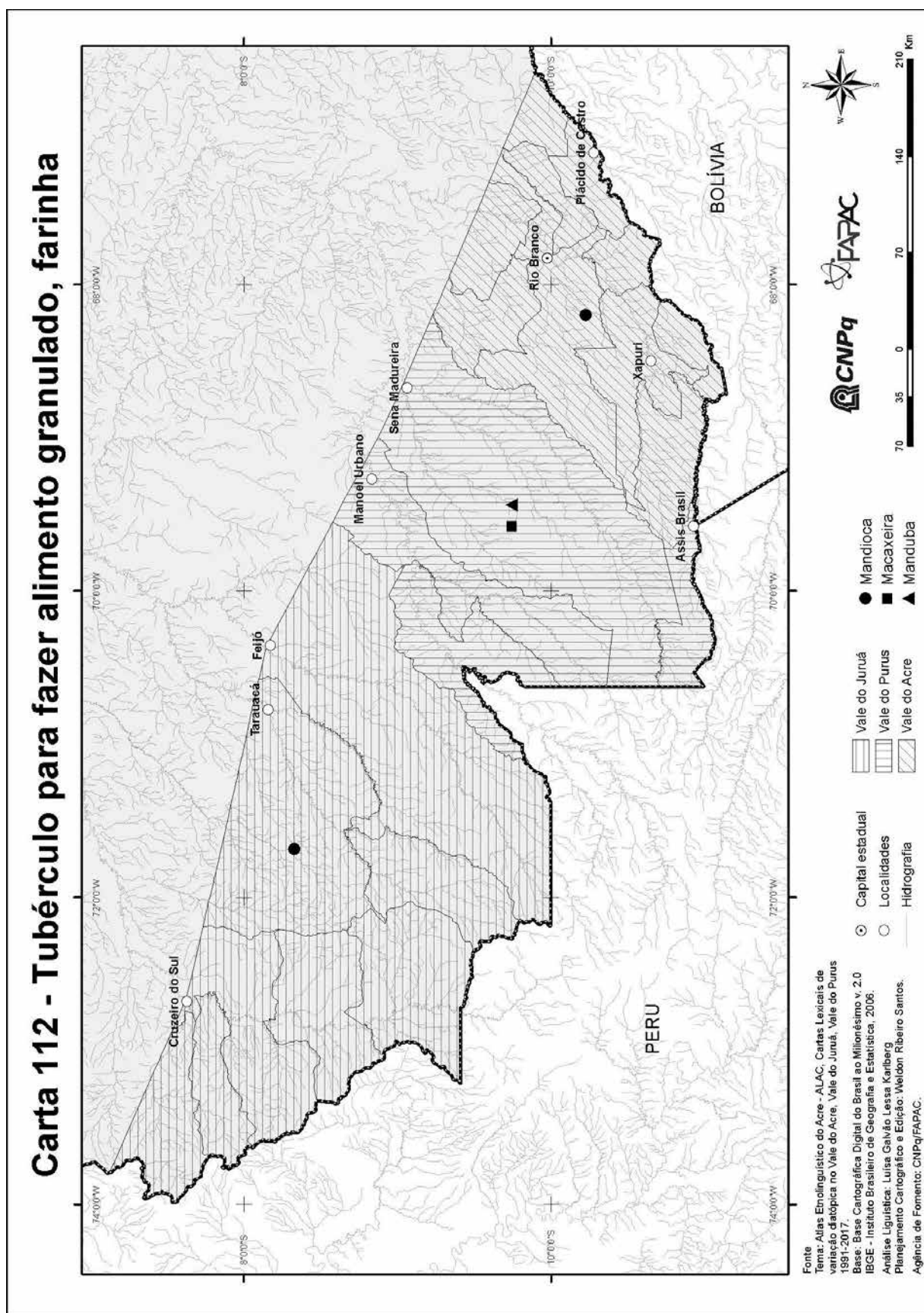


Carta 111 – Pessoa do sexo feminino que ganhou madrinha

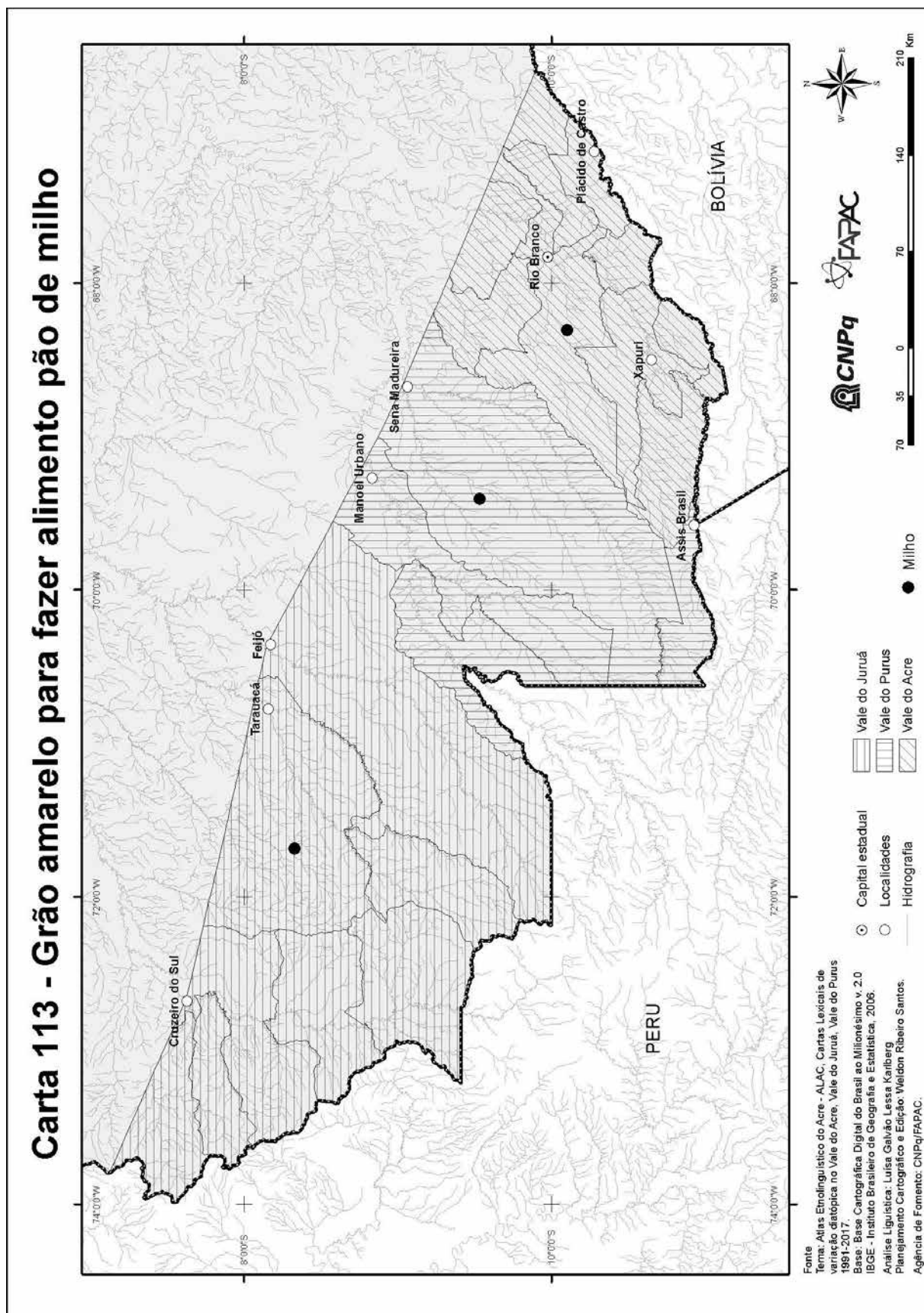


**CAMPO SEMÂNTICO: B – HOMEM**  
**B – FAMÍLIA**  
**VII – ALIMENTAÇÃO: ALIMENTOS E BEBIDAS**

Carta 112 – Tubérculo para fazer alimento granulado, farinha

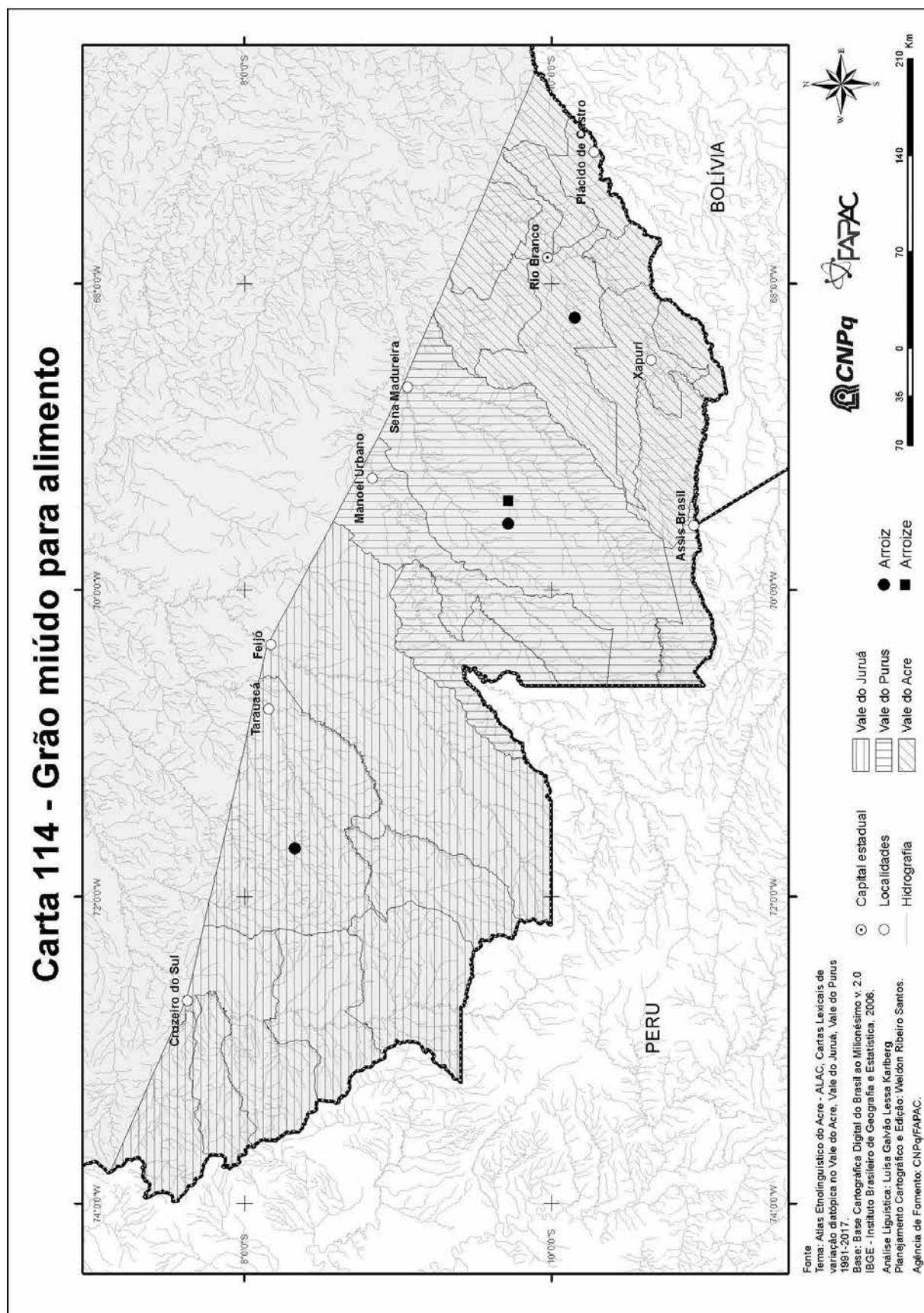


Carta 113 – Grão amarelo para fazer alimento pão de milho

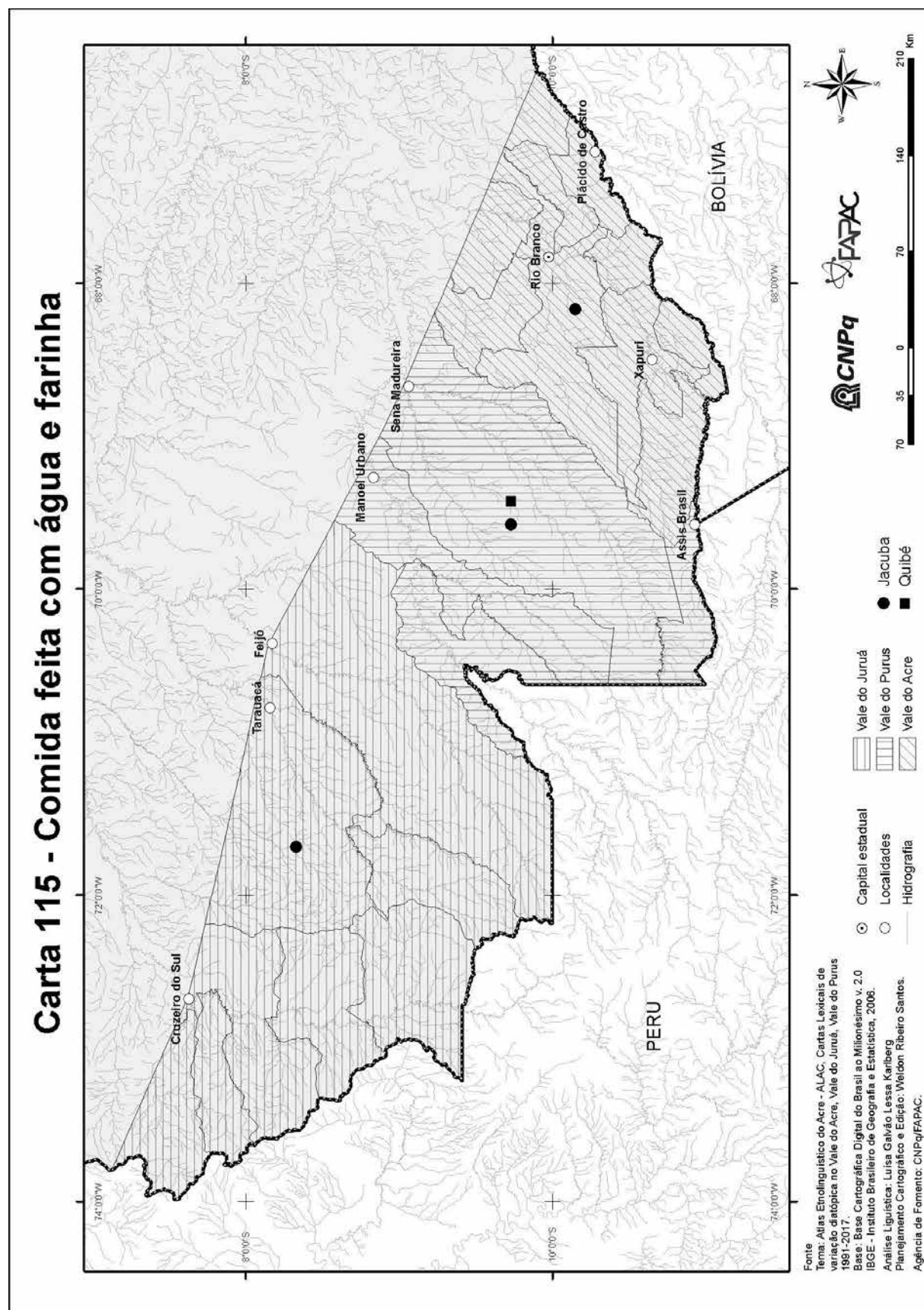




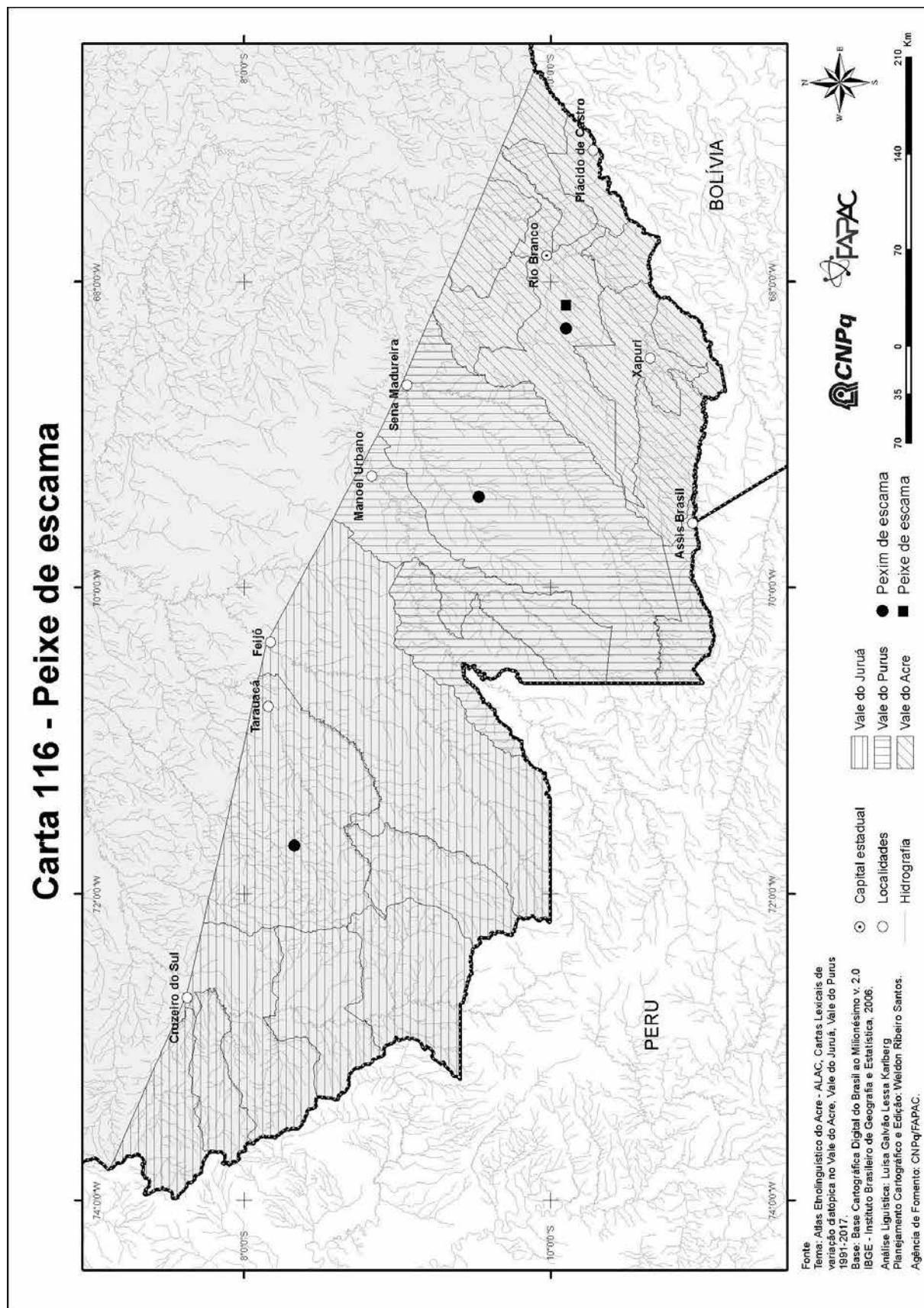
Carta 114 – Grão miúdo para alimento



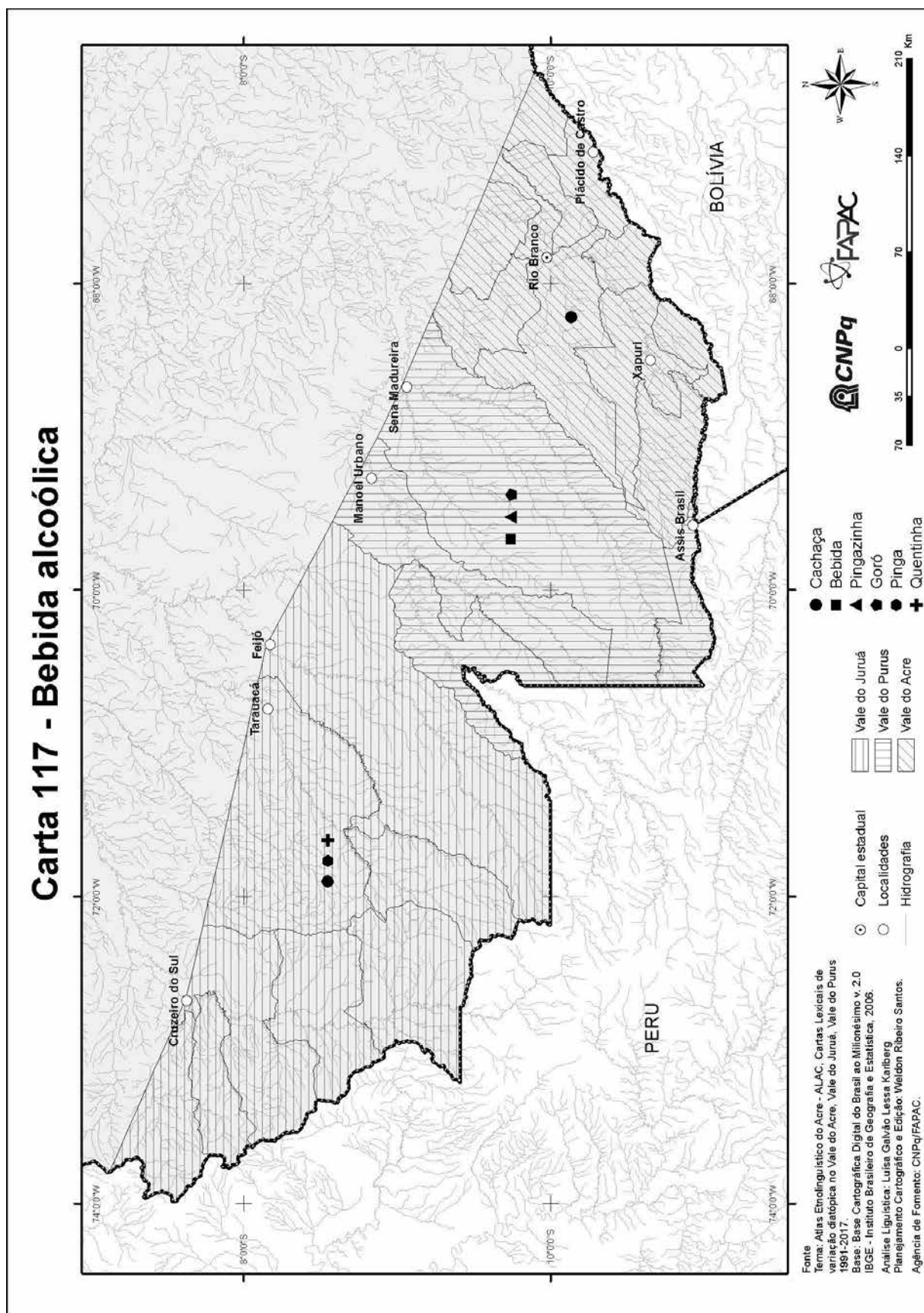
Carta 115 – Comida feita com água e farinha



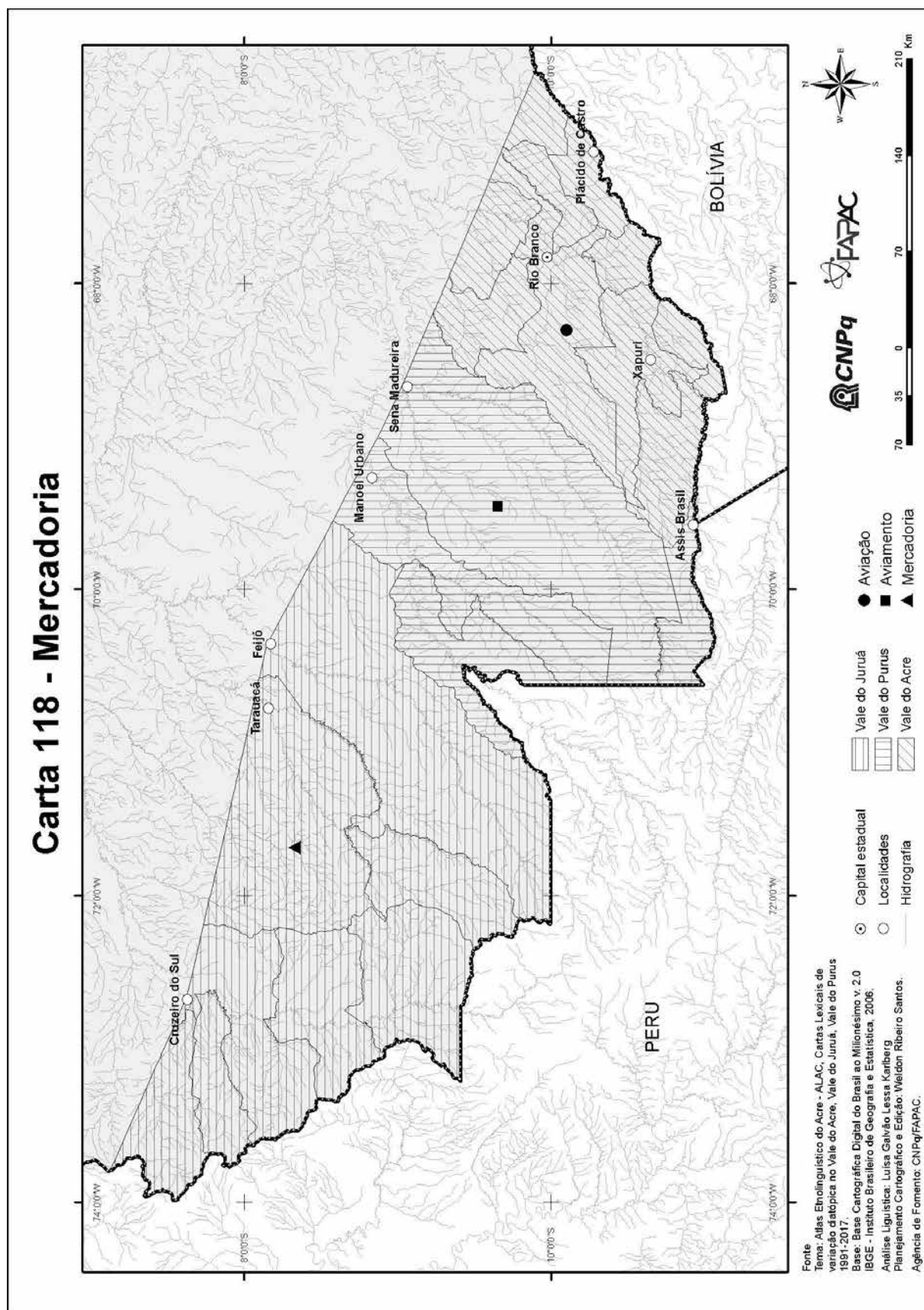
Carta 116 – Peixe de escama



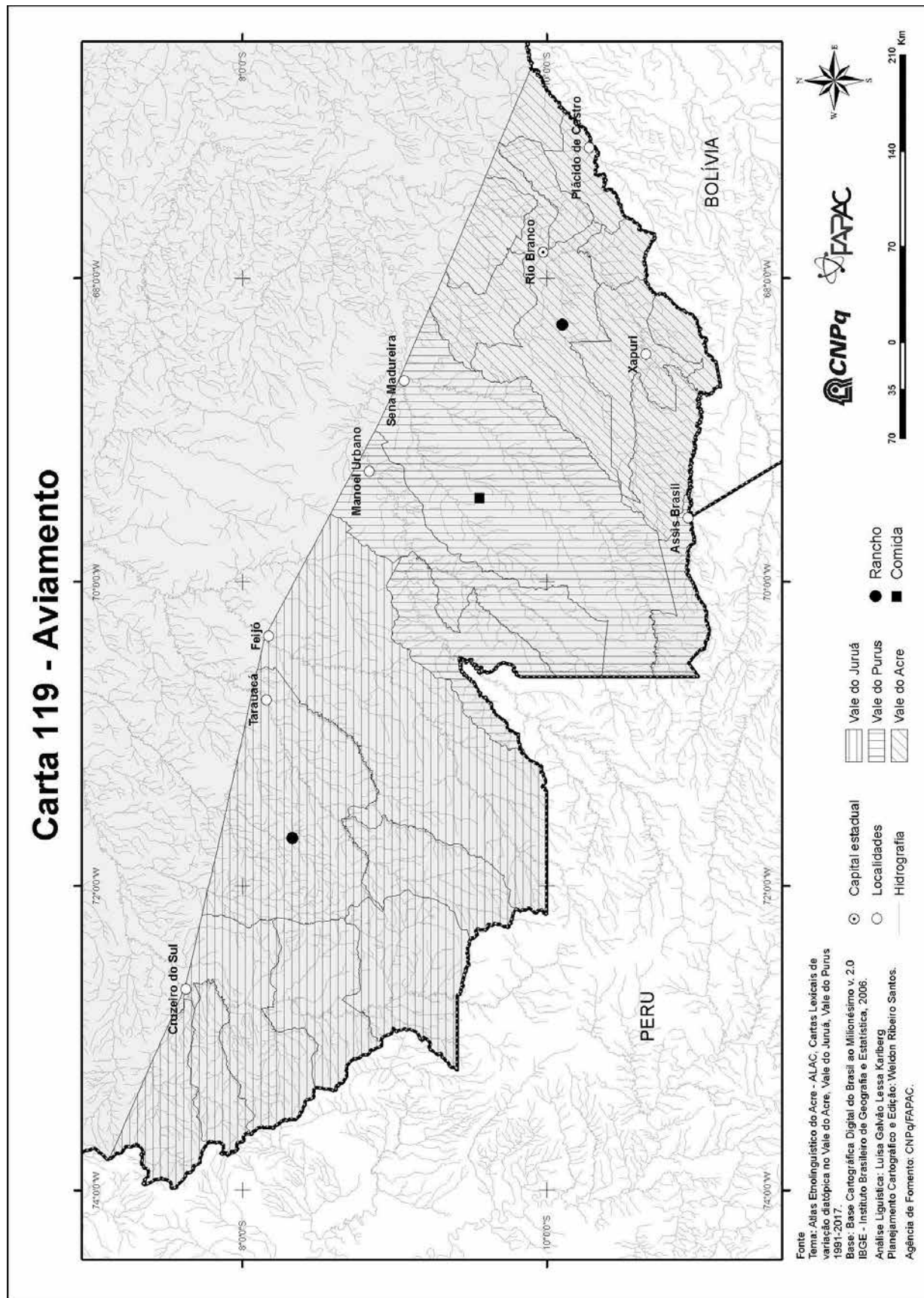
Carta 117 – Bebida alcoólica



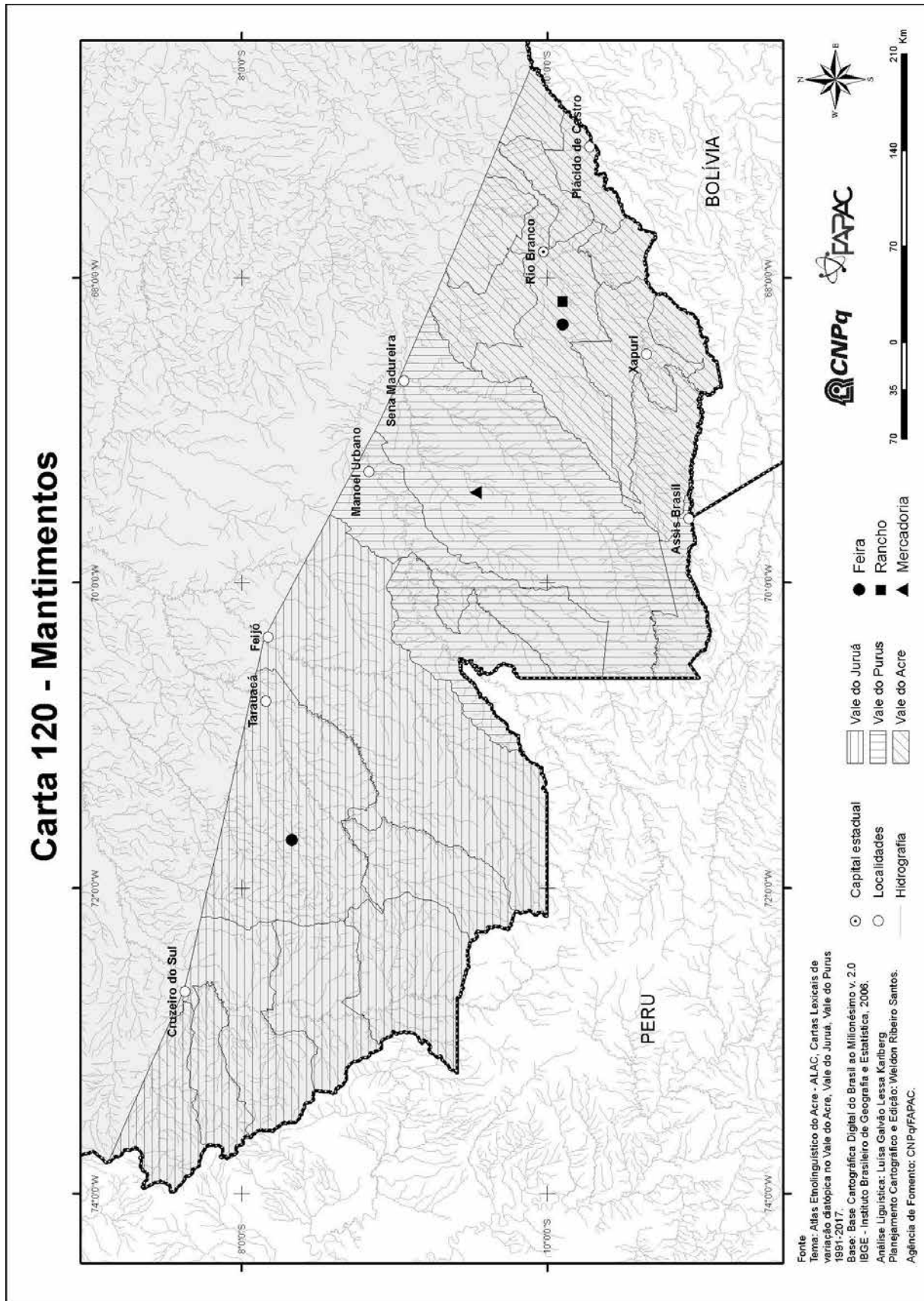
Carta 118 – Mercadoria



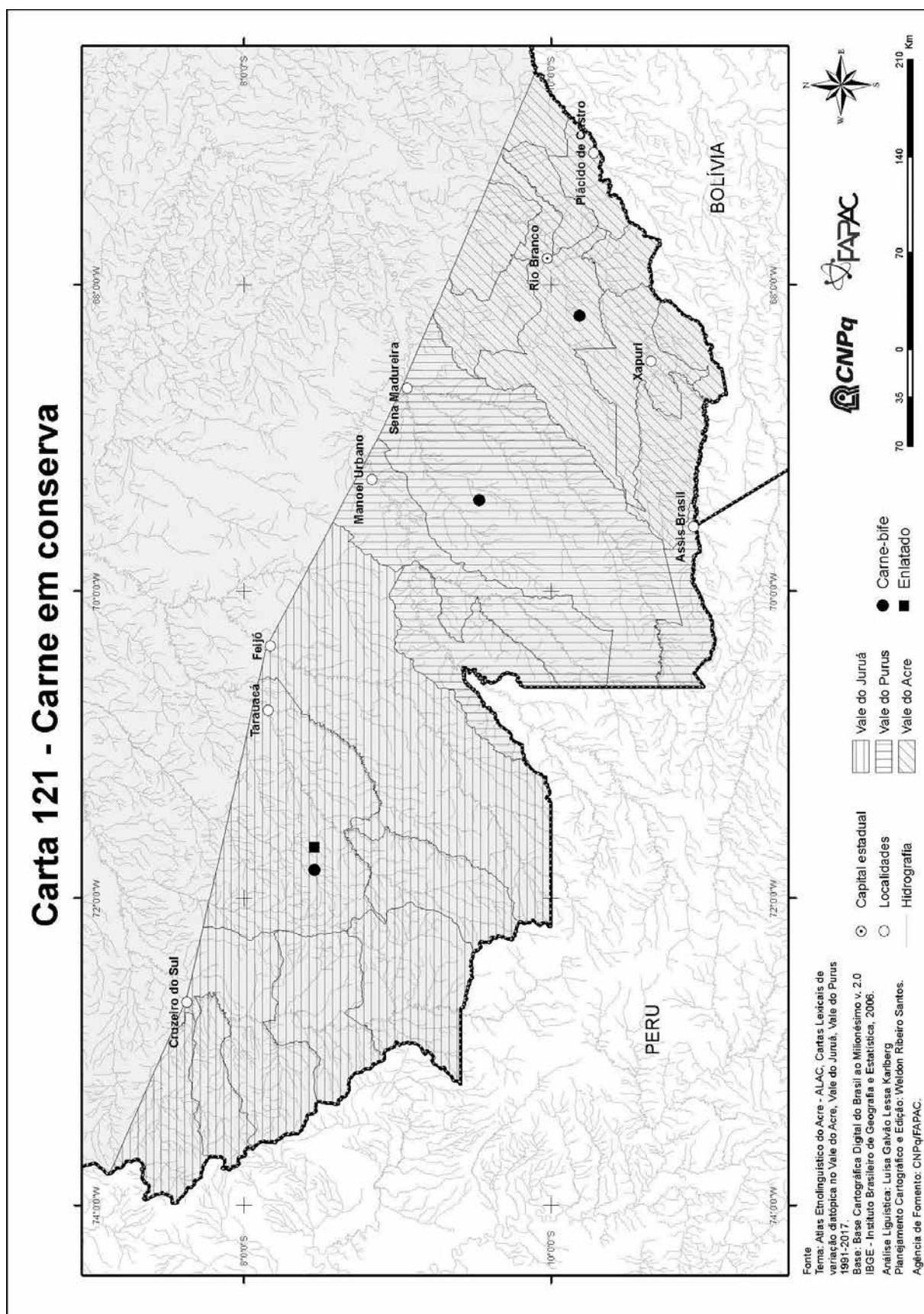
Carta 119 – Aviamento



Carta 120 – Mantimentos

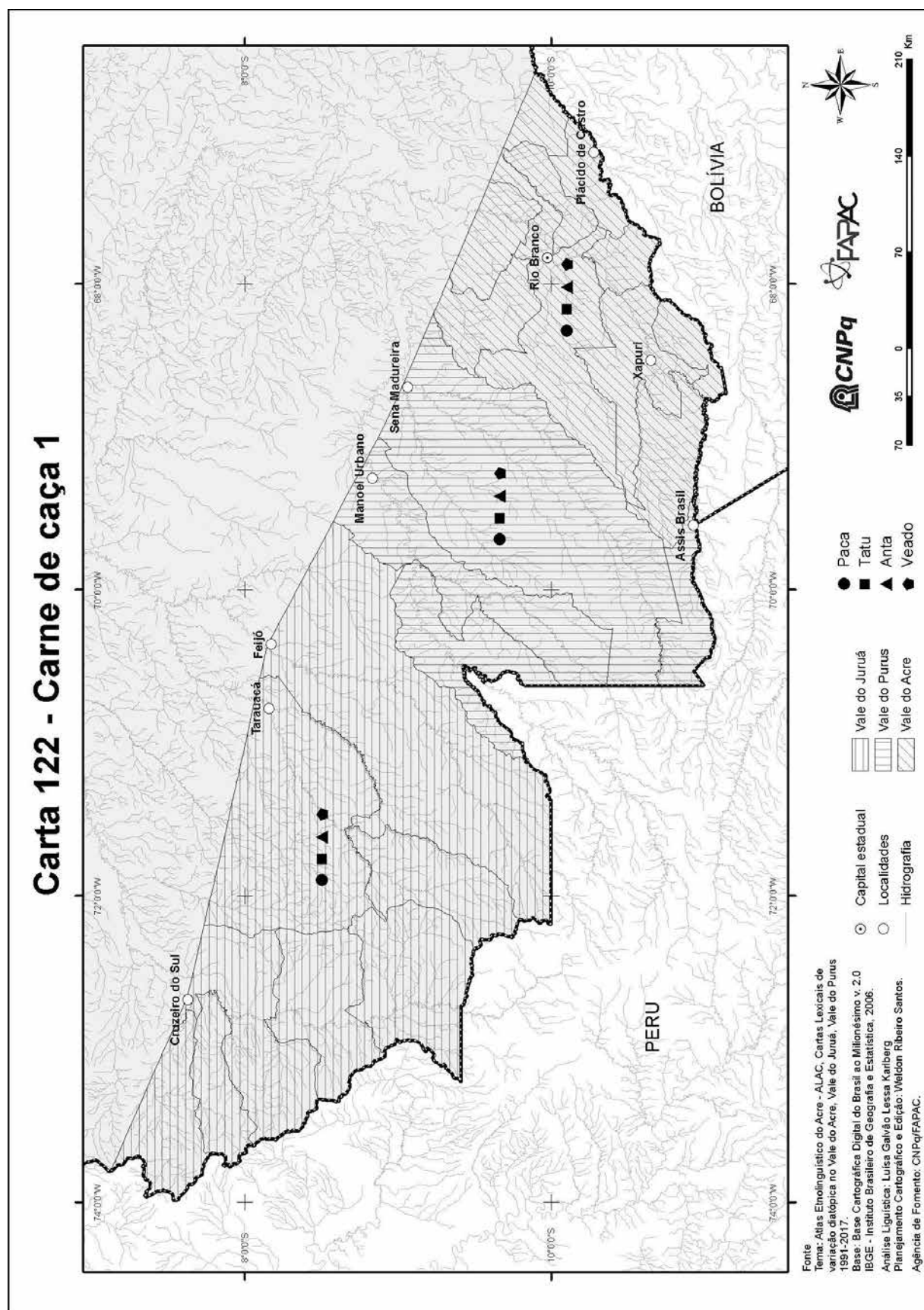


Carta 121 – Carne em conserva

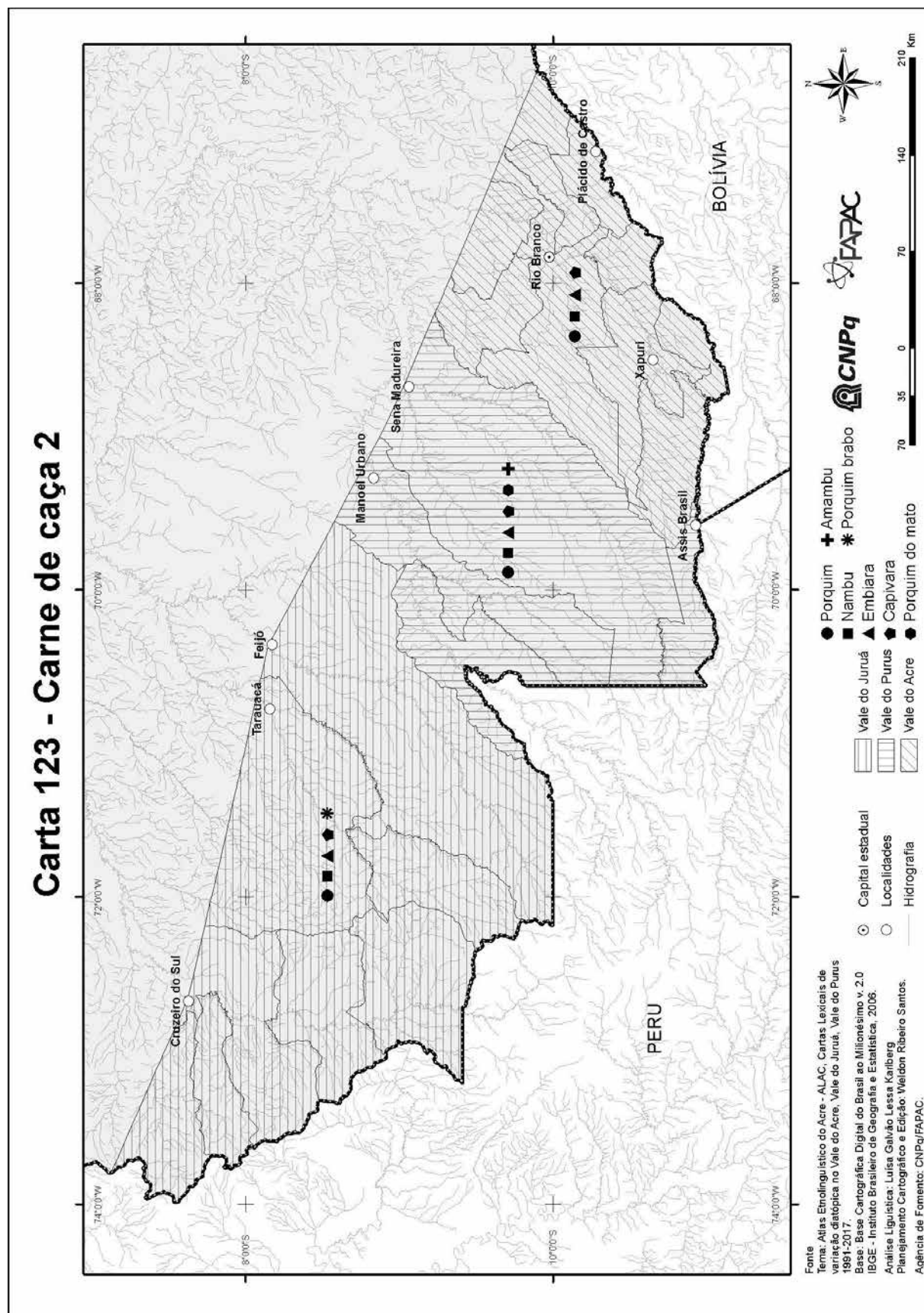




Carta 122 – Carne de caça1

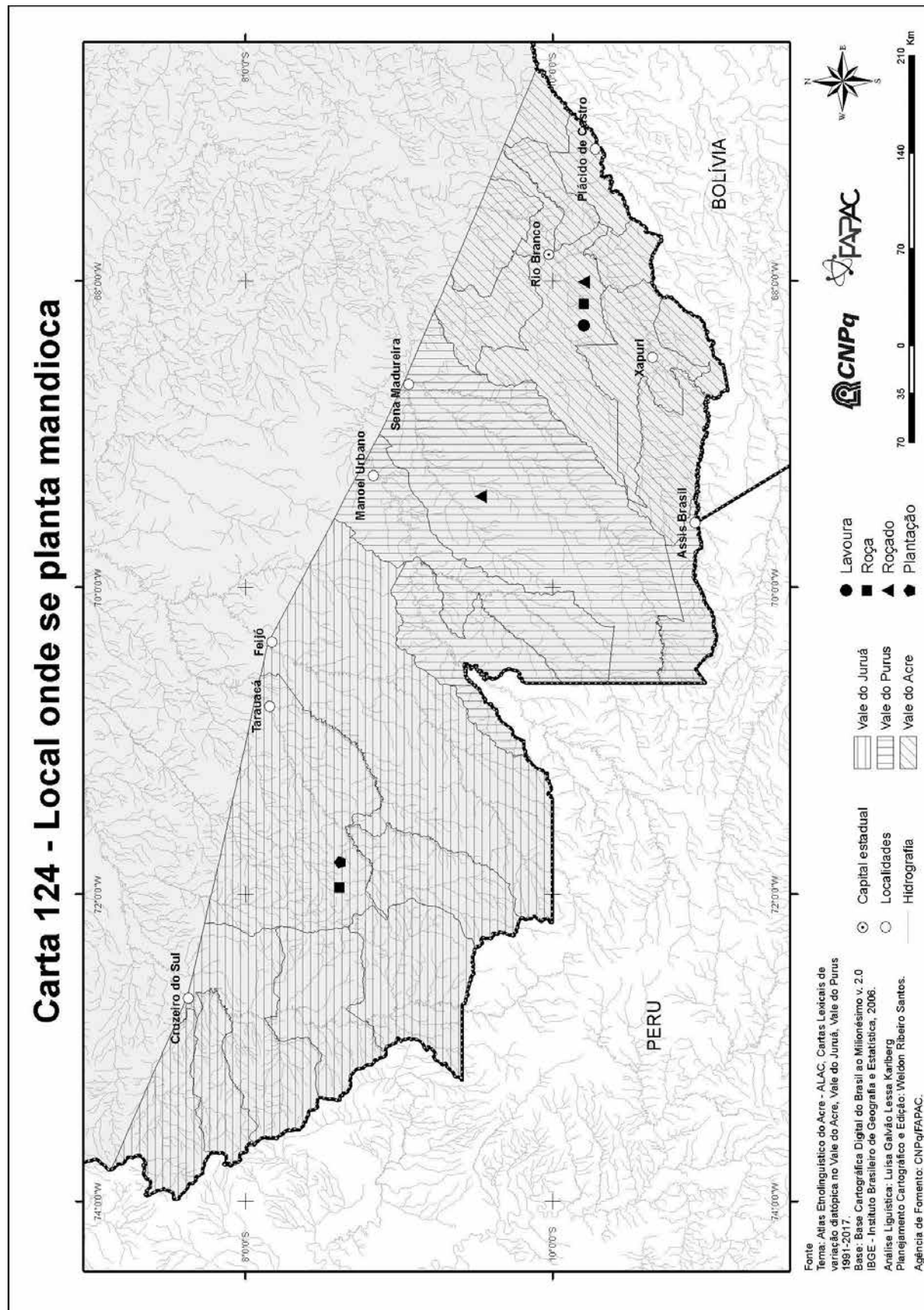


Carta 123 – Carne de caça2

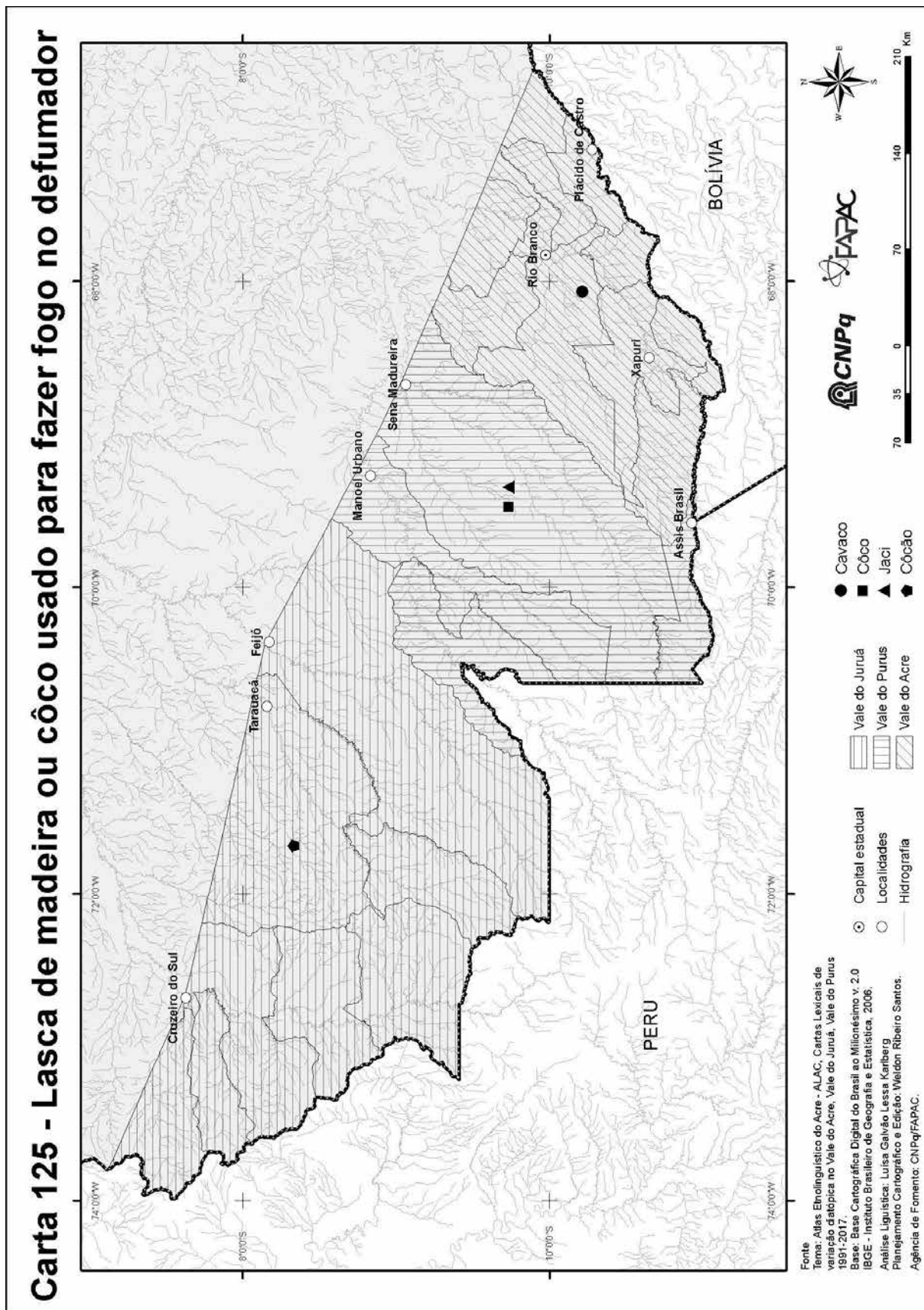


**CAMPO SEMÂNTICO: B – HOMEM**  
**B – FAMÍLIA**  
**VIII – ALIMENTAÇÃO – LOCAL DE PLANTAÇÃO**

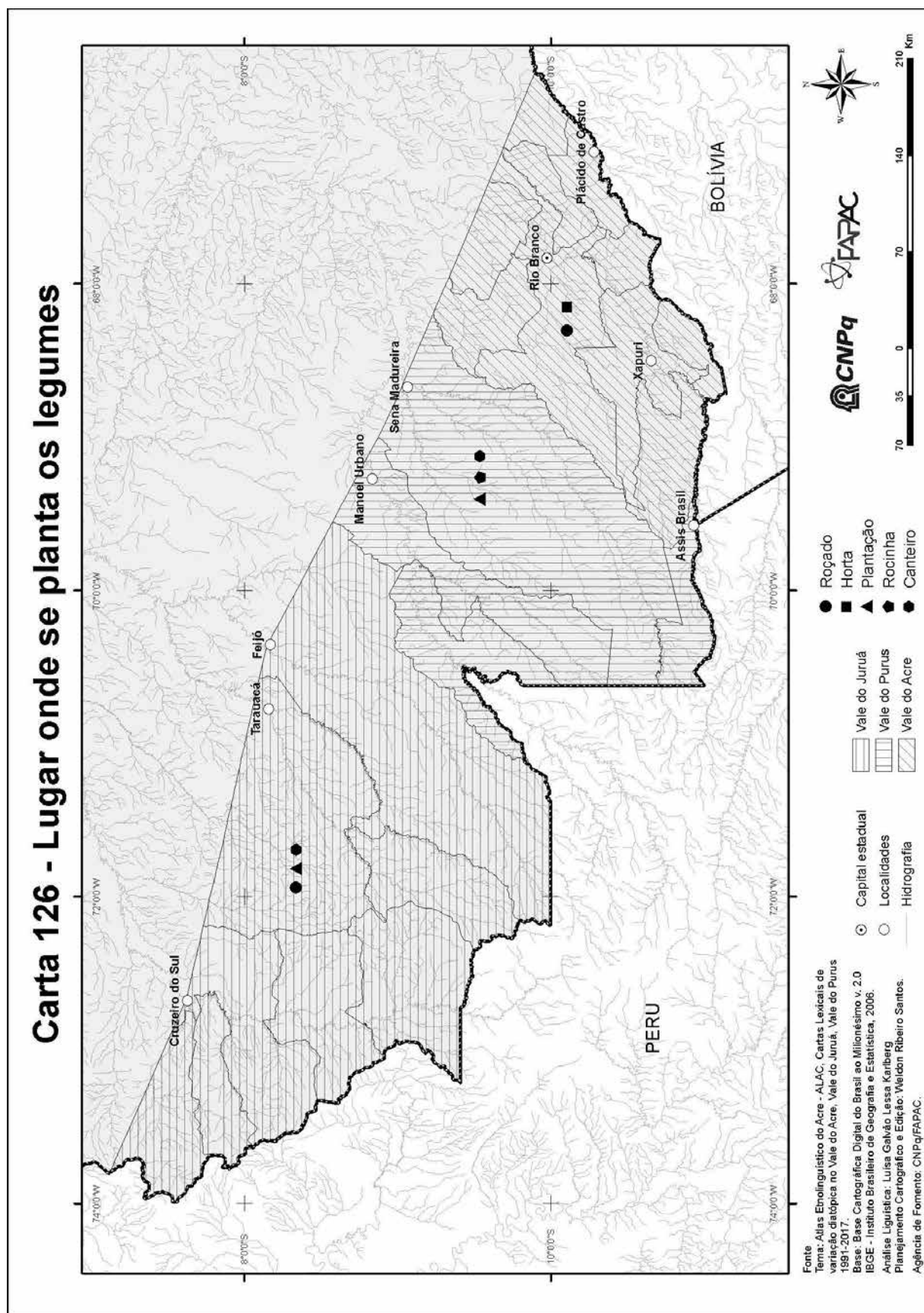
Carta 124 – Local onde se planta mandioca



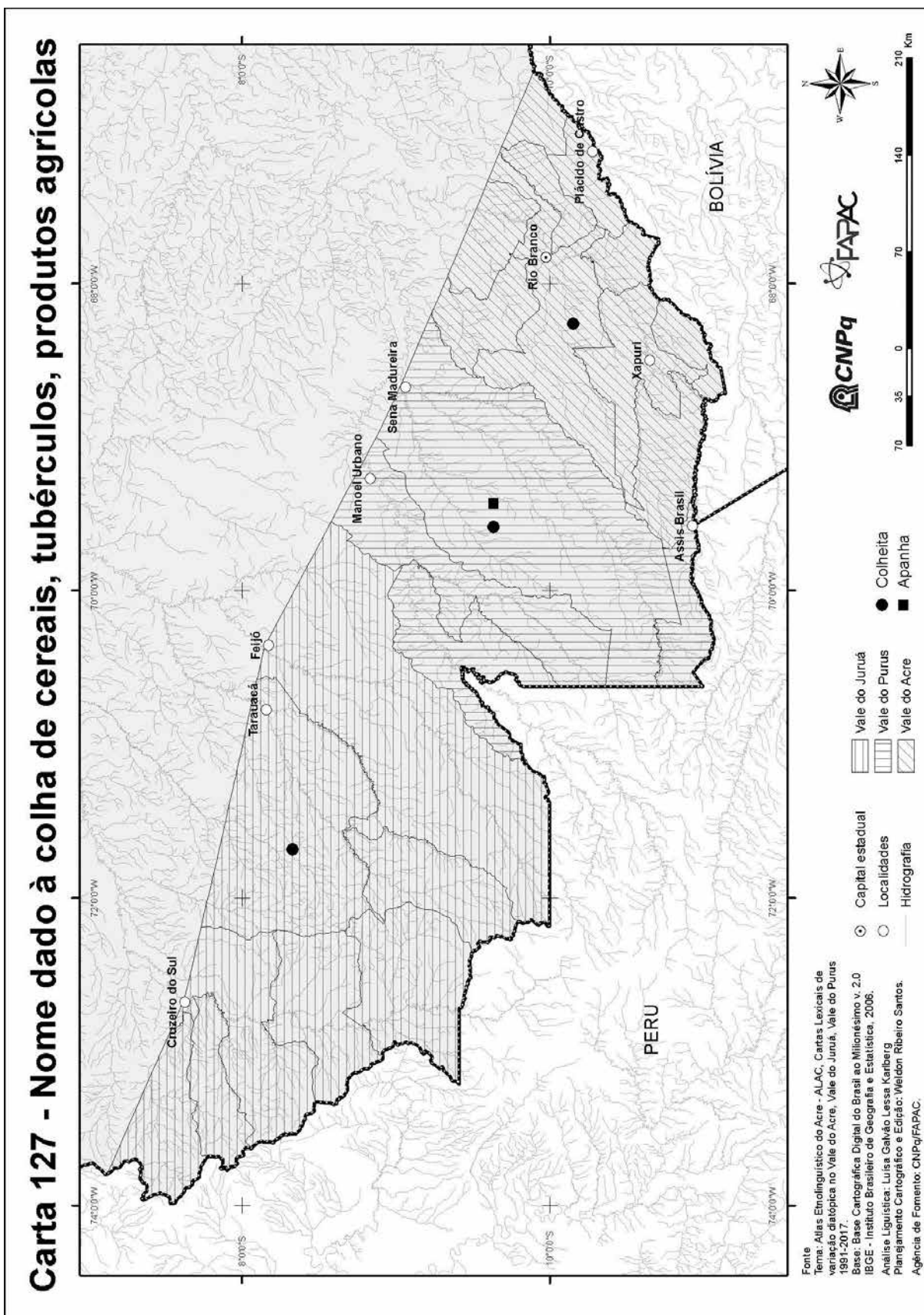
Carta 125 – Lasca de madeira ou côco usado para fazer fogo no defumador



Carta 126 – Lugar onde se planta os legumes

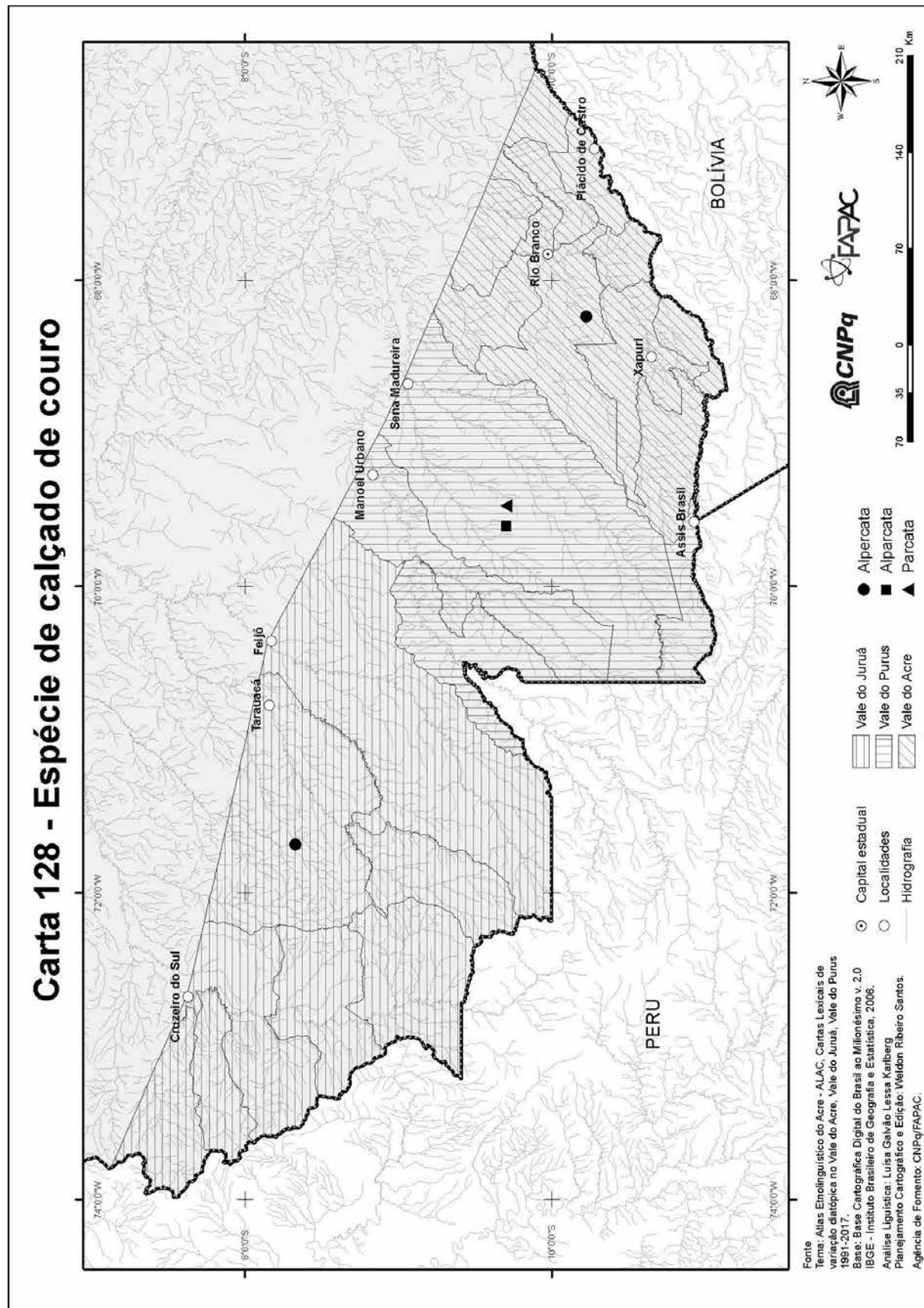


Carta 127 – Nome dado à colha de cereais, tubérculos, produtos agrícolas

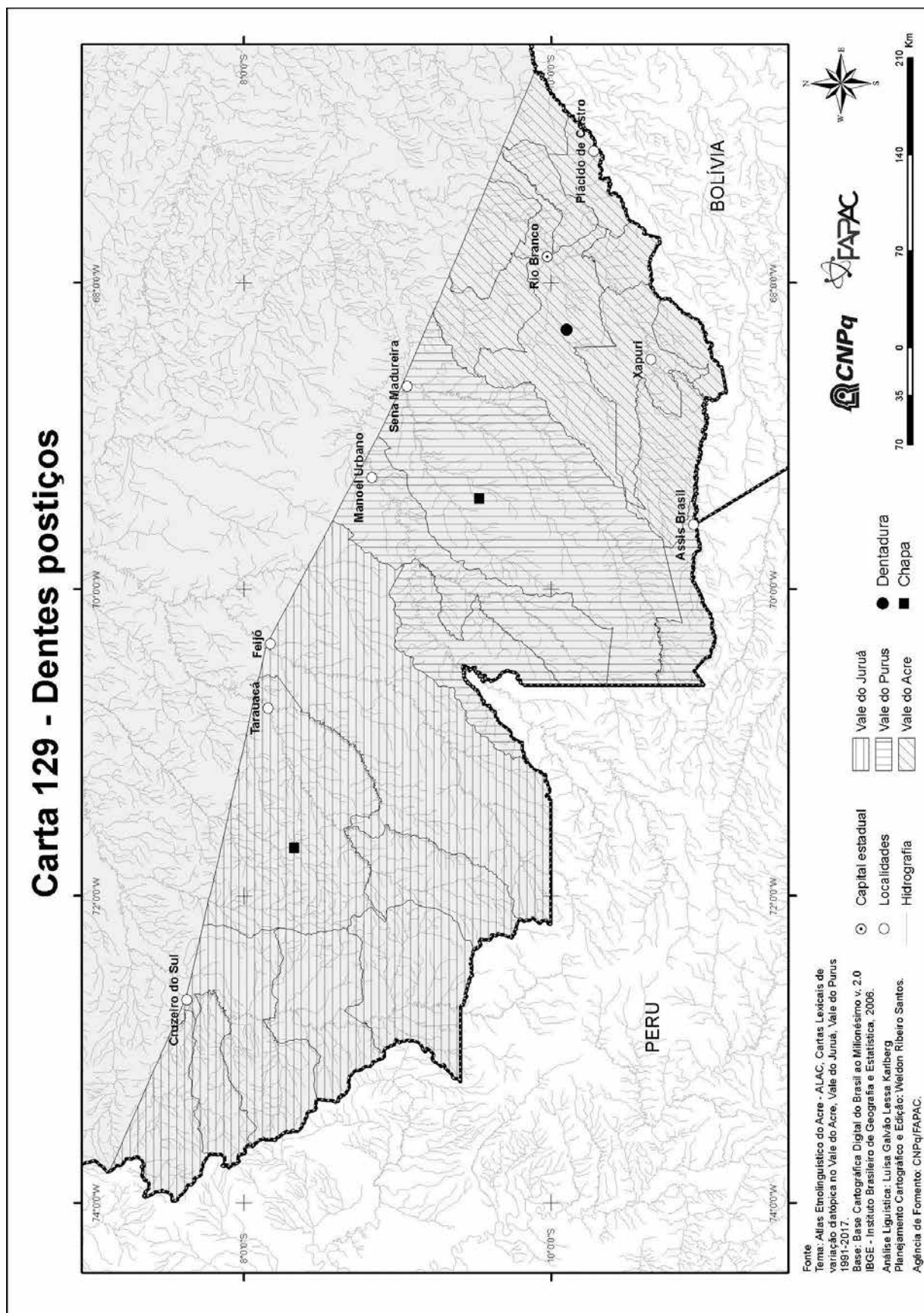


**CAMPO SEMÂNTICO: B – HOMEM  
B – FAMÍLIA  
IX – VESTUÁRIO**

Carta 128 – Espécie de calçado de couro

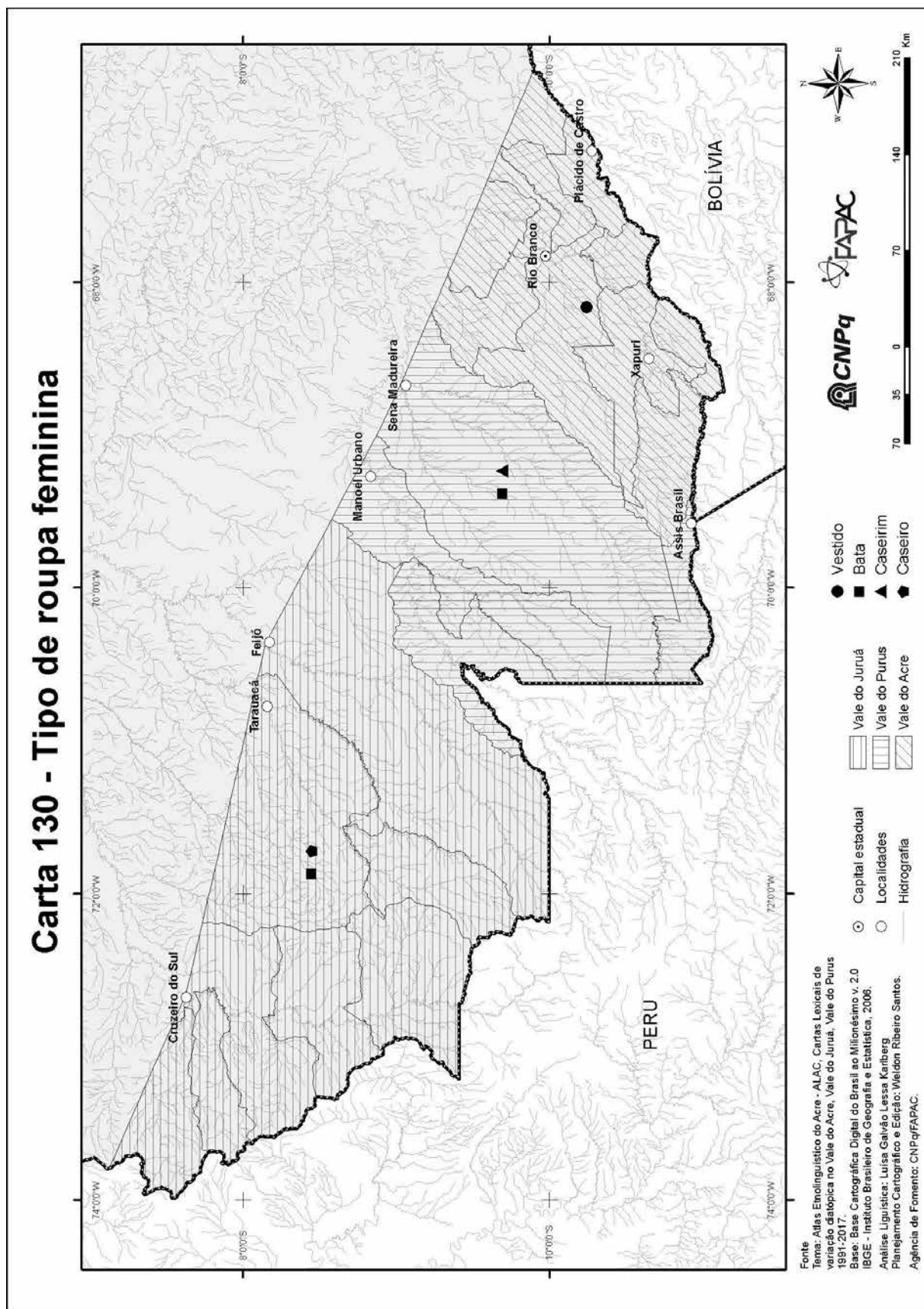


Carta 129 – Dentes postiços

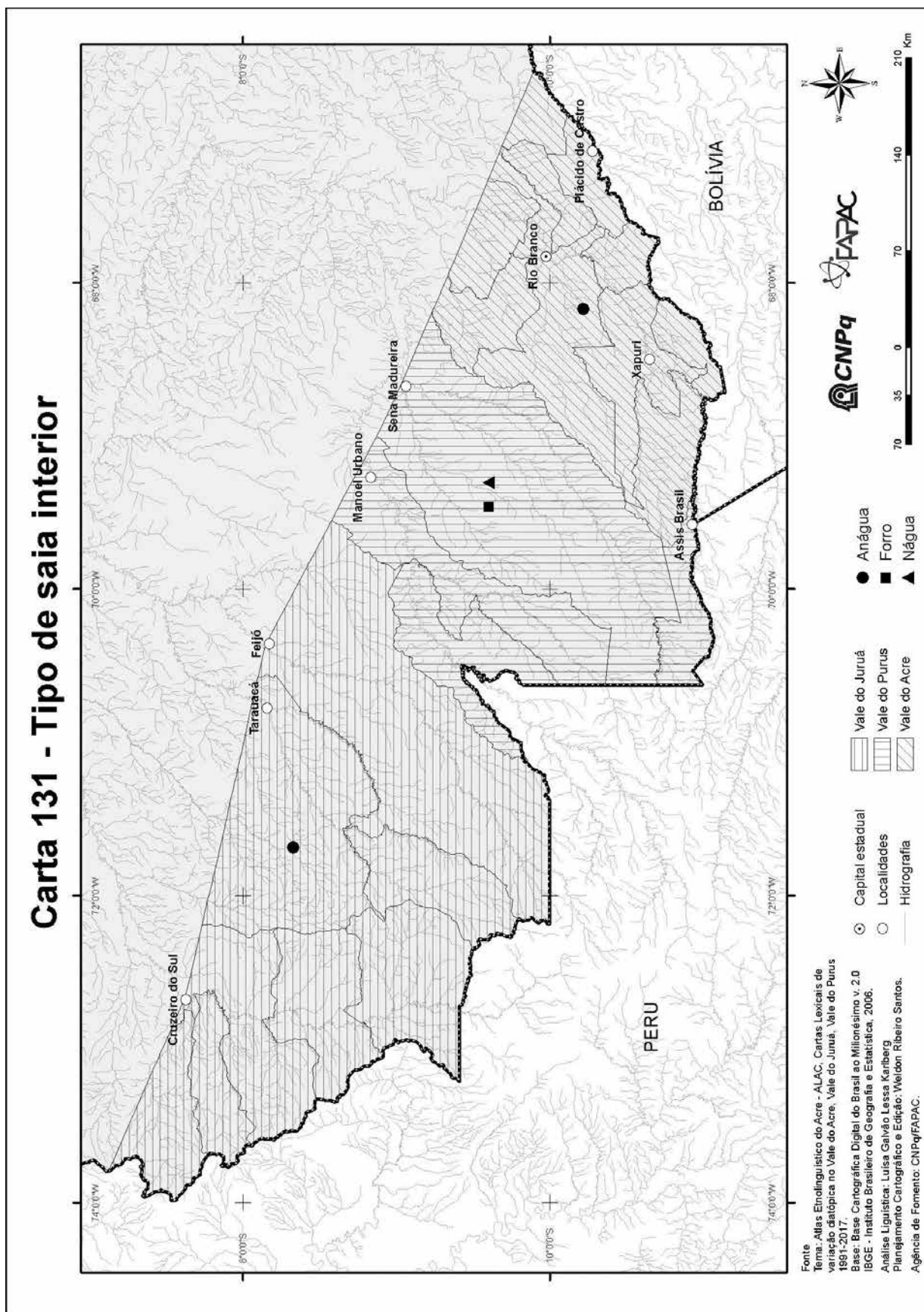




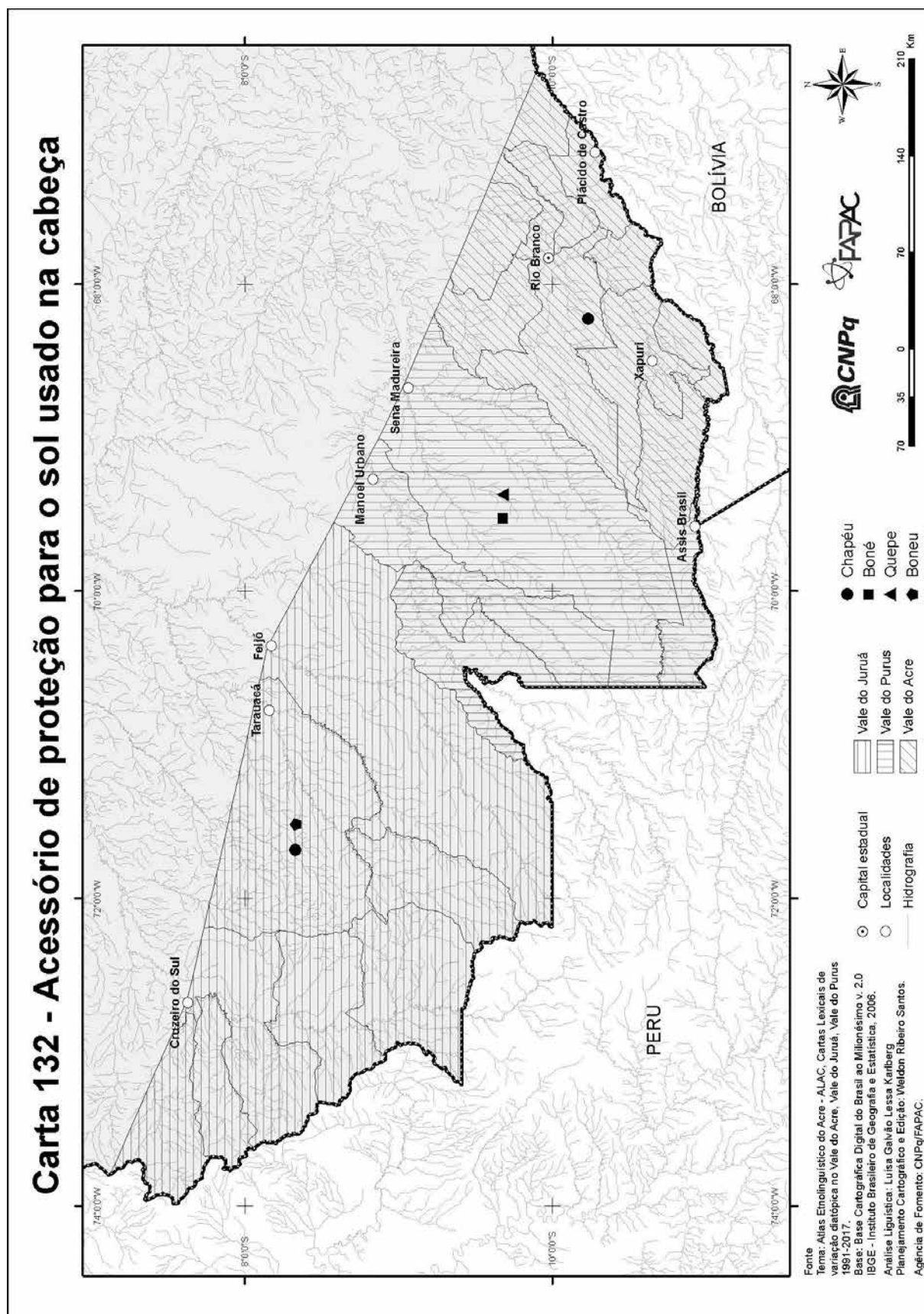
Carta 130 – Tipo de roupa feminina



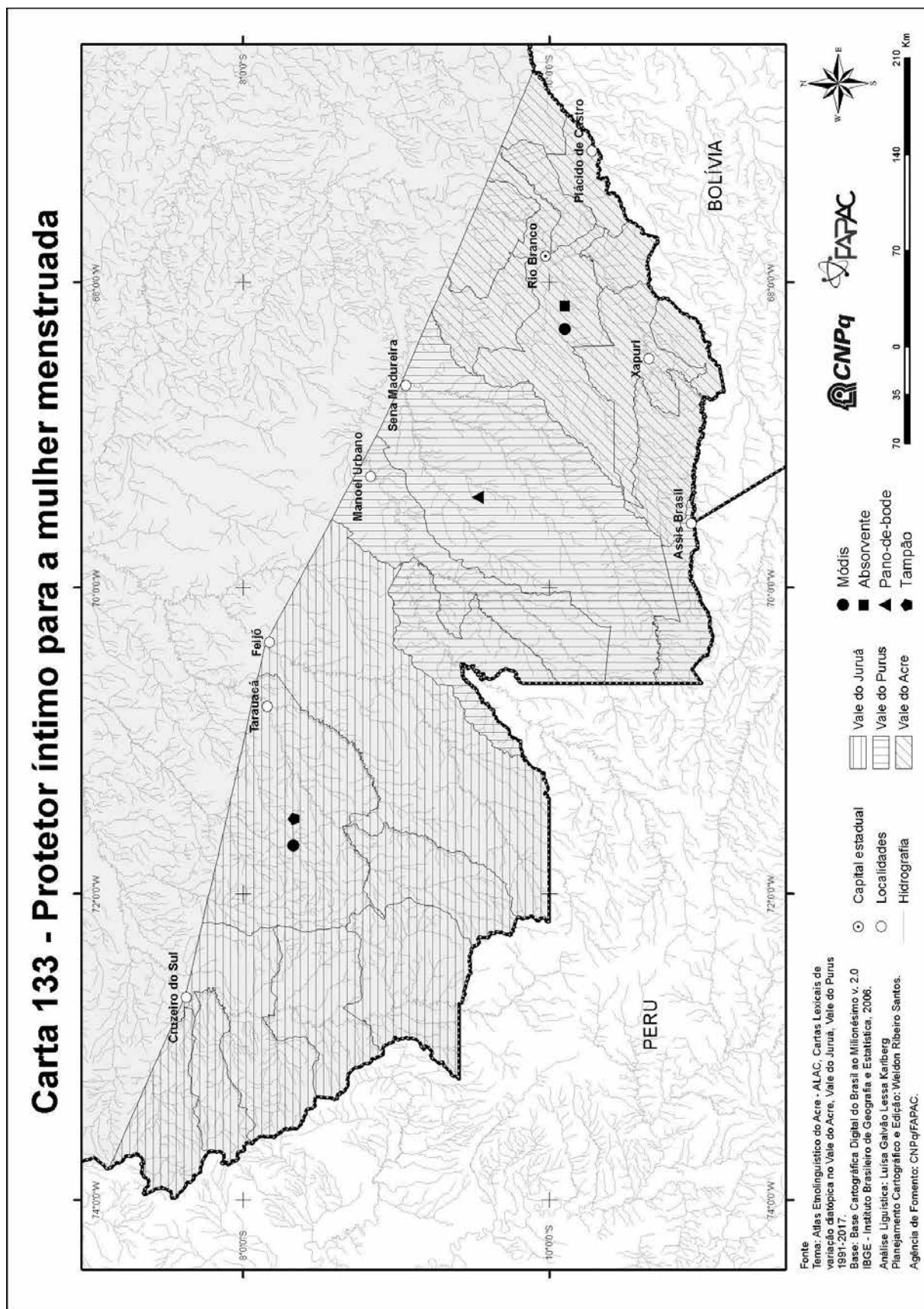
Carta 131 – Tipo de saia interior



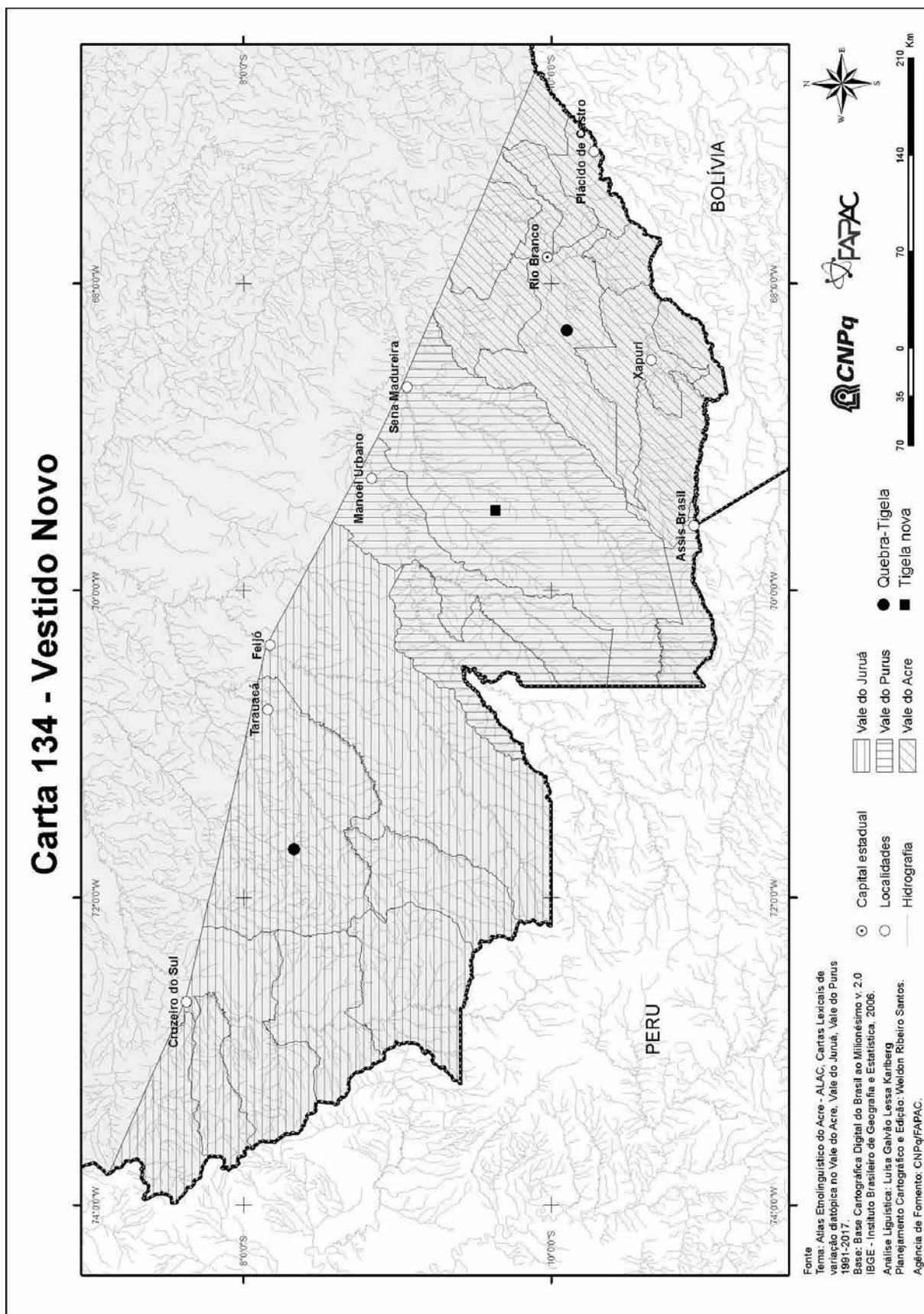
Carta 132 – Acessório de proteção para o sol usado na cabeça



Carta 133 – Protetor íntimo para a mulher menstruada

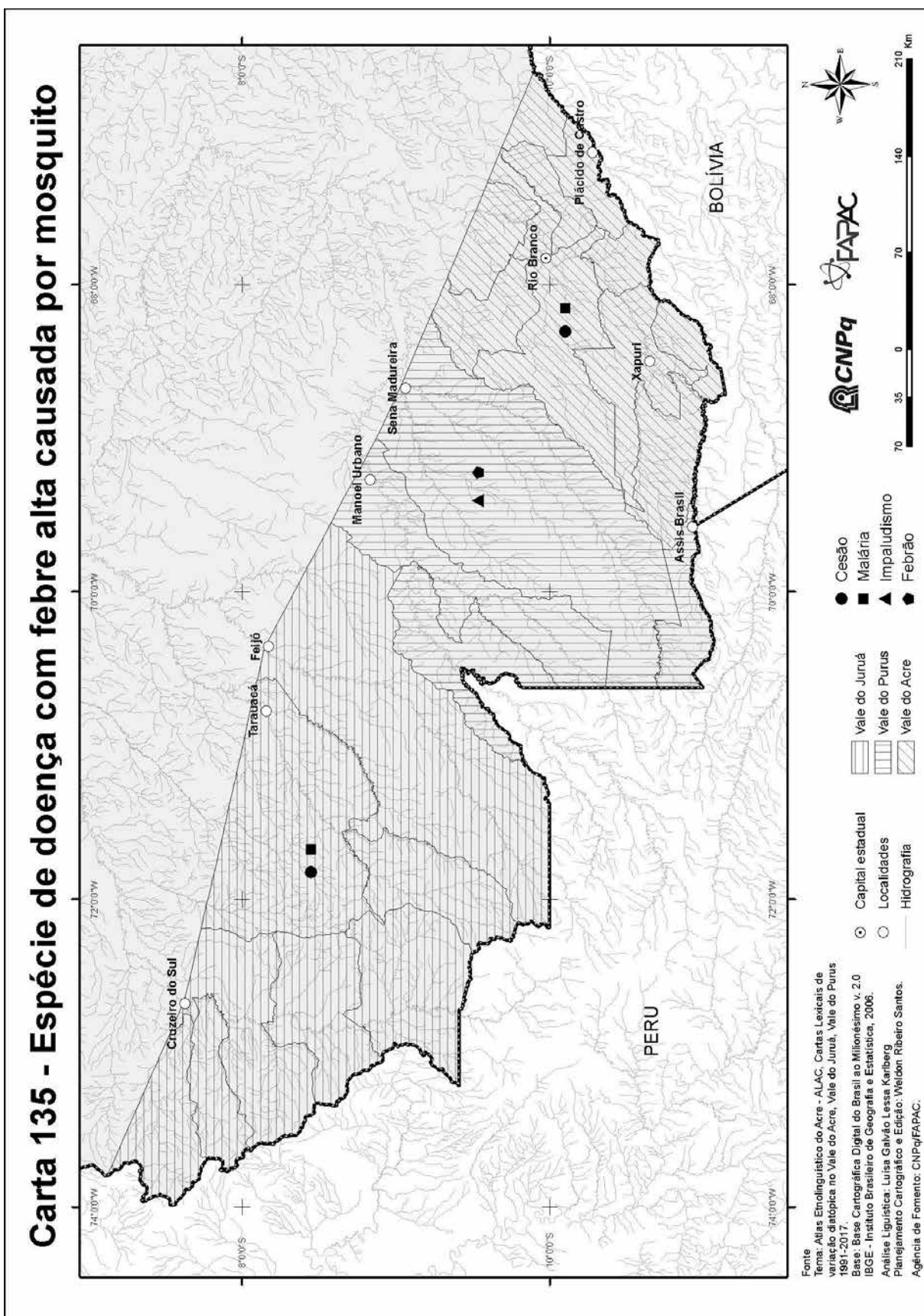


Carta 134 – Vestido novo

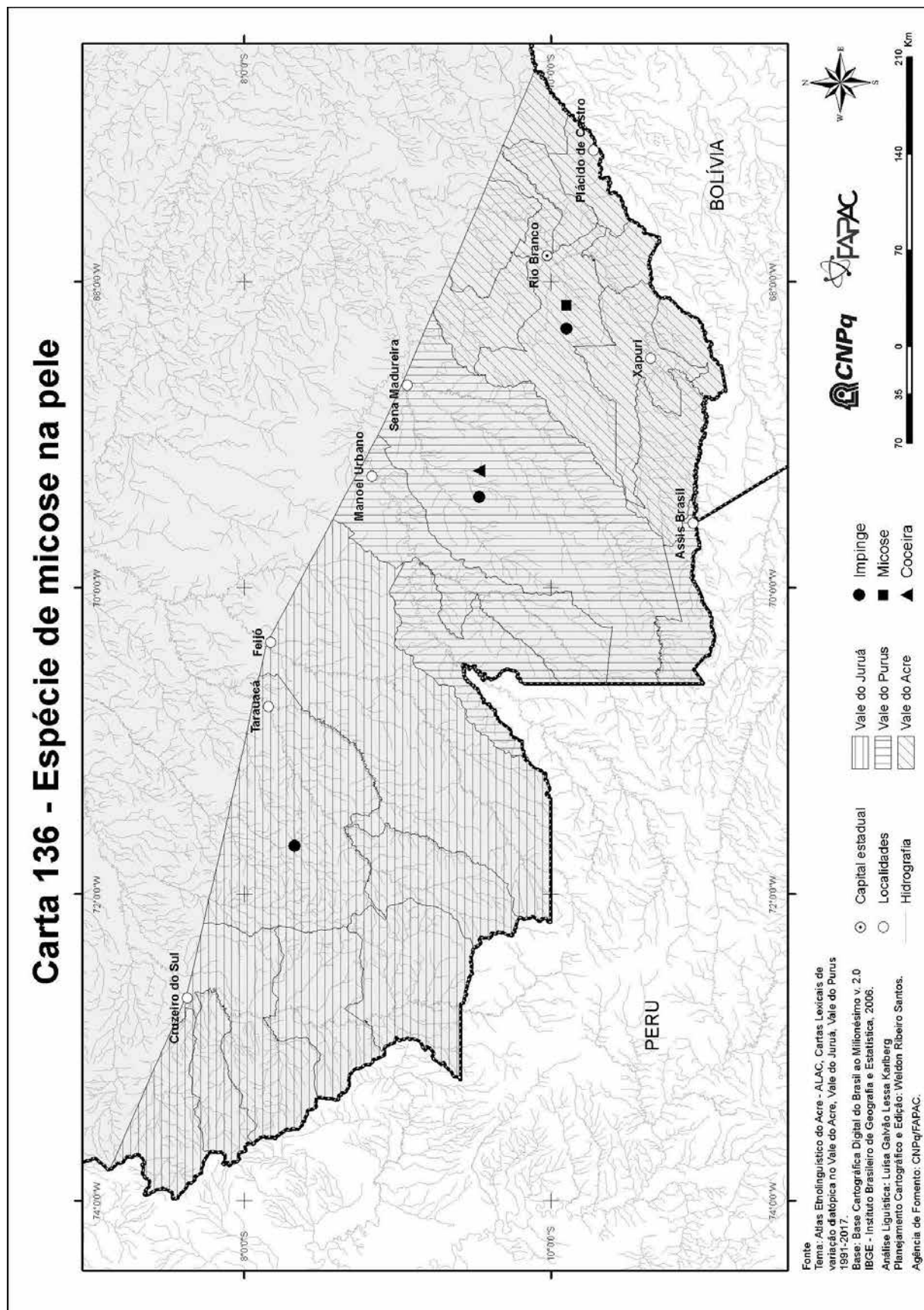


**CAMPO SEMÂNTICO: B – HOMEM**  
**B – FAMÍLIA**  
**X – SAÚDE**

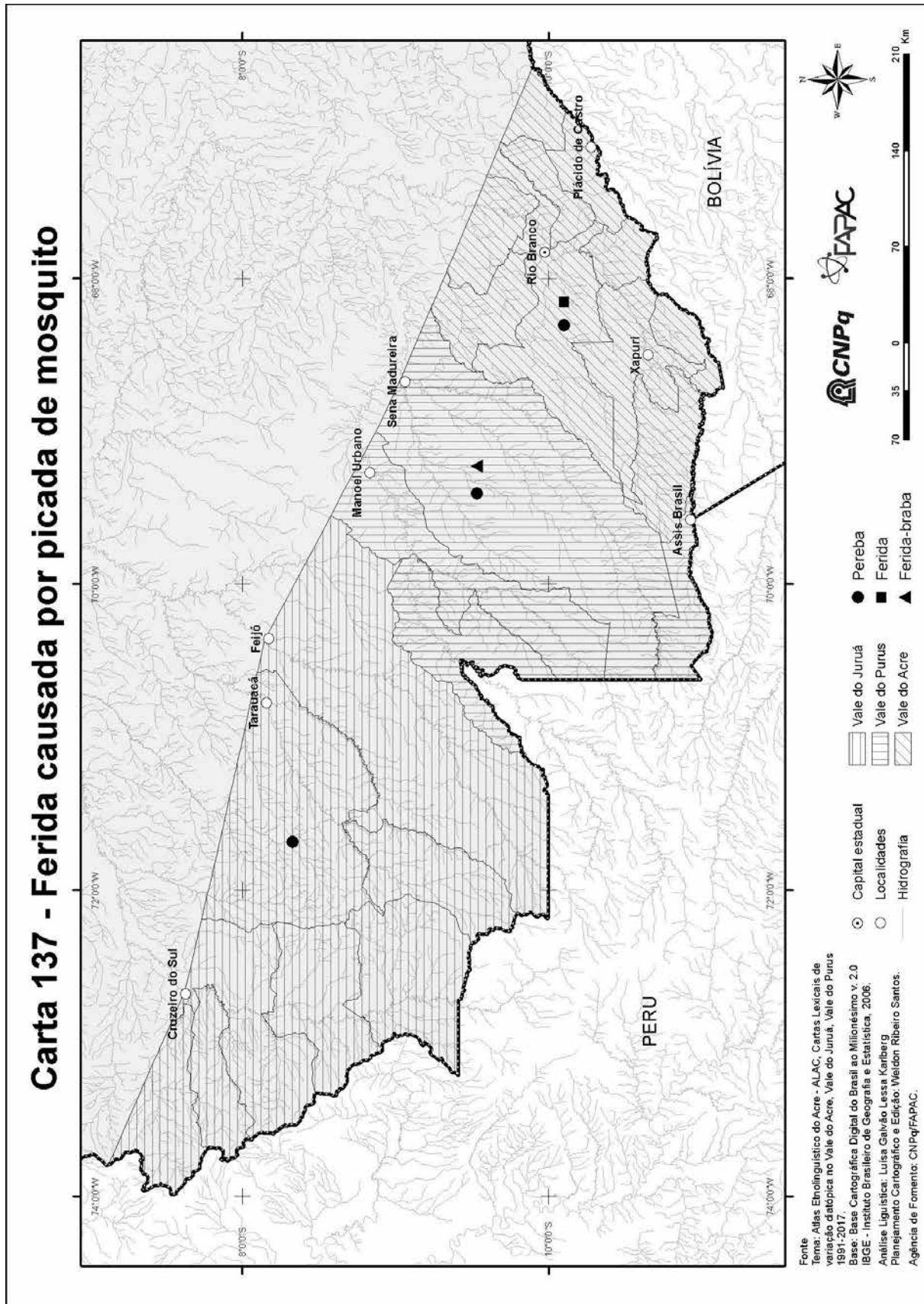
Carta 135 – Espécie de doença com febre alta causada por mosquito



Carta 136 – Espécie de micose na pele

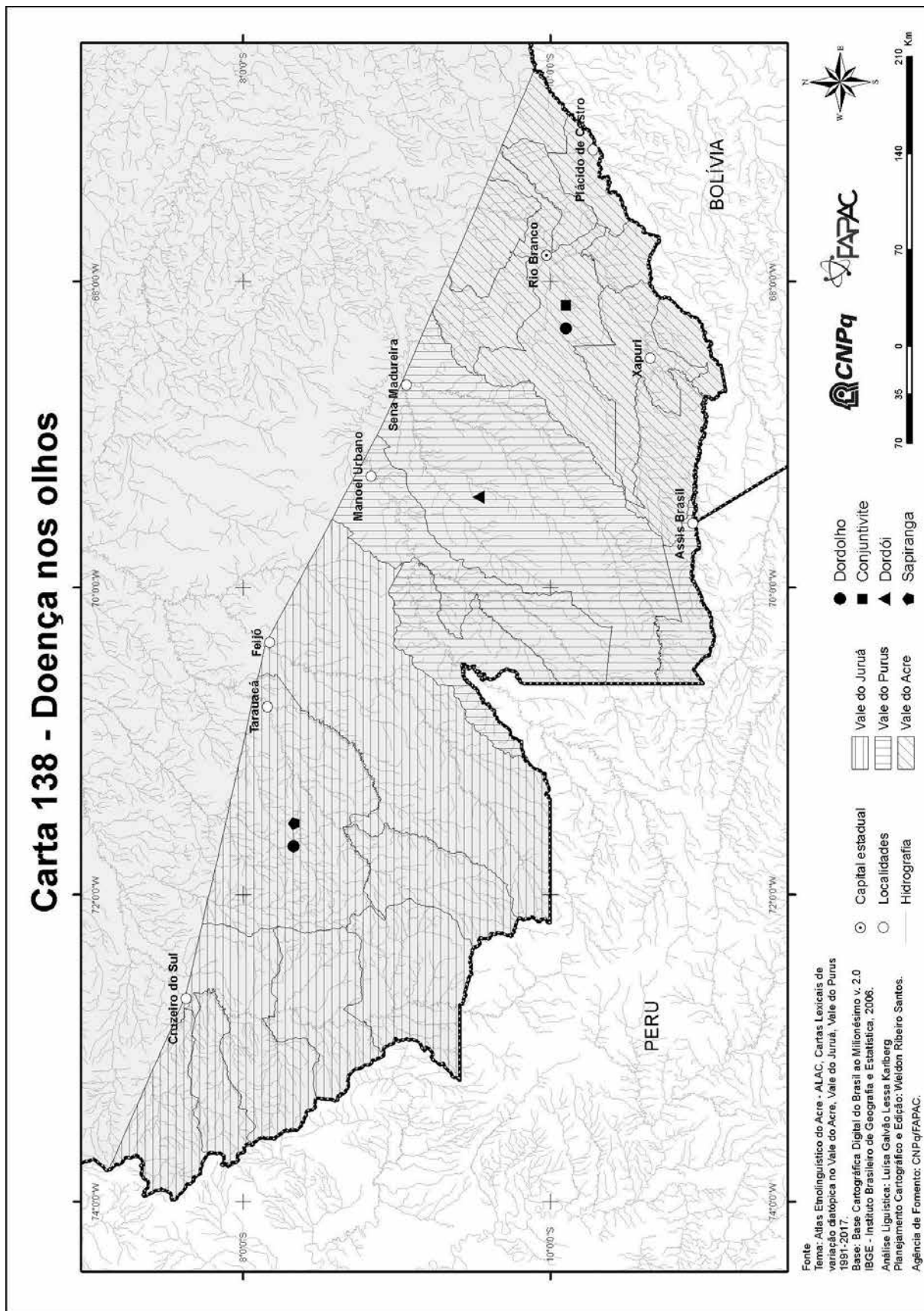


Carta 137 – Ferida causada por picada de mosquito

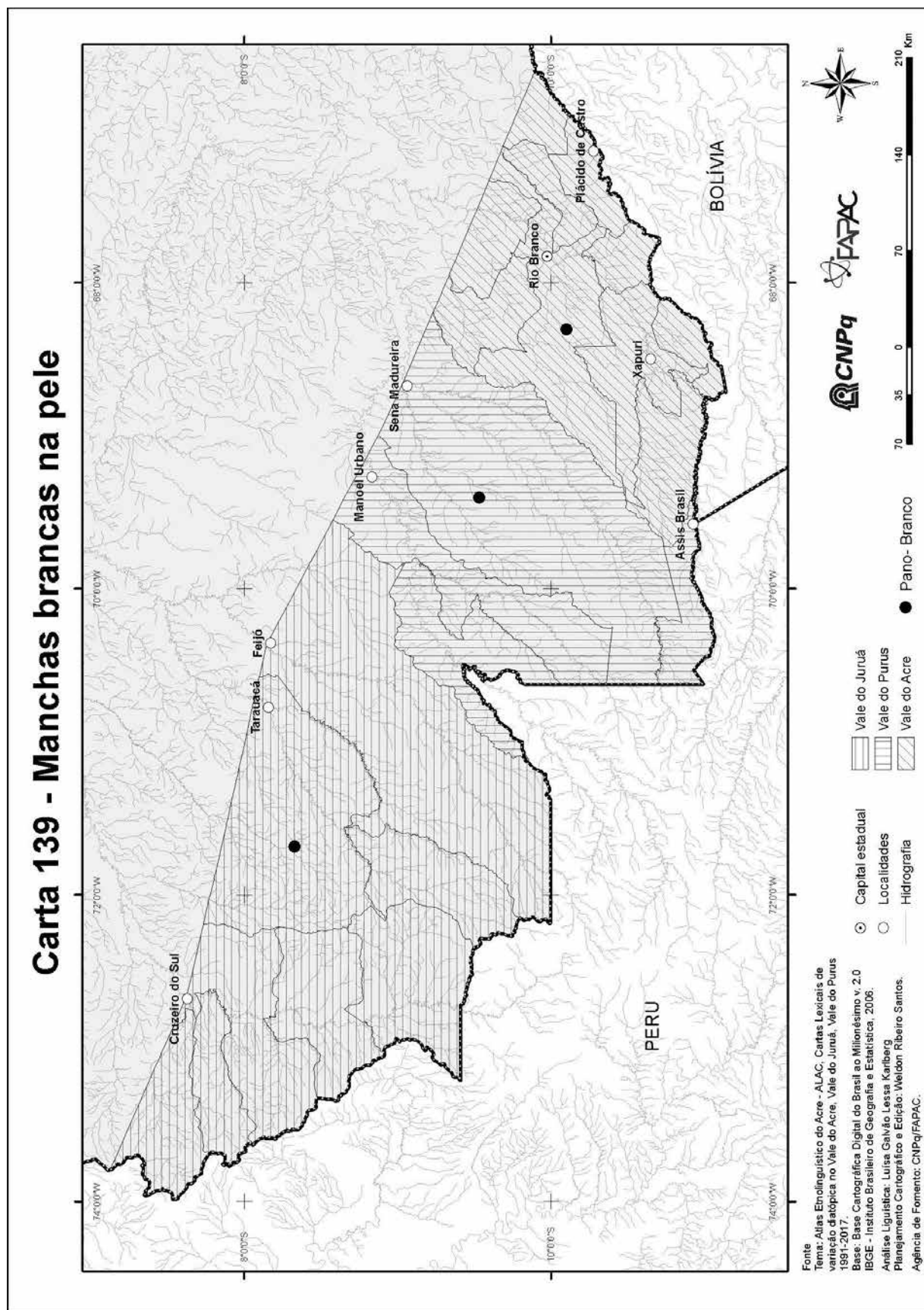




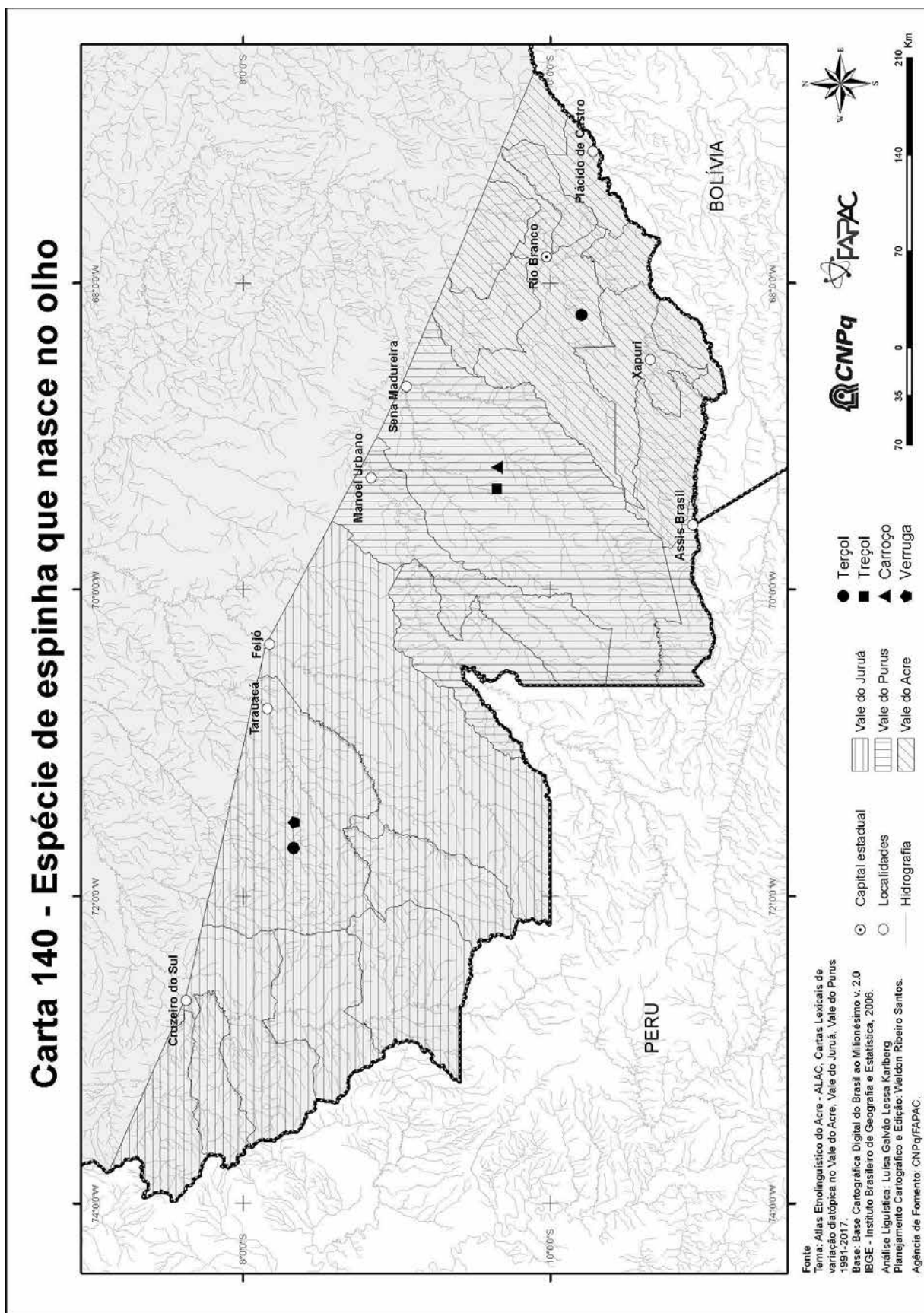
Carta 138 – Doença nos olhos



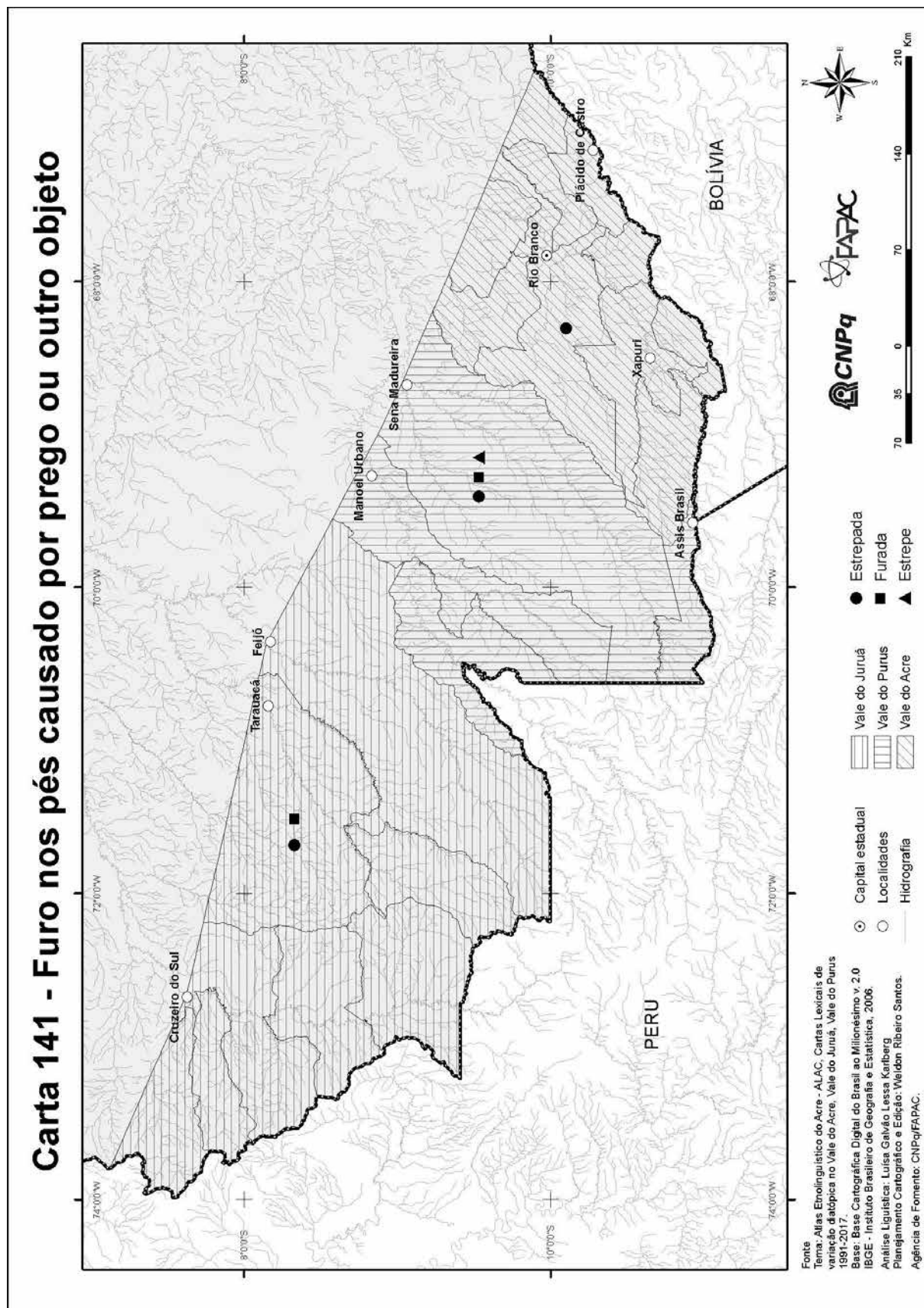
Carta 139 – Manchas brancas na pele



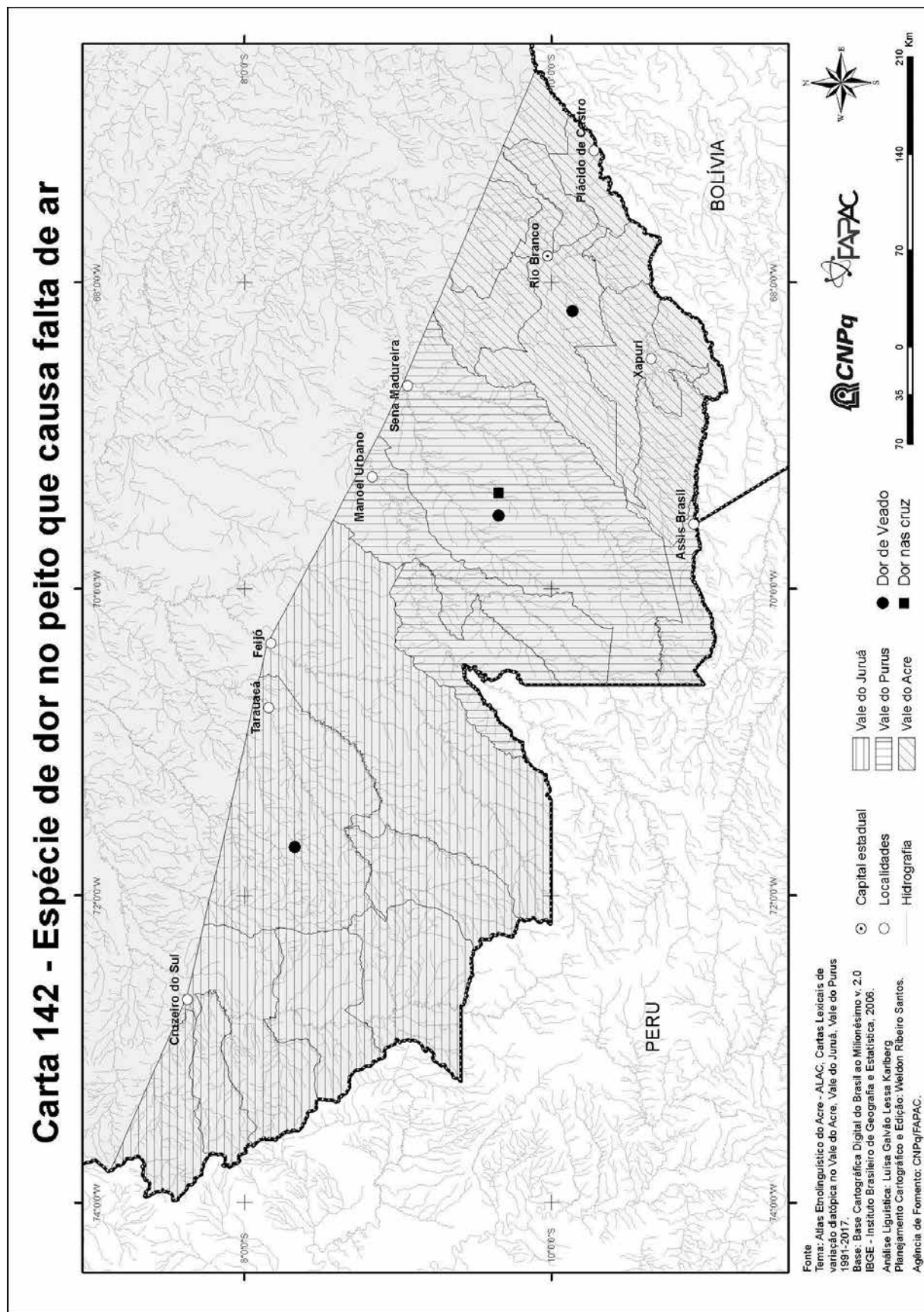
Carta 140 – Espécie de espinha que nasce no olho



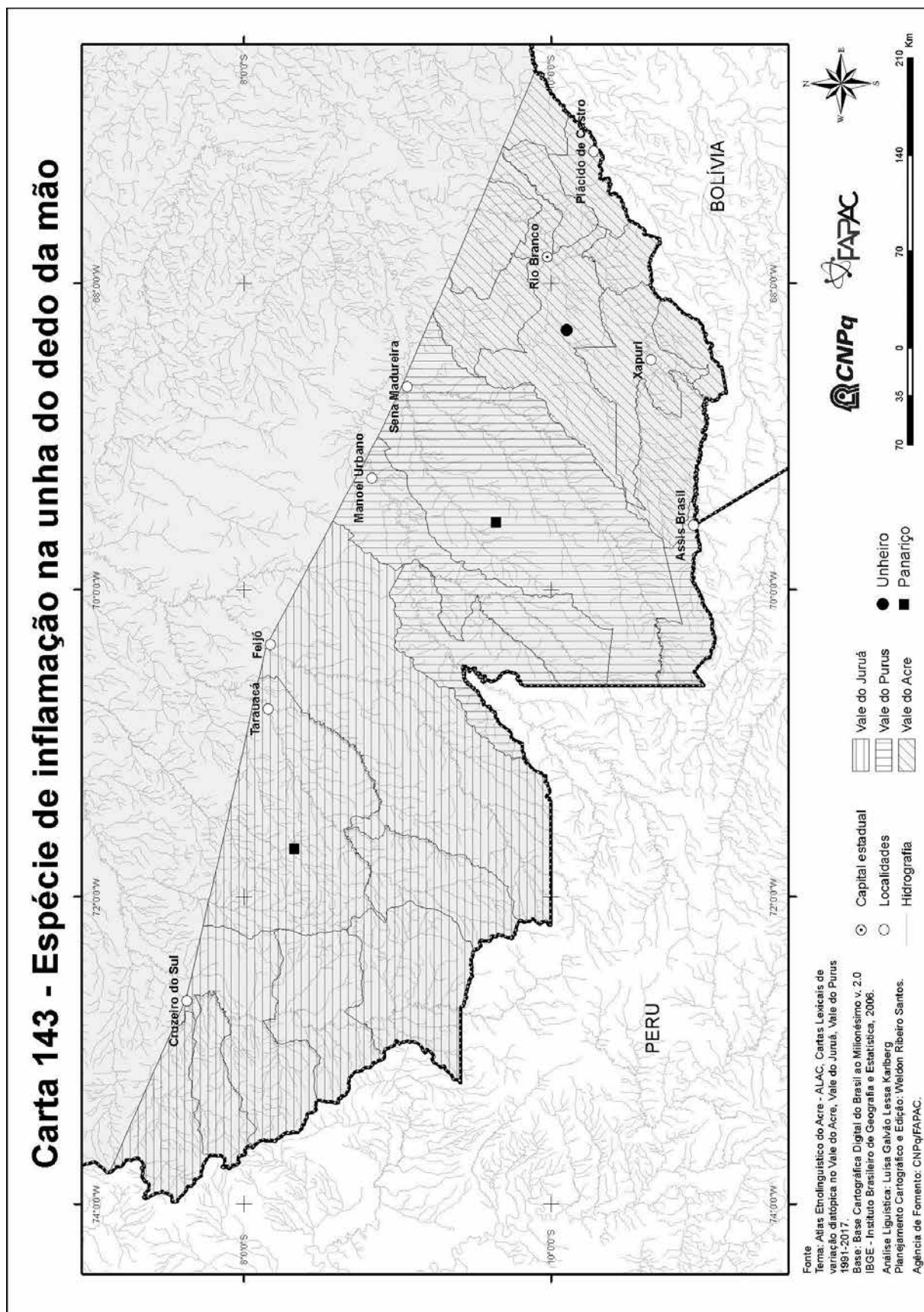
Carta 141 – Furo nos pés causado por prego ou outro objeto



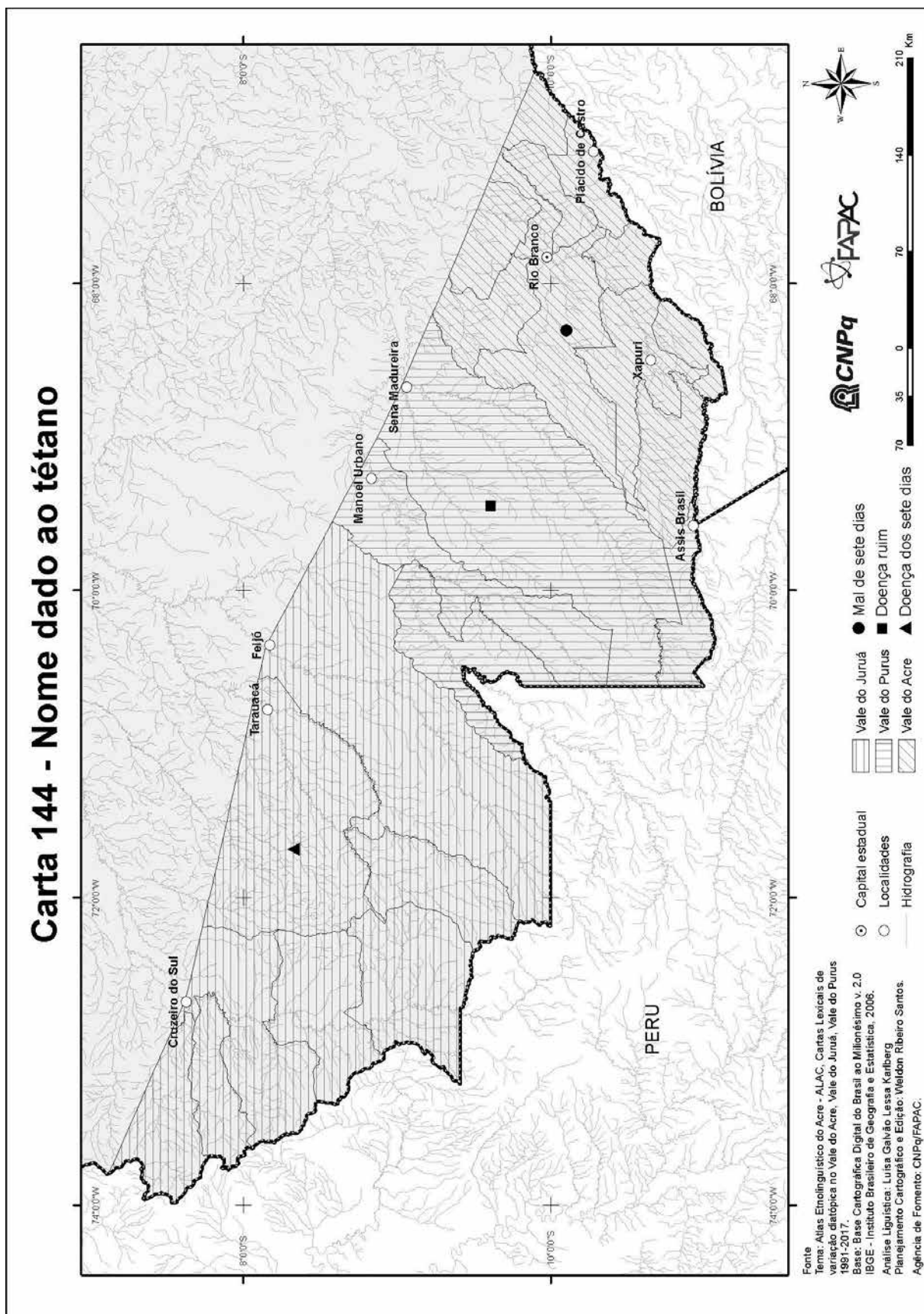
Carta 142 – Espécie de dor no peito que causa falta de ar



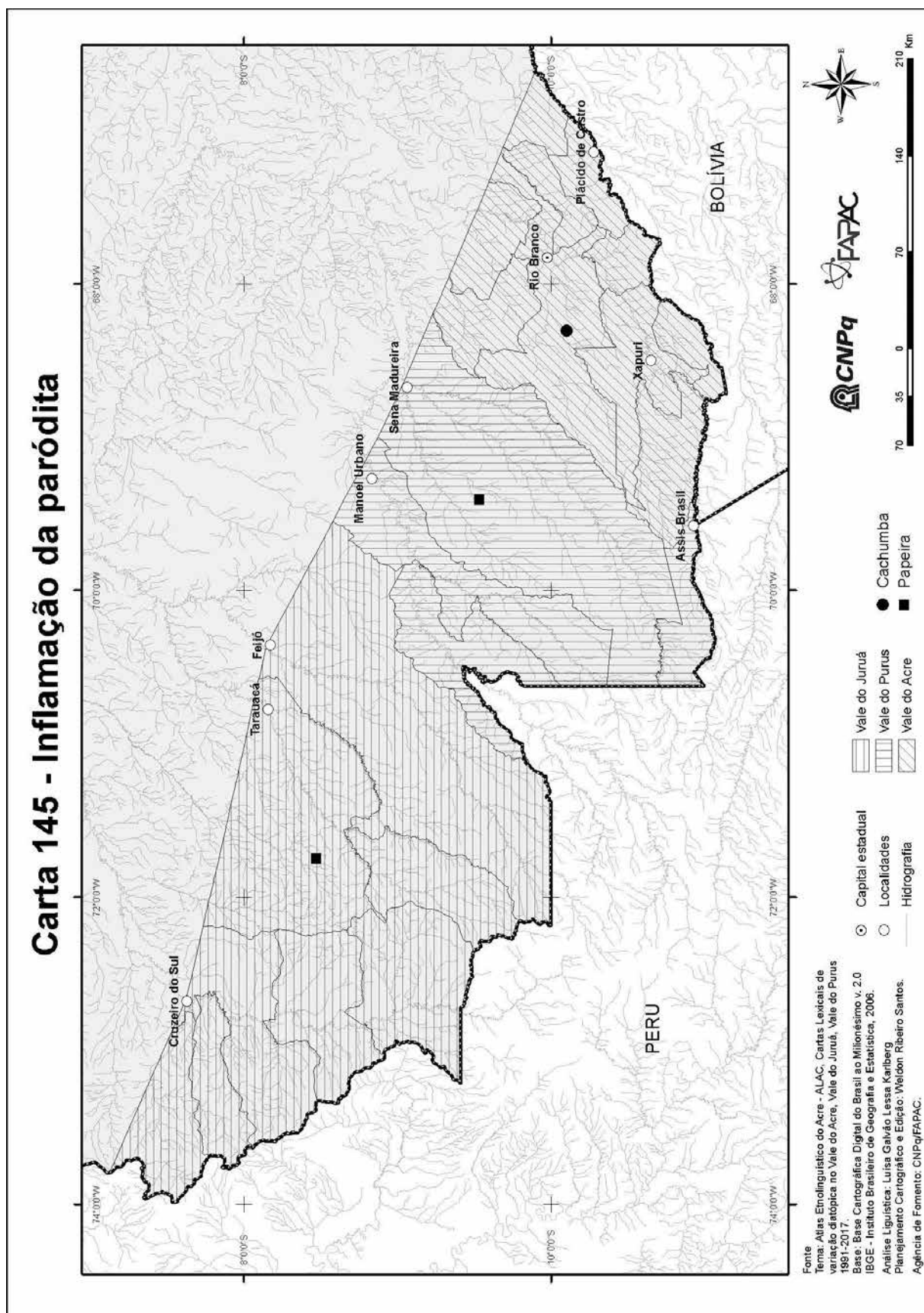
Carta 143 – Espécie de inflamação na unha do dedo da mão



Carta 144 – Nome dado ao tétano

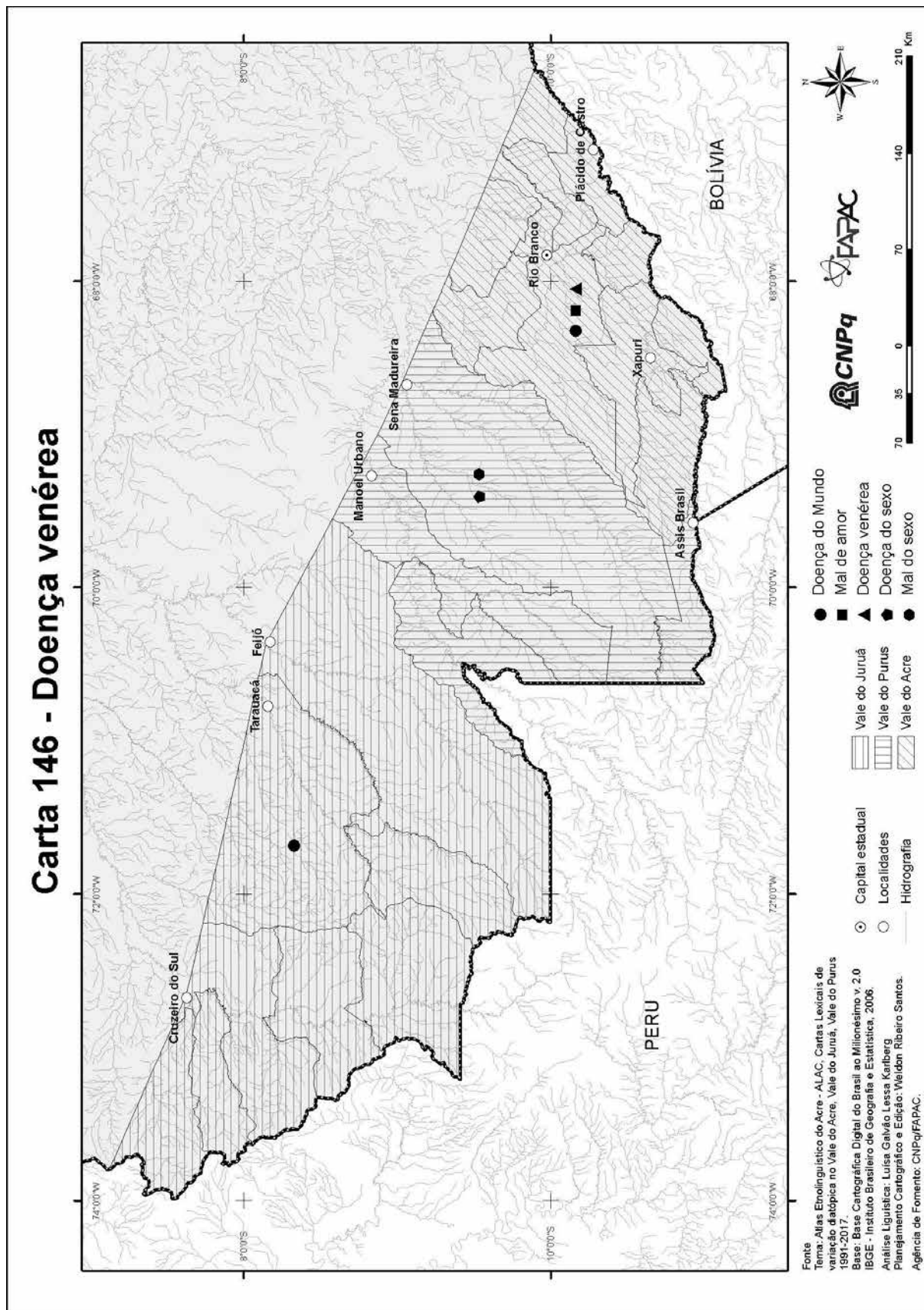


Carta 145 – Inflamação da paródita

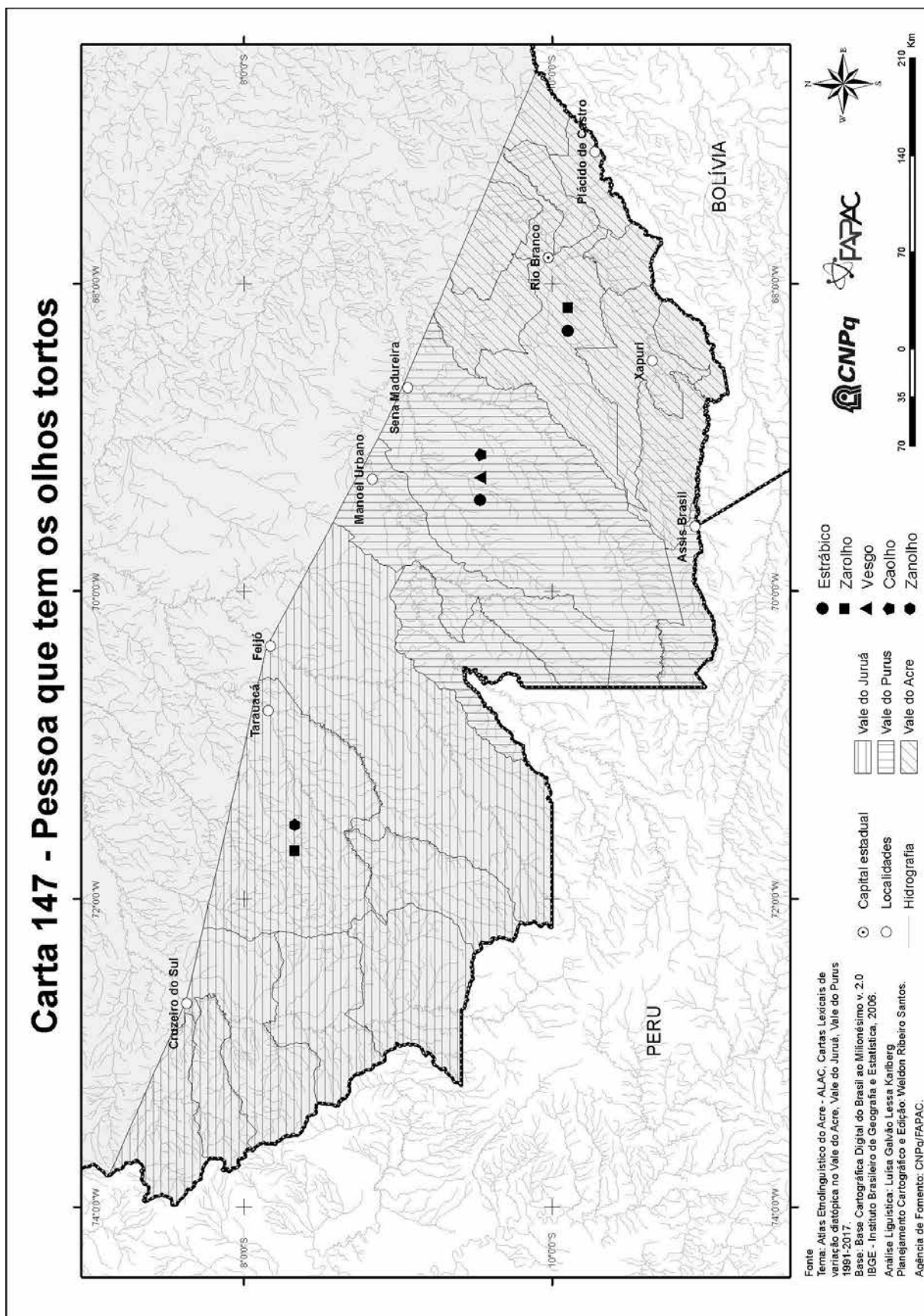




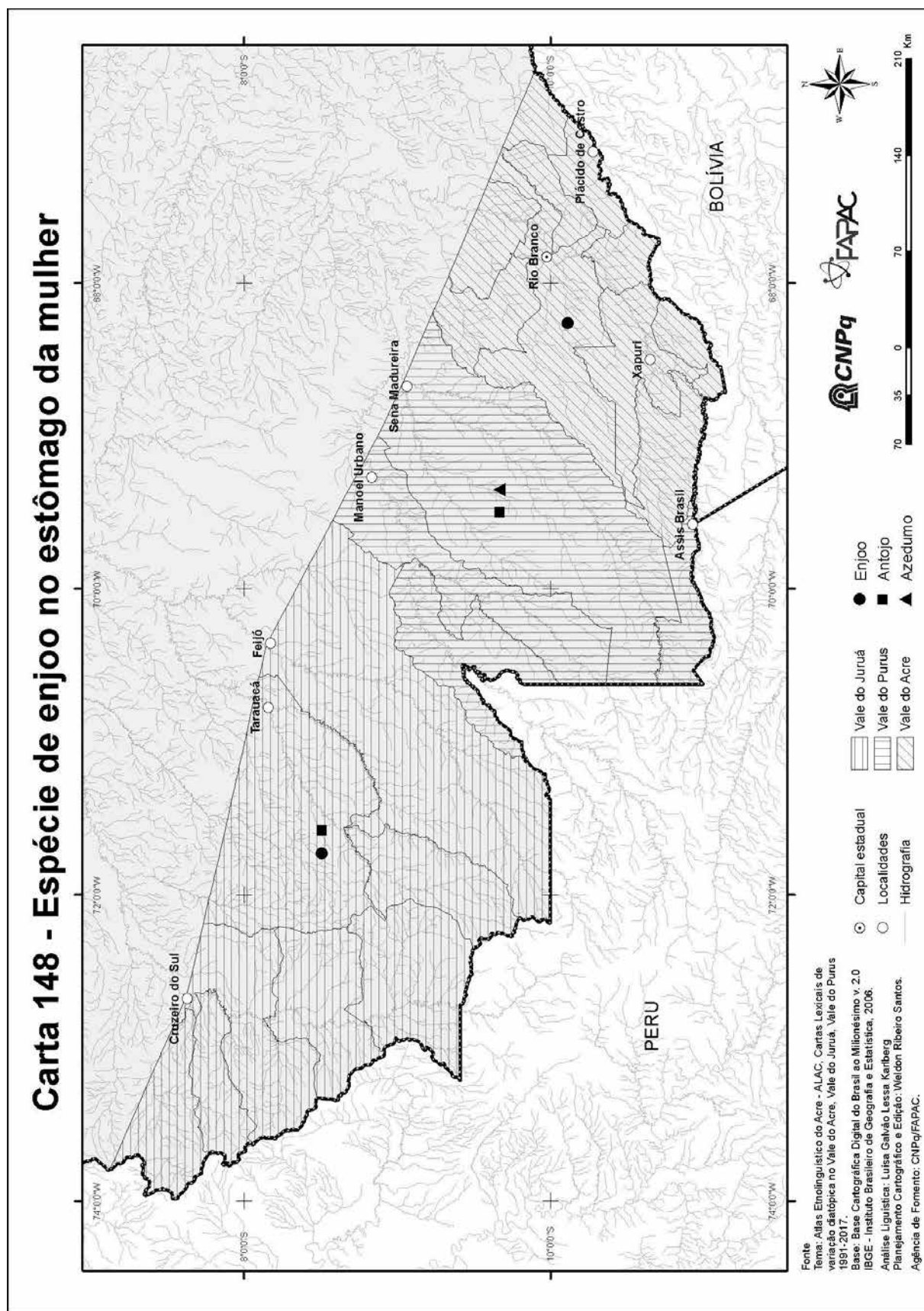
Carta 146 – Doença venérea



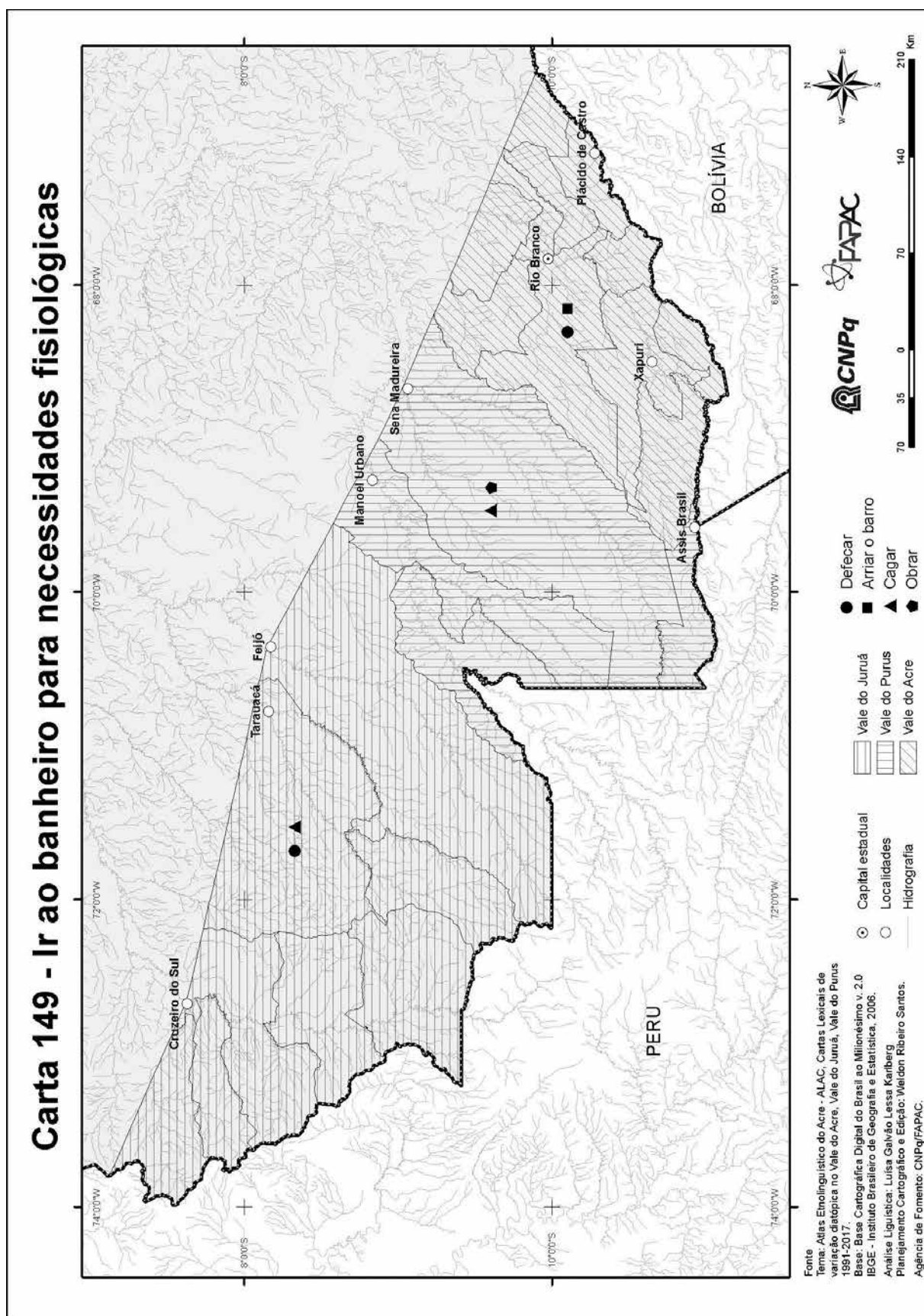
Carta 147 – Pessoa que tem os olhos tortos



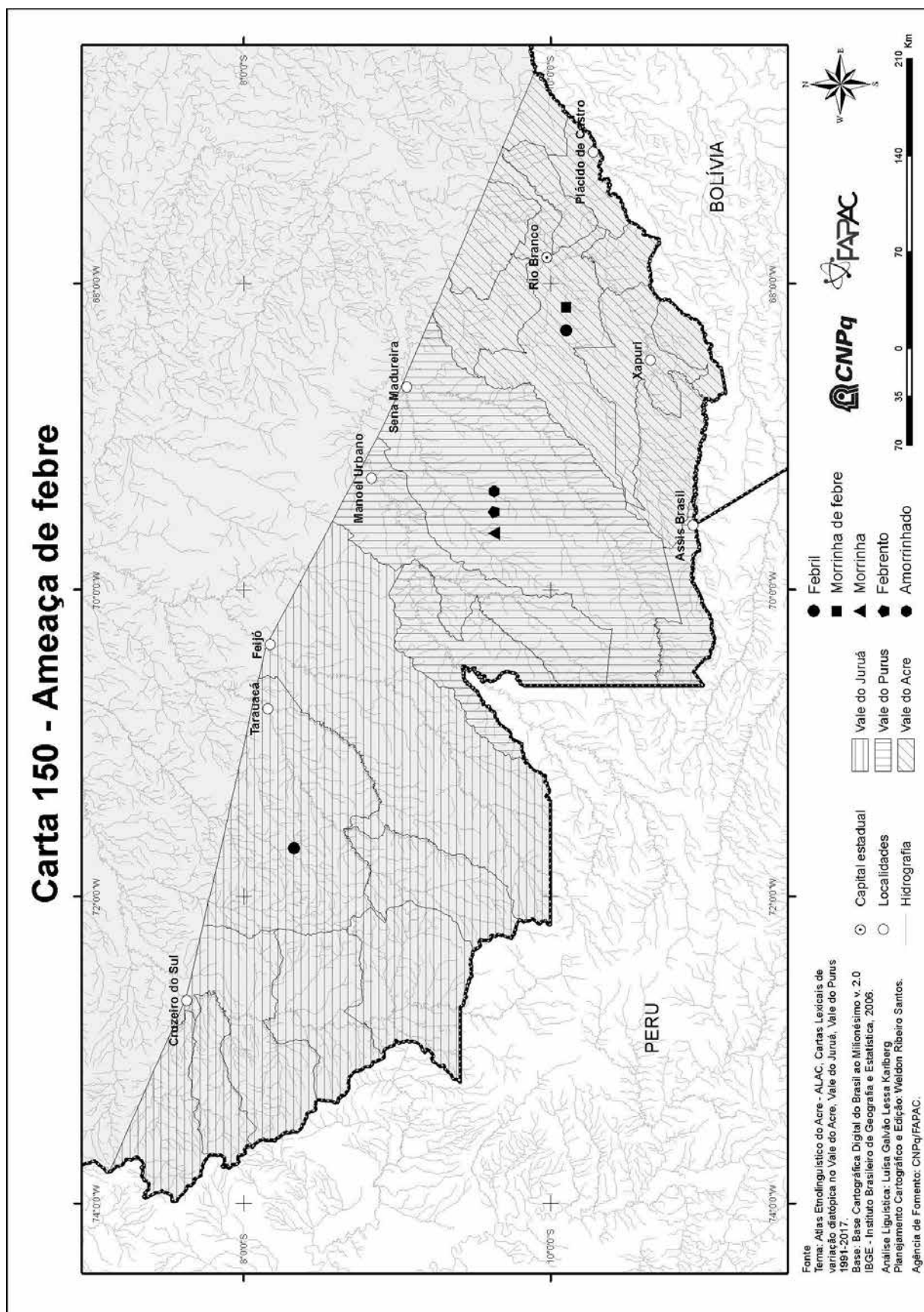
Carta 148 – Espécie de enjoo no estômago da mulher



Carta 149 – Ir ao banheiro para necessidades fisiológicas

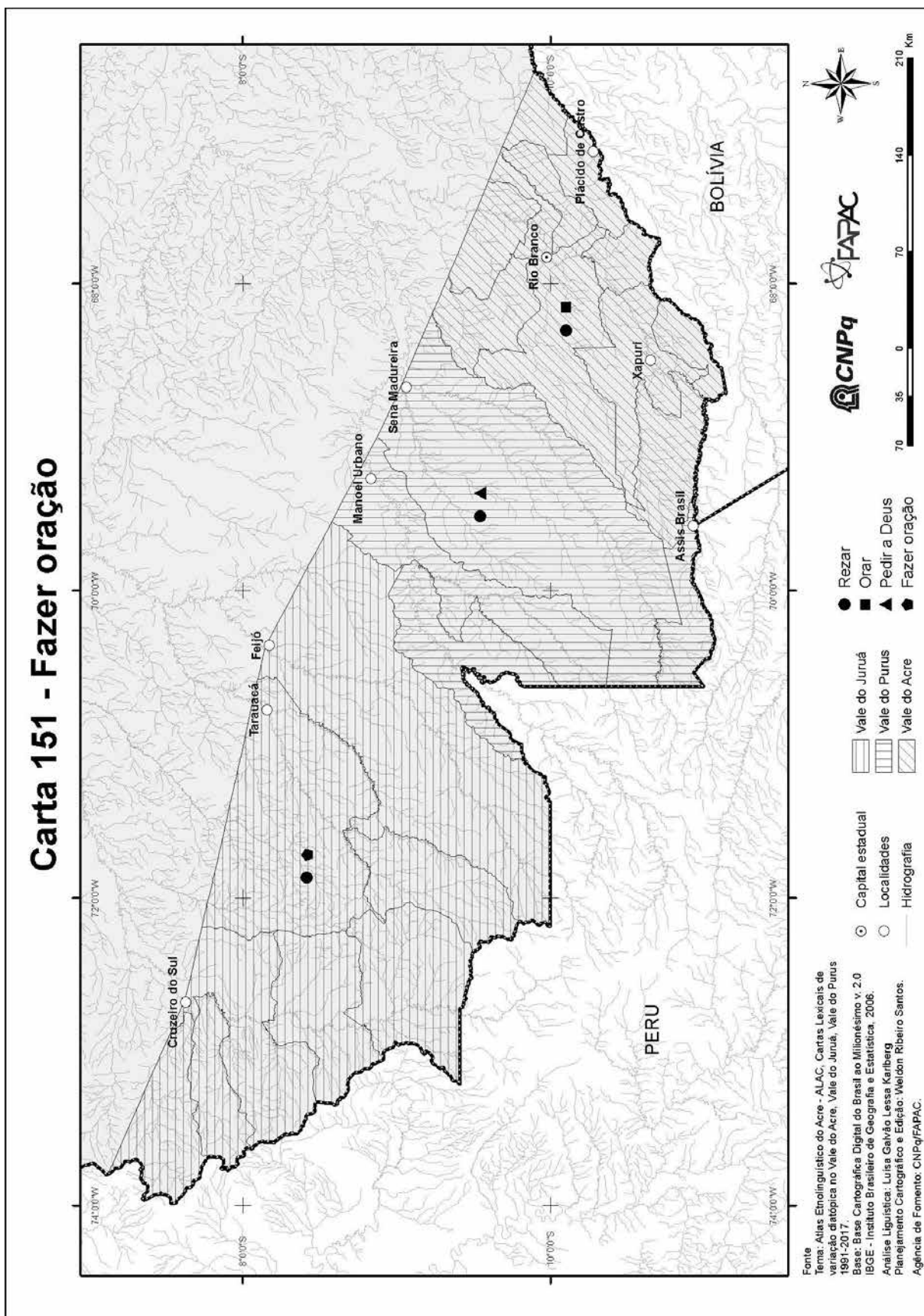


Carta 150 – Ameaça de febre

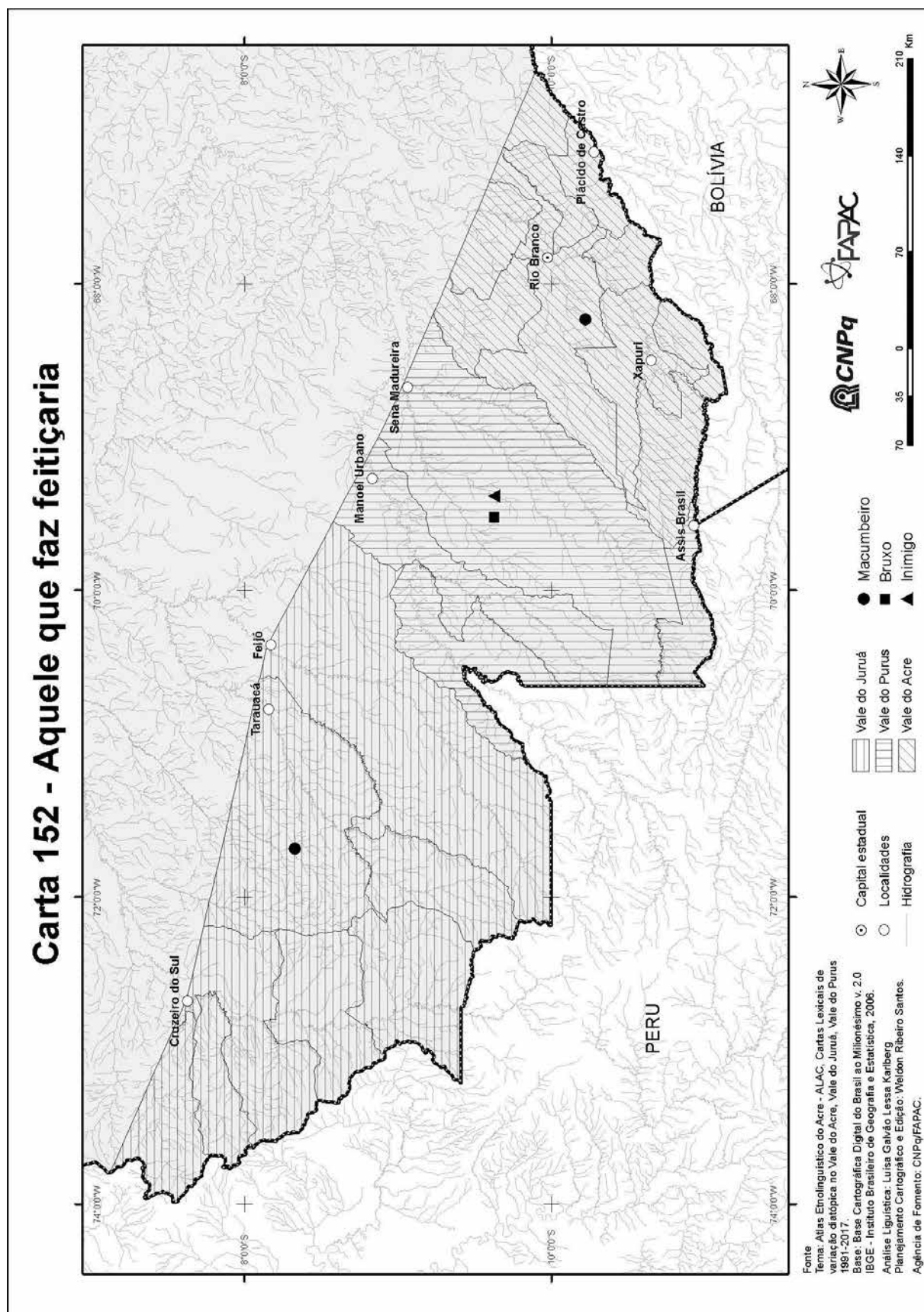


**CAMPO SEMÂNTICO: B – HOMEM**  
**B – FAMÍLIA**  
**XI – RELIGIÃO E CRENDICES**

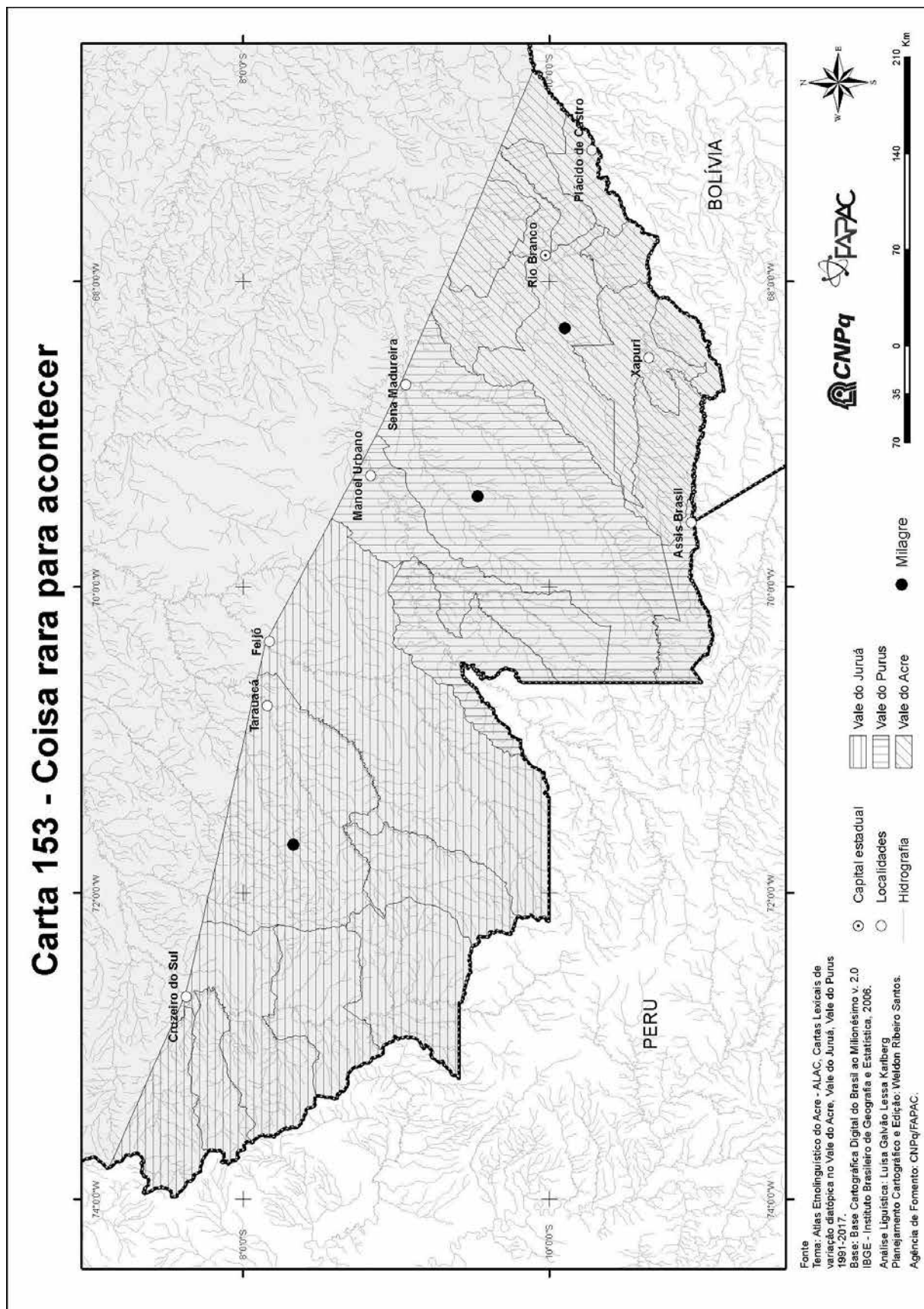
Carta 151 – Fazer oração



Carta 152 – Aquele que faz feitiçaria

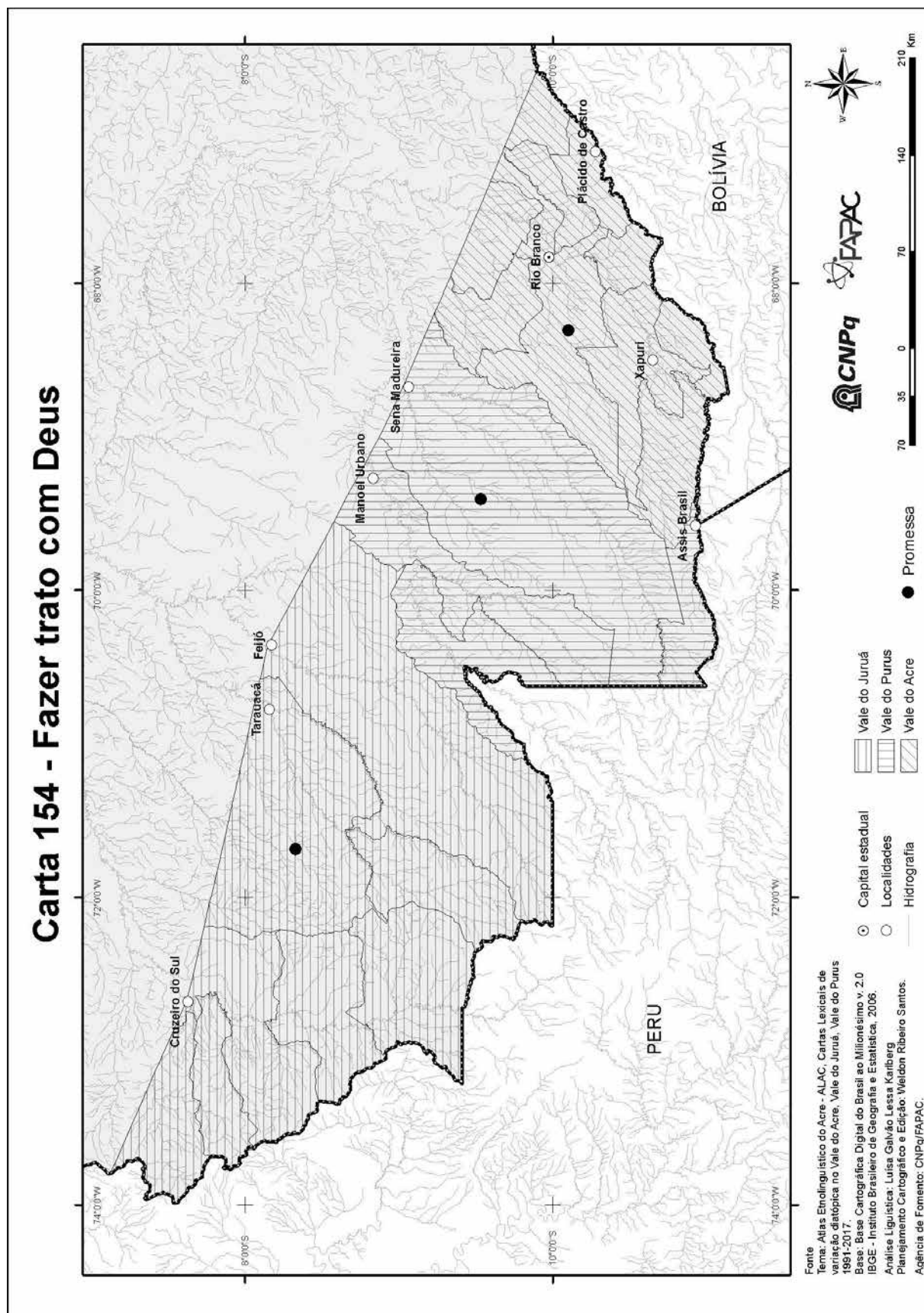


Carta 153 – Coisa rara para acontecer

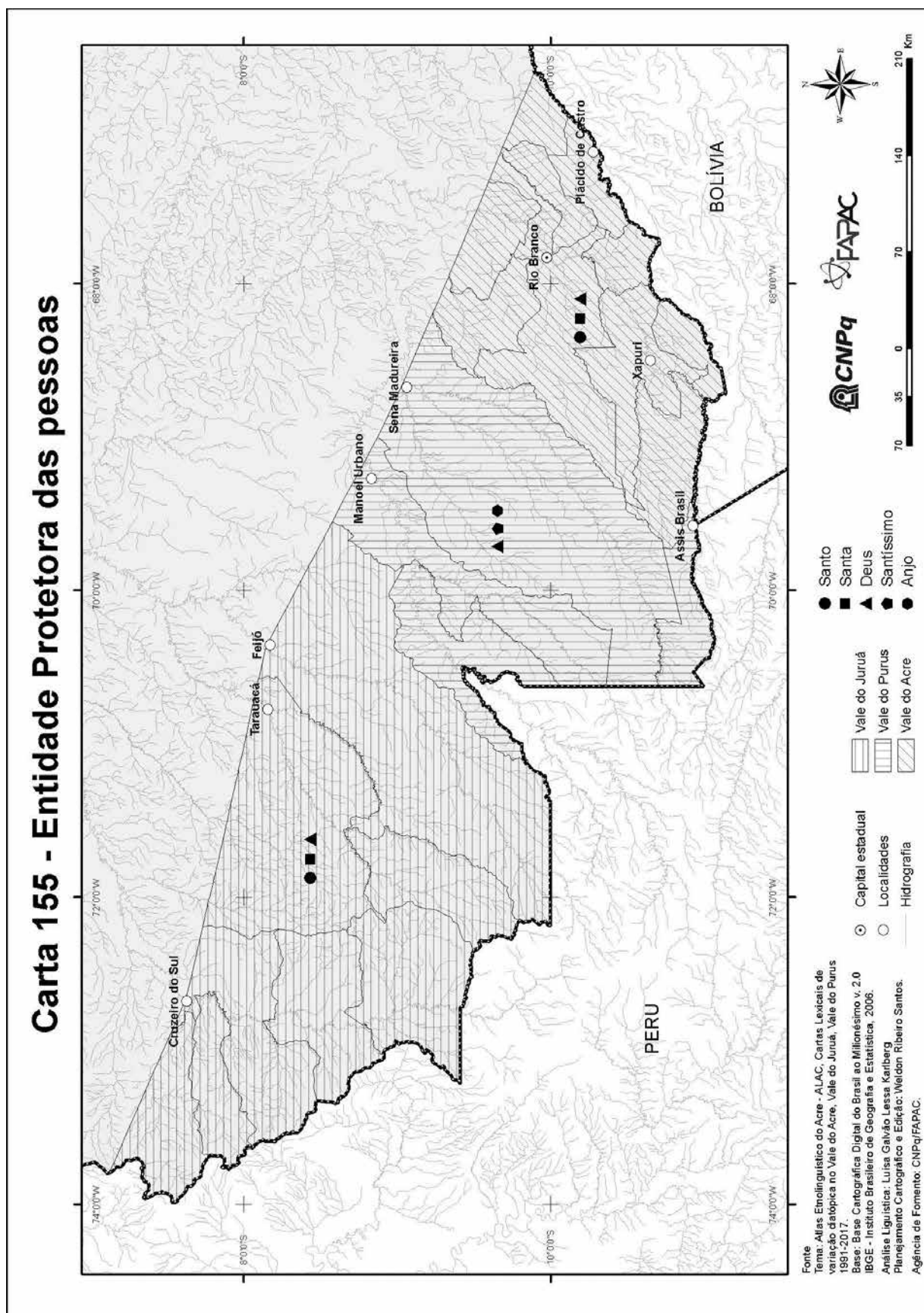




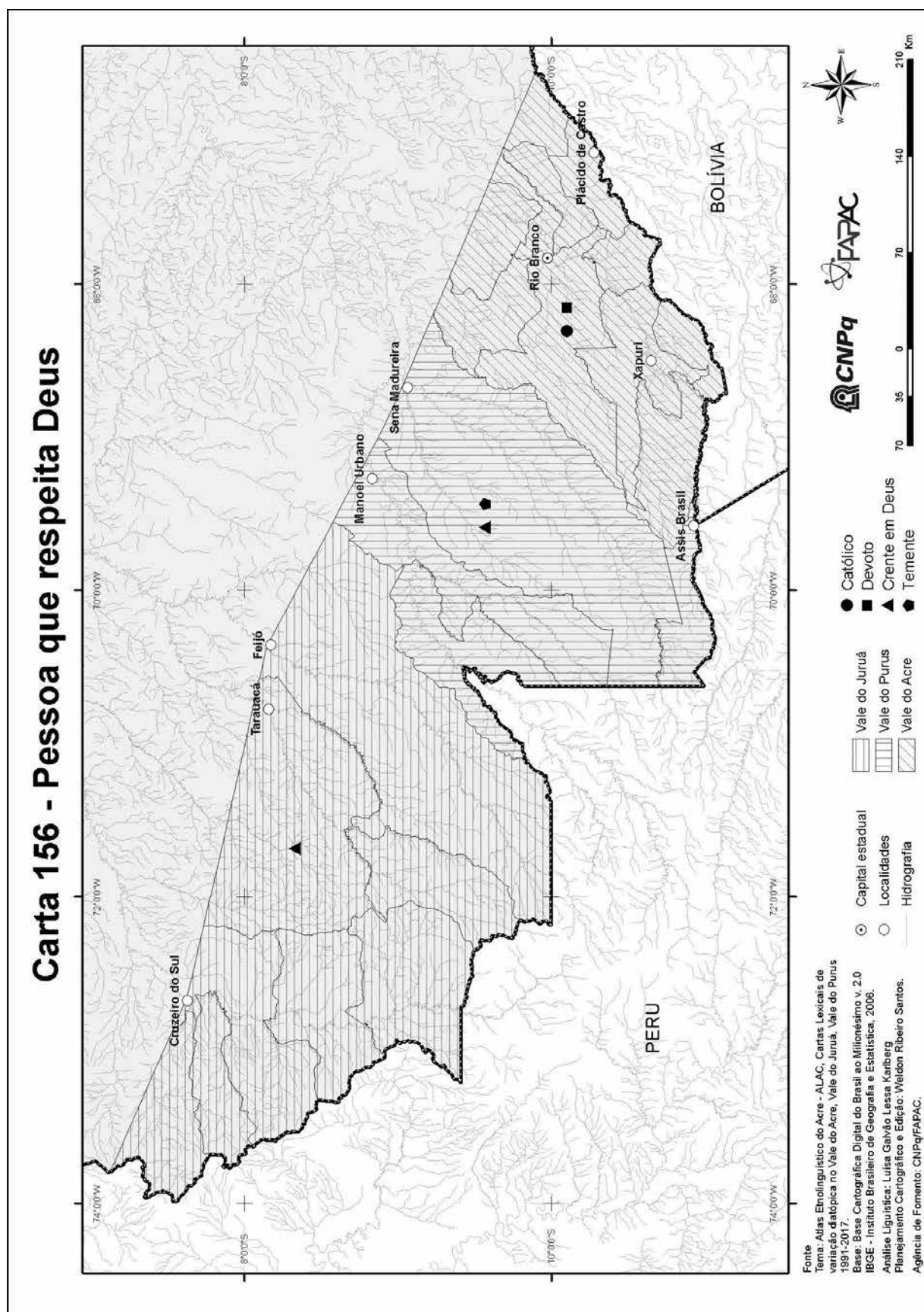
Carta 154 – Fazer trato com Deus



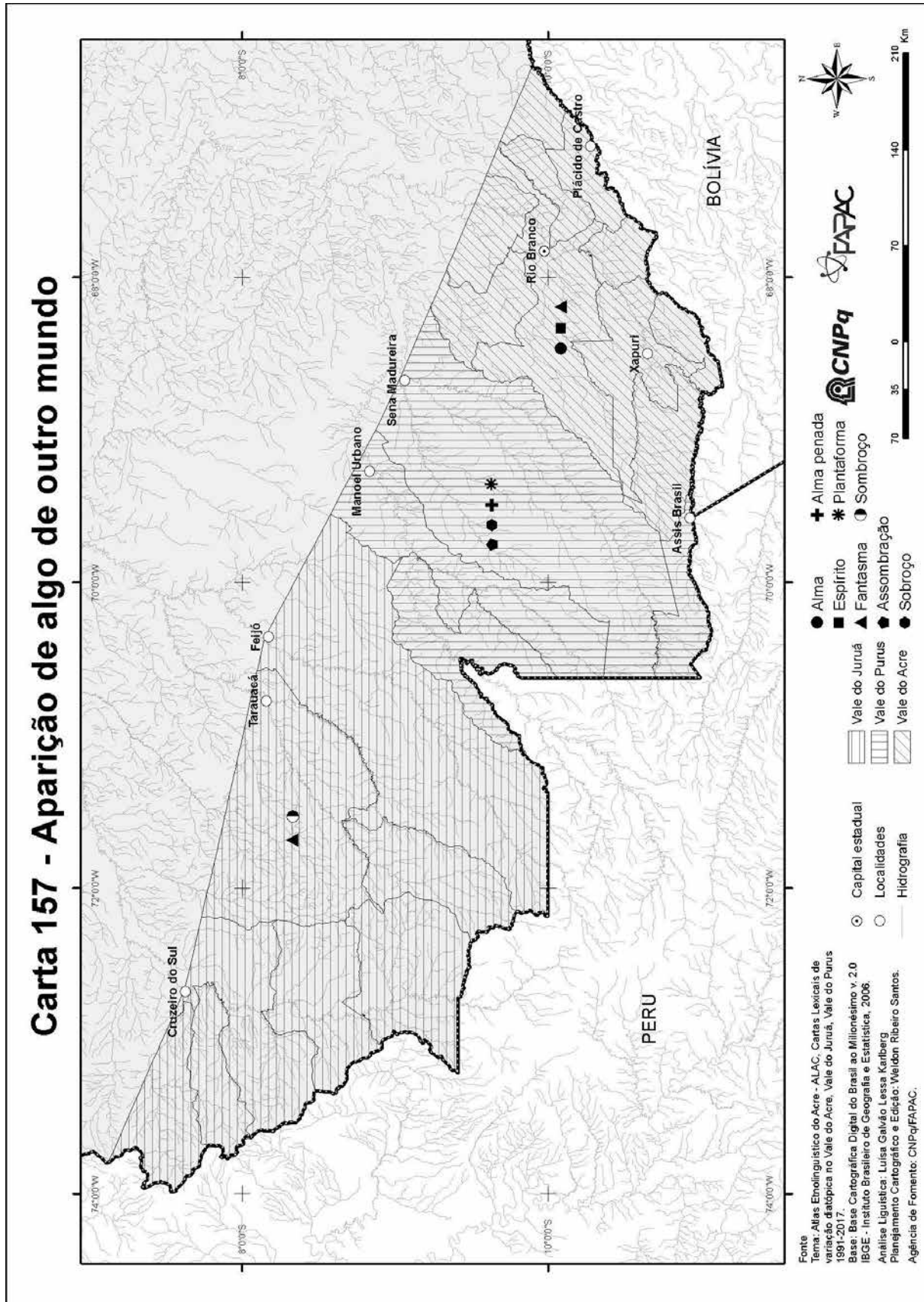
Carta 155 – Entidade Protetora das pessoas



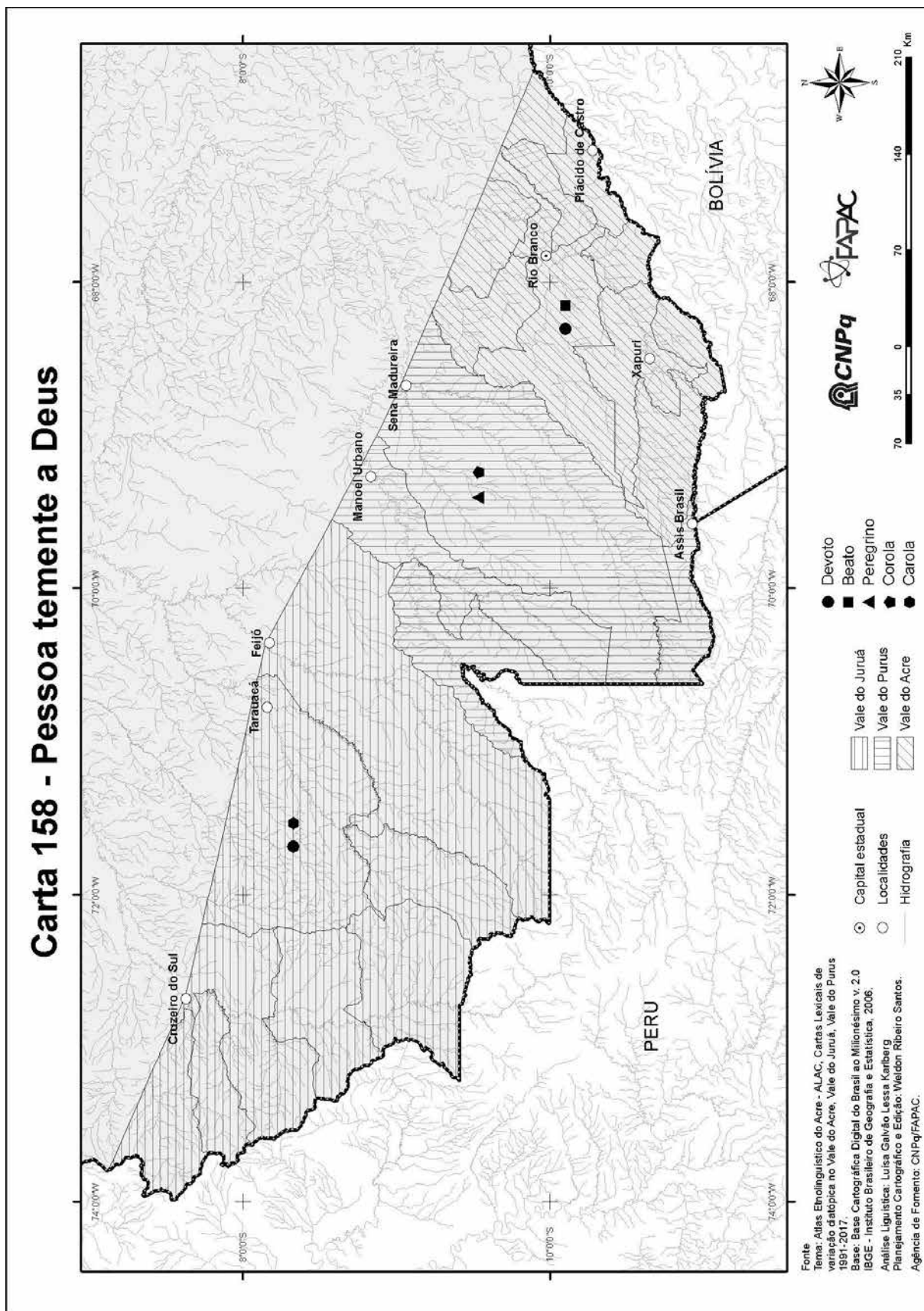
Carta 156 – Pessoa que respeita Deus



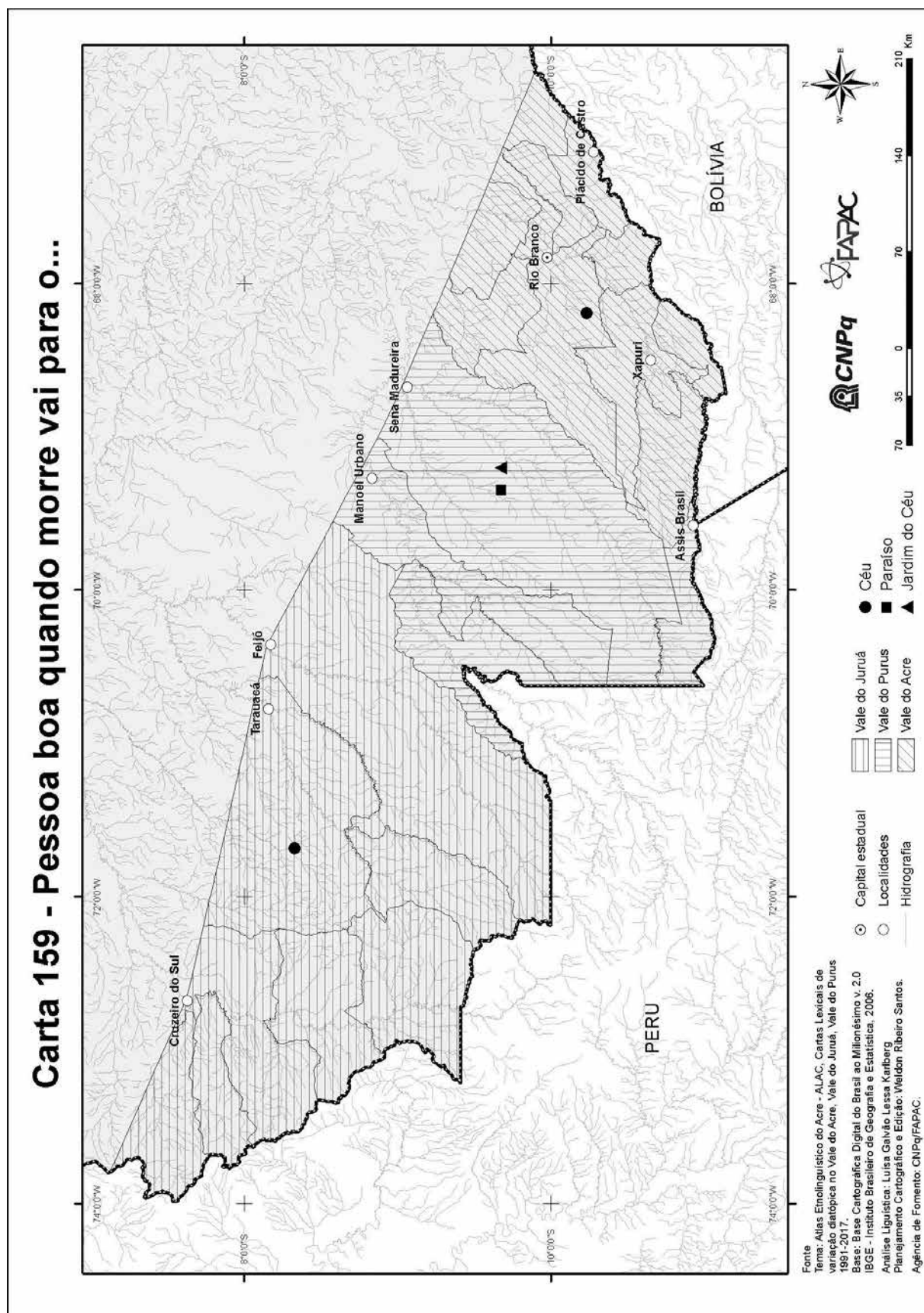
Carta 157 – Aparição de algo do outro mundo



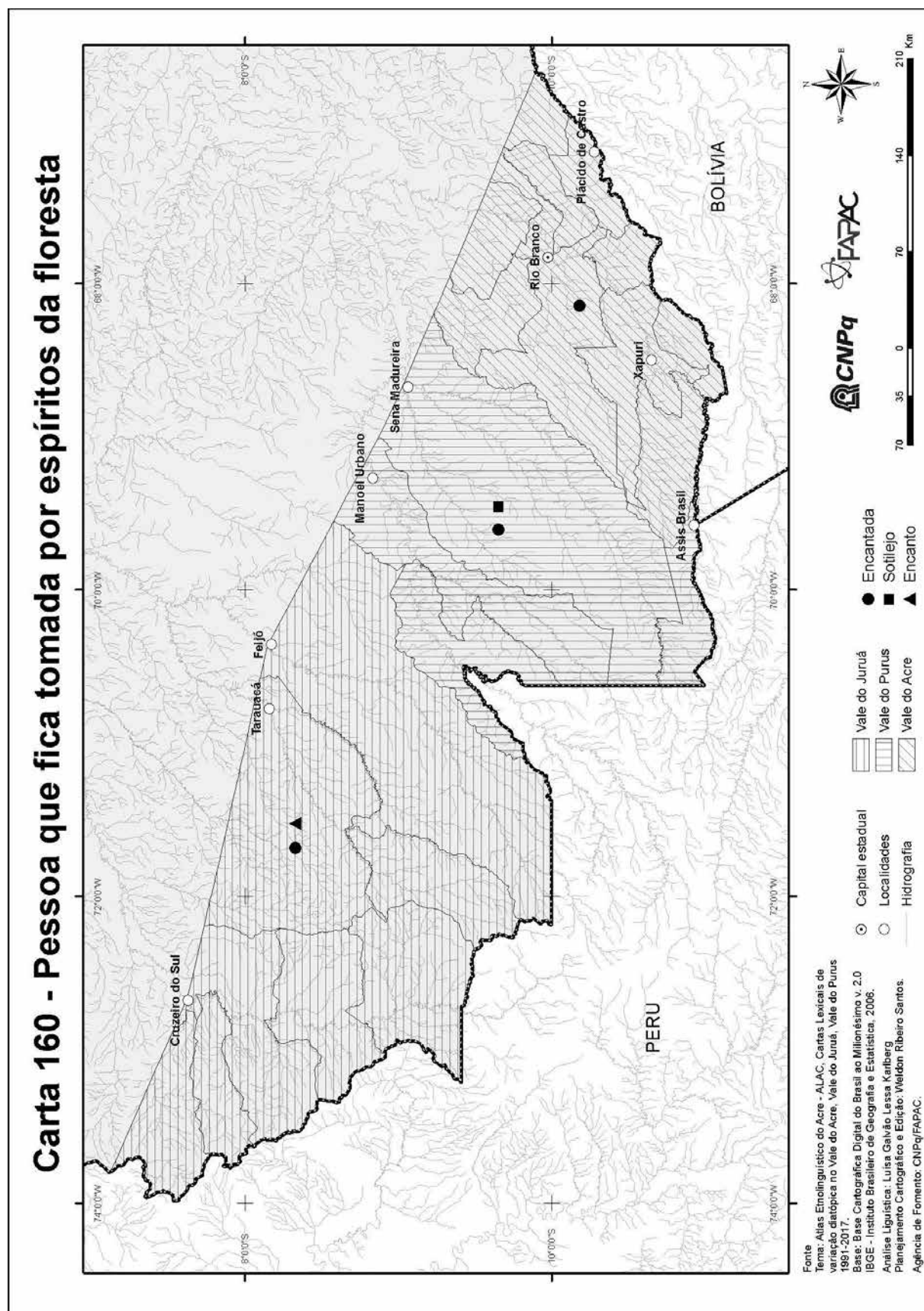
Carta 158 – Pessoa temente a Deus



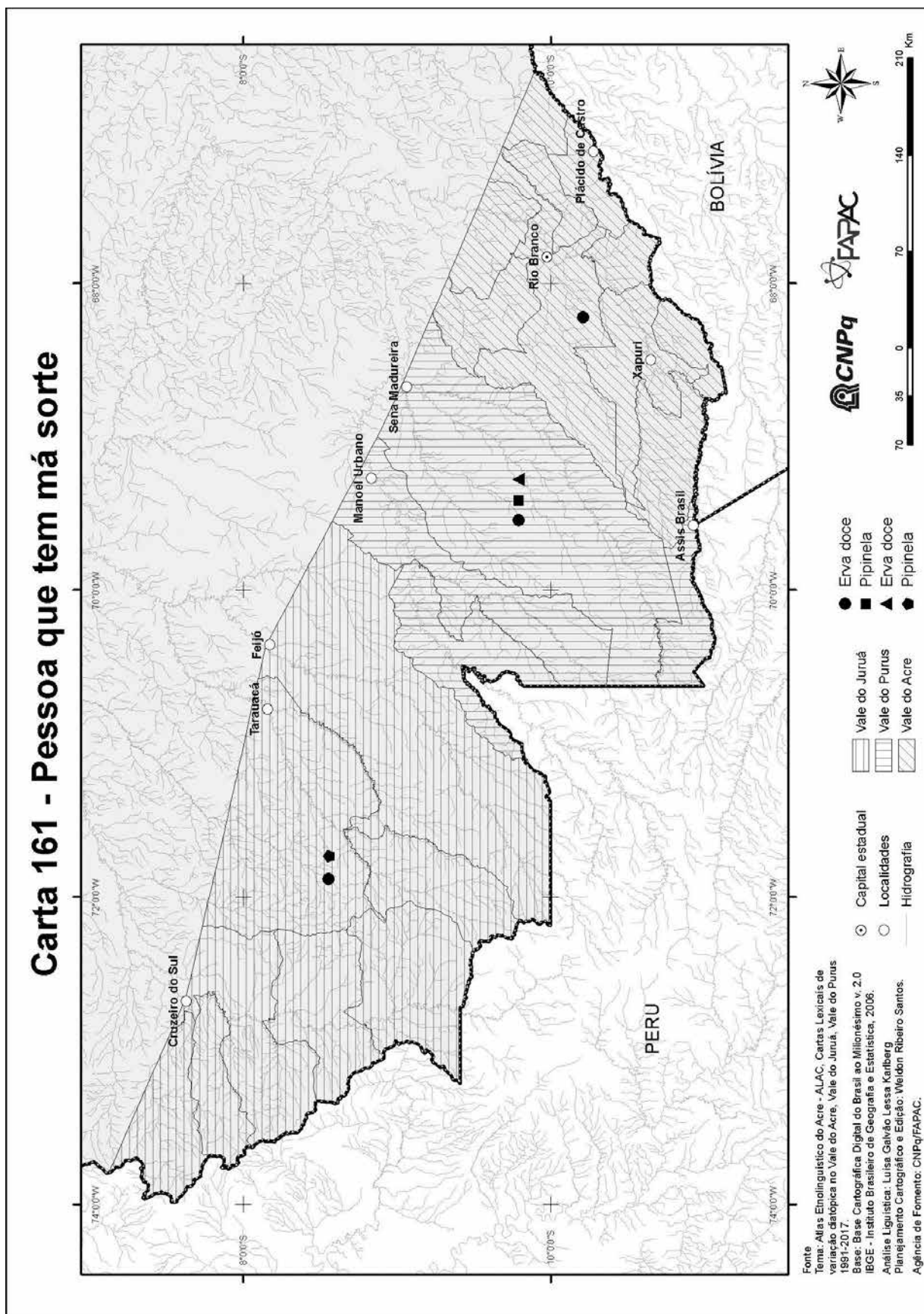
Carta 159 – Pessoa boa quando morre vai para o...



Carta 160 – Pessoa que fica tomada por espíritos da floresta

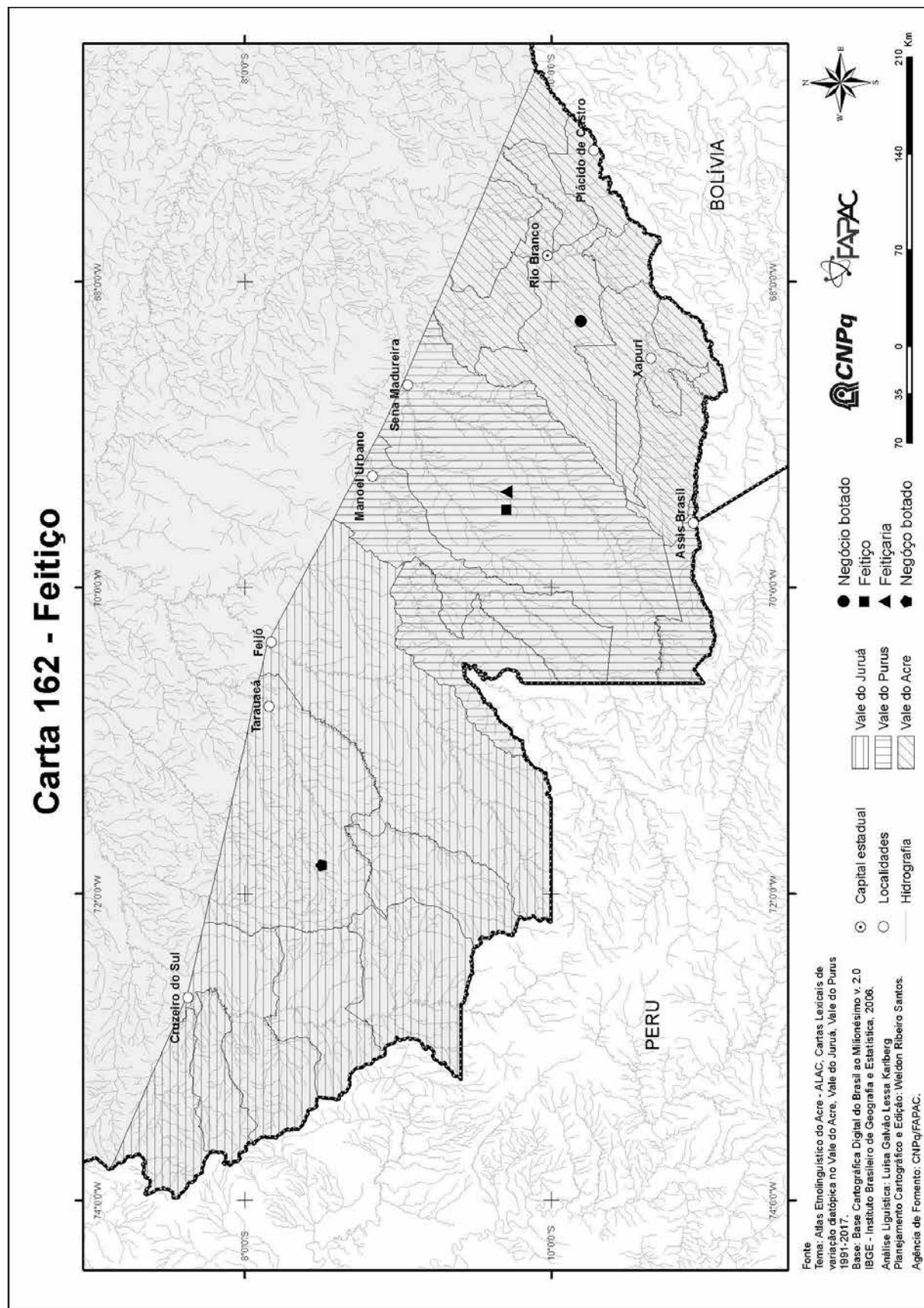


Carta 161 – Pessoa que tem má sorte

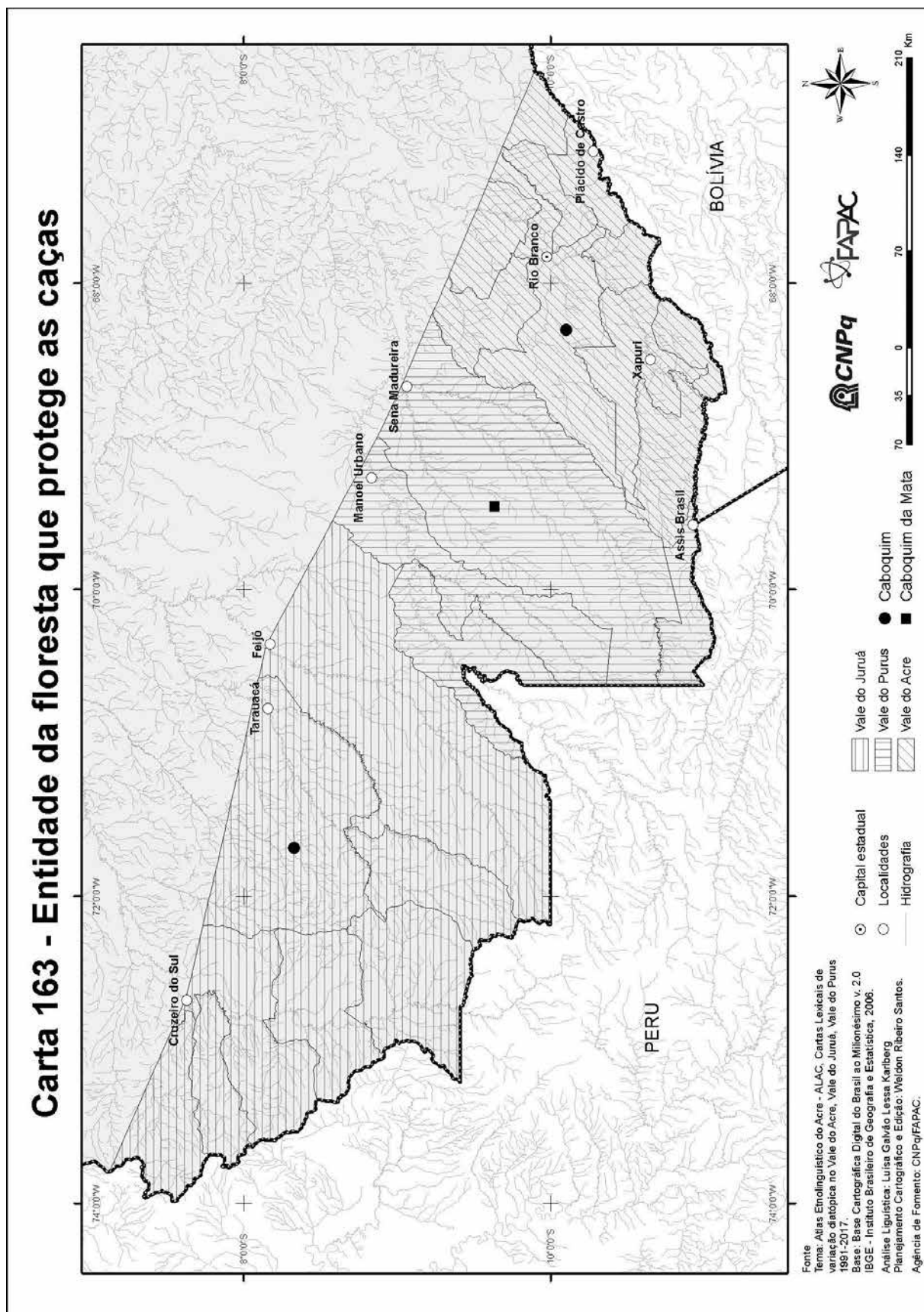




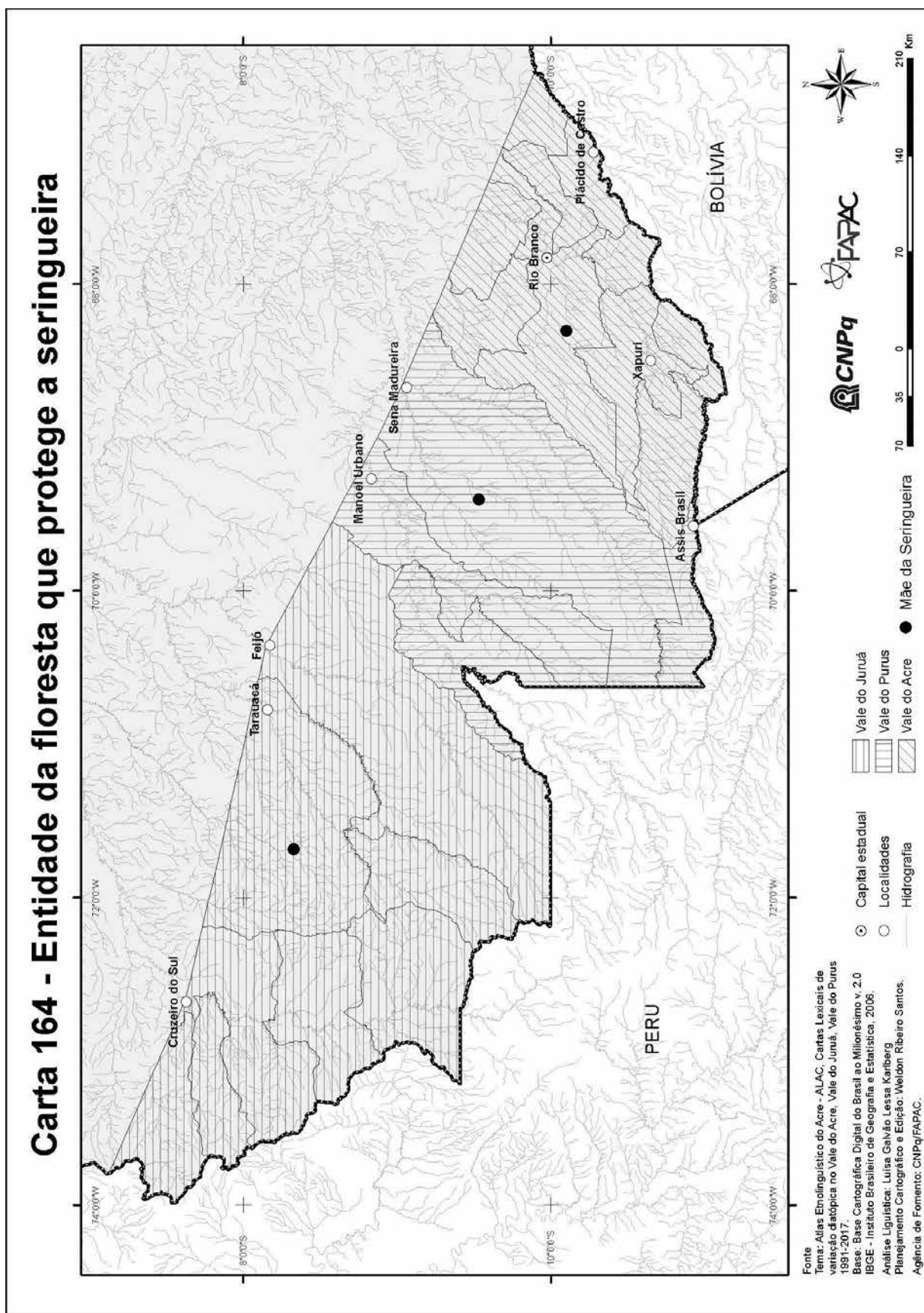
Carta 162 – Feitiço



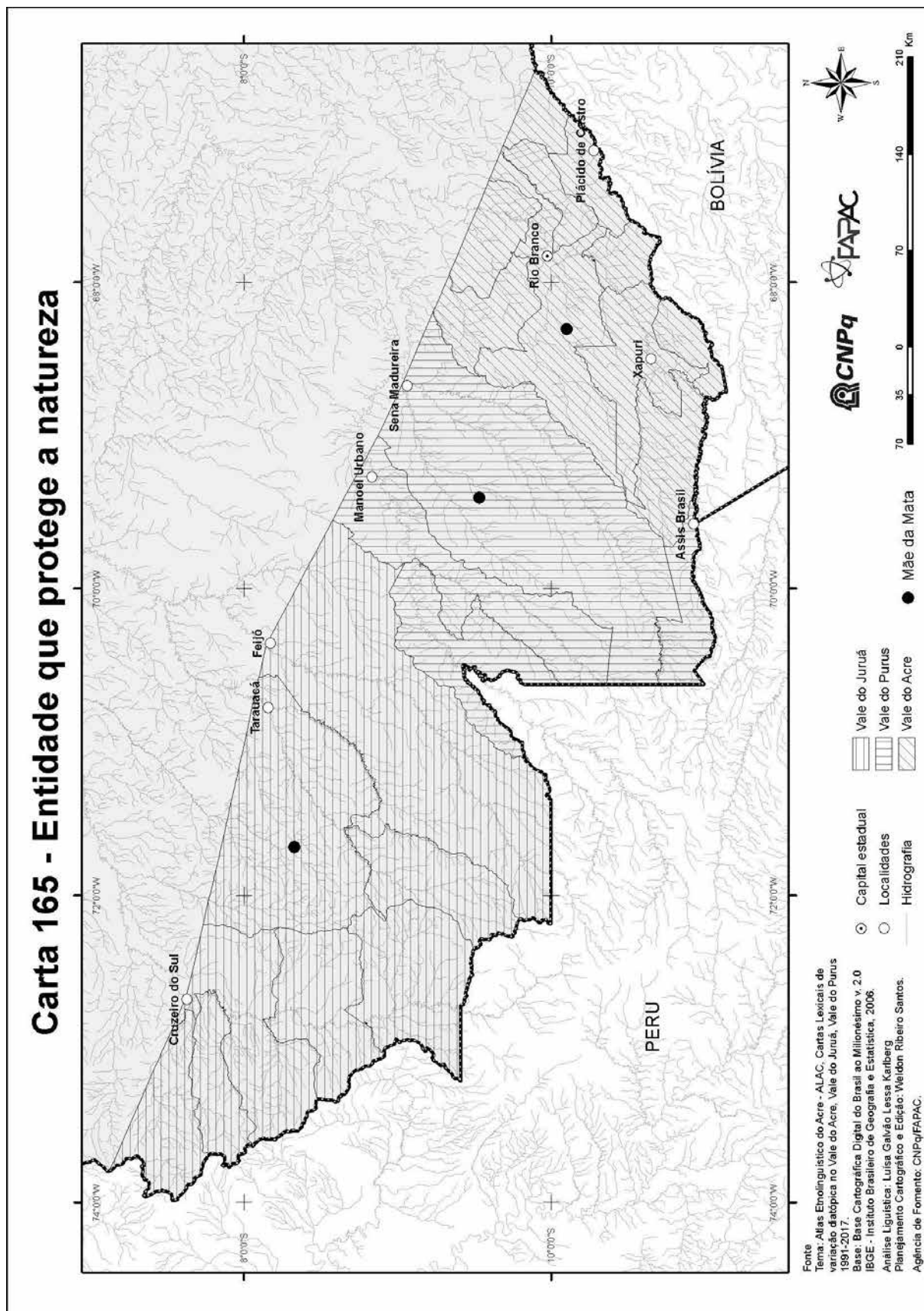
Carta 163 – Entidade da floresta que protege as caças



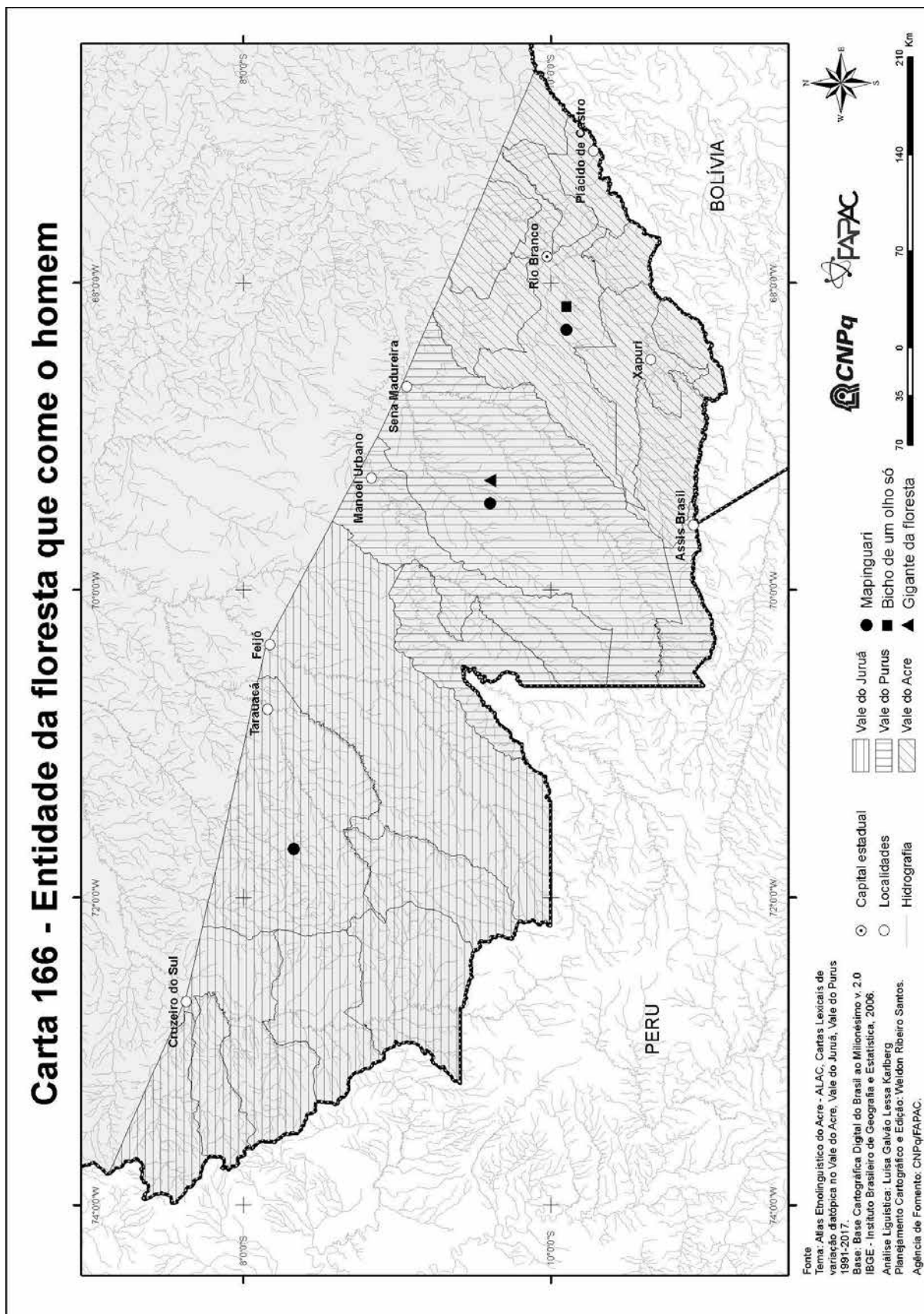
Carta 164 – Entidade da floresta que protege a seringueira



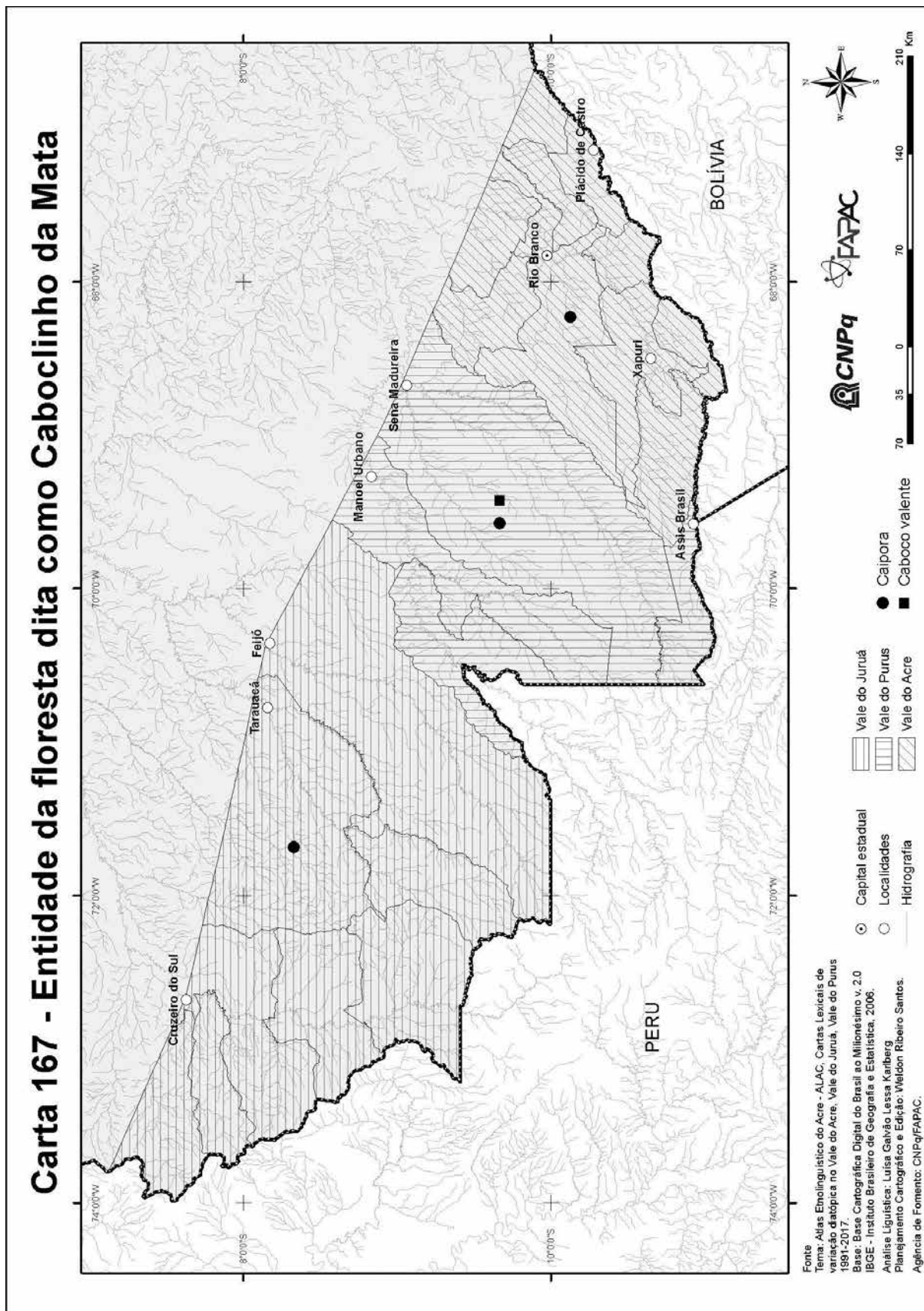
Carta 165 – Entidade que protege a natureza



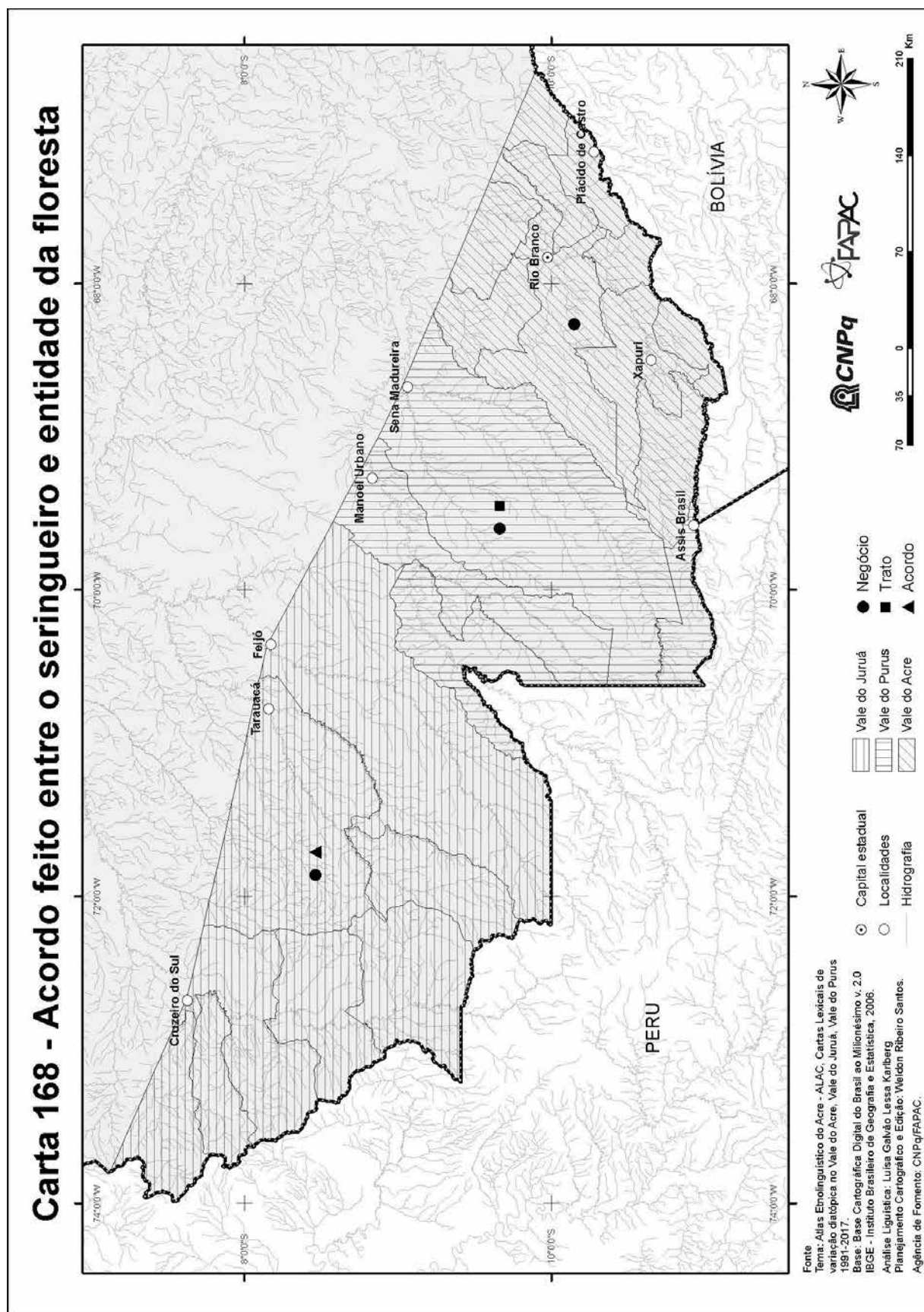
Carta 166 – Entidade da floresta que come o homem



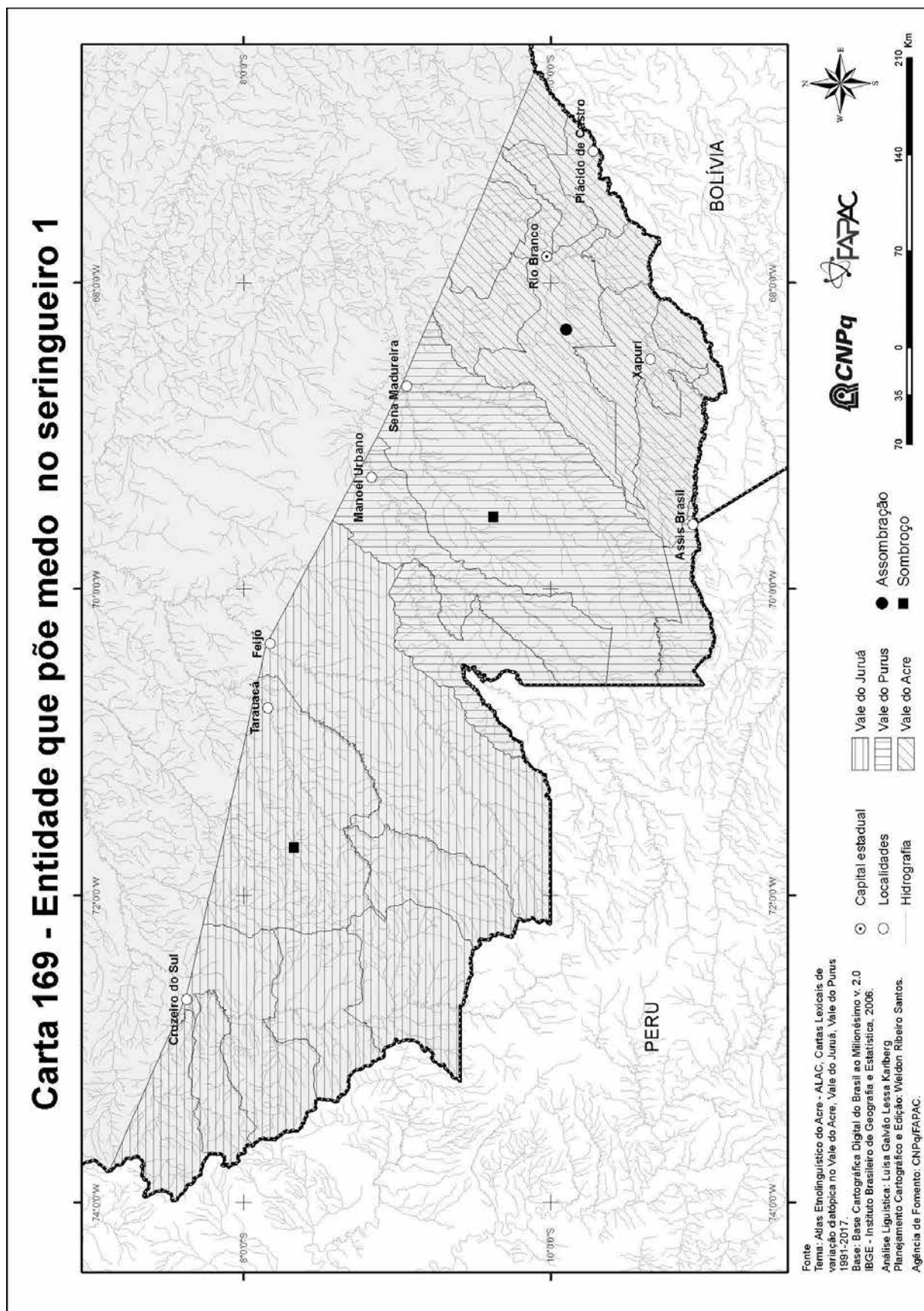
Carta 167 – Entidade da floresta dita como Caboclinho da Mata



Carta 168 – Acordo feito entre o seringueiro e entidade da floresta

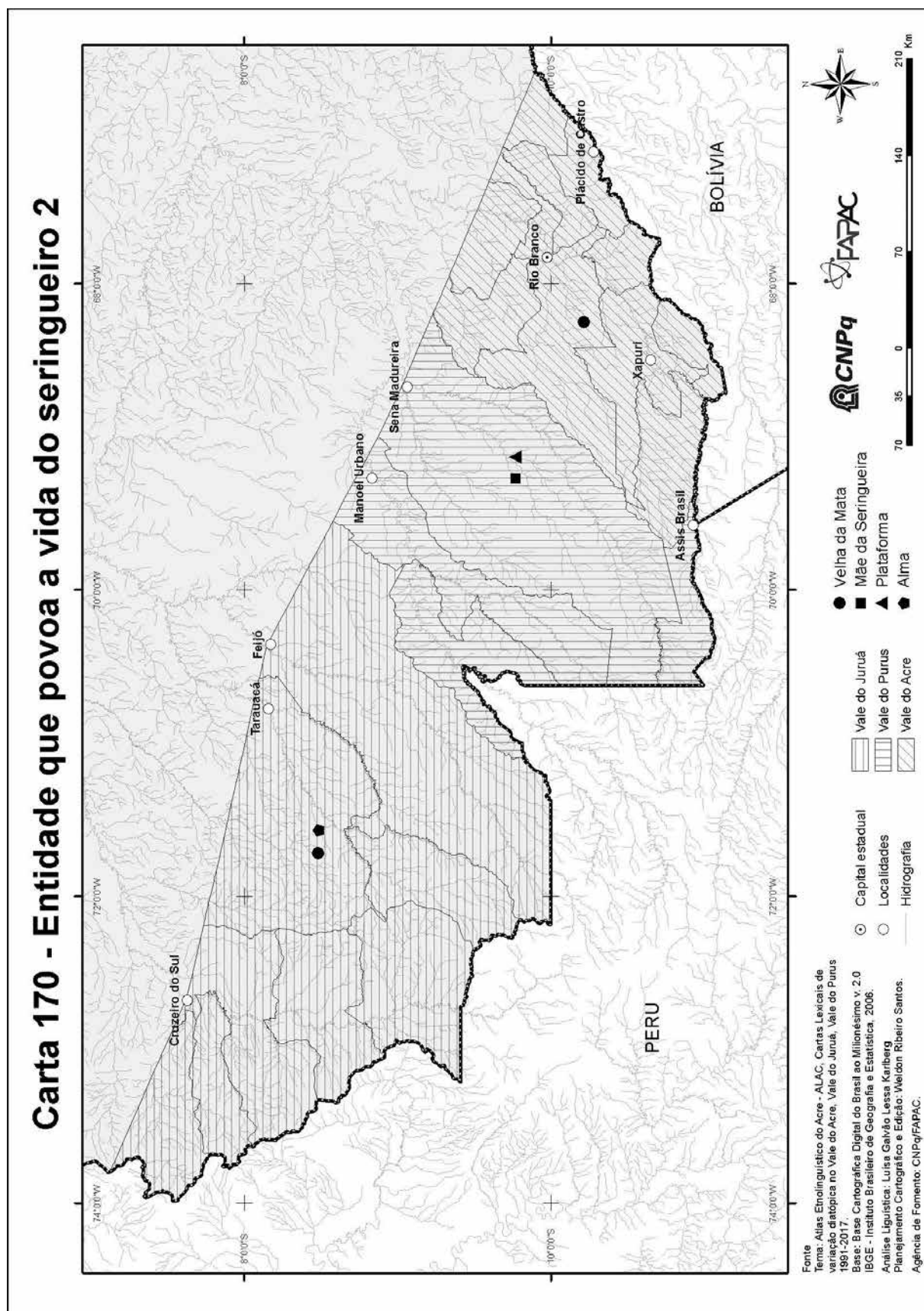


Carta 169 – Entidade que põe medo no seringueiro 1

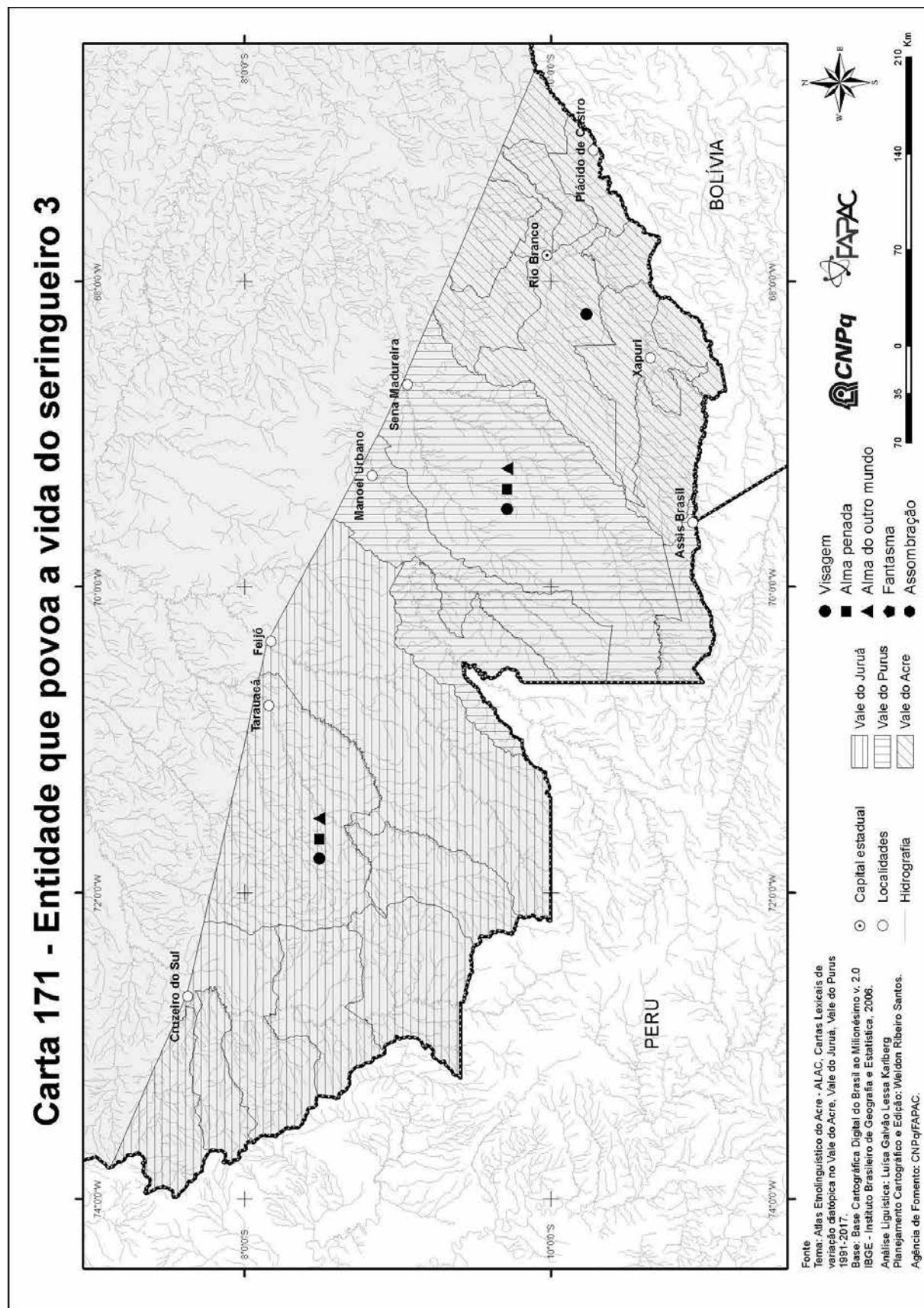




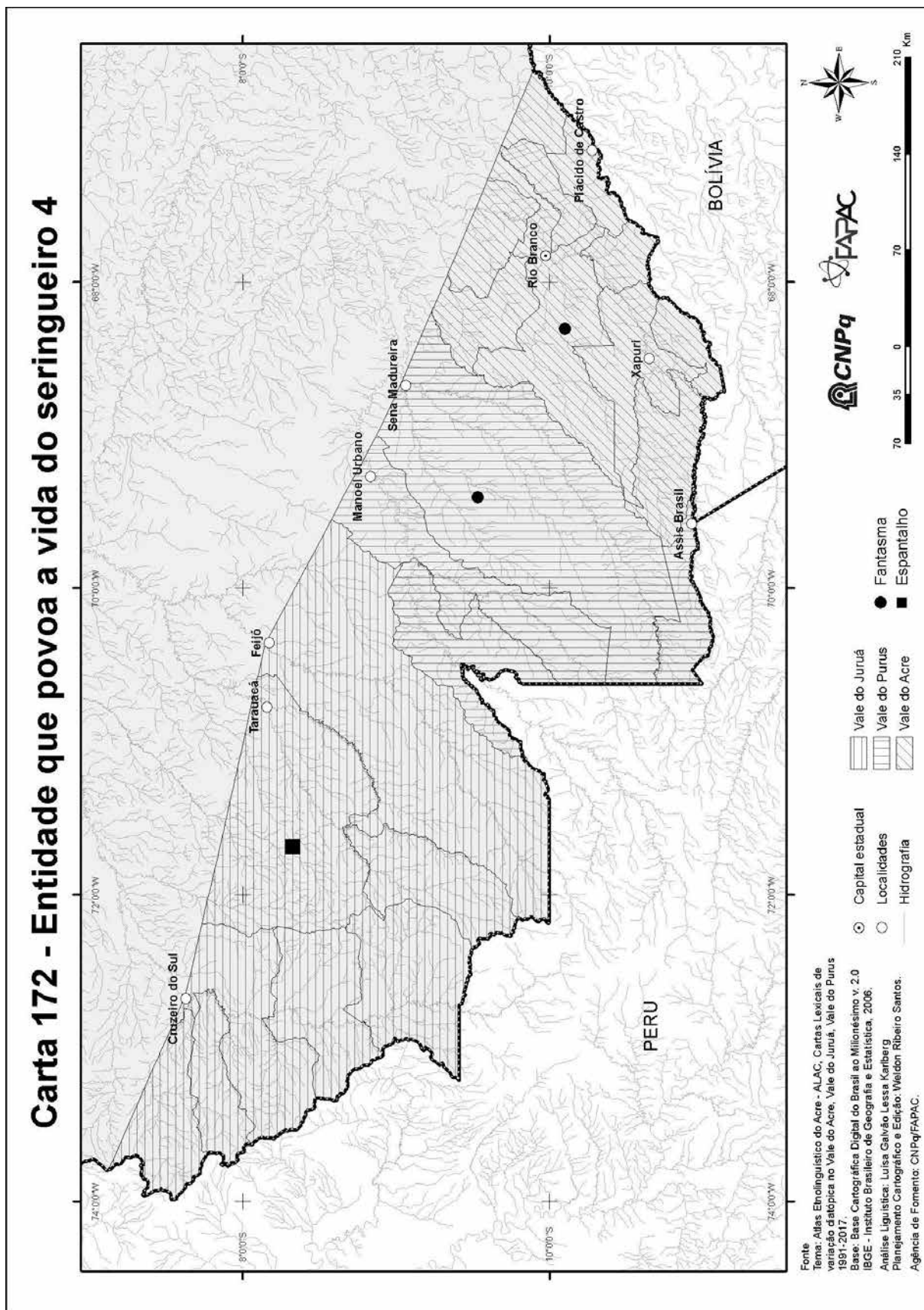
Carta 170 – Entidade que povoa a vida do seringueiro 2



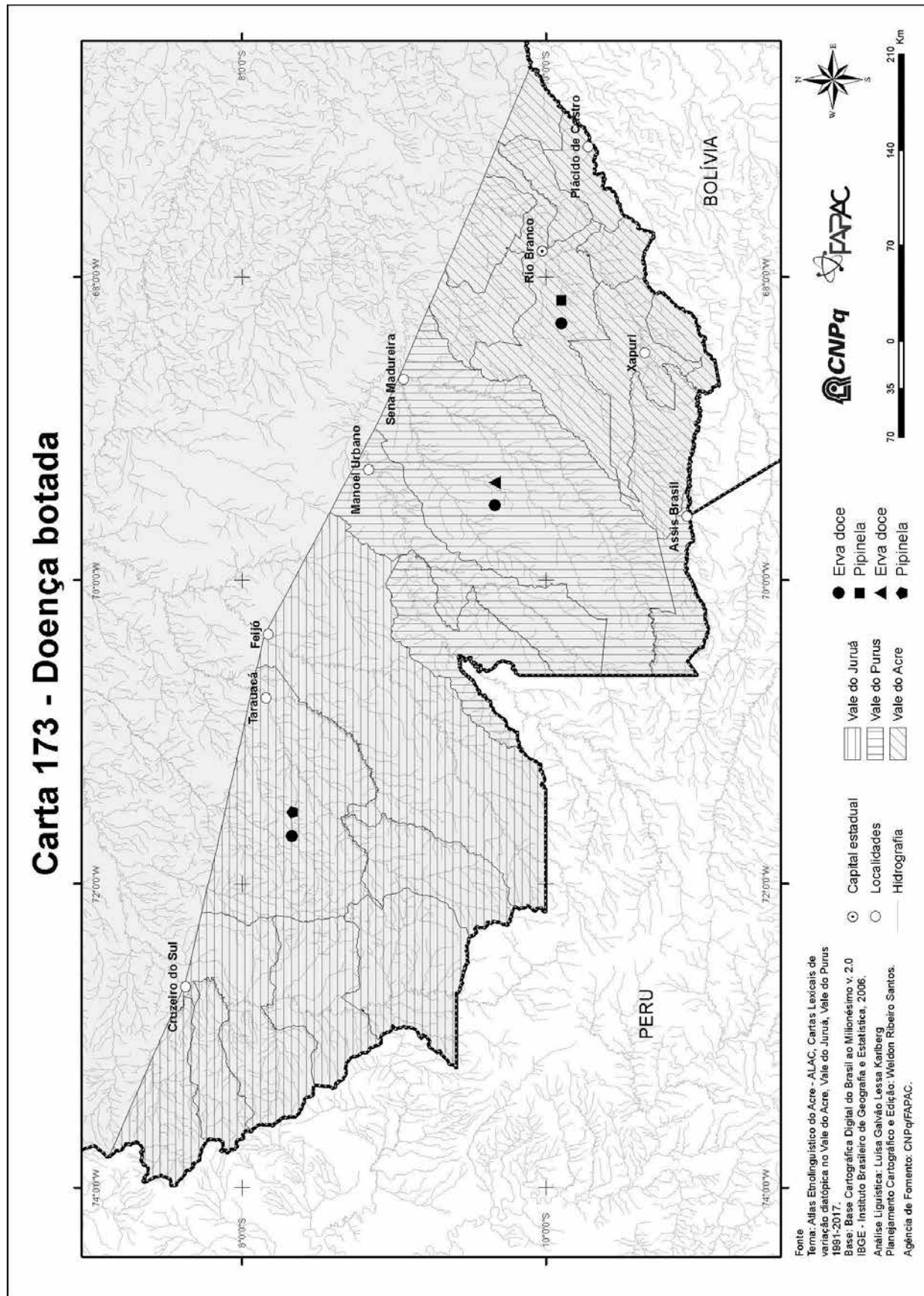
Carta 171 – Entidade que povoa a vida do seringueiro 3



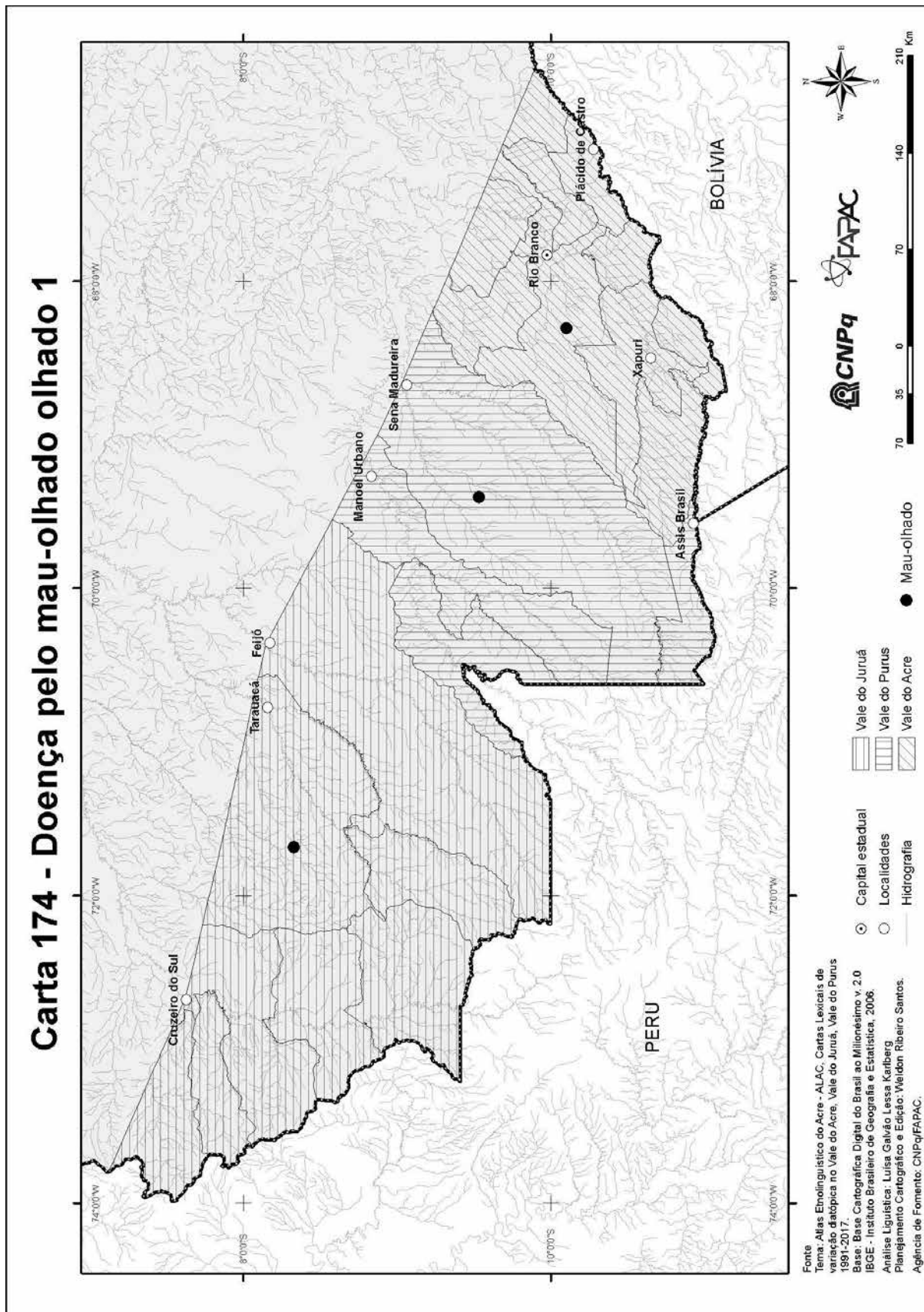
Carta 172 – Entidade que povoa a vida do seringueiro 4



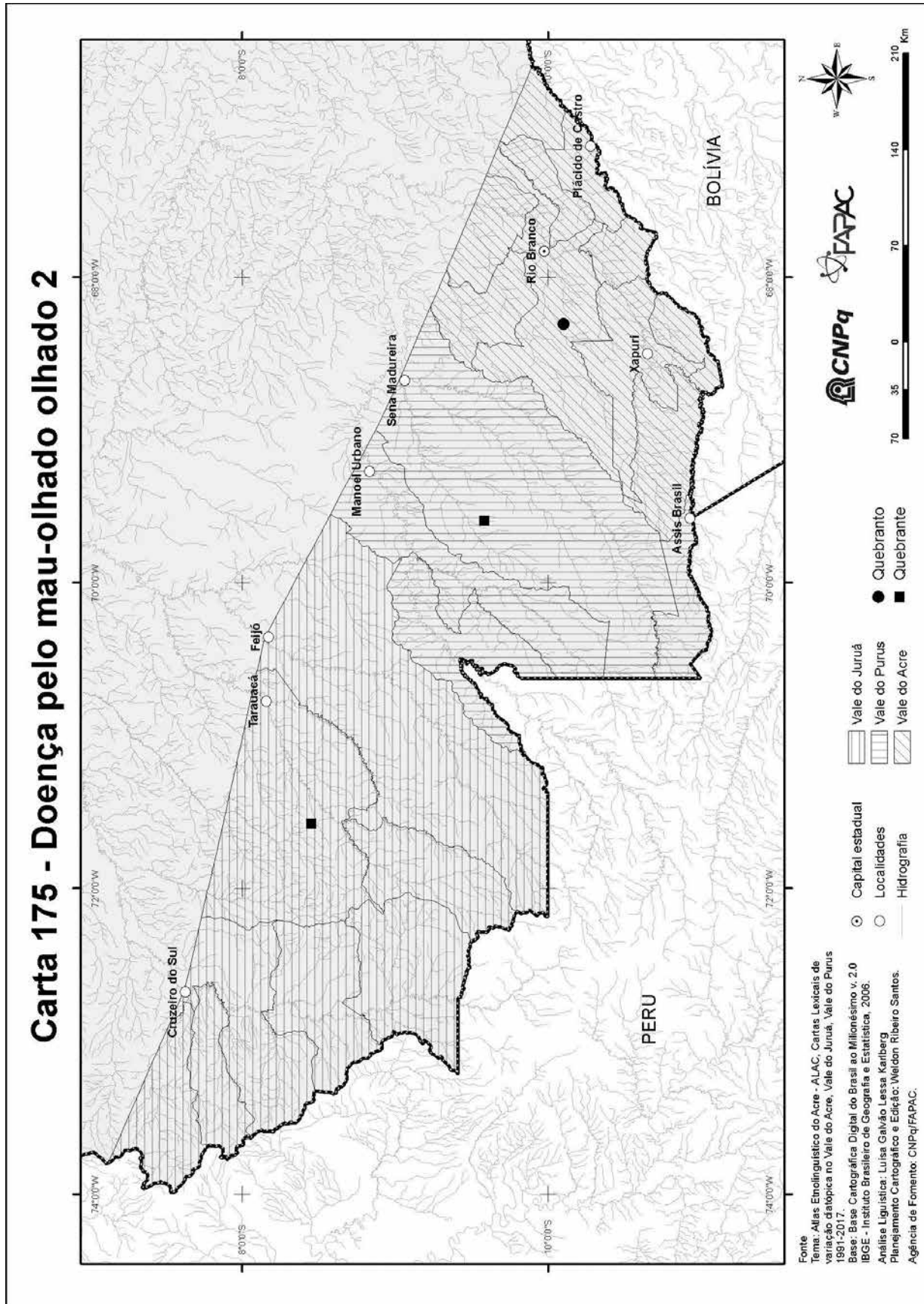
Carta 173 – Doença botada



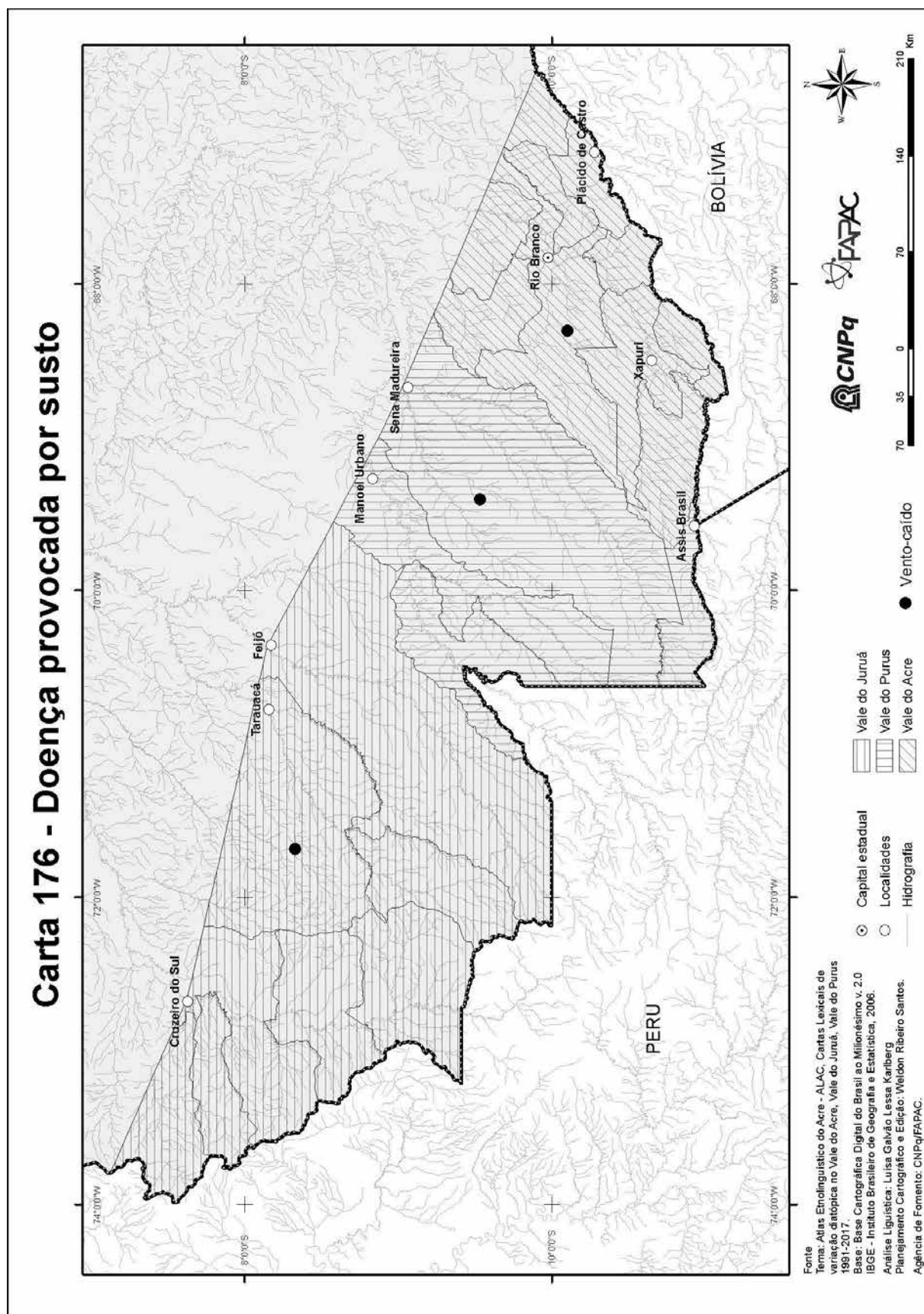
Carta 174 – Doença pelo mau-olhado 1



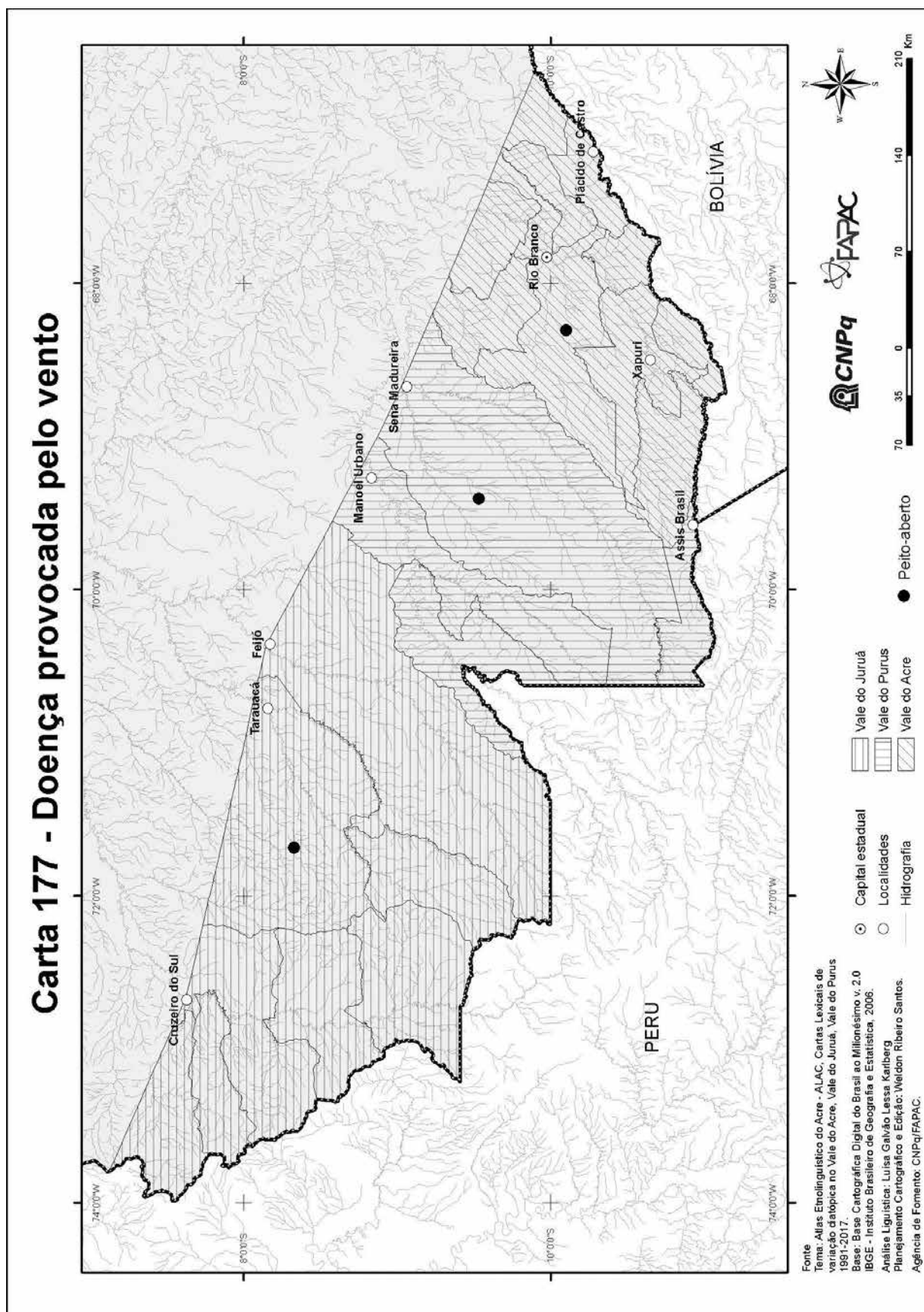
Carta 175 – Doença pelo mau-olhado 2



Carta 176 – Doença provocada por susto



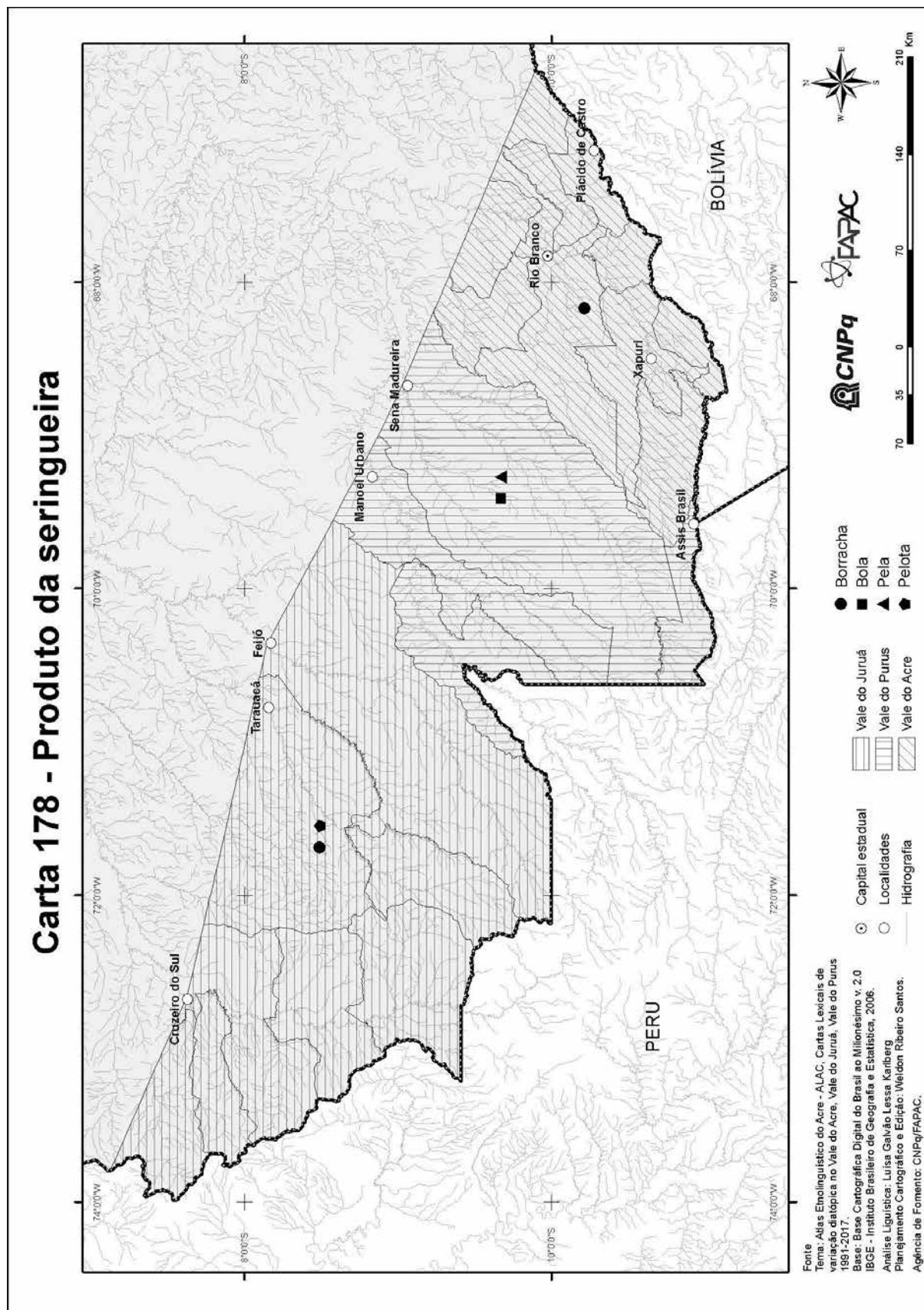
Carta 177 – Doença provocada pelo vento



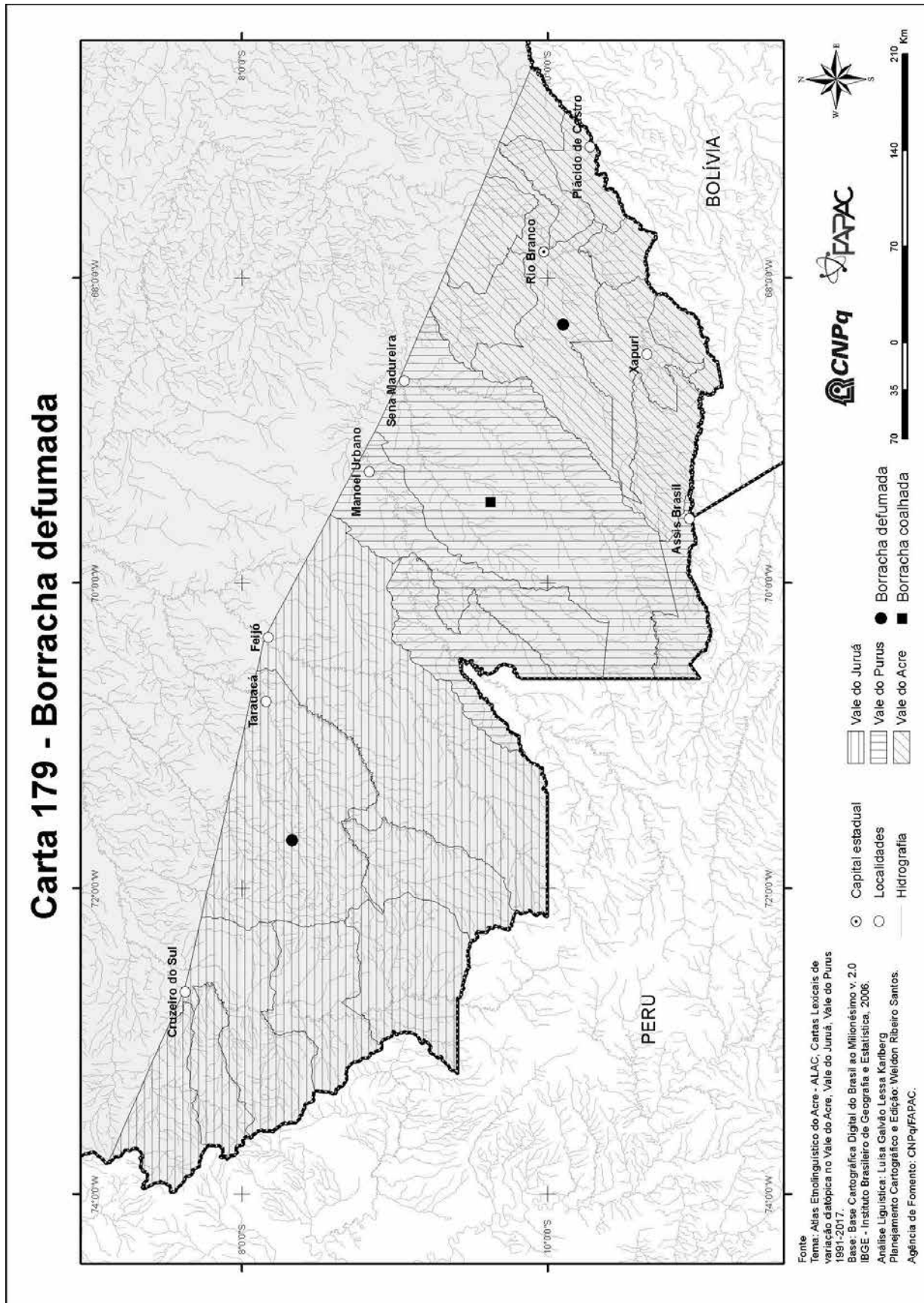


**CAMPO SEMÂNTICO: C – TRABALHO/PRODUTO**  
**XII – LOCAL DE PRODUÇÃO/PRODUTOS**

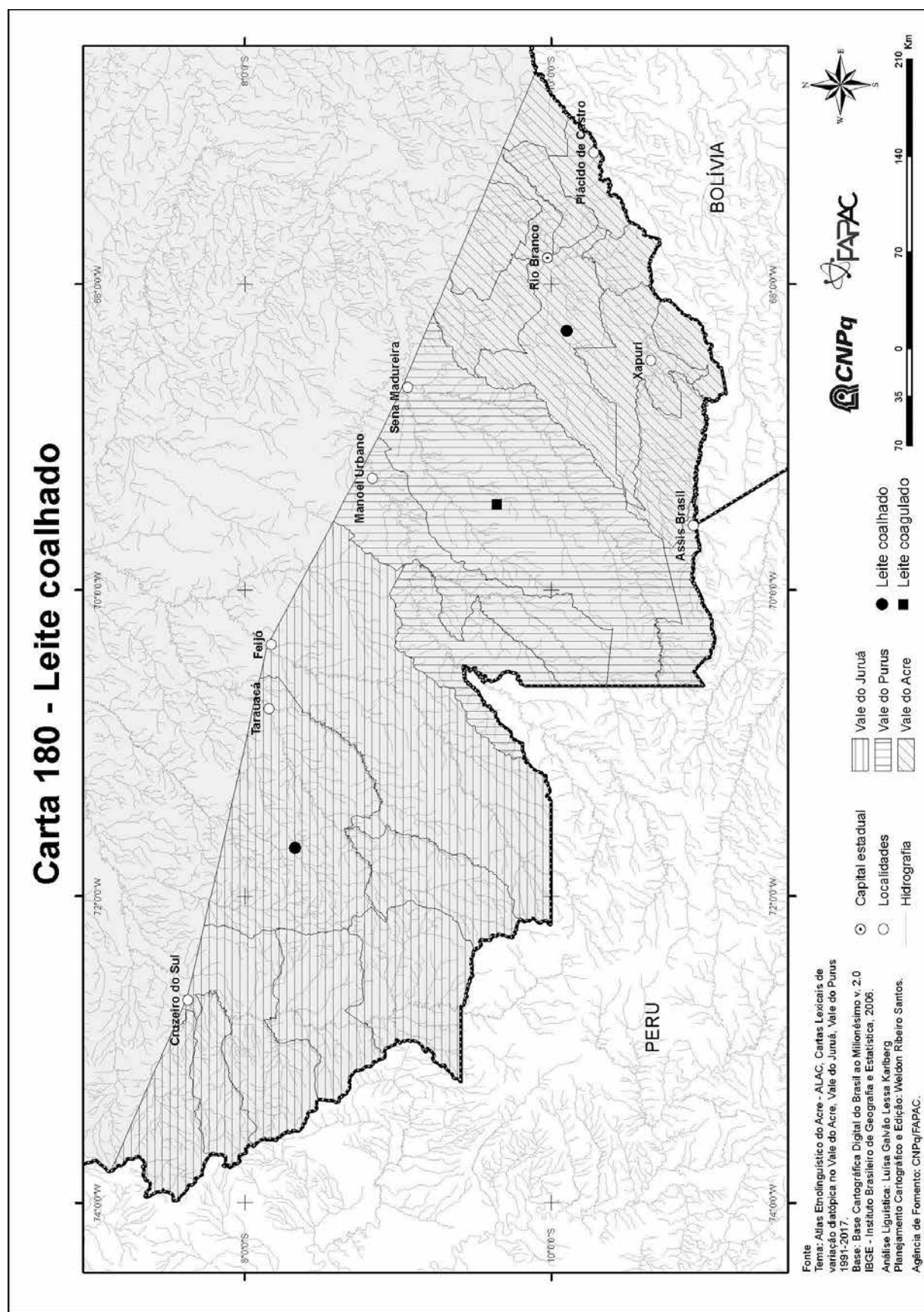
Carta 178 – Produto da seringueira



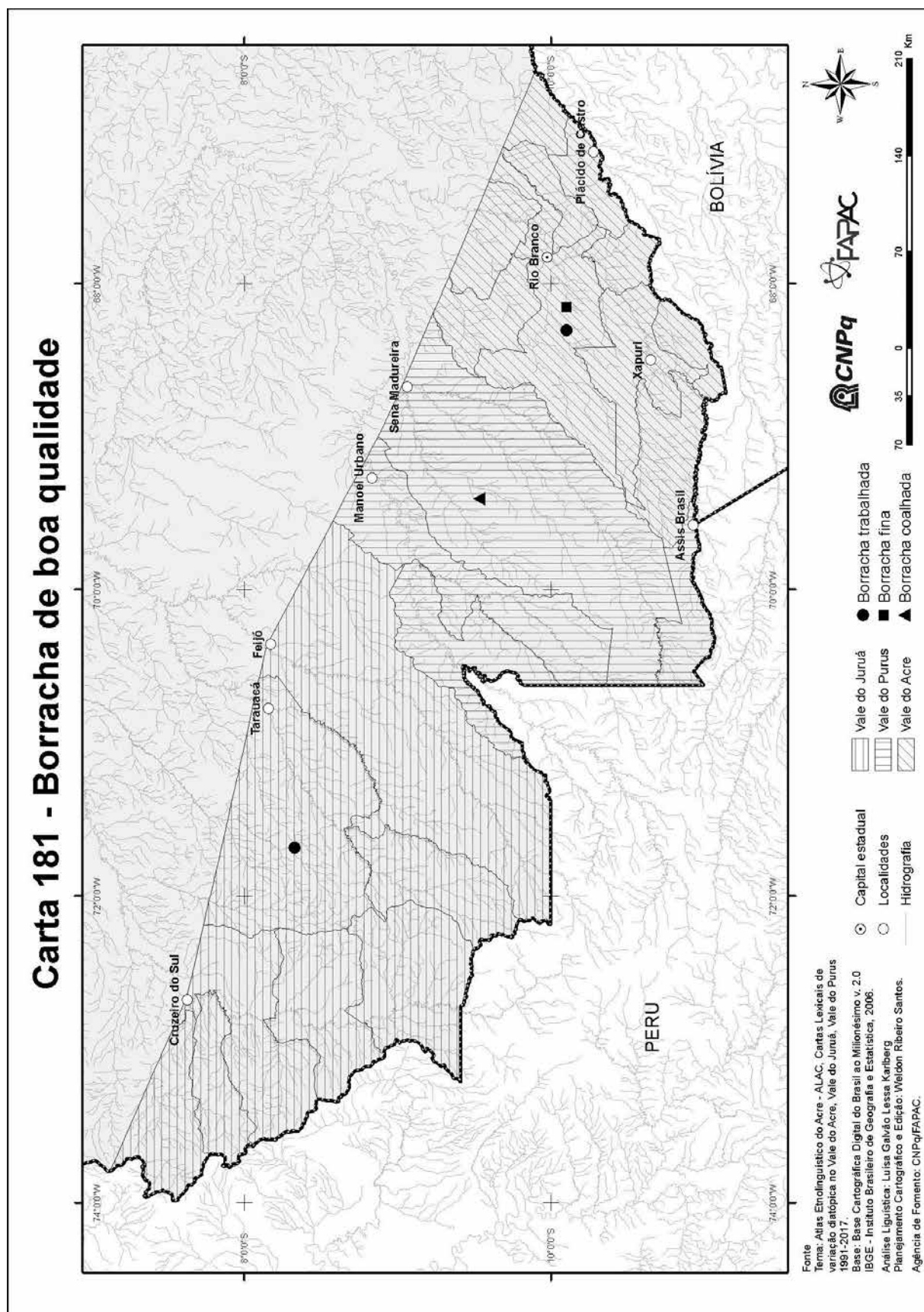
Carta 179 – Borracha defumada



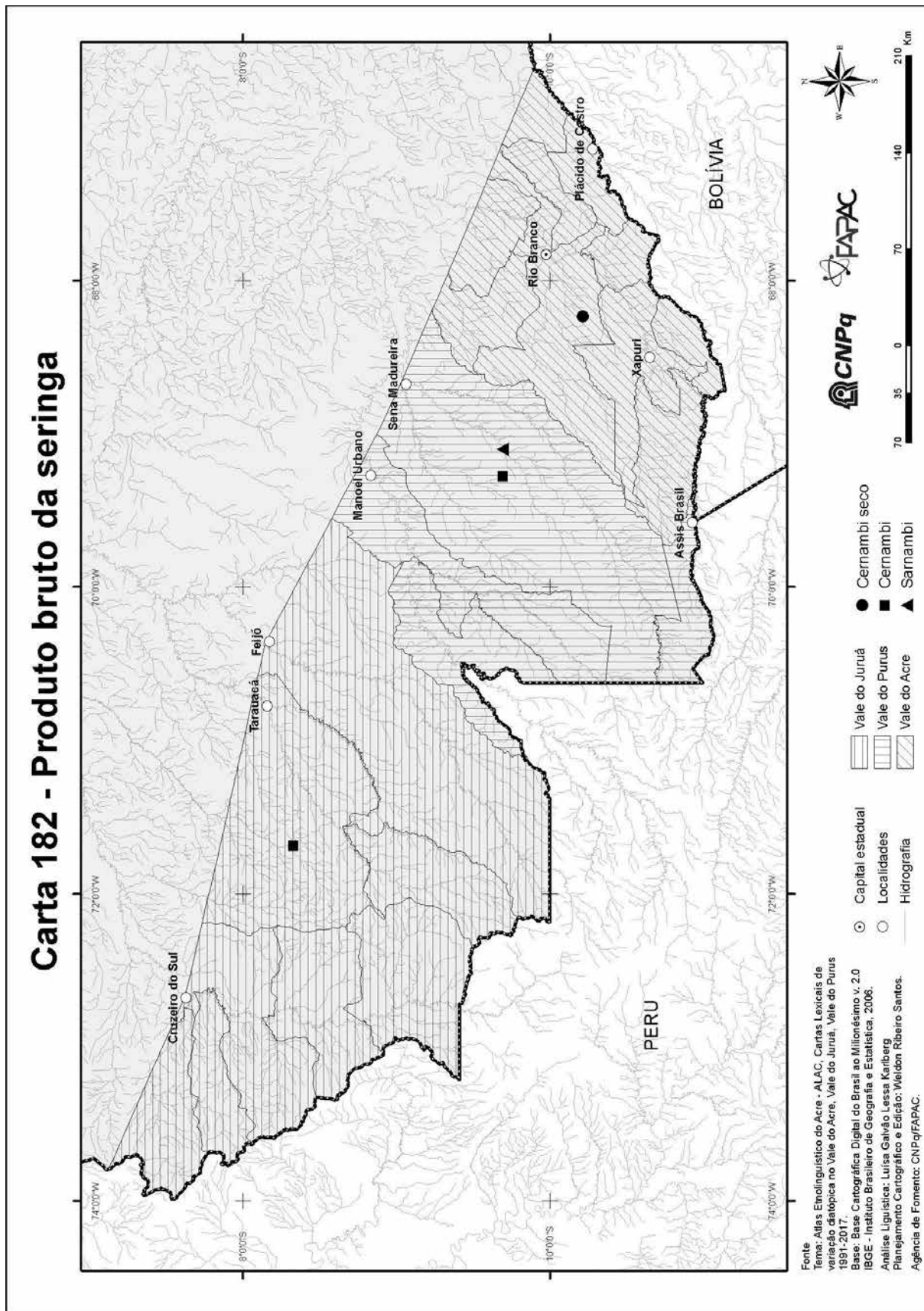
Carta 180 – Leite coalhado



Carta 181 – Borracha de boa qualidade

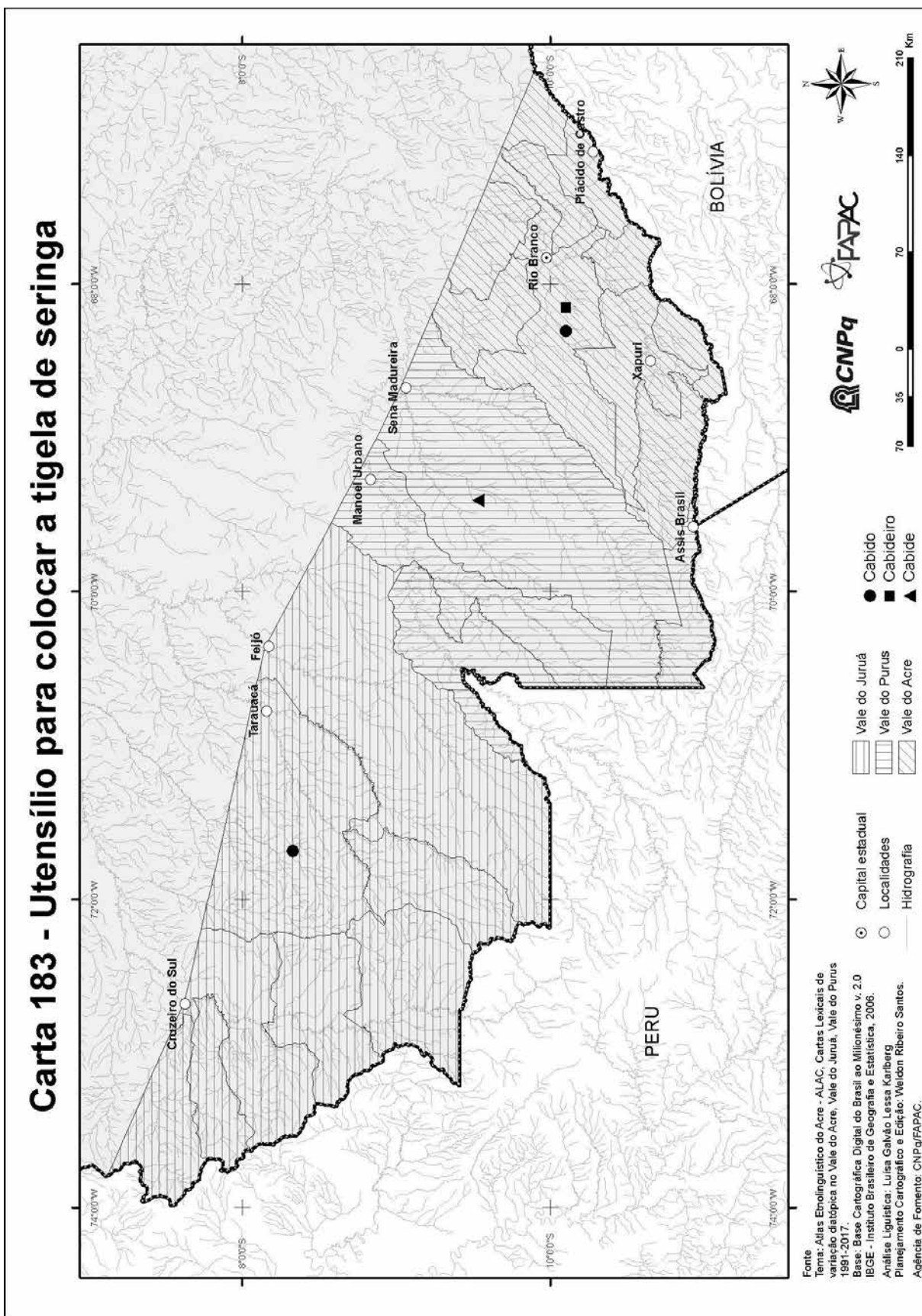


Carta 182 – Produto bruto da seringa

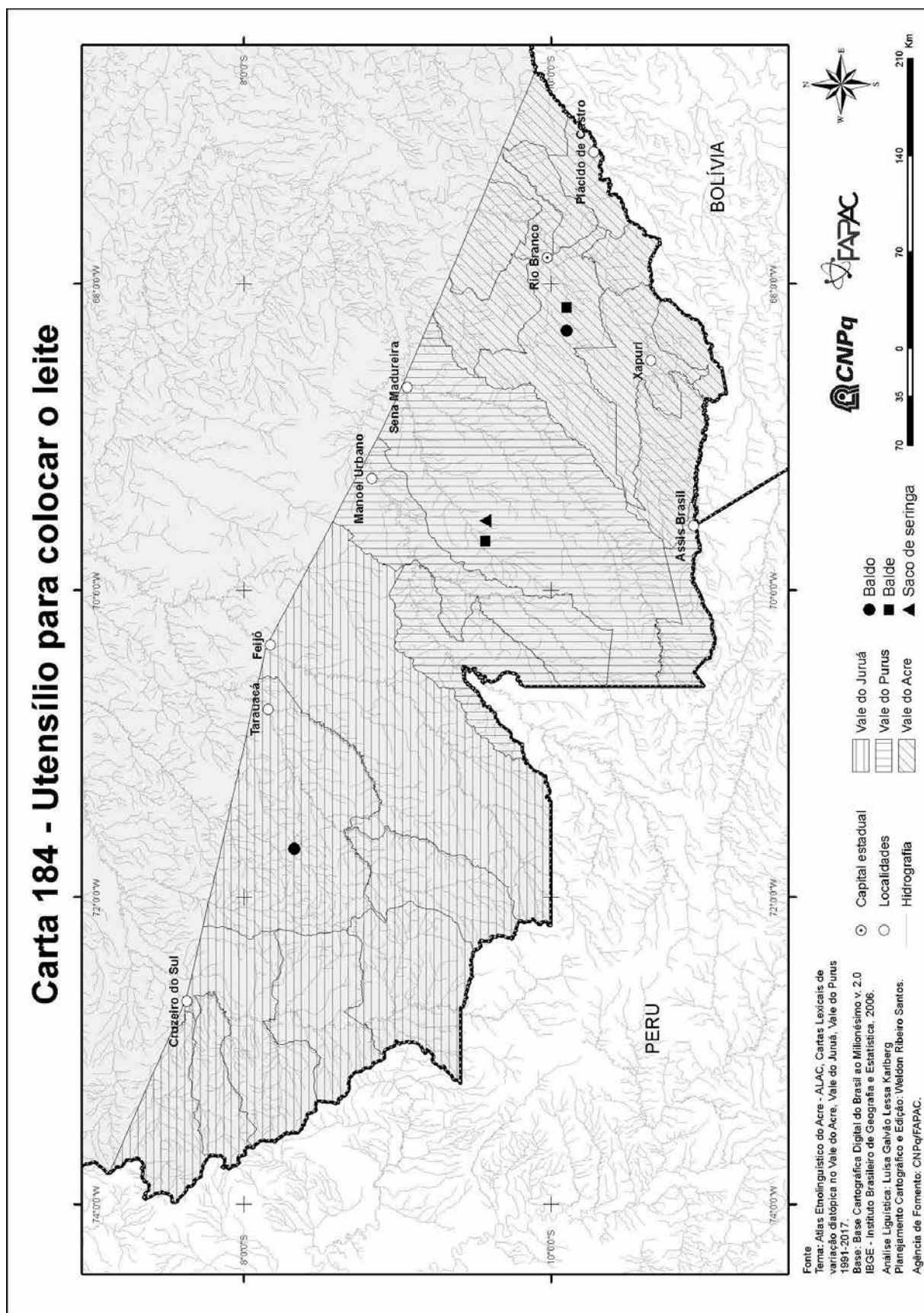


**CAMPO SEMÂNTICO: C – TRABALHO  
XIII – UTENSÍLIOS E IMPLEMENTOS**

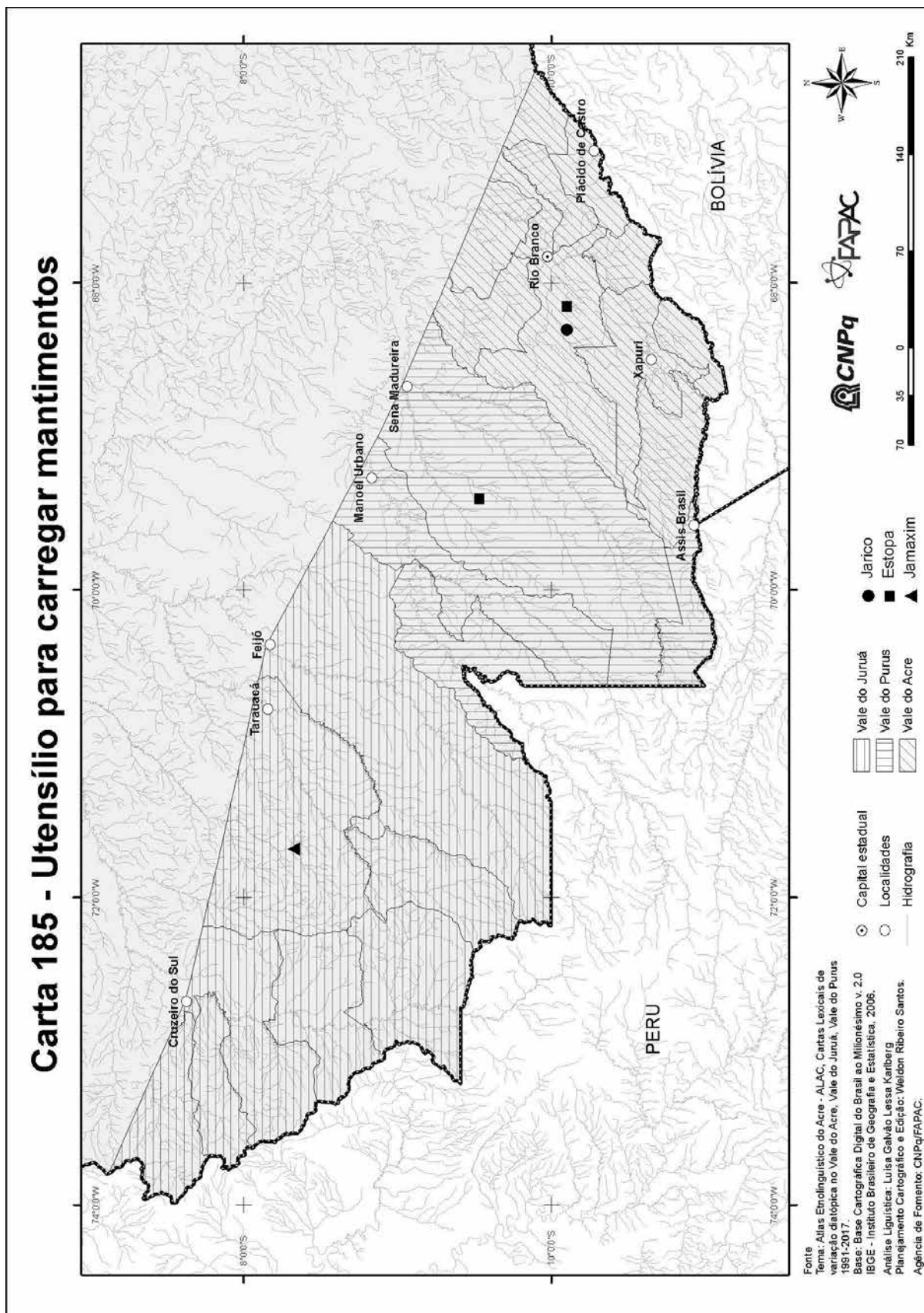
Carta 183 – Utensílio para colocar a tigela de seringa



Carta 184 – Utensílio para colocar o leite

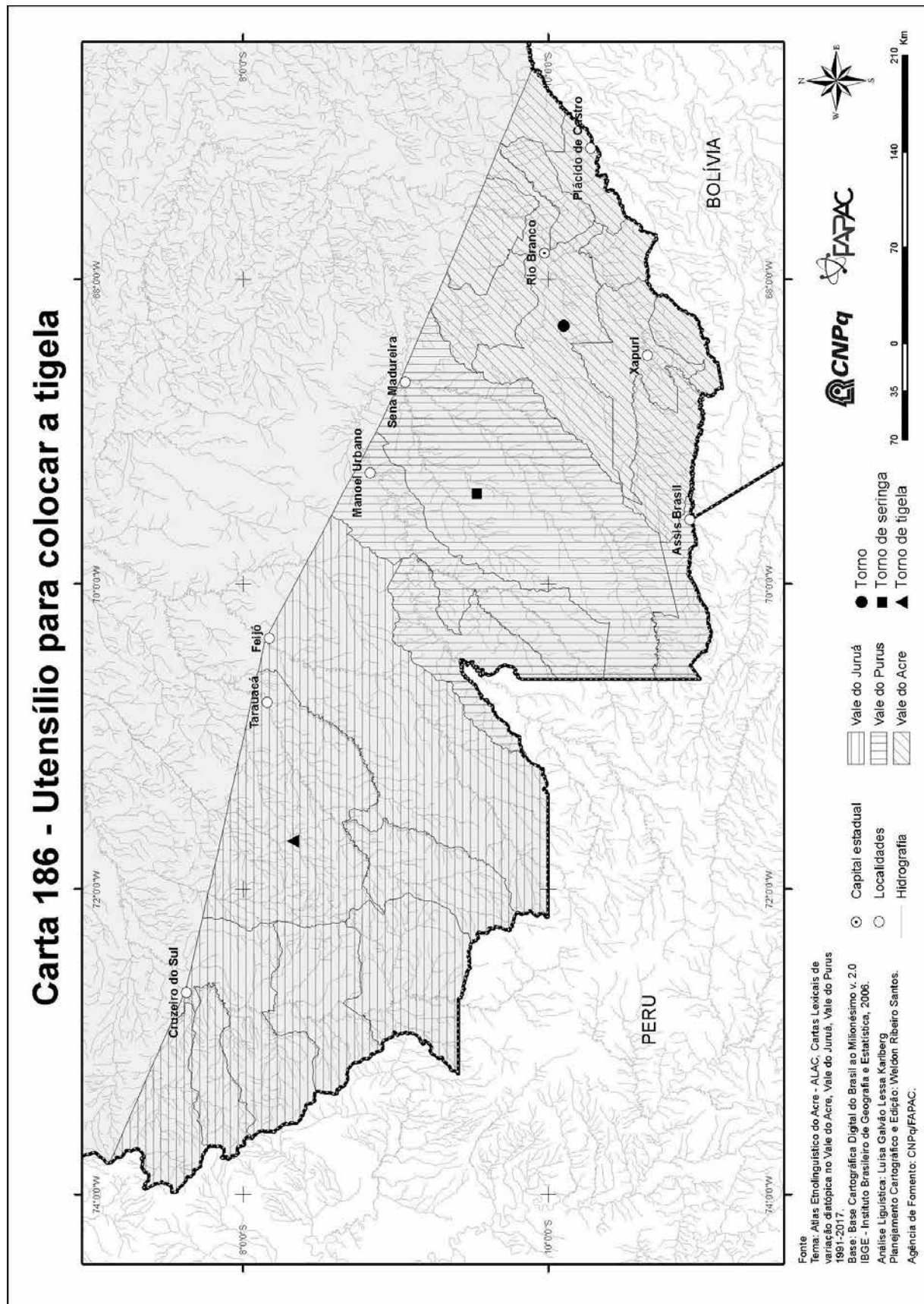


Carta 185 – Utensílio para carregar mantimentos

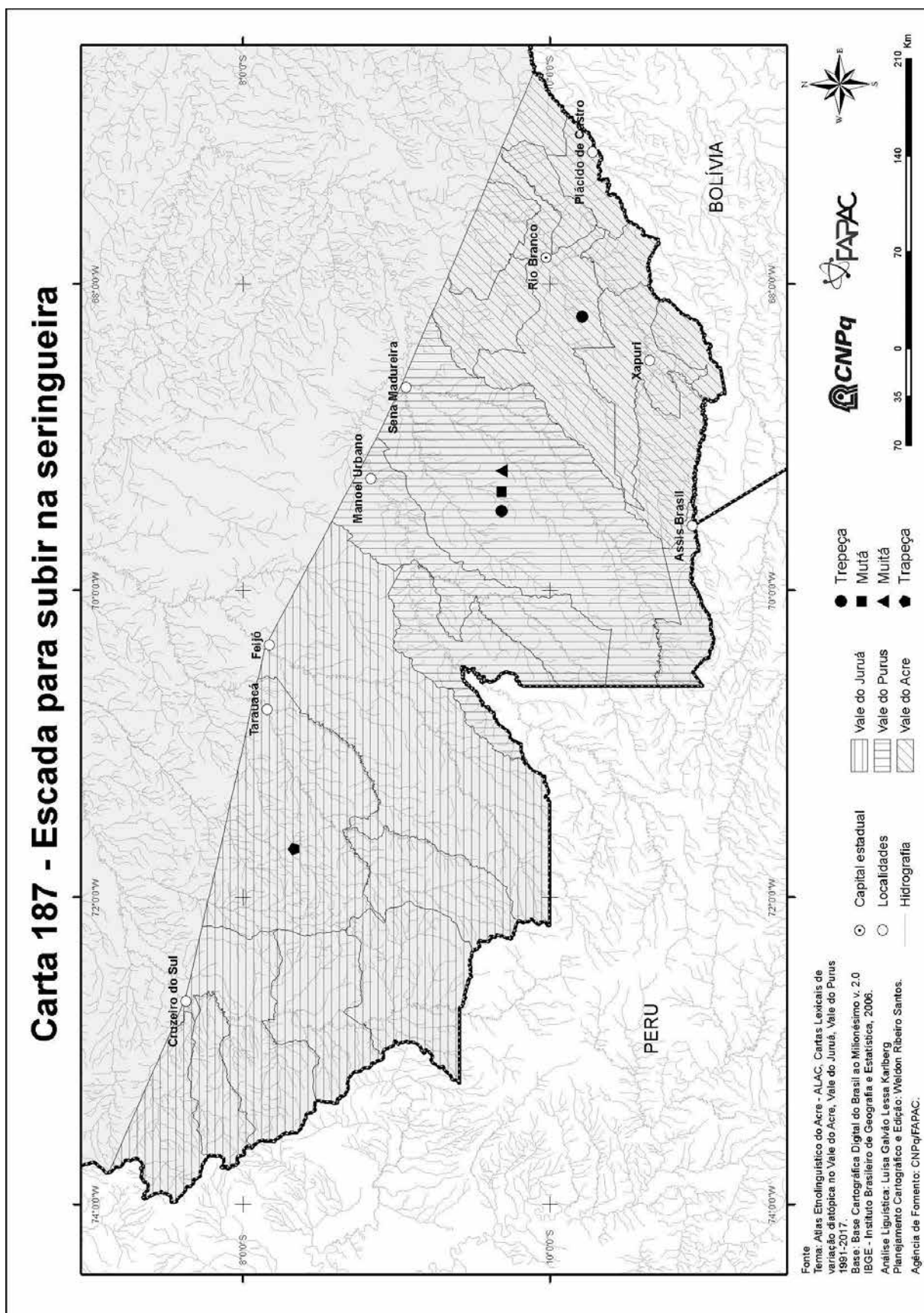




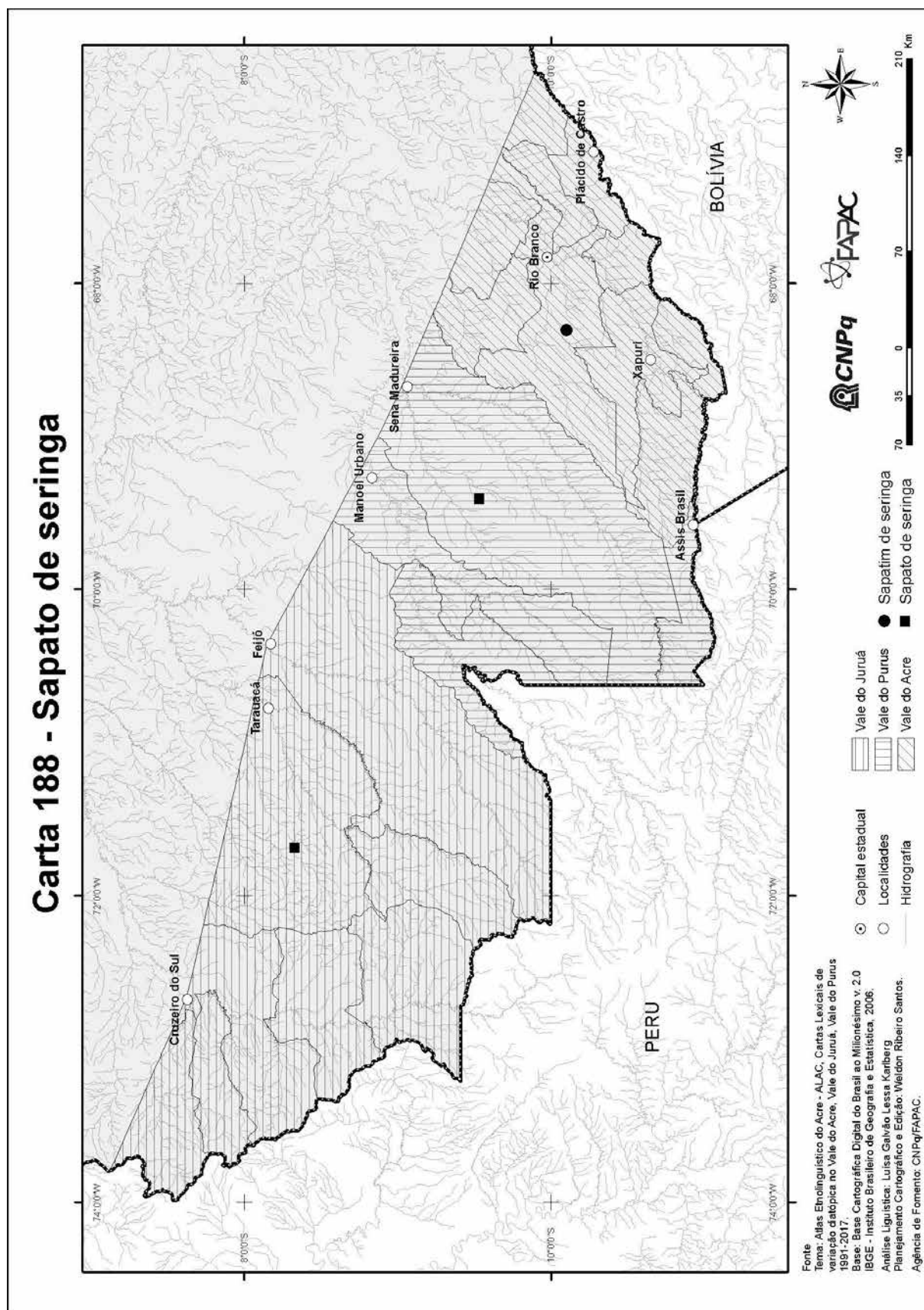
Carta 186 – Utensílio para colocar a tigela



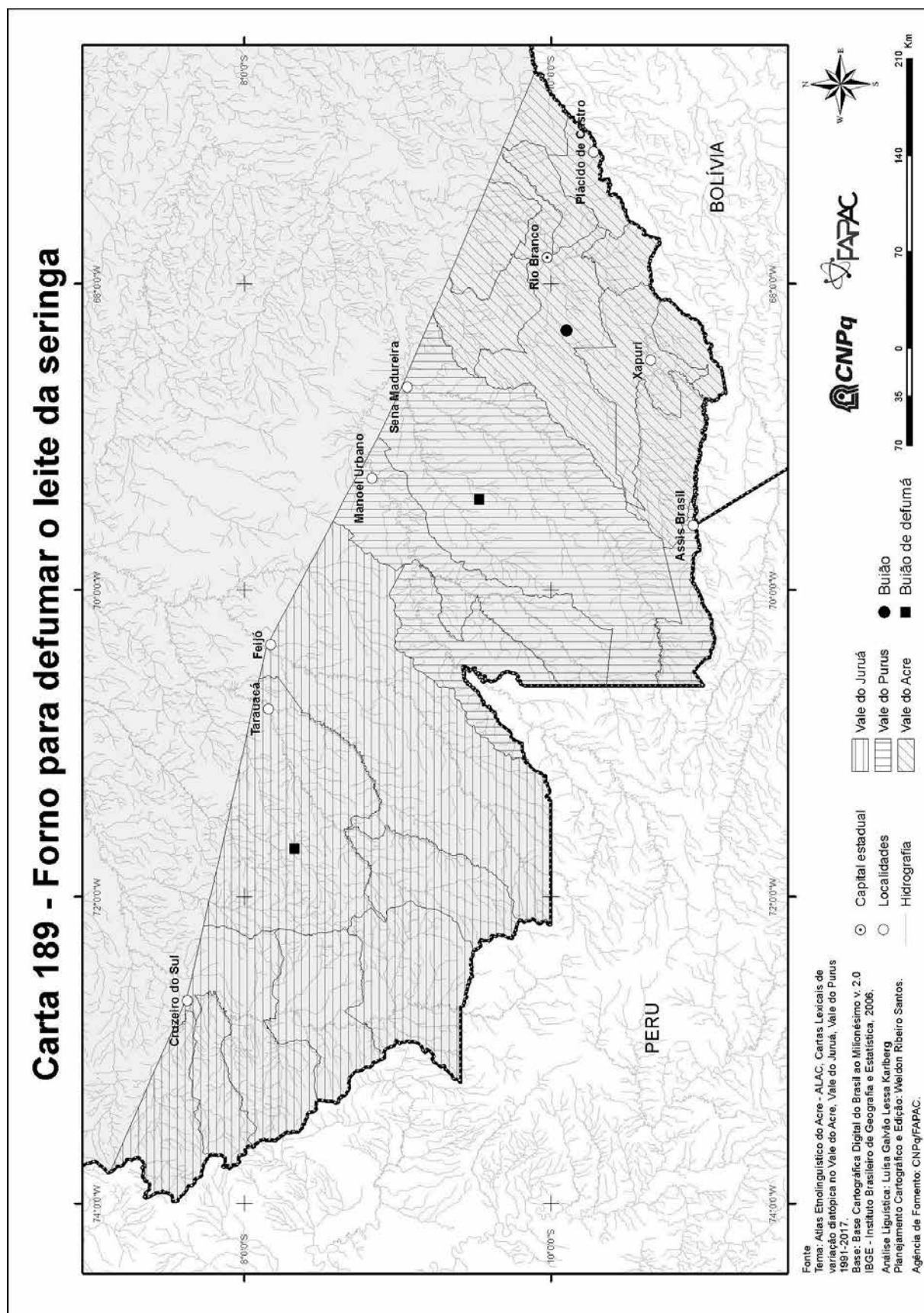
Carta 187 – Escada para subir na seringueira



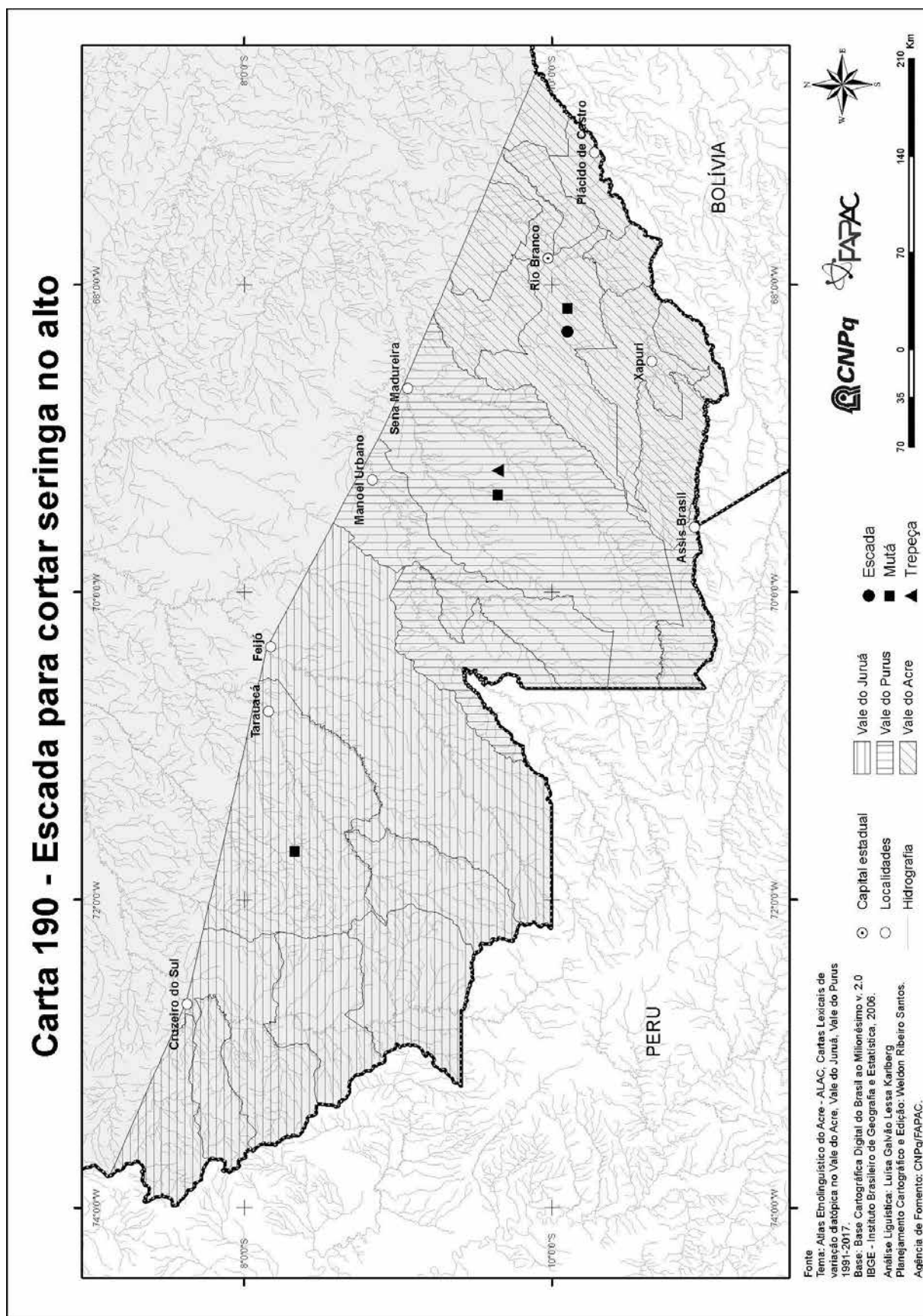
Carta 188 – Sapato de seringa



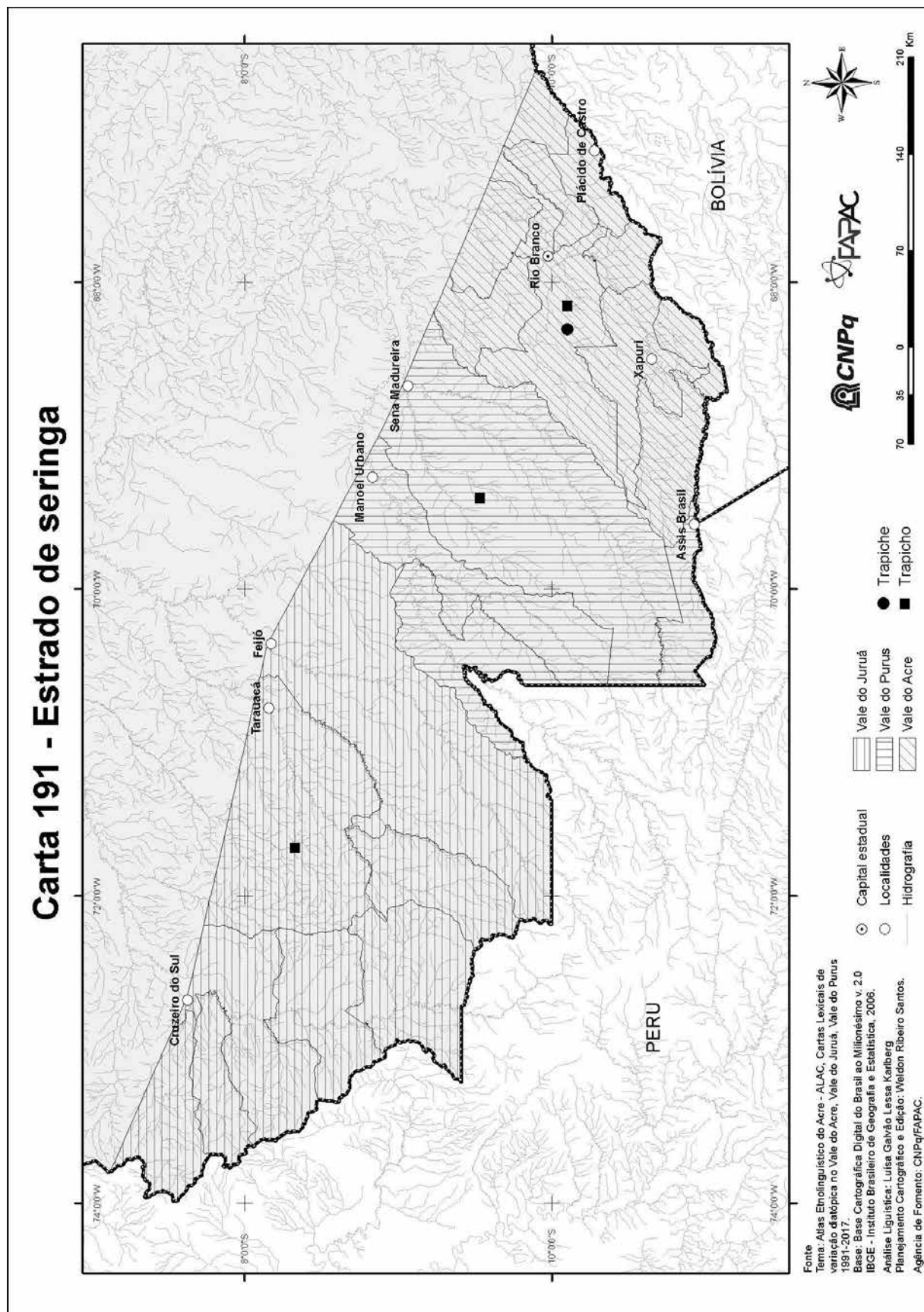
Carta 189 – Forno para defumar o leite da seringa



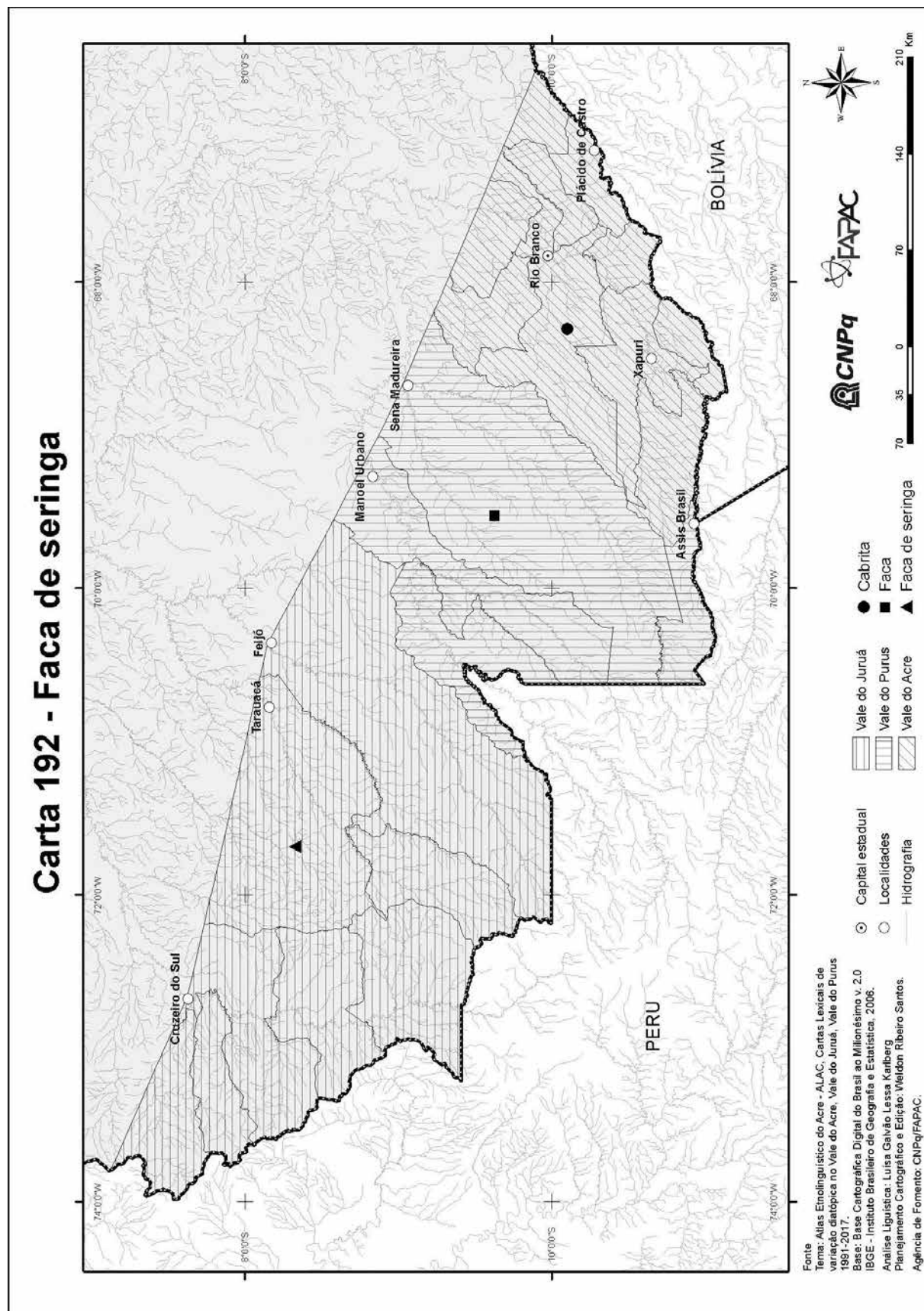
Carta 190 – Escada para cortar seringa no alto



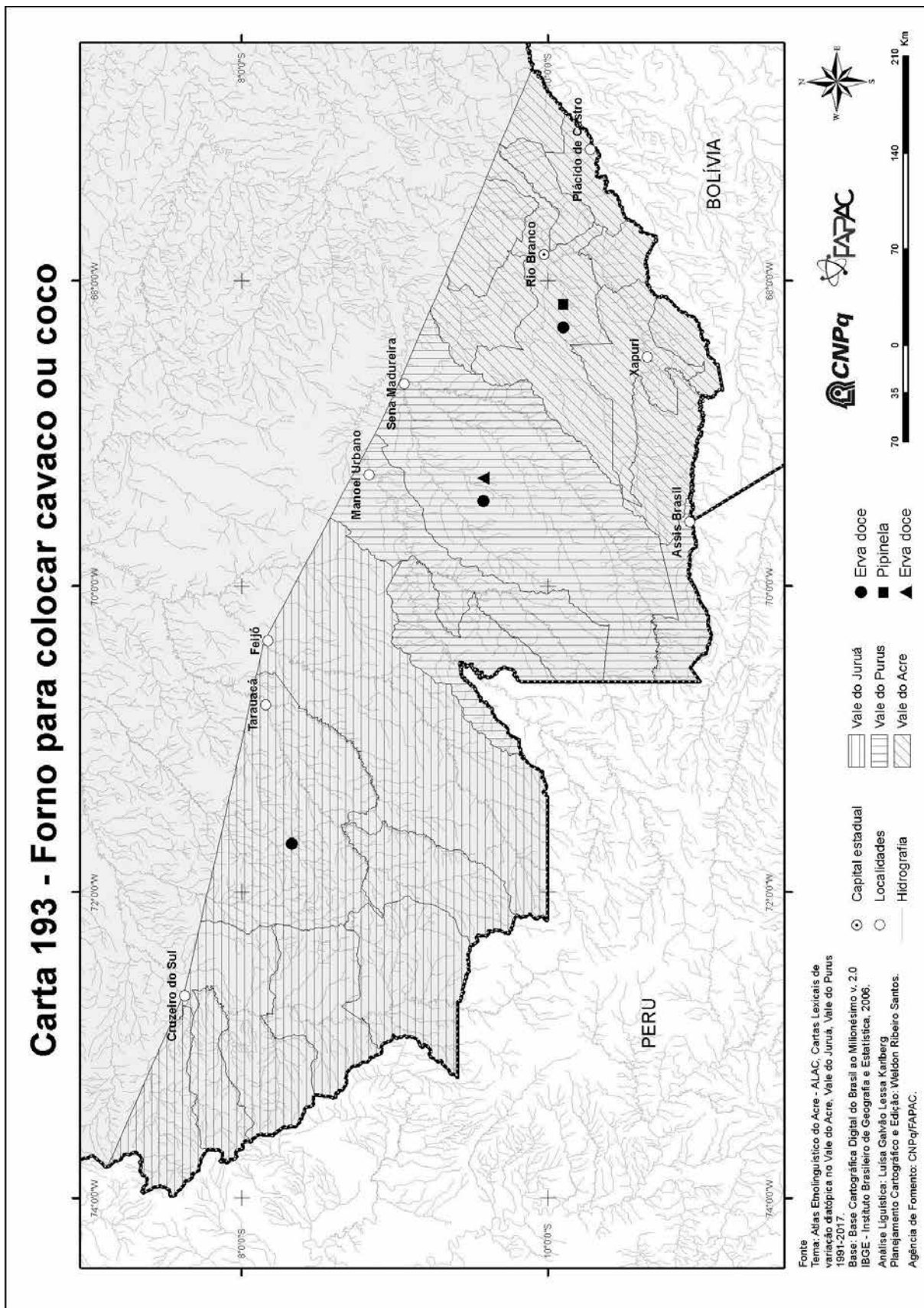
Carta 191 – Estrada de seringa



Carta 192 – Faca da seringa

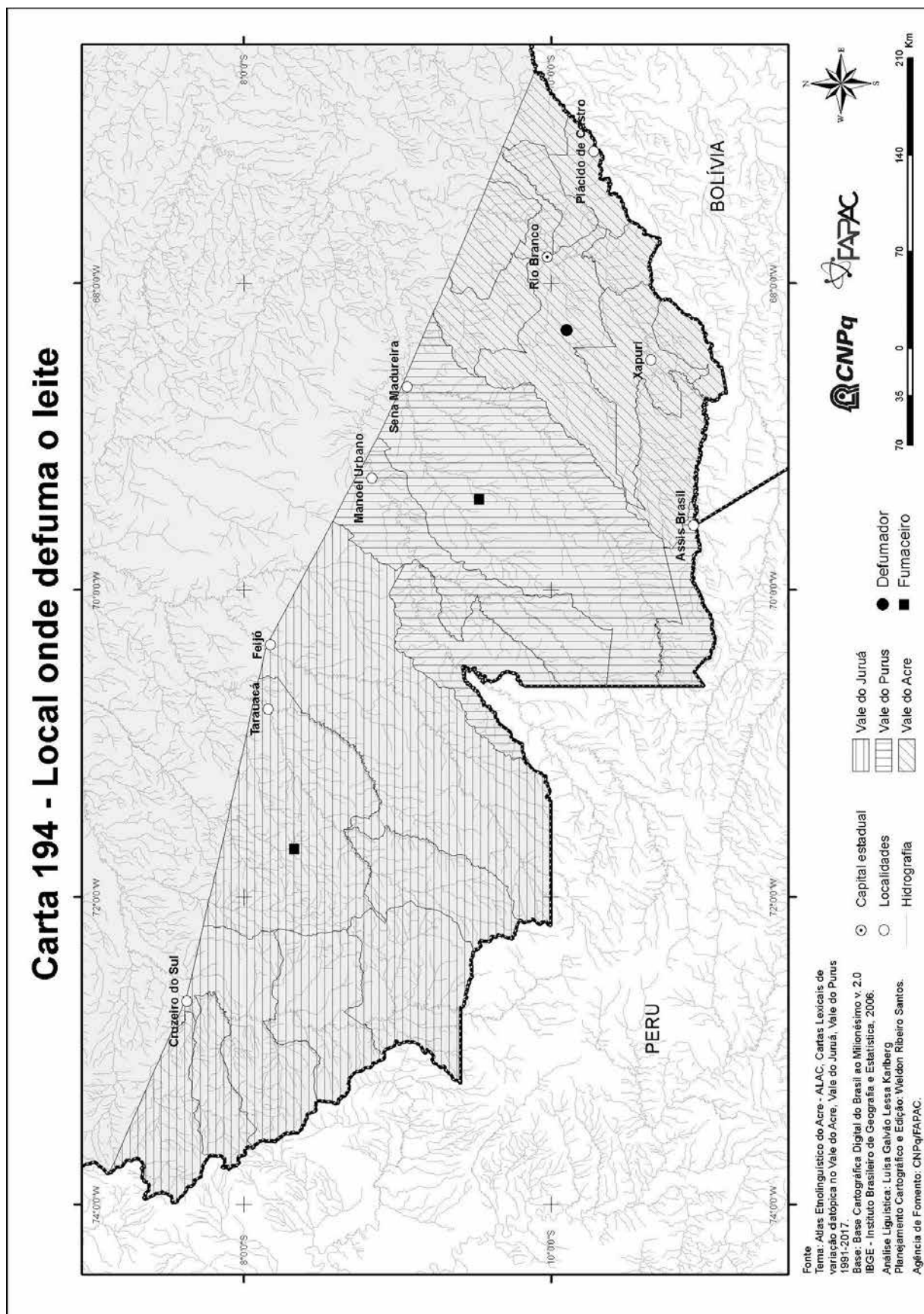


Carta 193 – Forno para colocar cavaco ou coco

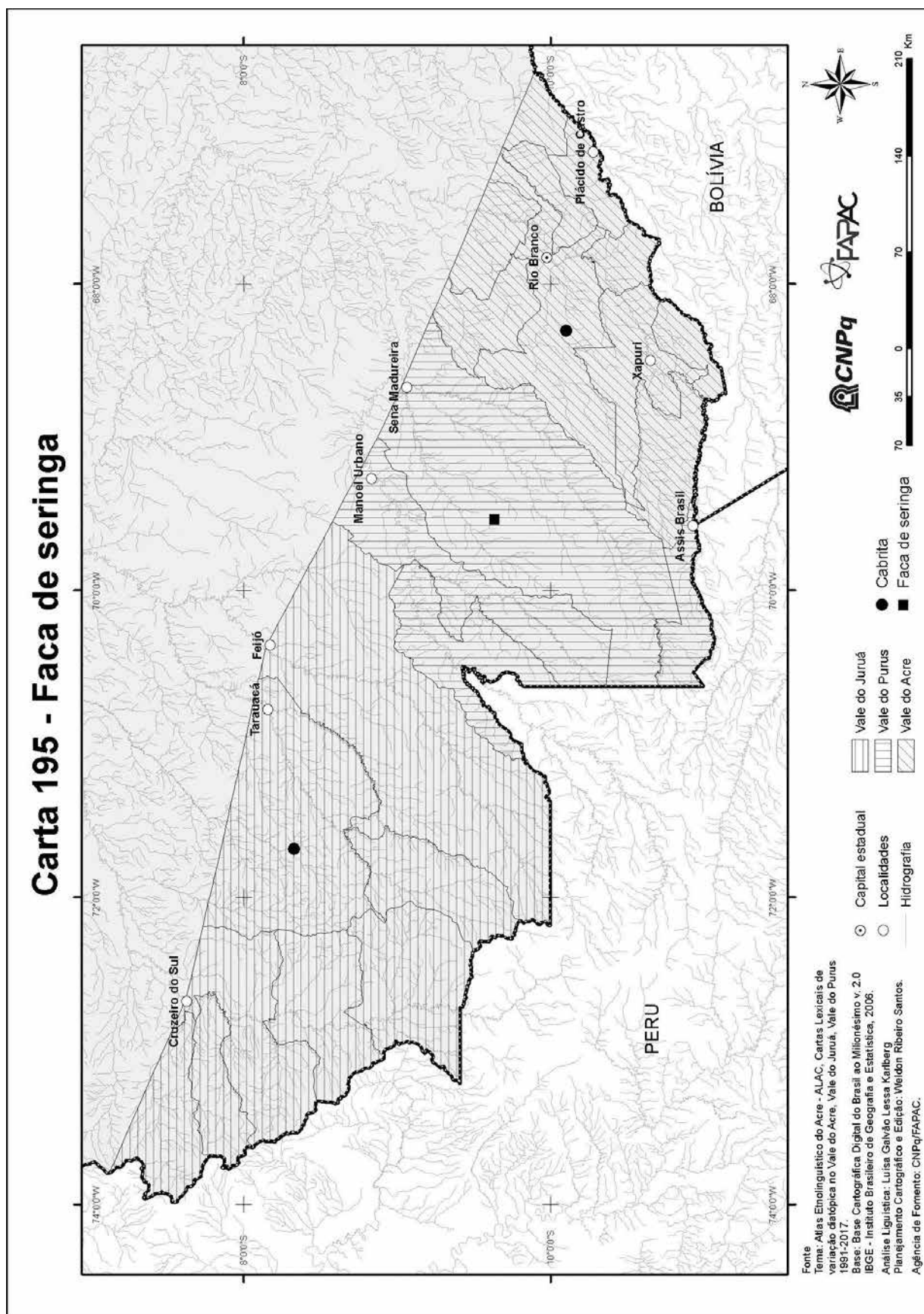




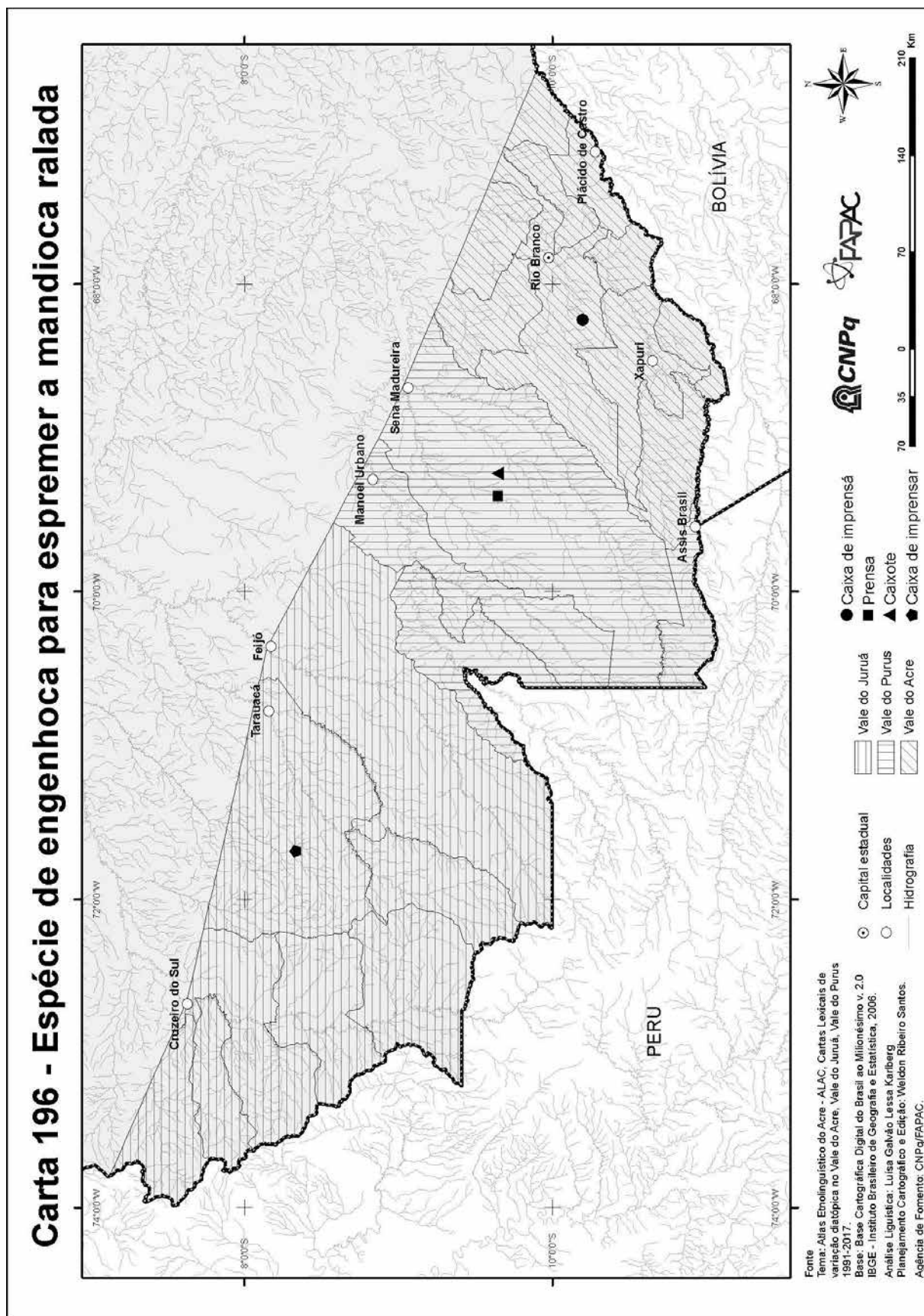
Carta 194 – Local onde defuma o leite



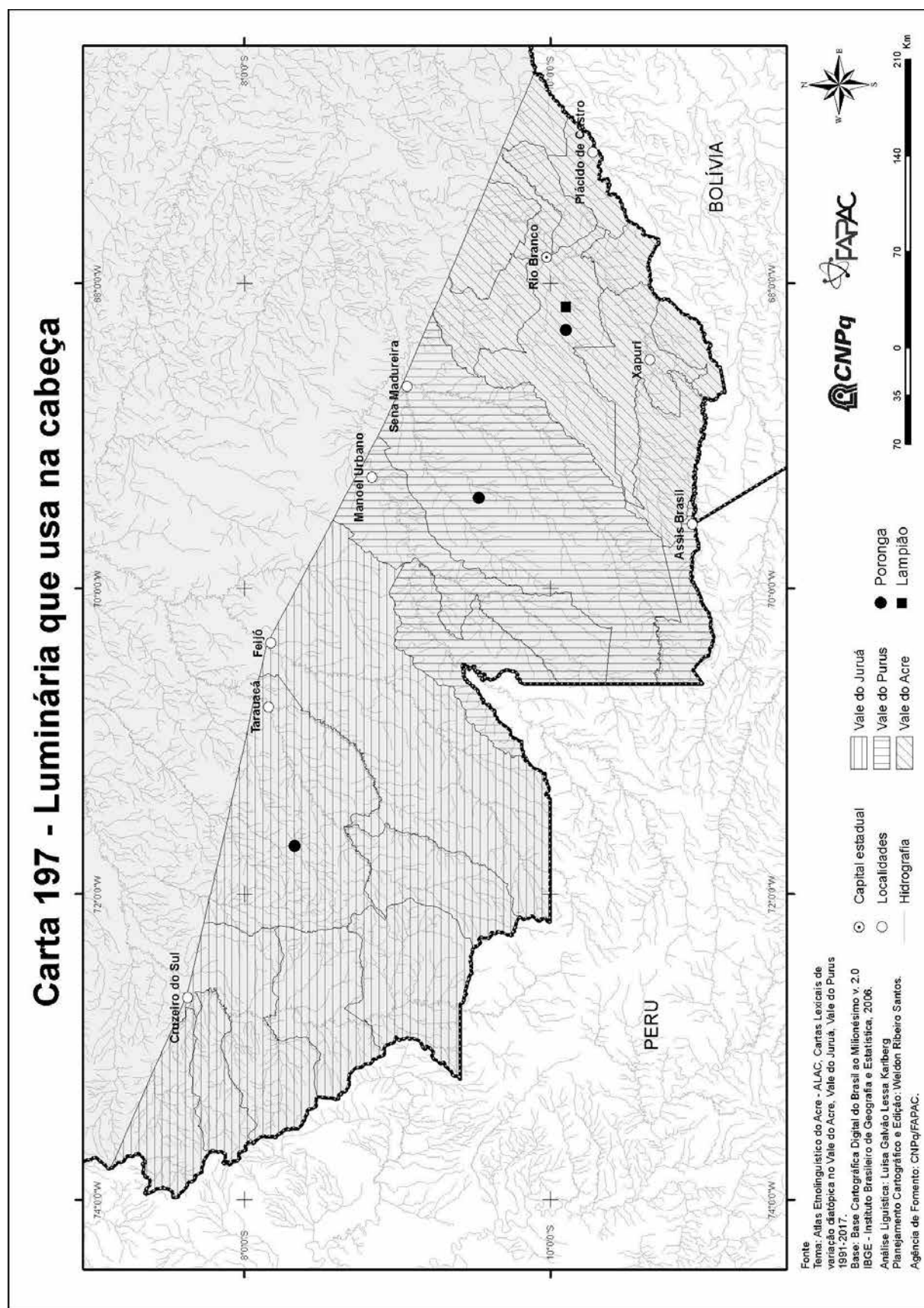
Carta 195 – Faca de seringa



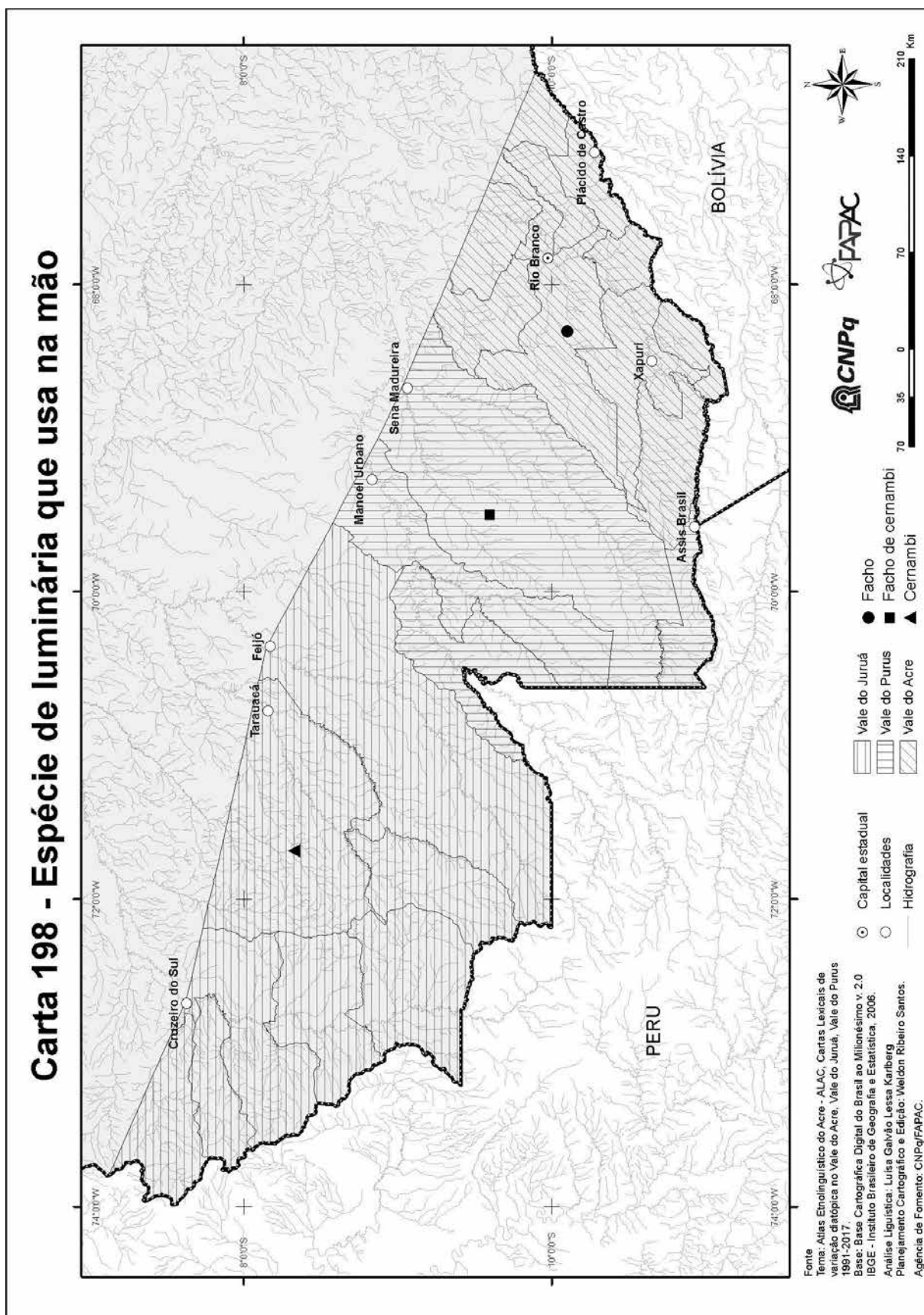
Carta 196 – Espécie de engenhoca para espremer a mandioca ralada



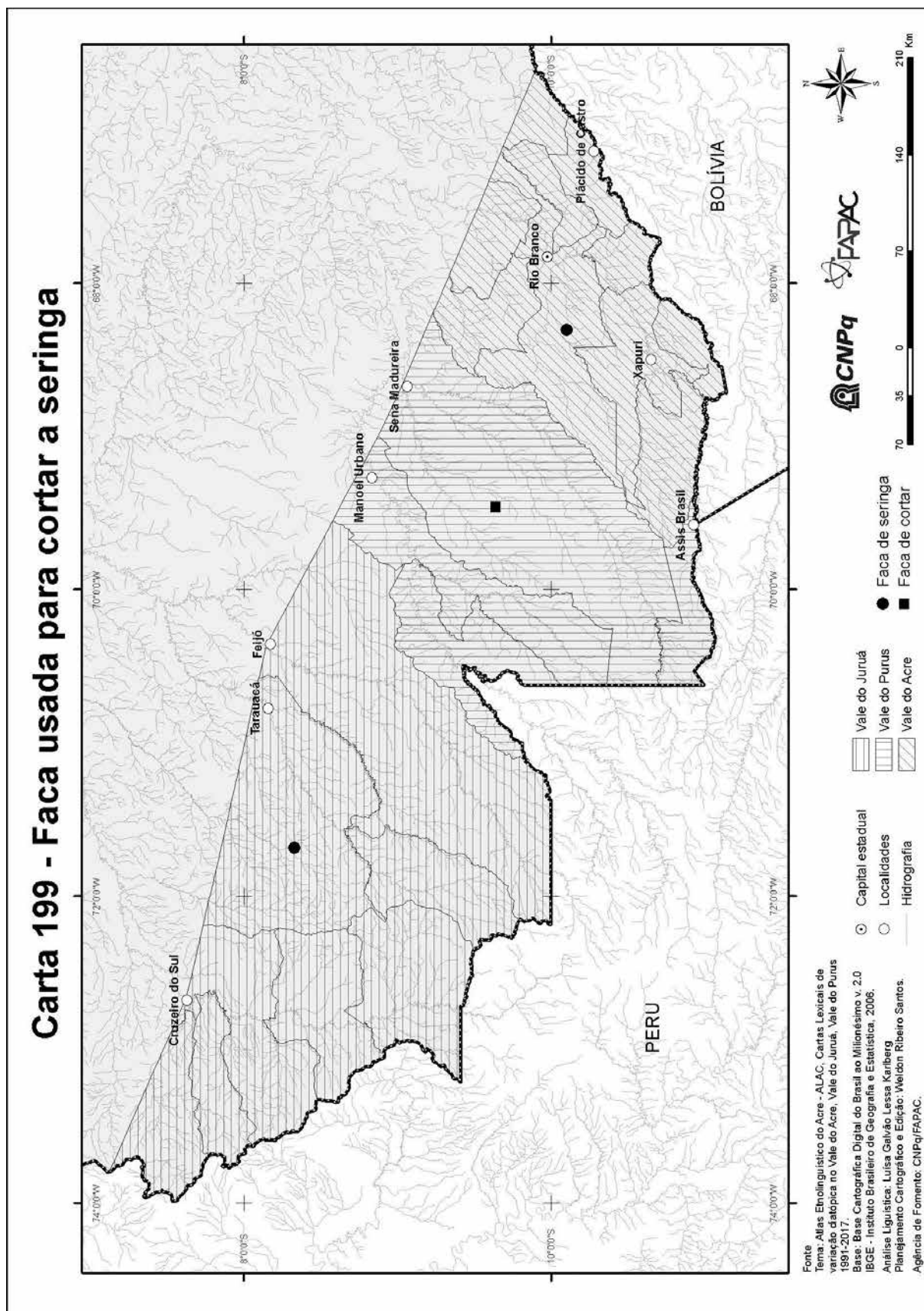
Carta 197 – Luminária que usa na cabeça



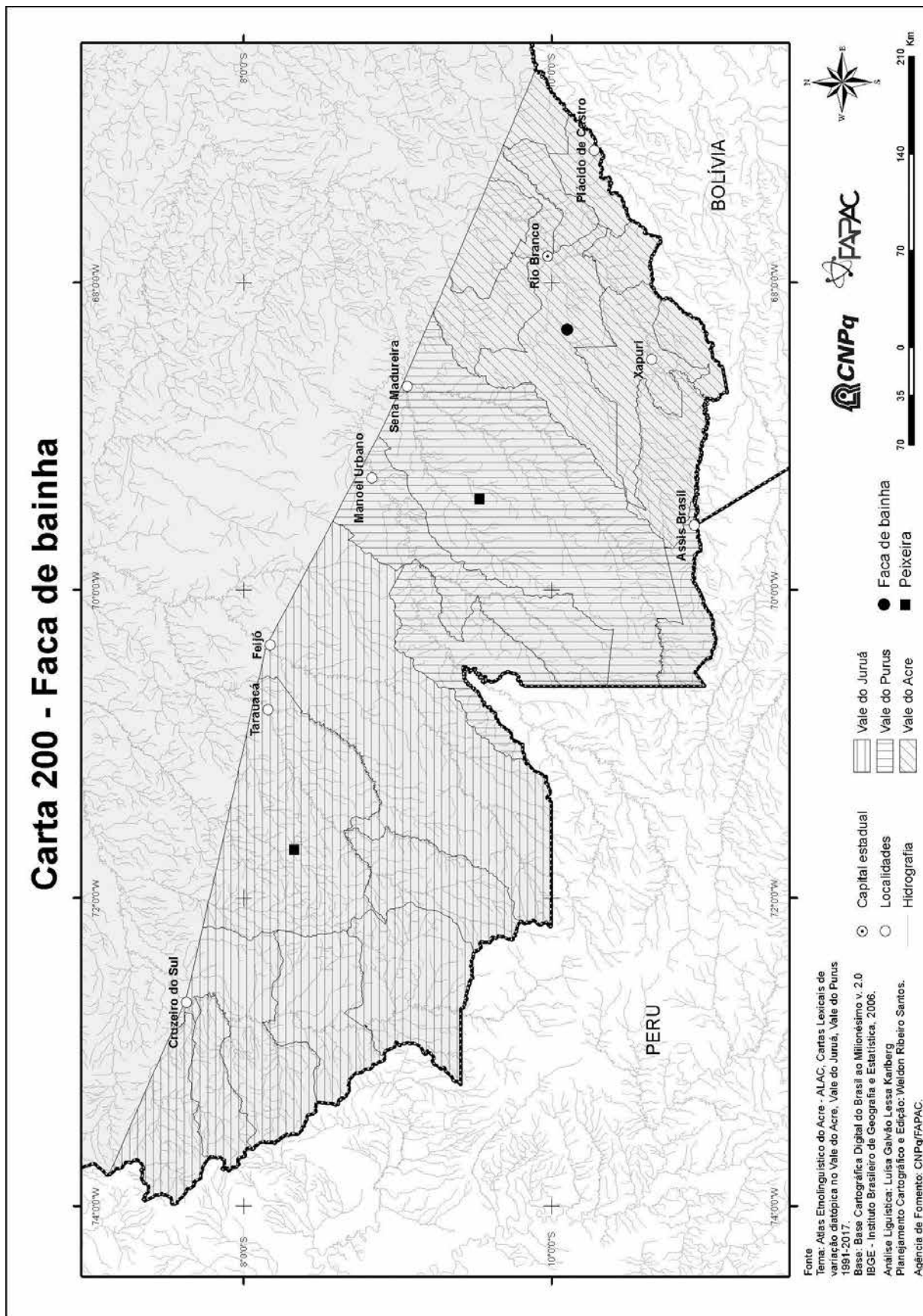
Carta 198 – Espécie de luminária que usa na mão



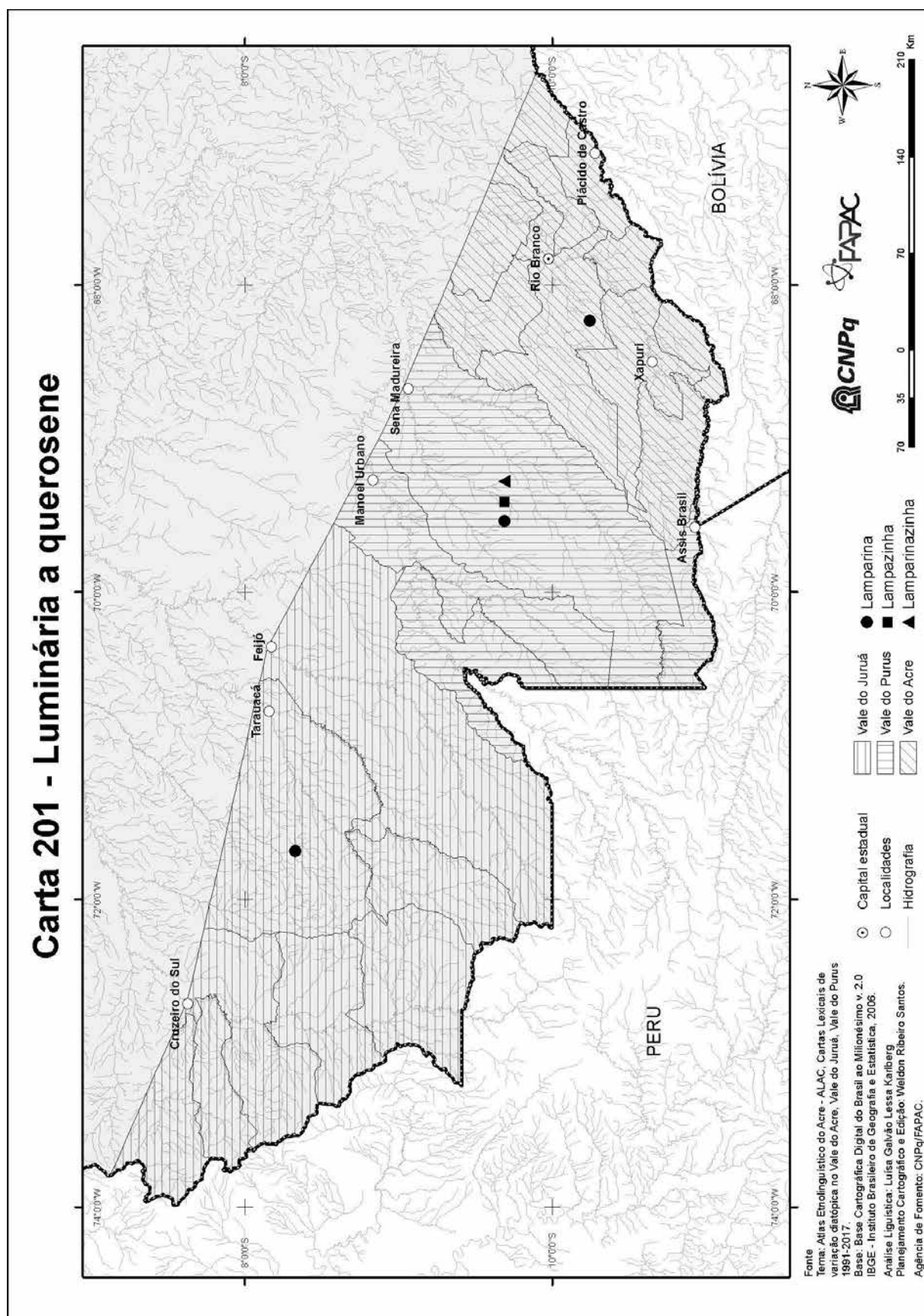
Carta 199 – Faca usada para cortar a seringa



Carta 200 – Faca de bainha

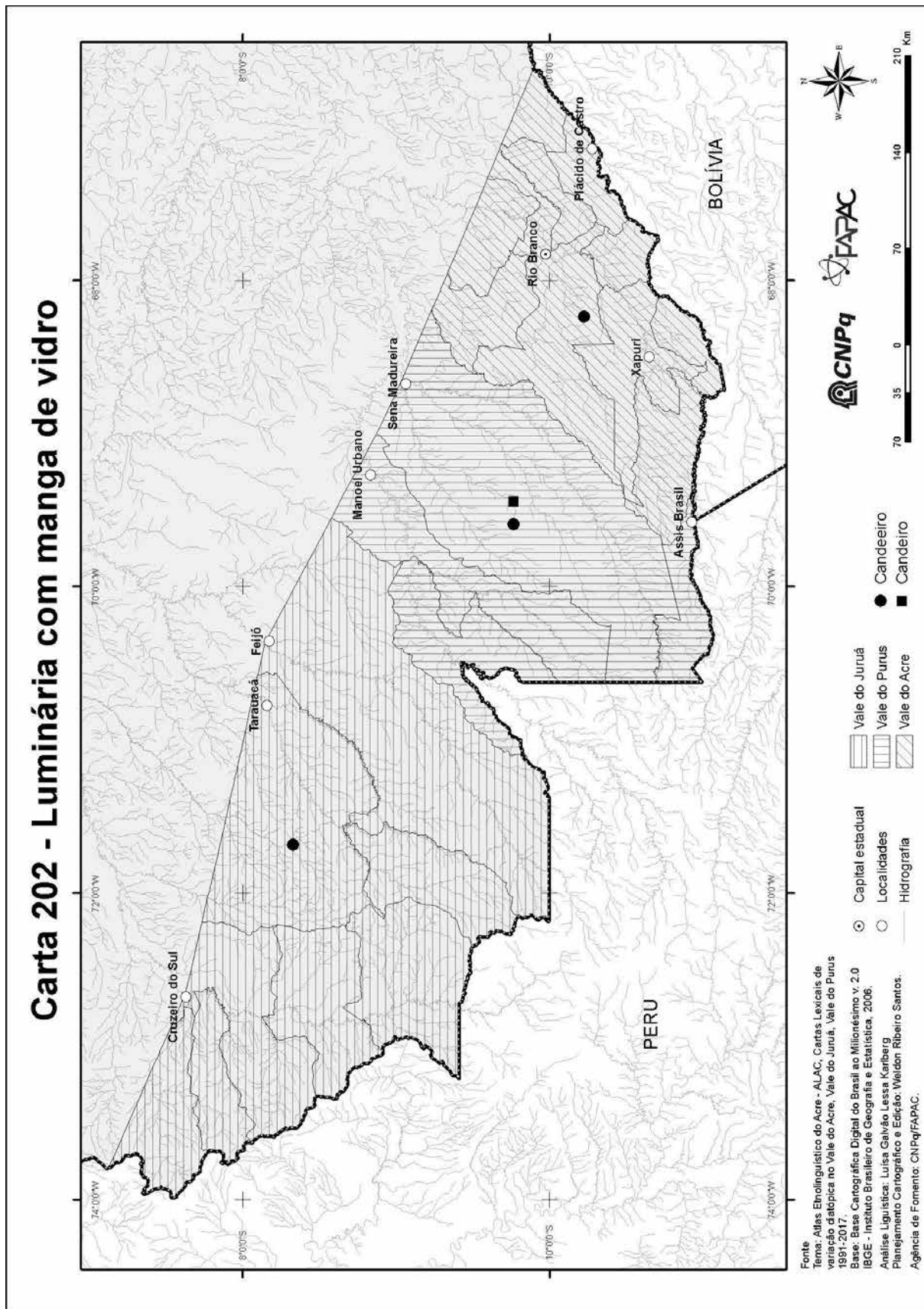


Carta 201 – Luminária a querosene

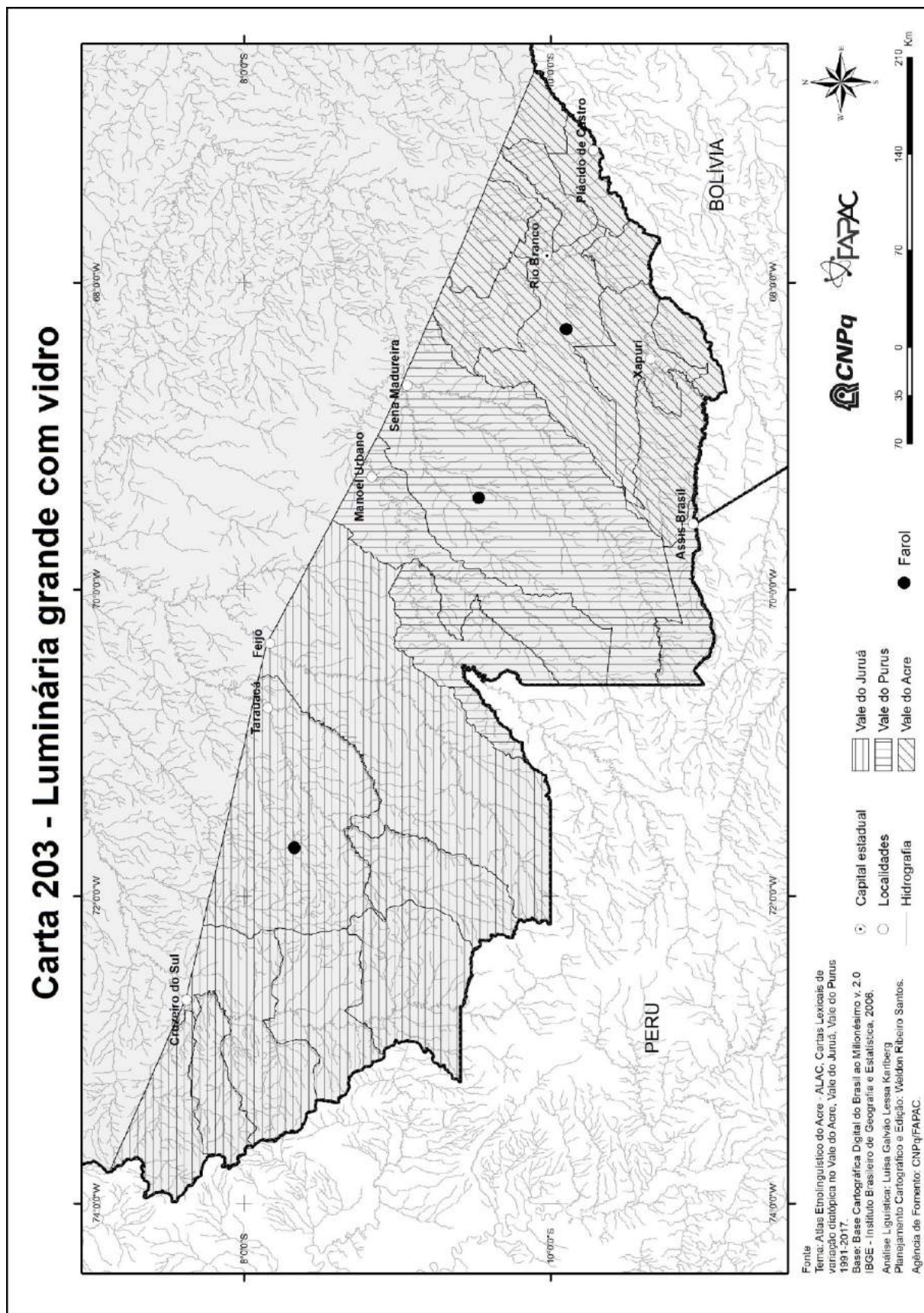




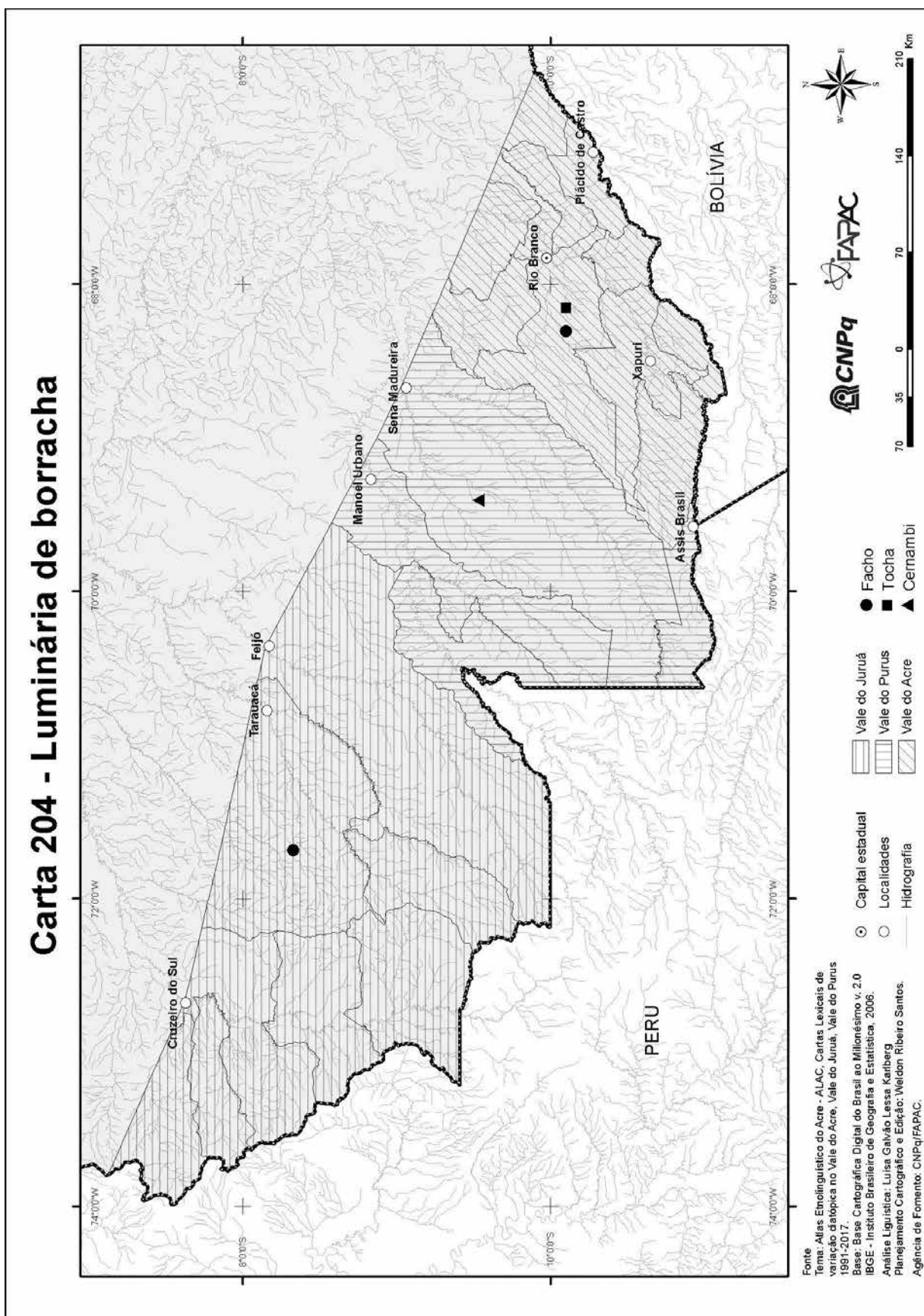
Carta 202 – Luminária com manga de vidro



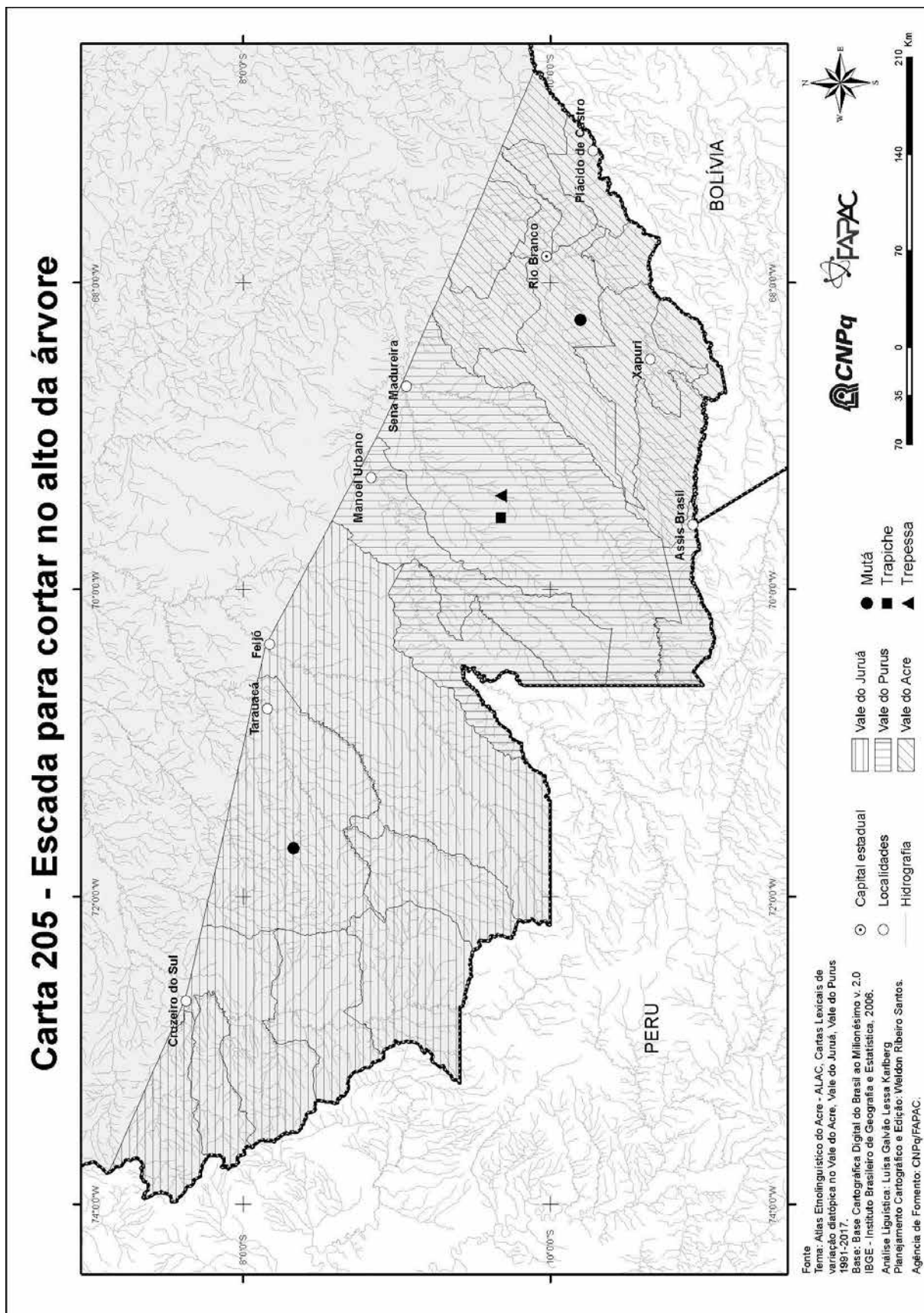
Carta 203 – Luminária grande com vidro



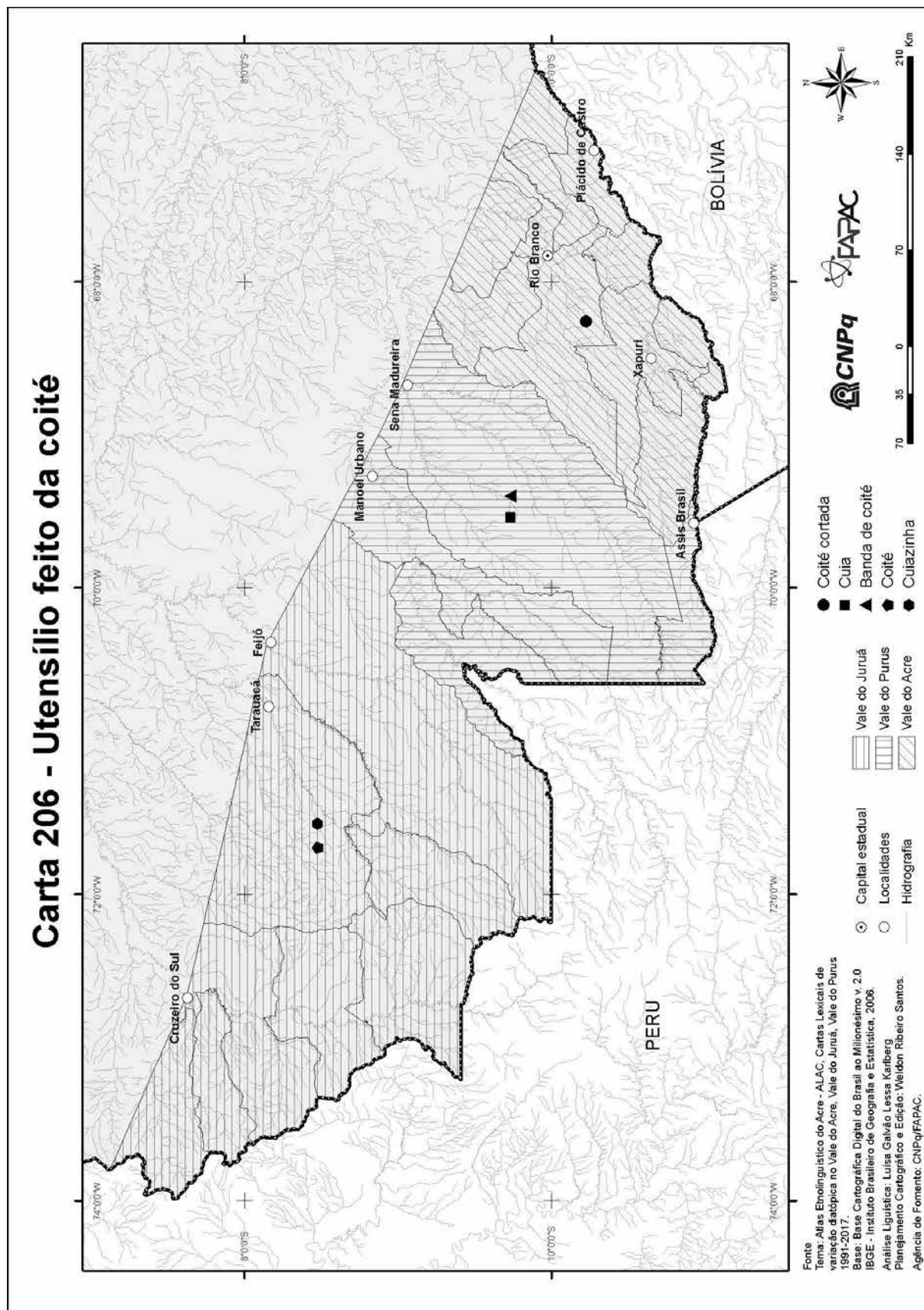
Carta 204 – Luminária de borracha



Carta 205 – Escada para cortar no alto da árvore

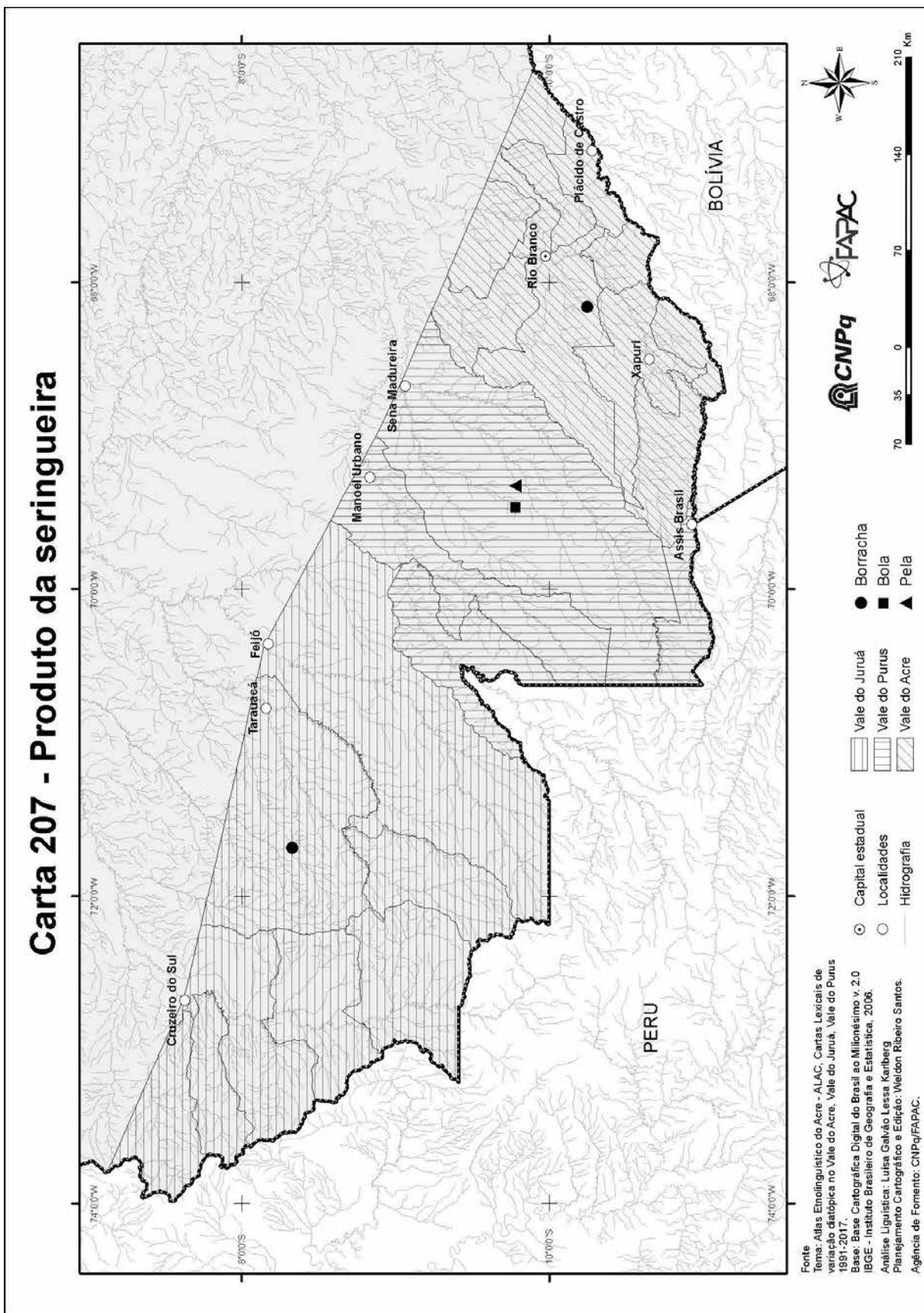


Carta 206 – Utensílio feito da coité

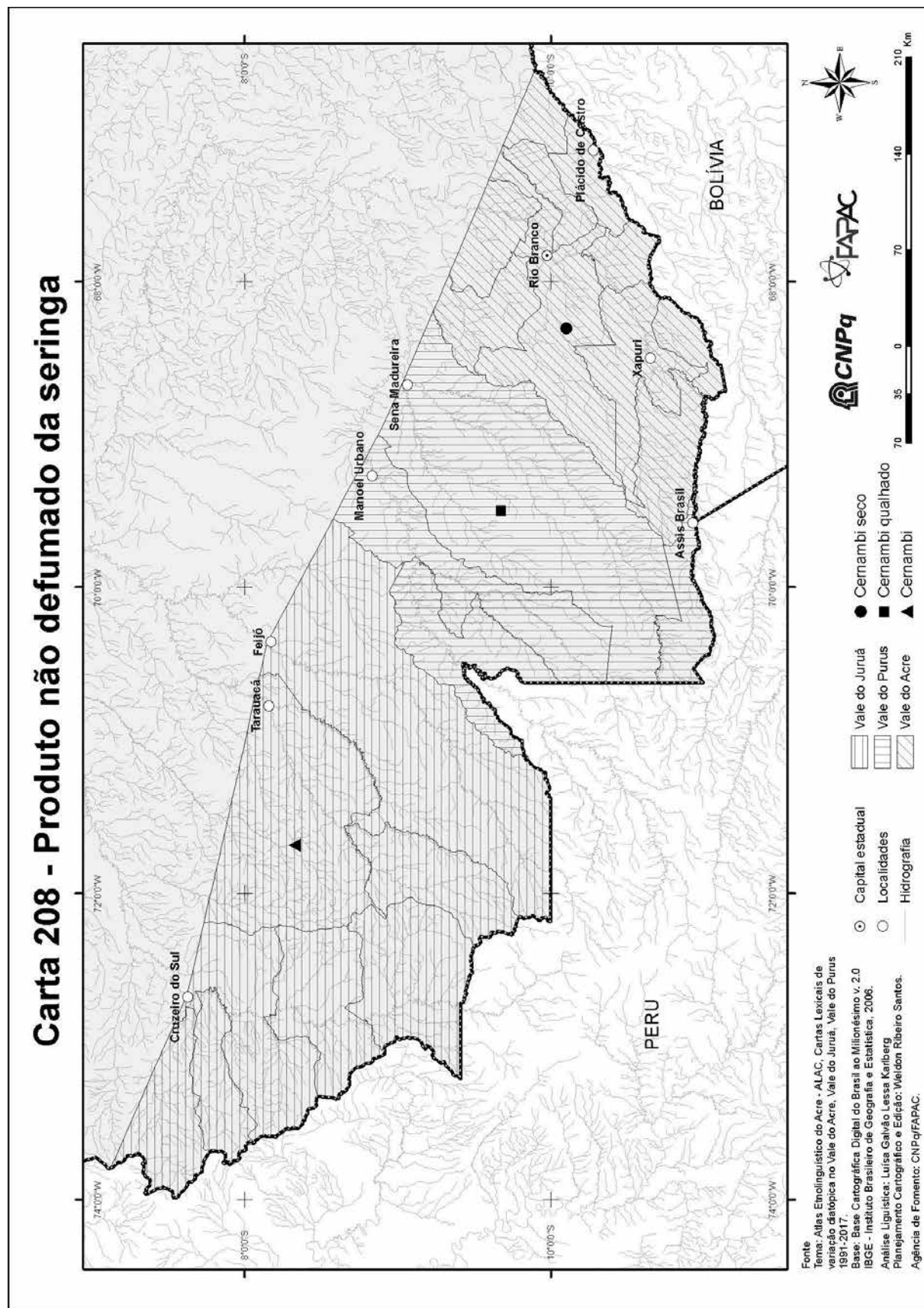


**CAMPO SEMÂNTICO: C – TRABALHO**  
**XIV – PROCESSO DA PRODUÇÃO COM O LÁTEX**

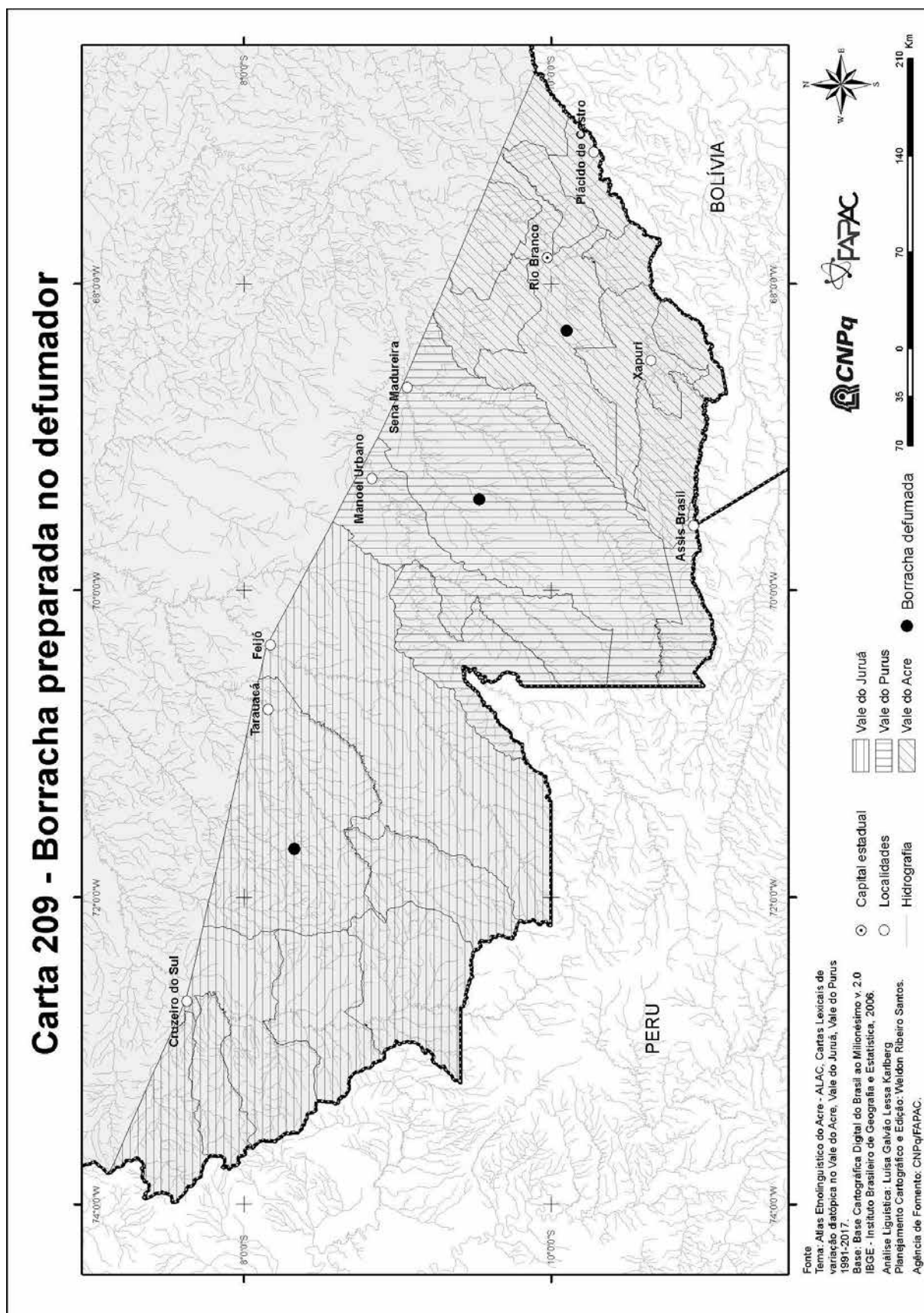
Carta 207 – Produto da seringueira



Carta 208 – Produto não defumado da seringa

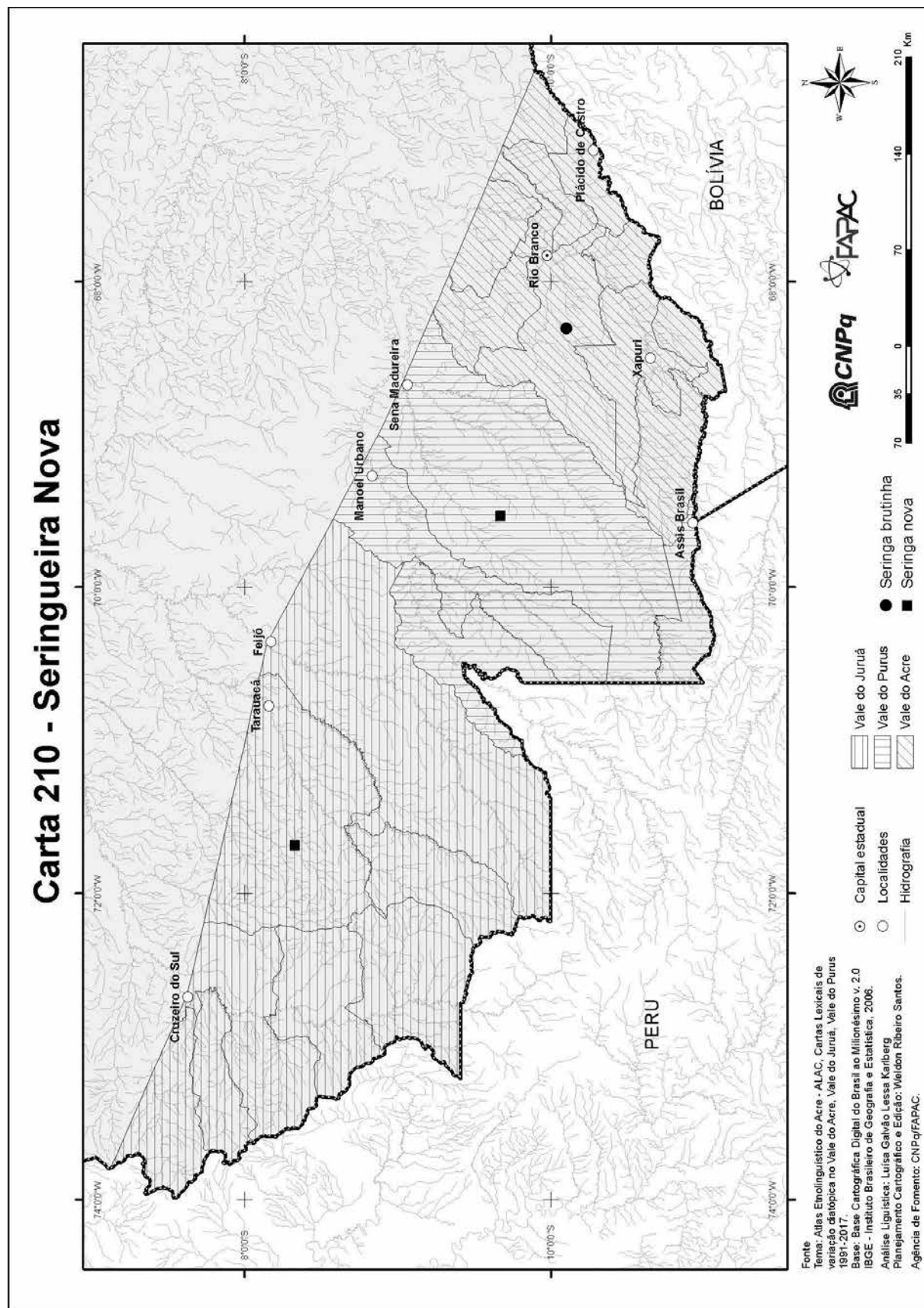


Carta 209 – Borracha preparada no defumador

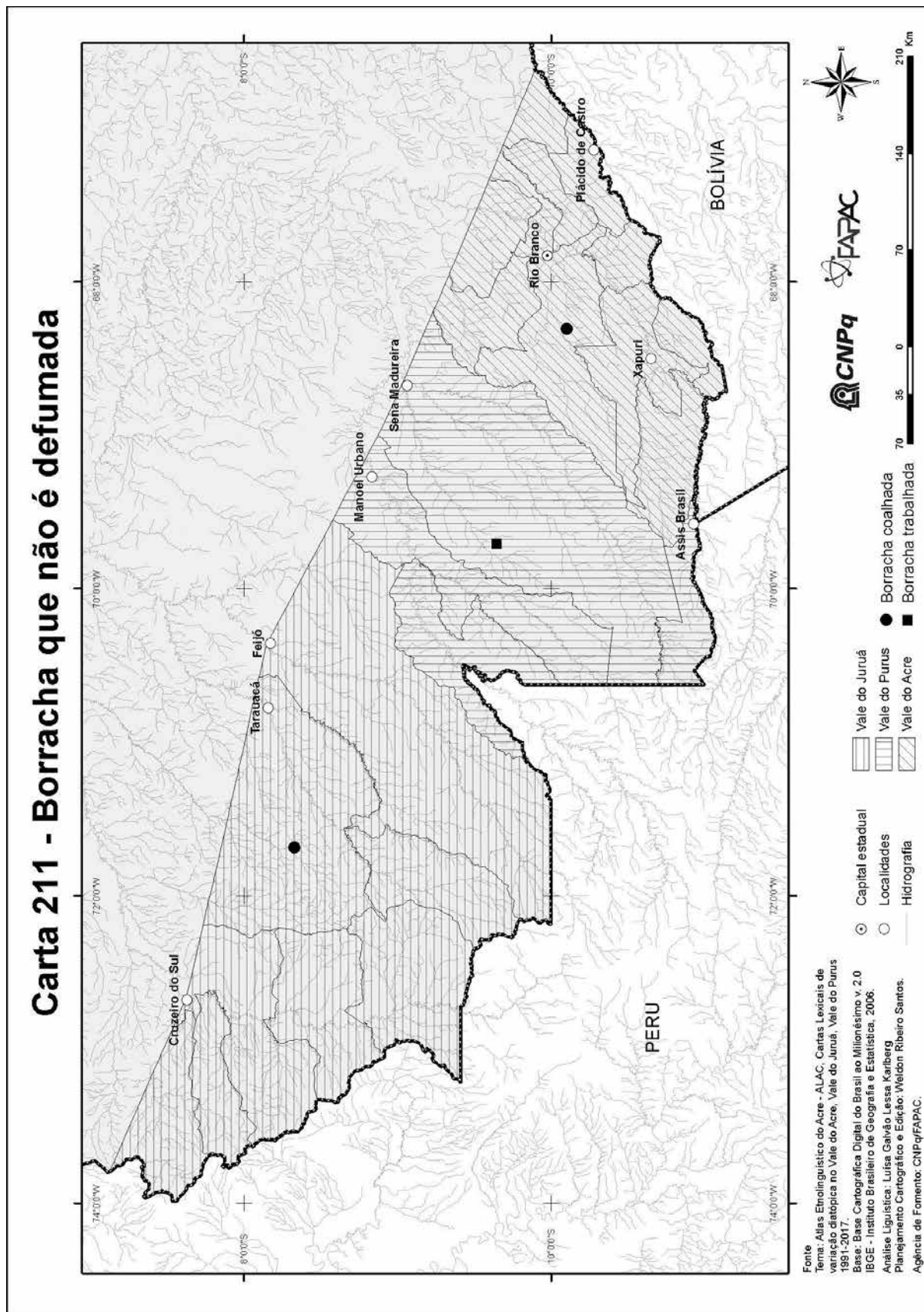




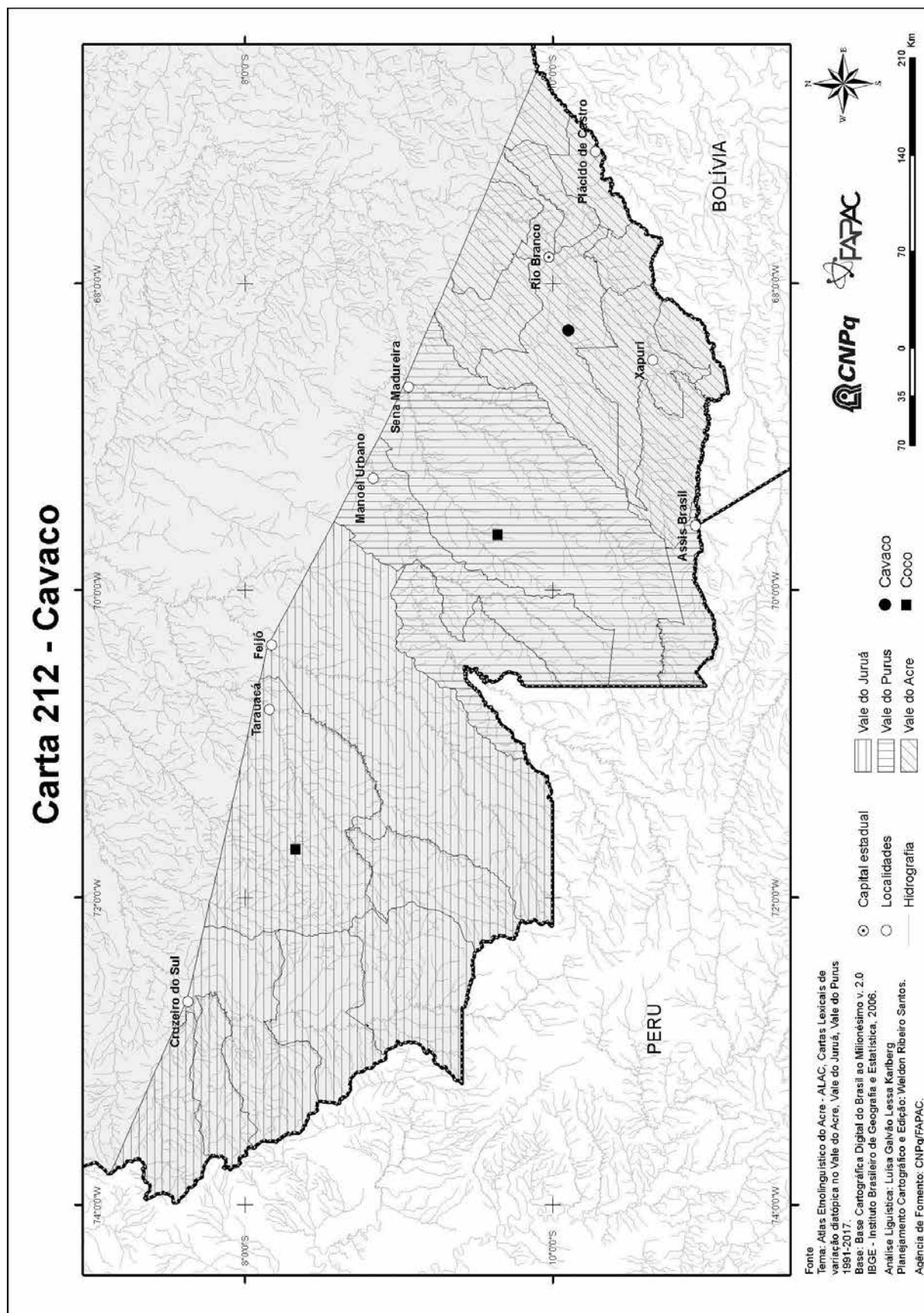
Carta 210 – Seringueira Nova



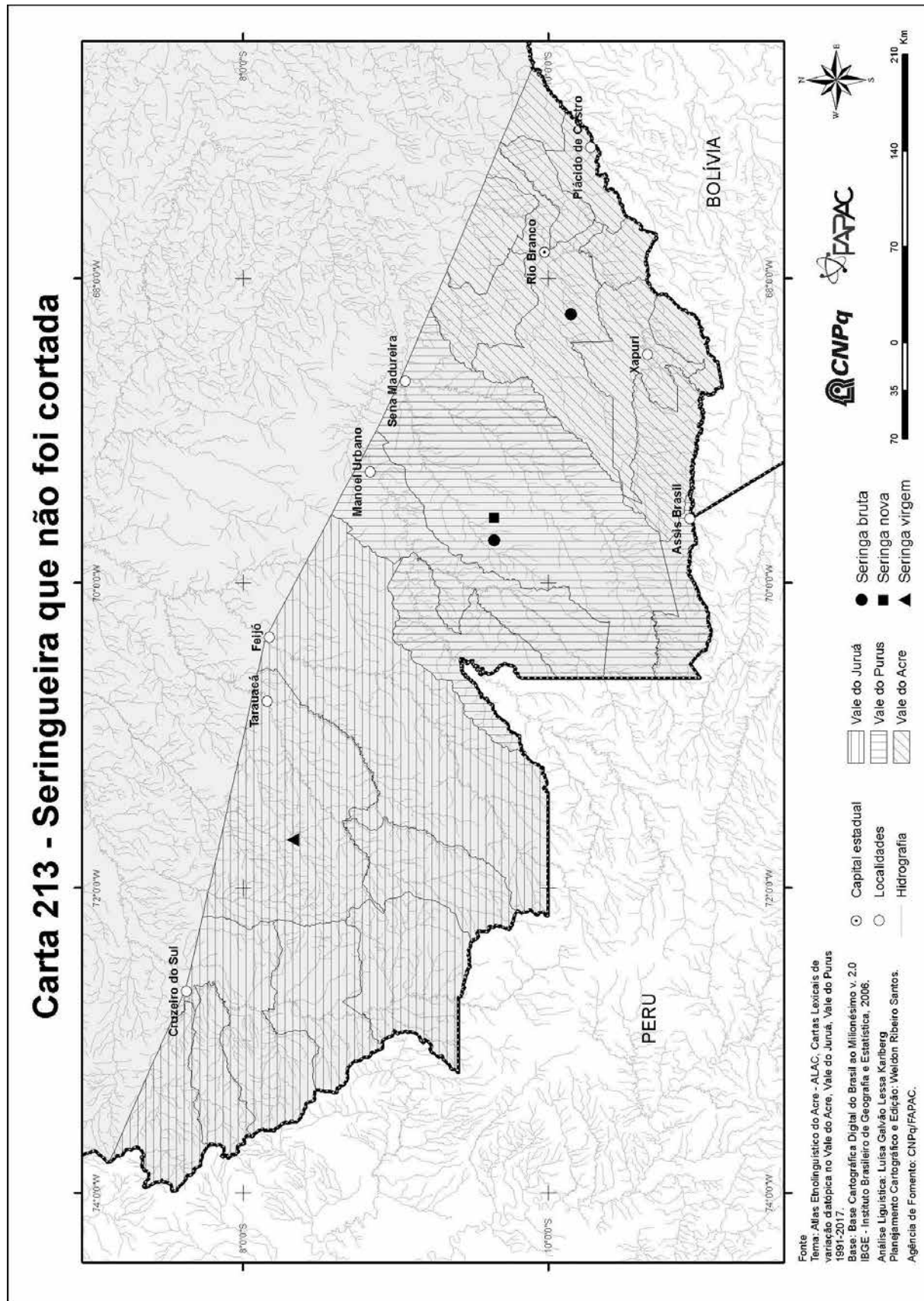
Carta 211 – Borracha que não é defumada



Carta 212 – Cavaco

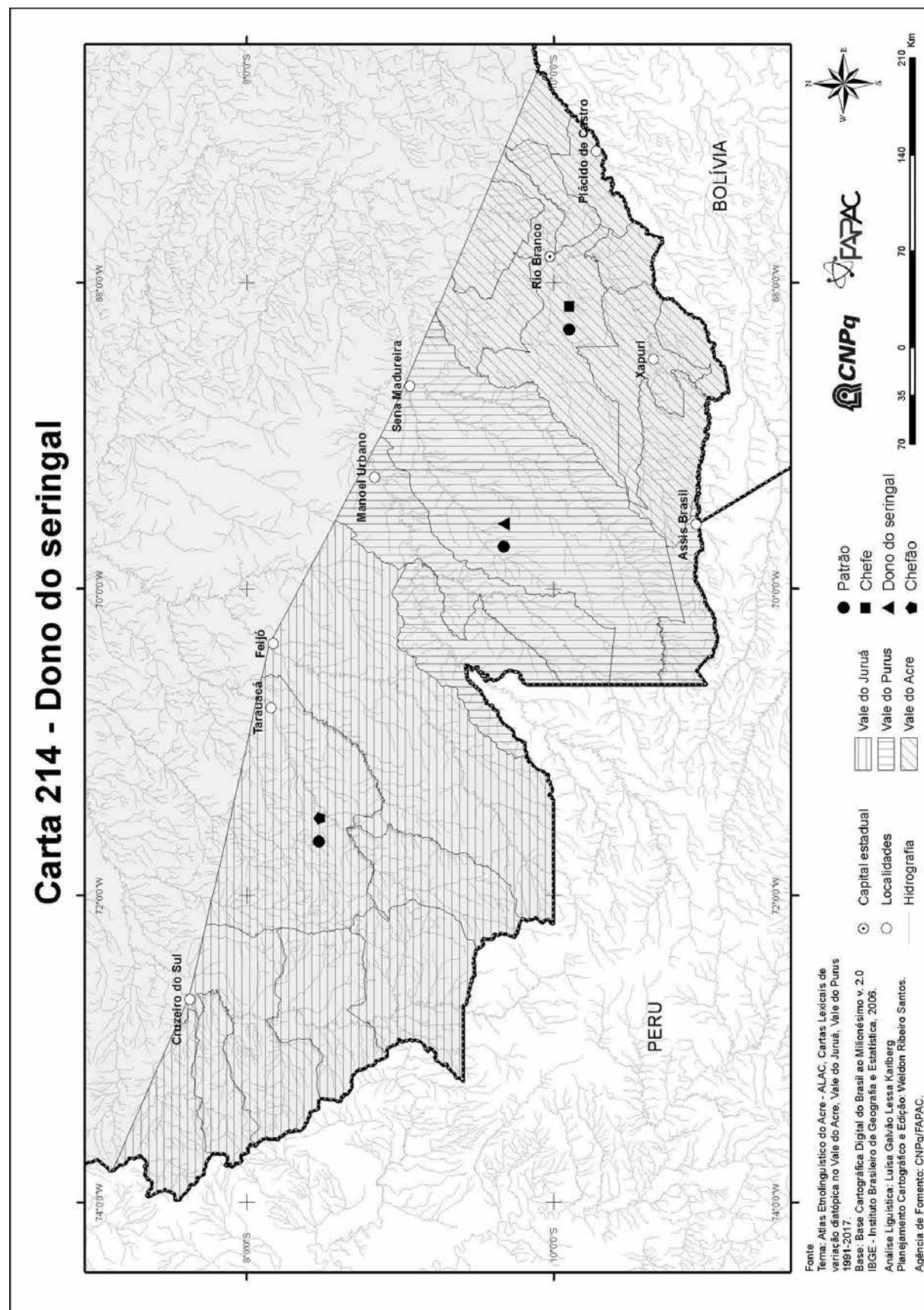


Carta 213 – Seringueira que não foi cortada

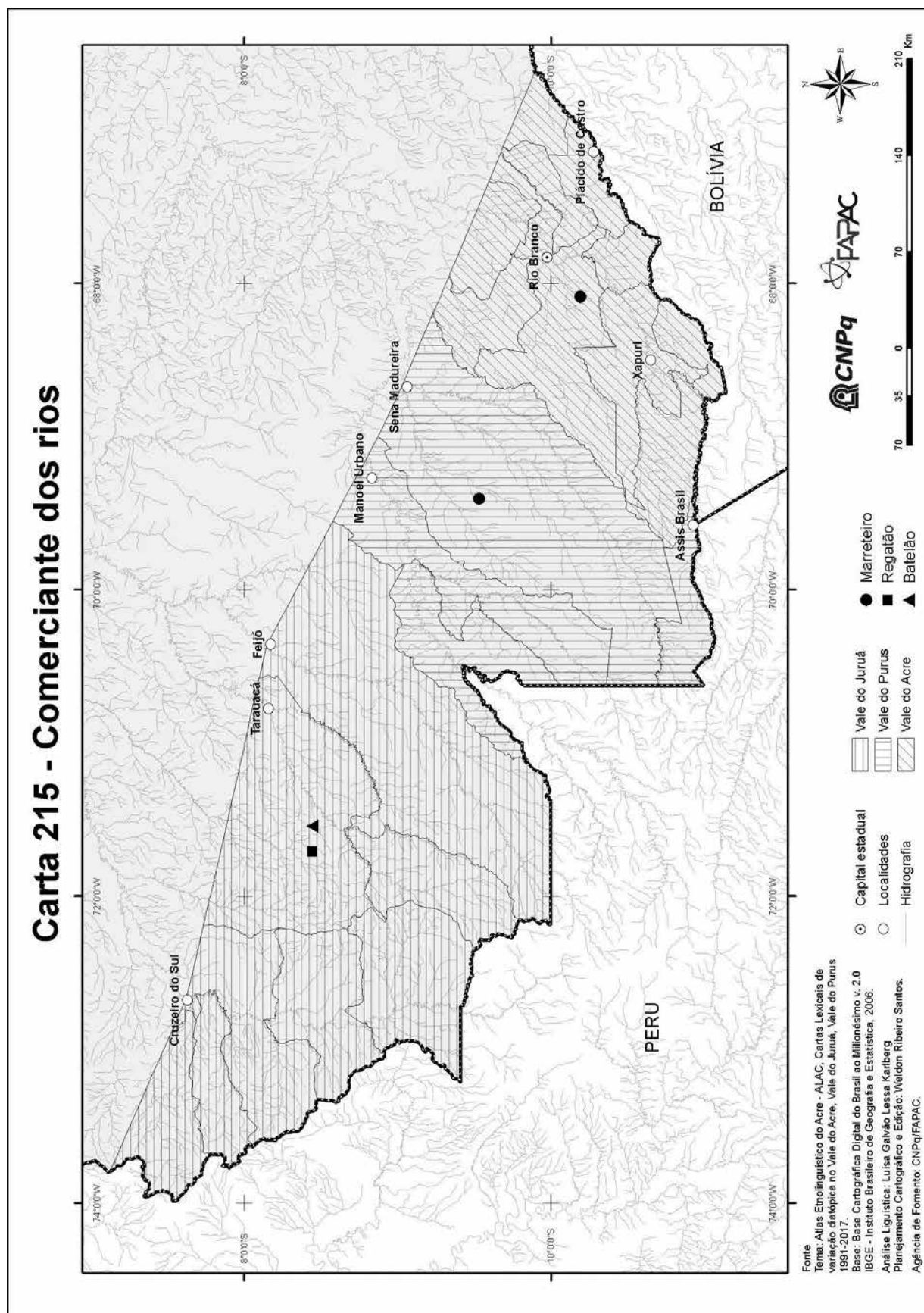


**CAMPO SEMÂNTICO: C – TRABALHO**  
**XV – RELAÇÕES DE TRABALHO**

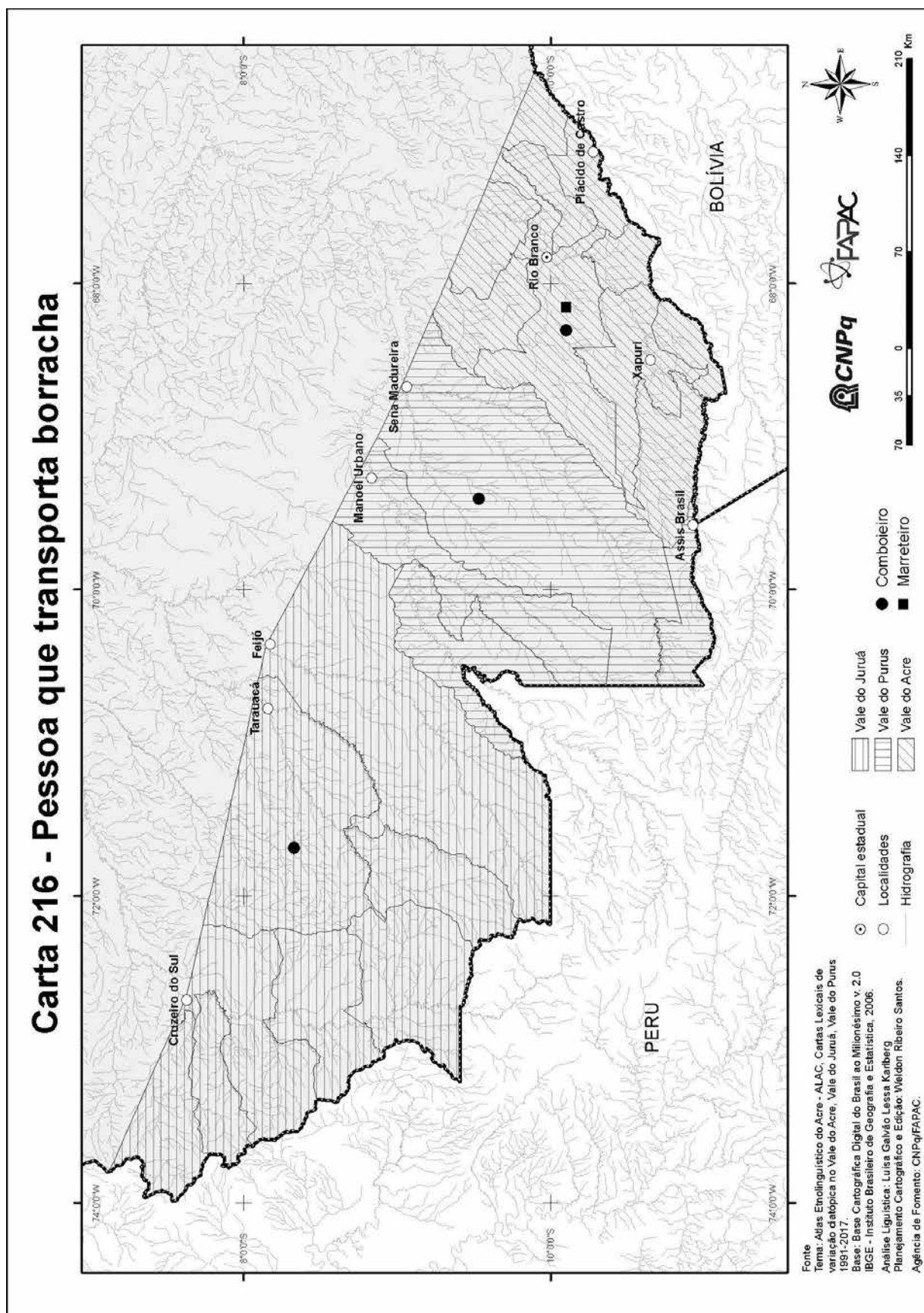
Carta 214 – Dono do seringal



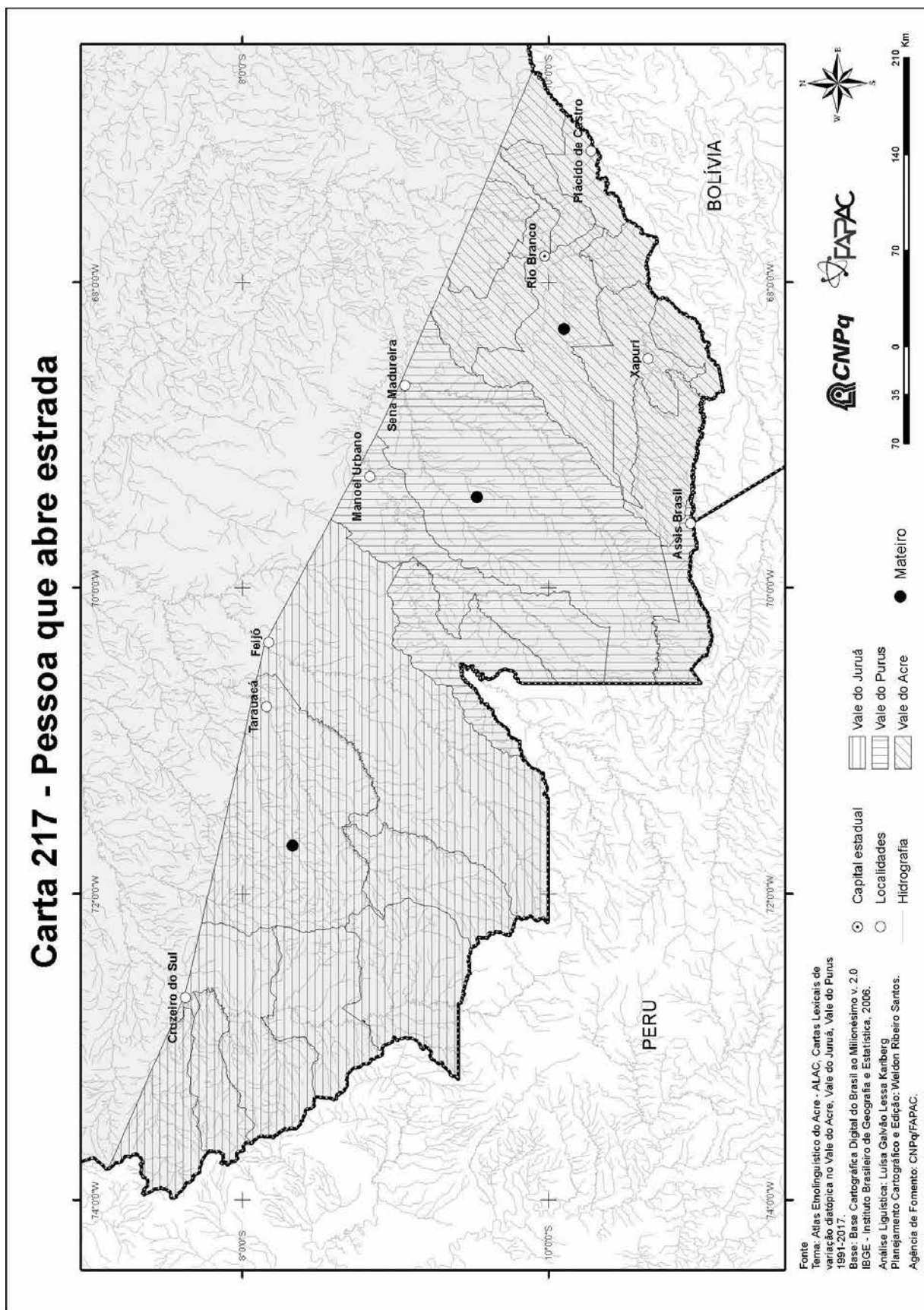
Carta 215 – Comerciante dos rios



Carta 216 – Pessoa que transporta borracha

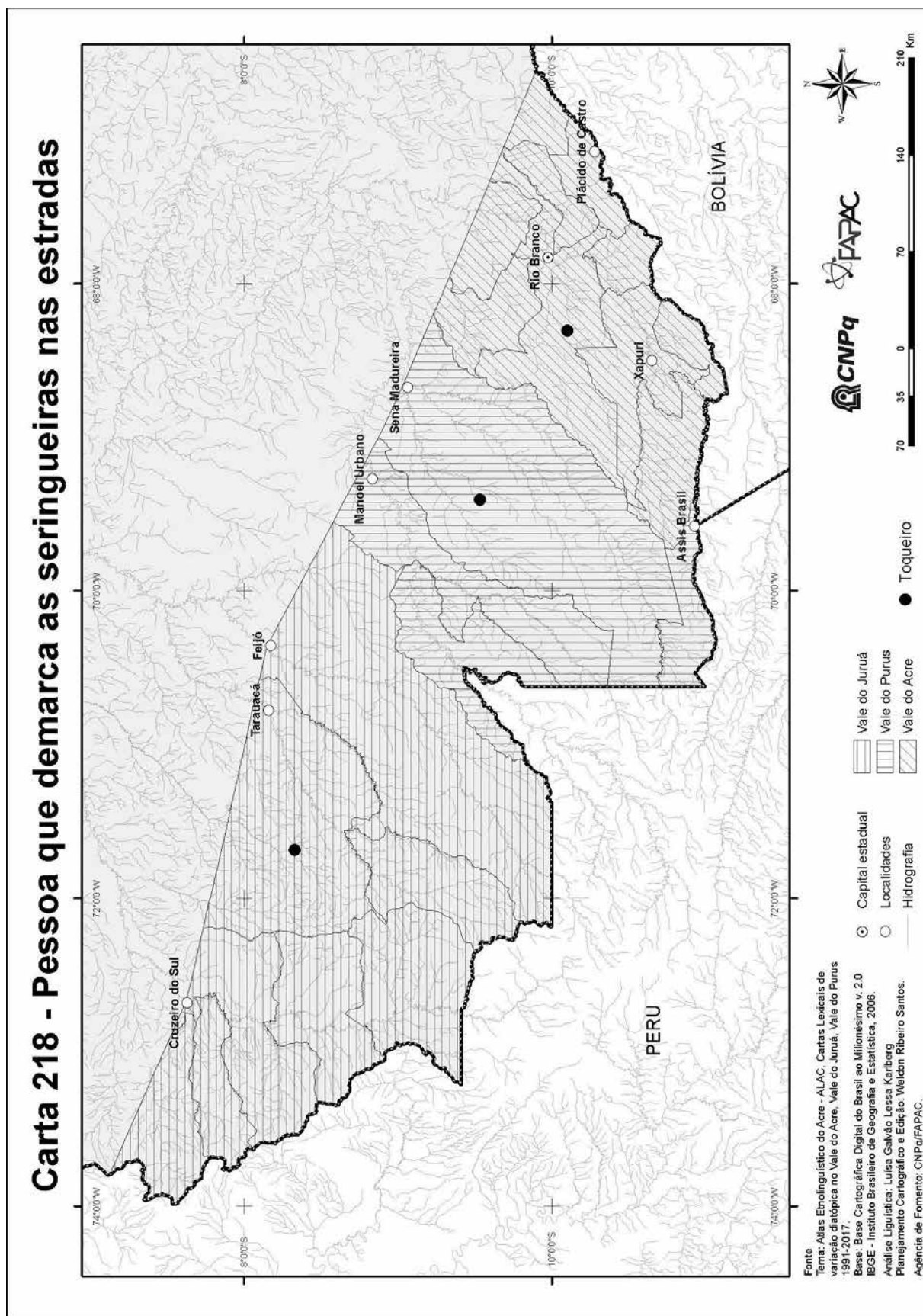


Carta 217 – Pessoa que abre estrada

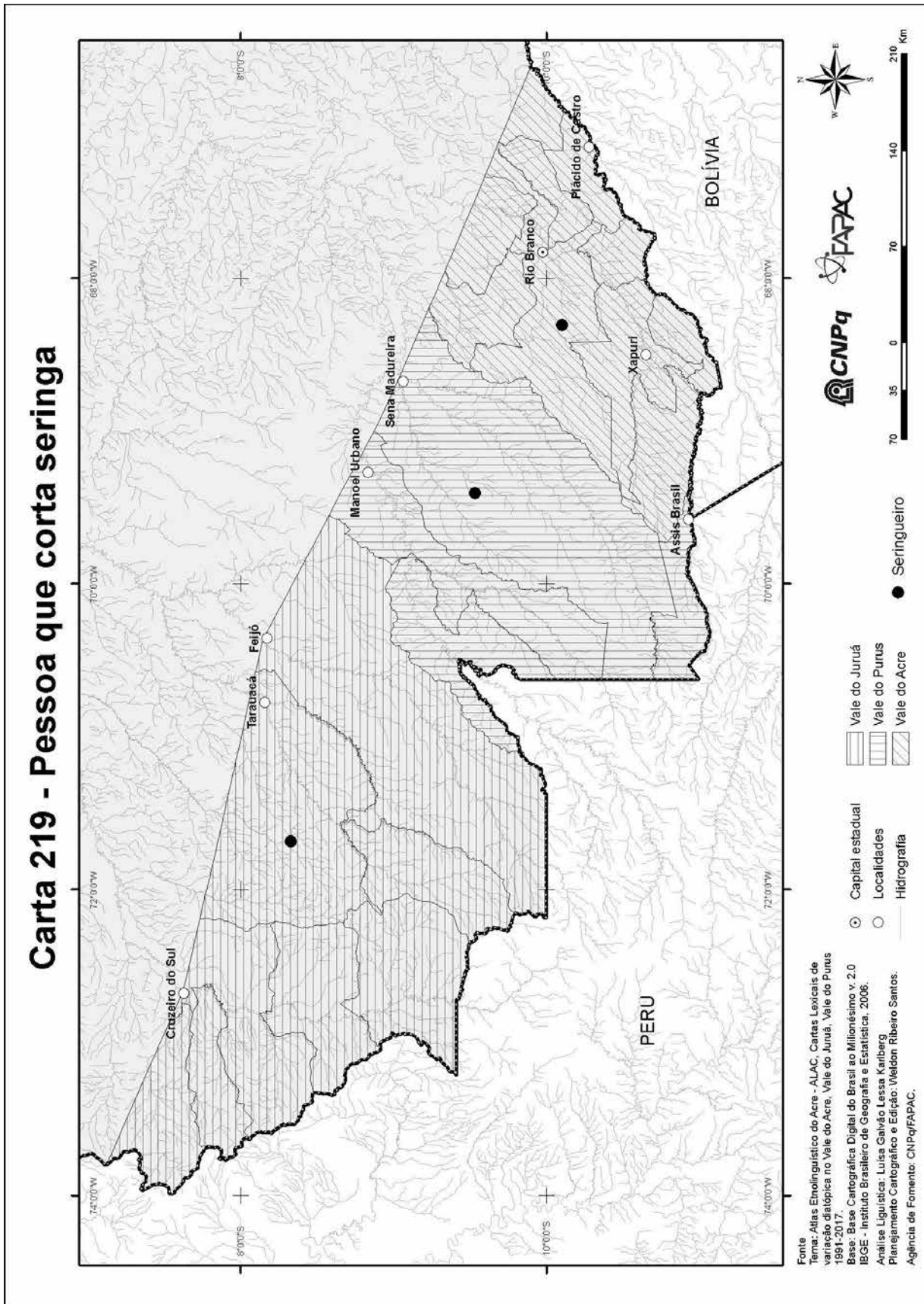




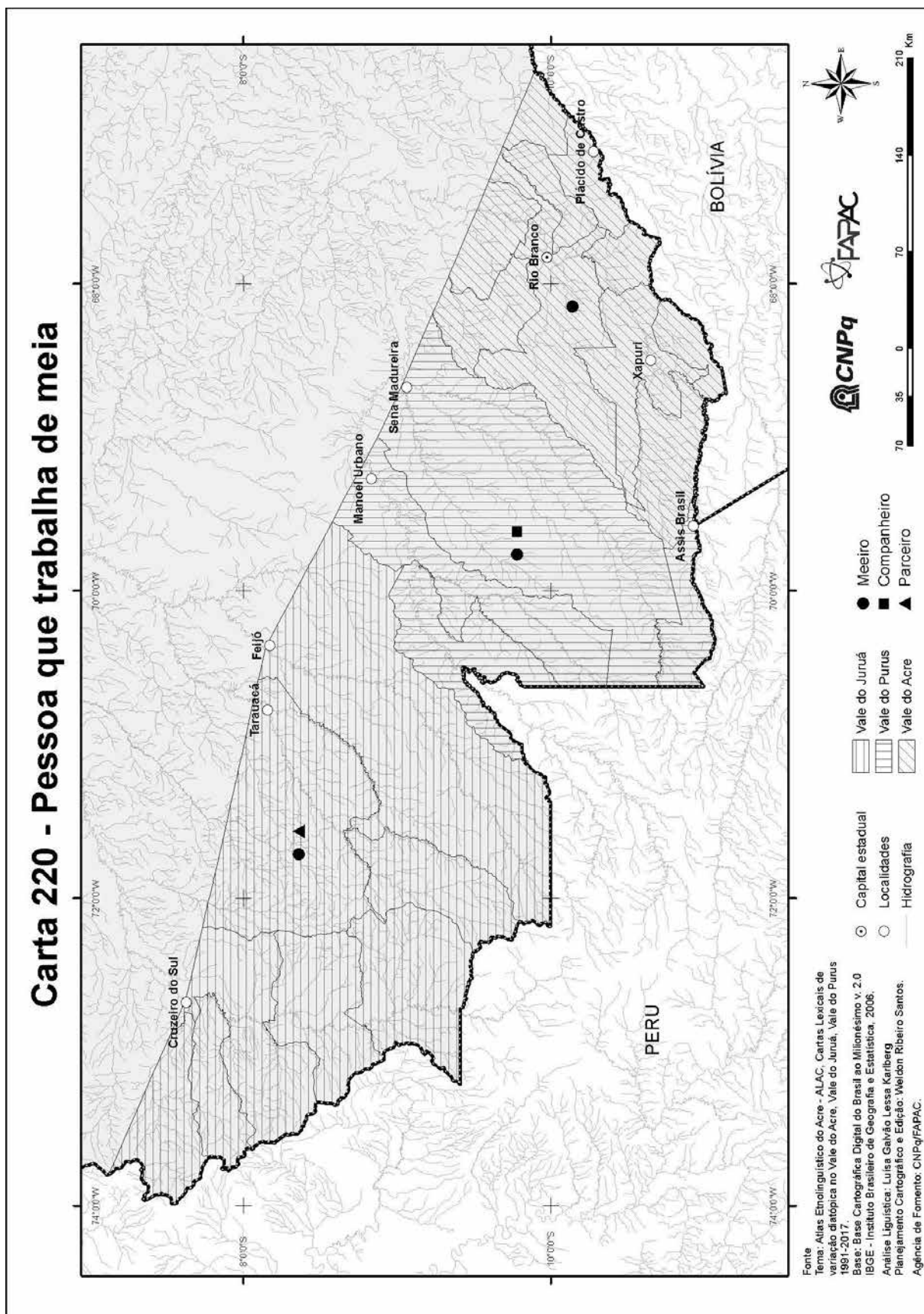
Carta 218 – Pessoa que demarca as seringueiras nas estradas



Carta 219 – Pessoa que corta seringa



Carta 220 – Pessoa que trabalha de meia



## 18 - ALAC - ANÁLISE LINGUÍSTICA DAS CARTAS LÉXICAS

As 220 Cartas apontam: unidade, variedade linguística e fronteiras léxicas<sup>39</sup> entre as áreas de pesquisa: VA<sup>40</sup>, VP<sup>41</sup>, VJ<sup>42</sup>

### **Carta 1 – Lua Cheia**

Unidade linguística: Lua cheia (VA, VP, VJ)

Diversidade linguística: Lua redonda (VP).

Lua grande (VJ).

Fronteiras léxicas: Lua redonda (VP)

Lua grande (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

---

<sup>39</sup>Quando a linguagem muda, apenas, sob o aspecto da língua comum de uma região e dos falares em que ela se fraciona.

<sup>40</sup>Vale do Acre – Região de Pesquisa que recobre três cidades: Rio Branco, Plácido de Castro, Xapuri.

<sup>41</sup>Vale do Purus – Região de Pesquisa que recobre três cidades: Sena Madureira, Manoel Urbano, Assis Brasil.

<sup>42</sup>Vale do Juruá – Região de Pesquisa que recobre três cidades: Cruzeiro do Sul, Tarauacá, Feijó.

**Carta 2 – Lua Minguante**

Unidade linguística: Quarto minguante (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Meia lua (VP, VJ).

Fronteira léxica: Meia lua (VP, VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 3 – Lua Crescente**

Unidade linguística: Quarto crescente (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Três quartos de lua (VA).

Fronteira léxica: Três quartos de lua (VA)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 4 – Lua Nova**

Unidade linguística: Lua nova (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 5 – Estação Quente**

Unidade linguística: Verão (VP, VJ).

Diversidade linguística: Tempo seco (VA, VJ).

Tempo sem chuva (VJ).

Fronteira léxica: Tempo seco (VA, VJ).

Tempo sem chuva (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 6 – Estação com Chuva**

Unidade linguística: Inverno (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Tempo invernosos (VP, VJ).

Tempo chuvoso (VA).

Fronteiras léxicas: Tempo invernosos (VP, VJ).

Tempo chuvoso (VA).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 7 – Chuva Fina**

Unidade linguística: não há

Diversidade linguística: Neblina (VA, VJ).

Garoa (VA).

Sereno (VP).

Nevoeiro (VP)

Puagem (VJ)

Fronteiras léxicas: Neblina (VA, VJ).

Garoa (VA).

Sereno (VP).

Nevoeiro (VP).

Leblina (VJ)

Puagem (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 8 – Relâmpago**

Unidade linguística: relâmpago (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Faísca do fogo (VA).

Clarão (VP)

Relampejo (VP).

Lampejo (VJ).

Fronteiras léxicas: Faísca do fogo (VA).

Clarão (VP)

Relampejo (VP).

Lampejo (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 9 – Raio**

Unidade linguística: Raio (VA, VJ).

Diversidade linguística: Faisca do céu (VA).

Faisca de fogo (VP).

Lampejo (VJ)

Clarão no céu (VJ).

Fronteiras léxicas: Faisca do céu (VA).

Faisca de fogo (VP).

Lampejo (VJ)

Clarão no céu (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 10 – Encontro da Lua com o Sol**

Unidade linguística: Eclipe (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Eclipe (VP)

Cripe (VP).

Fronteiras léxicas: Eclipe (VP)

Cripe (VP).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 11 – Estrelas que formam cruz no céu**

Unidade linguística: Cruzeiro do Sul (VA, VP).

Diversidade linguística: O Santo Cruzeiro (VJ).

Constelação do Cruzeiro do Sul (VJ).

Fronteiras léxicas: O Santo Cruzeiro (VJ).

Constelação do Cruzeiro do Sul (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 12 – Estrela brilhante**

Unidade linguística: Estrela D'Alva (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Estrela brilhante (VP).

Fronteira léxica: Estrela brilhante (VP).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 13 – Arco de luz no céu**

Unidade linguística: Arco-íris (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Arco celeste (VP).

Arco celestial (VJ).

Fronteiras léxicas: Arco celeste (VP).

Arco celestial (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 14 – Chuva fina**

Unidade linguística: Chuvisco (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Sereno (VA, VP).

Neblina (VA).

Leblina (VP)

Molhadeiro (VP).

Pinga-pinga (VJ)

Puagem (VJ).

Fronteiras léxicas: Sereno (VA, VP).

Neblina (VA).

Leblina (VP)

Molhadeiro (VP).

Pinga-pinga (VJ)

Puagem (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 15 – Tempo nublado**

Unidade linguística: Não há

Diversidade linguística: Cerração (VA)

Garozinha (VA)

Garoa (VA).

Nevoeiro

Névoa (VP).

Chuvisco (VJ)

Sereno (VJ)

Tempo esbranquiçado (VJ).

Fronteiras léxicas: Cerração (VA),

Garozinha (VA)

Garoa (VA)

Nevoeiro (VP)

Névoa (VP).

Chuvisco (VJ)

Sereno (VJ)

Tempo esbranquiçado (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 16 – Chuva fina**

Unidade linguística: Chuvisco (VA, VP, VJ)

Sereno (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Chove não molha (VA).

Pinga-pinga (VP).

Chuvisco (VJ).

Fronteiras léxicas: Chove não molha (VA).

Pinga-pinga (VP).

Chuvisco (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 17 – Barulho no céu**

Unidade linguística: Trovão (VA, VJ).

Trovoada (VP, VJ).

Diversidade linguística: Troada (VP).

Fronteira léxica: Troada (VP).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 18 – Faisca de fogo no céu**

Unidade linguística: Faisca de fogo (VP, VJ)

Relampo (VA, VP)

Diversidade linguística: Risco de fogo (VJ)

Relampejo (VP)

Fronteiras léxicas: Risco de fogo (VJ)

Relampejo (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 19 – Tempo sem chuva**

Unidade linguística: Verão (VA, VJ)

Estiada (VA, VJ)

Diversidade linguística: Tempo de secura (VP)

Estiagem (VP)

Seca (VJ)

Tempo seco (VJ)

Fronteiras léxicas: Tempo de secura (VP)

Estiagem (VP)

Seca (VP)

Tempo seco (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 20 – Tempo de chuva**

Unidade linguística: Inverno (VA, VP).

Diversidade linguística: Tempo invernosos (VA)

Invernada (VP, VJ).

Chuvueiro (VP).

Inverno pesado (VP)

Fronteiras léxicas: Tempo invernosos (VA)

Invernada (VP, VJ).

Chuvueiro (VP).

Inverno pesado (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 21 – Tempo com vento e chuva**

Unidade linguística: Trovoada (VA, VJ)

Tempestade (VA, VP)

Diversidade linguística: Toró (VA)

Furacão (VP)

Ventania (VJ)

Fronteiras léxicas: Toró (VA)

Furacão (VP)

Ventania (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 22 – Tempo de baixa temperatura**

Unidade linguística: Friagem (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Onda de frio (VA).

Frio forte (VP).

Garoadada (VJ).

Fronteiras léxicas: Onda de frio (VA).

Frio forte (VP).

Garoadada (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 23 – Dia anterior a ontem**

Unidade linguística: Ternontonte (VP, VJ).

Diversidade linguística: Ternantonte (VA)

Antes de ontem (VA).

Fronteiras léxicas: Ternantonte (VA)

Antes de ontem (VA).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 24 – Anoitecer**

Unidade linguística: Boca da noite (VA, VJ)

Noitinha (VA, VJ).

Entardecer (VJ, VP).

Diversidade linguística: Começo da noite (VP).

Fronteira léxica: Começo da noite (VP).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 25 – Árvore gumífera**

Unidade linguística: Seringueira (VA, VP, VJ).

Caucho (VP, VJ).

Diversidade linguística: Árvore de seringa (VA).

Fronteira léxica: Árvore de seringa (VA).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 26 – Palha utilizada na cobertura de casas**

Unidade linguística: Jaci (VA, VJ).

Ouricuri (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Jarina (VP).

Palheira (VP).

Fronteiras léxicas: Jarina (VP).

Palheira (VP).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 27 – Madeira para assoalho da casa do seringueiro**

Unidade linguística: Paxiúba (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Paxiubão (VP).

Paxiubinha (VJ).

Fronteiras léxicas: Paxiubão (VP).

Paxiubinha (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 28 – Erva para curar gripe**

Unidade linguística: Mentruiç (VP, VJ).

Diversidade linguística: Mastruço (VA).

Mentruço (VA).

Mastruz (VA).

Fronteiras léxicas: Mastruço (VA).

Mentruço (VA).

Mastruz (VA).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 29 – Erva para curar doença pulmonar**

Unidade linguística: Não há

Diversidade linguística: Mastruiz (VA).

Mentruiz (VA).

Mentruize (VP).

Mastruize (VJ).

Fronteiras léxicas: Mastruiz (VA).

Mentruiz (VA).

Mentruize (VP).

Mastruize (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 30 – Erva para bebê não chorar**

Unidade linguística: Favaca (VP, VJ).

Diversidade linguística: Alfavaca (VA)

Fronteira léxica: Alfavaca (VA)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 31 – Óleo antibiótico natural**

Unidade linguística: Copaíba (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Óleo de copaíba (VP).

Fronteira léxica: Óleo de copaíba (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 32 – Erva para febre e dor de cabeça**

Unidade linguística: Cibalena (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Cibalene (VP).

Fronteira léxica: Cibalene (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 33 – Erva para inflamação**

Unidade linguística: Corama (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Coranchim (VP).

Fronteira léxica: Coranchim (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 34 – Erva para curar feridas**

Unidade linguística: Erva do mato (VA, VJ).

Diversidade linguística: Erva da mata (VP).

Fronteira léxica: Erva da mata (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 35 – Erva para inchaço**

Unidade linguística: Capeba (VA, VJ).

Diversidade linguística: Capebinha (VP).

Paripora (VP).

Fronteira léxica: Capebinha (VP).

Paripora (VP).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 36 – Erva para curar tosse**

Unidade linguística: Malvarisco (VA, VJ).

Diversidade linguística: Malvarico (VP).

Fronteira léxica: Malvarico (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 37 – Erva para curar mau-olhado**

Unidade linguística: Cipozim (VA, VP).

Diversidade linguística: Cipó brabo (VA).

Cipozim do mato (VP).

Cipó (VJ).

Fronteiras léxicas: Cipó brabo (VA).

Cipozim do mato (VP).

Cipó (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 38 – Folha para curar diarreia**

Unidade linguística: Goiaba (VA, VP).

Diversidade linguística: Goiabeira (VP).

Guaba (VP).

Goiabinha (VJ).

Fronteiras léxicas: Goiabeira (VP).

Guaba (VP).

Goiabinha (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 39 – Folha pra curar febre e gripe**

Unidade linguística: Folha de limão (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Folha de lima (VP).

Fronteira léxica: Folha de lima (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 40 – Folha para febre e cólica**

Unidade Linguística: Folha de laranja (VA,VJ).

Diversidade linguística: Casca da laranja (VP)

Folha de laranjeira (VP).

Fronteira léxica: Casca da laranja (VP)

Folha de laranjeira (VP).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 41 – Folha para colesterol**

Unidade linguística: Não há

Diversidade linguística: Folha de abacate (VA)

Folha de bacate (VP).

Folha de bacateiro (VJ)

Fronteiras léxicas: Folha de abacate (VA)

Folha de bacate (VP).

Folha de bacateiro (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 42 – Erva calmante**

Unidade linguística: Capim santo (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 43 – Erva calmante**

Unidade linguística: Cidreira (VP, VJ).

Diversidade linguística: Erva cidreira (VA).

Fronteira léxica: Erva cidreira (VA)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 44 – Erva para dor de barriga**

Unidade linguística: Erva doce (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Pipinela (VA).

Fronteira léxica: Pipinela (VA)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 45 – Líquido do favo do mel da abelha**

Unidade lingüística: Mel de abelha

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 46 – Folha calmante para chá**

Unidade linguística: Folha de lima (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 47 – Erva para curar ferida e inflamação**

Unidade linguística: Casca de cedro (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 48 – Erva para boa digestão**

Unidade linguística: Canela (VA, VJ).

Diversidade linguística: Canela rosa (VA).

Pau de cheiro (VP).

Canelinha (VP).

Fronteiras léxicas: Canela rosa (VA).

Pau de cheiro (VP).

Canelinha (VP).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 49 – Erva para anemia**

Unidade linguística: Malva (VA, VJ).

Diversidade linguística: Malvinha (VP)

Rosadinha (VA).

Rosada (VP).

Fronteiras léxicas: Malvinha (VP)

Rosadinha (VA).

Rosada (VP).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 50 – Erva para dor de barriga**

Unidade linguística: Não há

Diversidade linguística: Alfazema (VA).

Fazema (VP).

Alfazema de cheiro (VJ).

Fronteiras léxicas: Alfazema (VA).

Fazema (VP).

Alfazema de cheiro (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 51 – Caça miúda**

Unidade linguística: Embiara (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Caça miúda (VA).

Miudeza (VP).

Caça pequena (VJ).

Fronteiras léxicas: Caça miúda (VA)

Miudeza (VP).

Caça pequena (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 52 – Macaco pequeno**

Unidade linguística: Soim (VA, VJ).

Diversidade linguística: Mico (VA).

Sauim (VP).

Fronteiras léxicas: Mico (VA).

Sauim (VP).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 53 – Galinha Selvagem**

Unidade linguística: Anambu (VA, VJ).

Diversidade linguística: Nambu (VP).

Fronteira léxica: Nambu (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 54 – Ave que tem muitos filhos**

Unidade linguística: Jacamim (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Papo amarelo (VP).

Fronteira léxica: Papo amarelo (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 55 – Galinha do mato**

Unidade linguística: Não há

Diversidade linguística: Jacu (VA).

Jacu peba (VP).

Jacuzinho (VJ).

Fronteiras léxicas: Jacu (VA).

Jacu peba (VP).

Jacuzinho (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 56 – Ave branca de pernas longas**

Unidade linguística: Garça (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Pernalta (VP).

Fronteira léxica: Pernalta (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 57 – Ave verde que aprende a falar**

Unidade linguística: Papagaio (VA, VP, VJ).

Louro (VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 58 – Ave verde pequena**

Unidade linguística: Periquito (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 59 – Porco-do-mato**

Unidade linguística: Porquim do mato (VP, VJ).

Diversidade linguística: Porco-do-mato (VA).

Caititu (VP).

Fronteiras léxicas: Porco-do-mato (VA).

Caititu (VP).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 60 – Animal selvagem de grande porte**

Unidade linguística: Anta (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Tapiira (VP)

Fronteira léxica: Tapiira (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 61 – Esquilo amazônico**

Unidade linguística: Não há

Diversidade linguística: Quatipuru (VA).

Caxinguelê (VA).

Quatira (VP).

Acutipuru (VP).

Quatipuruzim (VJ).

Quatira (VJ).

Fronteiras léxicas: Quatipuru (VA).

Caxinguelê (VA).

Quatira (VP).

Acutipuru (VP).

Quatipuruzim (VJ).

Quatira (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 62 – Porco que destrói roçado**

Unidade linguística: Queixada (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Porco-do-mato (VP).

Caititu (VJ).

Porco brabo (VJ).

Fronteiras léxicas: Porco-do-mato (VP).

Caititu (VJ).

Porco brabo (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 63 – Animal de carne nobre**

Unidade linguística: Veado (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Veado campeiro (VA).

Amarelim (VP).

Gangueiro (VJ).

Veado galheiro (VJ).

Fronteiras léxicas: Veado campeiro (VA).

Amarelim (VP).

Gangueiro (VJ).

Veado galheiro (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 64 – Porco-espinho**

Unidade linguística: Porco-espim (VA, VJ).

Diversidade linguística: Porquim (VP).

Porquim do mato (VJ).

Fronteiras léxicas: Porquim (VP).

Porquim do mato (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 65 – Mamífero que mergulha nos rios**

Unidade linguística: Lontra (VA, VP).

Diversidade linguística: Cachorro d'água (VP).

Lontrinha (VJ).

Fronteiras léxicas: Cachorro d'água (VP).

Lontrinha (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 66 – Ave grande e colorida**

Unidade linguística: Arara (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Ará (VA).

Fronteira léxica: Ará (VA)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 67 – Ave pequena de cor azul**

Unidade linguística: Sanhaçu (VP, VJ).

Diversidade linguística: Sanhaço (VA).

Azuzim (VP).

Sonhaçu (VA).

Fronteiras léxicas: Sanhaço (VA).

Azuzim (VP).

Sonhaçu (VA).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 68 – Ave pequena do bico vermelho**

Unidade linguística: Pipira (VA, VJ).

Diversidade linguística: Pipira vermelha (VP).

Vermelhinha (VP).

Tiê (VA).

Fronteiras léxicas: Pipira vermelha (VP).

Vermelhinha (VP).

Tiê (VA).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 69 – Casa do Seringueiro**

Unidade linguística: Colocação (VA, VP, VJ).

Colônia (VA, VP).

Seringal (VA, VP, VJ)

Diversidade linguística: Casa do Seringueiro (VP).

Fronteira léxica: Casa do Seringueiro (VP).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 70 – Festa no Seringal**

Unidade linguística: Festa (VA, VP).

Forró (VA, VJ).

Arraial (VA, VJ).

Diversidade linguística: Baile (VA).

Trimiganga (VA).

Bingo (VP).

Piseiro (VP).

Arrasta Pé (VJ).

Fronteiras léxicas: Baile (VA).

Trimiganga (VA).

Bingo (VP).

Piseiro (VP).

Arrasta Pé (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 71 – Casa do seringueiro**

Unidade linguística: Tapiri (VP, VJ).

Diversidade linguística: Tapera (VA).

Casebre (VA).

Casa de paxiúba (VP)

Casa de madeira (VJ).

Fronteiras léxicas: Tapera (VA).

Casebre (VA).

Casa de paxiúba (VP)

Casa de madeira (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 72 – Casa do Patrão**

Unidade linguística: Barracão (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Casarão (VP).

Casa grande (VJ).

Fronteiras léxicas: Casarão (VP).

Casa grande (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 73 – Cipó para amarrar cobertura de palha**

Unidade linguística: Envira (VA, VJ).

Diversidade linguística: Embira (VP).

Fronteira léxica: Embira (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 74 – Palmeira para assoalhar casa**

Unidade linguística: Paxiúba (VA, VJ).

Diversidade linguística: Paxiubinha (VP).

Fronteira léxica: Paxiubinha (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 75 – Pau-ferro**

Unidade linguística: Mulateiro (VA, VJ).

Diversidade linguística: Mulatim (VP).

Pau-ferro (VP).

Pau mulato (VJ).

Fronteiras léxicas: Mulatim (VP).

Pau-ferro (VP).

Pau mulato (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 76 – Cumaru**

Unidade linguística: Cumaru Ferro (VA, VJ).

Diversidade linguística: Cumbaru (VP).

Cumburu (VJ).

Fronteiras léxicas: Cumbaru (VP).

Cumburu (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 77 – Palha para cobrir casa1**

Unidade linguística: Ouricuri (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 78 – Palha para cobrir casa2**

Unidade linguística: Palha (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 79 – Palha para cobrir casa3**

Unidade linguística: Paxiúba (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Palheira (VJ)

Fronteira léxica: Palheira (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 80 – Palha para cobrir casa4**

Unidade linguística: Jaci (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 81 – Palha para cobrir casa5**

Unidade linguística: Jarina (VA, VP).

Diversidade linguística: Palha de jarina (VJ).

Fronteira léxica: Palha de jarina (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 82 – Esposo**

Unidade linguística: Marido (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Companheiro (VP).

Fronteira léxica: Companheiro (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 83 – Esposa**

Unidade linguística: Mulher (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Companheira (VP).

Fronteira léxica: Companheira (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 84 – Primo**

Unidade linguística: Primo (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 85 – Prima**

Unidade linguística: Prima (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 86 – Irmão**

Unidade linguística: Irmão (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Manozim (VP).

Fronteira léxica: Manozim (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 87 – Irmã**

Unidade linguística: Irmã (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Manazinha (VA).

Maninha (VP).

Mana (VJ).

Fronteiras léxicas: Manazinha (VA).

Maninha (VP).

Mana (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 88 – Avô**

Unidade linguística: Avô (VA, VP).

Vovô (VA, VP).

Diversidade linguística: Vozim (VJ).

Vô (VJ).

Fronteiras léxicas: Vozim (VJ).

Vô (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 89 – Avó**

Unidade linguística: Vovó (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Avó (VA).

Vozinha (VP).

Fronteiras léxicas: Avó (VA).

Vozinha (VP).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 90 – Tio**

Unidade linguística: Tio (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 91 – Tia**

Unidade linguística: Tia (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 92 – Filha**

Unidade linguística: Filha (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 93 – Filho**

Unidade linguística: Filho (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 94 – Família constituída por muitas pessoas**

Unidade linguística: Família grande (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Familhão (VP).

Fronteira léxica: Familhão (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 95 – Pessoa que vive sem casamento**

Unidade linguística: Xodó (VP, VJ).

Diversidade linguística: Ajuntamento (VA).

Ajuntado (VA).

Amasiado (VP).

Masiado (VP).

Amigação (VJ).

Fronteiras léxicas: Ajuntamento (VA).

Ajuntado (VA).

Amasiado (VP).

Masiado (VP).

Amigação (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 96 – Pessoas que habitam o mesmo teto**

Unidade linguística: Família (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Parentes (VP).

Fronteira léxica: Parentes (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 97 – Homem solteiro**

Unidade linguística: Cabra folgado (VA, VJ).

Desimpedido (VA, VJ)

Diversidade linguística: Cabra solteiro (VP).

Fronteira léxica: Cabra solteiro (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 98 – Homem casado**

Unidade linguística: Não há

Diversidade linguística: Cabra preso (VA).

Cabra casado (VP).

Cabra amarrado (VJ).

Cabra ajuntado (VJ).

Fronteiras léxicas: Cabra preso (VA).

Cabra casado (VP).

Cabra amarrado (VJ).

Cabra ajuntado (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 99 – Nome do pai do pai**

Unidade linguística: Vovô (VA, VP, VJ).

Vô (VP, VJ)

Diversidade linguística: Avô (VA)

Fronteira léxica: Avô (VA)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 100 – Aquela que deu a luz ao filho**

Unidade linguística: Mamãe (VP, VJ).

Diversidade linguística: Mãe (VA).

Fronteira léxica: Mãe (VA)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 101 – Aquele que é pai do filho/filha**

Unidade linguística: Papai (VP, VJ).

Diversidade linguística: Pai (VA).

Fronteira léxica: Pai (VA)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 102 – Aquele que é irmão do pai ou da mãe**

Unidade linguística: Titio (VP, VJ).

Diversidade linguística: Tio (VA).

Fronteira léxica: Tio (VA)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 103 – Aquela que é irmã do pai ou da mãe**

Unidade linguística: Titia (VP, VJ).

Tia (VA, VJ)

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 104 – Filho do tio ou da tia**

Unidade linguística: Primo/prima (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 105 – Nome da mãe da mãe**

Unidade linguística: Vovó (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Avó (VA).

Vozinha (VP).

Vó (VJ).

Fronteiras léxicas: Avó (VA).

Vozinha (VP).

Vó (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 106 – Pessoa do sexo masculino que tem afilhado**

Unidade linguística: Compadre (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 107 – Pessoa do sexo feminino que tem afilhado**

Unidade linguística: Comadre (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 108 – Homem que batizou o filho**

Unidade linguística: Padrim (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 109 – Mulher que batizou o filho**

Unidade linguística: Madrinha (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 110 – Pessoa do sexo masculino que ganhou padrinho**

Unidade linguística: Afilhado (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 111 – Pessoa do sexo feminino que ganhou madrinha**

Unidade linguística: Afilhada (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 112 – Tubérculo para fazer alimento granulado, farinha**

Unidade linguística Mandioca (VA, VJ).

Diversidade linguística: Macaxeira (VP).

Manduba (VP).

Fronteira léxica: Macaxeira (VP).

Manduba (VP).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 113 – Grão amarelo para fazer alimento pão de milho**

Unidade linguística: Milho (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 114 – Grão miúdo para alimento**

Unidade linguística: Arroiz (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Arroize (VP)

Fronteira léxica: Arroize (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 115 – Comida feita com água e farinha**

Unidade linguística: Jacuba (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Quibé (VP).

Fronteira léxica: Quibé (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 116 – Peixe de escama**

Unidade linguística: Pexim de escama (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Peixe de escama (VA).

Fronteira léxica: Peixe de escama (VA)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 117 – Bebida alcoólica**

Unidade linguística: Cachaça (VA, VJ).

Diversidade linguística: Bebida (VP).

Pingazinha (VP).

Goró (VP).

Pinga (VJ).

Quentinha (VJ).

Fronteiras léxicas: Bebida (VP).

Pingazinha (VP).

Goró (VP).

Pinga (VJ).

Quentinha (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 118 – Mercadoria**

Unidade linguística: Não há

Diversidade linguística: Aviação (VA).

Aviamento (VP).

Mercadoria (VJ).

Fronteiras léxicas: Aviação (VA).

Aviamento (VP).

Mercadoria (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 119 – Aviamento**

Unidade linguística: Rancho (VA, VJ).

Diversidade linguística: Comida (VP).

Fronteira léxica: Comida (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 120 – Mantimentos**

Unidade linguística: Rancho (VA, VJ).

Diversidade linguística: Feira (VA).

Mercadoria (VP).

Fronteiras léxicas: Feira (VA)

Mercadoria (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 121 – Carne em conserva**

Unidade linguística: Carne-Bife (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Enlatado (VJ)

Fronteira léxica: Enlatado (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 122 – Carne de caça1**

Unidade linguística: Paca (VA, VP, VJ)

Tatu (VA, VP, VJ)

Anta (VA, VP, VJ)

Veado (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 123 – Carne de caça<sup>2</sup>**

Unidade linguística: Nambu (VA, VP, VJ).

Capivara (VA, VP, VJ).

Porquim (VA, VP, VJ).

Embiara (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Porquim do mato (VP).

Porquim brabo (VJ).

Amambu (VP)

Fronteiras léxicas: Porquim do mato (VP).

Porquim brabo (VJ).

Amambu (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 124 – Local onde se planta mandioca**

Unidade linguística: Roçado (VA, VP).

Roça (VA, VJ).

Diversidade linguística: Lavoura (VA).

Plantação (VJ).

Fronteiras léxicas: Lavoura (VA).

Plantação (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 125 – Lasca de madeira ou côco usada para fazer fogo no defumador**

Unidade linguística: Não há

Diversidade linguística: Cavaco (VA).

Côco (VP).

Jaci (VP).

Cocão (VJ).

Fronteiras léxicas: Cavaco (VA).

Côco (VP).

Jaci (VP).

Cocão (VJ).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 126 – Lugar onde se planta os legumes**

Unidade linguística: Roçado (VA, VJ).

Canteiro (VP, VJ).

Plantação (VP, VJ).

Diversidade linguística: Rocinha (VP)

Fronteira léxica: Rocinha (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 127 – Nome dado à colha de cereais, tubérculos, produtos agrícolas**

Unidade linguística: Colheita (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Apanha (VP).

Fronteira léxica: Apanha (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 128 – Espécie de calçado de couro**

Unidade linguística: Alpercata (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Parcata (VP).

Fronteira léxica: Parcata (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 129 – Dentes postiços**

Unidade linguística: Chapa (VP, VJ).

Diversidade linguística: Dentadura (VA).

Fronteira léxica: Dentadura (VA)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 130 – Tipo de roupa feminina**

Unidade linguística: Bata (VP, VJ).

Diversidade linguística: Vestido (VA).

Caseiro (VJ).

Caseirim (VP).

Fronteiras léxicas: Vestido (VA).

Caseiro (VJ).

Caseirim (VP).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 131 – Tipo de saia interior**

Unidade linguística: Forro (VA, VJ).

Anágua (VA, VJ)

Diversidade linguística: Nágua (VP).

Fronteira léxica: Nágua (VP).

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 132 – Acessório de proteção para o sol usado na cabeça**

Unidade linguística: Boné (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Chapéu (VA)

Quepe (VP)

Boneu (VJ)

Fronteiras léxicas: Chapéu (VA)

Quepe (VP)

Boneu (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 133 – Protetor íntimo para a mulher menstruada**

Unidade linguística: Módis (VA, VJ).

Diversidade linguística: Absorvente (VA)

Pano-de-bode (VP)

Tampão (VJ)

Fronteiras léxicas: Absorvente (VA)

Pano-de-bode (VP)

Tampão (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 134 – Vestido Novo**

Unidade linguística: Quebra-Tigela (VA, VJ).

Diversidade linguística: Tigela nova (VP)

Fronteira léxica: Tigela nova (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 135 – Espécie de doença com febre alta causada por mosquito**

Unidade linguística: Cesão (VA, VJ).

Malária (VA, VJ)

Diversidade linguística: Impaludismo (VP)

Febrão (VP)

Fronteiras léxicas: Impaludismo (VP)

Febrão (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 136 – Espécie de micose na pele**

Unidade linguística: Impinge (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Micose (VA)

Coceira (VP)

Fronteiras léxicas: Micose (VA)

Coceira (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 137 – Ferida causada por picada de mosquito**

Unidade linguística: Pereba (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Ferida (VA)

Ferida-braba (VP)

Fronteiras léxicas: Ferida (VA)

Ferida-braba (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 138 – Doença nos olhos**

Unidade linguística: Dordolho (VA, VJ).

Diversidade linguística: Conjuntivite (VA)

Dordói (VP)

Sapiranga (VJ)

Fronteiras léxicas: Conjuntivite (VA)

Dordói (VP)

Sapiranga (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 139 – Manchas brancas na pele**

Unidade linguística: Pano-Branco (VA, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteiras léxicas: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 140 – Espécie de espinha que nasce no olho**

Unidade linguística: Terçol (VA, VJ).

Diversidade linguística: Treçol (VP)

Carroço (VP)

Verruga (VJ)

Fronteiras léxicas: Treçol (VP)

Carroço (VP)

Verruga (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 141 – Furo nos pés causado por prego ou outro objeto**

Unidade linguística: Estrepada (VA, VP, VJ).

Furada (VP)

Diversidade linguística: Estrepe (VP)

Fronteira léxica: Estrepe (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 142 – Espécie de dor no peito que causa falta de ar**

Unidade linguística: Dor de Veado (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Dor nas cruz (VP)

Fronteira léxica: Dor nas cruz (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 143 – Espécie de inflamação na unha do dedo da mão**

Unidade linguística: Panariço (VP, VJ).

Diversidade linguística: Unheiro (VA)

Fronteira léxica: Unheiro (VA)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 144 – Nome dado ao tétano**

Unidade linguística: Não há.

Diversidade linguística: Mal de sete dias (VA)

Doença ruim (VP)

Doença dos sete dias (VJ)

Fronteiras léxicas: Mal de sete dias (VA)

Doença ruim (VP)

Doença dos sete dias (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 145 – Inflamação da paródita**

Unidade linguística: Papeira (VP, VJ).

Diversidade linguística: Cachumba (VA)

Fronteira léxics: Cachumba (VA)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 146 – Doença venérea**

Unidade linguística: Doença do Mundo (VA, VJ).

Diversidade linguística: Mal de amor (VA)

Doença venérea (VA)

Doença do sexo (VJ)

Mal do sexo (VJ)

Fronteiras léxicas: Mal de amor (VA)

Doença venérea (VA)

Doença do sexo (VJ)

Mal do sexo (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 147 – Pessoa que tem os olhos tortos**

Unidade linguística: Zanolho (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Estrábico (VA)

Vesgo (VP)

Caolho (VP)

Zanolho (VJ)

Fronteiras léxicas: Estrábico (VA)

Vesgo (VP)

Caolho (VP)

Zanolho (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 148 – Espécie de enjojo no estômago da mulher**

Unidade linguística: Enjojo (VA, VJ).

Antojo (VP, VJ)

Diversidade linguística: Azedumo (VP)

Fronteira léxica: Azedumo (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 149 – Ir ao banheiro para necessidades fisiológicas**

Unidade linguística: Defecar (VA, VJ).

Cagar (VP, VJ)

Diversidade linguística: Arriar o barro (VA)

Obrar (VP)

Fronteiras léxicas: Arriar o barro (VA)

Obrar (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 150 – Ameaça de febre**

Unidade linguística: Febril (VA, VJ).

Diversidade linguística: Morrinha de febre (VA)

Morrinha (VP)

Febrento (VP)

Amorrinhado (VP)

Fronteiras léxicas: Morrinha de febre (VA)

Morrinha (VP)

Febrento (VP)

Amorrinhado (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 151 – Fazer oração**

Unidade linguística: Rezar (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Orar (VA)

Pedir a Deus (VP)

Fazer oração (VJ)

Fronteiras léxicas: Orar (VA)

Pedir a Deus (VP)

Fazer oração (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 152 – Aquele que faz feitiçaria**

Unidade linguística: Macumbeiro (VA, VJ).

Diversidade linguística: Bruxo (VP)

Inimigo (VP)

Fronteiras léxicas: Bruxo (VP)

Inimigo (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 153 – Coisa rara para acontecer**

Unidade linguística: Milagre (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 154 – Fazer trato com Deus**

Unidade linguística: Promessa (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 155 – Entidade Protetora das pessoas**

Unidade linguística: Deus (VA, VP, VJ)

Santo (VA, VJ).

Santa (VA, VJ)

Diversidade linguística: Santíssimo (VP)

Anjo (VP)

Fronteiras léxicas: Santíssimo (VP)

Anjo (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 156 – Pessoa que respeita Deus**

Unidade linguística: Crente em Deus (VP, VJ).

Diversidade linguística: Católico (VA)

Devoto (VA)

Temente (VP)

Fronteiras léxicas: Católico (VA)

Devoto (VA)

Temente (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 157 – Aparição de algo do outro mundo**

Unidade linguística: Fantasma (VA, VJ).

Diversidade linguística: Alma (VA)

Espírito (VA)

Assombração (VP)

Sobroço (VP)

Alma penada (VP)

Plantaforma (VP)

Sombroço (VJ)

Fronteiras léxicas: Alma (VA)

Espírito (VA)

Assombração (VP)

Sobroço (VP)

Alma penada (VP)

Plantaforma (VP)

Sombroço (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 158 – Pessoa temente a Deus**

Unidade linguística: Devoto (VA, VJ).

Corola (VP, VJ)

Diversidade linguística: Beato (VA)

Peregrino (VP)

Fronteiras léxicas: Beato (VA)

Peregrino (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 159 – Pessoa boa quando morre vai para o...**

Unidade linguística: Céu (VA, VJ).

Diversidade linguística: Paraíso (VP)

Jardim do Céu (VP)

Fronteiras léxicas: Paraíso (VP)

Jardim do Céu (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 160 – Pessoa que fica tomada por espíritos da floresta**

Unidade linguística: Encantada (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Sotilejo (VP)

Encanto (VJ)

Fronteiras léxicas: Sotilejo (VP)

Encanto (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 161 – Pessoa que tem má sorte**

Unidade linguística: Panemado (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Azarado (VP)

Enfeitiçado (VP)

Azilado (VJ)

Fronteiras léxicas: Azarado (VP)

Enfeitiçado (VP)

Azilado (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 162 – Feitiço**

Unidade linguística: Negócio botado (VA, VJ).

Diversidade linguística: Feitiço (VP)

Feitiçaria (VP)

Fronteiras léxicas: Feitiço (VP)

Feitiçaria (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 163 – Entidade da floresta que protege as caças**

Unidade linguística: Caboquim (VA, VJ).

Diversidade linguística: Caboquim da Mata (VP)

Fronteira léxics: Caboquim da Mata (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 164 – Entidade da floresta que protege a seringueira**

Unidade linguística: Mãe da Seringueira (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 165 – Entidade que protege a natureza**

Unidade linguística: Mãe da Mata (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 166 – Entidade da floresta que come o homem**

Unidade linguística: Mapinguari (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Bicho de um olho só (VA)

Gigante da floresta (VP)

Fronteiras léxicas: Bicho de um olho só (VA)

Gigante da floresta (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 167 – Entidade da floresta dita como Caboclinho da Mata**

Unidade linguística: Caipora (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Caboco valente (VP)

Fronteira léxica: Caboco valente (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 168 – Acordo feito entre o seringueiro e entidade da floresta**

Unidade linguística: Negócio (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Trato (VP)

Acordo (VJ)

Fronteiras léxicas: Trato (VP)

Acordo (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 169 – Entidade que põe medo no seringueiro 1**

Unidade linguística: Sombroço (VP, VJ).

Diversidade linguística: Assombração (VA)

Fronteira léxica: Assombração (VA)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 170 – Entidade que povoa a vida do seringueiro 2**

Unidade linguística: Velha da Mata (VA, VJ).

Diversidade linguística: Mãe da Seringueira (VP)

Plataforma (VP)

Alma (VJ)

Fronteiras léxicas: Mãe da Seringueira (VP)

Plataforma (VP)

Alma (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 171 – Entidade que povoa a vida do seringueiro 3**

Unidade linguística: Visagem (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Alma penada (VP)

Alma do outro mundo (VP)

Fantasma (VJ)

Assombração (VJ)

Fronteiras léxicas: Alma penada (VP)

Alma do outro mundo (VP)

Fantasma (VJ)

Assombração (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 172 – Entidade que povoa a vida do seringueiro 4**

Unidade linguística: Fantasma (VA, VP).

Diversidade linguística: Espantalho (VJ)

Fronteira léxica: Espantalho (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 173 – Doença botada**

Unidade linguística: Feitiço (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Macumba (VA)

Feitiçaria (VP)

Bruxaria (VJ)

Fronteiras léxicas: Macumba (VA)

Feitiçaria (VP)

Bruxaria (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 174 – Doença pelo mau-olhado olhado 1**

Unidade linguística: Mau-olhado (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 175 – Doença pelo mau-olhado olhado 2**

Unidade linguística: Quebrante (VP, VJ).

Diversidade linguística: Quebranto (VA)

Fronteira léxica: Quebranto (VA)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 176 – Doença provocada por susto**

Unidade linguística: Vento-caído (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 177 – Doença provocada pelo vento**

Unidade linguística: Peito-aberto (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Não há

Fronteira léxica: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 178 – Produto da seringueira**

Unidade linguística: Borracha (VA, VJ).

Diversidade linguística: Bola (VP)

Pela (VP)

Pelota (VJ)

Fronteiras léxicas: Bola (VP)

Pela (VP)

Pelota (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 179 – Borracha defumada**

Unidade linguística: Borracha defumada (VA, VJ).

Diversidade linguística: Borracha coalhada (VP)

Fronteira léxica: Borracha coalhada (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 180 – Leite coalhado**

Unidade linguística: Leite coalhado (VA, VJ).

Diversidade linguística: Leite coagulado (VP)

Fronteira léxica: Leite coagulado (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 181 – Borracha de boa qualidade**

Unidade linguística: Borracha trabalhada (VA, VJ).

Diversidade linguística: Borracha fina (VA)

Borracha coalhada (VP)

Fronteiras léxicas: Borracha fina (VA)

Borracha coalhada (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 182 – Produto bruto da seringa**

Unidade linguística: Cernambi (VP, VJ).

Diversidade linguística: Cernambi seco (VA)

Sarnambi (VP)

Fronteiras léxicas: Cernambi seco (VA)

Sarnambi (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 183 – Utensílio para colocar a tigela de seringa**

Unidade linguística: Cabido (VA, VJ).

Diversidade linguística: Cabideiro (VA)

Cabide (VP)

Fronteiras léxicas: Cabideiro (VA)

Cabide (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 184 – Utensílio para colocar o leite**

Unidade linguística: Baldo (VA, VJ).

Balde (VA, VP)

Diversidade linguística: Saco de seringa (VP)

Fronteira léxica: Saco de seringa (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 185 – Utensílio para carregar mantimentos**

Unidade linguística: Estopa (VA, VP).

Diversidade linguística: Jarico (VA)

Jamaxim (VP)

Fronteiras léxicas: Jarico (VA)

Jamaxim (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 186 – Utensílio para colocar a tigela**

Unidade linguística: Não há

Diversidade linguística: Torno (VA)

Saco de seringa (VP)

Torno de tigela (VJ)

Fronteira léxica: Saco de seringa (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 187 – Escada para subir na seringueira**

Unidade linguística: Trapeça (VA, VP).

Diversidade linguística: Mutá (VP)

Muitá (VP)

Trapeça (VJ)

Fronteiras léxicas: Mutá (VP)

Muitá (VP)

Trapeça (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 188 – Sapato de seringa**

Unidade linguística: Sapato de seringa (VP, VJ).

Diversidade linguística: Sapatim de seringa (VA)

Fronteira léxica: Sapatim de seringa (VA)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 189 – Forno para defumar o leite da seringa**

Unidade linguística: Buião (VA, VP).

Diversidade linguística: Buião de defumá (VJ)

Fronteiras léxicas: Buião de defumá (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 190 – Escada para cortar seringa no alto**

Unidade linguística: Mutá (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Escada (VA)

Trepeça (VP)

Fronteiras léxicas: Escada (VA)

Trepeça (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 191 – Estrada de seringa**

Unidade linguística: Trapicho (VA, VP, VJ).

Diversidade linguística: Trapiche (VA)

Fronteira léxica: Trapiche (VA)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

Obs.: Essa Carta está prejudicada na resposta transcrita. As denominações dadas à estrada de seringa são:

Unidade linguística: Estrada (VA,VP,VJ)

Estrada de rodagem (VA,VP, VJ)

Estrada de seringa (VA,VP)

Diversidade linguística: Estirão de estrada (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 28/05/2018

**TRAPICHE** - Denominação dada ao local onde os ribeirinhos e seringueiros lavam a louça após as refeições. Mesmo na periferia das cidades há muitas casas com trapiches. É uma espécie de assoalho, em madeira, que fica na altura da cintura da pessoa, que se estende para fora da casa. Nele são lavados pratos, panelas, colheres e os utensílios da casa. Observou-se variação entre Trapiche, Trapicho. Em algumas localidades é denominado, também, por jirau. Mas para o Seringueiro jirau é uma espécie de escada utilizada para subir nas árvores.

**Carta 192 – Faca de seringa**

Unidade linguística: Não há

Diversidade linguística: Cabrita (VA)

Faca (VP)

Faca de seringa (VJ)

Fronteiras léxicas: Cabrita (VA)

Faca (VP)

Faca de seringa (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 193 – Forno para colocar cavaco ou côco**

Unidade linguística: Fornalha (VA, VP, VJ)

Diversidade linguística: Forno (VA)

Buião (VP)

Fronteiras léxicas: Forno (VA)

Buião (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 194 – Local onde defuma o leite**

Unidade linguística: Defumador (VA, VP)

Diversidade linguística: Fumaceiro (VJ)

Fronteira léxica: Fumaceiro (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 195 – Faca de seringa**

Unidade linguística: Cabrita (VA, VJ)

Diversidade linguística: Faca de seringa (VP)

Fronteira léxica: Faca de seringa (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 196 – Espécie de engenho para espremer a mandioca ralada**

Unidade linguística: Caixa de impressá(r) (VA, VJ)

Diversidade linguística: Prensa (VP)

Caixote (VP)

Fronteiras léxicas: Prensa (VP)

Caixote (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 197 – Luminária que usa na cabeça**

Unidade linguística: Poronga (VA, VP, VJ)

Diversidade linguística: Lampião (VA)

Fronteira léxica: Lampião (VA)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 198 – Espécie de luminária que usa na mão**

Unidade linguística: Não há

Diversidade linguística: Facho (VA)

Facho de cernambi (VP)

Cernambi (VJ)

Fronteiras léxicas: Facho (VA)

Facho de cernambi (VP)

Cernambi (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 199 – Faca usada para cortar a seringa**

Unidade linguística: Faca de seringa (VA, VJ)

Diversidade linguística: Faca de cortar (VP)

Fronteira léxica: Faca de cortar (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 200 – Faca de bainha**

Unidade linguística: Peixeira (VP, VJ)

Diversidade linguística: Faca de bainha (VA)

Fronteira léxica: Faca de bainha (VA)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 201 – Luminária a querosene**

Unidade linguística: Lamparina (VA, VP, VJ)

Diversidade linguística: Lampazinha (VP)

Lamparinazinha (VP)

Fronteiras léxicas: Lampazinha (VP)

Lamparinazinha (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 202 – Luminária com manga de vidro**

Unidade linguística: Candeeiro (VA, VP, VJ)

Diversidade linguística: Candeeiro (VP)

Fronteiras léxicas: Candeeiro (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 203 – Luminária grande com vidro**

Unidade linguística: Farol (VA, VP, VJ)

Diversidade linguística: Não há

Fronteiras léxicas: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 204 – Luminária de borracha**

Unidade linguística: Facho (VA, VJ)

Diversidade linguística: Tocha (VA)

Cernambi (VP)

Fronteiras léxicas: Tocha (VA)

Cernambi (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 205 – Escada para cortar no alto da árvore**

Unidade linguística: Mutá (VA, VJ)

Diversidade linguística: Trapiche (VP)

Trepessa (VP)

Fronteiras léxicas: Trapiche (VP)

Trepessa (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 206 – Utensílio feito da coité**

Unidade linguística: Não há

Diversidade linguística: Coité cortada (VA)

Cuia (VP)

Banda de coité (VP)

Coité (VJ)

Cuiazinha (VJ)

Fronteiras léxicas: Coité cortada (VA)

Cuia (VP)

Banda de coité (VP)

Coité (VJ)

Cuiazinha (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 207 – Produto da seringueira**

Unidade linguística: Borracha (VA, VJ)

Diversidade linguística: Bola (VP)

Pela (VP)

Fronteiras léxicas: Bola (VP)

Pela (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 208 – Produto não defumado da seringa**

Unidade linguística: Não há

Diversidade linguística: Cernambi seco (VA)

Cernambi qualhado (VP)

Cernambi (VJ)

Fronteiras léxicas: Cernambi seco (VA)

Cernambi qualhado (VP)

Cernambi (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 209 – Borracha preparada no defumador**

Unidade linguística: Borracha defumada (VA, VP, VJ)

Diversidade linguística: Não há

Fronteiras léxicas: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 210 – Seringueira Nova**

Unidade linguística: Seringa nova (VP, VJ)

Diversidade linguística: Seringa brutinha (VA)

Fronteiras léxicas: Seringa brutinha (VA)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 211 – Borracha que não é defumada**

Unidade linguística: Borracha coalhada (VA, VJ)

Diversidade linguística: Borracha trabalhada (VP)

Fronteiras léxicas: Borracha trabalhada (VP)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 212 – Cavaco**

Unidade linguística: Coco (VP, VJ)

Diversidade linguística: Cavaco (VA)

Fronteira léxica: Cavaco (VA)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 213 – Seringueira que não foi cortada**

Unidade linguística: Seringa bruta (VA, VP)

Diversidade linguística: Seringa nova (VP)

Seringa virgem (VJ)

Fronteiras léxicas: Seringa nova (VP)

Seringa virgem (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017



**Carta 214 – Dono do seringal**

Unidade linguística: Patrão (VA, VP, VJ)

Diversidade linguística: Chefe (VA)

Dono do seringal (VP)

Chefão (VJ)

Fronteiras léxicas: Chefe (VA)

Dono do seringal (VP)

Chefão (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 215 – Comerciante dos rios**

Unidade linguística: Marreteiro (VA, VP)

Diversidade linguística: Regatão (VJ)

Batelão (VJ)

Fronteiras léxicas: Regatão (VJ)

Batelão (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 216 – Pessoa que transporta borracha**

Unidade linguística: Comboieiro (VA, VP, VJ)

Diversidade linguística: Marreteiro (VA)

Fronteira léxica: Marreteiro (VA)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 217 – Pessoa que abre estrada**

Unidade linguística: Mateiro (VA, VP, VJ)

Diversidade linguística: Não há

Fronteiras léxicas: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 218 – Pessoa que demarca as seringueiras nas estradas**

Unidade linguística: Toqueiro (VA, VP, VJ)

Diversidade linguística: Não há

Fronteiras léxicas: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 219 – Pessoa que corta seringa**

Unidade linguística: Seringueiro (VA, VP, VJ)

Diversidade linguística: Não há

Fronteiras léxicas: Não há

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

**Carta 220 – Pessoa que trabalha de meia**

Unidade linguística: Meeiro (VA, VP, VJ)

Diversidade linguística: Companheiro (VP)

Parceiro (VJ)

Fronteiras léxicas: Companheiro (VP)

Parceiro (VJ)

Análise linguística: Luísa Galvão Lessa Karlberg

Data: 02/10/2017

## 19 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível observar, com base nos estudos aqui empreendidos, os traços de unidade e de diversidade entre as Áreas de Pesquisa do ALAC. As mudanças ocorrem, sobretudo, em consequência do processo de modernização que, aos poucos, vem alterando a vida dessa população e, conseqüentemente, o seu universo linguístico. À medida que os objetos desaparecem, com eles se perdem também as palavras que os denominavam. Todavia, a linguagem, nessa região, é extremamente conservadora, em face do distanciamento em que vivem as pessoas dos centros irradiadores de cultura.

Ademais, sabe-se que a língua de um povo resulta de um conjunto das variedades linguísticas existentes em meio a uma dada comunidade de falantes. Estudar essas variedades, no aspecto da unidade e da diversidade linguística, é fator importante para compreensão da vida humana em determinado espaço geográfico. Assim sendo, tanto mais se conhecerá uma língua quanto mais dela se tenha informações, especialmente das diferenciações que nela têm lugar. Desse modo, a história do ser humano está inteiramente associada à linguagem por ele utilizada. É como afirma M. Alvar (1979, p. 37) *“língua é um espelho da vida e, se esta se modifica, suas mudanças se refletem necessariamente na imagem do espelho”*.

Aqui, neste estudo dialetal, a história da população regional está retratada nas palavras que utilizam, porque elas traduzem o mundo em que vive essa gente, a atividade que exercitam, as crenças, o saber, os costumes. As variações linguísticas são decorrentes da diversidade cultural, do espaço geográfico em que residem essas pessoas, do trabalho que exercitam, da forma de viver e de estar no mundo.

Observa-se, ainda, que embora o mundo esteja no século XXI, aqui tanta gente não conhece a modernidade da vida atual e muitos vivem igualmente viviam seus pais e avós. Mesmo assim, embora muitas pessoas pratiquem uma mesma atividade econômica, ainda assim a linguagem não se apresenta uniforme nas três áreas da pesquisa. Existe uma nítida diferença de linguagem, entre uma faixa etária e outra, entre o sexo masculino e o sexo feminino, entre um ponto de inquérito e outro, entre as Zonas e Áreas de Pesquisa.

Em relação à unidade e diversidade linguística da comunidade, observando as variações diatópicas, diastráticas e diafásicas, nota-se que o informante do sexo masculino apresenta traços mais conservadores na sua linguagem, sendo que entre os informantes do sexo feminino há uma clara distinção em relação àqueles da área do Acre, Juruá e Purus, talvez pelo fato de a mulher ser responsável por repassar os conhecimentos, costumes, através do tempo, aos filhos. As mulheres, embora estejam inteiradas das tarefas masculinas, são mais dedicadas aos afazeres domésticos. Logicamente, essa contextualização ganha um matiz peculiar na linguagem.



Compreende-se, pela pesquisa aqui empreendida, que o conhecimento humano passa pela língua e cada língua tem, para seu uso, uma gama de termos e expressões gerais e de generalidades que se estende para a fala diária. Esta é, no entanto, mesclada de mutabilidades que revelam o dinamismo a que toda língua viva está sujeita. Ora, o que é dinâmico não pode ser estável. No entanto, a língua se apresenta como um paradoxo - imutabilidade dinâmica, sujeita a modificações.

A mutabilidade da língua se manifesta nas variações regionais da fala que, dentro do arcabouço imutável, apresenta variantes contínuas. São variações que se manifestam no aspecto fônico, morfológico ou sintático e, de modo mais acentuado no lexical e semântico. É a “lei do menor esforço”, ou melhor, a economia linguística provoca as mutações que se processam de modo lento e persistente, criando as variações na linguagem, o regionalismo, o dialeto acreano.

Os dados aqui apreciados apontam a presença marcante dos substantivos, por serem denotadores da ação do ser humano em nomear as coisas do mundo em que vive. Embora o ALAC trabalhe com verbos, adjetivos e advérbios terminados em –mente, aqui, no Atlas, não se faz análise do uso e frequência dessas classes de palavras.

A capacidade de fazer representar de diferentes formas a realidade circundante do Acre não é condição apenas de grupos heterogêneos. Mesmo em comunidades relativamente homogêneas é possível perceber essa realidade, que se coloca como uma réstia por onde se vislumbram sombras do passado que se unem como elos da história.

A Dialetoлогия, tomando o espaço social como contexto para a investigação da fala, apresenta quadros multiformes da realidade linguística, em que a descrição da fala nos espaços geográficos constitui verdadeiros documentos do registro dos elementos que se unem à história, à cultura, aos percursos, aos trajetos no espaço e aos contatos entre as diferentes culturas.

Diz-se, finalmente, que se os registros de um atlas permitem visualizar a distribuição espacial das variantes linguísticas, por outro lado, levam a conjecturas sobre as condições de aparecimento ou não de dado fenômeno. Isso porque as cartas linguísticas não são representações opacas da realidade, cujos registros se esgotam em si, mas se oferecem em sua dupla feição como registros da história das pessoas desta região amazônica. Trata-se, portanto, de uma dupla realização: a) do espaço e das rotas ou trajetos entre os pontos; b) da sociedade e das projeções que os dados acionam no interior das variáveis extralinguísticas.

Ao asseverar que a “língua não pertence à ordem causal (não é aleatória, não é involuntária, não é natural) mas à ordem final, aos fatos que se determinam por sua função”, Coseriu (1988, p. 29) reconhece a mudança como ordenada, e as ‘restrições’ como condições que coabitam o campo da finalidade, da atividade e do existir concreto da língua. Pode-se considerar que se trata de um ‘processo’ no qual se manifestam ‘aspectos’ que emanam de um jogo de forças sociais e estruturais.

Concluindo, independente dos questionamentos que se façam, a língua portuguesa viva e sã, floresce no Acre, e se assume não apenas na sua literatura, cada dia mais forte, mas na voz a ser ouvida de cada acreano, qualquer que seja a sua região geográfica (Acre, Juruá, Purus) ou classe social. Com este Atlas – ALAC, reforça-se a língua portuguesa no Estado do Acre, com traços lusitanos, africanos e indígenas. São dados que irão se somar àqueles já coletados em outras localidades do imenso Brasil.

## 20 - REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

\_\_\_\_\_. *Atlas linguístico do Paraná*, Curitiba, Imprensa Oficial do Estado do Paraná / Londrina, Universidade Estadual de Londrina: 1994/1995.

\_\_\_\_\_. *As conquistas do atlas linguístico do Brasil: um balanço no início do século XXI*, in: D. E. G. Silva (org.), Encontro nacional do grupo de estudos da linguagem do centro-oeste, 2002, II. Integração linguística, étnica e social, Atas, Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2004, Vol. III, disponível no

Site <http://www.gelco.crucial.com.br>.

\_\_\_\_\_. *A geolinguística no Brasil – caminhos e perspectivas*, Londrina, UEL: (org.), 1998.

AMARAL. Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Saraiva, 1955.

ALMEIDA-FILHO, N. Sobre Redes. In: TEIXEIRA, F. (Org.). *Gestão de Redes de Cooperação Interempresariais: em busca de novos espaços de aprendizado e inovação*. Salvador: Casa da Qualidade, 2005.p. 5-9.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de & MENEZES, Cleusa Palmeira Bezerra de. *Atlas linguístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984.

\_\_\_\_\_. *Atlas linguístico da Paraíba*. Cartas léxicas e fonéticas, Brasília, CNPq/UFPB: 1984.

\_\_\_\_\_. *Atlas linguístico da Paraíba*. Análise das formas e estruturas linguísticas encontradas, Brasília, CNPq/UFPB: 1984.

\_\_\_\_\_. *La situation de la géographie linguistique au Brésil*, Géolinguistique III, Grenoble, Université Stendhall - Grenoble III: 1987.

\_\_\_\_\_. *Bibliografia dialetal brasileira*, João Pessoa, UFPB: 1988.

\_\_\_\_\_. A situação da geografia linguística no Brasil, in: E. Gärtner (org.), Pesquisas linguísticas em Portugal e no Brasil, Frankfurt am Main, Vervuert Verlag: 1997, 79 – 97.

\_\_\_\_\_. *Atlas linguístico da Paraíba*, in: V. de A. Aguilera (org.), *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*, Londrina, UEL: 1998, 55 -77.

BALBI, A., 1826, *Atlas ethnographique du globe*, Paris, [s.ed.].

BESSA, J. R. F. et al. *Atlas linguístico do Ceará: questionário*, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará: 1982.

BRANDÃO, S. F. *A geografia linguística no Brasil*, São Paulo, Ática: 1991.

- \_\_\_\_\_. *O atlas etnolinguístico dos pescadores do estado do Rio de Janeiro: propostas e caminhos*, in: Simpósio sobre a diversidade linguística no Brasil , I. Atas, Salvador, UFBA: 1986, 139-145.
- BLANCH, M.L. *La sociolingüística y la dialectología hispánica*. In: ALVAR, M & BLANCH, M. *En torno a la sociolingüística*. México: UNAM, 1978.
- BLANCHE-BENEVISTE, Claire & JEANJEAN, Colette. *Le Français Parlé*. Transcription & Éditions. Paris: Didier Erudition, 2000.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- CALLOU, D. *Quando dialetologia e sociolingüística se encontram*. Estudos Linguísticos e Literários, Salvador, n.41, p.29-48, jan.-jun. 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Atlas linguístico do Brasil: um projeto nacional para conhecimento do português brasileiro*. In: GÄRTNER, Eberhard et al. (eds.). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000, p. 33-53.
- \_\_\_\_\_. *Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB: descrição e estágio atual*. revista da ABRALIN, v.8, n. 1, pp. 185-198 jan./jun. 2009.
- \_\_\_\_\_. *A Geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?* Disponível em: < [www.gelne.ufc.br/revista\\_ano4\\_no2\\_12.pdf](http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no2_12.pdf) >
- Acesso em: 11 de jul. de 2017.
- COUTO, H. H. do. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. São Paulo: Contexto, 2009.
- COSERIU, Eugenio. *O homem e sua linguagem*. 2ª Edição, Coleção linguagem 16, Rio de Janeiro, Presença: 1987, p. 79-116.
- \_\_\_\_\_. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982
- CUNHA, C. F. da. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- FERREIRA, C.; et al. *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador: UFBA, Fundação Estadual de Cultura de Sergipe: 1987.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FERREIRA, Carlota. *Atlas prévio dos falares baianos: alguns aspectos metodológicos*. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina. Ed. UEL: 1998, p.15-29.
- FERREIRA, Carlota et al. *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador: FBA/FUNDESC, 1987.

- GARRIGUES, J. Estudo sobre os textos sagrados. Editor Vozes, 1977.
- GILLIÉRON, J. EDMONT, E. *Atlas linguistique de la France*. 35 fasc. Paris: Champion, 1902-1910.
- GIRÃO, R. *Vocabulário popular cearense*. 2. ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.
- GÖRGEN, Hermann Mathias. *Brasilien: eine länderkundliche Skizze*. Tellus-Verlag, 1970.
- LESSA, L. G., 1998, “Os estudos dialetais no estado do Acre”, in: V. de A. Aguilera. (Org.), *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*, Londrina, UEL, 137–141.
- LESSA, Luísa Galvão. *Projeto Centro de Estudos Dialectológicos do Acre CEDAC*. Comunicação apresentada no IX Congresso Internacional de Filosofia e Linguística da América Latina: ALFAL. Campinas: 1990.
- LESSA, Luisa Galvão. *Glossário do Vale do Acre: látex e agricultura de subsistência*. Tese de Doutorado, UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Termos e expressões populares do Acre*. Dissertação de Mestrado, UFF, Rio de Janeiro: 1985.
- \_\_\_\_\_. *A linguagem falada no Vale do Purus – Materiais para estudo – Vol. I*, Coleção CEDAC, Rio de Janeiro: 2008, 286p.
- \_\_\_\_\_. *A linguagem falada no Vale do Purus – Materiais para estudo – Vol. II*, Coleção CEDAC, Rio de Janeiro: 2008, 286p.
- \_\_\_\_\_. *A linguagem falada no Vale do Juruá – materiais para estudo – Cruzeiro do Sul*, Vol. I, Coleção CEDAC, Rio de Janeiro: 2008, 258, ano: 1998.
- \_\_\_\_\_. *A linguagem falada no Vale do Juruá – materiais para estudo – Zona de Tarauacá – Vol. II*, Coleção CEDAC, Rio de Janeiro, 2008, 243 p, ano: 1998.
- \_\_\_\_\_. *A linguagem falada no Vale do Juruá – materiais para estudo – Zona de Feijó – Vol. III*, Coleção CEDAC, Rio de Janeiro, 2008, 243p ano: 1998.
- \_\_\_\_\_. *Aspectos da língua portuguesa no Estado do Acre*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro, 2013, p.122-133.
- \_\_\_\_\_. *Esboço de Cartas Léxicas do Atlas Etnolinguístico do Acre*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro: 2016, p.98-107.
- \_\_\_\_\_. *Rezas e benzeduras em Sena Madureira*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro, 2012, p.127-142.
- \_\_\_\_\_. *Lendas acreanas*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro, 2017, p.94-116. Gradação e anáfora na construção dos Contos de Robélia de Souza. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro. 2017, p.76-91.
- \_\_\_\_\_. *Conservantismo e inovação na linguagem do Estado do Acre*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro, 2010, p.90-102.

- \_\_\_\_\_. *Aspectos da unidade e diversidade lexical no atlas etnolinguístico do Acre – ALAC*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro. 2016, p.78-98.
- \_\_\_\_\_. *A unidade e a diversidade lexical no atlas etnolinguístico do Acre – ALAC*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro. 2017.
- \_\_\_\_\_. *Traços de unidade e diversidade linguística no ALAC*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro, 2017, p.102-117.
- \_\_\_\_\_. *Cartas dialetais do Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro, 2017, p.102-117.
- \_\_\_\_\_. *Usus, tradições e costumes no Vale do Acre, Juruá e Purus*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro. 2017. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro. 2017, p.97-1120.
- \_\_\_\_\_. *Cartas lexicais do Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro, 2017, p.112-127.
- \_\_\_\_\_. *A linguagem jurídica no cotidiano da vida brasileira*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro. 2018, p.110-123.
- \_\_\_\_\_. *Projeto Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC*. Comunicação apresentada na V semana na UFMT. Cuiabá: 1992
- \_\_\_\_\_. *Projeto Centro de Estudos Dialectológicos do Acre – CEDAC*. A Linguagem Falada no Vale do Purus. Rio de Janeiro: 2002 v.I
- \_\_\_\_\_. *A linguagem falada no Vale do Acre – materiais para estudo*. Centro de Estudos Dialectológicos do Acre – CEDAC, Rio de Janeiro: 2002
- \_\_\_\_\_. *A linguagem falada no Vale do Juruá – materiais para estudo*. Centro de Estudos Dialectológicos do Acre – CEDAC, Rio de Janeiro: 2002
- \_\_\_\_\_. *A linguagem falada no Vale do Purus – materiais para estudo*. Centro de Estudos Dialectológicos do Acre – CEDAC, Rio de Janeiro: 2002.
- \_\_\_\_\_. *Termos e expressões populares do Acre*. Niterói: Diss. Mestrado, UFF: 1985.
- \_\_\_\_\_. *Atlas Etnolinguístico do Acre - ALAC*. Revista de Linguística e Filologia, nº. 10. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem de tradições e costumes no vale do Acre, Juruá e Purus*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro: 2012, p. 127-142.
- \_\_\_\_\_. *Glossário do vale do Acre: látex e agricultura de subsistência*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Glossário do Vale do Acre: látex e agricultura de subsistência*. Tese de Doutorado, URFR, Rio de Janeiro: 1995.
- \_\_\_\_\_. *Termos e expressões populares do Acre*. Dissertação de Mestrado, UFF, Rio de

Janeiro: 1985.

\_\_\_\_\_. *A linguagem falada no Vale do Purus – Materiais para estudo – Vol. I*, Coleção CEDAC, Rio de Janeiro: 2008, 286p.

\_\_\_\_\_. *A linguagem falada no Vale do Purus – Materiais para estudo – Vol. II*, Coleção CEDAC, Rio de Janeiro: 2008, 286p.

\_\_\_\_\_. *A linguagem falada no Vale do Juruá – materiais para estudo – Cruzeiro do Sul*, Vol. I, Coleção CEDAC, Rio de Janeiro: 2008, 258, ano: 1998

\_\_\_\_\_. *A linguagem falada no Vale do Juruá – materiais para estudo – Zona de Tarauacá – Vol. II*, Coleção CEDAC, Rio de Janeiro: 2008, 243 p, ano: 1998

\_\_\_\_\_. *A linguagem falada no Vale do Juruá – materiais para estudo – Zona de Feijó – Vol. III*, Coleção CEDAC, Rio de Janeiro: 2008, 243p ano: 1998.

\_\_\_\_\_. *Aspectos da língua portuguesa no Estado do Acre*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro: 2013, p.122-133.

\_\_\_\_\_. *Esboço de Cartas Léxicas do Atlas Etnolinguístico do Acre*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro:2016, p.98-107.

\_\_\_\_\_. *Rezas e benzeduras em Sena Madureira*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro: 2012, p.127-142.

\_\_\_\_\_. *Lendas acreanas*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro, 2017, p.94-116. Gradação e anáfora na construção dos Contos de Robélia de Souza. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro: 2016, p.76-91.

\_\_\_\_\_. *Conservantismo e inovação na linguagem do Estado do Acre*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro: 2010, p.90-102.

\_\_\_\_\_. *Aspectos da unidade e diversidade lexical no atlas etnolinguístico do Acre – ALAC*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro: 2016, p.78-98.

\_\_\_\_\_. *Aspectos da língua portuguesa no estado do Acre*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro: 2016, p.102-120.

\_\_\_\_\_. *Usus, tradições e costumes no Vale do Acre, Juruá e Purus*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro.: 2017.

\_\_\_\_\_. *Similaridade entre o dialeto cearenês e o acreanês*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro: 2017, p. 97-120.

\_\_\_\_\_. *Traços de unidade e diversidade linguística no ALAC*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro: 2017, p.102-117.

\_\_\_\_\_. *Aspectos da unidade e diversidade lexical no atlas etnolinguístico do Acre – ALAC*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro: 2017, p.102-117.

\_\_\_\_\_. *Cartas lexicais do Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC*. Revista da Academia

- Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro: 2017, p.115-129.
- \_\_\_\_\_. *Cartas dialetais do Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro: 2017, p.102-117.
- \_\_\_\_\_. *A linguagem jurídica no cotidiano da vida brasileira*. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro: 2018, p.110-123.
- MORAES, M. *A Ciência como Rede de Atores: Ressonâncias Filosóficas*. Hist. Cienc. Saúde, Manginhos, v.11, n.2, p.321-333, 2004.
- NASCENTES, A. *Bases para a elaboração de um atlas linguístico do Brasil*, I e II, Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa: 1958, 1961.
- NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- SILVA-CORVALÁN, C. 1994. *Language contact and change: Spanish in Los Angeles*. (Oxford Studies in Language Contact). Oxford: Clarendon Press: 1998.
- \_\_\_\_\_. C. *On borrowing as a mechanism of syntactic change.* 'In Schwegler, A., Tranel, B. and Uribe - Extebarria, M. (eds.) *Romance linguistics: Theoretical perspectives*. Amsterdam: John Benjamins, 1998, p. 225-246.
- MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco)*. São Paulo: Nacional, 1934.
- MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. *Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros*. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (Org.). *Documentos 2 : Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p.15-34.
- NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, vol. I, 1958, vol.II, Rio de Janeiro: 1961.
- \_\_\_\_\_. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1963.
- \_\_\_\_\_. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- RAZKY, A. *Atlas linguístico geo-sociolinguístico do Pará*. Belém-PA: Grafia, 2004.
- SILVANETO, Serafim. *Guia para estudos dialectológicos*. Florianópolis: Faculdade Catarinense de Filosofia – Publicações do Centro de Estudos Filológicos nº 4, 1955..
- trilhas seguidas, caminhos a percorrer.Londrina: Eduel, 2005, p. 45-72.

## PRODUÇÃO ALAC - TRABALHOS DE BOLSISTAS CNPq/PIBIC

- AGUIAR, Jeane Cristina Souza. *O homem do Vale do Purus: hábitos, saúde e vestuário*. Projeto ALAC, Rio Branco, 2000.
- AGUIAR, Lucivânia Martins de. *O seringueiro e seu universo particular: um estudo da variação forma e frequência de usos no Vale do Purus*. Projeto ALAC, Rio Branco, 1999.



ARAÚJO, Evanea Barros. *A linguagem acreana - estudo comparativo nas Zonas de Rio Branco, Plácido de Castro e Xapuri*. Projeto ALAC, Rio Branco, 2000.

FARIAS, Maria do Livramento. *O seringueiro e a alimentação: um estudo lexical nas Zonas de Pesquisa de Rio Branco e Cruzeiro do Sul*. Rio Branco, Projeto ALAC, Rio Branco 1995

LIMA, Suiane Freitas. *A linguagem das lendas, tradições e costumes no Vale do Acre*. . Projeto ALAC, Rio Branco, 2001.

LIMA, Elivânia da Silva. *O homem, costumes e tradições*. Projeto ALAC, Rio Branco, 2000.

LUZ, Kellen Cristina. *A linguagem como expressão de trabalho do seringueiro: etnografia e léxico*. Projeto ALAC, Rio Branco, 1999.

MARQUES, Daniela Mendes. *O seringueiro e a alimentação: um estudo lexical*. . Projeto ALAC, Rio Branco, 1997.

MENEZES, Alessandra Gomes. *A linguagem como expressão de história de vida do homem do Vale do Juruá: etnografia e léxico*. Projeto ALAC, Rio Branco, 1998-99

NASCIMENTO, Marta Luana. *O seringueiro e as estradas de seringa*. Rio Branco, 1995.

OLIVEIRA, Sandra Sales. *A linguagem como expressão de trabalho do seringueiro do Vale do Purus: etnografia e léxico*. Projeto ALAC, Rio Branco, 1998.

OLIVEIRA, Liny Sara. *O homem – costumes e tradições*. Projeto ALAC, Rio Branco: 2000.

PEREIRA, Ceildes da Silva. *O seringueiro e as estradas de seringa: um estudo de natureza lexical*. Rio Branco: 1997.

SILVA, Manoel Jorge. *O seringueiro e seu universo particular (família, vizinhança, trabalho e costumes)*. Projeto ALAC, Rio Branco: 1995.

SOUZA, Antonia Maria. *O perfil da economia do Vale do Juruá: descrição histórico-geográfica das áreas de pesquisa ALAC*. Projeto ALAC, Rio Branco: 1995.

Obs. Muitos outros estudos foram perdidos.

## **21 - ANEXOS**

### **21.1 – Questionários**

### **21.2– Questionário Semântico Lexical (QSL)**

#### **1. O LÁTEX E O SERINGUEIRO**

##### **1.1. o seringueiro e o lugar**

###### **1.1.1. onde vive**

###### **1.1.2. como vive**

###### **1.1.3. como sobrevive**

###### **1.1.3.1. caça**

###### **1.1.3.2. pesca**

###### **1.1.3.3. plantações**

###### **1.1.3.4. trabalho**

##### **1.2. o seringueiro e a produção**

###### **1.2.1. o trabalho e a produção**

###### **1.2.2. utensílios usados no trabalho**

###### **1.2.3. formas de trabalho**

###### **1.2.4. o corte do látex**

###### **1.2.5. a colheita do látex**

###### **1.2.6. local de trabalho**

###### **1.2.7. local da produção**

###### **1.2.8. transporte do material**

###### **1.2.9. horário do corte e da colheita do látex**

###### **1.2.10.comércio da produção**

###### **1.2.11.período mais fértil e período menos fértil para o corte do látex**

###### **1.2.12.processo de transformação do látex em borracha**

###### **1.2.13.pessoas envolvidas no trabalho**

###### **1.2.14.qualidade da produção**

###### **1.2.15.quantidade da produção**

### 1.3. o seringueiro e a estrada de seringa

1.3.1. como delimitá-la

1.3.2. como tratá-la

1.3.3. como conservá-la

1.3.4. como encontrá-la

1.3.5. como extrair o látex

1.3.6. como é a estrada de seringa

1.3.7. partes da estrada de seringa

### 1.4. o seringueiro e o patrão

1.4.1. relação produção, venda e compra de produtos

1.4.2. relação produção e preço

1.4.3. relação lucro e prejuízo

1.4.4. relação venda e produção

1.4.5. relação produção e agricultura

1.4.6. relação produção e criação para sobrevivência

### 1.5. o seringueiro e a família

1.5.1. o namoro

1.5.2. o casamento e o ajuntamento

1.5.3. os filhos

1.5.3.1. educação

1.5.3.2. saúde

1.5.3.3. lazer

1.5.3.4. alimentação

1.5.4. os amigos e os vizinhos

1.5.5. a mulher

1.5.5.1. participação no trabalho do látex

1.5.5.2. participação na educação dos filhos

1.5.5.3. participação da administração da casa

1.5.5.4. participação em outras formas de trabalho

### 1.5.6. cuidados com o corpo e com a saúde

#### 1.5.6.1. masculino

#### 1.5.6.2. feminino

### 1.5.7. as pessoas

#### 1.5.7.1. jovens

#### 1.5.7.2. idosas

#### 1.5.7.3. solteiras

#### 1.5.7.4. casadas

#### 1.5.7.5. outras

### 1.6. o seringueiro e a sua alimentação

#### 1.6.1. tipos de alimentação

#### 1.6.2. quantidade

#### 1.6.3. qualidade

#### 1.6.4. nomes dos alimentos

#### 1.6.5. nomes das refeições

#### 1.6.6. horários de alimentação para crianças e adultos

### 1.7. o seringueiro e a plantação

#### 1.7.1. tipo de plantação

#### 1.7.2. forma de preparar a terra

#### 1.7.3. forma de plantar

#### 1.7.4. tempo adequado para cada cultura

#### 1.7.5. como conservar a plantação

#### 1.7.6. pessoas envolvidas

#### 1.7.7. o cultivo

#### 1.7.8. a floração

#### 1.7.9. os cuidados

#### 1.7.10. a colheita

#### 1.7.11. o armazenamento

#### 1.7.12. o consumo

- 1.7.13.o excedente do consumo
- 1.7.14.as doenças
- 1.7.15.épocas de plantação
- 1.7.16.épocas de colheita
- 1.7.17.nomes para as épocas e demais coisas
- 1.7.18.pessoas envolvidas
  
- 1.8. o seringueiro e a saúde
  - 1.8.1. cuidados e precauções
  - 1.8.2. curas e rezas
  - 1.8.3. ervas medicinais usadas
  - 1.8.4. a fé nos espíritos
    - 1.8.4.1. favoráveis para ...
    - 1.8.4.2. desfavoráveis para...
  - 1.8.5. entidades da floresta
  
- 1.9. o seringueiro e a natureza
  - 1.9.1. estradas e caminhos
  - 1.9.2. chuvas
  - 1.9.3. enchentes
  - 1.9.4. trovoadas
  - 1.9.5. fases da lua
    - 1.9.5.1. boa para sua vida
    - 1.9.5.2. ruim para sua vida
  - 1.9.6. estações do ano
    - 1.9.6.1. boas
    - 1.9.6.2. ruins
  
- 1.20. o seringueiro e a casa
  - 1.20.1. local onde vive
    - 1.20.1.1. tipo de construção

1.20.1.2. divisão da casa

1.20.1.3. material usado na construção

1.20.1.4. objetos e utensílios

Obs.: Não é um questionário fechado, ele está sujeito a modificações.

## 21.3 - Questionário Fonético/Fonológico (QFF)

### A – NATUREZA

#### I – ASTROS E FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

##### 1. Céu

1.1. claro

1.2. nublado

##### 2. Sol

2.1. quente

2.2. frio

##### 3. Lua

3.1. nova

3.2. cheia

3.3. crescente

3.4. minguante

##### 4. Luar

##### 5. Eclipse

##### 6. Estrela

6.1. Cruzeiro do Sul

6.2. Três Marias

6.3. Estrela d'Alva

##### 7. Nuvens

7.1. clara

7.2. escura

7.3. baixa

7.4. alta

7.5. pesada

- 7.6. carregada
- 8. Arco-íris
- 9. Ar
  - 9.1. frio
  - 9.2. quente
- 10. Vento
- 11. Ventania
- 12. Redemoinho
- 13. Brisa
- 14. Garoa
- 15. Neblina
- 16. Sereno
- 17. Nevoeiro
- 18. Cerração
- 19. Chuva
  - 19.1. fina (fraca)
  - 19.2. grossa (forte)
- 20. Chuvisco
- 21. Chuvoeiro
- 22. Tempestade
- 23. Relâmpago
- 24. Relampejar
- 25. Trovão
- 26. Trovoadá
- 27. Estiada (estio, estiagem)
- 28. Tempo
  - 28.1. bom



- 28.2. ruim
29. Calor
30. Frio
31. Friagem
32. Verão
33. Inverno
34. Primavera
35. Outono
36. Mês
37. Janeiro
38. Fevereiro
39. Março
40. Abril
41. Maio
42. Junho
43. Julho
44. Agosto
45. Setembro
46. Outubro
47. Novembro
48. Dezembro
49. Semana
50. Segunda-feira
51. Terça-feira
52. Quarta-feira
53. Quinta-feira
54. Sexta-feira

55. Sábado
56. Domingo
57. Hoje
58. Ontem
59. Anteontem (antes de ontem)
60. Trás ante ontem (ternantiontem)
61. Amanhã
62. Depois de amanhã
63. Dia
64. Madrugada
65. Amanhecer (quando o galo canta)
66. Manhã
67. Meio-dia
68. Tarde
69. Entardecer (crepúsculo)
70. Boca da noite (anoitecer)
71. Noite
72. Pôr do sol
73. Meia noite
74. Hora

## **A – NATUREZA**

### **II – FLORA**

#### **1. GUMÍFERAS**

75. Seringueira
76. Caucho
77. Gameleira

78. Caxinguba

79. Açacu

## 2. HABITAÇÃO

80. Paxiúba

81. Ouricuri

82. Jaci

83. Palheira

84. Embira (Envira)

85. Cipó

86. Timbaúba

87. Samaúma

88. Cumaru de ferro

89. Mulateiro

90. Canarana

## 3. ALIMENTAÇÃO

91. Mamão

92. manga

92.1. espada

92.2. rosa

92.3. manguita

92.4. cavalo

93. Limão

94. Tangerina

95. Laranja

96. Abacaxi

97. Pupunha

98. Patoá
99. Cana
100. Banana
- 100.1. prata
- 100.2. comprida
- 100.3. baié
- 100.4. najá (nanica)
- 100.5. maçã
- 100.6. sapo
- 100.7. roxa
- 100.8. peruá
101. Maracujá
102. Cocão (coco jaci)
103. Abiu
104. Castanha
105. Açaí
106. Buriti
106. Abacaba
108. Jenipapo
109. Cubiu
110. Jatobá
111. Ingá
112. Arroz
113. Feijão
114. Mandioca
115. Batata doce
116. Taioba

- 117. Cará (inhame)
- 118. Jerimum
- 119. Milho
- 120. Urucu
- 121. Cebola
- 122. Coentro
- 123. Maxixe
- 124. Quiabo
- 125. Couve
- 126. Chicória
- 127. Jambu
- 128. Pimenta
- 128.1. cheiro
- 128.2. malagueta
- 128.3. olho de peixe

#### 4. ERVAS

- 129. Capim santo
- 130. Cidreira
- 131. Melhoral
- 132. Mastruz
- 133. Vassourinha
- 134. Malvarisco
- 135. Hortelã
- 136. Cravo de defunto
- 137. Arruda
- 138. Pluma

- 139. Pião roxo
- 140. Capeba
- 141. Copaíba
- 142. Pau d'arco (ipê)
- 143. Mulungu
- 144. Jucá
- 145. Cedro roxo
- 146. Cabacinha

## **A – NATUREZA**

### **III – FAUNA**

- 147. Tatu
- 148. Mucura
- 149. Paca
- 150. Cutia
- 151. Cutiara
- 152. Porco do mato
- 153. Veado
- 154. Anta
- 155. Capivara
- 156. Macaco
  - 156.1. capelão
  - 156.2. guariba
  - 156.3. prego
  - 156.4. da noite
  - 156.5. sauim (soim)
- 157. Quati

158. Gato maracajá

159. Onça

160. Tamanduá

161. Preguiça

162. Mambira

163. Jabuti

164. Tracajá

165. Cobra

165.1. sucuri

165.2. jararaca

165.3. jibóia

165.4. surucucu

166. Jacaré

167. Peixe

168. Papagaio

169. Periquito

170. Cachorro

171. Galinha

172. Galo

173. Gato

174. Porco

175. Pato

176. Burro

177. Besouro

178. Formiga

179. Carapanã

180. Abelha

- 181. Caba
- 182. Barata
- 183. Pium
- 184. Mucuim
- 185. Lagarta
- 186. Lesma
- 187. Mosca
- 188. Mutuca
- 189. Cupim
- 190. Borboleta
- 191. Cigarra
- 192. Vaga-lume

## **B – FAMÍLIA**

### **IV – HABITAÇÃO**

- 193. Casa
- 194. Colocação
- 195. Cozinha
- 196. Quarto
- 197. Sala
- 198. Jirau
- 199. Alpendre
- 200. Cepo (banco)
- 201. Mourão (estaca, barroto)
- 202. Caibro
- 203. Parede (divisão)
- 204. Assoalho



205. Escada
206. Degrau
207. Oitão
208. Cumieira
209. Cobertura
210. Terreiro (quintal)
211. Cacimba
212. Cintina
213. Canteiro
214. Paiol
215. Chiqueiro
216. Galinheiro
217. Poleiro
218. Porteira
219. Tramela
220. Utensílios
221. Varrer
222. Vassoura
223. Bater roupa
224. Quarar
225. Enxaguar
226. Pote
227. Bilha
228. Cuia
229. Cabaça
230. Coité
231. Lamparina

232. Candeeiro (lâmpião)

233. Facho

234. Penico

235. Pilão

236. Fogão

237. Caeira

238. Lenha

239. Carvão

## **B - FAMÍLIA**

### **V – RELAÇÕES DE PARENTESCO**

240. Pai

241. Mãe

242. Filho

243. Irmão

244. Cunhada

245. Avô

246. Sogro

247. Genro

248. Nora

249. Sobrinho

250. Tio

251. Primo

252. Neto

**B - FAMÍLIA****VI - RELAÇÕES DE AMIZADE**

253. Compadre

254. Comadre

255. Padrinho

256. Madrinha

257. Afilhado

258. Padrasto

259. Madrasta

260. Enteadado

261. Viúva

262. Benzedeira

263. Curandeiro

264. Professor

265. Parteira

**B - FAMÍLIA****VII – ALIMENTAÇÃO**

266. Cozinhar

267. Debulhar

268. Pilar

269. Cessar

270. Catar

271. Quebra-jejum

272. Almoço

273. Janta

274. Farinha

275. Farofa
276. Chibé
277. Jacuba
278. Angu
279. Cambica
280. Cabeça de galo
281. Pirão
282. Beiju
283. Tapioca
284. Pé-de-moleque
285. canjica
286. Mugunzá
287. Pamonha
288. Cuscuz
289. Aluá
290. Garapa
291. Rapadura
292. Gramichó
293. Mingau
294. Café
295. Leite
296. Arabu
297. Paçoca
298. Baião-de-dois
299. Carne
300. Jabá (charque)
301. Carne seca (carne de sol)
302. Cachaça

**B - FAMÍLIA****VIII – VESTUÁRIO**

- 303. Sapato
- 304. Bota
- 305. Sandália
- 306. Alpercata
- 307. Meia
- 308. Cueca
- 309. Bermuda
- 310. Calça
- 311. Calção
- 312. Cinto
- 313. Camisa
- 314. Blusa
- 315. Vestido
- 316. Saia
- 317. Calcinha
- 318. Pano de bode
- 319. Sutiã
- 320. Anágua
- 321. Combinação
- 322. Avental
- 323. Lenço
- 324. Chapéu
- 325. Boné
- 326. Óculus
- 327. Navalha

- 328. Dentadura
- 329. Cueiro
- 330. Umbigueiro
- 331. Camisinha
- 332. babadouro
- 333. Agasalho
- 334. Broche
- 335. Rede

## **B - FAMÍLIA**

### **IX – SAÚDE**

- 336. Dor
  - 336.1. dor de barriga
  - 336.2. dor de dente
  - 336.3. dor de ouvido
  - 336.4. dor de veado
  - 336.5. dor de urina
- 337. Cezão (malária)
- 338. Curuba
- 339. Pereba
- 340. Ferida braba (*leishmaniose*)
- 341. Opilação
- 342. Impinge
- 343. Pano branco
- 344. Lepra
- 345. Dor d'olho
- 346. Remela

- 347. Terçol
- 348. Cobreiro
- 349. Ferrada (mordida)
- 350. Estrepada
- 351. Bicho de pé
- 352. Olho de peixe
- 353. Frieira
- 354. Maria preta (tumor)
- 355. Sarampo
- 356. Catapora
- 357. Unheiro
- 358. Panariço
- 359. Bicheira
- 360. Piolho
- 361. Lêndea
- 362. Coceira
- 363. Entojo
- 364. Enjoo
- 365. Provocar
- 366. Caganeira
- 367. Lombriga
- 368. Papeira
- 369. Mal de sete dias (tétano)
- 370. Mal de ramo
- 371. Grupe (difteria)
- 372. Coqueluche
- 373. Paralisia infantil

374. Reumatismo
375. Bronquite
376. Gripe
377. Tuberculose
378. Pneumonia
379. Doença do mundo
380. Indigestão (empanzinado, ofendido)
381. Febre (morrinha)
383. Ataque
384. Doido
385. Estrábico
386. Caolho
387. Aleijado
388. Gago
389. Gagueira
390. Hemorragia
391. Anemia
392. Hemorroida
393. Espinhela caída
394. Quebranto
395. Fratura
396. Acidente
397. Sarar
398. Curar
399. Operação
400. Remédio
401. Medicamento



402. Unguento

403. Injeção

## **B - FAMÍLIA**

### **X – RELIGIÃO E CRENDICES**

404. Deus

405. Jesus

406. Virgem Maria

407. Anjo

408. Santo

409. Demônio

410. Católico

411. Crente

412. Espírito

413. Macumba

414. Igreja

415. Missa

416. Culto

417. Imagem

418. Promessa

419. Milagre

420. Medalha

421. Terço

422. Rezar

423. Reza

424. Orar

425. Oração

- 426. Padre
- 427. Pastor
- 428. Macumbeiro
- 429. Bruxa
- 430. Desobriga
- 431. Batismo
- 432. Batizado
- 433. Pagão
- 434. casamento
- 435. Catequese
- 436. Religião
- 437. Religioso
- 438. Confissão
- 439. Comunhão
- 440. Penitência
- 441. Céu (paraíso)
- 442. Inferno
- 443. Alma
- 444. Devoção
- 445. Devoto
- 446. Temente
- 447. Assombração
- 448. Entidades da floresta
- 449. Encantamento

**C – ATIVIDADES****XI – LOCAL DE PRODUÇÃO**

450. Mata

450.1. Virgem

450.2. Bruta

451. Seringal

452. Seringa

452.1. de várzea

452.1. de terra firme

453. Colocação

454. Colônia

455. estrada

455.1. de centro

455.2. de porta

455.3. de boca

455.4. de seringa

455.5. de rodagem

456. Caminho

457. Picada

458. Pique

459. Local

460. Varadouro

461. Ramal

462. Estirão

463. Varação

464. Espigão

465. Oito

- 466. Manga
- 467. Rodo
- 468. Atalho
- 469. Perna direita (às direitas)
- 470. Perna esquerda (às esquerdas)
- 471. Centro
- 472. Boca da mata
- 473. Boca da estrada
- 474. Fecho
- 475. Mato
- 476. Capoeira
- 477. Defumador
- 478. Rio
- 479. Margem
- 480. Beira do rio
- 481. Igarapé
- 482. Terra
- 483. Roça
- 484. Roçado
- 485. Plantação
- 486. Cova
- 487. Fileira (carreira)
- 488. Barranco
- 489. Praia

**C – ATIVIDADES****XII – PROCESSOS E IMPLEMENTOS**

490. Facão

491. Faca de seringa

492. Terçado

493. Peixeira

494. Machadinha

495. Cabrita

496. Raspar

497. Raspagem

498. Casca

499. Descascar

500. Limpar

501. Bandeira

501.1. cabeça estrada

502. Pano

502.1. descansando

502.2. trabalhando

502.3. solto

503. Pestana

504. Riscar

505. Risco

506. Cortar

507. Corte

508. Arriar

509. Arriação

510. Folgar (descansar)

- 511. Embutir a tigela
- 512. Embicar
- 513. Tigela (tanci de seringa)
- 514. Entigelar
- 515. Cabide
- 516. Cabilho
- 517. Sentar
- 518. Látex
- 519. Arriar o leite (pingar)
- 520. Colher
- 521. Desembutir
- 522. Balde
- 523. Biscoito
- 524. Saco
  - 524.1. encauchado
  - 524.2. defumado
  - 524.3. de seringa
  - 524.4. estopa
- 525. Piçoco
- 526. Bujão de barro
- 527. Lata
- 528. Jamaxi
- 529. Arreata
- 530. Tipóia
- 531. Caixa
  - 531.1. caixão
  - 531.2. caixote

- 532. Caxinguba
- 533. Coalhar
- 534. Coagular
- 535. Lâminas
- 536. Imprensar
- 537. prensa
- 538. Prancha
- 539. Fornalha
- 540. Bacia
- 541. fazer o fogo
- 542. Cavalete
- 543. cavador
- 544. Cordas-manilhas
- 545. Bolar (rolar)
- 546. Renovar
- 547. Princípio
- 548. Péla
- 549. Pelota (bola, bolota)
- 550. Borracha
- 551. Cernambi
- 552. Entranchar
- 553. Derrubar
- 554. Derrubada
- 555. Queima
- 556. Queimada
- 557. Coivara
- 558. Encoivarar

- 559. Enxada
- 560. Cavador
- 561. Boca de lobo
- 562. Semeadora
- 563. Espeque
- 564. Enxadeco
- 565. Foice
- 566. Ciscador
- 567. Cambito
- 568. Cova
- 569. Leira
- 570. Moita
- 571. Brocar
- 572. Cavar
- 573. Plantar
- 574. Semente
- 575. Carçoço
- 576. Cereal
- 577. Muda
- 578. Maniva
- 579. Semeadura
- 580. Semear
- 581. Cultivar
- 582. Vigiar
- 583. Espantalho
- 584. Brotar
- 585. Florar



- 586. Flora
- 587. Crescer
- 588. Amadurecer
- 589. Colher
- 590. Apanhar
- 591. Arrancar
- 592. Ensacar
- 593. Encaixotar
- 594. Empencar
- 595. Entrouzar
- 596. Carregar
- 597. Transportar
- 598. Descascar
- 599. Armazenar
- 600. Pragas

## **C – ATIVIDADES**

### **XIII – RELAÇÕES DE TRABALHO**

- 601. Seringueiro
- 602. Meeiro
- 603. Mateiro
- 604. Toqueiro
- 605. Comboieiro
- 606. Patrão
- 607. Gerente
- 608. Apontador
- 609. Seringalista

- 610. Regatão
- 611. Aviador
- 612. Marreteiro
- 613. Capataz
- 614. Capanga
- 615. Agricultor
- 616. Plantador
- 617. Atravessador

## **C – ATIVIDADES**

### **XIV – COMERCIALIZAÇÃO**

- 618. Transportar
- 619. Transporte
- 620. Carroça
- 621. Canga
- 622. Cangalha
- 623. Abrochar
- 624. Batelão
- 625. Balsa
- 626. Canoa
- 627. Rosário
- 628. Remar
- 629. Remo
- 630. Rebocar
- 631. Rebocador
- 632. Barracão (casa de aviação, sede, aviamento)
- 633. Pesar

- 634. Roubar
- 635. Quilo
- 636. Vender
- 637. Comprar
- 638. Preço
- 639. Trocar
- 640. Renda
- 641. Dever
- 642. Saldar
- 643. Saldo
- 644. Fiar
- 645. Fiado
- 646. Marcar
- 647. Lucro
- 648. Perda
- 649. Cobrar
- 650. Cobrança
- 651. Juros
- 652. Porcentagem
- 653. Dívida
- 654. Explorar
- 655. Exploração
- 656. Mercadoria
- 657. Produto
- 658. Economia
- 659. Poupar
- 660. Recibo

661. Fatura

662. Vale

663. Nota

664. Cooperativa

665. Sindicato

666. Sindicalismo.

## 21.4 – Tabela para confecção de Cartas lexicais do ALAC

**TEMA: VARIAÇÃO DIATÓPICA NO VALE DO ACRE, VALE DO JURUÁ, VALE DO PURUS**

**FONTE: BANCO DE DADOS ALAC – 1991/2017**

**Autoria: Luísa Galvão Lessa Karlberg**

**CAMPO SEMÂNTICO: A – NATUREZA**

**I – ASTROS E FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS**

Nº	Nome da Carta	Vale do Acre	Vale do Purus	Vale do Juruá
1	Lua Cheia	Lua cheia	Lua cheia/ Lua redonda	Lua cheia/Lua grande
2	Lua minguante	Quarto minguante	Quarto minguante/Meia lua	Quarto minguante/ Metade lua
3	Lua Crescente	Quarto crescente/ Três quarto de lua	Quarto crescente	Quarto crescente
4	Lua nova	Lua nova	Lua nova	Lua nova
5	Estação quente	Tempo de Seca	Verão	Verão/ Tempo sem chuva/ Tempo seco
6	Estação com chuva	Inverno/ Tempo chuvoso	Inverno/ Período invernososo	Inverno/Tempo Invernososo
7	Chuva fina	Neblina/Garoa	Sereno/nevoeiro	Cerração/ Leblina/ Puagem
8	Relâmpago	Relâmpago/ Fáisca de Fogo	Relâmpago/ Clarão/ Relampejo	Relâmpago/ Lampejo
9	Raio	Raio/ Fáisca do Céu	Fáisca de fogo	Raio/Lampejo/ Clarão no céu
10	Encontro da Lua com o Sol	Eclipse	Eclipse/Eclipse/ Cripe	Eclipse
11	Estrelas que formam cruz no Céu	Cruzeiro do Sul	Cruzeiro do Sul/Santa Cruz	O Santo Cruzeiro/ Constelação do Cruzeiro do Sul
12	Estrela brilhante	Estrela d'Alva	Estrela d'Alva/Estrela brilhante	Estrela d'Alva/ Estrela Maior
13	Arco de luz no Céu	.Arco-íris/ Arco de luz	Arco-íris/ Arco Celeste	Arco-íris/ Arco Celestial
14	Chuva fina	Chuvisco/Sereno/ Chove não molha/ Neblina	Chuvisco/ Sereno/Leblina/ Molhadeiro	Chuvisco/Sereno/ Neblina/Pinga-pinga/ Puagem
15	Tempo nublado	Cerração/ Garoazinha/ Garoa	Nevoeiro/Névoa	Chuvisco/Sereno/Tempo esbranquiçado

16	Chuva fina	Chuvisco/Sereno/ Chove não molha	Chuvisco/Sereno/ Pinga-Pinga	Chuvisco/Sereno
17	Barulho no Céu	Trovão	Trovoada/Troada	Trovão/Trovoada
18	Faixa de fogo no Céu	Relampo	Relampo/Faixa de fogo/ Relampejo	Relampo/ Risco de fogo/ Faixa de fogo
19	Tempo sem chuva	Verão/Estiada	Estiagem/Tempo de secura	Verão/ Seca/Estiada/ Tempo seco
20	Tempo de chuva	Inverno/ Tempo invernososo	Invernada/ Chuvueiro/ Inverno pesado	Inverno/ Invernada
21	Tempo com vento e chuva	Trovoada/ Tempestade/Toró	Tempestade/ Furacão	Ventania/ Trovoada
22	Tempo de baixa temperatura	Friagem/ Onda de frio	Friagem/Frio forte	Friagem/Garoadada
23	Dia anterior a ontem	Ternantonte/Antes de ontem	Ternontonte	Tresontonte
24	Anoitecer	Boca da Noite/ Noitinha	Entardecer/Começo da noite	Entardecer/ Noitinha/ Boca da Noite

## CAMPO SEMÂNTICO: A – NATUREZA

### II - FLORA

Nº	Nome da Carta	Vale do Acre	Vale do Purus	Vale do Juruá
25	Árvore Gumífera	Seringueira/ Árvore de Seringa	Seringueira/Caucho	Seringueira/ Caucho
26	Palha utilizada na cobertura de casas	Jaci/Ouricuri	Ouricuri/Palheira/ Jarina	Jaci/Ouricuri
27	Madeira para assoalho da casa do seringueiro	Paxiúba	Paxiúba/Paxiubão	Paxiúba/ Paxiubinha
28	Erva para curar gripe	Mastruz/ Mastruço	Mentruiz/ Mentruço	Mastruiz/Mentruiz
29	Erva para curar doença pulmonar	Mastruiz/ Mentruiz	Mentruize	Mastruize
30	Erva para bebê não chorar	Alfavaca	Favaca	Favaca
31	Óleo antibiótico natural	Copaíba	Copaíba/Óleo de Copaíba	Copaíba
32	Erva para febre e dor de cabeça	Cibalena	Cibalene	Cibalena
33	Erva para inflamação	Corama	Corama/Coranchim	Corama

34	Erva para curar feridas	Erva do mato	Erva da mata	Erva do mato
35	Erva para inchaço	Capeba	Capebinha/Paripora	Capeba
36	Erva para curar tosse	Malvarisco	Malvarico	Malvarisco
37	Erva para curar mau-olhado	Cipozim/ Cipó brabo	Cipozim/Cipozim do mato	Cipó
38	Folha para curar diarreia	Goiaba	Goiaba/Goiabeira/ Guaba	Goiabinha
39	Folha para curar febre e gripe	Folha de limão	Folha de limão/ Folha de lima	Folha de limão
40	Folha para febre e cólica	Folha de laranja	Folha de laranjeira/ Casca da laranja	Folha de laranja
41	Folha para colesterol	Folha de abacate	Folha de bacate	Folha de bacateiro
42	Erva calmante	Capim santo	Capim santo	Capim santo
43	Erva calmante	Erva Cidreira	Cidreira	Cidreira
44	Erva para dor de barriga	Erva doce/ Pipinela	Erva doce	Erva doce
45	Líquido do favo do mel da abelha	Mel de abelha	Mel de abelha	Mel de abelha
46	Folha calmante para chá	Folha de lima	Folha de lima	Folha de lima
47	Erva para curar ferida e inflamação	Casca de cedro	Casca de cedo	Casca de cedo/ Cedro-rosa/ Cedro-amarelo
48	Erva para boa digestão	Canela rosa/ Canela	Pau de cheiro/ Canelinha	Canela
49	Erva para anemia	Malva/ Rosadinha	Malvinha/ Rosada	Malva
50	Erva para dor de barriga	Alfazema	Fazema	Alfazema de Cheiro

## CAMPO SEMÂNTICO: A – NATUREZA

## III – FAUNA

Nº	Nome da Carta	Vale do Acre	Vale do Purus	Vale do Juruá
51	Caça miúda	Embiara/Caça miúda	Embiara/ Miudeza	Embiara/Caça pequena
52	Macaco pequeno	Soim/Mico	Sauim	Soim
53	Galinha Selvagem	Anambu	Nambu	Anambu
54	Ave que tem muitos filhos	Jacamim	Jacamim/Papo amarelo	Jacamim
55	Galinha do mato	Jacu	Jacu-peba	Jacuzinho
56	Ave branca de pernas longas	Garça	Garça/Pernalta	Garça/ Branquinha
57	Ave verde que aprende a falar	Papagaio	Papagaio/ Louro	Papagaio/ Louro
58	Ave verde pequena	Periquito	Periquito	Periquito
59	Porco-do-mato	Porco do mato	Porquim do mato/ Caititu	Porquim do mato/ Caititu
60	Animal selvagem de grande porte	Anta	Anta/Tapiira	Anta
61	Esquilo amazônico	Quatipuru/ Caxinguelê	Quatira/ Acutipuru	Quatipuruzim
62	Porco que destrói roçado	Queixada	Queixada/ Porco-do-mato	Queixada/ Caititu/Porco brabo
63	Animal de carne nobre	Veado/ Veado-campeiro	Veado/ Amarelim	Veado Gangueiro/ Veado-galheiro
64	Porco-espinho	Porco-espim	Porquim	Porco-espim/ Porquim do mato
65	Mamífero que mergulha nos rios	Lontra	Lontra/ Cachorro d'água	Lontrinha
66	Ave grande e colorida	Arara/Ará	Arara	Arara
67	Ave pequena e de cor azul	Sonhaçu/ Sanhaço	Sanhaçu/ Azuzim	Sanhaçu
68	Ave pequena de bico vermelho	Pipira/Tié	Pipira vermelha/ Vermelhinha	Pipira



**CAMPO SEMÂNTICO: B – HOMEM****B - FAMÍLIA****IV – HABITAÇÃO**

Nº	Nome da Carta	Vale do Acre	Vale do Purus	Vale do Juruá
69	Casa do seringueiro	Colocação/ seringal/ Colônia	Colônia/Colocação/ Casa do seringueiro/ Seringal	Colocação/ Seringal
70	Festa no seringal	Festa/Baile/Forró/ Trimiganga/ Arraial	Festa/Bingo/Piseiro	Forró/Arraial/ Arrasta-pé
71	Casa do seringueiro	Tapera/Casebre	Tapiri/ Casa de paxiúba	Tapiri/ Casa de madeira
72	Casa do patrão	Barracão	Barracão/Casarão	Barracão/ Casa-Grande
73	Cipó para amarrar cobertura de palha	Envira	Embira	Envira
74	Palmeira para assoalhar casas	Paxiúba	Paxiubinha	Paxiúba
75	Pau-ferro	Mulateiro	Mulatim/Pau-ferro	Mulateiro/ Pau mulato
76	Cumaru	Cumaru-ferro	Cumaru/Cumbaru	Cumaru-ferro/ Cumburu
77	Palha para cobrir casa1	Ouricuri	Ouricuri	Ouricuri
78	Palha para cobrir casa2	Palha	Palha	Palha
79	Palha para cobrir casa3	Paxiúba	Paxiúba	Palheira
80	Palha para cobrir casa4	Jaci	Jaci	Jaci
81	Palha para cobrir casa5	Jarina	Jarina	Palha de jarina

**CAMPO SEMÂNTICO: B - HOMEM****B - FAMÍLIA****V – RELAÇÕES DE PARENTESCO**

Nº	Nome da Carta	Vale do Acre	Vale do Purus	Vale do Juruá
82	Esposo	Marido	Marido/ Companheiro	Marido
83	Esposa	Mulher	Mulher/ Companheira	Mulher
84	Primo	Primo	Primo	Primo
85	Prima	Prima	Prima	Prima
86	Irmão	Irmão	Irmão/Manozim	Irmão
87	Irmã	Irmã/Manazinha	Irmã/Maninha	Irmã/Mana
88	Avô	Avô/vovô	Avô/vovô	Vô/Vozim
89	Avó	Avó/vovó	Vozinha/vovó	Vovó
90	Tio	Tio	Tio	Tio
91	Tia	Tia	Tia	Tia
92	Filha	Filha	Filha	Filha
93	Filho	Filho	Filho	Filho
94	Família constituída de muitas pessoas	Família grande	Família grande/Familhão	Família grande
95	Pessoa que vive sem casamento	Ajuntamento/ Ajuntado	Xodó/ Amasiado/ Masiado	Amigação/Xodó
96	Pessoas que habitam o mesmo teto	Família	Família/ Parentes	Família
97	Homem solteiro	Cabra folgado/ Desimpedido	Cabra solteiro	Cabra folgado/ Desimpedido
98	Homem casado	Cabra preso	Cabra casado	Cabra ajuntado/ Cabra amarrado
99	Nome do pai do pai	Avô/Vovô	Vovô/Vô	Vovô/Vô
100	Aquela que deu a luz ao filho	Mãe	Mamãe	Mamãe
101	Aquele que é pai do filho/filha	Pai	Papai	Papai
102	Aquele que é irmão do pai ou da mãe	Tio	Titio	Titio
103	Aquela que é irmã do pai ou da mãe	Tia	Titia	Tia/Titia
104	Filho do tio ou da tia	Primo/Prima	Primo/Prima	Primo/Prima
105	Nome da mãe da mãe	Avó/Vovó	Vovó/Vozinha	Vovó/Vó

**CAMPO SEMÂNTICO: B – HOMEM****B - FAMÍLIA****VI - RELAÇÕES DE AMIZADE**

<b>Nº</b>	<b>Nome da Carta</b>	<b>Vale do Acre</b>	<b>Vale do Purus</b>	<b>Vale do Juruá</b>
106	Pessoa do sexo masculino que tem afilhado	Compadre	Compadre	Compadre
107	Pessoa do sexo feminino que tem afilhado	Comadre	Comadre	Comadre
108	Homem que batizou o filho	Padrim	Padrim	Padrim
109	Mulher que batizou o filho	Madrinha	Madrinha	Madrinha
110	Pessoa do sexo masculino que ganhou padrinho	Afilhado	Afilhado	Afilhado
111	Pessoa do sexo feminino que ganhou madrinha	Afilhada	Afilhada	Afilhada

**CAMPO SEMÂNTICO: B – HOMEM****B - FAMÍLIA****VII – ALIMENTAÇÃO: ALIMENTOS E BEBIDAS**

Nº	Nome da Carta	Vale do Acre	Vale do Purus	Vale do Juruá
112	Tubérculo para fazer alimento granulado, farinha	Mandioca	Macaxeira/ Manduba	Mandioca
113	Grão amarelo para fazer alimento pão de milho	Milho	Milho	Milho
114	Grão miúdo para alimento	Arroiz	Arroiz/Arroize	Arroiz
115	Comida feita com água e farinha	Jacuba	Jacuba/Quibé	Jacuba
116	Peixe de escama	Pexim de escama/Peixe de escama	Pexim de escama	Pexim de escama
117	Bebida alcoólica	Cachaça	Bebida/ Pingazinha/ Goró	Cachaça/Pinga/ Quentinha
118	Mercadoria	Aviação	Aviamento	Mercadoria
119	Aviamento	Rancho	Comida	Rancho
120	Mantimentos	Feira/Rancho	Mercadoria	Rancho
121	Carne em conserva	Carne-bife	Carne-bife	Carne-bife/ Enlatado
122	Carne de caça <sup>1</sup>	Paca Tatu Anta Veado	Paca Tatu Anta Veado	Paca Tatu Anta Veado
123	Carne de caça <sup>2</sup>	Porquim Nambu Embiara Capivara	Porquim do mato Nambu/ Amambu Embiara Capivara/ Porquim	Porquim brabo Porquim Nambu Embiara Capivara

**CAMPO SEMÂNTICO: B - HOMEM****B - FAMÍLIA****VIII – ALIMENTAÇÃO – LOCAL DE PLANTAÇÃO**

Nº	Nome da Carta	Vale do Acre	Vale do Purus	Vale do Juruá
124	Local onde se planta mandioca	Lavoura/Roça/ Roçado	Roçado	Roça/ Plantação
125	Lasca de madeira ou côco usado para fazer fogo no defumador	Cavaco	Côco/ Jaci	Côcão
126	Lugar onde se planta os legumes	Roçado/Horta	Plantação/ Rocinha/ Canteiro	Plantação/ Roçado/ Canteiro
127	Nome dado à colha de cereais, tubérculos, produtos agrícolas	Colheita	Colheita/ Apanha	Colheita

**CAMPO SEMÂNTICO: B – HOMEM****B - FAMÍLIA****IX - VESTUÁRIO**

Nº	Nome da Carta	Vale do Acre	Vale do Purus	Vale do Juruá
128	Espécie de calçado de couro	Alpercata	Alparcata/Parcata	Alpercata
129	Dentes postiços	Dentadura	Chapa	Chapa
130	Tipo de roupa feminina	Vestido	Bata/Caseirim	Bata/Caseiro
131	Tipo de saia interior	Anágua/Forro	Nágua	Anágua/Forro
132	Acessório de proteção para o sol usado na cabeça	Chapéu	Boné/Quepe	Boneu/Boné
133	Protetor íntimo para a mulher menstruada	Módis/Absorvente	Pano-de-bode	Módis/Tampão
134	Vestido Novo	Quebra-Tigela	Tigela nova	Quebra-Tigela

**CAMPO SEMÂNTICO: B – HOMEM****B- FAMÍLIA****X – SAÚDE**

Nº	Nome da Carta	Vale do Acre	Vale do Purus	Vale do Juruá
135	Espécie de doença com febre alta causada por mosquito	Cesão/Malária	Impaludismo/Febrão	Cesão/ Malária
136	Espécie de micose na pele	Impinge/Micose	Impinge/Coceira	Impinge
137	Ferida causada por picada de mosquito	Pereba/ferida	Pereba/ferida-braba	Pereba
138	Doença nos olhos	Dordolho/Conjuntivite	Dordói	Dordolho/Sapiranga
139	Manchas brancas na pele	Pano- Branco	Pano-Branco	Pano-Branco
140	Espécie de espinha que nasce no olho	Terçol	Treçol/Carroço	Terçol/Verruga
141	Furo nos pés causado por prego ou outro objeto	Estrepada	Estrepada/Furada/Estrepe	Estrepada/Furada
142	Espécie de dor no peito que causa falta de ar	Dor de Veado	Dor de Veado/ Dor nas cruz	Dor de Veado
143	Espécie de inflamação na unha do dedo da mão	Unheiro	Panariço	Panariço
144	Nome dado ao tétano	Mal de sete dias	Doença ruim	Doença dos sete dias
145	Inflamação da paródita	Cachumba	Papeira	Papeira
146	Doença venérea	Doença do Mundo/ Mal de amor/ Doença venérea	Doença do sexo/ Mal do sexo	Doença do Mundo
147	Pessoa que tem os olhos tortos	Estrábico/Zarolho	Zarolho/Vesgo/Caolho	Zarolho/Zanolho
148	Espécie de enjojo no estômago da mulher	Enjoo	Antojo/Azedumo	Enjoo/Antojo
149	Ir ao banheiro para necessidades fisiológicas	Defecar/Arriar o barro	Cagar/Obrar	Defecar/Cagar
150	Ameaça de febre	Febрил/Morrinha de febre	Morrinha/Febrento/ Amorrinhado	Febрил

**CAMPO SEMÂNTICO: B – HOMEM****B - FAMÍLIA****XI – RELIGIÃO E CRENDICES**

Nº	Nome da Carta	Vale do Acre	Vale do Purus	Vale do Juruá
151	Fazer oração	Rezar/Orar	Rezar/Pedir a Deus	Rezar/fazer oração
152	Aquele que faz feitiçaria	Macumbeiro	Bruxo/Inimigo	Macumbeiro
153	Coisa rara para acontecer	Milagre	Milagre	Milagre
154	Fazer trato com Deus	Promessa	Promessa	Promessa
155	Entidade Protetora das pessoas	Santo/Santa/Deus	Santíssimo/Deus/Anjo	Santo/Santa/Deus
156	Pessoa que respeita Deus	Católico/Devoto	Crete em Deus/Temente	Crete em Deus
157	Aparição de algo de outro mundo	Alma/Espírito/Fantasma	Assombração/Sobroço/Alma penada/Plantaforma	Fantasma/Sombroço
158	Pessoa temente a Deus	Devoto/Beato	Peregrino/Corola	Devoto/Carola
159	Pessoa boa quando morre vai para o...	Céu	Paraíso/ Jardim do Céu	Céu
160	Pessoa que fica tomada por espíritos da floresta	Encantada	Encantada/Sotilejo	Encantada/ Encanto
161	Pessoa que tem má sorte	Panemado	Azarado/ Panemado/ Enfeitiçado	Panemado/ Azilado
162	Feitiço	Negócio botado	Feitiço/ Feitiçaria	Negóço botado
163	Entidade da floresta que protege as caças	Caboquim	Caboquim da Mata	Caboquim
164	Entidade da floresta que protege a seringueira	Mãe da Seringueira	Mãe da Seringueira	Mãe da Seringueira
165	Entidade que protege a natureza	Mãe da Mata	Mãe da Mata	Mãe da Mata
166	Entidade da floresta que come o homem	Mapinguari/ Bicho de um olho só	Mapinguari/ Gigante da floresta	Mapinguari
167	Entidade da floresta dita como Caboclinho da Mata	Caipora	Caipora/ Caboco valente	Caipora
168	Acordo feito entre o seringueiro e entidade da floresta	Negócio	Negócio/trato	Negócio/ Acordo

169	Entidade que põe medo no seringueiro 1	Assombração	Sombroço	Sombroço
170	Entidade que povoa a vida do seringueiro 2	Velha da Mata	Mãe da Seringueira/ Plataforma	Alma/ Velha da Mata
171	Entidade que povoa a vida do seringueiro 3	Visagem	Visagem/Alma penada/ Alma do outro mundo	Visagem/ Fantasma/ Assombração
172	Entidade que povoa a vida do seringueiro 4	Fantasma	Fantasma	Espantalho
173	Doença botada	Feitiço/ Macumba	Feitiçaria/ Feitiço	Feitiço/ Bruxaria
174	Doença pelo mau-olhado olhado1	Mau-olhado	Mau olhado	Mau olhado
175	Doença pelo mau-olhado olhado2	Quebranto	Quebrante	Quebrante
176	Doença provocada por susto	Vento-caído	Vento-caído	Vento-caído
177	Doença provocada pelo vento	Peito-aberto	Peito-aberto	Peito-aberto

## CAMPO SEMÂNTICO: C – TRABALHO/PRODUTO

### XII – LOCAL DE PRODUÇÃO/PRODUTOS

Nº	Nome da Carta	Vale do Acre	Vale do Purus	Vale do Juruá
178	Produto da seringueira	Borracha	Bola/Pela/Bola	Borracha/ Pelota
179	Borracha defumada	Borracha defumada	Borracha coalhada	Borracha defumada
180	Leite coalhado	Leite coalhado	Leite coagulado	Leite coalhado
181	Borracha de boa qualidade	Borracha trabalhada/ Borracha fina	Borracha coalhada	Borracha trabalhada
182	Produto bruto da seringa	Cernambi seco	Cernambi/ Sarnambi	Cernambi



## CAMPO SEMÂNTICO: C - TRABALHO

## XIII – UTENSÍLIOS E IMPLEMENTOS

Nº	Nome da Carta	Vale do Acre	Vale do Purus	Vale do Juruá
183	Utensílio para colocar a tigela de seringa	Cabido/Cabideiro	Cabide	Cabido
184	Utensílio para colocar o leite	Baldo/Balde	Balde/Saco de seringa	Baldo
185	Utensílio para carregar mantimentos	Jarico/Estopa	Estopa	Jamaxim
186	Utensílio para colocar a tigela	Torno	Torno de seringa	Torno de tigela
187	Escada para subir na seringueira	Trepeça	Trepeça/Mutá/ Muitá	Trepeça
188	Sapato de seringa	Sapatim de seringa	Sapato de seringa	Sapato de seringa
189	Forno para defumar o leite da seringa	Buião	Buião	Buião de defumá
190	Escada para cortar seringa no alto	Escada/Mutá	Mutá/Trepeça	Mutá
191	Estrada de seringa	Estrada/Estrada de cortar/ Estrada de seringa/ Estrada de rodagem / Estrada de rodagem	Estrada/ Estrada de seringa/Estrada de rodagem	Estrada/ Estrada de rodagem
192	Faca de seringa	Cabrita	Faca	Faca de seringa
193	Forno para colocar cavaco ou coco	Fornalha/Forno	Fornalha/ Buião	Fornalha
194	Local onde defuma o leite	Defumador	Defumador	Fumaceiro
195	Faca de seringa	Cabrita	Faca de seringa	Cabrita
196	Espécie de engenhoca para espremer a mandioca ralada	Caixa de impressá	Prensa/ Caixote	Caixa de impressar
197	Luminária que usa na cabeça	Poronga/Lampião	Poronga	Poronga
198	Espécie de luminária que usa na mão	Facho	Facho de cernambi	Cernambi
199	Faca usada para cortar a seringa	Faca de seringa	Faca de cortar	Faca de seringa
200	Faca de bainha	Faca de bainha	Peixeira	Peixeira
201	Luminária a querosene	Lamparina	Lamparina/ Lampazinha/ Lamparinazinha	Lamparina
202	Luminária com manga de vidro	Candeeiro	Candeeiro/ Candeeiro	Candeeiro
203	Luminária grande com vidro	Farol	Farol	Farol
204	Luminária de borracha	Facho/tocha	Cernambi	Facho
205	Escada para cortar no alto da árvore	Mutá	Trapiche/ Trepessa	Mutá
206	Utensílio feito da coité	Coité cortada	Cuia/Banda de coité	Coité/ Cuiazinha

**CAMPO SEMÂNTICO: C - TRABALHO****XIV – PROCESSOS DA PRODUÇÃO COM O LÁTEX**

Nº	Nome da Carta	Vale do Acre	Vale do Purus	Vale do Juruá
207	Produto da seringueira	Borracha	Bola/pela	Borracha
208	Produto não defumado da seringa	Cernambi seco	Cernambi qualhado	Cernambi
209	Borracha preparada no defumador	Borracha defumada	Borracha defumada	Borracha defumada
210	Seringueira Nova	Seringa brutinha	Seringa nova	Seringa nova
211	Borracha que não é defumada	Borracha coalhada	Borracha trabalhada	Borracha coalhada
212	Cavaco	Cavaco	Coco	Coco
213	Seringueira que não foi cortada	Seringa bruta	Seringa bruta/ Seringa nova	Seringa virgem

**CAMPO SEMÂNTICO: C - TRABALHO****XV – RELAÇÕES DE TRABALHO**

Nº	Nome da Carta	Vale do Acre	Vale do Purus	Vale do Juruá
214	Dono do seringal	Patrão/Chefe	Patrão/Dono do seringal	Patrão/Chefão
215	Comerciante dos rios	Marreteiro	Marreteiro	Regatão/ Batelão
216	Pessoa que transporta borracha	Comboieiro/ Marreteiro	Comboieiro	Comboieiro
217	Pessoa que abre estrada	Mateiro	Mateiro	Mateiro
218	Pessoa que demarca as seringueiras nas estradas	Toqueiro	Toqueiro	Toqueiro
219	Pessoa que corta seringa	Seringueiro	Seringueiro	Seringueiro
220	Pessoa que trabalha de meia	Meeiro	Meeiro/ Companheiro	Meeiro/ Parceiro

## 21.5 – Modelo de um inquérito na região do vale do Acre

### INQUÉRITO: PC180BF

QUE – SEMÂNTICO/LEXICAL

DOC.: LUCIVÂNIA REGINA MARTINS DE AGUIAR ANO: 2003

LOC.: RAIMUNDA DE OLIVEIRA CORREIA

IDADE: 35 ANOS

ATIVIDADE: LÁTEX

TRANSCRITOR (A): JEANE CRISTINA SOUZA AGUIAR ANO: 2003

REVISOR (A): LUCIVÂNIA REGINA MARTINS DE AGUIAR

DIGITADOR (A): JEANE CRISTINA SOUZA AGUIAR ANO: 2003

REVISOR (A): LUÍSA GALVÃO LESSA ANO: 2003

-----  
# D

boa tarde

# L

boa tarde

# D

qual é o seu nome?

# L

meu nome é Raimunda de Oliveira Correia

# D

quantos anos a senhora tem?

# L

eu teNo trinta e cinco anos e vivo aqui nessa mata com meus fio...

# D

e aonde a senhora morava antes?

# L

no seringal Monte Cavêra... um lugar longe e com muito animais ... muita seringa... muito trabaio... muita dificuldade

# D

a senhora e o seu esposo?

# L

meu esposo morava lá também mais nós ...no seringal Monte Cavêra no trababaio da seringa... se alevantava de madrugada e sai pra cortá e só vortava de noite fia...

# D

quantos anos a senhora tem?

# L

teNo trinta e cinco ano

# D

quantos anos a senhora cortou seringa?

# L

quantos anos ... eu ... a idade assim mermo né eu já na apena asssim já c'ons doze ano de idade já comecei ajudava o meu pai né ... colhê ... ajuntava cernambi ...colhia com ele ... me casei com dezoito ano né ... aí fui ajudá assim meu esposo ... ele levantava assim de madrugada ia cortá quando era onze e mêa às veze eu num queria ficá em casa ia com ele aí ajudava ele colhê ... ajuntava o cernambi puxava assim das seringuêra colhia quando dava quatro e mêa cinco horas a tarde chegava em casa com ele e o leite né ... ele trazia o leite no saco ... no balde ... a gente ia pro defumadó lá ele colocarra na bacia e defumava a borracha né ... defumava aí passô não mais defumarem já foi fazé as prancha pegá a cáxa e colocava o leite na cáxa e fazé a prancha aí dali a gente enchia aquela cáxa com cento e pôcos quilo né

# D

por dia ?

# L

não a genta passava a semana fezeno aquela borracha... a semana passava a semana fazeno aquela prancha dendo daquela cáxa de cento e pôcos quilo ... aí tirava já começava a ôtra semana fazé nova prancha pa levá po barracão né .... que a gente no seringal chama assim quando dava de quinze dia o comboio ia buscá a borracha ... aí pegava aquelas prancha trazia po barracão ... pesava aí ia ajustá as contas assim com o patrão né ...pegá o diNero dali pra gente fazé a fêra ... comprá mercadoria pra levá pro centro pra começá nova vida de novo e assim viveu muitos anos por causa que eu vim m'imbora pra cá ... tô com oito ano né ... morano aqui meu filho ... eu trôxe um filho vim grávida ele tá com oito ano e os ... é a idade que eu teNo aqui daí o processo que eu sei assim mermo da seringa é esse né ... que é o tempo que eu vivi com meu esposo lá ... acho que nós vivemo assim uns ... muitos ano de doze ano né ... até eu vim pra cá tá com oito ano foi o tempo que eu posso assim contá da seringa né ... sei que é desse jeito que a gente trabalha com a seringa ... muito dura a vida... muitos animal feroz... muita solidão

# D

sei ... quando vocês saiam para cortar era de manhã cedo?

# L

cedo ... de madrugada ... quatro hora da madrugada meu esposo saía pra estrada pa cortá chegava de noite cansado.. ia defumá... eu ajudava ele pra poder vivê... é uma vida dura... num tem moleza... se num trabaía num come...

# D

e a senhora quando ficava em casa ,, como fazia?

# L

eu ficava em casa ia fazé o almoço pra ele né ...quando ele chegá onze e mêm doze horas às vezes quano é estrada de centro ele não vem em casa aí ele de lá mermo já colhe ... já chega em casa só com o leite só pra defumá mermo... chega com fome... cansado.. anda o dia intero... com chuva ô sol... num tem escoia... quano a estrada é de cento ele nem pode vim em casa...

# D

e o que é essa estrada de centro?

# L

estrada de centro é a estrada que vai e pra voltá é longe a boca né pra vim pra casa almoçá a gente se empata ... não dá tempo de í pro colhê... então de lá ele ra acha por bem ficá lá mermo almoçá lá na mata e voltá pra colhe já leva a comida de madrugada come aquela comida lá né fria já de feito ra de madrugada come aquela comida fria e dali já sai pro colhê aí só chega em casa cinco e mêm da tarde... quano ta escuro

# D

é o dia todinho cortando?

# L

o dia todo na mata ... é corta e colhe o leite... se encontra algum animal ele mata e carrega também igual burro...

# D

cortando e colhendo ... assim qual era a sua participação nessa atividade?

# L

atividade assim dele e mia tamém que eu ajudo em tudo... porque se num ajudá a vida fica mais dura fia...

# D

sim

# L

quando ele chega ... quando eu num ia com ele ... eu ficarra em casa ia pro defumadô lá ia cortá os cavaco que a rente tira aquele cavaco... uNa leNa na mata aqueles cavaco corta tudim pra colocá no buião pra ele defumá a borracha NE... dá aquele fumacêro doido... leva tempo defumano a borracha...rolano ela na bacia... a bacia no buião de fogo...

# D

esse buião assim é o quê?

# L

é ... eles fazem nuNa casa de barro ... buião de barro ...ali toca fogo pra sai a fumaça pra defumá a borracha... PA colha o leite... isso que é defumá a borracha... é trabaioso

# D

e assim aquela parte o ... início da defumação tem algum nome assim específico?

# L

o início sim... o príncipe... começa pega um pau né que ele chamo cavodô ... aí vai coloca o leite ali em cima aí começa finim aquele ponto ali de começá a borracha ... aí no ôtro dia já tá mais pôco grossa né aí dali já sai a borracha

# D

cada dia vai aumentando?

# L

cada dia vai jogano em cima aquele leite ... e coloca uNa cuia de leite e vai defumano coloca ôtra e vai defumano... naquela fumaça vai segurando aquele leite naquele pau... o leite vai colhano e a borracha vai se fazeno... assim todo dia até ficar no ponto de vendê ela

# D

então a senhora fazia os dois tipos de borracha...a defumada e a borracha em prancha ... qual era assim que a senhora achava melhor?

# L

hum a borracha em prancha era a gente ... as mais fácio que a gente achô foi a prancha por causa que não tiNa mais trabalho de chegá de tarde cansado inda í defumá ... às veize terminava tarde da noite de defumá né a borracha tão quando passô a sê prancha aí já acabó aquele trabalho que chegava só colocarra o leite na cáxa e ra ia tomá baNo pra ficá já livre NE... descansano em casa ... aí dormia ...aí só no ôtro pa í de novo cortá

# D

não precisava ficar mexendo o leite na prancha do defumador?

# L

não ...não precisava fica mexeno...coloca lá e pronto ... no dia põe o ôtro leite dendo daquele e assim enche aquela cáxa até dá cem quilo aquela borracha ...às veize cinquenta quilo... tudo com muito trabaio...

# D

mas assim a qualidade da borracha...qual é a melhor?

# L

a qualidade da borracha... cuma assim...

# D

qual é aquela mais procurada, a melhor ... a melhor vendida?

# L

a mais procurada mermo assim do meu tempo o povo gostarrra mais de comprá a borracha defumada que é mais virge... mais pura... mais valor... porque é defumada né

# D

porque assim?

# L

eles acha que a borracha defumada ela não tem muita água né e a prancha ela dá mais água e perde o valô

# D

tem que colocar água na prancha?

# L

não é por causa que dá água mermo né a borracha não devido de defumá crêo que ela escorre né a água não ...fica água naquela borracha e a prancha ela dá muita água a gente e põe lá ela diminui muito o peso... que sai muita água né ...e a borracha num sei se ela a água fica presa porque não dá água mermo né sei que a prancha dá ... tem muita água

# D

tem gente até que diz que não é boa a de prancha porque colocavam muita coisa velha

# L

é o povo ... tem gente que coloca mermo muita impureza na borracha na prancha é leite de caucho né ...que é um pau que dá um leite... eles tiro aquele leite põe na prancha pa pesá mais... meu esposo não faiz isso porque ele nunca foi assim home de superlotage... mas barro tem gente que bota viu ... a gente coloca barro na prancha né pa pesá sim ... tem isso mermo...o seringuêro faiz isso muito na borracha

# D

Sei... e assim o que ele leva para a estrada quando sai de casa?

# L

leva o balde pra colocá o leite dento e o saco né ... o saca pra ... quando o balde enche despeja o leite no saco ... aí coloca o saco lá num determinado canto e sai pra colhê ... a estrada ela tem é ... chamo perna né ...a gente que corta ...tem as pernas né ...a gente vai corta ... colhe aquela perna sai assim numa varação vem e dêxa o leite lá naquele ponto que a gente dexô o saco despeja ôto balde vorta e vai de novo entra assim na ôtra perna e vai coleno o leite...

# D

essas pernas o que são?

# L

ele é assim tipo uns pique num sabe... eles faze aqueles pique assim e vara de uNa ... assim pra ôtra... ficá mais perto ... pra chegá mais na frente né ... ficá mais perto cortano né ... apalhando



assim pra num dá muito rôdo assim... uma perna direita e ôtra esquerda... assim as perna da gente é os camim da estrada

# D

ah é o caminho?

# L

os camiNo é que noize chama

# D

essas pernas são os caminhos?

# L

as perna que chamo assim é os camiNo

# D

Sei... tem as pernas... da direita e da esquerda..

# L

assim eles faze né aquelas perna a gente vai aqui naqueles pique ...entra as veze tem deiz madêra naqueles pique ... a rente colhe já sai lá na frente ...já atalhô né ...foi um rôdo a gente atalhô poquê se a rente fosse direto assim no camiNo ia dá uma... distância muito grande ... assim pra rente andá mais e assim não já atalhô uNa parte... assim onde a gente invitô da rente andá mais né ...já ficó mais perto... as veze assim um a rente atalhô um camiNo assim grande de andá já ficó mais perto já varó lá no ponto certo onde a gente poderia dexá o leite e podê gana tempo... pra chegá mais cedo..antes de escurecê de vez...

# D

mas vocês não se perdem na mata?

# L

não a gente aprende... na mata aprende tudo direitiNo assim num se perde não... a gente coNece os camim por onde vai e por onde vorta... tudo a gente aprende né

# D

e assim as seringueiras são de todo jeito ... toda estrada é igual?

# L

Não... tudo diferente ... seringuêra grossa NE ... tem madeiras grossas ... maderas finas né ...as estrada são assim tudo igual mermo.no jeito de fazê o trabai... mas tem seringa de todo jeito..

grossa... fina...que pega muita tigela ô poça tigela

# D

Tem um caminho que chamam manga?

# L

as manga ... tem as manga NE ... assim as veze você vai uNa manga aqui ...por acaso ((gestos)) se vai uNa madêra que tem lá cê vai colhé só la aquela madÊra que ali foi uNa manga né colheu e volta pra seguí no camim da estrada... vai e vorta... isso é manga que chamo

# D

Sei...quer dizer que sai daquele caminho... vai por outro e volta para a estrada?

# L

é ... é sai lá colhe puNa manga e torna voltá pra segui cortano ô coleno o leite... isso é a manga que chamo... vai e vorta

# D

e só existe esse tipo e volta?

# L

só ...do meu coNecimento eu crêo que só né

# D

a senhora não sabe aquelas estradas que ficam no espigão?

# L

espigão ... aquela longe NE ... as veze de uNa madêra pra ôta é muito longe a rente anda bastante pra chegá na ôta madêra pa começá a colhê de novo... é um camim cumprido e longo o espigão... demora para cortá nele...dá tempo... toma tempo da gente...

# D

aí chamam espigão?

# L

chama espigão... é isso... parece uma espiga de mio..reta.. sem tê neNuma volra... como uma liNa...

# D

e outros tipos assim a senhora não sabe ... tem uma que chama o oito a senhora não sabe?

# L

o zoito ... tem o zoito também ... os zoito eu entendo assim né ...que a gente sai pra colhê ... meu marido diz assim fica aí que eu vô colhê aquele oito ali ...aí ele entrava assim num nuNa num arrodêo assim né grande e saía... ia colhê lá aquele oito ...as veze eu ficarra esperando pa mim num cansá muito...que eu chegarra cansada né eu ficarra espendo ele ... ele chegava às veze já não viNa nem pa onde ele entrô já varava lá no ôtro canto donde eu tava ...ele dizia assim porque que tu já varó ... ele disse é porque é um oito

# D

ah ... entra num lugar e sai em outro ... o que mais vocês levavam para cortar a seringa

# L

pra estrada nós leva o que pode carregá... não muito... porque tem que carregá o leite da colha... mas se pode leva uma comida... a espingarda... se aparce um bicho a gente mata pro rancho.. num pode perdê tempo... a vida do seringuêro é difiço

# D

Sei...

# L

a faca né pa cortá né ... cabrita que chamo cabrita é ... e pra colhê eles tem uNa paietiNa que eles faze de pau aí côle com aquela palheta pa num maltrata mão né eles côle com a palheta pra colhê só é o balde ... a palheta o saca as liga né pa amarrá o saco eles faiz de borracha mermo

# D

e assim para ... fazer o corte na seringa... como faz?

# L

faze com a cabrita ...com a faca no pano que ta cortano...

# D

mas não tem nenhum preparo especial?

# L

não ...que coloque não... a gente sai somente com a faca... a estopa... o baldo...as veiz a comida... e vai simbora cedo

# D

não assim não tem que limpar ... tirar alguma coisa?

# L

tira o cernambí que a rente ajunta NE... puxa aquelas fitiNa de cernambí ...cada traço daquele que você dá cria uNa fita de cernambí ...ali dento aí você tira aquela fitiNa e ajunta mas cada dia a gente num corta aonde cortó todo dia corta nôto canto né ... hoje por acaso eu cortei essa estrada amaNa eu num corto nem depois não corto ela ...passa três dia sem cortá aquela estrada e volta cortá ela de novo a gente já corta mais em cima um pôco aí vai subino até ficá determinada altura a rente não alcança mais coloca às veize um pau né pra subí pa cortá chamo pé de burro os pau coloca faiz dregauzim sobe e corta lá alto ... meu esposo cortarra muito alto ... assim as veze eu tiNa era medo dele caí mas num cai não só se não tivé cuidado NE... mais é assim todo dia... corta nas altura... sobe e desce no pé de burro ô num corta que é alto...

# D

e esse pé de burro é feito de pau?

# L

de pau da mata mermo... como se fosse uma escada... corta o pau em forma de dente... sobe nele...como uma escada pra subi na altura do pano de cortá...

# D

é seguro?

# L

é seguro... faiz segura bem no chão NE... soca bem ele assim e escora na madêra aí sobe e corta lá em cima.

# D

a senhora nunca experimentou cortar?

# L

Não... às veze eu sobia só pra oiá ... pra cortá num exprumentei não... nunca quis aprendê... é trabaioso... coisa pra home fazê... muié ajuda...

# D

só colhia?

# L

só colhia com ele pra fazê compaNia... chegar mais cedo... home sozim no mato... triste... é bom tê gente cum ele

# D

como vocês faziam para transportar essa borracha?

# L

a borracha a gente tem o camboim NE ... os burro carrega nos burro ... o patrão do seringal vai buscá aquela borracha de quinze e quinze dia eles no cento das colocação pegano a borracha e traiz no burro po barracão... mais tem lugá que as pessoa carrega na costa... porque os patrão é ruim e explora os coitado...

# D

e pagavam bem essa borracha?

# L

quando a ... naquele tempo né quando a gente moró no seringal eles sempre teve aquela reclamação que a borracha nunca pagava bem né ...sempre queria aumento eu nem lembro bem o preço da borracha... quando no seringal num lembro o preço né naquele tempo eu sei sempre tiNa reclamação...que queria aumento de borracha e as veze o patrão diz que não dá de aumentá e assim sempre o seringuêro veve naquele pobrema de aumento de borracha né ...de preço... que hoje em dia realmente porque a borracha mermo não tá dano nada... povo morre de fome né ... como eles recramo que não tá dano porque tá mais péssimo preço da borracha hoje em dia

# D

está pior que no tempo antigo?

# L

tá pió de quê no tempo que nós moramo no seringal ...que no tempo que a gente moró meu esposo vivia só disso né ...cortava e sustentava a família... hoje ta dano não... o povo sofre muito... passa fome... frio..anda nu... sem comida... caça escassa...

# D

Antigamente dava de viver?

# L

e dava da gente vivê a gente vivia graças a Deus bem... mas hoje ta uma desgraça... coitado do povo da seringa... ta abandonado...

# D

e assim ... o patrão pagava em dinheiro?

# L

pagava em diNêro

# D

não era por troca?

# L

não ... por troca de nada não... a gente vendia a borracha e com diNêro comprarra mercadoria né e levava pô cento... era assim que nóiz vivia no seringal que falei... o patrão pagava e nóiz comprava o que a gente precisava... era poço... mas mio que nada né...

# D

e quais eram essas mercadorias que vocês compravam?

# L

é feijão né ... arroiz ... ólho ... açúca ... a mercadoria são essas a ente compra no seringal ... café... só essas coisa assim... leite quando a rente tem condição... no seringal compra leite muitas pessoa num tem condição de compre um leite num tem ... que coisa num falta na ... assim não no seringal tem pa rente comprá

# D

mas é com o patrão que compra?

# L

patrão é... ele tem muita coisa pra vendê... farta diNeiro pra compra... mas nóiz comprava o que a gente podia... por isso trabaiava muito... ô não comia... o patrão num vendia fiado não...

# D

é por embarcação que levam?

# L

Não... a gente anda no varradô a pé... dá as veize duas hora de viaje... tem colocação que dá duas hora de viaje po barracão... ôtas dão três horas ... duas horas ... uNa hora da mais perto... tudo é difiço fia

# D

qual o nome do seringal que a senhora morou?

# L

monte casêro

# D

ah sim ... aí lá no Monte Caseiro a senhora vendia a borracha e comprava as mercadorias?

# L

hum vendia a borracha e comprava a mercadoria... só podia compr'lá.. era proibido comprá fora... o patrão num deixava...

# D

aí assim a senhora disse que comprava feijão ... arroz no caso a senhora não plantava?

# L

não ...meu esposo não gostava de trabalhá com roçado por causa que ele achava que não tiNa resutado... não darra tempo né ...que tiNa que cortá e pra tirá tempo pra trabalhá no roçado num ia cortá ...ele acharra melhó só cortá e fazé a borracha tirá o diNêro e comprá ...num fazia roçado ele... que num dava tempo... quem ia cuidá do roçado se ele passava o dia na estrada cortano... eu num ia prantá não...

# D

e no caso não era por causa do patrão?

# L

Não... o patrão queria era borracha... nun tava interessado em roçado não... queria borracha e nóiz fazia muita pra vendê e comprá comida e rôpa...

# D

porque tem patrão que não deixa?

# L

não dêxa é ... mas o meu esposo porque ele não gostava de trabalhá com roçado mas ... os ôtos ( ) tiNa roçado... morava lá NE... assim no seringal... tiNa uma rociNa pra ajudá na casa... que só a borracha é poço diNeiro que dá...

# D

sei ... aí vocês compravam todas essas mercadorias... então quer dizer que todo ano vocês cortavam?

# L

Direto... todos ano... só fazia aquilo sem parà... era toda vida.. doente ô bom tem que trabaiá ô num come...

# D

não tinha fase assim uma fase boa ou ruim?

# L

não tem não ... não quem mora no seringal tem que trabalhá assim direto se é seringa tem que cortá direto só folga o domingo... dia de descansá cuns fio...

# D

ah tem a folga no domingo?

# L

hum domingo aí ele num corta né ...vão po barracão comprá alguma coisa que tá faltaNo em casa ...traiz pa semana ... aí já já começá de novo... aí começa segunda fêra até sábado de novo ... quando é no inverno fica mais difiço né porque chove as veze vão cortá quando termina de cortá a chuva já cai toma o leite... a gente fica sem nada... a chuva toma o leite...tempo ruim...

# D

o que é tomar o leite?

# L

a chuva ela tira os leite né das tigela e fica só água ...aí dali já perdeu num naquele dia num feiz mais nada porque chueu ...cabô o leite né não serve mais.. viro tudo água...

# D

aí quando chove não é bom...

# L

quando chove num presta mais aquele dia... só no ôtro ...às veze quando vem o tempo ra de madrugadiNa assim pa chovê eles já fico preocupado... hoje num vai dá ...e as veze chove ante de saí né já perde aquele dia o seringuêro ele ra fica muito preocupado porque ele ra tem a semana certa pa ele fazé aquela borracha né ...pa entregá po patrão no final da semana.. se chove muito atrapaia a vida né

# D

todo domingo entrega a borracha?

# L

entregava todo domingo ...as veze de quinze e quinze dia... mais comum é domingo... que dá tempo.. num atrapaia o serviço da seringa...

# D

Sei... quando chove vocês não trabalhavam



# L

naquele dia não... porque ao chuva toma o leite todo.. é tempo perdido... a gente num pode perdê.. aí faiz ôtra coisa.. vai vê uma caça pra cume... um pêxe...

# D

então tinha épocas que vocês passavam de semanas sem colher?

# L

se chovê muito assim muito assim ... durante a semana né que às veize no inverno chove bastante não colhia nada... perdia tudim..

# D

e aí como faziam?

# L

às veze nem cortá ...fica em casa sem fazé nada... ô vai caçà...

# D

aí vocês criavam algum animal?

# L

criava galiNa ... criava galiNa gostarra de criá galiNa só isso mermo a nossa criação

# D

porco não criavam?

# L

não porco não criavo não

# D

e a pesca vocês pescavam?

#L

difiço meu esposo í pescá no rio... porque a gente morarra longe né do barracão ...aí tem o rio Abonã que nós morava aqui no Monte Casêro a ente viesse po barracão no domingo dava de pescá porque tiNa o rio... tem o lago lá né ...só que ele era difiço í pescá quando ia pegava as piaba... muito ruim de pegá pêxe...

# D

e caçar vocês caçavam?

# L

ele é ... caçava muita na mata ... lá tem caça né no seringal.. mata virge... fartura de caça...nóis comia muita carne de caça...

# D

que tipo assim de caça?

# L

veado ... paca ... essas caça assim que nós comia... que tiNa muito...

# D

e ... a senhora disse que tem um período que não dá... no caso o inverno não dá pra cortar mas tem assim então tem um período mais fértil ou menos fértil ou não?

# L

o verão é melhó né pra cortá assim na época de verão que no ... no chove é melhó né ...ele chamo fápico esse fápico... eles aproveita NE... que é o verão assim pa cortá mês de julho é o mês que eles acho melhó assim de leite julho né ... juNo assim é o mês melhó pra ele

# D

que dá muito ... muito leite

# L

dá mais leite é junho... julho... bom de cortá que a chuva num toma o leite...

# D

e os outros meses ...

# L

o mês de agosto assim já vai o leite vai mingvano já dá mais pôco... fica tudo seco... seca a seringa...

# D

pouco assim quanto em quantidade?

# L

eles ... deiz lata né ... o seringuêro eles mede na lata NE... eles tem o aquele em quantidade mês de agosto eles já diminui aqueles que tiro assim as veze quinze lata de leite no mês de agosto... as vezes ele tiro oito ... deize tem um dia assim que é melhó parece aumenta mais o leite... dia diminui aí é assim dessa manêra

# D

e as fases da lua influenciam alguma coisa?

# L

da lua não num tem pobrema assim com a segunda lua nós corta bem... no minguante é ruim...

# D

Quando a lua é cheia?

# L

não meu esposo num acharra assim que tiNa pobrema com a ... com a lua chea não... era tempo bom...

# D

era igual?

# L

igual ... só na friage que leite aumenta mais é na friage

# D

é bom tempo de frio?

# L

tempo de frio é leite dá bastante... é bom de leite na seringa... tempo frio é mió...

# D

menos que no inverno?

# L

no inverno é bom de leite ...mais não todo dia ...agente não cõlhe né ...que às veze chove e perde assim o leite mais que é bom de leite é... o pobrema é aчуva tomá o leite da gente...

# D

e o processo assim de transformação da borracha nós já falamos... mas fale um pouco mais disso

# L

assim como?

# D

falar mais da borracha... como vocês faziam... a senhora disse que o seu esposo chegava e logo

vocês saíam para colher... chegavam aí chegavam assim qual hora da estrada?

# L

cinco horas da tarde chegá com o leite... cinco horas... quatro e meia... mais cedo é quatro e meia ...mais cinco hora é a hora mermo de chegá ... com o leite da mata aí coloca lá o leite né como eu já lhe falei e dali vai formá a prancha... todo dia coloca aquele leite lá até que enche aquela cáxa de leite ...tira aquela prancha aí continua ôtra prancha

# D

quer dizer é semanal ... a transformação ... aí põe o que nessa ...

# L

no leite pra qualhá num põe nada... ele qualha po ele mermo... sem nada... nóiz num bota nada nele não

# D

não põe nenhum produto?

# L

não ... o leite mermo qualha ali na cáxa sem nada... natural...

# D

e vocês faziam também a borracha defumada ou só faziam em prancha?

# L

fazia a difumada logo no começo né ...quando assim trabalhá... aí foi o tempo que apareceu a prancha ...eles acharo melhó trabalhá com prancha né ...por causa que num darra trabalho mais difumá... prancha gaNa tempo... num vai defumá no defumado... coloca na cáxa e pronto... já dêxa lá....

# D

e as pessoas assim que trabalhavam ...era só a senhora o seu esposo?

# L

no meu lar só eu e meu esposo meus filho mermo eu já fui tê eles ra foi o tempo que já parei assim de andá... porque eu num tiNha com quem deixasse os menino eu já ficava em casa ele ia só... menino tem que cuidá... dá comida... bãe... isso aí...

# D

a senhora tem quantos filhos?

# L

teNo quatro filho

# D

assim de que idade?

# L

tem um com quinze ano ... o ôtro com treze e uNa com onze e ôto com oito

# D

três homens e uma mulher?

# L

três home e uNa mulhé

# D

então eles não participavam do trabalho

# L

não eles não sabe nada mais desse trabalho... porque quando a gente dexô de trabalhá na seringa veiamo morá no campo né do barracão... eles num trabalharo mais com esse trabalho não ...eu num lembro hoje assim ...eles nem falo assim num coNece o trabalho de seringa eu digo pra eles ah meu filho vocês num sabe o que é trabalho não ...morá aqui num faiz nada né

# D

aí assim lá no local que a senhora ... no seringal ... no seringal que a senhora que a senhora trabalhava morava né aí tinha vizinhos perto?

# L

tem vizim mais num são assim perto eles moro mais perto é ... mêa hora de viaje duNa casa assim pra um viziNo ... uNa hora as veze duas horas de viaje no seringal não tem assim vizim perto que nem a gente tem assim na cidade num tem são longe os viziNo

# D

mas aí cortavam na mesma estrada ou não?

# L

hum ... hum cada um na sua colocação né ...no seringal se chama colocação cada uNa colocação daquela cada um moradó tem as suas estrada

# D

aí então cada um já tinha a sua estrada

# L

é cada um tem as suas estrada corta a suas num mexe com a dos ôtro não.. nisso tudo é direito.. num tem ladrão não...

# D

e assim tem como escolher aquela é melhor ou não?

# L

não tem estrada né .. tem estrada que ela é melhó de leite né ...pelo meno meu esposo dizia aquela estrada ela é melhó né ...estrada de cento que nem eu falei que ele chamo estrada de cento aquela que ele vai e não vem em casa mêi dia ((barulho de carro)) às veze ela é melhó de leite né ...as veze é estrada de porta né ...a gente chama estrada de porta é aquela que a gente vai cortá e mêi dia tá em casa aí volta de novo pra cortá chama estrada de porta

# D

Por que é mais perto?

# L

porque é mais perto é isso mermo... estrada de porta... perto de casa...

# D

tá a senhora já falou que vendia a dinheiro para o patrão ... e o preço vocês que colocavam?

# L

ele o patrão que coloca o preço né ele vai ... pega aquela borracha pesa NE... na balança... dá tantos quilo... e as veze ele dize você feiz duzentos quilo de borracha nuNa quinzena que chamo NE... meu esposo sempre fazia até duzentos quilo nuNa quinzena porque ele gostarra mermo de cortá ...assim aí o preço as veize naquela época num era nem real NE... chamava o cruzêro NE... naquela época eu num lembro se ele pagava um cruzêro num quilo de borracha eu não tô lembrado do preço

# D

o preço era por quilo?

# L

era por quilo...ah paga por quilo... aquela borracha... aí eu num lembro né quanto ele pagava

se era um cruzêro naquele tempo eu sei que eu acho que era um cruzêro que hoje é um real né  
...um cruzêro um quilo de borracha

# D

mas aí tinha uma tabela?

# L

tiNa tabela sim... tiNa tabela...ah

# D

então a senhora acha assim que vocês lucravam com a borracha?

# L

a gente acha assim que tiNa prejuízo na borracha sim... o patrão não valorizava ... não valorizava né ... assim as veze o trabalho do freguês dele eles as veze num dá aquele való pro freguês que ... ele tem muito prejuízo... os freguês assim com a borracha o patrão sempre sai gaNano né ...que vendia aqui ...vende mais bem vendida né o patrão traiz de lá pra vendé já po ôto patrão e assim sai mais bem vendida e a gente que vende lá a gente tem prejuízo sim eu vejo aqui tem freguês que pode trazé a borracha pra vendé aqui fora ...eles acho que sai mais bem vendida trazeno pra vendê ...mais gente que não tem condição às veize de trazé num tem embarcação lá dento aí eles compro pelo um preço mínimo

# D

vocês só vendiam para o patrão ou não?

# L

só lá só po patrão nosso do seringal mermo... nós num podia saí que num dava de saí não...

# D

não ficavam para vender pra outras pessoas?

# L

não a gente num ... não nós só vendia po patrão mermo do seringal

# D

tudo que produzia era pra ele?

# L

tudo que produzia era pro patrão... ele era o dono das seringa né

# D

Agricultura... vocês não tinham?

# L

nóis num tiNa não ... a gente só trabalharrá com a borracha mermo ... num trabalharrá com roçado ...nada dessas coisa a gente num gostarrrá de trabalhá com roçado não... num dava tempo... ô cortava ô prantava...

# D

e como vocês faziam no inverno?

# L

no inverno a gente poupava né a ... meu esposo sempre trabalhó esse ... viveu em dia nunca gostá de devé ninguém né nós nunca gostamo disso sempre a rente guarda aquela economia a gente tem guardado assim pra ... vivé na época assim que gente num pode trabaiá sempre a rente foi econômico ...assim de guardá trabalha tira aquele diNero guarda isso aqui é pra quando a gente ... por acaso no inverno aí num pode trabalhá diNero ra serve pa essas época aí a gente tem aquele guardado

# D

então não passavam necessidade?

# L

num passava necessidade graças a Deus que nós nunca passamo necessidade assim a gente passa assim porque no seringal num tem todo dia aquele alimen ... pra você uNa mistura você comê com feijão e arroz às veize você passa de semana comeno só feijão e arroize por causo que não tem a carne né às veize num tem uNa mistura assim mais adequada pra gente

# D

a alimentação de vocês era assim o normal?

# L

o normal dá ... o feijão e arroize isso aí num falta no seringal pra gente mais ôtos alimento como a gente tem assim na cidade a gente num tem no seringal

# D

era basicamente arroz e feijão ... a refeição?

# L

hum arroize e feijão ... a refeição... algum pêxe... uma caça... era assim...



# D

de manhã cedo como era a refeição?

# L

é ... de maNa cedo a gente já come farofa no seringal e mei dia almoça né

# D

como é que chama essa refeição do início da manhã?

# L

a gente chama québra-jejum ... seringal tem que almoçá mermo é mei dia né a rente chama ... e jantá comida também ah ... feijão e arroiz né ...a comida da gente no seringal é essa

# D

o horários das refeições?

# L

de maNa cedo quando a grente levanta que vai trabalhá né já come de madrugadiNa quatro e mêmá rá tão comeno aquela farofa pa í pa mata cortá quem fica em casa já come mais ... sete horas vai aquela farofa quan ... às veze come aquela farofa de ovos quano num é feijão frito no seringal é assim a ente frita o feijão come com o filho e assim a gente vai levando a vida

# D

o almoço?

# L

o almoço feijão e arroize num sé assim assim que casse né e mate alguma caça na mata é feijão e arroize quando a gente vai caçá que tem aquela sorte de matá uNa caça aí tem carne fartura

# D

ah que horas é o almoço?

# L

o almoço onze hora já tá almoçano ... onze hora rá tem almoçado

# D

e a janta?

# L

a janta ... seis hora a gente jantava

# D

Depois já iam dormir

# L

aí já dorme porque tem que acordá de madrugada... passá o dia todo na estrada...

# D

sei ...e as crianças assim ao mesmo tempo que os adultos comiam as mesmas coisas?

# L

hum a criança desse jeito também... só tem esse tipo de comida... nada mais que isso...

# D

comiam as mesmas coisas?

# L

as mesma coisa né

# D

como a senhora conheceu seu esposo?

# L

coNeci ele lá também NE... no seringal ...morava com miNa mãe quando a gente começó se coNecé... aí a gente começó a namorá... eu vivia na casa da miNa mãe... aí daí a gente namoramo acho que quase um ano aí casemo... viemo casá aqui... casemo e voltemo pra lá pro seringal... aí já fui passá vivê na miNa casa com ele né trabalhá já morano com meu esposo

# D

mas a senhora o conheceu aonde ... na casa dele?

# L

não ... morava longe dara uNa hora de viage da miNa casa pa dele eu ...ele viNa a gente só se via assim ... final de semana ...no sábado ele viNa lá na miNa casa aí ... a gente namorava ...passava o final de semana junto... aí ele voltava na semana pra casa dele... ia cortá porque ele trabalhava com seringa né já ... aquilo ele trabalhô lá até arrumá condição pa nós casá ...casamo e voltamo pra po seringal

# D

sei ... mas assim alguém apresentou ele para a senhora ... como foi?

# L

ele ... não a gente mora no seringal nós nuNa ... assim nuNa colõNa né com miNa mãe aí ele tiNa um ... um animal quando ele era solteiro que vivia lá na casa da miNa mãe né no campo aí lá ele sempre ele ia e daí a gente começô a se vê né começamo se gostá aí que namoremo e casamo

# D

ah ... quer dizer que ele já era conhecido da família?

# L

já era coNecido ... sempre ele ia e daí a gente começô a se vê né ...começamo se gostá aí que namoremo e casamo

# D

ah ... quer dizer que ele já era conhecido da família?

# L

já era coNecido ham

# D

foi assim que a senhora conheceu?

# L

foi assim que nós se coNecemo

# D

e lá no seringal tinha festa ... algo assim?

# L

não ... às veze a ... tiNa família que fazia festa assim nivesário ou filhe né mais eu nunca fui assim de festa eu num ía pra festa miNa ... eu ... miNa viaje sempre é de casa pra igreja

# D

a senhora sempre foi evangélica?

# L

sempre fui evangélica desde criança

# D

então quer dizer que a senhora nunca gostou de festa?

# L

Não... nunca gostei... negócio de festa ...essas coisa assim nunca gostei não

# D

mas a senhora sabe assim que tinha festa no seringal?

# L

sabia miNa mãe num empatava se eu ía eu mermo que nunca gostei dessa ... festa sempre eu dediquei a miNa vida só em servi a Deus mermo vive na igreja né orando isso é o desejo ao meu coração toda vida foi esse entonce casei crente e continuei hoje ainda continuo seno crente

# D

seu esposo também é evangélico?

# L

meu esposo é crente também

# D

de qual igreja?

# L

da Assebréa de Deus.

# D

mas assim ... nessas festas a senhora sabe o que eles faziam?

# L

como assim ... as festas no seringal?

# D

tinha música?

# L

tiNa músga né dançava ... dançava assim mermo como festa as veze fazia festa com musga e dançava assim os ôtas pessoas no seringal viNa né nas colocações de longe e ali passava noite brincando e de maNa tudo pa suas casa

# D

bebendo?

# L

bebia ... aqueles que gostava de bebê bebia

# D

a música era assim ... de som ( )?

# L

a musga por cause que naquele ... hoje já tá assim avançado né mais naquele tempo num era assim eles usavo assim disco daqueles cantores assim antigo né ele ouvim aqueles disco assim antigo de musga tocavo as veze violão e sofona né que existia assim eles tocarro sofona era assim as musga deles no seringal

# D

a senhora nunca foi?

# L

não ... num ia não ... vezes a gente ia assim convidava pa ente í um jantá num niversário a rente ía tava ali até uNas hora quando começava a gente já viNa embora pra casa que a miNa mãe também num dançava e a gente tava já de volta pra casa

# D

seus pais também são evangélicos?

# L

são tudo evangélico

# D

ah ... que bom então ... assim a senhora casou...

# L

casei graças a Deus ...eu casei mermo no fórum com meu esposo

# D

na igreja?

# L

hum ... casei no fórum...num casei na igreja por causo que ele era crente quando eu casei

# D

na época?

# L

não na época ele não era a gente casó só no fórum né ...aí daí depois que ele aceitó a Jesus

# D

através da senhora?

# L

hum ... através de mim

# D

glória hem ((risos))?

# L

uNa bênção ((risos))

# D

E a educação dos filhos?

# L

nessa epa num estudavo não a gente quando eu vim embora pra cá meu filho mais velho tava com sete ano a ente chegô aqui aí já coloquei no colégio né com a idade de sete ano e daí foi que ele começaro a estudá

# D

idade boa ... como a senhora educava os filhos?

# L

Num tiNa escola... nós educava e casa mermo... temente a Deus... respeita os mais veio... num dizê palavrão... sê trabaiadô... num robà ninguém... num pegá coisa alhea...

# D

sei ... e a saúde?

# L

a saúde deles graças a Deus é uNa saúde boa...eles nunca foro assim menino de ficá doente ... de tá em médico ... a gente hoje tem filho... são sadio graças a Deus

# D

e lá no seringal assim quando quando acontecia de alguém adoecer?

# L

quando adoecia assim um a gente viNa pra cá pra rua né pra tratá pegarra o barco né viNa de motô chegava aqui a gente tratava e voltava pro seringal

# D

hum ... mas assim vocês são usavam cháa ... alguma erva da mata?

# L

chá ... a gente sempre usa né assim chá quano a gente morava no seringal a gente usavo o chá ensinavo assim às veze aquelas pessoas mais idosa ensino chá de uNa folha que é bom pra um ... um remédio a rente fazia aquele chá dava quando acontecia de curá né com aquele chá num prestava a gente saí pra cá ficarra bom lá mermo no seringal quando aquele chá não servia a gente viNa pra ca pra tratá aqui da criança na cidade

# D

e qual eram os chás que vocês usavam?

# L

o chá que elas ensinavo assim de muitas evas né assim ... eu num lembro o nome da evas assim elas ensinavo aquelas evas que elas as mulheres mais velha entendi né de chá eu num lembro eu se lembro assim mermo de cidrêra que ente fazia o chá da cidrêra né da laranja ... tangerina ... esses chá assim ... caxa de copaíba né que diz que é bom pra enframação assim a rente fazia no seringal pra tomá

# D

cada chá serve pra alguma coisa?

# L

hum serve pra uNa coisa

# D

a de tangerina serve para?

# L

tangerina quano tá com febre a ente fazia aquele chá pra suá aí sôa né a criança quano tomarra aquele chá ... laranja também serve pro soá a gente dava ... cidrêra pra dormí quando a criança as veze não que dormí né a ente fazia aquele chá pra dá sono e assim a gente vai vivendo

# D

quais são as doenças mais comuns lá ...

# L

lá no seringal é a malária... dá muita malária...sarampo às veiz...dô no peito... quebranto... peito aberto... mau oiado...

# D

a malária é predominante ...

# L

hum é a mais que contamina lá é a malária

# D

aí o que vocês usavam?

# L

a gente viNa né pra cá poque a malára só ... num tiNa jeito assim né com nada ...podia dá tudo e a febre continuava a gente viNa pra cá furava né o dedo fazia o tratamento dava as piula né era o que ficarra bom ... eu fui uNa assim que peguei muita malária eu peguei ma graças a Deus que eu fiquei boa num tô com mais de ... cade de ano que num pego malária

# D

Não tinha chá para malária?

# L

não ... que serve pra malária num tem não

# D

aquele quina-quina não serve?

# L

uns pessoa dize né que serve ... só que eu nunca dei não

# D

vinha mesmo para a cidade?

# L

viNa pra cá era

# D



sei ... e assim qual tipo de lazer ... de brincadeira que o que as crianças tinham?

# L

tem lá no seringal ... só brincá mermo de corrê pelo meio assim do terreno e o brincadêra das criança do seringal só é isso num tem neNum lazé pas criança num tem nada assim no seringal não ... brincadÊra deles é só em casa mermo junto com irmãos né de bola brinca de bola as às veze assim junto mermo só os irmão que não tem assim vizim perto ... coléga que ... não tem não assim no seringal só brinca eles mesmo em casa

# D

só o s que já são daquela casa mesmo os irmãos?

# L

hum só daquela casa é só os irmãos...

# D

sei não tinha amigos assim vizinhos essas coisas?

# L

Não... no seringal num tem assim amigo não... todo mundo mora longe do ôtro... num tem vizim...

# D

todos longe?

# L

todos longe

# D

sei ... aí a senhora ajudava seu esposo no trabalho...

# L

ham culhendo sempre eu ia com meu esposo que às veze a rente num qué tá em casa né assim de tá ... num tem pra onde í a gente no seringal num tem assim um vizim pa gente convesá um pouco saí só em casa mermo alí às veze o dia fica tão grande e a gente enjoa de tá assim ... aí eu ia com ele pra estrada culhia com ele ai ... o dia passa mais rápido

# D

só ele cortava e a senhora colhia?

# L

só ajudava ele colhê

# D

mais ele colhia também?

# L

ele também colhia porque só eu num darra conta não chegarra de noite

# D

sei a educação que passavam para os filhos?

# L

tem hum .... tem eu sempre passei porque já aprendi com miNa mãe né que ela me ensinava assim de respeitá os mais velho quando um falá uNa coisa eu não respondê ficá calada entonce daí meus foram já crescono eu já parra pra eles meu filho não é assim o mais velho você tem que obedecer quano um fala você ficá calada isso aí a gente ensina sim pros filho no seringal

# D

é só a mulher que educa?

# L

o pai também mais ele tem mais pôco tempo né ele a gente sempre que tem mais tempo de tá com os filhos é a gente mermo

# D

é a mãe que faz as coisas em casa?

# L

o trabalho em casa também é o merma coisa lava rôpa né longe de casa num é assim que nem aqui na cidade que é perto a gente tem que andpá um pôco as veze pra chegá na cacimba muitas vez é garapé né garapé é assim tipo um rio só que é serrado né mato assim escuro aí a gente lava ropa e cuida da casa também é que nem trabalho de casa mermo né pelo medo eu sempre alimpá passá pano baldiá esses tipo de coisa assim tudo a gente faiz na casa no seringal

# D

hum aí quando a senhora ia pra estrada a senhora não fazia as coisas em casa?

# L

fazia por causa que a parte da de maNa né eu fazia tudo em casa eu só ia com ele da mêi dia pa tarde onze e mêa

# D

aí a senhora que cuidava de casa e não tinha ninguém também para ajudar a senhora com os filhos pequenos?

# L

não ... não tiNa não ... só em casa mermo e só com a borracha hum... num podia colocá em escola... que num tiNa... era educá em casa mermo...

# D

E os cuidados com o corpo e com a saúde?

# L

com a saúde a gente sempre a gente tem né cuidado com a saúde da gente no seringal a gente tiNa assim de num comê assim alguma coisa que aparece reimoso né que a gen as veze no seringal aparece assim coisas remosa a gente como mulhé assim eu num comia que eu tiNa medo assim de causá uNa infração né alguma coisa eu ivitava assim comê coisa remosa e me cuidá assim pra num adoecé né a gente nun adoecê a gente tem esse tipo de cuidado assim no seringal só que num é como aqui né aqui na cidade é mais fácil tem mais facilidade lá as veze a rente tem que se obrigâ a comê certas coisa porque num tem né ôtra tem que comê aquela que tem muitas veze uNa coisa que ofencive a gente as tem tido malária né que a gente num pode ... tem que tê resguardo no seringal a ente num pode o que aparece já tem que comê porque num tem ôtra coisa né num tem uNa alimentação assim adequada pra um doente no seringal isso tem que comê às veze as criança e adoeece fico bom e num tem assim uNa alimentação pa gente dá tem que dá aquilo que tem mermo tem que sê um caldo de feijão o então faiz inventa caldo lá de caridade qualqué coisa da pra criança porque num tem uNa cosa num tem um refrigerante nu tem assim uNa alimentação boa pa dá uNa criança no seringal num existe isso

# D

onde a senhora morava ficava perto ou longe do rio?

# L

ficava longe ...mais de hora de viaje hum... ficava longe...

# D

e como vocês faziam para tomar banho?

# L

tomá baNo na cacimba a gente tiNa cacimba assim longe de casa né a ente faiz ia tomá baNo na cacimba e ... água limpa água boa ajeitava bebia daquela cacimba também mais eu tiNa cuidado

né com a água

# D

que tipo de cuidado assim que a senhora tinha?

# L

a gente coloca no filho né e toma só aquela água filtada sempre eu fui assim né de tê cuidado assim com as coisa como dos mais dos meu filho cuida com muito cuidado

# D

e assim ... as necessidades o que como que faziam ... no banheiro?

# L

não é na mermo assim ... a gente vai pra mata... caça aqueles canto de mata assim e vai pra lá faiz as necessidade num tem baNêro não no seringal

# D

o homem e a mulher era da mesma forma?

# L

eu acho assim que a gente se igual se cuidarra assim igual né

# D

tomar banho era igual?

# L

hum tudo assim direitiNo

# D

sei ... a senhora já falou assim da saúde né das doenças assim o que você a senhora já falou que filtrava a água acontecia mais alguma coisa assim tinha mais precauções pra não pegar tipos de doenças?

# L

sobre assim a água ( )

# D

sim

# L

no causo de às veze né a água no seringal é água suja né às veze assim quando chove tolda a água aí a gente ficava assim preocupado de tomá aquela água né maize sempre eu gostava de colocá aquela água no filtro pra ela sempre tava dendo do filtro ela passa limpo né pois que ela filtra ela fica limpiNa então se dá água eu acho assim que só tiNa esse pobrema mermo quando darra uNa chuva as veze tolda a água no seringal queles é ... garapé assim corrente né ... aquele água às vezes fica toldada assim bagunçada aí eu tiNa medo as veze de tomá aquela água ficarra assim num queria dá por menino mais num tiNa outro recurso tiNa que dá aquela água mermo por menino tomá

# D

Quando acontecia das crianças pegarem tipos de doenças...

# L

não como eu já falei eles não meus filhos graças a Deus que eles foram uns menino sadio até hoje eles são sadio né eles tomava assim nunca tiveram assim pobrema não graças a Deus

# D

e aquelas doenças assim tipo ... ventre caído ...essas coisas?

# L

eles não porque eu num creio né nessas coisas né a gente quando fala é quebrante é vento caído eu oro Jesus cura nesse ponto assim num levo ao sEnhor pra curá aquela enfermidade pa repreendê aquele mal e o Senhor faiz a obra cura eles daquele pobrema

# D

sei mas aí a senhora acredita que tem essas doenças ou não?

# L

eu ... não num acredito assim que exista né essas doença eu acredito que existe isso não assim por causa que os meu nunca aconteceu assim às veze adoecia noviNo né dá pobrema assim diarrêa ah ... tá com vento caído eu digo que vento caído isso num existe o Senhor vai curá se fô vento caído Jesus vai levantá entoce eu falava assim né aquela fé em Deus depositarra miNa fé no Senhor num, acredito assim negoço de reza essas coisa eu num tiNa fé assim em reza não

# D

só em Deus?

# L

só em Deus

# D

sei e assim os espíritos da floresta ... também a senhora...

# L

não a gente num acredita assim em espírito por causa que eu acho assim que passô po negócio do espírito pra mim eu acho que é coisa demo ... demônica né eu acho assim que é coisa do diabo por causa que num existe isso pra mim num existe não assim negócio de espírito

# D

mais assim a senhora nunca ouviu falar a respeito mesmo não acreditando?

# L

lá no seringal a gente morava né tiNa um uNa família lá que eles falava assim eu vi um fantasma ...vi uNa alma penada.. vi o mapinguari... vi a veia da mata... lá em tal canto e eu sempre né como fui criada assim no evangelho eu falava assim que alma você num viu nada não isso foi a inimigo que se apresentô pra você dizem que era uNa alma mais num num existe quem morre num vem fazê medo a ninguém eu falarra assim né pra pessoas não mais eu vi entoce quando eu começarra assim né eles se calavo por causa que via assim que eu num crêo nessas coisa eu num acredito calavo

# D

é conversa ... a senhora nunca viu então uma assombração ou alma ou bicho...

# L

eu nunca vi não graças a Deus... meu esposo também nunca viu essas coisa assim... mas as pessoa conta que tiNa muita coisa da mata... assim como a mãe da mata... a mãe da seringa... o pai da caça... o caboquim da mata...

# D

Mas a senhora e seu marido nunca viram nada...

# L

Não... nem ele nem eu também não ... o povo fala né que existe mais nós nunca vimo nada... nós orava a Deus...

# D

a senhora nunca ouviu falar de alguma história ... a respeito de alguma entidade... que tenha acontecido com alguém?

# L

porque o povo assim eu oví uNa vez uNa história de um casal que os filhos sumiro né assim na mata que os fio filhos foram tomá um baNo e sumiro ...então eles ficaram com aquilo ... que aquelas criança foram encantadas ...eles acharo que aquelas tiNo encantado porque sumiro e nunca encontraro aqueles filho e eu num entendi isso aí porque aquelas criança sumiro se cairo nágua... eu achei assim que aquelas crianças fizeram foi um bicho comé aquela criança... porque eu num acredito em encantamento que existe esse negócio da criança í aqui se sumí acho que alguém carrega ou um bicho comeu eles... ôtros dizem que o caboquim da mata.. que foi o mapinguari... sei dizê não...

# D

que bicho assim que a senhora...?

# L

na mata tem onça né ...tem a onça pode acontecer de a onça pegá assim né e comê ... a gora os povo diz que tem os bichos encantados da floresta... que eu nunca vi.. mas tem gente que viu e correu com medo.. tem a veia mãe da seringueira.. veia feia...

# D

a senhora já viu alguma onça?

# L

a onça não nunca vi onça só o corro dela assim mais ela mermo nunca vi ela tem na mata a gente viu o rasto na estrada quando ela chovia assim que elas passavo a ente via o rasto mais ela mermo nós nunca vimo

# D

nem ouviu assim ... barulho?

# L

ouvi ... ela o esturro da onça a gente ouvia mais eu nunca vi ela assim de pertim...

# D

num tinha medo?

# L

tiNa ((risos)) da onça eu tiNa medo mais só que eu nunca vi

# D

a ( ) senhora saía mais em companhia do esposo...

# L

não só saía com ele pa mata assim eu num andava só não

# D

mais levava alguma coisa assim para se defender da onça?

# L

a espingarda né ...sempre ele levava a espingarda

# D

e o seu esposo já viu onça?

# L

não diz ele que nunca viu assim mermo

# D

sei e as chuvas assim como vocês faziam para ....

# L

se defendê da chuva quando a gente andarra que viNa chuva a gente se molhava... quano não se escondia debaixo dos pau... até passar a chuva que zuava... estrondava na mata...escuricia tudo...

# D

não tinha como correr?

# L

não ... às veize a gente tira palha na mata assim de banana né aquelas bananêra braba que existe na mata colocarra na cabeça se protegia a gente num se molhá

# D

hum e em casa não tinha perigo...

# L

Não... em casa num molhava não... era tudo cuberto e fechado uma parte...

# D

hum ...como era sua casa?

# L



era de cobertura de palha assoalhada de pachiúba fecha toda fechadiNa de pachiúba... somente na frente era aberta PA entrá vento... secá rôpa...

# D

tinha as divisões?

# L

tiNa as divisões quarto sala coziNa

# D

tinha janela?

# L

janela só que e aberto no seringal num é tudo fechado não as janela tudo aberta porta é aberta ente dorme assim mermo

# D

e quando vem a chuva ?

# L

quando vem molha dento na janela molha às veize dende casa se fô assim a noite né a gente fasta assim se a cama fô perto da janela porque num tem assim janela não é aberta

# D

e as trovoadas?

# L

quando dá trovão eu eu teNo medo de trovão e relampo né ...sempre eu tive medo dá muito trovão forte relampo assim muito forte a gente quando tá na mata no mei da mata quando dá aqueles trovão tão forte relampo a gente fica com bastante medo ...mais as veize a gente fica num canto assim do pau ...se senta ali e espera passá mais o tempo com medo de cai um pau assim em cima da gente NE...

# D

é perigoso

# L

é perigoso ali gente fica quando passo o tempo a rente prossegue a viaje rumo de casa... pega o pique de casa...

# D

e as enchentes ...

# L

enchente não ... no seringal num tem não ... somente chuva... muita chuva... cerração... nevoêro... sereno.. trovão... relampo...

# D

voltando às fases da lua ... a senhora acha que uma é boa e outra ruim para a vida?

# L

pra vida da gente não acho que é normal né tem a lua crescente né minguante lua chea né assim eu acho que elas num tem neNum pobrema assim não com a lua... quem pranta diz que a lua ajuda...

# D

não influencia... a senhora disse

# L

igual é... não influencia porque nóiz num pranta... aí quem pranta tem que prestá atenção na lua...

# D

a mesma coisa acontece com as estações do ano inverno verão?

# L

hum inverno o inverno como eu já disse ele só é ruim assim quem corta a seringa ele prejudica um pôco por causo que a gente às veize não pode colhê aquele leite que a chuva vem e atrapalha a gente não consegue mais colhê a estrada fica às veize embutida a gente tem que voltá para desembuti no ôtro dia ai perde ôto dia de corte que a rente volta pra desembuti a estrada desembuti e tirá as tigela a rente coloca pra apará o leite né ente tira aquelas tigela tudim coloca naqueles taquiNo que é pa no ôto fia quando í corta com três dia ra tá pronto tudiNo

# D

a construção da casa... onde vocês tiram a madeira...

# L

hum tirava da mata a madêra a paxiúba tudo a gente tira da mata ... derruba né com o machado tira tudim de machado carrega nas costa pa fazê em casa o trabáio

# D

tem que ser bem feito?

# L

bem feito é... PA proteger nóiz dos animal da mata... dos bicho... das chuva...

# D

Como é o chão.. o assoalho da casa?

# L

o chão a gente assoalha com paxiúba a gente tira na mata né a paxiúba e assoalha e fica bom... ventilado.. não tem calo.. tudo bom.. diferente da cidade.. teNho saudade...

# D

Como prepara a paxiúba...

# L

corta ela é ... grande né comprida aquele pau aí derruba corta a ponta que tem a palha né e embaxo corta aí acerta tudo certiNo com machado alimpa ela bate aquela paxiúba pra ela abrí aí faz assim aquele pano largo e assoalha a casa

# D

e quem é que fazia isso ...era a senhora?

# L

meu esposo fazia tudo... eu ajudo quano posso..

# D

a senhora não ajudava não?

# L

às veize eu ajudava tira o bucho da paxiúba né que ela tem o bucho ajudarra a tirá com teçado tudim mais ele quando eu tarra cansado eu me sentava ele nunca assim obrigô né eu trabalhá eu fui assim por causo que eu queria aí ra tava cansada eu sentava ele ficarra fazeno e eu so olhano

# D

o que a senhora tinha assim dentro de casa ... a senhora disse que tinha divisões aí o que vocês tinham?

# L

de móve no seringal só o fogão mermo a Lena e rede de dormi.. lamparina... uns prato... caneco..

poça coisa NE.. a gente é pobre...

# D

fogão de barro?

# L

é fogão de barro usa lenha né e a mesa a gente usa sempre uNa mesa em casa muito simpres né e atensilho de coziNa panelas

# D

quais são?

# L

panelas né prato copos todas as coisa né mais tudo aquilo é poquiNo que a gente usa no seringal no tem assim muitas coisa não

# D

o filtro a senhora disse que tem ....

# L

hum o filtro sempre a gente teve hum.. pra ter água mio...

# D

e o que mais assim de objeto de casa?

# L

de objeto de casa a cama né pra dormí só essas coisas mermo

# D

todo mundo tinha cama?

# L

não o menino dormia assim em rede... a gente num tiNa cama pra tudo dormia mais em rede ... no tempo de friagem fica ruim muito mermo

# D

os menores?

# L

hum botano uNa rede de note e dormia na rede só tiNa uNa cama mermo só a miNa

# D

a senhora gostaria de falar mais alguma coisa?

# L

eu creio assim que não né já ... o que eu sabia assim de seringa só era isso mermo... a vida ga gente é difiço... num tem dia nem hora... tudo muito trabaio e poco saldo...só dá pra comê e mal vesti... vida muito dura...

# D

senhora ... muito obrigada pela entrevista ...foi importante a sua contribuição

# L

tá bom... eu gostei de falá... desculpa eu que sou do mato...(rs).

# D

boa tarde

# L

boa tarde pra vocês toda ta...feliz viaje

# D

obrigada

# L

de nada.

## 21.6 – Sobre a Autora

**LUIA GALVÃO LESSA KARLBERG** -- Possui graduação em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Acre - UFAC (1979); Mestrado em Letras pela Universidade Federal Fluminense - UFF (1985); Doutorado em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (1992); Pós-Doutora em Lexicologia e Lexicografia pela Université de Montréal, Canadá; Professora aposentada da Universidade Federal do Acre (2003); Professora Visitante Nacional Sênior - CAPES (2010-2014). Atualmente escreve para os jornais: Agência Amazônia de Notícias (2008-2014); Gazeta do Acre (1989-2018); Gosto de Ler (2010-2018); A Gazeta (1988-2018); Professora colaboradora do Instituto Dom Moacyr (2008-2010); Professora convidada da Universidade Estácio de Sá (2008); Professora colaboradora da Universidade Gama Filho (2008-2009). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Língua Portuguesa, Dialectologia Social, Linguagem e Ensino, Linguagem e Identidade Cultural, Lexicologia e Lexicografia, Onomasiologia, Fonologia da Língua Portuguesa, Semântica da Língua Portuguesa, História da Língua Portuguesa, O Português do Brasil, Gramática Histórica, Filologia Românica, Produção Textual, Redação Jornalística I, Gramática da Língua Portuguesa, Estilística da Língua Portuguesa, Linguística Aplicada ao Ensino de Português, Redação Jornalística II, Redação Jornalística III, Redação Jornalística IV, Epistemologia e Metodologia da Pesquisa. É autora do Centro de Dialectologia do Acre - CEDAC (1989); Autora do Atlas Etnolinguístico do Acre - ALAC (1991-2018); Autora do Dicionário do Acre (2003); Autora de Termos e Expressões Populares do Acre (1985); Autora do Glossário Vale do Acre: látex e agricultura de subsistência (1996); Autora das Cartas Lexicais do Atlas Etnolinguístico do Acre (2011); Membro da Academia Acreana de Letras; Membro da Academia Brasileira de Filologia; Coordenadora da Pós-Graduação em Língua Portuguesa (Campus Floresta (2011-2018); Orientadora de Pós-Graduação em nível de Mestrado e Doutorado; Orientadora de Pós-Graduação *Lato Sensu*; Orientadora de bolsistas PIBIC (Campus Floresta - UFAC); Professora Visitante Nacional Sênior - CAPES, Campus Floresta/UFAC (2010-2014); Pesquisadora DCR/CNPq (2015-2018); Embaixadora Internacional da Poesia, pela Casa Casimiro de Abre; Membro Honorário da Academia de Letras e Artes de Paranapuã-RJ; Presidente da Academia Acreana de Letras - AAL; Membro da International Writers and Artists Association (IWA), Movimento de Poetas del Mundo.



